Betrothed. Betrayed.
Destined for each other?

Fearless



NO.1 INTERNATIONAL BESTSELLING AUTHOR OF *POWERLESS*

LAUREN ROBERTS

Índice

Página de título
Mapa
Dedicação
Prólogo
Capítulo 1: Paedyn
Capítulo 2: Kai
Capítulo 3: Paedyn
Capítulo 4: Paedyn
Capítulo 5: Kai
Capítulo 6: Paedyn
Capítulo 7: Paedyn
Capítulo 8: Kai
Capítulo 9: Paedyn
Édrico
Capítulo 10: Paedyn
Capítulo 11: Kai
Capítulo 12: Paedyn
Capítulo 13: Paedyn
Capítulo 14: Kai
Capítulo 15: Paedyn
Capítulo 16: Paedyn
Capítulo 17: Kai
Capítulo 18: Paedyn
Capítulo 19: Kai
Capítulo 20: Paedyn
Édrico
Capítulo 21: Paedyn
Capítulo 22: Kai
Capítulo 23: Paedyn
Capítulo 24: Kai
Capítulo 25: Paedyn
Capítulo 26: Paedyn
Capítulo 27: Kai
Édrico
Capítulo 28: Paedyn
Capítulo 29: Kai
Capítulo 30: Paedyn
Capítulo 31: Paedyn
Capítulo 32: Kai
Capítulo 33: Paedyn
Édrico

Capítulo 34: Kai
Capítulo 35: Paedyn
Capítulo 36: Kai
Capítulo 37: Paedyn
Capítulo 38: Kai
Capítulo 39: Paedyn
Édrico
Capítulo 40: Paedyn
Capítulo 41: Kai
Capítulo 42: Paedyn
Capítulo 43: Paedyn
Capítulo 44: Kai
Capítulo 45: Paedyn
Capítulo 46: Kai
Capítulo 47: Paedyn
Capítulo 48: Paedyn
Capítulo 49: Kai
Capítulo 50: Paedyn
Capítulo 51: Kai
Capítulo 52: Paedyn
Capítulo 53: Kai
Capítulo 54: Paedyn
Capítulo 55: Kai
Capítulo 56: Paedyn
Capítulo 57: Kai
Capítulo 58: Paedyn
Capítulo 59: Paedyn
Édrico
Capítulo 60: Kai
Capítulo 61: Paedyn
Capítulo 62: Kai
Capítulo 63: Paedyn
Capítulo 64: Kai
Capítulo 65: Kai
Capítulo 66: Paedyn
Édrico
Capítulo 67: Paedyn
Capítulo 68: Kai
Édrico
Capítulo 69: Paedyn
Capítulo 70: Paedyn
Capítulo 71: Kai
Capítulo 72: Paedyn
Capítulo 73: Kai
Capítulo 74: Paedyn
Capítulo 75: Kai

Capítulo 76: Paedyn
Epílogo: Kitt
Agradecimentos
Sobre o autor
Direitos autorais



FEARLESS

LAUREN ROBERTS

THE POWERLESS TRILOGY



SIMON & SCHUSTER BFYR
NEW YORK AMSTERDAM/ANTWERP LONDON TORONTO
SYDNEY/MELBOURNE NEW DELHI


Ilya
Astrum
Zando
Izram
Ignotus
The Mors
Dor

Para aqueles que são destemidos o suficiente para seguir seu coração



PRÓLOGO

Há muito poucos motivos para um encontro entre duas figuras encapuzadas na calada da noite.

Não é de surpreender que a lista seja tão curta quanto indecorosa.

Para alguns, é amor. Para a maioria, é luxúria.

Desejo por dinheiro. Desejo por propósito. Desejo por vingança.

Mas em alguns casos, é o amor que primeiro estimula essas luxúrias. Ou melhor, a perda dele.

Embora essas estranhas contradições sejam raras, elas são consistentemente trágicas.

Um homem está encostado na parede, sua expressão estoica escondida sob o capuz aberto.

Já faz vários minutos, embora a onda repentina de impaciência pareça se aproximar dele. Cada olhar cauteloso começa a pesar pesadamente sobre seus ombros encapuzados. Porque enterrada bem fundo sob aquele capuz está uma mente que grita para ele seguir em frente com isso, persistentemente se afogando uma voz muito mais gentil e persuasiva que lhe diz para ir embora, uma voz que o faz doer. Ainda assim, ele se inclina mais contra a parede, como se para se ancorar a este momento, esta decisão, antes de inevitavelmente afundar com as consequências disso.

O luar desliza entre as lascas de pedra em ruínas que cercam o beco. Isso o deixa desconfortável por algum motivo inexplicável, como se os dedos pálidos estivessem arranhando seu caminho em sua direção.

Sim, ele prefere muito mais o sol do que seu assustador oposto.

A figura encapuzada se endireita de repente ao ver uma sombra se aproximando furtivamente. Ela para diante dele, se transformando em algo muito mais tangível, mortal. Eles estão, presumivelmente, olho no olho, embora seus capuzes escondam qualquer indício de uma característica identificadora.

"Você sabe o que tem que fazer?"

Esta segunda figura sombria fala como ouro, rica e suave. Ele tem a habilidade praticada de transformar palavras em algo muito mais bonito do que o significado por trás delas.

"Até certo ponto," responde o primeiro homem. Suas botas gastas se movem sobre os paralelepípedos tortos, a mente ainda gritando sobre aquela voz suave dizendo para ele fugir dessa decisão condenatória.

"Muito bom." A segunda sombra enfia a mão no bolso. "Estou confiante de que você não vai decepcionar."

"Não posso fazer promessas."

Tirando a mão da capa, o homem apresenta uma bolsa de moedas pesada para o ar frio. "Isso deve ser o suficiente para garantir que você faça valer a pena para todos."

O primeiro homem pega a bolsa, engolindo o peso das pratas dentro. “Sim, isso deve servir.”

“Agora”—a figura abaixa a voz—“precisa parecer real, entendeu? *Me faça* acreditar em você.”

A voz do primeiro homem é baixa. “Eu vou.”

A batalha dentro de sua mente ruge ainda mais alto. Mas ele aprendeu a ignorar o barulho constante do caos, assim como faz agora. Porque nada pode salvá-lo desse destino. Nem mesmo aquela voz persuasiva e gentil.

Com um breve aceno de sua cabeça encapuzada, o estranho começa a deslizar silenciosamente em direção a um enxame de sombras.

“Por que você quer isso?”

A curiosidade faz a figura em conflito soltar a pergunta. Aguardando uma resposta, ele aperta a bolsa contra o peito, valorizando a sensação de segurança tangível.

As sombras, sempre espertas e ansiosas para bisbilhotar, parecem se aproximar.

Uma sequência suave de palavras sobre um ombro é tudo o que o homem oferece. “Todo ato brutal nasce do amor.”

Essa compreensão por si só une até mesmo os aliados mais improváveis. Mesmo encapuzados e envoltos em sombras, esses dois estranhos nunca se sentiram tão vistos.



CAPÍTULO 1

Pedyn-P ...

Uma gota de sangue espirra no chão, manchando o mármore imaculado sob minhas pernas trêmulas.

Olho fixamente para a mancha escarlate, meus ouvidos zumbindo e minha visão ficando turva.

Querida. É só mel.

Rios de barbante vermelho descem pela minha perna, suas correntes rápidas o suficiente para me fazer balançar nos calcanhares. Ou talvez seja a lenta compreensão do meu destino que faz esta sala do trono girar como a faixa de aço que sufoca meu polegar. Pisco para o chão brilhante, encarando a concha de uma garota refletida em mim. Seu rosto está manchado de sujeira, olhos assombrados por um futuro que ela ainda não viu e nunca pensou que veria. Cabelos prateados cobrem seus ombros, tão pálidos quanto o rosto suado ao qual grudam. Ela balança, como se estivesse nos sapatos de um ente querido. Mãos estão algemadas atrás das costas, sangue vazando da pele esfarrapada.

Ela está em frangalhos. Ela está assombrada.

Ela será uma noiva.

Mas isso não pode ser verdade. Eu tirei tudo dele. E ele vai me matar por isso. Ele tem que fazer isso.

Meu peito está repentinamente apertado demais, a respiração presa na garganta ao lado da enxurrada de palavras que estou engolindo de volta. Porque a morte é o destino para o qual tenho me preparado a vida inteira — o destino que mereço. Eu a sinto nas pontas dos dedos manchados que sempre pingam o sangue dos outros, no *O* esculpido em cima do meu coração crepitante para me marcar como uma fraqueza.

A morte é a única constante na minha vida, como um velho amigo que afia cada um dos meus segredos obscuros em uma arma. Ele me chama de fraco e tudo o que ouço é comum. Ele me chama de condenado e tudo o que ouço é uma promessa sincera. A mão dele é a que meus dedos sangrentos alcançam porque há conforto em sua iminência.

Agora não há nada além do zumbido nos meus ouvidos e esse silêncio ensurdecedor do desconhecido.

"Pedyn."

Eu enrijeço no mesmo momento em que as figuras iminentes ao meu redor o fazem. Ele poderia muito bem ter me chamado de traidor. Um assassino. Um Ordinário enfraquecendo nosso reino de Elite. Porque esses são os únicos nomes pelos quais esta corte me conhece. Os únicos nomes pelos quais toda Ilya cuspiu enquanto eu era desfilado para seu rei. Simplesmente, eles resumem a insignificância da minha curta existência.

Meus olhos lentamente desviam do padrão que meu sangue pintou no chão.

Querida. É só mel.

Sapatos engraxados enchem minha visão, seu brilho preto sangrando em pernas de calças igualmente escuras. Meu olhar desliza para cima no tecido justo e cada costura escondendo o corpo forte por baixo. Eu encorajo minha leitura para cima, e meus olhos colidem com a fivela do cinto dele antes de pular para a caixa descansando inocentemente em sua palma levantada. Eu sei o que está dentro daquela caixa de veludo, posso vê-lo brilhando pelo canto do meu olho. E ainda assim, não dou uma olhada, como se isso pudesse impedir que a algema brilhante escorregasse inevitavelmente no meu dedo.

Mais alto ainda está sua camisa amassada. Eu arrasto cada botão até meu olhar se instala na base de sua garganta e na coleira que a envolve. Ainda não o olhei totalmente no rosto desde que minha frase saiu de sua língua.

"Você será minha noiva."

É como se eu tivesse sido jogado de volta aos Trials e ao jogo igualmente desafiador de faz de conta que os acompanhava. Eu não conseguia suportar olhar para ele então, a menos que eu quisesse ver o rei olhando de volta. Mas eu matei o homem que uma vez vi refletido no olhar verde de seu filho. Edric Azer me assombra apenas nos fragmentos da minha mente e no coração partido correspondente que ele esculpiu. Eu me certifiquei disso.

E ainda assim, não consigo olhar para esse Kitt.

Minha garganta queima.

Posso ter criado algo muito pior que o pai dele.

"Paedyn." Sua voz é surpreendentemente suave, me lembrando de uma época em que isso não teria sido chocante. "Olhe para mim."

Não é a primeira vez que ele diz essas palavras em resposta à minha evitação intencional de seu olhar. Mas agora há muito mais mantendo meus olhos longe dos dele, um passado muito mais ruinoso do que a semelhança com um rei que mandou matar meu pai. Há traição. Há mágoa. E a história não é facilmente esquecida pelos reis que a escrevem.

Mas aquele toque de familiaridade em sua voz fez meu queixo levantar, meus olhos deslizaram daquele colarinho amassado para encontrar os dele.

Verde. Assim como eles eram, e assim como sempre serão. Ele olha para mim, e eu olho para ele. Um criminoso sem pai, e um filho sempre tentando agradar o seu. Assim como nós éramos, e assim como sempre seremos.

E pela primeira vez desde aquela batalha no Bowl, nós realmente nos vemos.

Seus lábios se contraem em algo sinistro demais para um sorriso, suave demais para uma carranca. Como se ele vestisse a própria formidabilidade. "A futura rainha de Ilya não abaixa a cabeça para ninguém."

Minha boca seca com suas palavras enquanto toda a corte se inclina para ouvir eles. A descrença deles é palpável, misturando-se à nuvem coletiva de confusão que paira densamente sobre nossas cabeças. Dezenas de olhos formigam minha pele, traçando a cicatriz no meu pescoço e o sangue manchando minha pele. Eles absorvem essa nova versão da Silver Savior, aquela que cortou a própria coisa que lhe deu o título. Meu cabelo curto faz pouco para esconder a fragilidade que agora carrego tão descaradamente em meu corpo.

A corte fica boquiaberta com o que eles deduzem da minha aparência. Eu sou um

Psíquico que não é nada disso. Um Ordinário que de alguma forma sobreviveu aos seus Julgamentos de Purgação, cometeu traição, matou seu rei e ainda está aqui diante deles, vivo contra todas as probabilidades.

É quando ouço o sussurro da Morte ecoando do canto mais escuro da minha mente. A parte de mim que aceitou minha condenação iminente no momento em que aprendi o que significava ser impotente neste reino. Agora ele me chama de rainha, e tudo o que ouço é risada.

Porque esse destino pode ser pior que a própria Morte.

"Tire as algemas dela", o rei ordena casualmente.

Minha respiração fica presa ao sentir os calos roçando minha pele.

Kai-chan.

Minha cabeça gira, incapaz de me conter. Incapaz de focar em qualquer coisa além da necessidade ardente de olhar para ele.

Mas não é seu olhar cinza que eu esbarro. Não, este é marrom, turvo com ódio flagrante. Estes não são os olhos que procuro em todas as multidões. Não os olhos que me percorrem com uma reverência que me deleito. Não os olhos que contaram cada sarda pontilhando meu nariz, cada arrepio do meu corpo.

Minha respiração fica trêmula diante do Imperial que descuidadamente cortou aquela algema do meu tornozelo no campo de papoulas. Ele é o culpado por cada gota do meu sangue contaminado que mancha este piso de mármore. Seus movimentos são tão rudes quanto as mãos que descuidadamente puxam a corrente que envolve meus pulsos, rasgando ainda mais a pele por baixo.

Lágrimas picam meus olhos, e eu pisco, forçando-as a recuar. Eu balanço minha cabeça levemente em desafio à crescente fraqueza dentro de mim e mordo o lábio trêmulo que a retrata. Meu olhar varre a sala, o corpo estremecendo de dor enquanto o procuro. Estou frenética, os olhos tateando rostos desconhecidos.

Droga de fingir. Droga de se esconder. Droga de tudo, menos ele e nós e esse momento em que *preciso* dele.

Mas ele não está em lugar nenhum. E pela primeira vez desde que roubei aquelas pratas dele no Loot Alley, me sinto completamente sozinho.

A fechadura faz um clique. As algemas abrem com uma mola.

Eles caem no chão, batendo contra pedra e manchando sangue. O som ecoa pela sala do trono ornamentada, soando de finalidade. De liberdade que tem um preço.

"Muito melhor."

Eu afasto meus olhos da multidão boquiaberta para encontrar o rei sorrindo agradavelmente. Esfregando meus pulsos doloridos, observo enquanto Kitt estende a mão que não está atualmente em concha em volta daquela caixinha preta que estou evitando. Eu pisco para sua palma, seu gesto de boa vontade. Este único toque separa um traidor de uma futura rainha.

Quando meu olhar se move rapidamente para o rei, ele oferece um único aceno reconfortante. Mas o olhar que ele usa é atado com um lembrete — eu não tenho nada a dizer sobre isso.

Então, quando minha mão suja de terra encontra a sua mão manchada de tinta, deixo que ele me puxe para mais perto.

Imagino se ele mal consegue segurar a mão que enfiou uma espada no peito de seu amado pai, muito menos colocar um anel no dedo que uma vez pingou seu sangue.

Como se em resposta aos meus pensamentos acelerados, ele me dá um aperto gentil. A ação tem a intenção de confortar, embora me alarme muito mais do que qualquer ameaça.

"Nós, Ilyans, acreditamos ter vencido a Peste há muitas décadas." A voz de Kitt atravessa a sala do trono, deliberada e dominadora daquele jeito familiar que sei que ele aprendeu com seu pai. "Sim, nossos poderes são um presente da Peste, mas também são um cuspe em sua cara. Porque são as Elites que saíram mais fortes do outro lado de uma doença destinada a nos matar. Elites que protegeram nosso reino fraco dos conquistadores. Elites que mostram sua força nas Provas de Purgação."

Murmúrios de concordância flutuam pela sala, seguidos por uma onda de acenos orgulhosos. Mordo minha língua, a raiva aumentando até manchar minhas bochechas com um rubor. Não sou nada mais do que seu entretenimento comum, seu exemplo de fraqueza. Fui colocado em um pedestal para ser cutucado e cutucado, degradado e envergonhado.

"Mas os Elites não foram os únicos que sobreviveram à Peste, não é?"

Sua pergunta faz a raiva esfriar na minha língua, deixando minha boca seca. O tempo parece passar mais devagar enquanto viro meu rosto para ele e me agarro a cada implicação não dita.

"Não, também havia os Ordinários", ele continua uniformemente. "Os Ilyans que conseguiram permanecer vivos, e ainda assim, não obtiveram habilidades. E após anos de coexistência com os Elites, eles foram banidos e continuamente caçados por sua falta de poder."

Minha palma fica suada contra a dele. Meu corpo inteiro fica parado, embora eu não tenha certeza se é minha sentença ou a graça salvadora que estou esperando.

O rei — o Kitt que eu conheci — varre aquele olhar verde sobre sua corte. Cabelos loiros espreitam entre os fios rodopiantes de sua coroa dourada, brilhando como uma auréola no topo de sua cabeça. Quando ele fala, é deliberado. É calmo. É praticado. "E se desejamos que nosso grande reino permaneça, daremos as boas-vindas aos Ordinários de volta a ele."

Meus joelhos ameaçam ceder, mas Kitt me segura ereto. É como se ele suspeitasse disso e agarrasse minha mão, só para me impedir de desabar com suas palavras. Rostos se confundem ao meu redor; bocas se movem; mãos levante-se em protesto. Mas eu não ouço nada, não vejo nada, não sei nada além deste momento e da esperança para todos depois.

A boca de Kitt está se movendo novamente, cortando a multidão barulhenta e meus ouvidos zumbindo. "Eu abordarei todas as suas preocupações no devido tempo. Mas, para sua paz de espírito, eu elaborarei rapidamente. Desde que me sentei no trono do meu pai, eu percebi o estado terrível para o qual Ilya está escorregando. Eu aprendi mais sobre o nosso reino nessas últimas semanas do que eu já tinha aprendido antes." Inclinando a cabeça para uma figura na multidão, ele continua, "Calum já foi um prisioneiro meu. Uma vez um líder da Resistência que eu pensava ser um radical."

Meu coração gagueja, meus olhos procuram até que—

Lá está ele, engolido pela multidão. Foi seu cabelo loiro claro que encontrei primeiro, seguido por aqueles olhos azuis vigilantes. Sentindo meu olhar, Calum me oferece um aceno lento. Pressiono meus lábios, lutando contra o sorriso radiante que anseio por dar a ele. Em vez disso, soletro a gratidão em minha mente, sabendo que ele

provavelmente está lendo o turbilhão de pensamentos dentro de mim.

Kitt continua, abafando os murmúrios que ondulam pela sala do trono. "Mas quanto mais eu o questionava sobre seus atos de traição, mais ele me ensinava sobre meu próprio reino. Nossos recursos estão perigosamente baixos, devido a várias décadas de isolamento. Não há espaço suficiente dentro de nossas fronteiras para abrigar o número crescente de pessoas nas favelas, e os registros mostram que nosso suprimento de alimentos diminuiu assustadoramente ao longo dos anos."

A desgraça iminente de Ilya desliza calmamente da língua do rei, como se ele tivesse passado cada segundo desde que escapei olhando para a lista de fracassos que seu pai o deixou para lidar. Minha mente volta para aquele momento nas Queimaduras, quando eu cuspi a verdade da fragilidade deste reino aos pés de Kai. Minha vida inteira foi passada nas favelas, lotada e faminta. Não é nenhuma surpresa que os registros reflitam uma escassez que eu conheço em primeira mão.

"Dor e Tando não negociarão seu gado, suas colheitas ou seu conhecimento de se adaptar aos Scorches." Kitt lança seu olhar sobre a multidão atordoada. "Não podemos nos expandir, nem podemos comer, sem eles. A água de Izram, os Shallows, se tornou muito mais traiçoeira ao longo dos anos. Até mesmo os peixes dentro dela fogem da nossa costa." Sua voz fica solene enquanto eu me agarro a cada palavra. "Se não abrirmos nossas fronteiras e permitirmos que os Ordinários vivam entre nós mais uma vez, este reino de Elite cairá."

Há um aumento de gritos antes que o rei os silencie apenas com a razão. "Mesmo assim, nossas cidades vizinhas não negociarão conosco se continuarmos sendo uma sociedade de Elite. Quando meu pai começou a Purgação, três décadas atrás, Ilya cortou laços com Dor, Tando e Izram. Eles perderam nossos recursos tanto quanto nós perdemos os deles, e esse relacionamento quebrado não será facilmente curado. Esses reinos agora se importam muito pouco com as Elites."

Calor começa a se acumular em meu peito, parecendo tão estranho que quase não reconheço que seja esperança. Mas eu testemunhei a animosidade de Dor sozinho, compartilhei sua aversão pelos Elites. Não porque eles possuem poderes, mas por causa de como eles tratam aqueles sem. E depois de décadas de rejeição hipócrita, será preciso um gesto de boa vontade de Ilya para incitar a paz.

Estou balançando de novo.

Esse gesto de boa vontade sou eu.

Sinto-me nebuloso, entorpecido pelo destino que me foi imposto. Como um Ordinário, um Ilya unido era tudo o que eu sempre esperei. Minha casa, um lugar onde eu não precisava mais fingir ser algo que eu não era para continuar vivo. Mas aquele meu lado cético e briguento diz que Kitt não poderia querer isso. Não quando seu pai fez tudo o que estava ao seu alcance para erradicar os Ordinários.

"Quanto a Paedyn Gray..." O som do meu nome me assusta de volta a uma realidade inquietante. "A traição dela não é tudo o que parece. Nossa união servirá como uma oferta de paz aos reinos vizinhos. Essa demonstração de fé dará as boas-vindas aos Ordinários de volta a Ilya e, portanto, atrairá nossos vizinhos a reabrir o comércio com as boas-vindas aos Elites." Kitt sorri firmemente. "Nosso casamento marcará o início do meu reinado e o Ilya mais forte que já existiu."

Estou separando cada palavra, puxando as sílabas para dar sentido a todas elas. Então ele se vira para mim, cada pensamento desaparecendo quando ele arranca

aquele anel de sua caixa de veludo. Há um momento vertiginoso em que acho que ele pode me ouvir engolir, pode ver o pânico brotando em meus olhos.

É quando seu olhar se suaviza e eu me vejo refletida nele.

Cada medo, cada pedaço de desconforto. Ele usa tudo isso e muito mais. Porque aquele anel em sua mão trêmula representa tudo o que ele foi ensinado a odiar. E, no entanto, aqui está ele, indo contra os desejos de seu amado pai para salvar este reino.

Então, deixei que ele levantasse minha mão esquerda entre nós. Deixei que ele visse a disposição que sufoca toda preocupação. É minha vez de me tornar a diferença que sempre sonhei em ser, mesmo que os raciocínios do rei não se assemelhem aos meus. Ele deseja apenas salvar este reino por quaisquer meios possíveis, enquanto eu ofereço a ele minha mão por um Ilya unido sozinho.

Eu sou o sacrifício pelo qual os Ordinários sangraram e morreram.

Eu sou o poder que lhes falta.

O anel treme em volta da minha unha quebrada. Seus olhos se movem rapidamente para os meus em silenciosa permissão.

Cada momento da minha vida foi construído para este. Este fugaz segundo de bravura.

Eu aceno, e ele empurra o anel para baixo no meu dedo.



CAPÍTULO 2

Kai

Pensei que conhecia o tormento até que ele se enrolou em seu dedo.

Não, o tormento é tangível e brilha em sua pele bronzeada.

Eu encaro, sem piscar, o símbolo que meu irmão deslizou em seu dedo. Ele é vinculativo. Ele é infinito. Ele é minha ruína.

Uma risada ameaça escapar dos meus lábios dormentes. Não é como se ela não tivesse prometido ser minha ruína, não tivesse se tornado minha ruína. Ela é a coisa mais destrutiva que já desejei, e ainda assim, é o diamante em seu dedo que vai me destruir.

Observo Paedyn através das brechas de uma multidão boquiaberta, assim como farei pelo resto da minha vida. Serei forçado a passar meus dias a serviço dela, mas nunca ao seu lado. Em sua sombra, mas nunca verdadeiramente visto. Apaixonado por uma garota a quem eu teria me curvado muito antes de ela se tornar minha rainha.

Kitt se afasta, permitindo que a corte tenha uma visão completa de sua noiva. Cabelos curtos sussurram sobre seus ombros a cada giro lento de sua cabeça. A prata encontra a pele bronzeada, deslizando pela cicatriz que segue seu pescoço até que a pele rasgada brilha como a ponta afiada de uma lâmina. Seus olhos azuis cortam a multidão, procurando, rápidos e tão inseguros.

Eu passo atrás de um dos muitos pilares de mármore que emolduram o quarto, evitando seu olhar penetrante, talvez pela primeira vez. Eu não tenho sido nada além de disposto quando se trata de me afogar naqueles olhos oceânicos. Mas agora, não consigo imaginar me afogar se ela não for a âncora com a qual estou afundando.

Perguntas voam pela sala, cada uma oscilando em uma acusação. Eu me misturo ao caos, ouvindo o tribunal expressar minha própria confusão. Porque esse foi o último decreto que pensei que sairia dos lábios de Kitt. E ele nem se preocupou em me informar sobre isso.

Eu rolo meu pescoço, praticamente sentindo aquela máscara indiferente do Enforcer derretendo da raiva fervendo por baixo. As habilidades de cada pessoa nesta sala começam a me pressionar, implorando para serem liberadas. A raiva é uma emoção muito perigosa para me deixar sentir. Ela entorpece meus sentidos e aumenta minha habilidade de Wielder até que tudo que eu conheço é o poder pulsando sob minha pele.

Mas não tenho ninguém para culpar além de mim mesmo. Eu fiz isso com ela, conosco, com cada momento que passei esperando que ela fosse o centro de todos que viessem depois.

Eu sou o monstro que a caçou. Eu sou a besta que a entregou a esta perdição. E tenho medo de me tornar muito pior quando não estiver mais me esforçando para merecê-la.

Um homem grita ao lado do meu ouvido, acenando uma mão tão detestavelmente que penso em quebrá-la. Melhor ainda, talvez eu pegue emprestado sua habilidade Blazer e chamusque aquela língua abanando de sua boca.

Felizmente para o homem, a voz de Kitt se eleva sobre os gritos ecoantes antes que eu tenha a chance de fazer algo precipitado. “Responderei a todas as suas perguntas em uma reunião formal que está por vir. Depois disso, anunciaremos nosso noivado aos reinos vizinhos.”

Noivado.

Parece que o chão está cedendo sob mim. Por que não poderíamos ter ficado naquele campo de papoulas? Eu passaria o resto da minha dias fazendo suas coroas de flores se ela quisesse ser uma rainha. *Minha* rainha. Não a de Kitt. Não a de Ilya. *Minha.*

Meus olhos a percorrem, rastreando cada movimento. Kitt dispensa o tribunal, silenciando cada conversa com um aceno de mão. Naquele momento, naquele único movimento, vejo nosso pai. É como se ele fosse o único que está diante deste tribunal, e Kitt não passasse de sua sombra.

Este rei não é o mesmo que deixei há quinze dias.

Este rei é controlado, calmo e consciente de cada movimento que faz.

Mas, como sempre, meu olhar se volta para Paedyn. Ela está atravessando a sala agora, a espinha rígida e os olhos fixos à frente, fixos na empregada que a aguarda ao lado das portas imponentes, ainda a vários metros de distância. Sorrisos de escárnio a seguem a cada passo enquanto ela atravessa a multidão. Dezenas de rostos enojados se aproximam dela, ficando mais ousados a cada segundo. E eu já estou me movendo antes que um homem entre em seu caminho.

Ele se inclina perto o suficiente para murmurar sutilmente seu comentário vil, mas a saliva voando de sua boca para respingar nas sardas dela não passa despercebida. Eu empurro o homem para longe dela com tanta força que eu vagamente me pergunto se deixei uma habilidade Brawny escapar à tona. A ação imprudente me faz ficar de repente entre Paedyn e o homem que claramente tem um desejo de morte. Dando um passo à frente, eu me elevo sobre ele, ignorando a multidão ofegante em torno da cena que eu fiz. Porque a verdade é que eu não dou a mínima para o que este tribunal pensa de mim. E minha reputação com certeza não pode piorar.

"Basta respirar nela de novo", eu rosno, "e eu vou garantir que seja a última vez que você fará isso."

"Não."

Sua voz corta cada pensamento enlouquecido, me inundando como se o alívio em si não fosse nada mais do que a mera presença dela. Paedyn anda ao meu lado, seu olhar fixo no homem pálido agora fantasmagórico. "Não", ela repete, a voz letal. " *Eu* serei a única a garantir que o o próximo suspiro que você der para me insultar, ou ao meu povo, será o último que você provará. E serei eu, um Ordinário, que acabará com sua vida de Elite.”

Ela o encara, parecendo que a formidável é tecida na própria fibra de seu ser. Meus ouvidos zumbem no silêncio repentino que sufoca a sala do trono. Todos os olhos estão presos nela, cada mandíbula afrouxada por suas palavras.

Minha futura rainha acaba de fazer seu primeiro decreto.

Esse maldito anel vai escorregar do dedo dela de tão tremendo que suas mãos estão.

Eu a sigo para fora das portas duplas, fugindo da sala do trono sufocante e da corte de fofocas lá dentro. Ela acelera o passo pelos corredores luxuosos, e eu só posso imaginar o quão deslocados parecemos entre os enfeites esmeralda. O Executor — seminu e envolto em bandagens — e a noiva do rei — ensanguentada e mergulhada em uma camada de sujeira.

"Paedyn," eu chamo, aumentando meus passos.

Isso só a faz derrapar em outra esquina. Eu suspiro, tentando novamente. "Pae, espera."

Ela para, de repente. Trêmula. Mesmo à minha distância, vejo seus ombros tremerem, ouço o tremor de sua respiração. Ela apoia uma mão firme contra a parede, e estou prestes a gritar novamente quando um enxame de pessoas se espalha pelo corredor atrás.

Merda.

Preciso pensar rápido, preciso tirar Paedyn daqui antes que toda a corte encontre sua futura rainha ofegante no corredor. Plague sabe que eles creditariam seu pânico ao seu sangue enfraquecido e comum.

Meus olhos pousam em uma porta que ocupa a mesma parede em que Paedyn está caído antes de fazer a única coisa que consigo pensar.

"Tudo bem, suba", murmuro antes de pegar suas pernas em meus braços e jogar o resto dela sobre meu ombro.

Isso consegue chamar a atenção dela. É como se eu tivesse despertado uma fera adormecida. "Que diabos—?" Ela se contorce no meu abraço, as unhas cravando na pele nua das minhas costas. "Me. Ponha. No. Chão."

Vou em direção à porta, seguida por uma enxurrada de vozes. "Tentador, mas estou um pouco ocupado salvando sua bunda no momento." Ela não consegue ver o sorriso que contorce meus lábios, mas tenho certeza de que ela ouve na minha voz quando acrescento: "Falando em bunda, como é a vista lá atrás, Gray?"

"Nauseante", ela responde.

Abro a porta e entro. "Você sabe que eu consigo ver seu pé esquerdo se contorcer, não é?"

Ela resmunga incoerentemente em resposta ao seu membro traidor antes de quase bater sua cabeça pendurada contra a porta que fecho.

A escuridão engole cada centímetro do pequeno espaço.

Eu a coloco gentilmente no chão diante de mim, sentindo sua respiração fazer cócegas em minha pele aquecida. Minhas mãos se demoram sobre o formato dela. Calos prendem-se no tecido fino de sua blusa, arrastando-a para cima enquanto minhas palmas deslizam sobre seus quadris. Não consigo ver o formato dela nessa escuridão opressiva, então simplesmente terei que me contentar em sentir cada centímetro dela.

Sua voz é ofegante de um jeito que me faz agarrá-la com mais força. "Onde estamos?"

"Provavelmente um armário de vassouras esquecido," murmuro. "Não poderíamos ter a corte inteira vendo sua futura rainha em frangalhos, não é mesmo?"

As palavras tinham a intenção de provocar, mas elas rasgam meus dentes, cortantes e amargas. E eu me arrependo delas no momento em que sinto seu corpo tremer sob

minhas mãos. "Ei", eu emendei gentilmente, puxando a bainha de sua blusa até que ela tropeçasse em mim. "Fale comigo."

Posso sentir cada batida estrondosa do seu coração contra o meu peito. E assim, a distração que criei para ela se dissolve. Ela está desmoronando novamente, sua voz falhando enquanto sua fachada composta faz o mesmo. "Eu... eu não posso fazer isso. Eu não quero fazer isso." Eu sinto cada sacudida vigorosa dela cabeça. "Eu estava pronto para morrer. Eu estava pronto para você ser a última coisa que eu visse e agora —"

"Não diga isso," eu engasgo, interrompendo-a antes que mais algum dos meus medos possa escapar de sua boca. "Eu nunca teria deixado isso acontecer. Eu prometi consertar isso, e eu vou."

"Consertar isso?" Sua risada é pouco mais que um som áspero. "Kai, isso não é mais uma questão de vida ou morte. Isso é..." Quando sua respiração falha, eu sei que é o anel sobre o qual ela passa os dedos trêmulos. "Isso é até que a morte nos separe."

Lá está aquela raiva de novo, me inundando em ondas. Porque ela era para ser a minha morte, não a vida de outro. Era ela que eu deveria adorar neste mundo e rastejar para o outro. Mas agora ela está amarrada a um rei, e eu não sou nada mais do que seu assassino.

Eu tateio em busca das mãos dela, desesperado para segurá-la o máximo que puder. "Concentre-se neste anel," eu insisto, girando a aliança em seu polegar. "Do seu pai, não do meu irmão. Até eu descobrir isso, gire-o como você sempre faz. Distraia-se."

Sinto um fraco escárnio tremer por seu corpo. "Mas isso não pertence ao meu pai. Não verdadeiramente." Sua voz treme sob o peso de cada palavra. "Tudo o que eu pensava que sabia sobre minha vida era uma mentira. E agora esperam que eu viva isso ao lado de alguém que eu achava que me queria morta?"

Eu balanço a cabeça, sem saber como ajudá-la a lidar com a descoberta repentina de como ela se tornou filha de Adam Gray. Não foi por sangue, mas por acaso e negligência de um estranho. E eu sou inútil quando se trata de curá-la dessa confusão, dessa mágoa.

"Eu não entendo nada disso," ela continua apressada. "Eu deveria estar morta agora. Cada pessoa neste reino abandonado pela Peste *quer* me ver morta, não em um trono." Ela suspira nas sombras, sua respiração deslizando pela minha pele. "Mas Kitt está certo. Os reinos não abrirão o comércio se Ilya não receber Ordinários novamente. Você viu o quão odiados os Elites eram em Dor." Eu sinto o rápido balançar de sua cabeça. "Eu queria uma união Ilya mais do que qualquer um, mesmo que o rei o faça de má vontade. Mas..."

"Mas as Elites não aceitarão uma rainha Ordinária tão facilmente," eu termino por ela. "Droga, até mesmo a ideia de Ordinários vivendo livremente em Ilya."

Há um momento de silêncio antes que as palavras saiam de sua boca, aquela que não consigo ver, mas sei o formato de cor. "Achei que Kitt estava em uma espiral. Achei que ele estava sofrendo e com raiva." Uma respiração trêmula. "Achei que ele ordenaria que você enfiasse uma espada no meu peito no momento em que eu colocasse os pés naquela sala do trono."

"Eu pensei que ele também faria isso," murmuro. "E eu estava preparada para decepcioná-lo severamente."

A dor em sua voz me faz estremecer. "Kai..."

“Pae. Eu não tinha ideia de que era isso que ele tinha planejado.” Dedos sujos penteiam os fios bagunçados do meu cabelo. “Eu sabia pouco sobre a desordem de Ilya ao longo dos anos. E isso é simplesmente porque eu estava passando mais tempo nas favelas do que qualquer um que estivesse enchendo este castelo. Você confirmou minhas suspeitas nas Queimaduras, sobre a falta de comida e terra. Mas eu não tinha percebido que a situação era tão terrível.”

Posso senti-la girando aquele anel em seu polegar.

“Você disse que ele não era ele mesmo quando você foi embora,” Paedyn se aventura suavemente. “Ele estava de luto. As pessoas sussurravam sobre sua loucura.” As próximas palavras são um pensamento distante arrancado de sua cabeça. “Então, o que mudou?”

“Eu não sei.” Minha mente vagueia de volta para a infinidade de papéis espalhados em sua mesa, e as mãos manchadas vasculhando-os. “Eu não sei.”

A escuridão fala por nós por um longo momento, crescendo ao nosso redor e enchendo nossos ouvidos com um zumbido surdo antes que eu esteja novamente puxando a bainha desfiada de sua blusa. Ela se derrete contra meu corpo, e parece alívio. Isto é, até que ela admita calmamente: "Não sei se vou sobreviver a isso."

“Você já sobreviveu a coisas piores”, eu a lembro severamente. “Além disso, você parecia não ter problemas em lidar com aquele homem na sala do trono.”

“Assim como você,” ela rebate, e eu consigo imaginar perfeitamente o olhar de aço acompanhando essas palavras. “Eu não preciso que você lute minhas batalhas.”

“Oh, querida,” murmuro, “Eu sei que você não quer. Mas se eu vou ser sua Enforcer, então é melhor você se acostumar com isso.”

Este balançar de cabeça dela é implorante. “Eu não sou rainha de ninguém.”

“É mesmo?” Meus dedos encontram sua bochecha antes de descerem pela suave curva de seu nariz. “Então você não tem ideia de quanto poder tem sobre mim.”

"Você parece esquecer que sou completamente impotente, príncipe." Suas palavras são cortantes, como se sua respiração tivesse se tornado uma lâmina que ela arrasta ao longo do meu pescoço.

“Então seja minha fraqueza.”

"Você sabe que estou noiva do seu irmão", ela sussurra, com os lábios perigosamente próximos dos meus.

Engulo em seco, voz severa. “Por enquanto.”

“Para *sempre* ,” ela respira duramente. “Eu não acho que haja uma saída disso. E se o que Kitt disse na sala do trono for real, então o futuro de Ilya e dos Ordinários dentro dela depende disso.”

Eu inclino meu rosto até que sua testa encontre a minha. "Sou egoísta demais para deixar você ir tão facilmente."

“Então finja.”

Meu polegar arrasta preguiçosamente sobre seu lábio inferior. "Isso significa que eu tenho que te arrastar para um armário toda vez que eu quiser te tocar?"

Estou brincando com ela, tentando ignorar o gosto amargo que cada palavra deixa na minha boca. Eu me recuso a deixar que esse seja o destino dela, e ainda assim, o medo me envolve, apertando meu peito mesmo enquanto eu a provoco. Porque se ela realmente se tornar de Kitt, eu passarei o resto da minha vida lamentando por ela.

Então eu distraio. Desvio. Desejo-a mais do que nunca, caso esta seja a última vez

que eu consiga.

Posso ouvir o sorriso fraco começando a surgir em sua voz. "Você não deveria me tocar de jeito nenhum."

“Mas você poderia me ordenar isso,” eu falo lentamente. “Então eu estaria simplesmente seguindo uma ordem.”

Sua risada é ofegante, e eu memorizo o som.

Os braços dela se entrelaçam em volta do meu pescoço e eu me pergunto se ela vai segurá-lo assim.

O nariz dela cutuca o meu, e eu imploro silenciosamente para que ela nunca toque no de outra pessoa.

Seus lábios mal roçaram os meus quando a porta se abriu.



CAPÍTULO 3

Pedyn-P ...

“Não era isso que parecia.”

Um suspiro suave. Um aceno que balança o coque bagunçado no topo da cabeça dela. “Como eu disse, não sei como era, porque não vi nada.”

“Ellie,” eu digo, exasperado. “Você sabe muito bem o que viu.”

Ela coloca uma mecha de cabelo solto atrás da orelha, como se isso pudesse distrair do sorriso que se formava em seus lábios. "Eu estava lá só para pegar uma vassoura, e foi exatamente isso que eu fiz." Como se para enfatizar sua inocência, ela levanta a dita vassoura e continua pelo corredor enquanto eu sigo atrás.

Sou grata pelo ritmo rápido que ela estabelece, que borra os rostos que passamos e esfria o rubor que pinta minhas bochechas. Minha mente se recusa a fazer qualquer coisa além de repetir o momento em que a porta se abriu para revelar o Enforcer e sua futura rainha emaranhados no escuro. Nós nos separamos, mas não antes que o reconhecimento arregalasse os olhos castanhos de Ellie.

E ainda assim, um sorriso tenta o canto da minha boca. Eu o sufoco com uma mão antes que ele tenha a chance de se espalhar. Porque quanto mais eu reflito sobre o momento mortificante, mais engraçado eu acho. Na verdade, minha vida inteira está em frangalhos e tudo o que posso fazer é olhar para os pedaços irregulares na minha palma e rir. Não ouso olhar no espelho porque o que olha de volta é um mosaico de cada erro, cada tragédia traçada na minha pele, e a sombra iminente de cada um que está por vir.

Sem poder. Sem pai. Sem adena. Essas eram as coisas pelas quais eu já estava lutando para sobreviver. E, no entanto, é o anel no meu dedo que pode ser a minha morte.

Uma risada sufocada escapa de minha palma, alta o suficiente para fazer Ellie lançar um olhar preocupado por cima do ombro. Eu a sigo cegamente pelo castelo em que eu sempre pensei ser um prisioneiro. Meus dedos brincam com a faixa intrincada que agora me prende a outra. Ela brilha na luz, inofensiva como uma palavra ainda não afiada por uma língua agressiva.

De todos os lugares em que imaginei sentar, um trono era o último deles. Uma masmorra, sim. Na ponta de uma lâmina, certamente.

Porque os Ordinários não governam. Eles se encolhem.

A seriedade da minha situação atual parece colidir comigo mais uma vez enquanto dobramos outra esquina. Os servos olham fixamente; os imperiais olham de soslaio; o riso se dissolve na minha garganta. A felicidade foge diante do meu futuro.

Porque eu sou o próprio objeto da fraqueza. Sou odiado por todos de Ilya. E se eu for colocado em um pedestal, mesmo para salvar o reino deles, eles me empurrarão alegremente.

Ellie para de repente diante de uma porta, e eu quase me espeto no cabo de

vassoura que ela segura. Forçando minha mente a vagar de volta ao presente, eu a sigo para dentro do quarto imaculado.

São necessários apenas dois passos para perceber que esta definitivamente não é a câmara em que fiquei durante os Trials. Não, esparramado diante de mim está o tipo de decadência com que eu apenas sonhei.

Meus pés tateiam sobre o piso luxuoso, olhos arregalados enquanto eles deslizam sobre o maior quarto que eu já vi. Molduras intrincadas sobem pela parede mais distante para cercar cada janela arqueada que o reveste. A luz quente entra enquanto o sol se estende pelo carpete verde, como se estivesse me alcançando.

A cama em si ocupa a maior parte da parede à minha direita, sua colcha floral sombreada pelo dossel transparente pendurado acima dela. Uma escrivaninha, penteadeira, guarda-roupa e tapete decoram o espaço, cada um de um branco suave e muito maior do que eu imaginaria que poderiam ser.

Meus olhos lentamente deslizam de volta para Ellie. “Que quarto é esse, e por que estou sujando-o?”

Ela aperta os lábios em um sorriso fino. “São os aposentos da rainha, é claro. Bem, os novos. A memória de sua falecida majestade, a rainha Iris, ainda vive nos aposentos anteriores.” Suas palavras fazem meu estômago embrulhar, minha pele empalidecer. “É aqui que você vai morar. Espero que tudo seja... satisfatório?”

“Satis—” Eu respiro fundo antes mesmo de terminar de ecoar suas palavras em confusão. “Ellie, não faz tempo o suficiente para você esquecer que eu acho tudo sobre este castelo muito acima dos meus padrões regulares.”

O sorriso que ela me dá é muito mais astuto do que eu pensava que ela fosse capaz. "Sim, eu me lembro de você me contando como você tinha saído do lixo no dia em que nos conhecemos."

Engolindo minha repentina tristeza pelas palavras dela, consigo dar um pequeno sorriso.

Meu coração dói ao pensar em nosso forte. No santuário que Adena e eu tínhamos vasculhado para nós mesmos nas favelas. Pensar que eu o comparei a lixo me deixa enjoado. Embora, a olho nu, eu tenha certeza de que era exatamente assim que parecia — e por que conseguiu permanecer intocado por tantos anos.

Agora, provavelmente está vazio. Frio sem seu calor e sem graça sem seu brilho.

Sol e areia e seu corpo ensanguentado e quebrado no meu colo de repente passam diante dos meus olhos. Eu pisco para afastar a memória, forçando-me a esquecer o o som de seu último suspiro estridente ou os pés trovejantes dos Ilyans sanguinários nos cercando na Tigela.

“Pedyn?”

“Hmm?” Minha cabeça se levanta rapidamente para encontrar uma expressão preocupada sufocando as feições suaves de Ellie. Eu nem tinha percebido que estava olhando para o chão. “Desculpe, sim, está tudo mais do que satisfatório.”

Limpando a garganta, eu entro mais no cômodo. Depois de ignorar o que tenho certeza de ser um banheiro igualmente requintado à minha esquerda, encontro algo muito mais atraente para caminhar em direção a ele.

Estou de pé diante da sacada em questão de segundos. Só depois de lançar um sorriso alegre para Ellie por cima do meu ombro é que abro as portas de vidro e saio para a grande extensão de pedra.

O ar fresco penteia seus dedos pelo meu cabelo enquanto eu admiro a beleza espalhada abaixo de mim. É de tirar o fôlego, os jardins dessa altura. Fileiras de flores se entrelaçam ao redor dos caminhos circulares de paralelepípedos, cores colidindo a cada curva. A fonte onde eu tinha espirrado Kitt completamente fica no centro de tudo...

Gatinho.

Isso foi tudo o que ele foi para mim durante aqueles Trials. Um príncipe, sim, e uma réplica de seu pai apenas no rosto. Mas também, meu amigo. Um amigo que eu traí. E um que eu pensei que certamente me mataria por isso, e muito mais.

Mas agora *ele* é muito mais. Primeiro um amigo, depois um inimigo, e agora meu futuro.

Estremeço com o pensamento e cada implicação por trás dele. Girando nos calcanhares, volto para os meus aposentos — os *da rainha* — para encontrar Ellie esperando pacientemente meu retorno.

Fechando as portas da sacada, eu me inclino contra elas com uma indiferença que não sinto e certamente não sinto há muito tempo. "Onde está a rainha? Quero dizer, a... rainha viúva."

Estremeço com as palavras que tropecei, mas Ellie - anjo que ela é—oferece uma resposta antes que eu tenha a chance de massacrar uma elaboração. “Ela foi movida para a ala oeste do castelo. É onde fica a enfermaria,” ela esclarece calmamente. “Mas mesmo que ela não estivesse doente, ela não estaria mais ocupando esta câmara. Porque, como você sabe, estes são os aposentos *da rainha* e...”

Eu me apoio contra as portas. “E eu serei rainha.”

“Certo.” Ela tenta um sorriso fraco. “E estou honrada em ser sua dama de companhia. Isto é, se você me aceitar, é claro.”

Soltei uma risada exasperada, e isso é bom. É bom ter meu corpo tremendo com algo diferente de dor. Fazer um som diferente de um soluço. "Ellie, se eu realmente for feita rainha, vou garantir que você não tenha que trabalhar mais um dia."

“Oh, eu não me importo com o trabalho. Me mantém ocupada,” ela admite timidamente. “Além disso, eu quero servir você.”

Outra risada surpreende meus lábios, esta mais cortante do que antes. "Você? Depois de tudo?" Dou alguns passos em direção a ela. "Você ouviu os rumores. Provavelmente até a verdade."

"Tenho certeza de que você teve seus motivos", ela diz suavemente, evitando meu olhar.

A resposta dela é chocante, como uma onda repentina de alívio. Engulo em seco, assustada com minha própria pergunta. "Mas por que você não me odeia como o resto de Ilya?"

Ela me estuda então, deixando um longo e silencioso momento se estender entre nós. “O resto de Ilya não conhece você.”

“E você faz?”, pergunto, um pouco rápido demais.

“Melhor do que a maioria. Você aprende muito sobre alguém quando é sua empregada.” Então ela está caminhando até a penteadeira, puxando seu banquinho combinando e me chamando com um tapinha no tecido felpudo. “Agora, venha aqui e deixe-me limpar você.”

Eu obedeço, rígido e inseguro. Afundar naquele assento almofadado parece

deslizar para o passado. Um passado onde minhas únicas preocupações eram sobreviver aos Trials à frente e o sangue comum em minhas veias. Um tempo mais simples, antes de eu juntou-se à Resistência e cravou uma espada no peito do rei corrupto.

E é assim que sou recompensado por isso. Com uma coroa na cabeça e um reino na garganta.

"Você cortou o cabelo," Ellie diz suavemente, seu tom indagador. Molhando um pano com água morna, ela começa a enxugar o sangue endurecido salpicando minha pele.

Ela está trabalhando em um ponto particularmente teimoso acima do meu maxilar enquanto eu murmuro: "Estava ficando difícil correr para salvar minha vida com isso há tanto tempo."

Digo isso em vez da verdade patética de tudo isso. Porque prefiro não relembrar a sensação do sangue grudado no meu cabelo tão terrivelmente que implorei para Kai cortá-lo. Porque ainda empalideço ao vê-lo, sinto-o encharcando minhas palmas assassinas, medo de vê-lo jorrando da próxima pessoa que eu amar. No entanto, restam muito poucos para escolher, e o pensamento é lamentavelmente aliviante.

Eu a observo pegar um par de tesouras finas. "Você gostaria que eu alinhasse as pontas? Está um pouco irregular—"

"Não," eu digo abruptamente. Então, acrescento suavemente, "Obrigado. Eu gostaria de deixar isso."

Ellie assente, embora eu tenha certeza de que ela está doendo para perguntar meus raciocínios. E se ela tivesse perguntado, eu teria dito a ela. Eu teria admitido por que me agarro às pontas tortas do meu cabelo.

A franja que eu cortava continuamente para Adena parecia a mesma.

Aqueles fios prateados irregulares me prendem a longas noites no Forte, cortando a franja cacheada de Adena com nada além das estrelas para ver. Ela ria da sensação de cócegas enquanto eu cortava uma linha torta em seu cabelo. E então nós ríamos, ambos culpando um ao outro pelo resultado infeliz.

Agora eu nunca mais terei esse privilégio. Então eu a seguro nas pontas do meu próprio cabelo.

"Como foi?" Ellie finalmente pergunta, olhos arregalados. "Fugir através dos Scorches daquele jeito?"

"Solitário," murmuro. "Assustador."

Ellie assente lentamente, colocando um fio de cabelo atrás da minha orelha. "Bem, esse comprimento combina com você. E estou feliz que você esteja de volta. Segura."

"Obrigado," eu ofereço calmamente. "Estou tão chocado com isso quanto o tribunal."

"Sim, ouvi sobre isso." Sua voz é a personificação de uma careta. "E não posso dizer que a equipe recebeu a notícia muito melhor."

"Só posso imaginar", eu gemo. "Na verdade, eu não ficaria surpreso se fosse envenenado pela equipe da cozinha antes do fim da semana."

Ellie balança a cabeça, o pano deslizando persistentemente sobre minha pele. "Oh, não, eles não ousariam. Não com o rei tendo reivindicado você como sua futura noiva."

Me reivindicou.

Essas são palavras que eu certamente nunca pensei que seriam associadas a Kitt. Seu irmão, por outro lado... Eu sei exatamente como é ser reivindicado pelo Enforcer. E eu abracei isso.

"Bem, isso é... reconfortante", murmuro.

"Ele está muito melhor, sabe," Ellie acrescenta suavemente, seus olhos percorrendo a cicatriz pelo meu pescoço. É uma luta não se contorcer sob o peso de sua preocupação óbvia. Mas ela continua, misericordiosamente. "Depois de sua coroação, ele raramente era visto. Mantido para si mesmo, trancado naquele escritório dele." Ela se inclina, abaixando a voz como se não fôssemos as únicas pessoas ocupando esta sala. "Ele jogava sua comida pela janela. Alguns de nós, servos, tropeçamos na pilha de restos abaixo dela no pátio.

"Mas é de se esperar, é claro", ela continua com um suspiro. "Ele estava de luto pelo pai, afinal." Seus olhos deslizam para os meus antes de se desviarem rapidamente. "E claramente as visitas de Calum pareciam ajudar. Sua majestade foi capaz de ouvir em primeira mão o que estava acontecendo em seu reino, não apenas ler nos registros."

Concordo lentamente, ainda tentando juntar as peças desse quebra-cabeça desconcertante. "Então, Calum o visitaria? Em seu escritório?"

"Bem, não no começo", ela emenda. "Ele ficou nas masmorras por vários dias suportando a Peste sabe o quê. Mas suponho que Kitt viu algo nele e decidiu falar mais civilizadamente." Ellie dá de ombros. "Isso é realmente tudo que eu — e a equipe — sabemos sobre o assunto."

Nunca fiquei tão completamente chocado e sem surpresa no mesmo momento. Tal contradição é a única resposta razoável para a última hora da minha vida. Porque, apesar da minha esperança nele, nunca acreditei verdadeiramente que Kitt se esforçaria para fazer mudanças que contradissessem tudo o que seu pai lhe disse para acreditar. E parece que eu estava certo. Este rei não se importa totalmente com um Ilya unido, apenas que este reino permaneça por quaisquer meios necessários.

Quase encontro coragem para sorrir, porque isso é um começo.

Kitt tem todo o direito de me odiar depois que matei seu pai tirano, mas ele *precisa* de mim. Juntos, poderíamos salvar este reino de mais do que apenas ruína. Poderíamos libertá-lo da segregação que assola esta terra há décadas. Talvez, sem Edric aqui para alimentar seu filho com mentiras e caçar aquela necessidade insaciável de aprovação, Kitt será capaz de pensar claramente pela primeira vez.

E com Calum oferecendo-lhe conselho, ajudando-o a ver a verdade deste reino, pode haver esperança. Sua eloquência combinada com aquela maneira atenta com que ele escuta ajudam a tornar o Leitor de Mentes tão persuasivo. Ou talvez ele simplesmente use essa habilidade dele para vasculhar nossos pensamentos, separando como nos sentimos e pensamos antes de dizer exatamente o que precisa ser ouvido.

Meus olhos caem para a cama, onde meu único pertence jaz caído no chão ao lado dela. A mochila suja provavelmente foi trazida para meus aposentos por um servo relutante. Mas é o diário que reside lá dentro que eu anseio por mostrar a Calum. Mostrar a Kitt.

Essa lembrança amarrada do meu pai me faz engolir em seco. É estranho como o homem que eu conheci era apenas um fio no emaranhado da verdade que só agora estou começando a desvendar. Até recentemente, Adam Gray era simplesmente um

pai, um Curandeiro que me ensinou a sobreviver com observância e treinamento tediosos. Então eu o vi morrer. E aquele momento devastador me mergulhou em uma vida que eu nunca pensei que sobreviveria.

Meu pai era o líder da Resistência. Só que, de acordo com seu diário, ele não era realmente meu pai.

Tendo ficado preso em minha mente por muito tempo, volto minha atenção para Ellie. “E os outros membros da Resistência? Presumi que alguns foram feitos prisioneiros.”

Ela balança a cabeça solenemente. “A última vez que ouvi, eles estavam nas masmorras também. Mas isso foi logo depois daquele Julgamento final, e já faz um tempo desde então...”

Ela para de falar, me dando tempo para imaginar cada maneira cruel como eles poderiam ter morrido. Eu me pergunto quantos membros da Resistência — quantos Ordinários ou os poucos Elites que os apoiaram — foram capturados depois daquela batalha na Bowl Arena. Quantos morreram brutalmente, porque mesmo depois de anos planejando sua revolta, tudo foi para o brejo.

De pé, saio do alcance gentil de Ellie. “Preciso falar com Kitt — o rei.” Pigarreio. “E Calum.”

Ela parece horrorizada com essa ideia. “Não parecendo assim, você não vai!” Leva apenas alguns segundos para a timidez se instalar novamente. “Quero dizer, você teve uma jornada muito longa e precisa descansar—”

“Achei que estaria morto muito antes desse momento”, interrompi uniformemente. “Achei que seria espetado com uma espada naquela sala do trono. Mas não fui, e pretendo descobrir exatamente o porquê.” Minha voz abaixa para algo muito mais solene. “Posso não ter muita vida para viver, então não vou passá-la descansando.”

“Okay, então,” Ellie diz calmamente. “Nada de descanso. Mas você precisa tomar banho antes de se mostrar ao castelo novamente.”

Certo. Minha existência inteira foi reduzida a aparências.

Concordo, de repente incapaz de focar em qualquer coisa além do sangue incrustado na minha pele. Será um alívio esfregar cada resquício da traidora correndo por sua vida. Cada gota de sangue, suor e lágrimas derramadas na jornada traiçoeira.

Indo para o banheiro, de repente estou girando nos calcanhares e dizendo abruptamente: "Você teve notícias do Lenny? Eu o vi durante minhas... viagens, mas nos separamos."

“Certo. Sobre isso.” O olhar dela se desvia do meu, que está se estreitando. “Hum, ele está aqui, na verdade.”

“O quê?” Eu engasgo. “Onde ele está?”

Ela caminha em minha direção, o coque castanho balançando a cada passo. "Eu te conto depois daquele banho."

“Ellie—”

“Minha *Senhora* .” Ela enfatiza o título com uma sobrancelha levantada.

“Tudo bem.” Eu bufo, virando-me mais uma vez em direção ao banheiro. Então estou gritando por cima do meu ombro, falsamente alegre e absurdamente genuíno, “mas só porque o sangue sob minhas unhas pode me levar à insanidade.”



CAPÍTULO 4

Pedyn-P ...

Água escorre das pontas do meu cabelo curto, refletindo sua cor prateada para imitar aço derretido ao deslizar pelos fios.

Eu tinha esfregado cada centímetro do meu corpo, gastando mais tempo sob minhas unhas e ao redor dos muitos cortes irregulares salpicando minha pele. Foi só quando eu emergi da água do banho que esfriava rapidamente, com a pele em carne viva, que Ellie hesitantemente me deu a notícia.

Bastou um punhado de momentos cheios de raiva para vestir calças finas, combiná-las com uma túnica justa e ir até a porta. Ellie foi sábia o suficiente para ficar fora do meu caminho, apenas se aproximando o suficiente para oferecer um sorriso de desculpas e um par de sapatos tipo chinelo. Eles agora se agarram aos meus pés enquanto caminho pelo corredor, a seda macia contra meus pés com bolhas.

Rostos passam borrados, mas meu olhar nunca se desvia daquela porta me esperando no fim do corredor. Através da minha visão em túnel, eu o vejo encostado nela, emanando tédio enquanto ele encara fixamente as botas brilhantes abaixo dele.

Vários segundos se passam antes que sua cabeça se levante de repente, tendo ouvido meus passos trovejantes com aquela habilidade Hyper. Seu cabelo ruivo se destaca nitidamente contra o uniforme Imperial impecável ajustado ao seu corpo. Mesmo com metade do rosto parcialmente escondido pela máscara branca, ainda posso ver aqueles olhos castanhos se arregalarem quando pousam em mim. É quando seu olhar se enruga com uma mistura de alegria e alívio.

Ele se endireita, abrindo os braços. “Princesa, fico feliz em ver que você conseguiu voltar em um—”

Meu antebraço encontra o peito acolchoado de seu uniforme, empurrando-o com força contra a parede. Minha voz é um rosnado baixo que nem eu sabia que era capaz até este exato momento. "Que *diabos* , Lenny?"

“Uau,” ele murmura suavemente, mãos erguidas em inocência. “Olha, se isso é sobre te perder em Dor, eu juro que eu estava pronto para virar aquela cidade do avesso para te encontrar, mas—”

"Você sabe muito bem que não é disso que estou falando", eu fervo. Essa definitivamente não é a maneira como uma futura rainha se comportaria, mas, felizmente para mim, duvido que minha reputação possa piorar.

Eu me afasto dele para me virar em direção à porta e...

Lenny bloqueia meu caminho.

"Mova-se", eu digo bruscamente.

“Bem, alguém já está se acostumando a dar ordens”, ele murmura, sem se mexer um centímetro.

Solto um suspiro. “Saia do meu caminho, Lenny.”

“Sinto muito, Princesa.” Ele me dá um aceno simpático de cabeça. “Você sabe que

eu não posso fazer isso."

Eu o empurro novamente. "Deixe-me entrar."

"Paedyn, por favor. Apenas respire fundo—"

"Eu prometi," eu engasgo, a visão de repente turva com lágrimas não derramadas. "Eu prometi vingar Adena." Outro empurrão, dessa vez mais fraco. "Então me deixe entrar nessa maldita sala, Lenny."

A simpatia sufoca seu rosto, aglomerando-se em torno de suas feições como o sardas salpicando sua pele. "Tenho ordens estritas do rei para não deixar você vê-la," ele sussurra. "Sinto muito. Sinto muito, muito mesmo."

De repente, fico entorpecida, cada pensamento abafado e me sentindo distante. Meus dedos se desenrolam de seu uniforme, deslizam de seu peito. "Blair rasgou um galho no peito de Adena durante aquele Julgamento final." Minha voz está distante, como se as palavras estivessem saindo dos lábios de outra pessoa. "E eu vou matá-la por isso."

Lenny me alcança, hesitante. Suas mãos seguram meus ombros, me firmando. "Eu entendo. Confie em mim, eu entendo." Ele suspira pelo nariz. "Mas você não pode matá-la sob minha supervisão. E Kitt sabe que você não vai me matar para chegar até ela. Pelo menos", ele acrescenta com ceticismo, "eu espero que não."

Um som escapa dos meus lábios, algo como um escárnio. Claro que Kitt sabia que eu viria atrás de Blair pelo que ela fez com Adena. O que ela fez comigo . É genial, realmente, posicionar Lenny como seu guarda. Ele sabe o quanto eu me importo com ele — e ele usou isso contra mim. "Você não pode ser o escudo dela para sempre."

"E quando eu não estiver," ele diz lentamente, "você pode fazer com ela o que quiser. Embora eu não recomende fazer nada precipitado."

"Imprudente?", eu zombo, olhos em chamas. "A ideia de matá-la é tudo o que me mantém firme. Pensei muito sobre minha decisão, eu lhe asseguro."

"Paedyn..." Ele balança a cabeça, o cabelo vermelho ondulando com o movimento. "Isso foi antes de tudo isso. Antes de você ser prometida ao rei."

Estremeço com suas palavras, sentindo o peso repentino daquele anel em meu dedo. Ele passa a mão pelo rosto antes de se inclinar para murmurar: "Você não pode simplesmente... sair por aí matando pessoas mais."

"Mais?" Desta vez, é ele quem está estremecendo com a mágoa silenciosa na minha voz. "Eu nunca quis matar ninguém. Eu só me defendi. Mas ela..." Eu aponto um dedo em direção à porta ao nosso lado. "Ela é a culpada pelo que eu me tornei."

"Eu sei," ele diz suavemente, envolvendo um braço ao meu redor. "Eu sei, Princesa. Sinto muito."

Eu entro em seu abraço, apertando-o com força. Meu rosto está enterrado contra seu uniforme, o nariz ardendo com o cheiro forte. "Estou com medo, Lenny", admito, minha voz abafada.

"Você tem permissão para ser. Você sabe disso, certo?" Ele abaixa a cabeça, apoiando o queixo no meu cabelo. "Ninguém esperava isso. Mas estou aqui para ajudar você de qualquer maneira que eu puder."

Levanto meu rosto, de repente preocupada. "Por que você voltou? E sua mãe? Os Mixes? Finn e Leena?"

"Eles estão todos bem", Lenny me tranquiliza. "Mamãe precisava de ajuda de qualquer maneira, então Finn e Leena estão ficando com ela. Além disso, é mais

seguro lá para eles." Desfazendo seus longos braços do nosso abraço, ele me dá aquele olhar malicioso dele. "Eu voltei por você, Princesa. E ser jogada contra a parede certamente não foi como imaginei que seria agradecida por isso. Mas suponho que a violência seja uma das suas linguagens de amor."

Sorrio timidamente, aquecida pelo esforço dele para me encontrar. "Não pensei que você voltaria para Ilya."

"Quando você e o Enforcer foram capturados da base Mixes, nós nem sabíamos por onde começar a procurar por vocês." Ele começa a andar de um lado para o outro. "Então minha mãe, Leena e Finn — surpreendentemente — me convenceram de que eu era mais útil para vocês aqui no castelo do que vagando sem rumo por Dor." Seus olhos varrem o corredor e cada Imperial que marcha por ele. Em voz baixa, ele acrescenta: "Sabíamos que vocês acabariam aqui em algum momento, e eu não estou marcado como um dos membros da Resistência, lembra? Eu nunca cheguei a entrar no Bowl porque eu estava lá embaixo naqueles túneis guiando as pessoas.

"E com Calum nas boas graças do rei, ele garantiu que ninguém piscaria quando eu caísse de volta na posição de Imperial." Ele sorri, e não perco o brilho triunfante em seus olhos. "Então, estou aqui para ajudar de qualquer maneira que eu puder. Você, Ilya e Calum."

Eu aceno. Sorrio. Tento segurar meus próprios destroços com força suficiente para soar bem. "Estou feliz que você esteja aqui. Posso precisar que você me force a ir até o altar."

Seu sorriso desaparece. "Eu sei que isso é difícil. Mas estamos tão perto, P. Tão perto de finalmente obter a liberdade pela qual a Resistência lutou tão ferozmente, mesmo que seja de uma forma indireta. E eu sei que um casamento não é o que você queria. Inferno, nem mesmo se tornar uma rainha. Mas..." Ele engole em seco. "Você está viva, Paedyn. E eu não sabia se voltaria a tempo de vê-la novamente."

Eu sorrio, triste e cheia de compreensão. "Eu também pensei que nunca mais te veria."

Estou tão surpreso quanto ele quando uma risada consegue escapar de mim. Seu olhar crescente de preocupação só estimula o som enquanto eu luto para cuspir, "Eu não consigo morrer, consigo?" Eu limpo uma lágrima solta do meu olho. "Como foi que você me chamou?"

Posso ver o momento exato em que o reconhecimento ilumina seu rosto. "Uma barata," ele ri, balançando a cabeça. "Você é uma maldita barata, Princesa."



CAPÍTULO 5

Kai

Eu ensaiei essa reunião, repeti palavras praticadas várias vezes na minha mente.

É essa conversa que tem ocupado meus pensamentos acelerados, forçado meus pés a trilhar o caminho familiar para seu escritório. Aquele que era do nosso pai antes de pertencer ao irmão que agora se parece com ele.

Ou talvez não. Talvez ele não seja nada parecido com o homem que eu odiava.

Não tenho certeza do que pensar depois da declaração condenatória de Kitt na sala do trono. E é exatamente por isso que me encontro de pé diante daquela porta de madeira familiar — respostas.

Depois de três batidas do meu nó, estou girando a maçaneta e entrando na sala. O pequeno espaço é abafado, como aquele porão onde o Enforcer se reuniu com seu Silver Savior. Meu olhar desliza sobre o escritório ao redor, essas quatro paredes prendendo muito do meu passado dentro. Brasas sofrem uma morte lenta no fundo da lareira, brilhando fracamente com os últimos resquícios de calor. Três cadeiras de pelúcia estão de frente para a lareira, uma de couro e gasta, roubando minha atenção por um momento longo demais.

Eu limpo minha garganta antes de caminhar em direção à grande mesa no centro da sala. A cabeça de Kitt está abaixada, os olhos traçando o pergaminho agarrado entre os dedos. É só quando estou pairando sobre ele que sua cabeça se levanta. “Olá, irmão.”

Pisco com o carinho em sua voz. Parece tão estranho vindo do homem que deixei para encontrar o assassino do nosso pai. Mas este não é aquele homem quebrado e enlouquecido sobre o qual o reino fofocava. Isto é algo completamente diferente.

“Olá, Kitt,” eu respondo lentamente. “Você parece... bem.”

Ele ri levemente, colocando seus papéis de lado. “Eu definitivamente me senti muito pior. Você saberia.” O olhar que ele usa agora é familiar, como uma sugestão do sorriso que ele costumava me dar com tanta frequência. “Sinto muito por ser tão... distante antes de você ir embora. Mas eu sofri. Eu me sinto mais leve, se isso faz algum sentido.” Um balançar de cabeça, cabelos loiros ondulando. “Eu aprendi muito nessas últimas semanas.”

Eu cantarolo suavemente, sem saber o que dizer. Depois de um momento de silêncio, eu me acomodo com, "Estou feliz que você esteja se sentindo melhor."

“Mais como eu”, ele acrescenta com um pequeno sorriso. “Ah, e isso...” Ele vasculha o sortimento de pergaminhos em busca de algo. “Isso pertence a você.”

Ele coloca aquele algo na única lasca de madeira que aparece por baixo do cobertor de papel. Eu olho para o anel do meu Enforcer e o grande brasão em cima dele. Dois leões emolduram um *A estandarte* , nosso selo de família e sinal de força.

Gostaria que fosse só isso que eu visse quando olhasse para ele.

Não, eu vejo cada coisa horrível que eu, e todos os Enforcers antes de mim,

fizemos em nome daquele brasão. Cada gota de sangue derramada para garantir o poder da nossa família. Cada ordem obedecida porque aquele estandarte me amarrou para o resto da vida.

Mas eu deslizo no meu dedo de qualquer maneira, sinto a mordida do aço frio contra minha pele. Eu flexiono minha mão. Décadas de morte estão envoltas na faixa apertando minha pele, e eu não ouso nem mesmo recuar.

"Então," murmuro suavemente, os olhos nunca se desviando do anel. "Eu o ganhei de volta."

Ele dá de ombros levemente. "Você a trouxe para mim, não foi?"

"Eu fiz."

E eu me arrependo mais do que tudo.

"Tenho que admitir, Kai." Ele se inclina lentamente para trás na cadeira, imitando mais um dos movimentos do Pai. "Eu não tinha certeza se ela conseguiria voltar aqui."

Ler nas entrelinhas é bem difícil quando elas estão borradas. Não tenho mais certeza se é meu irmão falando, ou o rei que ele se tornou. "E você se preocupou que isso fosse obra minha", digo suavemente, expressando as palavras que ele evita.

Seu sorriso é tingido com uma espécie de tristeza divertida. "Achei que você poderia deixá-la ir."

"Por que você não me contou sobre seu plano com ela?"

A pergunta sai da minha boca, muito mais dura do que eu havia ensaiado em minha mente. Ele pisca para mim, perplexo por um momento antes de sua recém-descoberta compostura retornar. "Sinceramente, eu não tinha certeza do que fazer com ela. Não até começar a ouvir os conselhos de Calum. Encontrei os registros com a carta do pai."

"Então Calum disse para você se casar com ela?" Minha voz é baixa. Letal. "Melhor ainda, por que diabos você está ouvindo ele em primeiro lugar?"

"Porque ele abriu meus olhos para tantas coisas", Kitt dispara de volta. "De repente, fui jogado no papel de rei, tomado pela tristeza e pela raiva. E quando Calum me contou sua história, o que realmente estava acontecendo nas favelas, percebi o quão pouco eu sabia sobre meu próprio reino." Seu peito arfa, embora sua voz seja firme. "Então eu escutei. Eu aprendi. E pela primeira vez na minha vida, cheguei às minhas próprias conclusões. Então me chame de louco como o resto do reino, mas —"

"Não acho que você seja louco." Minhas palavras calmas cortaram as dele. "Eu acho que você está certo. Se Ilya está em perigo, então você está fazendo o que deve para salvá-lo. Inferno"—eu solto uma risada—"os Ordinários deveriam ser bem-vindos de volta a este reino, mesmo que não fosse necessário para sobreviver. Porque eu também aprendi algumas coisas na minha jornada. Como as mentiras que nos contaram e quem foi que as espalhou."

Kitt abre a boca, mas eu continuo. "Não estou aqui para discutir política ou o reino de Elite que o Pai construiu sobre décadas de engano." Apoio minhas mãos na mesa, inclinando-me sobre a madeira gasta. "Estou aqui para falar sobre ela."

Ele se levanta lentamente, quase nivelando nossos olhares. "Calma, irmão."

"Casamento, Kitt?", quase grito, balançando a cabeça. "O que diabos você está pensando?"

“Estou pensando”, ele diz rigidamente, “que não tenho outra opção”.

“Você é o rei!” Desta vez, eu grito. “Você sempre terá outra opção. Sempre terá uma saída, diferente do resto de nós.”

“Tudo bem, você quer outra opção?” Desafio ressoa em sua voz, sufocando qualquer sinal do rei sereno para o qual voltei para casa. “Minha saída é matá-la. Era isso que eu ia fazer. Como isso soa? Você está feliz agora?”

Nós nos encaramos, peitos arfando. O choque afrouxa meu maxilar; o terror aperta meu peito. Suas palavras são quase tão paralisantes quanto as não ditas pairando no ar entre nós. Porque o que é pior do que ela morrer é eu ser forçado a matá-la.

“Se eu não me casar com ela,” Kitt respira, implorando para que eu entenda, “não tenho escolha a não ser matá-la. Ela assassinou nosso pai, Kai. Mas como minha noiva, ela pode ajudar a restaurar Ilya.” Ele apoia uma mão na mesa, inclinando-se a cada palavra. “Este é um acordo mutuamente benéfico. Eu a protegeria. Distorceria a verdade sobre o que aconteceu entre meu pai e ela. E em troca, ela seria meu símbolo de paz para os outros reinos.”

Eu penteio meu cabelo com a mão. Não tenho certeza de quando comecei a andar de um lado para o outro, mas meus pés agora marcam um ritmo rápido para cima e para baixo no tapete gasto. Eu rio então, amarga e incapaz de impedir que o som borbulhe para fora de mim. "Por favor, me ajude a entender, porque quando eu fui embora, você parecia bastante enfurecida e pronta para me fazer cravar uma espada no peito dela." Meu olhar de aço procura o dele. "Então o que mudou?"

“Tudo”, ele respira, baixo o suficiente para me fazer lamentar minhas palavras duras. “Tudo mudou. Eu era um filho lamentando o homem que eu pensava que amava. Agora vejo que era obsessão porque o amor não era uma emoção que o Pai me ensinou. Mas eu era amargo, vingativo, instável sem ele aqui para me guiar.” Ele respira fundo. “Eu sofri. Eu aprendi. Eu voltei aos meus sentidos. E você está certo. Eu não sou o garoto louco que você deixou. Eu sou um rei.”

Suas palavras me atingiram com força, como um golpe no peito que roubou o ar dos meus pulmões. Engulo em seco. “O que aconteceu com o filho que faria qualquer coisa para agradar o pai? Porque essa decisão vai contra tudo o que ele queria para Ilya, mesmo que você esteja salvando isso no processo.”

Ele respira fundo, evitando meu olhar. “Pai só se importava em erradicar os Ordinários, não em fortalecer este reino. Ele se escondeu sob a sociedade de Elite que ele criou, e ainda assim, Ilya nunca foi tão fraco. Agora vejo o quão tacanho ele era.” Kitt finalmente encontra meu olhar com um severo. “E eu quero tornar este reino verdadeiramente grandioso.”

Concordo lentamente. O zelo de Kitt brilha em cada palavra, agora não mais sufocado por nosso pai. É admirável, seu amor por este reino e sua determinação em restaurá-lo. Mas o orgulho cresce em meu peito, não por este rei, mas pelo garoto que sonhava apenas com aprovação. Agora ele usa a coroa do pai e abandona a paixão amarrada a ela.

Forço uma respiração calmante em meus pulmões.

Pensamentos sobre o Pai são perigosos. Eles tendem a me levar até *ela* .

Escapando do canto mais escuro da minha mente, palavras quebradas deslizam da minha língua, pouco mais que um sussurro. "Você não a odeia?"

Para minha surpresa, ele força um sorriso. É um gesto pequeno e afiado que ele está disposto a compartilhar comigo. "Você?"

Nós nos olhamos, e pela primeira vez desde que coloquei aquela coroa em sua cabeça, acho que podemos nos entender. Porque de repente, eu me vejo nele novamente. Paedyn não é um certo ou um errado, não é algo tão simples quanto um sim ou um não. Ela é a própria confusão, um sentimento sem lugar, uma cor entre o preto e o branco. Inferno, ela é minha salvadora prateada. E odiá-la não é tão simples quanto pode parecer.

não é amá-la que tem se mostrado difícil.

"Não quero que isso fique entre nós", Kitt se arrisca cautelosamente. "Quero que as coisas sejam como eram antes — nós contra toda oposição. Irmãos novamente."

Abro a boca para dizer-lhe:

A porta se abre.

Nem preciso me virar. A mera presença dela é familiar, marcada na cavidade do meu pescoço onde sua cabeça repousa, amarrada ao meu tornozelo e sempre me puxando em sua direção.

O olhar de Kitt sobe por cima do meu ombro antes de se arregalar levemente em choque. Eu me viro então, incapaz de manter meus olhos longe dela por mais tempo.

E lá está ela. Sua postura é de alguma forma severa, a expressão não é nenhuma surpresa a mesma. Cabelos curtos cobrem seu maxilar, desgrenhados e ondulados. O diário de couro de seu pai está enfiado debaixo de um braço, rente à blusa grudada em sua figura. Aqueles olhos azuis colidem com os meus como uma onda, junto com a repentina percepção de que quase fui privado de me afogar neles desde nossa chegada ao castelo. Só agora tenho o privilégio de bebê-la. Eu a observo fazer o mesmo, embora a expressão estoica que ela usa nunca desapareça.

Fingir.

Ela é muito melhor nisso do que eu. No entanto, eu não esperaria nada menos da "Psíquica" antes de mim. Ela passou a vida inteira praticando a arte de fingir.

Os olhos dela saem dos meus para pousar em Kitt. "Não precisa me atualizar. Acontece que eu... ouvi tudo."

Minhas sobrancelhas se erguem com uma espécie de diversão cética. "Então, é seguro assumir que sua orelha estava pressionada contra a porta."

Os olhos dela se movem rapidamente para os meus antes de me oferecer um sorriso enganosamente agradável. "Só até vocês dois começarem a gritar. Então o salão inteiro estava bisbilhotando também."

Com um suspiro pesado, Kitt se abaixa de volta no assento abaixo dele. "Paedyn, eu tinha toda a intenção de falar com você sobre tudo isso—"

"Sério?" A voz dela é cortante, cortando as palavras dele como uma lâmina. "Antes ou depois de nos casarmos?"

Eu enrijeço, os olhos deslizando pelo braço dela até o anel brilhante que sufoca seu dedo. Foi levado tão casualmente para esta sala, esta conversa. A visão daquele símbolo aqui, agora, possivelmente *para sempre* , faz meu peito doer.

Talvez eu esteja até com ciúmes do anel. Com ciúmes da forma como ele gruda na pele dela, sente cada arrepio do seu corpo. Porque esse deveria ser eu.

"Antes, é claro." Kitt está falando novamente, a voz uniforme. Ele evita o olhar dela. "Tenho certeza de que você tem muitas perguntas."

"Ah, com certeza." As palavras são pouco mais que uma risada. "Começando com a tarefa que você atribuiu a Lenny."

Eu me inclino contra a mesa, pernas esticadas sobre o carpete e tornozelos cruzados. Meu olhar encontra Kitt sobre um ombro. "E que tarefa pode ser essa?"

Kitt abre a boca, mas é a voz de Pae que ouço. "Ele recebeu ordens de guardar..." Um movimento de garganta. "A porta de Blair. E provavelmente cada movimento que ela faz além dela."

A raiva fervilha em seus olhos e, num piscar de olhos, entendo o que alimenta o fogo que arde dentro deles.

Adena.

Eu tinha visto aquele galho rasgar cada músculo e tendão em seu peito. Vi Paedyn desmoronar naquele Poço arenoso, chorar sobre o corpo ensanguentado e gritar quando ele estremeceu seu último suspiro.

Mas por trás daquela cena trágica estava o vencedor do Trial final. Blair guiou aquele galho através do peito de Adena com sua mente e um sorriso.

Quando meus olhos lentamente sobem de volta para Paedyn, é vingança que se reflete neles. E tenho a sensação de que o sangue de Blair será o único que ela desfrutará em suas mãos.

"Eu tenho que manter a paz," Kitt diz lentamente. "O pai dela é um general de confiança, e eu não posso ter minha futura rainha provocando brigas dentro do castelo. Eu sabia que você iria atrás dela, e imaginei que colocar Lenny entre vocês dois era a opção mais segura." Ele passa a mão pelo cabelo, despenteando os fios loiros. "Eu preciso que você se comporte da melhor forma possível se esse... arranjo vai funcionar."

"E você quer que isso funcione?" Paedyn pergunta com uma calma repentina que começou a se apoderar dela. "Nosso *acordo* . A união dos Ordinários e das Elites."

"Para salvar Ilya, sim," Kitt esclarece. "Devemos abrir o comércio novamente, e isso só é possível se os reinos ao redor não nos desprezarem mais. Eu elaboraria mais sobre nosso casamento, mas parece que você já ouviu meus raciocínios do outro lado da porta."

Seu cabelo prateado balança com um aceno. "Eu... reuni a maioria das informações que estava procurando. Exceto pela pergunta que você evitou." Ela dá um passo à frente, jogando o diário diante de nós. Seus dedos se enrolam na borda da mesa, quase roçando os meus. "Você não me odeia? Depois de tudo que eu fiz?"

Kitt respira fundo e trêmula. Meus olhos oscilam entre os dois, nada mais do que uma testemunha desse impasse civil. "Não se trata de odiar ou amar você. Trata-se do que é melhor. E eu não posso governar um reino que caiu."

"Eu matei seu pai," ela responde sem rodeios. "E você me perdoa por isso?"

"Você ainda não se desculpou."

"Eu estava me protegendo dele", ela sussurra. "Preciso que você saiba disso. Ele veio até mim, e eu mal consegui sair viva daquela luta." Sua voz treme, mas ela continua, de cabeça erguida. "Sinto muito por ter matado seu pai. Mas nunca vou me desculpar por matar um tirano."

O silêncio sufoca a sala, tão alto que é quase ensurdecedor.

Observo o rosto de Kitt em busca de qualquer tipo de mudança e sei que Pae está fazendo o mesmo com aquela observância psíquica dela. Mas ele nem pisca, talvez

nem respire. Quando ele fala, suas palavras soam um pouco sufocadas. "Você não precisa do meu perdão. Você só precisa da minha proteção. E agora" — a voz de Kitt fica insensível, tão oposta ao seu tom em relação a mim — "eu lhe dei um propósito."

Os nós dos dedos dela ficam brancos ao redor da borda da mesa. Ela pisca, seu rosto uma tela de choque, mágoa e compreensão muda. Mas Kitt tem todo o direito de abrigar animosidade em relação ao Ordinário que matou seu pai, então Paedyn simplesmente acena em resposta à sua seriedade. Ela não insiste mais na questão do perdão, não agora.

"E todo o resto? A doença que você nos disse que os Ordinários possuem?" Ela pega o diário então, rasgando páginas gastas até que a caligrafia apressada esteja à mostra. "Meu pai era Adam Gray, um Curandeiro nas favelas. E ele registrou *tudo* ."

Cruzo os braços sobre o peito. "As entradas do diário dele afirmam que o Pai estava subornando os Curandeiros, oferecendo a eles o valor do seu peso em pratas se apoiassem a mentira de que os Ordinários estavam lentamente diminuindo nossos poderes." Solto um suspiro. "E por mais que me doa admitir, tudo escrito naquele diário faz sentido. Não é de se admirar que todos os Curandeiros vivam luxuosamente no reino superior. Eles têm todos os meios e nenhum desejo de ajudar aqueles nas favelas."

Quando meu olhar pousa em Pae, ela assente em silenciosa gratidão antes de continuar, "Todo Elite neste reino despreza os Ordinários. Ser pago para espalhar mentiras sobre eles era apenas um bônus para os Curandeiros. E o rei," ela acrescenta quase sem jeito, "tirou vantagem desse ódio. Ele tentou comprar o silêncio do meu pai, mais de uma vez. Mas ele foi um dos únicos Curandeiros que ficaram nas favelas, ciente das mentiras, mas incapaz de fazer algo sobre elas."

"Então ele começou a Resistência," Kitt suspira, ainda evitando o olhar arregalado de Paedyn. "Calum me contou todos os detalhes. Assim como a carta que o Pai me deixou." Ele parece tão cansado quanto soa quando seus dedos começam a massagear o vinco entre suas sobrancelhas. "Eu sei das mentiras que os Curandeiros espalham há décadas."

Paedyn engole em seco. "E você vai contar isso ao reino?"

Kitt acena com a mão desdenhosa. "Sim. Embora eu vá transformar a verdade em algo mais atraente. Posso ter passado a desprezar meu pai nas últimas semanas, mas isso não significa que eu queira manchar o nome da nossa família." Ele se inclina para frente, então, olhando para o anel na mão dela que eu não consigo me obrigar a olhar. "Eu protegerei o legado Azer. Mas..." Suas próximas palavras são relutantes. "Eu também protegerei você, Paedyn. O reino será informado de uma variação do que realmente aconteceu fora daquela arena entre você e o rei."

Há uma ponta em sua voz, uma amargura que não reconheço nele. E não parece ser direcionada a mim. Deixando o pensamento de lado, aceno em direção à mesa encharcada de pergaminho. "E os registros e Calum? Eles convenceram você a mudar Ilya?"

Virando-se para mim, a expressão de Kitt suaviza. "Não foi imediato. Eu tinha falado com Calum várias vezes, tentando obter informações sobre o ataque. Só que ele falou principalmente sobre o porquê de haver uma Resistência em primeiro lugar. Aprendi mais sobre as favelas e a privação para as quais o reino — meu reino — estava caminhando." Seu olhar se volta para Paedyn. "Tudo ele disse que combinava

perfeitamente com o que eu tinha visto no dia em que você me tirou do castelo. Agora sei como isso foi pouco mais que uma traição à Resistência"—ele quase ri então—"mas, mesmo assim, ajudou a abrir meus olhos.

"Calum, Leitor de Mentes que ele é, sabia que eu estava começando a ver a verdade. Ele me aconselhou, sugeriu que eu me casasse com Paedyn para salvar Ilya. Eu não ia. Não a princípio." O rei olha para mim. "Mas eu visitei a rainha — sua mãe — e ela me contou sobre a carta que meu pai havia deixado para mim. Era um plano, ela disse, para o futuro que Edric desejava que Ilya tivesse. Algo que cada rei passa para o próximo."

Ele faz uma pausa para limpar a garganta. "Foi só depois de ler que percebi o que precisava ser feito. O pai não se importava com Ilya — ele odiava os Ordinários. E os registros condenatórios de nosso suprimento de alimentos decrescente e superpopulação eram prova disso. Ele falhou em criar uma sociedade de Elite, e agora devemos enfrentar as consequências."

Cada palavra soa com desgosto e traição. E estou feliz por isso. Finalmente, depois de todos esses anos tentando agradá-lo, Kitt vê nosso pai como ele é — era. A expressão de Paedyn reflete a do rei, como se ele tivesse cuspido cada pedaço de repulsa em seu rosto.

"Suas esperanças para Ilya eram paralisantes. Simplórias. E ele queria que eu as continuasse para ele." Kitt balança a cabeça em reminiscência de uma época em que ele teria feito qualquer coisa por nosso pai. "Ele estava destruindo este reino por uma causa fútil. Era grandeza que ele almejava, e em vez disso, ele alcançou a mediocridade."

Minhas sobrancelhas se erguem, como se flutuassem pela onda de choque que me inundava. Este certamente não é o irmão que deixei poucas semanas antes. Algo mudou, decorrente de algo aparentemente insignificante como decepção.

"Então", Paedyn se aventura com ceticismo, "você não quer mais obedecer aos desejos do seu pai?"

Ela pergunta isso sabendo muito bem da reputação de Kitt. Toda a sua vida foi gasta visando agradar um único homem que ele agora desafiou com um único decreto. Meu olhar se volta para o rei sentado diante de nós, observando as palavras caírem de lábios tingidos com um sorriso. "Por que obedecer a um homem quando eu posso ser um muito maior? Eu já pensei que os planos do Pai para este reino valiam minha lealdade inabalável, mas agora vejo que não valem."

É difícil tentar lutar contra meu sorriso.

Kitt finalmente se libertou do aperto sufocante do pai.

"Você está fazendo isso apenas para salvar Ilya." Não é uma pergunta do Salvador de Prata, mas sim uma declaração de decepção.

Kitt entrelaça os dedos sobre a mesa. "Eu faço isso para nos tornar grandes."

"Você não se importa com um reino unificado?" Paedyn rebate.

"Não é por isso que estou fazendo isso." A voz do rei permanece firme diante do escrutínio de Pae. "É, para alguns, um resultado positivo, embora eu não me importe muito com os poderes dos Elites diminuindo devido ao repovoamento com Ordinários. Mundanos já compõem metade de nossos números. Mas lidaremos com isso mais tarde."

Prendo a respiração enquanto Paedyn considera isso por um momento. E quando

ela se inclina sobre a mesa, eu também o faço. “Sonhei com um Ilya livre e unido a minha vida toda, e se essa é a única maneira de conseguir isso, então que assim seja.” Sua voz fica hesitante. “Mas parece que tenho o resto da minha vida para mudar sua perspectiva sobre os Ordinários.”

Kitt abaixa a cabeça. “Tudo mudou. E agora eu também desejo que todos nós estejamos unidos.”

Meu coração bate forte contra meu peito, batendo por ela, batendo por cada momento que talvez nunca possamos passar juntos. E quando as palavras finalmente saem de seus lábios, ela poderia muito bem ter cravado uma adaga em minhas costas como prometeu há tanto tempo.

“Então eu me casarei com você, Kitt. Para salvar este reino de si mesmo.”



CAPÍTULO 6

Pedyn-P ...

“Lembre -se de manter as costas retas. Ah, e tente parecer agradável.”

Faço uma careta atrás da cortina do camarim, totalmente ciente de que Ellie não consegue ver de onde ela está do outro lado. "Agradável?"

Posso ouvir o sorriso hesitante em sua voz. “Sabe, talvez sorria um pouco. Sem fazer cara feia para os membros da corte.”

“Mas isso é muito mais agradável para mim”, digo melancolicamente. Porque essa é a verdade, em mais de uma maneira. Dói menos franzir a testa. Não há nenhuma sensação aguda e abrasadora que acompanha a curva para baixo dos meus lábios. Mas um sorriso foi rapidamente associado à dor, deixando pouca alegria para permanecer na ação.

Meus dedos habilmente percorrem a cicatriz irregular que corre pela lateral do meu pescoço, parando apenas quando ela alcança minha clavícula e a escultura abaixo dela. Como braille, a carne cortada conta uma história. Cada arrasto da espada do rei é traçado ao longo da minha pele, incrustado em meu próprio ser.

“Você está bem aí atrás?” A voz de Ellie se aproxima. “Aqui, deixe-me ajudá-la—”

"Não", ordeno, a palavra dura o suficiente para chocar até a mim.

O comando é recebido com um longo e insuportável silêncio do outro lado da tela. Até que finalmente, um suave "Oh, okay" timidamente chega aos meus ouvidos.

Respiro fundo, já me arrependendo do meu comando cortado. Mas não vou deixá-la ver minha pele marcada, o *O* marcado acima do meu coração. Esse pedaço de mim só foi compartilhado com Kai. E pretendo mantê-lo assim.

Meus dedos brincam com a linha de pequenos botões em cascata no centro do vestido. Resmungando baixinho, finalmente consigo prender o último. Só então, depois de garantir que o decote quadrado cubra completamente a marca da minha fraqueza, eu me revelo para uma Ellie inquieta.

“Oh, é adorável.” Ela se move para ficar atrás de mim, hesitando um pouco. “Hum, posso apertar essa gravata para você?”

Engulo em seco, mais uma vez envergonhada por ter gritado com ela. Meu pedido de desculpas toma a forma de um sorriso levemente dolorido. "Sim, claro."

Ela faz um trabalho rápido na gravata, roubando meu fôlego a cada puxão. "Você acha que Adena gostaria deste vestido?"

A pergunta de Ellie me faz parar, e sua imobilidade repentina me diz que ela não pretendia perguntar. Mas pela primeira vez desde sua morte, o som do nome de Adena não parece uma faca torcida no estômago. Não, eu quero me lembrar dela assim. Vê-la na costura de um vestido ou nos raios do sol. Vê-la brilhar a cada segundo enquanto eu permanecer respirando o ar que ela não pode mais.

Olho para o espelho ao meu lado, estudando os planos do vestido. "Ela gostaria da cor", digo suavemente. A respiração aliviada de Ellie faz cócegas na parte de trás do

meu pescoço. "Ela diria que o azul profundo realça meus olhos. Mas Plague sabe que ela garantiria que a saia fosse... ugh, o que ela diria?" Olho para o tecido drapeado até meus olhos enrugarem com a lembrança repentina. "Voluptuosa. Essa é a palavra."

Ellie ri baixinho, dando um passo ao meu lado para examinar o vestido completamente. "Sim, isso parece com ela."

Eu corro minhas palmas suadas sobre o corpete apertado, evitando meu próprio olhar no espelho. "Venha", Ellie diz suavemente. "Vamos fazer esses olhos azuis se destacarem ainda mais."

Ela me conduz até a penteadeira, onde me sento rigidamente em cima do banco almofadado. Meus cílios logo ficam cobertos de carvão, o rosto empoado e os hematomas escondidos. Ela pinta meus lábios de um vermelho profundo, talvez para combinar com o sangue que sempre cobre minhas mãos—

Minha respiração fica presa com a comparação que minha mente confusa fez. Mantenho meu olhar abaixado após o pensamento chocante, me escondendo do meu próprio reflexo no espelho. Porque estou com medo do que verei lá. Será a garota quebrada me encarando de volta, ou a rainha traidora que logo me tornarei?

"Pedyn?"

"Hmm?" Meu olhar se ergue para Ellie, encontrando-a me encarando em questionamento. "Desculpe, você disse alguma coisa?"

Ela sorri confortavelmente. "Sim, eu perguntei o que você queria que eu fizesse com seu cabelo."

"Ah, hum, deixa pra lá." Eu concordo distraidamente. "Vai ajudar a cobrir minha cicatriz."

Outro sorriso triste. Não é o primeiro que ela me dá. "Certo." Afastando-se, ela examina meu rosto. "Você parece..."

Ellie para de falar, e isso me preocupa muito. "O quê? Se eu parecer ridícula, por favor, me diga."

"Não. Não, de jeito nenhum." Seu olhar se demora sobre o comprimento de mim. "Você parece... endurecido, de certa forma."

Essas palavras não me surpreendem. Mas as próximas, sim.

"Na verdade, você parece uma rainha."

Giro o anel do meu pai sob a mesa enorme, apenas para me distrair do anel estrangeiro que agora está circulando um dedo próximo.

Me mexendo na minha cadeira de pelúcia, dou uma olhada furtiva pelo comprimento da madeira para descobrir que quase todos os olhares já estão presos em mim. Levanto meu queixo ligeiramente antes de reunir uma fachada fria como minha única defesa contra tantos olhares curiosos.

A mesa colossal fica no centro da sala do trono, e mesmo apesar do seu tamanho impressionante, a corte é completamente apertada ao redor dela. Meu olhar sobe da extensão de madeira escura até pousar em...

Conforto. Alívio. Ele.

Olhos cinzentos passam rapidamente entre os meus, suaves daquele jeito que só são quando olham para mim. Essa corda entre nós fica tensa, pesada com o peso de tantas palavras não ditas. Mas mesmo os laços mais fortes se desgastam com o tempo. Será a morte lenta de nós, passando todos os dias um ao lado do outro, mas nunca

verdadeiramente juntos.

O olhar de Kai se desvia do meu quando as portas se abrem.

Todos os corpos aglomerados na beirada da mesa se levantam quando o rei entra na sala. Tendo passado a vida aprendendo a me misturar, rapidamente fico ao lado deles. Quando meus olhos se levantam para encontrar Kitt, é para o irmão dele que eles encontram o caminho de volta — uma repetição do passado da qual não consigo escapar. Sua túnica preta é cortada rente ao corpo por baixo, escura como as ondas de ébano que caem sobre sua testa. Como se sentisse meu olhar, ele puxa aqueles braços fortes para trás das costas e me dá uma piscadela rápida.

Eu abaixo minha cabeça, escondendo a contração dos meus lábios. Então eu guardo nosso momento naquela parte silenciosa da minha mente, bem ao lado dos outros. Só para o caso de nunca termos a chance de compartilhar outro.

Kitt caminha até a cabeceira da longa mesa, onde Kai flanqueia sua direita e eu sua esquerda. É somente depois que o rei se abaixa em seu assento extravagante que a corte o segue, entorpecidamente sentando-se de volta em seu próprio assento.

"Boa tarde", Kitt cumprimenta calorosamente. "Gostaria de agradecer a todos vocês primeiro por se juntar a mim nesta reunião. Sei que há muito a discutir e ainda mais a responder."

A realeza absoluta que ele exala ainda é chocante, de uma forma meio triste. Sinto falta do garoto despreocupado que ele era antes de uma coroa ser colocada em sua cabeça. Antes de eu o pressionar para ser assim.

Mas sua própria vida levou a esse momento, a esse governo de um reino. E isso combina mais com ele do que eu poderia imaginar. Ou talvez seja minha esperança reavivada por Ilya que me faz olhar para ele de repente com respeito em vez de repulsa.

Tudo mudou naquele estudo, a história não foi escrita e as lealdades foram reformadas. Kitt parece igualmente pouco entusiasmado com nosso noivado, e eu me pergunto cautelosamente sobre seus sentimentos por mim. O quanto o rei me despreza por matar o pai com quem ele tanto se importava? Nosso casamento não será nada mais do que uma união política, mas se formos feitos para passar o resto de nossas vidas juntos, espero restaurar alguma semelhança da amizade que tivemos. Isto é, se ele ao menos quiser.

"Para começar, vou primeiro abordar os terríveis mal-entendidos que todos nós acreditávamos ser verdade." O olhar de Kitt viaja pela mesa. "Espero então que os raciocínios por trás da minha decisão fiquem claros."

Respiro fundo, endireitando minha espinha como Ellie sugeriu. Mas não arrumo minhas feições em algo que se assemelhe a uma brincadeira. Em vez disso, permaneço severo, fingindo força diante de um reino tão ansioso para me derrubar.

"Décadas atrás, os Curandeiros alegaram ter encontrado uma doença indetectável escondida no sangue dos Ordinários." A voz de Kitt carrega, soando tanto como o rei diante dele que quase estremeço. "Com exposição prolongada, dizia-se que essa doença enfraquecia os poderes dos Elites. E desde que me tornei seu rei, descobri que essa história é uma mentira."

O caos irrompe ao redor da mesa. Sento-me silenciosamente dentro dela, meu coração batendo enquanto as palavras libertadoras de Kitt pairam no ar. Nunca pensei que ouviria a verdade dos lábios de um rei.

Eu me inclino levemente, procurando seu rosto. Mas ele não encontra meu olhar, não olha em minha direção enquanto afirma: "Vendo que Ilya era um reino tão fraco antes da Peste, o Rei Edric fez o que acreditava ser melhor — baniu os Ordinários. Ele fez isso para preservar nossa força de Elite, oferecendo uma história que os Curandeiros apoiaram ansiosamente. Vocês — o povo — precisaram de pouca convicção para livrar nosso reino daqueles que não tinham poder."

Olhares confusos são lançados ao redor da mesa, seguidos por acusações abafadas. A voz do rei corta todos eles. “Meu pai fortaleceu muito nosso reino no passado, e por isso, todos nós deveríamos ser gratos. Mas agora ele involuntariamente nos enfraqueceu ao cortar nossos recursos, deixando-me fazer o que devo para nos salvar.” Uma longa pausa, um afundamento de palavras. “Então, daremos as boas-vindas aos Ordinários de volta a Ilya.”

Meus lábios se contorcem em um sorriso.

Depois de décadas de mentiras, nós, Ordinários, merecemos uma revelação muito maior, uma proclamação por todo o reino. Mas este é o melhor pedido de desculpas que um rei Elite dará. Então eu me deleito com isso.

As palavras de Kitt provocam uma erupção que ondula pela mesa. Homens e mulheres de todas as idades se levantam, gritando incoerentemente enquanto o mundo que eles governavam agora se move abaixo deles. Kitt levanta a mão em uma tentativa fraca de retomar o controle. Mas o caos continua seu curso destrutivo, me forçando a desviar de uma cotovelada voadora à minha direita.

“Se você deseja perder a língua, por favor, continue falando sobre seu rei.”

A ameaça casual de Kai atravessa a sala, fechando até mesmo as bocas mais ansiosas. Com um último olhar para a corte, o Enforcer gesticula casualmente para seu rei, incitando-o a continuar.

O olhar verde de Kitt transborda de gratidão. Ele olha para Kai como se ele já tivesse tinha — como um irmão. Mas o momento passa rápido demais. Sem aviso, ele de repente se transforma de volta em um rei falando com sua corte. “Sei que isso é um ajuste. Fiquei chocado ao saber do engano do meu pai, embora tenha beneficiado a todos nós. Ele era um homem severo que mataria alegremente por poder — como a maioria dos reis. E depois de falar com Calum, percebi que a Resistência era simplesmente uma voz para aqueles Ordinários inofensivos.” Ele deixa as palavras penetrarem antes de dizer mais. “Bani-los, como meu pai fez uma vez, fortaleceu nossa cidade uma vez. Permiti-los de volta agora fará o mesmo.”

Meus ouvidos zumbem levemente enquanto solto um suspiro trêmulo. Nunca pensei que esse dia chegaria, nunca imaginei viver em um mundo onde eu não tivesse mais que esconder o que eu não era. Kitt pode estar apenas permitindo que Ordinários voltem para Ilya para apaziguar os reinos ao redor, mas é um começo.

Um homem se levanta do outro lado da mesa, e meus olhos caem no alfinete do brasão de Ilya que o nomeia porta-voz da corte. Sua cabeça de cabelo menta é a próxima a chamar minha atenção, seguida pelas palavras que ele profere uniformemente. "Mesmo sem uma doença, eles vão diminuir nosso poder se nos reproduzirmos com eles."

Eles.

Eu não tinha percebido que minhas mãos estavam fechadas em punhos sob a mesa até que minhas unhas ameaçaram tirar sangue. “Com o tempo, talvez,” Kitt estava

dizendo. “Pelo que sabemos, pode haver benefícios em misturar o sangue de Elites e Ordinários. Mas você descobrirá que Ordinários dispostos a procriar com uma Elite são poucos e distantes entre si.”

Perguntas começam a voar pela sala, ecoando nos muitos pilares de mármore que a emolduram. "E ela?" Minha cabeça se vira rapidamente em direção à acusação gritada para encontrar um homem barbudo apontando seu dedo grosso para meu rosto. "E seus herdeiros? Você vai manchar sua linhagem real com o sangue de um Ordinário?"

Meu estômago se revira, os pulmões de repente ficam muito apertados sob o tecido apertado do meu vestido. Kai se levanta bruscamente e quase derruba a cadeira atrás dele. Eu também me levanto, me preparando para ficar entre meu Enforcer e o homem testando sua paciência.

“Chega.” É o rei que diz isso, desarmando Kai com a palavra severa. “Não terei meu julgamento questionado, nem minha futura linhagem. Se o herdeiro do meu trono possuir menos poder, então que assim seja. Esse é um pequeno preço a pagar por um reino próspero.”

As palavras dele deveriam me assustar mais, mas eu sempre soube do amor de Kitt por Ilya. Só por isso ele está disposto a sacrificar poder. Não pelos Ordinários. Não por mim.

Uma mulher está de pé sobre sapatos de salto, seu vestido imaculado. Ela é a imagem perfeita do privilégio da Elite Ofensiva. “Nada disso muda o fato de que ela é uma criminosa. Uma matadora de reis!”

Não consigo evitar estremecer com o alvoroço que se segue às suas palavras. Mãos se levantam em objeção, suas vozes fazendo o mesmo. Meu olhar sobe lentamente para Kitt, esperando que palavras ele junte. É minha vida — ou melhor, minha morte iminente — que ele agora segura na palma da mão.

Uma percepção aterrorizante percorre meu corpo, aquecendo minhas bochechas com o sangue que Kitt provavelmente deseja derramar. Ele deve doer para atender a esses pedidos gritados por justiça. Depois de tudo o que fiz, ele ia me matar. Isto é, até que eu me tornasse útil para ele.

A voz de Kitt é calma, os olhos evitando os meus habilmente. “Paedyn estava se defendendo.” É uma explicação simples e desafiadora que ninguém ousará se opor. “Meu pai sofreu um golpe profundo na cabeça durante o caos antes de tropeçar em Paedyn. Devido aos ferimentos, ele estava confuso e não estava em seu perfeito juízo. Em seu estado nebuloso, ele foi atrás dela, forçando a Srta. Gray a se defender dele. Agora, não ouvirei mais nada sobre o assunto.”

A cicatriz acima do meu coração queima, como se quisesse me lembrar do que realmente aconteceu naquele dia.

“... Deixarei minha marca em seu coração, para que você não esqueça quem o quebrou.”

Meus olhos caem para as mãos fechadas em meu colo. Elas tremem levemente, ondulando o tecido azul por baixo. Posso sentir a marca do punho da espada, lembrar a quantidade exata de pressão usada para enfiar a lâmina no peito de Edric Azer. Sinto o estalar de uma adaga, a liberação de uma corda de arco, o mergulho de uma espada.

Cada morte que causei vive nas linhas dessas mãos. E temo quem se encontrará sob seu próximo toque calejado.

“Folhetos serão distribuídos por toda a cidade.” Eu pisco de volta para o presente,

as palavras de Kitt enchendo meus ouvidos abafados. “Eles anunciarão nosso noivado com Ilya, mas o mais importante, para as cidades vizinhas. Enviarei mensageiros para Dor e Tando enquanto procuro uma maneira de entregar as notícias para Izram. Nestes pergaminhos estará o que falamos hoje, cada raciocínio e explicação. Em dois dias, faremos um desfile em comemoração. E quaisquer Ordinários restantes dentro do reino, ou qualquer um fora dele, nesse caso, serão bem-vindos.”

Bocas se abrem em uníssono ao redor da mesa, mas o rei está falando antes que o som consiga escapar delas. “Isso é tudo. Obrigado pelo seu tempo.”

Eu praticamente posso ouvir mandíbulas se fechando com a dispensa. Kitt então se levanta e, após um momento de hesitação, estende a mão para mim. Meus olhos deslizam para Kai, mesmo enquanto eu lentamente alcanço seu irmão. Mas ele não olha para mim. Não, o olhar do Enforcer está na palma que coloquei sobre a do rei, ficando mais escuro a cada segundo que nossa pele roça.

E enquanto saímos da sala, de mãos dadas, olho para Kai e leio a mensagem contida neles.

Fingir.



CAPÍTULO 7

Pedyn-P ...

Ela dorme profundamente à minha direita, como sempre faz.

Ombro a ombro, tecido ao rosto, olhar para as estrelas.

Áspero sob minhas costas está o tapete, empilhado com pedaços de pano que fazem cócegas em minha pele. A noite é um conforto, penteando dedos frios pelo meu cabelo, me aconchegando sob um cobertor de estrelas. Elas brilham acima enquanto piscam preguiçosamente para o par familiar de nós.

Este é o lar, por mais não convencional que seja. Por mais quebrados que sejam seus habitantes.

O pensamento sombrio me assusta e me faz sentar.

Porque eu sou a única coisa sombria que ocupa este forte.

Adena está inteira, brilhante e incrivelmente imaculada. Eu me viro para encará-la, meus olhos pesados com a névoa do sono. Levantando uma mão preguiçosa, eu afasto a franja irregular que se enrola no topo de sua testa. Quando meus dedos encontram sua pele, eu me afasto bruscamente com a sensação gelada dela.

Ela se sente como a própria morte.

Não, isso não pode estar certo.

Adena é a pessoa mais viva que eu conheço. Ela nunca poderia se sentir menos que isso.

Hesitante, eu a alcanço novamente. Meu dedo traça a curva de sua bochecha fria, logo abaixo do crescente de cílios escuros espalhados sobre sua pele. A lua lança um brilho doentio sobre sua pele antes brilhante. Não, não a lua — é a sombra da Morte que ela usa.

Com os olhos arregalados, inclino-me completamente sobre ela.

Minha mente fica nebulosa, focada totalmente na figura familiar que, no momento, não se parece em nada com a garota que eu conheço. Minha palma encontra sua bochecha, dando leves tapinhas em sua pele gelada.

Nada.

Eu sacudo seus ombros imóveis.

Um sussurro suplicante sai da minha língua.

“Adena, acorde. Eu preciso de você.”

Então eu grito para sua forma encharcada de morte para viver. Eu poderia até ter gritado.

“A, por favor!”

Um baque surdo chega aos meus ouvidos, soando igualmente próximo e distante.

Minha cabeça gira em busca da repetição sinistra. Examino o beco escuro, apertando os olhos para as sombras mutáveis.

Outro baque, este mais alto que o anterior. O som é nítido, claro o suficiente para me fazer sacudir minha cabeça freneticamente em todas as direções enquanto procuro

a fonte. E quando finalmente vislumbro a imagem horripilante que o acompanha—

Um suspiro estrangulado sobe pela minha garganta, rasgando o silêncio trêmulo.

Há um galho ensanguentado espetado no peito de Adena.

Eu engulo um grito, meus pulmões estão apertados demais. Sangue floresce sob a camisa lilás, manchando sua cor favorita com a vida minguante.

Observo com horror o galho se erguer, como se estivesse sendo guiado por alguém mão invisível, e começa um mergulho nauseante de volta para o peito. Ele afunda fundo o suficiente para bater contra o carpete duro abaixo, resultando naquele baque horrível.

Eu grito de novo. Grito cada vez que aquele galho sobe e desce, repetidamente.

Eu o arranho, lutando contra cada batida doentia. Casca áspera morde minha palma, jorrando sangue pegajoso da pele rasgada. Eu puxo o galho e ele ainda afunda implacavelmente em seu peito.

Minhas mãos tremem, lágrimas correm.

Baque. Baque. Baque.

Ele a atravessa, parando apenas quando encontra o tapete. Mas ainda assim, não para para meus gritos ou lamúrias suplicantes.

Ela se foi. Ela se foi. Ela—

Meus olhos se abrem rapidamente e são recebidos pela sombra.

Uma figura paira sobre mim, e não hesito antes de deslizar minha mão por baixo de um travesseiro para encontrar a faca que eu tinha arrancado da minha bandeja de jantar. Não é minha primeira arma de escolha, mas provavelmente é afiada o suficiente para dar um fim doloroso a quem quer que seja que—

"Pai."

Sua voz acalma o mar de pânico que começa a crescer em meu peito. Uma mão calejada agarra o pulso que levantei em direção à sua garganta, interrompendo o arco rápido da minha lâmina emprestada. "Calma", Kai respira, o corpo tenso enquanto se inclina sobre o meu.

Olhos se ajustando à luz fraca, eu posso apenas ver sua figura felpuda na beirada da minha cama. Estou quase cambaleando para fora dela, pele pegajosa e peito arfando. Seu corpo se move para mais perto, uma mão em concha em volta do meu pulso levantado enquanto a outra está apoiada ao lado da minha cabeça, afundando no travesseiro macio.

"Foi só um pesadelo," ele sussurra, abaixando lentamente nossas mãos juntas até a lâmina cair no colchão. "Você está bem. Eu estou bem aqui."

Um pesadelo é um eufemismo. Isso... isso foi uma tortura.

Eu pisco para o rosto que não consigo ver, e ainda assim, imagino tudo do mesmo jeito. "Como... como você entrou aqui?"

Seus dedos roçam minha testa, afastando os fios pegajosos de cabelo ali. "Eu ouvi você gritar. E nada... *nada* me aterrorizou mais." Eu o ouço engolir. Sinto um toque de seu polegar na minha bochecha. "E não parou. Você continuou gritando. Então..." Uma pausa. "Nós dois sabemos que será preciso mais do que uma porta trancada para me manter longe de você."

Meus olhos viajam por cima de seu ombro sombreado para encontrar um buraco aberto onde antes ficava minha porta. Agora ela decora o chão, tendo caído desajeitadamente no chão.

O estrondo no meu sonho. Aquilo era real—era isto.

Ele tinha chutado a maldita porta.

“Não posso ter privacidade aqui?”, brinco fracamente, a voz ainda trêmula com os resquícios do meu pesadelo.

“Privacidade?” Sua risada desliza pela minha espinha, despertando meus sentidos sonolentos. “Querida, eu estaria nesta cama ao seu lado se meu irmão não tivesse colocado um anel em seu dedo.”

Sua boca paira perigosamente perto da minha. Especialmente considerando a distração que estou buscando — e cada centímetro dele definitivamente fará o truque. Eu o quero desesperadamente. Imprudentemente. E a personificação desses sentimentos sai dos meus lábios na forma de uma única frase traiçoeira. "Então deslize para fora."

Sinto sua cabeça balançar acima de mim, sinto seu nariz esfregar contra o meu. Ele geme suavemente de uma forma que me diz que está se contendo para não obedecer alegremente ao meu comando. Os dedos ásperos que não estão segurando meu maxilar no momento encontram o caminho para a faixa em volta do meu dedo. "Eu poderia", ele murmura. "Tão facilmente, eu poderia." Seu polegar desliza sobre meus dedos. "O problema não seria tirar esse anel. Seria me fazer colocá-lo de volta."

Fechei os olhos, como se isso pudesse me esconder de suas palavras. Da lembrança do meu destino. Estou noiva do rei e, ainda assim, meu coração bate por seu irmão. "Eu sei", sussurro, incapaz de reunir mais alguma coisa.

Vários momentos longos e silenciosos deslizam entre nós. Seu polegar roça círculos ociosos no topo da minha mão — um conforto delicado, e ainda assim, eu poderia desmoronar sob a sensação disso. Então seu toque muda para acariciar os fios curtos de cabelo atrás da minha orelha. Sinto seu murmúrio seguinte na minha pele, ouço o sorriso escondido entre cada sílaba. "Uma faca de manteiga? Sério?"

“É tudo o que tenho no momento”, resmungo.

“Bom, isso não vai dar.” Ele dá um peteleco no meu nariz de leve. “E se alguém tivesse invadido seus aposentos?”

Não consigo evitar a risada que sai de mim. “Parece que alguém já fez isso. Mas não se preocupe, Prince.” Meus dedos brincam com uma mecha de cabelo escuro caindo sobre sua testa. “Eu posso causar muitos danos com um sapato.”

“Oh, eu estou bem ciente.” Suas palavras são um sussurro contra meus lábios. “Você é devastador, Pae.”

E então ele me pega em seus braços.

Eu grito de surpresa, tendo sido varrida do colchão. Cobertores deslizam da minha pele, escapando da roupa de dormir sedosa que Ellie tinha separado para mim. Uma mão forte segura a parte de trás dos meus joelhos enquanto a outra está enrolada em meus ombros nus. O calor do seu corpo penetra através das minhas calças finas e da regata que a acompanha enquanto eu passo um braço firme em volta do seu pescoço. "O que-" Ele se vira, me fazendo pausar minha acusação enquanto ele casualmente atravessa a porta caída. "O que você está fazendo?"

“Roubando você”, ele diz simplesmente.

Abro a boca para protestar, mas suas palavras sussurradas em meu ouvido me fazem ficar em silêncio.

“Hoje à noite, fingimos.”

Galhos se arrastam pelo chão, nos envolvendo em um abraço frondoso.

A mão de Kai é firme em volta da minha enquanto ele me guia por baixo da parte inferior chorosa do salgueiro. O luar flui através de galhos finos, salpicando o chão com lascas de luz prateada. No centro de tudo isso está um tronco iminente, suas raízes agarradas à terra e ondulando através da grama macia.

Minha palma escorrega da de Kai quando ele de repente afunda no chão, esparramando-se sobre ele com um suspiro. Ele não oferece uma explicação antes de se sentar e plantar mãos firmes em meus quadris. Estou sendo puxada em direção à grama antes mesmo de ter a chance de protestar.

Enredado em seus braços, meu corpo tomba sobre ele desajeitadamente. Ele abraça minha descida desajeitada, alegremente envolvendo seus braços mais apertados em volta de mim, mesmo depois que eu tirei o ar de seus pulmões. Eu rio, ombros tremendo de onde estou deitada torta sobre seu peito. Ao som raro, seus dedos calejados apertam o tecido fino da minha blusa, prendendo-se na seda.

Minha cabeça se inclina contra a dele. "Isso definitivamente não é permitido." Ele cantarola em questionamento, o som vibrando contra minhas costas. "Nós aqui fora. Sozinhos. Na calada da noite."

“Poderia ser pior”, ele murmura. “Poderíamos ter ficado nos aposentos da rainha. Sozinhos e na calada da noite.”

Minhas bochechas coram. “Pensando bem, prefiro muito mais o ar da noite.”

Ele ri ao lado do meu ouvido, me forçando a suprimir um arrepio. Meus dedos encontram uma das mãos que ele está espalhada sobre meu estômago, sentindo a pele áspera salpicada de cicatrizes. É só quando eu roço seus nós dos dedos que eu ainda estou em seu aperto.

“É por isso que você me ouviu gritar.” Viro meu rosto para ele, a voz suave. “Você estava treinando.”

Sua pele está coberta de crostas, os nós dos dedos endurecidos com os restos de sangue. O sorriso triste que ele usa brilha em sua voz. “Nada passa por você, Pequena Psíquica. Eu estava indo para o meu quarto depois de ficar no pátio de treinamento a maior parte da noite. Não consegui dormir”, ele acrescenta, o esclarecimento uma reflexão tardia. “Foi quando eu ouvi você.”

Concordo lentamente, reunindo minha coragem. “Eu estava sonhando com ela.”

Sinto seu peito parar abaixo de mim. Ele sabe exatamente a quem estou me referindo. “Imagino que não tenha sido um sonho agradável.”

“Não.” Eu quase rio. “Começou assim, o que de alguma forma tornou tudo muito pior.”

A voz dele é áspera. “Sinto muito que você seja forçado a reviver aquele momento toda vez que fecha os olhos.”

“Nem sempre.” Eu me movo, deslizando de seu peito para sentar ao lado dele. “Não quando estou com você.”

Ele se apoia em um cotovelo, puxando minha regata até que eu esteja me inclinando em direção a ele. "Então eu nunca vou sair do seu lado."

Eu o encaro. “Não faça promessas que não pode cumprir.”

“Não são promessas que eu quero cumprir, é você.”

Suas palavras nunca deixam de fazer meu estômago revirar, meu coração vibrar,

meus lábios ficarem em silêncio. Então, eu bato na ponta do seu nariz com um suave "Você é um poeta e tanto, Prince."

O luar se acumula na covinha que acompanha seu sorriso. “E você, a musa, querida.”

Meus joelhos vestidos de seda afundam na grama beijada pelo orvalho, ficando mais úmidos a cada segundo. "Essa vai ser a nossa vida?", sussurro de repente, evitando seu olhar. "Fingindo para sempre, fugindo da realidade para roubar alguns momentos juntos?"

“Sabe,” ele suspira, “eu imaginei um para sempre diferente para nós. Um que acontecesse longe daqui. Mas se isso for tudo o que tivermos...” Ele faz uma pausa, olhos tão prateados quanto os raios de luar caindo sobre nós. “Então faremos a maior parte disso. Eu serei seu Enforcer. Seu rival. Seu segredo esperando sob o salgueiro.”

A menção à árvore que nos envolve fez meu olhar vagar até sua grande base e a grama que ali crescia.

Sua irmã está enterrada sob este pedaço de terra, seu corpo embalado por raízes entrelaçadas.

Minha voz está estranhamente abafada. “Está tudo bem eu estar aqui? Debaixo do salgueiro dela?”

“Tenho certeza de que Ava não vai se importar com a companhia.” Seu sorriso é brilhante contra a escuridão, inesperado neste momento. “Além disso, esta não é sua primeira vez aqui. Eu quase te despi debaixo desses mesmos galhos durante o segundo baile.”

A lembrança do pânico avassalador daquela noite volta à tona, junto com a sensação inesquecível dos dedos dele desfazendo os cadarços do meu vestido. "Ah, sim, eu lembro."

“Com carinho, espero.”

Eu zombo levemente antes de me inclinar para mais perto. “Eu também me lembro do jogo que jogamos debaixo desta árvore. E como eu ganhei de você nele.” Ele está balançando a cabeça para mim. “Agora *essa* é uma lembrança querida.”

“Primeiro,” ele começa friamente, “o jogo era uma guerra de polegares. Segundo, você é cheio de merda, Silver Savior.”

Minha boca se abre, chocada com sua acusação. Mas é uma risadinha ofegante que escapa quando ele se senta de repente para me puxar para mais perto pela cintura. Sou puxada para seu colo na próxima batida estrondosa do meu coração. Ele envolve minhas pernas atrás de suas costas, deixando-me totalmente empoleirada em cima das suas cruzadas.

“Ótimo.” Eu sorrio. “Revanche.”

“Oh, meu lindo Pae.” Suas palavras são um murmúrio contra meus lábios. “Por uma vez, sou eu quem será sua ruína.”

E neste momento, eu imploraria para que ele fosse apenas isso. Daria qualquer coisa para viver o resto dos meus dias sob este salgueiro e em seus braços.

Então, memorizo cada sombra do seu rosto, cada sombra dessa fantasia vívida diante de mim.

Ele beija a ponta do meu polegar antes da guerra começar.



CAPÍTULO 8

Kai

deles estão se tocando.

A carruagem sacode novamente, apenas os deslizando para mais perto um do outro. Estou sentado em frente ao casal real, com os joelhos balançando e a cabeça inclinada contra o encosto alto do meu assento barulhento. Esta carruagem em particular está aberta para o céu, como se a metade superior dela tivesse sido cortada completamente. Várias carruagens decoradas seguem atrás e à nossa frente, todas cobertas com faixas verdes usando o brasão espiralado de Ilya.

Uma brisa suave agita o cabelo que cai sobre minha testa, forçando meus dedos a penteá-lo continuamente. O sol se derrama sobre nós para espiarmos curiosamente o arranjo desconfortável e silencioso dos assentos. Apoiando um cotovelo na porta encurtada, levanto uma mão para proteger meus olhos.

E ela é a primeira coisa em que meu olhar pousa.

Os raios dourados do sol se entrelaçam com seus cabelos prateados, tecendo-se ao longo do seu curto comprimento para me cegar completamente. Seu corpo está envolto em esmeralda, o tecido agarrado aos seus quadris, cobrindo suas pernas—

E o joelho que ainda toca o dele.

Desvio o olhar, tamborilando os dedos que desejam tocá-la na saliência.

“É um dia lindo”, ela diz, com o que parece desconforto. “Perfeito para o desfile.”

“Sim, não poderíamos ter pedido um clima melhor”, Kitt concorda distantemente. “Você não acha, irmão?”

Seu tom muda drasticamente quando direcionado a mim, agora leve e alegre. Meus olhos se erguem para os dele, encontrando um brilho familiar de travessura neles. "Por que, sim, eu amo cozinhar sob o sol."

Kitt abre um sorriso antes de murmurar estupidamente para Paedyn: “Kai nunca foi bom com calor, sabia? Quando éramos meninos—”

"Tudo bem, já chega", interrompi, apesar do sorriso começar a se formar em meus lábios.

“Não,” Paedyn diz maliciosamente. “Não, eu gostaria muito de ouvir essa história. Continue.”

“Quando éramos meninos”, Kitt continua, seu sorriso direcionado a mim, “ele mal conseguia ficar do lado de fora por mais de uma hora. Mais do que isso e ele agarrava a cabeça, convencido de que seu cabelo iria derreter.”

A risada de Paedyn me obriga a levantar a voz. “Você sabe o quão quente meu cabelo fica? É como—”

“Tar sentado no sol,” Kitt termina, dirigindo suas próximas palavras a Pae. “Sim, essa era a outra parte que ele sempre costumava dizer.”

Eu me inclino para trás, balançando a cabeça para ele em descrença. “Plagues, não há mais segredo entre irmãos?”

O rei se parece com o garoto com quem cresci neste momento. “Oh, certamente há.”

Meus olhos se movem rapidamente para o sorriso de Paedyn e, de repente, tudo parece valer muito a pena. “Isso foi muito perspicaz. E divertido.” Seu sorriso se alarga perversamente. “Por favor, continue.”

Kitt abre a boca, mas são minhas palavras que preenchem o ar aberto entre nós. “Kitty aqui uma vez enfiou um dado de jogo tão fundo no nariz que o médico real quase desistiu de recuperá-lo.”

A mão de Paedyn voa para cobrir sua boca escancarada. Agora é a vez de Kitt balançar a cabeça para mim. "Você parece estar esquecendo a parte em que me desafiou a fazer isso."

Pae ri, os olhos enrugando-se ao sol enquanto a carruagem continua seu chacoalhar pelos paralelepípedos. Ela aponta um dedo acusador ao lado dela. “ *Você não* desafiou Kai a escalar o salgueiro lá atrás, perto dos jardins? E ele caiu, quebrando o braço?”

Seu sorriso se volta para mim enquanto ela espera a resposta de Kitt. Só que não há nenhuma.

A expressão de Kitt se torna sutilmente sombria, mudando para algo um pouco mais cortante do que o sorriso que ele costumava usar. "Eu não tinha percebido que ele tinha te contado sobre isso."

“Sim,” Paedyn diz lentamente, inseguro. “De passagem.”

“Hmm.” Ele se vira, olhando para a paisagem em movimento ao nosso lado. “Isso foi antes ou depois do Julgamento final?”

Fico um pouco tensa. Não porque seu tom seja ameaçador. Não, muito pelo contrário. As palavras são pesadas, carregadas por algo muito pior do que raiva. E esse algo rasga a parte de mim que o trai. A parte do meu coração que bate por sua noiva pelas costas dele.

Ele quer saber quando compartilhei aquele detalhe íntimo de mim mesmo. E se foi quando eu deveria odiá-la.

“Antes”, Paedyn responde suavemente, falando a verdade, mas apenas metade dela.

Kitt assente, tentando parecer imperturbável com um rápido redirecionamento do assunto. Sua voz soa repentinamente cansada. “Entendo. Bem, é seguro dizer que Kai e eu provavelmente somos iguais em nossa estupidez ao longo dos anos.”

Concordo com a cabeça, esperando que meu sorriso desbotado não retrate a tristeza que sinto de repente. O Kitt que vi há poucos minutos era um vislumbre do garoto com quem cresci, o garoto que amei antes mesmo de entender o significado da palavra. E eu desejo tanto me agarrar àquela versão familiar dele, arrancar a coroa de sua cabeça antes que ela penetre no corpo abaixo.

Paedyn é o nó no nosso relacionamento que não conseguimos resolver. Apesar de tudo o que aconteceu, parece que Kitt ainda sente algo por ela. Talvez seja por isso que ele se esquiva, se distancia da nossa presença — porque ele sabe que eu sinto por ela da mesma forma. Nosso vínculo fraternal vacila diante dela.

O ônibus ronca pela estrada enquanto retornamos a um silêncio mais confortável. Agora, o cenário ao nosso redor mudou de uma variedade de árvores para uma fileira de casas grandes. Entramos na seção de classe alta da cidade, uma faixa extravagante

que a maioria das Elites Ofensivas chama de lar.

Paedyn se mexe desconfortavelmente enquanto viramos a primeira rua. Mansões imponentes e lojas bem cuidadas projetam grandes sombras sobre nós. Vários imperiais marchando se juntam à nossa procissão enquanto diminuímos o passo sobre os paralelepípedos.

Ao som ecoante de cascos batendo e pés batendo, os Ilyans começam a sair de suas casas. Eles enquadram a estrada em suas roupas finas, alguns até segurando os panfletos que estavam espalhados pela cidade. É principalmente indiferença nos rostos pelos quais passamos primeiro, embora rapidamente se transforme em variações de desgosto e traição à vista de sua futura rainha.

"Não faria mal sorrir, Paedyn", Kitt murmura enquanto levanta a mão para acenar para a multidão crescente.

Como se tivesse sido sacudida de seu estupor, Pae assente distraidamente antes de dar um pequeno sorriso. O aceno de sua mão é certeiro, mas não percebo os dedos trêmulos que ela tenta acalmar. Tamborilo os meus no assento ao meu lado; uma distração da raiva que surge sempre que a vejo em pânico. E ela tem todos os motivos para isso.

Como uma traidora, ela foi desfilada por essa multidão, cuspida pelas bocas que agora a olham com cara feia. Essas eram as mesmas pessoas que a receberam de volta em Ilya com ódio em nosso caminho para o castelo. Ela era humilhada nessas mesmas ruas, degradada pelas elites que a detestaram no momento em que descobriram que ela não era uma delas.

E, mesmo agora, eles fazem o mesmo. Porém, dessa vez parece diferente. Paedyn não está arrastando os pés atrás do meu cavalo, amarrada por uma corda, ensanguentada e quebrada. Não, ela está sentada alta na carruagem, envolta em elegância e coroada com um novo título brilhante. No entanto, silenciosamente, eles zombam dela. Eles não veem nada além do que ela era — uma traidora — e o que ela sempre será — uma Comum.

Enquanto continuamos nosso lento rastejar pela rua, eu sento silenciosamente dentro do caos que nos cerca. Meus olhos se desviam para Kitt, parecendo real enquanto ele acena e sorri para a multidão. A adoração ainda preenche os olhares daqueles ao nosso redor no momento em que pousam nele. Ele sempre foi tão amado por este reino.

Mas é Paedyn que eu estudo, incapaz de evitar encará-la. Ela permanece composta, apesar dos gritos ocasionais da multidão. Mais difícil ainda de engolir é a maneira como Kitt se inclina continuamente contra ela — um show para seus súditos. Eles estão noivos; agora devem agir como tal.

E aqui estou eu, incapaz de parar isso. Incapaz de fazer qualquer coisa além de vê-los lentamente se tornarem um do outro para sempre.

Eles acenam. Eles sorriem. Eles parecem exatamente o casal feliz.

Kitt suspira, seus seguidores murmuram um pensamento derramado que provavelmente não era destinado a nós. “Tão poucos...”

Ansiosa para dar uma pausa em seu sorriso rígido, Paedyn se vira para ele. "O quê?"

“Ah, não é nada.” Kitt limpa a garganta. “Só lembro que havia mais Elites Ofensivas aqui. Deve ser minha mente pregando peças.”

"Ou eles preferem ficar lá dentro do que me ver", Paedyn oferece entre os dentes

que está mostrando para a multidão.

Solto um suspiro quando viramos a última esquina da rua, e a multidão de rostos começa a se confundir atrás de nós. Kitt relaxa em seu assento. "Viu, não foi tão ruim."

Eu arrasto uma mão pelo meu rosto. “Sim, foi fascinante.”

Os olhos de Pae encontram os meus, me despindo com um único golpe. Surpreendentemente, encontro gratidão persistindo em seu olhar, me agradecendo por suportar isso ao lado dela. E, de repente, o olhar de alívio que ela usa com a minha mera presença prova ser recompensa suficiente.

“Você fez bem.”

Com as palavras cortadas de Kitt, seus olhos abandonam os meus para encontrar os dele. “Duvido que eles concordem”, ela diz com um olhar por cima do ombro para a massa de corpos borrados. “Kitt, eles nunca me aceitarão como sua rainha.”

Não consigo dizer se ele gostou de ouvir seu nome dos lábios dela. "Sim, eles vão." Seu tom é severo. "Só leva tempo."

“Tempo?” Ela quase ri. “Este reino está sem Ordinários há mais de três décadas. Pelo que parece, eles precisarão de muito mais tempo do que isso para *se ajustar* .”

Aí está a verdade da motivação de Paedyn — os Ordinários. Qual o sentido de salvar Ilya se ela continua segregada? O propósito dela é a liberdade para aqueles como ela, não a salvação de um reino odioso.

Eu me inclino para frente, mãos nos joelhos dobrados. “Por que não discutimos isso lá no castelo? Em particular.”

Os olhos de Paedyn se erguem para a procissão na nossa frente e para onde exatamente ela está indo. “Vamos voltar? Agora?” Sua cabeça se vira em direção a Kitt, o cabelo brilhando na luz do sol. “E as favelas?”

O olhar de Kitt desliza para o meu, incerto. “Bem, os desfiles sempre permanecem na cidade alta...”

“Mas essa é minha casa”, ela diz lentamente. “É onde todos os Ordinários restantes estarão. Isso não é uma celebração da união que unirá Elites e Ordinários?” Sua voz fica firme. “Eu te levei para as favelas, lembra?”

“Eu me lembro de você me usar para descobrir os túneis abaixo do nosso castelo,” Kitt diz friamente. “E disfarçando suas verdadeiras intenções por trás de querer me mostrar sua casa.”

Ela agarra a mão dele, e eu quase estremeço com o movimento genuíno. "E por isso, eu sinto muito. Eu nunca quis usar você desse jeito, mas ajudar a Resistência a encontrar um jeito de entrar na Tigela foi tudo que eu pude fazer." Ela balança a cabeça, a voz de repente suave. "Eu não era uma rainha que podia mudar esse reino com um estalar de dedos. Eu era uma Ordinária. Eu *sou* uma Ordinária. E eu te mostrei um pedaço de mim naquele dia. Antes do conselho de Calum, eu te *mostrei* que as pessoas naquelas favelas são seu povo também." Ela desliza a mão da dele. "Ou o poder já te fez esquecer esse fato?"

Eu ainda ouço suas palavras. Aí está—aquela certa ousadia que só ela possui.

Não tive a chance de saber exatamente o que aconteceu entre eles. Não antes de Kitt se trancar e me enviar através dos Scorches para encontrá-la. Mas eu sabia que a traição era mais profunda do que a morte do nosso pai. E agora eu entendo.

Kitt provavelmente se culpa por aquela batalha no Bowl, por ter sido enganado e

mostrado a um membro da Resistência exatamente como entrar na arena sem ser visto. Ele se culpa por ter se deixado levar por ela.

"Você está certo," Kitt diz lentamente. Uma espécie de placidez cai sobre suas feições. "Eu deveria saber que você diria isso."

Meus olhos se movem rapidamente entre eles, mas ele não olha para mim.

Suas palavras fazem os cavalos pararem, os homens obedecerem e o sorriso de Pae aumenta.

"Vire os ônibus. Nós estamos indo para as favelas."



CAPÍTULO 9

Pedyn-P ...

O cheiro por si só me diz que chegamos ao Loot Alley.

Nunca pensei que sentiria falta do cheiro de peixe, suor e fluidos corporais, mas aqui estou eu, sorrindo apesar disso. A ampla rua do mercado vibra com vida e vibração. Os comerciantes pechincham atrás de suas carroças enquanto as crianças ziguezagueiam ao redor deles, fugindo das mães que gritam.

Tudo está perfeitamente intocado. Perfeitamente como era quando eu estava lutando para sobreviver dentro dele.

Ao avistar a longa comitiva, carrinhos começam a sair do caminho enquanto os compradores correm atrás. Os moradores de rua que habitam essas favelas começam a espiar dos muitos becos que se ramificam da Loot, entediados o suficiente para deixar que sua curiosidade os arraste para a rua.

É uma explosão de cores, esse desfile de empurrões. Bandeiras brilhantes e esmeraldas batem contra a barriga da nossa carruagem e de todos ao redor dela. A bandeira de Ilya está erguida acima de uma fileira de cavalos elegantes, aquele símbolo rodopiante ondulando na brisa. Brilhos manipulam os raios de sol para criar uma exibição deslumbrante de luz salpicada que escorre pela nossa carruagem e dança pelos paralelepípedos.

Meu sorriso vem facilmente aqui, apesar de nunca ter feito isso antes. Talvez uma pequena parte de mim estivesse com saudades desse buraco de merda em que cresci. Ou talvez seja porque eu entendo essas pessoas. Eles são Elites, sim, mas também são párias. Aqui jazem os Mundanos, os pobres e os poucos Ordinários que ainda restam neste reino.

E um deles acabou de retornar.

Aceno para os rostos chocados que passam. Eles não me olham com desgosto como as Elites fora das favelas. A maior emoção que me é oferecida é confusão ou indiferença. Ao olhar para mim, eles provavelmente se veem. Eu estava morando bem ao lado deles, roubando bem debaixo de seus narizes, não muito tempo atrás.

Meus olhos examinam a multidão lotada de rostos cansados olhando fixamente para trás, sem expressão. Há tantos deles, todos lutando pela mesma comida e abrigo. Eu me pergunto quantos Ordinários estão escondidos entre eles, se misturando com ombros curvados e uma vontade quebrada.

Espero que me vejam agora. Cada sorriso, cada aceno, cada sacrifício que fiz por eles.

Meus olhos brilham ao ver um prédio em ruínas. "Aquela é a loja da Maria ali." Eu aponto, direcionando a atenção dos meninos para meu entusiasmo repentino. "Eu costumava roubar seus pãezinhos pegajosos e tecidos antes de subir pela chaminé para escapar." Eu sorrio com a lembrança. "Os pãezinhos pegajosos eram para nós dois, mas o tecido era obviamente para... Ádena..."

Eu paro, mas a sensação de olhos atentos em mim força mais palavras a saírem da minha boca. "Então, eu tenho muita prática em escalar chaminés, mesmo quando odeio espaços pequenos." Eu lanço um olhar penetrante para Kai. "É por isso que eu não queimei até a morte quando você colocou fogo na minha casa."

"Minha busca tinha que ser completa, querida," ele reflete. "Não leve para o lado pessoal." Suas palavras são casuais, desempenhando perfeitamente o papel de Enforcer obediente. Mas eu vejo o pedido de desculpas escondido no olhar que ele mantém fixo no meu, vejo a promessa que compartilhamos.

Fingir.

Com um realista rolar de olhos, volto minha atenção para a multidão boquiaberta. Continuo minha rotina de acenar e—

Meu sorriso desaparece um pouco.

Sei que estamos na metade da rua quando o poste ensanguentado aparece. O bloco de madeira está manchado de um tom repugnante de vermelho, encharcado no sangue de dezenas. Ele serve como um exemplo, ou melhor, prática de chicotadas para os Imperiais.

As cicatrizes tênues salpicando minha parte inferior das costas parecem arder ao vê-las. Meus dedos desajeitados foram a causa de muitos cortes na minha pele. Isto é, até que eu fiquei bom o suficiente para roubar dos próprios Imperiais que me fizeram sangrar.

"Pedyn?"

Eu me viro em direção à voz, encontrando o olhar preocupado de Kai em mim. "Você está bem?"

"Sim," eu digo calmamente. "Só relembrando."

Seus olhos sobem por cima do meu ombro então, e eu posso ver o momento exato em que ele percebe do que estou falando. Uma máscara fria desliza sobre suas feições, escondendo o que eu sei ser aquela raiva aterrorizante e gelada fervendo por baixo. Sua boca se abre, talvez para perguntar quem foi que ficou em pé sobre meu corpo encolhido e deixou o chicote estalar. Talvez o Enforcer exija saber quantas vezes eu me vi naquele posto ou, melhor ainda, admita como ele nunca notou as cicatrizes em minhas costas, apesar de passar as mãos sobre elas muitas vezes, maldito rei sentado ao meu lado.

Mas nunca descobri o que ele quis dizer.

Em vez disso, ele mergulha sobre mim quando as explosões acontecem.

Sou jogado contra o chão do ônibus, Kitt cai ao meu lado enquanto o corpo de Kai nos protege. Meus ouvidos zumbem com o impacto, abafando os gritos que sei que ecoam por todo lado. Levantando minha bochecha do chão sujo, pisco os olhos embaçados e lacrimejantes. A explosão de luz momentaneamente me cegou, mas conforme minha visão retorna lentamente, um som abafado me segue.

Gritos. Gritos guturais e doloridos rasgam o zumbido em meus ouvidos. Eu me levanto rapidamente, empurrando os membros que me prendem. Eu sei que é sua mão calejada que envolve meu pulso antes mesmo que a ordem saia de seus lábios. "Fique abaixado!"

Mal ouço seu grito em meio ao caos que nos consome, em meio ao pânico ensurdecedor que cresce dentro de mim.

O que diabos está acontecendo?

Devo ter resmungado essas palavras em voz alta porque Kai de repente está respondendo, "Bombas. Feitas pelo homem." Então ele está latindo ordens mais uma vez, se transformando de volta no Enforcer que ele foi criado para ser.

Minha cabeça lateja, seja pelo impacto ou pelos meus pensamentos acelerados, não tenho certeza. Cada respiração vem em ofegos rápidos e superficiais.

Quem está por trás disso?

As ordens de Kai, antes abafadas e distantes, ficam mais claras. "Em mim!" Não consigo ver nada além da fumaça preta ondulante flutuando acima da carruagem, mas sei o suficiente para determinar que ele acabou de designar um grupo de Imperiais para cercar o rei e sua futura noiva.

Ele olha para mim então, olhos passando rapidamente entre os meus arregalados. "Fique aqui. Você vai ficar bem." Ele não se deixa demorar mais antes de pular do ônibus e entrar na fumaça espessa.

Estremeço quando outra explosão sacode a carruagem, seguida por uma erupção de gritos por todos os lados. Cavalos passam disparados em um transe de pânico, livres para atravessar o caos sem seus cavaleiros. Sentando-me de repente, encontro o olhar preocupado de Kitt. Imperiais nos cercam, agindo como um escudo contra os horrores além. Kitt permanece rigidamente no chão, seguindo as ordens de seu Executor. E com razão. Ele é o rei, afinal.

Mas eu não sou rainha. Ainda não.

Tudo o que posso sentir é o cheiro de carne queimada e fumaça espessa. Tudo o que posso ouvir são gritos aterrorizados e as batidas do meu coração. Tudo o que posso pensar é que *esta é minha casa* . Este era meu povo muito antes de me mandarem governá-los. Esses Slummers gritando me escolheram para ir para os Purging Trials, porque eles viram esperança de que um deles se tornasse algo mais.

E eu me tornei muito mais.

Ofereço um último olhar para meu noivo. Ele deve ver isso em meus olhos — a mágoa, a determinação, a necessidade tangível de fazer algo diferente de ficar sentado aqui.

“Paedyn, não—”

Eu pulo do treinador antes que sua mão consiga segurar a minha.

O círculo de Imperiais está de costas para nós, e eu não hesito antes de varrer os pés de baixo de um que estava bloqueando meu caminho. Ele cai com um baque, permitindo que eu passe rapidamente, apesar dos gritos ecoando atrás.

Paro bruscamente diante do horror que me cerca.

Pedaços de pedra saltam de prédios em ruínas alinhados na rua, quebrando-se sobre os paralelepípedos e arrancando gritos das gargantas de figuras apressadas. Chamas lambem dezenas de carroças para derreter moedas e queimar os meios de subsistência sobre elas.

Giro lentamente, observando a rua que uma vez chamei de lar. Corpos se espalham pelo chão, alguns se contorcendo enquanto outros jazem imóveis como pedras. Uma mão trêmula se levanta para cobrir minha boca e o soluço crescendo dentro dela. Sangue pinta a rua, misturando-se ao fogo para criar uma representação horrível da própria morte.

Não sei o que fazer, como ajudar—

Um gemido suave soa ao meu lado.

Eu giro, encontrando um garoto ensanguentado me encarando a poucos passos de distância. Estou deslizando para o lado dele, afundando de joelhos na poça de sangue que o cerca. Sua pele pálida está brilhando de suor, respirações superficiais sob o borbulhar carmesim de seu peito.

Um caco de um prédio próximo está preso entre suas costelas.

Engulo meu soluço e coloco as mãos trêmulas ao redor do ferimento, tentando para estancar o sangue o melhor que puder. "Sinto muito," eu sussurro, lágrimas ardendo em meus olhos. "Sinto muito mesmo. Você vai... você vai ficar bem."

Os olhos de mel do garoto simplesmente encaram os meus. Ele não grita, não implora pela vida. Ele apenas encara, preparando-se para encontrar seu fim sangrento.

Mel.

Aqueles olhos são como mel. Tão parecidos com seu olhar doce. De repente, é Adena morrendo diante de mim de novo. E de novo, não posso salvá-la.

Uma lágrima desliza pela minha bochecha suja. Sangue escorre entre meus dedos, náuseas aumentam a cada segundo o líquido pegajoso mancha minha pele. Mas não ouso mover minhas mãos. E assim como fiz com Adena, digo a esse garoto que ele vai ficar bem. Eu cuspo mentiras, giro um final feliz para a existência, mesmo enquanto as lágrimas escorrem dos meus olhos ardentes.

E quando ele dá seu último suspiro — olhar treinado no céu — é como se eu estivesse de volta naquele Poço, embalando seu corpo morto. A morte rouba o garoto de minhas mãos incapazes, estranhamente gentil na maneira como ele detém esse coração tenso. Minha boca se abre, um grito na ponta da minha língua—

Mas meus braços estão sendo puxados para trás, dedos deslizando de seu ferimento. Sinto-me entorpecida nas mãos ásperas que me envolvem. Meu vestido está encharcado de sangue, a bainha encharcada pingando um caminho atrás do meu corpo arrastado.

"Droga, Pae. Você nunca segue ordens, não é?"

Sua voz é áspera, mas ouço o tom de tristeza entrelaçando cada palavra. Deixo os braços familiares agarrarem-se à minha cintura, deixo Kai quase me carregar de volta para o ônibus. Meu olhar desfocado varre os corpos ainda se arrastando, tropeçando naqueles espalhados pelo chão.

O saque está em ruínas.

Minha *casa* está em ruínas.

E meu coração também.



Édrico

Para todo fim, há sempre um começo.

O rei perceberia, muitos anos depois e milhares de passos além dos que ele dá atualmente, que este era o início de sua morte iminente.

Edric estabelece um ritmo formidável através das entranhas sinuosas de seu castelo imaculado. Quando criança, os corredores sinuosos costumavam provocá-lo, prendendo o príncipe em um loop confuso a cada esquina que ele contornava. Mesmo agora, isso o lembra horrivelmente do labirinto que é sua mente, e como qualquer palavra que entra pelo portão mutável — seu olhar — encontrará uma parede de pedra antes de se quebrar em uma série de sílabas confusas — ou melhor, o que seu pai gostava de chamar de "uma vergonhosa falta de competência".

Mas seu pai não está mais aqui, deixando para trás apenas a lembrança de um menino fungando e com dificuldade para ler.

Os sapatos polidos de Edric passam rapidamente pelos servos que trabalham duro eles todas as noites, os pés dentro dele o guiando confiantemente pelo castelo.

Uma lembrança distante, de fato.

Foi muito tempo depois de livrar seu filho dessa "doença vergonhosa" que Landan Azer finalmente encontrou seu fim, embora, lamentavelmente, tenha sido muito mais agradável do que a jornada cruel de Edric para a alfabetização. Sua alma se afastou pacificamente do corpo frágil que havia habitado, o que parecia uma morte muito

gentil para um homem tão severo. Mas com o reino agora se contorcendo na palma de sua mão, Edric pensa com carinho naquele tempo frutífero com seu pai, sentindo uma espécie de gratidão crescente pelo homem que o empurrou por esse caminho em direção ao poder.

A crueldade o transformou em um rei, enquanto a gentileza só o teria aleijado.

A coroa se enrola no topo de sua cabeça, enterrando-se nos fios loiros de cabelo como um vira-lata sonolento. Cada corredor escancarado goteja com os raios melosos do pôr do sol, aparentemente diminuindo seu passo como se estivessem grudados em seus sapatos. Mas o rei empurra cada poça de luz escorrendo. Porque há pouca coisa nesta vida que Edric ama mais do que poder — e ele está indo direto para isso.

A rainha raramente é vista fora de seus aposentos tão tarde na gravidez. Mesmo assim, Iris foi escondida muito antes do crescimento de um sobressalente em seu útero. Amor e paranoia são muito afeiçoados um ao outro, habitualmente se misturando em uma proteção sufocante.

Edric faz uma pausa diante da familiar laje de madeira que os separa. Ele frequentemente acha que esse momento parece o fim de um labirinto no qual ele vem tropeçando desde que era menino. Aqui, não há castelo provocador ou mente confusa. Tudo cai aos pés dela.

São necessárias quatro batidas do coração palpitante do rei para que a porta se abra.

Iris sempre foi o tipo de beleza que só pode ser inarticuladamente descrita como de tirar o fôlego. Como descendente de uma rainha Izrami, ela carrega a pele bronzeada e sardenta e os olhos brilhantes. E, no entanto, Iris Moyra nunca havia pisado no solo rochoso do reino litorâneo.

Mais de um século atrás, uma rixa familiar dividiu a realeza de Izram, forçando vários ancestrais de Iris — cuja reivindicação ao trono era quase tão fraca quanto seu relacionamento com a mulher que o ocupava — a se estabelecerem em Ilya. Um punhado de anos se passou antes que a Peste varresse, isolasse o reino e presenteasse os descendentes daquela realeza briguenta com mais poder do que eles jamais poderiam ter conquistado com uma coroa na cabeça.

Edric, com sua sede de poder, casou-se com a mulher antes dele quase uma década após a Purgação. Com cada Elite sendo contido em Ilya, nenhuma princesa impotente além da fronteira teria permissão para manchar ainda mais a linhagem do rei. Mas a combinação do sangue real de Iris e sua habilidade rara foi chocante o suficiente para finalmente atraí-lo a se estabelecer.

Iris era deslumbrante como o mar, como se sua pele estivesse encharcada em água salgada até brilhar. Edric diz isso a ela, sorrindo quando as palavras atraem um rubor quente sobre suas maçãs do rosto. Aquele cabelo dourado cai em cascata por seu corpo e sobre o grande inchaço de sua barriga, como água esculpindo um caminho gotejante ao redor de uma pedra. Ela gentilmente puxa o rei em sua direção, pressionando lábios macios contra os dele com um suspiro prolongado.

Uma vez liberto das garras cativantes de sua esposa, Edric olha relutantemente ao redor da sala. “Você dispensou os criados de novo?”

Iris descansa uma mão delicada sobre o estômago. “Estou bem, Ed. Eles não precisam ficar me atacando a cada momento acordado.”

“Iris”—Edric alisa uma mão pelo tecido que cobre sua barriga arredondada

—“você sabe que eles são necessários para sua segurança. Este bebê está chegando a qualquer momento, e para sua proteção...”

O rei para de falar então, porque reconhece o olhar no rosto dela. Iris é gentil, em alma e corpo. Mas suas expressões são menos.

“O quê?” Edric insiste ao estreitar aqueles olhos azuis brilhantes.

Ela respira fundo, do tipo que soa como amar alguém apesar de suas falhas. “Tudo o que você faz é me proteger. E, claro, sou grata por isso, mas...” Iris levanta uma mão, de alguma forma encapsulando todo o reino com um único gesto. “Mas já faz anos que as pessoas não ouvem falar de mim. Não me veem. Pelo que sabem, morri logo após dar à luz Kitt.”

“E eu preferiria que eles pensassem isso,” o rei profere lentamente, “do que usar você contra mim. Não arriscarei um Ordinário enfurecido colocando você em perigo para me machucar.”

Iris caminha lentamente sobre o carpete, sua camisola solta arrastando tecido verde atrás de seus pés. “A Purgação foi há mais de uma década. Sua paranoia não pode me manter presa aqui para sempre.” Ela agarra seu rosto, envolvendo-o no calor de sua presença. “Em nossos cinco anos de casamento, eu fiz pouco mais do que me esconder.”

Edric esfrega uma mão atrás do pescoço, um hábito que seu pai o atormentava. É como se cada pontada de agitação se acumulasse sob a pele ali e corroesse sua sanidade.

Ordinários permanecem em seu reino por despeito, escondendo-se até que sua raiva crescente os faça cometer algum ato final de violência. Todos eles morrem no final, como os fracos sempre fazem. Mas é o desafio disso, a preocupação constante de que sua rainha possa ser pega no fogo cruzado.

“Em breve,” o rei suspira. Ele puxa as mãos suaves de Iris para as suas. “Eu vou te libertar dessas paredes em breve. Depois que eu me livrar desses Ordinários remanescentes, você estará seguro. Eles são um erro que estou corrigindo. E as Elites estão igualmente ansiosas para se livrar deles.”

A gentil rainha pondera isso por um longo momento. “Bom. Porque eu gostaria muito de mostrar nosso filho ao reino.” Ela guia a mão do marido ao longo da curva inchada de sua barriga. “O castelo pode ser bom em guardar segredos, mas eu sou—”

“Não,” Edric termina por ela, conhecendo sua esposa mais do que ele já quis conhecer alguém. “Eu sei, Ri.”

"Mas, apesar de tudo, eu te amo." Ela desenha um círculo acima do coração acelerado do rei enquanto diz isso, assim como fez tantas vezes antes.

“Agradeça à Peste por isso”, Edric responde sinceramente.

A risada suave de Iris se transforma em um sibilo quando ela aperta sua barriga. O rei estremece ao ver sua esposa sofrendo, mudando de repente de realeza estoica para esposa preocupada. Passando um braço em volta de sua cintura, ele guia sua rainha gemendo para sua cama. É somente depois de ajustar suas pernas e apoiar um travesseiro atrás das costas de Iris que Edric se permite uma longa respiração.

“Você está bem?” A pergunta está misturada com seu próprio terror por ela.

“Sim, eu vou ficar bem.” O suor brilha em sua testa. “Só dores de parto, querida.”

O rei assente em uma tentativa de expulsar aquele medo persistente dentro dele. Seu pai sempre odiou quando ele mostrava qualquer sinal de fraqueza — e Iris é

exatamente isso. Limpando a garganta e suavizando a preocupação entre as sobrancelhas, Edric deixa seu olhar cair na mesa de cabeceira. Sua amada caixa de joias está lá, cheia de cada uma das peças cobiçadas da rainha. Iris tem uma paixão pela beleza e, apesar de seu confinamento no castelo, ela nunca perdeu uma oportunidade de brilhar, mesmo nos corredores mais monótonos.

Mas aquela caixa imaculada não é o que prende a atenção do rei. Não, é a rosa cor-de-rosa esparramada pacificamente sobre a tampa de madeira, e seu pedaço de pergaminho dobrado que a acompanha.

Iris nota cada emoção que rasteja pelo rosto do marido. Primeiro, interesse. Segundo, curiosidade. Ambos são seguidos por uma confusão de sentimentos mais sinistros: Escrutínio. Preocupação. Ciúme.

"Um presente de uma das minhas aias", a rainha responde levianamente, embora nenhuma pergunta tenha sido feita. "Eu raramente consigo andar pelos jardins, então ela pensou em trazer um pouco dos jardins para mim."

Com a barriga enrolada em um braço, Iris usa o outro para jogar o presente por baixo da tampa da caixa de joias. Ela prende a flor dentro das paredes de madeira de forma tão simples que Edric não lhe dará mais nenhum pensamento. Em vez disso, ele continuará até encontrar o fim que começa neste exato momento.

Então, quando Iris grita de dor, e uma umidade espalha as cobertas sob ela, o fim está muito próximo para Edric Azer. Pelo menos, para aquele pedaço de calor que está diminuindo dentro dele.



CAPÍTULO 10

Pedyn-P ...

me entorpecidamente ao lado do fogo, envolta em seu calor.

O sangue que cobre meu vestido e minhas mãos está quase seco agora, assim como as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Agora não há mais nada além de uma raiva lenta e fervente enquanto estou sentada silenciosamente neste escritório.

Vozes abafadas se infiltram pela porta rachada, roubando minha atenção das chamas presas. "Onde ela está?" Eu me sento um pouco para aquela voz. "Eu quero vê-la. Eu nem consegui desde—"

Eu me movo rapidamente, tropeçando em pés desajeitados. De repente, estou de pé diante da porta, cortando suas palavras com nada mais do que a mera visão de mim. O sorriso que desliza para seus lábios é triste, cheio de uma abundância de desculpas, mas parece um suspiro de alívio.

Eu me jogo nos braços de Calum sem pensar duas vezes. Ele me segura firme, embalando os pedaços quebrados de mim com cuidado gentil. "É bom ver você também", ele sussurra no meu cabelo, me fazendo sorrir contra seu ombro.

Eu me afasto, olhando para ele. Seus olhos claros brilham, procurando os meus e provavelmente a mente por trás deles. Essa teoria só é confirmada quando ele acena lentamente, cabelos loiros opacos na luz fraca. “De nada. Foi Kitt que descobriu a verdade. Eu simplesmente o ajudei a chegar lá.”

Sorrio, aliviada por saber que ele ouviu cada eco de gratidão quicando em meu crânio. Porque não tenho certeza se conseguiria colocar em palavras no momento. Ele ajudou a mudar tudo, ajudou a transformar a esperança do meu pai em realidade.

Bem, não exatamente meu pai. Apenas o homem que me criou.

Com esse pensamento repentino, as sobrancelhas de Calum se erguem levemente em surpresa. Eu suspiro, balançando a cabeça. “Eu explico depois. Mas por enquanto... obrigada. Por tudo.” Eu retribuo seu aceno com outro pequeno sorriso. “Eu só queria que você me ouvisse dizer isso em voz alta.”

Meus olhos percorrem o ombro de Calum, encontrando Kitt e Kai conversando suavemente. Eu me afasto, gesticulando para que eles continuem murmurando no escritório atrás de mim. Kitt acena em concordância silenciosa, passando para se sentar atrás de sua mesa. Calum segue silenciosamente, deixando apenas Kai parado diante da porta.

Ele me carregou para o castelo, acendeu o fogo que aquecia meus membros dormentes. Então ele beijou minha testa e saiu pela porta, provavelmente lidando com deveres mais urgentes de Enforcer do que com a futura rainha em ruínas.

Ele me observa agora, uma dor em seu olhar que espelha o meu. Não quero nada mais do que ser segurada por ele, envolvida no conforto de seus braços. Ele é uma fraqueza à qual não devo me entregar. Não nesta vida, pelo menos.

Não consigo imaginar o que ele vê neste momento. Provavelmente maquiagem

escorrendo e bochechas sujas de terra. Cabelo emaranhado e pele encharcada de sangue que estou lutando para ignorar. E ainda assim, ele olha para mim com uma espécie de adoração aliviada, garantindo que estou bem com um golpe prolongado de seu olhar.

Nossos dedos se roçam quando ele passa, me deixando parada na porta. Respiro fundo e me acalmo antes de me virar para retomar meu assento. ao lado do fogo. Só então permito que meus pensamentos voltem aos horrores que vi. Minhas palavras afiadas cortam a conversa dos homens com facilidade. "O que diabos aconteceu lá fora?"

Kai se inclina contra a mesa, balançando a cabeça. “As explosões vieram de bombas artificiais. Seis delas. Não as vejo desde—”

“A primeira bola de teste”, termino por ele. Meu olhar pousa em Calum. “Só a Resistência tinha utilidade para elas. Por que passar por todo o trabalho de fazer bombas quando um Ignite pode causar tanto dano?”

Abaixando-se em uma cadeira, Calum suspira. “Se eu tivesse que adivinhar, diria que esse ataque era para ser uma mensagem mais do que qualquer coisa.”

“Tudo isso por uma mensagem?” Eu sibilo. “Pessoas inocentes morreram.”

Kitt tosse no punho, provavelmente por causa da fumaça inalada. “Quantas baixas, Kai?”

“Nove. Até agora.” Meus olhos se fecham enquanto ele acrescenta um baixo, “Mas dezenas estão feridos e sendo cuidados por Curandeiros.”

Meus olhos se abrem ao ver Kitt esfregando uma mão no rosto. “Continue, Calum. Eu gostaria de ouvir essa teoria.”

“Bem, não foi um ataque à realeza em si.” Calum gesticula ao redor da sala para nossos corpos muito vivos. “O que me leva a acreditar que isso foi um ataque ao significado por trás do desfile. Em... bem, o futuro deste reino.”

"Não haverá *futuro* se nossas fronteiras permanecerem fechadas e os Ordinários permanecerem banidos", Kitt bufa baixinho.

“O povo não quer Paedyn como sua rainha.”

Eu giro em direção à voz estrangeira, encontrando uma cabeleira cor de menta na porta. O porta-voz do tribunal entra na sala, suas roupas finamente pressionadas contra a pele escura.

“Ah, Easel, bem-vindo.” Kitt gesticula em sua direção enquanto se dirige ao resto de nós. “Como chefe da minha corte, achei melhor ouvir o que ele tem a dizer sobre o assunto. Ou melhor, o que as pessoas estão dizendo.”

“Vossa Majestade.” Easel inclina a cabeça em direção ao rei. “O povo está em um estado de inquietação.”

“Eles não querem uma Comum como rainha”, digo amargamente.

“Bem, você matou o rei que garantiu uma sociedade de elite”, Kitt murmura.

Calum, com a voz distante, acrescenta: “E esse não é o único membro da realeza que você matou”.

Meus olhos disparam para os dele. “Do que você está falando?”

Ele abre a boca rapidamente, cruzando os braços rígidos atrás das costas. “Um pedaço de Kitt morreu naquele dia, não foi?” Gesticulando na direção da torre oeste, ele acrescenta solenemente, “Junto com a esposa do rei, agora doente de tristeza.”

A culpa crava os dentes no meu peito, roendo minha consciência. Pela primeira

vez, sinto uma pontada de vergonha por conceder a morte ao rei. Não por ele, mas por aqueles ao seu redor.

"Você está certo." Engolindo em seco, olho para os irmãos, tendo ferido os dois de maneiras muito diferentes. "Sinto muito, de novo. Pela dor que causei a você, Kitt." Meu olhar se volta para o Enforcer ao lado dele. "E pela dor que deixou sua mãe doente."

Há uma longa pausa contemplativa dos três. Kai acena com a cabeça em sinal de perdão enquanto Kitt quebra o silêncio insuportável. "Obrigado, Paedyn." As palavras são duras, mas ditas, no entanto. E na respiração seguinte, ele retorna diligentemente à conversa em questão. "Então, por que não ir atrás de Paedyn se ela é o que eles veem como o problema?"

É Easel quem responde. "Isso agora é muito maior do que ela, meu Rei. O reino inteiro foi repentinamente instruído a acolher os Ordinários quando eles agora mal toleram os Mundanos que se multiplicam. Não importa o raciocínio, a maioria se recusa a aceitar isso."

"Eles não percebem o que está em jogo aqui?" Eu zombo. "Ilya cairá sem recursos."

"Eles percebem." Easel concorda lentamente. "Mas a ignorância era a felicidade deles. Alguns admiravam a persistência do falecido rei em livrar Ilya dos Ordinários em vez de salvá-la do colapso."

Kai cruza os braços, as mangas os abraçando secas de sangue. "As Elites Defensiva e Ofensiva estão se voltando contra a totalidade das favelas. Eu vi a mudança nos últimos anos. Não são apenas os Ordinários que eles querem fora da cidade." Seus olhos encontram os meus. "A totalidade das favelas está abaixo deles agora."

"Bem, isso não é nenhuma surpresa para mim", eu respiro. "Qualquer um nas favelas sabe disso há anos. Meu pai até escreveu sobre isso — como os Mundanos logo se tornarão os novos Ordinários."

Os olhos de Calum encontram os meus, vendo através de mim para saber do diário do meu pai. Nunca fiquei mais agradecida por sua habilidade de ler mentes do que neste momento. Nem preciso abordar o olhar questionador em seus olhos — ele pode ir em frente e encontrar a resposta dentro da minha mente.

"Eles já são." Kitt afirma isso uniformemente. "Seus números estão crescendo e o resto das Elites só os veem como uma fraqueza—"

"Assim como os Ordinários", termino por ele.

Easel concorda. Kai enrijece. Calum permanece estoico como sempre.

"Então", Kitt diz lentamente, "temos alguma ideia de quem exatamente está por trás disso?"

"Provavelmente um grupo de Elites que pensa que está fazendo um favor ao reino." O tom de Kai é seco. "E também acha que tem senso de humor ao copiar as bombas da Resistência."

"Bombas artesanais são mais difíceis de rastrear do que um Ignite," percebo suavemente. "Não há ninguém para interrogar. Não há como saber quem as jogou."

O estudo se enche de silêncio até que Kitt ousa quebrá-lo. "O que a corte quer que façamos sobre isso? Como fazemos com que o povo aceite Paedyn como sua rainha?"

Uma mecha do cabelo longo de Easel desliza sobre um ombro largo. "Paedyn deve provar a si mesma para todos de Ilya. Provar que ela é forte o suficiente para governar,

mesmo como uma Ordinária. Essa é a única maneira pela qual acreditamos que eles a aceitarão."

Eu quase rio. "E como planejamos fazer isso?"

Seu silêncio é sinistro. E quando ele finalmente fala, eu entendo o porquê. "As pessoas querem te mandar de volta para suas próprias Provas."



CAPÍTULO 11

Kai

Eu conheço a Morte. Há algo íntimo sobre o fim de uma vida.

Ao longo dos anos, a Morte e eu passamos a compartilhar um vínculo especial. Mas o medo é um sentimento muito menos familiar. Um que nunca me agarrou tão fortemente quanto naquele estudo.

Calum concordou com a proposta de Easel e pediu a Kitt que fizesse o mesmo. Mas meu foco estava totalmente nela. Observei Paedyn ponderar essa decisão mortal, observei o acordo se formar naqueles lindos lábios dela. A raiva era um estrondo no meu peito que subia para minha língua, gritando que ela não podia estar falando sério. Fiquei diante dela, lutei contra a vontade de segurar seu rosto e disse que ela não poderia entrar em outro conjunto de Provas. Eu simplesmente não a deixaria arriscar tudo por um reino que preferia vê-la morrer.

Mas eu deveria saber melhor do que dar uma ordem a Paedyn Gray. Ela não é uma das minhas soldadas, afinal. Não, ela é muito mais que isso.

Foi então que ela me olhou nos olhos, pegou a Morte pela mão e declarou mais uma vez que ela mesma entraria nessas novas Provas.

"É o único jeito," ela disse severamente, embora seu rosto estivesse pálido. "Eu tenho que provar a mim mesma para eles."

"E se você morrer?", eu respondi, com o peito arfando.

Suas próximas palavras ainda atormentam meus pensamentos, mais de um dia depois.

"Então eles estarão certos sobre mim. Eu sou uma fraqueza."

O anel parece estranho no meu dedo.

Puxo minhas mãos para trás das costas, escondendo-as do mar de olhares curiosos sob o estrado. Mexendo no grosso anel do Enforcer, posso praticamente sentir o sangue que foi derramado por aqueles que o usaram antes de mim. Solto um suspiro, mantendo meu olhar nas grandes portas da sala do trono à frente.

Eu — e o resto da corte, aliás — temos esperado relutantemente que nosso rei nos agracie com sua presença. Os minutos se arrastam, me deixando sozinho no topo do estrado e muito em exposição para toda a corte. No momento em que considero pegar emprestado o poder de um Véu da multidão para simplesmente desaparecer dessa situação infeliz, as portas se abrem.

O rei entra. A coroa dourada brilha no topo de sua cabeça, sangrando no cabelo abaixo. Sua roupa é simples à primeira vista, refinada à segunda. A camisa abotoada que ele usa está perfeitamente passada, enfiada em calças verdes igualmente imaculadas. Mas cada característica é realçada pelo que ele carrega em seu braço.

A mão dela está enfiada no cotovelo dobrado dele, a pele bronzeada brilhando

contra o vestido branco que a abraça de perto. O decote circunda sua garganta, escondendo o que eu sei ser uma marca da obra do meu pai acima do coração dela. Ombros expostos, cintura bem apertada, cabelo balançando ao redor das orelhas.

Ela parece igualmente jovem e completamente desgastada pelo mundo. É uma contradição que ela veste com confiança.

Mas o tecido branco drapeado é uma mensagem para esta corte, um lembrete perfurando meu coração. Ela é uma noiva em potencial. Mas não minha.

Engulo em seco ao ver isso.

Os olhos dela estão nos meus enquanto ela sobe no estrado ao meu lado. Eu encaro por muito tempo, desesperadamente demais para ser nada mais do que seu Executor. Com mais do que um pequeno esforço, eu afasto minha atenção dela, retornando-a para a porta enquanto Kitt começa a falar.

"Senhoras e senhores da corte, obrigado pela paciência. Tenho certeza de que todos vocês estão muito curiosos sobre o motivo pelo qual os chamei aqui hoje." Sua voz ecoa pelos rostos intrigados que enchem a sala. "Como todos vocês sabem agora, houve um ataque nas favelas durante nosso desfile. A maioria de vocês provavelmente não achará isso uma notícia grave. Mas vocês deveriam."

Ao som de sua respiração profunda, meus olhos se voltam para ele. A exaustão sufoca suas feições. "Sei que meu noivado com Paedyn Gray, junto com a aceitação repentina dos Ordinários, será difícil de se ajustar. Mas não tolerarei atos de desafio direto contra meus decretos. Especialmente aqueles que faço pelo bem de todos nós." Sua voz suaviza um pouco. "Mas entendo o quão difícil é essa mudança, e como este reino não deseja aceitar Paedyn como sua rainha. Apesar da necessidade desse arranjo, ofereço a você a oportunidade de julgar sua força e ver por si mesmo se ela é capaz de se tornar uma governante."

Murmúrios ecoam pela sala, forçando Kitt a levantar a voz. "Paedyn Gray competirá novamente em uma série de Trials."

Suspiros tontos ecoam em suas palavras, seguidos por acenos sanguinários de aprovação. Era isso que eles queriam — e seu rei fornece.

"Esses julgamentos", Kitt continua, "serão somente para a futura rainha. Eles serão estruturados em torno dos três *B* 's que todos vocês sabem que meu pai viveu. É bravura, benevolência e brutalidade que fazem um grande governante. Esses eventos testarão cada uma dessas qualidades. Isso permitirá que Paedyn prove que é digna do trono — e de sua lealdade."

O tribunal está emocionado ao ver sua proposta se tornando realidade, provavelmente porque o resultado significará morte certa para um cidadão comum. Paedyn mal sobreviveu ao primeiro conjunto de Trials em que foi jogada. Mesmo assim, Ilya pode não se dignar a aceitá-la se ela sair viva dessas.

"Mais uma vez, estaremos postando panfletos por toda a cidade", Kitt declara sobre a multidão sussurrante. "Este teste é somente para os Ilyans. Até onde os reinos ao redor sabem, nós aceitamos graciosamente nossa rainha Ordinária. E espero que isso se prove verdadeiro no devido tempo. Para o bem de todos nós." Há uma pausa antes de sua próxima declaração condenatória. "O primeiro Julgamento acontecerá em três dias."

Esta solução parece satisfazer o tribunal. Eles ficarão felizes em sentar e vê-la morrer, sorrir se ela encontrar a morte que eles acham que ela merece. Mas eu só

sobreviverei a esta vida se ela encontrar.

Ela dá um passo à frente então, todos os olhares se voltando para ela. O vestido se agarra a ela de um jeito que eu desejo, olhos varrem a multidão que agora eu desesperadamente queria estar. Ela é impressionante da maneira mais formidável. Afiada como o olhar penetrante que ela dá, a língua que eu provei, a ponta de sua adaga que desgastou meu sangue.

As palavras que saem de seus lábios são severas, possuindo a sutileza que a raiva não tem. "Eu sei que não sou quem você quer como sua rainha. Na verdade, eu não pedi por isso. Eu não sonhei com nada nesta vida, exceto sobreviver a ela." Seu olhar viaja ao redor da sala, brilhante e ousado. "Mas eu faço isso pela esperança de um reino muito melhor do que este. Um onde Ordinários e todos os níveis de Elites vivem lado a lado. Um onde ainda temos um reino para chamar de lar."

Ela dá mais um passo à frente, me forçando a lutar contra o espanto que começa a deslizar através da minha máscara de indiferença. "Eu vou te mostrar minha bravura, minha benevolência, minha brutalidade. Eu vou sobreviver a essas Provas e muito mais. Ainda assim, você provavelmente vai me odiar." Ela levanta o queixo, a expressão enganosamente calma. "Então se curve aos meus pés com um sorriso de escárnio, se você precisar. Eu não vou ver isso com seu rosto no chão."

Meus lábios se contraem, completamente espantados por ela. Passando o braço de volta pelo de Kitt, ela se vira uma última vez em direção à multidão. "Se é poder que vocês buscam de mim, então que assim seja."

Kitt usa uma expressão de surpresa muda enquanto acena lentamente para o tribunal em dispensa silenciosa. Mas eles não se movem, nem os lábios soltos que todos eles possuem. Não, eles estão todos muito ocupados olhando para ela.

E eu também, enquanto ela caminha, com o braço entrelaçado no do rei, para fora da sala do trono.



CAPÍTULO 12

Pedyn-P ...

Olho fixamente para as sombras agarradas ao dossel acima de mim.

Apesar do conforto impressionante da cama sob minhas costas, não consigo deixar o sono me reivindicar. Pensamentos giram atrás dos meus olhos, tornando impossível fechá-los, mesmo com o cansaço puxando meu corpo.

Não consigo pensar em nada além do meu reencontro com a perdição.

Meu futuro assombra meu presente — e é sombrio.

Tenho que suportar outra série de Provas.

Só que, dessa vez, estarei enfrentando a Morte sozinho. O medo se retorce em meu intestino, puxando o coração que não tenho certeza se ainda estará batendo depois disso. Quase morri nas Provas de Purgação, mais de uma vez. O pensamento de voltar voluntariamente para uma sepultura que me aguarda me deixa em pânico.

Pior que o perigo iminente é a lembrança constante da morte de Adena. Posso ter sobrevivido ao último conjunto de Trials, mas minha luz não. Minha A me deixou para decorar o céu. E eu não sei como viver, como sobreviver, sem ela ao meu lado.

O suor molha minha testa enquanto o pânico cresce dentro de mim. Não posso voltar. Não posso perder mais daquele calor que Adena plantou dentro de mim.

E se eu for forçado a matar? Cobrir minhas mãos com mais sangue?

Não sei do que sou capaz sem a luz de Adena para dissipar minha escuridão.

Essas Provas poderiam pedir qualquer coisa de mim. No entanto, é apropriado que os três *B* 's em que serei testado pertençam ao rei que matei. Irônico que eles agora se tornaram a maneira como vou provar a mim mesmo para governar o reino que ele construiu — ou melhor, reconstruí-lo.

Eu rolo, cuspindo fios de cabelo soltos da minha boca. Meus olhos se fecham com força enquanto tento encontrar o sono uma última vez.

Dez batidas lentas do meu coração e eu estou saindo da cama.

Minha mente anseia por uma distração dos pensamentos ensurdecedores. E meu corpo, cansado como está, coça para se mover. Ou talvez eu esteja cansado de me sentir inútil, me sentir preso nesta vida que não sei como viver. Pragas, eu estava apenas começando a descobrir como viver a infeliz que eu tinha antes de tudo ir para o inferno.

De repente, estou caminhando por um corredor escuro, braços cruzados sobre a fina camisa de dormir que uso. O máximo que fiz antes de sair do meu quarto foi calçar minhas botas. Trocar de roupa antes dessa escapada impulsiva pode ter sido uma boa ideia, mas já estou me aproximando da porta que sei que leva ao pátio de treinamento além.

Os guardas posicionados ali se movem em pés cansados ao me ver, suas máscaras não fazem nada para esconder o claro desdém por baixo. Eles sabem que não devem ficar no meu caminho, não com o anel que brilha no meu dedo. Então, com minha

cabeça teimosamente erguida, passo e empurro a porta.

A noite está mais fria do que eu esperava, cada sussurro de vento batendo na pele dos meus braços nus. O luar se acumula no caminho há muito desgastado no chão. Seguindo-o, levanto meu olhar para o céu negro coberto acima e salpicado de estrelas. Elas parecem piscar de volta para mim, inclinando-se para ajudar a guiar meus passos.

O primeiro círculo de terra aparece, coberto de sombras. Sigo o caminho, deixando-o me levar entre cada anel de treinamento. Uma chama bruxuleante inunda o círculo de terra mais distante para iluminar uma sombra formidável, afiada como a espada que ele segura. Eu sei quem está dentro daquele halo de luz.

Mas quando uma segunda figura aparece ao lado dele, eu hesito.

"... não consegui dormir, mas parece que você também não consegue."

Gatinho.

Minha respiração fica presa.

Prefiro que meu noivo não saiba que vim aqui para conhecer o irmão dele.

Com isso em mente, agacho-me no chão e rastejo silenciosamente até um anel ao lado dos irmãos. Sombras me cobrem da vista até que eu deslize para trás do suporte de armas. Soltando um suspiro, espio por um dos muitos buracos retorcidos nesta parede de madeira, meu olhar se estreitando no rei e seu Enforcer.

"Achei que poderia encontrar você aqui", Kitt estava dizendo. "É bom estar de volta a este pátio de treinamento com você. Como nos velhos tempos."

"Se fosse realmente como nos velhos tempos", Kai reflete, "você já estaria esparramado no chão".

Kitt ri, um som tão genuíno que quase me assusto. É como se eu estivesse de repente de volta ao lado daquela fonte nos jardins, espirrando água em um príncipe infantil sem vergonha. "Você acha que ainda pode me derrotar, irmão? Não lutamos desde que você encontrou um parceiro melhor."

As pontas das minhas orelhas queimam.

"Vamos, Kitt." O tom do Enforcer é enganosamente casual. "Isso foi durante os Julgamentos de Purgação. As coisas não são assim há muito tempo." Apesar de saber a verdade sobre nosso relacionamento, a indiferença de Kai ainda consegue me picar. "Além disso," ele suspira. "Você é quem vai se casar com ela."

E aí fica aquela pontada de ciúmes.

"É o que precisa ser feito. Você entende isso." Kitt passa a mão pelo cabelo, parecendo mais jovem ao lado do irmão. "Pelo reino. E por nós."

Kai abafa seu escárnio. "Por nós?"

"Sim." É uma palavra simples, mas carrega tanto desafio do rei. "Eu sei que seu relacionamento com o pai era tenso. Mais do que tenso," ele emenda rapidamente. "Eu não quero isso para nós. O que eu quero é sermos irmãos novamente, sem ordens que você detesta empurradas entre nós. E com o Ilya que estou reconstruindo, você não precisará mais caçar Ordinários." Conhecendo seu irmão mais do que a maioria, ele tranquiliza, "Eu não vou fazer você machucar ninguém."

Não consigo distinguir o rosto de Kai na luz bruxuleante da tocha, mas sei que a gratidão pinta os planos dele. "Obrigado, irmão."

Kitt assente seriamente, esperando um longo momento antes de falar novamente. "Mas depois desse bombardeio no desfile, fui aconselhado a garantir que nosso exército esteja pronto para quaisquer ameaças que possam surgir. Especialmente agora

que nossas fronteiras foram abertas. Você sabe como o pai ficou um pouco relaxado com o treinamento ao longo dos anos."

"Ele não acreditava que precisaríamos lutar muitas batalhas", lembra Kai.

Minhas pernas doem de ajoelhar no chão duro, mas não ouso me mover tão perto do Enforcer entusiasmado. Observo Kitt distraidamente esmagar torrões de terra sob seu sapato. "Agora qualquer coisa pode acontecer. Então preciso que você concentre sua atenção em reconstruir nossas forças e treinar novos recrutas."

"Novos recrutas?" Kai ecoa.

Eu posso apenas distinguir o sorriso que transforma o rosto cansado do rei. "Eu quero que você treine Ordinários."

Meu coração para de bater ritmicamente.

"Depois do bombardeio", continua Kitt, "ficou claro para mim o quão vulneráveis os Ordinários realmente são neste reino—"

"Não brinca", eu respiro imprudentemente na escuridão.

"—então eu quero oferecer a eles a chance de se defenderem." O rei respira fundo. "Eles treinarão com você ao lado dos outros Imperiais."

"Você... você está falando sério?" Kai tropeça na sequência de palavras, segurando sua risada chocada. "Não mexa comigo, Kitty."

"Eu nem sonharia com isso." A risada de Kitt parece iluminar a escuridão. "E eu já tenho alguns Ordinários para você. Os poucos que capturamos do Bowl depois daquele terceiro Trial."

O choque toma conta de mim.

Ele não os matou.

Kai ecoa minha surpresa. "Eles ainda estão nas masmorras?"

"Eu não tinha certeza do que fazer com eles", Kitt diz, soando como se houvesse um encolher de ombros preso em sua garganta. "Mas depois daquele bombardeio, parece que é hora de eles serem libertados e treinados."

O Enforcer balança a cabeça. "Você vai mesmo fazer isso? Deixá-los ir depois do que aconteceu?"

"Huh." Kitt solta uma risada sem graça. "Acho que sim."

Batendo uma mão no ombro do irmão, Kai murmura, "Estou orgulhoso de você. E estou honrado em ajudar a reconstruir e proteger este reino ao seu lado."

Eles se olham, aparentemente intocados desde o dia em que os conheci. Neste momento, o vínculo deles se assemelha ao que pensei ter quebrado. E a percepção de que eles são mais fortes do que minha vingança me faz sorrir.

"Você e eu, irmão." Kitt dá um passo lento para trás. "Sempre."

Quando ele volta para o caminho, sou forçado a pressionar minhas costas contra o suporte de armas e silenciosamente implorar para que sombras me ocultem do canto de sua visão. Não respiro enquanto meu noivo passa, nem mesmo quando as palavras de Kai o fazem parar.

"Tente dormir um pouco."

Kitt dá um sorriso para seu Enforcer. "Você primeiro, Kai Pie."

Espero lá até muito depois que o rei desapareceu e meu batimento cardíaco diminuiu. De pé sobre as pernas doloridas, observo Kai girar uma espada em sua mão, o movimento fluido e preciso. Suas costas estão para mim, nuas e deslizando com fios de escuridão enquanto eu passo para a borda do ringue. Quando ele se vira para me

encarar, fico um pouco ofendida pela falta de surpresa com a minha presença.

"Não conseguiria dormir sem mim?", ele reflete, a espada brilhando na luz bruxuleante.

Eu franzo a testa. “Como você sabia que eu estava aqui?”

“Eu sabia que você não conseguiria ficar longe de mim por muito mais tempo.”

“Não se iluda.” Meus braços cruzam sobre a camisa fina da qual, de repente, estou ciente demais. “Como você sabia?”

Ele me dá uma inclinação de cabeça insegura. “Acho que posso sentir você, de certa forma. Parece estranho, mas a escuridão me ajuda a focar. Tudo está intensificado.” Kai acena com a mão, como se fosse cortar as palavras que acabou de falar. “Eu simplesmente sabia.”

“Hmm. Mais uma vantagem de ser Elite,” eu digo, meu tom agridoce.

Ele balança a cabeça. “Bem, então presumo que você ouviu tudo?”

“Eu fiz. Achei melhor que ele não me visse aqui com você.” Meu pé bate uma batida firme sobre a terra. “Isso é bom, certo? Pensei que ele tinha matado aqueles Ordinários da Tigela.”

Kai passa a mão pelo cabelo desgrenhado. “Parece bom. *Ele* parece bom. Querer treinar Ordinários não é algo que eu esperava dele.”

Concordo com a cabeça distante, minha mente uma bagunça de pedaços fraturados. Perdida entre meus pensamentos, quase perco as palavras astutas de Kai. "O desejo ardente de me ver acordou você?"

Eu lentamente roubo o espaço entre nós, entrando silenciosamente no ringue. Meu sorriso é afiado. "Não. Mas a vontade repentina de bater em você bateu."

Ele paira sobre mim, seu peito nu quase roçando o meu. "Se você quiser colocar suas mãos em mim, é só dizer isso."

Uma gota d'água cai do céu escuro, respingando em meu ombro nu. Ele a observa rolar pela minha pele antes de limpá-la com o polegar. Sua palma áspera roça meu braço, deixando um rastro de arrepios para trás.

Eu levanto uma mão, meus dedos deslizando corajosamente sobre seu estômago. Isso parece assustá-lo o suficiente para sugar uma respiração rápida, e o som tem um sorriso satisfeito curvando meus lábios. As pontas dos meus dedos se arrastam mais alto, traçando cada mergulho e sulco do músculo. Ele parece ter parado de respirar.

Meus olhos se erguem para os dele, e o que quer que ele veja dentro deles faz o Enforcer olhar para mim como se eu já tivesse me tornado sua rainha. E alguma parte possessiva de mim dói para ordenar que ele nunca desvie o olhar.

Meu toque viaja preguiçosamente pelo seu peito, dedos contornando a tatuagem em espiral gravada acima do seu coração batendo forte. O céu chora constantemente acima, salpicando-nos com água. Mas Kai mal parece notar, sua atenção totalmente na minha mão agora entrelaçada em seu pescoço.

Sua espada cai no chão. Braços fortes envolvem minha cintura de repente antes que outra gota de chuva caia do céu. Estou sendo puxada para mais perto, pressionada contra seu corpo sólido. Com uma inclinação do meu queixo, ele murmura contra meus lábios. "Meu lindo Pae. Diga que sentiu minha falta."

Nossos lábios se roçam, e eu posso sentir o gosto do seu desespero por mim. Eu sorrio.

Minha resposta é um gancho rápido do meu pé atrás do dele. Com um puxão

firme, eu realizo algo que poucos já fizeram.

Eu jogo o Enforcer no chão.

Minha voz flutua na noite como a nuvem de poeira entre nós. "Senti falta de chutar sua bunda."

“Estranhamente” — seu sorriso é torto — “eu também.”

Ele tenta me puxar para baixo com ele, mas eu danço para longe dele agarrar com uma risada. “Tenho mais Trials para treinar. Então, chega de distrações.”

“Você começou, Gray.” Ele parece contente em olhar para o céu estrelado, mesmo que ele chore constantemente. “Eu estava tentando manter minhas mãos para mim.”

“Bem, não faça isso,” eu ofereço. “Lute comigo.”

Minhas palavras o fazem sentar-se solenemente, ignorando meu pedido. "Odeio que você esteja sendo jogado de volta nisso." Sinto sua cabeça balançar. "Você nunca deveria ter concordado com essas Provas."

“Bem, foi bom ter uma escolha dessa vez.” Engulo minha amargura. “Além disso, era o único jeito. Quer dizer, você viu como o tribunal reagiu—”

“Sim, porque eles querem ver você morrer.” Ele se levanta do chão e rapidamente se levanta.

“Então não vou,” digo, com muito mais confiança do que sinto. “Preciso fazer isso. E se eu morrer, então me torne um mártir.”

“Um *mártir* , Paedyn?” Sua risada é vazia de humor. “Você ao menos se ouve? Parte de você já desistiu antes mesmo de começar.”

“Não vou desistir; estou sendo realista.” Minhas palavras são cortadas. Estou atordoado com o quão repentinamente essa conversa se intensificou. “Eu poderia morrer—”

Ele diminui a distância entre nós, pressionando palmas ásperas contra minhas bochechas. "Então, danem-se os Trials. Pae, deixe-me forçar cada pessoa neste reino a se ajoelhar por você."

“Isso é muito maior do que eu agora.” Eu balanço minha cabeça em seu abraço. “Eu tenho que fazer isso.”

As mãos dele escorregam do meu rosto, molhadas pela chuva. “Assim como você tem que se casar com Kitt?”

As palavras me atingiram com força, como se estivéssemos lutando com os punhos. Dói-me, aquele olhar em seus olhos. Aquele que implora por um final diferente e mais feliz para nossa história. "Sim", eu sussurro. "Assim como eu tenho que me casar com Kitt."

Ele solta um suspiro lento e firme. Eu o observo recuperar seu equilíbrio compostura. Suas próximas palavras são bruscas, cheias de derrota. “Ótimo. Parece que você já decidiu seu destino. E eu não estarei nele.”

“Mas eu quero você nisso,” eu forço a dizer. “Nós só precisamos ter cuidado. Kitt não pode nos ver juntos. Isso... isso só vai tornar tudo mais complicado.”

“Certo.” Ele enrijece um pouco. “Finja.”

“E se eu quiser sobreviver a isso, devo treinar”, acrescento rapidamente.

Kai dá um passo para trás, balançando a cabeça. O movimento é mais assustador do que ele balançando uma espada em mim. "Se você quer que eu lute com você, eu não vou, Paedyn. Eu te disse naquele campo de papoulas que eu nunca faria isso de novo. Que quando eu colocasse a mão em você, seria apenas uma carícia." Gotas de

chuva pingam de seus cílios, mas ele não ousa piscar enquanto murmura: "E eu planejo manter esse voto."

Um longo momento se passa entre nós, no qual tento compreender o quanto ele se importa comigo. E nada nunca pareceu tão certo, jurando nunca mais lutar contra o Enforcer. Então sorrio para ele, uma gota de água escorrendo pelo meu nariz enquanto tento provocá-lo. "Se você estava cansado de levar uma surra, é só dizer isso."

O canto da boca dele se levanta a contragosto. “Oh, é isso que você pensa?”

“Digamos que eu posso sentir isso.” Eu me inclino e sussurro: “Eu sou meio psíquico.”

A última coisa que vejo é um balançar de cabeça antes que o mundo vire de cabeça para baixo. Eu grito quando ele me joga por cima do ombro, o cabelo balançando e o rosto virado para o ringue agora enlameado.

“Você sentiu isso chegando, Pequena Psíquica?” ele chama por cima do ombro em que estou atualmente pendurada. Eu rio apesar de mim mesma, o corpo balançando a cada um de seus passos.

"Para onde você está me levando?" Estou sem fôlego e agarrando a cintura de suas calças com força.

Ele fica quieto por vários passos. “Em algum lugar que nem o futuro pode nos encontrar.”

Eu sorrio tristemente. “O salgueiro?”

“O salgueiro.”



CAPÍTULO 13

Pedyn-P ...

“Então, como exatamente isso aconteceu, de novo?”

Eu olho para cima de onde estou empoleirado na beirada da cama, lutando para calçar meus sapatos. Ela está olhando para a porta que atualmente ocupa o andar à sua frente, cabelos ruivos caindo sobre os olhos. E quando aquele olhar cético e meloso se ergue para o meu, sobrancelhas finas se erguem acima dele.

“Houve...” Eu me esforço para pensar em uma sequência convincente de palavras. “Uma emergência. Mais ou menos.”

“Entendo,” ela reflete, colocando uma mão no cinto de ferramentas em volta da cintura. “Bem, a porta deve estar de volta nas dobradiças antes de você voltar do jantar.”

Eu sorrio, aliviada. “Obrigada, Andy.”

Ellie corre pela sala atrás de mim, juntando as roupas espalhadas pelo chão. Levamos um tempo insuportavelmente longo para escolher algo para meu jantar com o rei. Na verdade, a quantidade absurda de nervosismo vibrando em meu estômago me fez parar na forma de uma repentina exigência com minha aparência.

Fico alisando o tecido verde grudado em mim. O vestido é fluido e amarrado nas costas de uma forma que torna um pouco difícil sugar uma respiração completa. Tentando evitar esse pensamento preocupante, vou até onde Andy agora está agachado ao lado do batente da porta.

Eu a observo mexendo nas dobradiças soltas, torcendo várias ferramentas em volta dos parafusos. Ela me deixa observar, sabendo perfeitamente que eu deveria estar na metade do caminho para a sala do trono agora para jantar com sua prima. Em vez disso, pergunto: "Você gosta de fazer isso? Ser uma Handy no castelo?"

Ela coloca uma mecha de cabelo cor de vinho atrás da orelha. “Não consigo me imaginar fazendo outra coisa. É... gratificante, de certa forma.” Ela abre um sorriso por cima do ombro. “Consertar algo que estava quebrado.”

Eu cantarolo baixinho, o som é incerto. O anel prateado abraçando seu nariz brilha enquanto ela se vira para me dar um olhar questionador. “O quê? Isso te surpreende?”

“Não.” Dou de ombros. “É que... você tem tanto poder.” Meus olhos vão para o cabelo dela, lembrando de cada criatura bordô em que a vi se transformar. “E ainda assim, você está contente com...”

“Ser um Handy humilde?”, ela termina com uma risada. “A maioria das pessoas fica chocada. Por outro lado, a maioria das pessoas não percebe que há mais na vida do que poder.”

Minha zombaria é fraca. “Existe?”

Ela inclina a cabeça, o maneirismo tão parecido com o de sua prima de cabelos escuros. "Imaginei que você, de todas as pessoas, entenderia isso."

Eu balanço a cabeça, sorrio triste. “Para você, há mais na vida do que poder. Isso é porque você o tem.” Meus olhos sobem pelas paredes enquanto os dela permanecem presos em mim. “Mas para mim... minha vida sempre foi sobre poder. E tentar sobreviver sem ele.”

Quando meu olhar encontra o caminho de volta para ela, percebo o leve aceno que ela oferece. "Bem, você certamente enganou a todos nós." Ela oferece um sorriso irônico. "Estou impressionada."

“Não sinta.” Uma risada fraca sai dos meus lábios manchados de escarlate. “Eu só estava tentando sair das Provas. E agora estou de volta a elas.”

Ela se levanta, inspecionando o outro conjunto de dobradiças. “Você ficará bem. Sobreviva a essas Provas...” Seus olhos âmbar encontram os meus, travessos. “E você obterá seu poder. Você será rainha de Ilya.”

Eu a estudo, procurando por qualquer tipo de desconfiança ou amargura persistente após essas palavras. Mas não vejo nada além de indiferença factual pintando os planos afiados de seu rosto. É um alívio olhar para alguém e não ver ódio encarando de volta.

Eu aceno um agradecimento que não consigo expressar antes que meus pés encontrem seu caminho passando por ela e entrando no corredor. "É bom ver você de novo, Andy."

"Você também." Ela está procurando outra ferramenta em seu cinto quando eu me viro. "Oh, Paedyn?" Eu me viro rapidamente, o vestido balançando contra meus tornozelos. Suas sobrancelhas abaixam ligeiramente sobre olhos repentinamente severos. "Não o machuque. Ele não pode se dar ao luxo de quebrar novamente."

Engulo em seco. Concordo lentamente. “Não estou planejando isso.”

Ela parece satisfeita com essa resposta, virando-se com um pequeno sorriso. Eu faço o mesmo e sigo pelo corredor, meu peito apertado sob os limites deste vestido. Eu aliso uma mão pelo cabelo ondulado enrolado em volta da minha orelha, passos rápidos pelo carpete felpudo.

Uma cabeça familiar de cabelo vermelho dobra a esquina antes de facilmente pisar a tempo ao meu lado. Mal olho para o Imperial mascarado. "Você não deveria estar guardando um certo assassino?"

“Sim”, ele zomba, “então *você* não pode assassiná *-la* ”.

Meus olhos encontram os dele. “Bem, ela está sozinha agora.”

“Mas você não é.”

Viro para outro longo corredor. “O que você está fazendo aqui, afinal?”

Ele pressiona uma palma contra o peito, fingindo estar ofendido. “Não tenho permissão para visitá-la, princesa? Senti muito a sua falta.” Dou a ele um olhar que força a verdade a sair de sua boca. “Tudo bem, então eu tive que aceitar um mijo. Não significa que eu não teria vindo e te encontrado.”

Eu luto sem entusiasmo contra meu sorriso. "Bem, estou indo jantar com o rei, então não precisa se preocupar com nenhum assassinato meu esta noite."

“Que reconfortante”, ele diz secamente. “E você não quer dizer jantar com sua *noiva* ?”

“Certo,” eu murmuro. “Eu esqueci que casal feliz nós somos.”

“Seja boazinha, Princesa,” ele avisa, me guiando em direção às portas imponentes da sala do trono. “Você ainda não é a rainha dele.”

Aliso a saia do meu vestido com mãos que se recusam a ficar paradas. "E talvez eu nunca fique." Diminuímos a velocidade ao lado das portas, e antes que ele possa me convencer de que tudo ficará bem, eu o puxo para um abraço. Ele hesita apenas por um momento, então cruza os braços firmemente ao meu redor. "Vejo você depois do Julgamento", sussurro, mesmo que seja apenas para me convencer desse fato.

Depois de vários longos segundos, eu saio do abraço dele. E com meu aceno para os guardas que aguardavam, as portas se abrem.

As salas do trono se estendem diante de mim, delineadas com os mesmos pilares brancos entre os quais fui desfilado mais de uma vez. Eu levanto meu queixo, caminhando sozinho em direção à grande mesa no centro da sala.

Pela primeira vez, estou aqui por livre e espontânea vontade, e há poder na escolha.

O rei se senta na ponta da mesa esparramada, cabelos loiros despenteados e olhos verdes manchados de fadiga. Ele oferece um pequeno sorriso quando me aproximo. “Boa noite, Paedyn.”

“Boa noite,” eu respondo, olhos vagando para o pergaminho espalhado que ele embaralha em uma pilha ao lado do prato. “Estou te afastando do seu trabalho?”

“Não, não é nada urgente”, ele responde com desdém. Eu o observo entregar a pilha de papéis para um servo próximo que sai correndo. “Eu vim de uma reunião com os Acadêmicos.”

“Estudiosos?” Eu paro diante da mesa bocejante. “Tenho certeza de que eles estão ansiosos para aconselhá-lo sobre como este reino deve ser governado.”

“Eles certamente são”, zomba o rei.

Não posso deixar de tirar um momento para admirar sua resiliência diante daqueles que zombam dela. Kitt mudou desde que eu rasguei sua vida nas costuras. Agora, egoisticamente, espero que ele me deixe voltar para esta cuidadosamente consertada.

Meu olhar cai na comida colocada diante de nós. O prato que me espera está na ponta oposta da mesa, empurrando vários metros de distância entre nós.

Devo ter deixado a confusão transparecer em minha expressão porque Kitt suspira: "É assim que as refeições reais são normalmente realizadas."

Nada em seu tom implica que ele deseja que as coisas sejam diferentes. E essa percepção faz meu peito apertar. Não quero que nossas vidas sejam conversas distantes e olhares evasivos. Se estamos destinados a reconstruir o reino que um rei tirano destruiu, quero que façamos isso juntos, não a contragosto.

“Isso é ridículo,” eu digo simplesmente antes de pegar minha cadeira e levá-la até ele. Sua expressão muda ligeiramente, o suficiente para retratar um tom de insegurança.

Eu nos fiz assim. Eu estraguei o relacionamento que ele cultivou meticulosamente. Então sou eu quem humildemente estenderei um ramo de oliveira, levantarei uma bandeira branca entre nós.

Quando cheguei ao espaço ao lado dele, deixei as pernas de madeira da minha cadeira baterem no chão de mármore com um baque ecoante.

Kitt levanta uma sobrancelha. “O que você está fazendo?”

“Isso”—eu gesticulo para a ponta oposta da mesa—“era como as coisas costumavam ser feitas. Mas estamos mudando as coisas, sim?”

“Estamos.” Impressionantemente, Kitt muda de assunto com um gesto em direção

às pilhas de comida diante de nós. “Por favor, me ajude a comer um pouco disso.”

Eu solto um suspiro.

Ele não vai facilitar isso para mim.

Quando o rei pega uma colher parcialmente enterrada na tigela de vagens, um criado corre da parede para me ajudar. Eu nem tinha notado os vários pares de olhos alinhados na sala até que ele educadamente acena para ela.

Tendo deixado meu prato e utensílios do outro lado desta mesa absurdamente longa, levanto-me para recuperá-los antes que uma criada chegue antes de mim. Ela reajusta meu lugar sem dizer uma palavra, oferecendo um leve aceno em resposta à minha gratidão.

“Obrigada, Mandy,” Kitt murmura. “Nós nos serviremos pelo resto da noite.”

O som do nome dela rolando tão facilmente da língua dele fez meu peito apertar. Eu tinha esquecido o quão bem ele conhecia a equipe, o quanto ele se importava com cada servo dentro do castelo. Sentada ao lado dele, quase consigo ver a amiga que eu conheci. Aquela que eu traí.

Tento uma leveza casual que agora é estranha à minha voz. “Isso parece delicioso.”

Parece que sou incapaz de manter uma conversa com substância.

Kitt coloca uma porção generosa de purê de batata em seu prato. “Gail sabe que esta é minha comida favorita e a faz há semanas.” Ele dá uma mordida que é rapidamente seguida por um aceno de cabeça satisfeito. “Mas eu definitivamente não estou reclamando.”

Eu belisco minha própria comida, mesmo enquanto meus olhos estão teimosamente fixos nele. "Ela deve ter ficado tão preocupada com você", eu digo baixinho. "Ouvi dizer que você não estava... bem." Quando ele encontra meu olhar, eu me apresso em acrescentar, "O que é completamente compreensível e definitivamente minha culpa, mas—"

Sua risada corta minhas palavras.

Ele está rindo.

Não é um som muito positivo, mas sim um que é feito às custas de outro. Isso não é nada como a risada que testemunhei entre ele e Kai. O som se acalma com uma leve tosse. “Respire fundo, Paedyn. Já deixei isso para trás.”

Eu ainda estou com minhas mãos inquietas. “Mas você não me perdoa.”

O silêncio cresce entre nós.

Seu garfo faz barulho contra a porcelana. Eu me endireito ao som, observando o rei apoiar os cotovelos sobre a mesa, o que o faz se inclinar mais para perto. "Eu quero que isso funcione", ele finalmente murmura, o olhar fixo no diamante brilhante. "Isso precisa funcionar — para Ilya. Para todos. Mas isso não significa que precisamos ser mais um para o outro do que somos agora."

Minha determinação endurece diante de seu desrespeito por esse relacionamento estagnado. "Não. Não, eu não vou aceitar isso." Sua sobrancelha se arqueia enquanto eu continuo com um desafiador, "Eu quero consertar isso. Nós. Nós costumávamos ser... próximos. E eu sei que é minha culpa não sermos mais, mas se vamos passar o resto de nossas vidas juntos, podemos muito bem tentar aproveitar."

Kitt se recosta na cadeira, estendendo o silêncio embaraçoso ainda mais com um longo gole de seu copo. Finalmente, ele se digna a murmurar uma sequência de palavras arrepiantes. “Você já tem Kai. Por que se preocupar em aprofundar nosso

relacionamento?”

Meu coração bate forte contra um peito apertado. Amaldiçoando silenciosamente esse maldito vestido, consigo dizer um ofegante, "Kai não é com quem vou me casar."

“Mas ele queria que você fosse.”

Abro a boca. Fecho. Tento de novo. “É disso que se trata? Seja lá qual for... a proximidade que você acredita que eu tenho com Kai?”

“Eu o conheço, Paedyn.” As palavras de Kitt são cortadas. “Melhor do que eu já conheci alguém. Não pense que não notei os sentimentos reprimidos dele por você. Mesmo depois de tudo.”

Há uma amargura em sua voz que me faz parar. É o tipo que normalmente acompanha ciúmes e desejo silencioso.

O olhar do rei percorre meu corpo e minha garganta fica seca.

Pensamentos giram em minha cabeça, cada um mais absurdo que o anterior. Kitt não poderia ainda ter sentimentos por mim. Não depois do que eu fiz. Mas suas palavras, seu olhar penetrante que me deixa nua, dizem o contrário.

“É por isso que você me afasta?” Eu respiro. “Por Kai?”

Ele quase ri de novo. “Algo assim.”

“Você não quer machucá-lo por... estar comigo.” Com um balançar de cabeça, eu me esforço para juntar os pedaços desse jogo perigoso que Kai e eu fingimos jogar. “Mas não precisa se preocupar, Kitt. O que quer que tenha havido entre o Enforcer e eu terminou quando ele me arrastou de volta para cá. Sob suas ordens.”

O rei respira fundo, talvez aliviado pela lembrança de uma ordem obedecida. “Sim, não posso dizer que não fiquei um pouco surpreso quando ele te trouxe de volta para mim.” Seu olhar verde fica aguçado. “Ele era seu, inteiramente.”

Eu engulo em seco. “Não mais.”

Fingir.

Finja que o Enforcer não tentou me libertar antes de nossa jornada até o castelo. Finja que nosso tempo juntos não nos aproximou impossivelmente. Finja que ele não é o destino que eu tolamente esperava ganhar.

Kitt sorri, mais livremente do que desde minha chegada. “O tempo dirá.”

“Quero ganhar seu perdão. Sua confiança.” Minha mão encontra a dele, surpreendendo nós dois. Eu não tinha planejado o movimento, mas aqui estava eu, dedos espalhados em sua pele. “Deixe-me tentar fazer isso.”

Seus olhos ainda estão em nossas mãos entrelaçadas quando ele concorda. "Acho que é justo eu te dar uma chance."

“Obrigada”, suspiro.

Com um pequeno sorriso, ele retorna seu olhar para o prato de comida esfriando na minha frente. “Agora coma. Por favor. Você precisa de toda a energia que puder obter para seu Trial amanhã.”

Aliviado por falar menos formalmente, eu gemo enquanto enfio uma garfada de purê de batata na boca. "Não me lembre disso."

“Tudo vai ficar bem.” Ele dá uma mordida no presunto. “Ilya vai ficar impressionado.”

Eu bufo. “Só se eu morrer. Talvez eles até batam palmas.”

“Mesmo que você fizesse isso, ninguém estaria lá para aplaudir.”

O garfo paira na frente da minha boca. “O que você quer dizer?”

“Assim como os Purging Trials, estes não acontecerão no Bowl,” ele oferece graciosamente. “Bem, não todos eles, pelo menos.”

“Sério?” Meu estômago se revira em nós. “Haverá Sights me arrastando atrás?”

Ele leva uma taça de vinho aos lábios. “Talvez. Talvez não.”

“Bem, se o tribunal criasse esses julgamentos para mim, não consigo imaginar que eles seriam nada menos que perigosos.”

Aqueles olhos verdes percorrem meu rosto, e quando finalmente os encontro, é uma mistura contraditória de emoções que vejo dentro de mim. “Os dois marcos em que você ainda não teve um Trial”, ele finalmente diz. “É lá que você estará.”

Meu olhar cai em seu peito, onde sei que o brasão de Ilya está tatuado na pele sob sua camisa de colarinho. O diamante lateral representa os quatro marcos que nos cercam — dois dos quais já sobrevivi nas Provas de Purgação. Isso deixa...

“As Queimaduras e os Rasos.”

Ele acena lentamente. “O deserto e o mar.”

“Ótimo,” eu digo alegremente. “Eu mal sobrevivi aos Scorches na primeira vez.”

Cruzando os braços magros sobre o peito, Kitt acrescenta: “Este primeiro Trial é sobre bravura. E os medos vêm em muitas formas diferentes.”

Estudo sua expressão estoica. Então, uma pergunta apressada surpreende minha língua. “Que medo testaria você neste Trial de bravura?”

“Isso é um pouco pessoal.” Ele diz isso acusadoramente, apesar de sua expressão estar tingida de diversão.

“É esse o ponto”, eu retruco.

“Fracasso,” ele diz finalmente, simplesmente. “Insignificância.”

Não digo a ele que isso faz todo o sentido considerando a maneira como ele foi criado. Em vez disso, estendo esse ramo de oliveira na forma de compreensão. “Esse é um medo admirável de se ter.”

Kitt bufa, e acho que pode ter sido uma risada disfarçada. “E o seu?”

Eu dou de ombros. “Muitos para contar.”

“Não parece.” Ele toma um gole de vinho. “Nem mesmo quando você estava nos Julgamentos de Purgação.”

“Sou bom em fingir.”

“Eu percebi isso.”

Palavras saem da minha boca em resposta às dele. “Mas eu não estou fingindo ser seu amigo. Eu nunca precisei. Nem mesmo quando precisei encontrar aquele túnel. E eu vou continuar tentando provar isso até você me dizer que acredita.”

Há uma longa pausa. “Ok.”

“Ok”, repito severamente.

Ele abre um sorriso. Eu sorrio de volta.

Sinto-me jovem. Esperançoso. Renovado.

Neste momento, vejo o futuro que poderíamos ter: um vislumbre do garoto que jogou chocolates na minha boca e ajudou a limpar cada um que eu perdi do chão.

Eu vejo uma amizade, não amor.

Não, amor é o que vejo quando olho para o irmão dele.

Passo meu garfo pela pilha de purê de batatas no meu prato. "É uma hora horrível para te dizer que nunca gostei muito da sua comida favorita?" Suas sobrancelhas levantadas me fazem tentar emendar com um fraco, "É uma questão de textura."

Ele se inclina para trás, balançando a cabeça. “Você não está ajudando seu caso, Paedyn.”

Não reprimo minha risada a tempo. “Ah, então minha antipatia por purê de batata é o que é imperdoável?”

“Temo que sim.”

Com um balançar de cabeça, levanto uma garfada de batatas entre nós. “Ótimo. Para minha antipatia por purê de batatas. Que seja nosso maior problema.”

Isso me rende um leve sorriso. Ele bate seu garfo contra o meu e ecoa: “Que seja nosso maior problema.”



CAPÍTULO 14

Kai

Eu passo entre os anéis de treinamento, com as mãos casualmente escondidas atrás das costas.

Corpos suados enchem o pátio, alguns lutando enquanto outros gemem durante o conjunto de exercícios que os forcei. Eu examino a extensão lotada de terra e grama rasgada, rastreando os movimentos daqueles ao meu redor. Minha mão dispara, levantando o cotovelo de um Brawny enquanto passo. "Mantenha as costas retas. Carregue a espada mais alto."

O Imperial acena com a cabeça antes que eu continue pelo caminho, capturando um Flash antes que ele tropece em uma besta carregada ou em um Bloom interessado em destruir meu pátio de treinamento.

Parece que meus soldados estão sem prática.

O pai garantiu que a maior parte do meu tempo fosse gasto caçando Ordinários. Mas, vendo que Kitt me livrou daquela tarefa horrível, agora posso me concentrar em chicotear meus homens para que fiquem em forma.

"Não me importa se você é o Elite mais forte aqui," eu chamo, parado no centro do caos. "Quero que você aprenda a lutar sem habilidade." Eu aponto para um Imperial particularmente imundo. "Amplie sua postura. E você—" Eu entro em um ringue, puxando o antebraço de um Shell para cima. "Proteja seu rosto, sempre. Você não é feito de pedra agora."

Passei o dia inteiro gritando variações da mesma coisa. A cada duas horas, uma nova rotação de soldados entrava no pátio, substituindo os que eu tinha desgastado. Ordinários são espalhados entre as Elites e instantaneamente reconhecidos pelo grupo. Eles são tímidos, inseguros sobre cada movimento, como se estivessem com medo de fazer um errado. Aprendi nas últimas horas que é melhor separar esses Ordinários das Elites provocadoras. Pelo menos até que eu tenha certeza de que eles podem brandir uma espada corretamente.

A escuridão cobriu o céu antes que eu finalmente voltasse para o castelo.

Estou cansado e com fome, mas, acima de tudo, estou pensando nela.

Meus pés são rápidos para encontrar o caminho em direção aos aposentos da rainha. Parece errado, e ainda assim, tão inteiramente apropriado que ela os esteja ocupando. Os corredores estão quietos, as sombras são espessas, e—

A porta dela está consertada.

Eu não deveria estar surpreso, considerando que fui eu quem disse a Andy que precisava de reparos. Com o trabalho duro dela em mente, eu gentilmente bato meus dedos contra a madeira em vez de chutá-la para fora das dobradiças.

Os passos dela se aproximam do outro lado da porta. Fiquei muito bom em memorizar cada som que ela faz. Cada risada de sua garganta, cada arrastar de seus pés, cada suspiro contra minha boca.

A porta se abre, e lá está ela. Uma blusa larga pende de seu ombro bronzeado, a bainha dela quase cobrindo o short de seda expondo o comprimento de suas pernas. Seu cabelo curto está úmido, a pele doce com os restos de óleos de banho. Eu a respiro enquanto meus olhos vagam pela figura familiar diante de mim.

Ela espia a cabeça para fora da porta, a expressão repentinamente ansiosa. "Você não deveria estar aqui", ela sibila no silêncio. Então, sem outra palavra, estou sendo puxada para o quarto dela.

Eu chuto a porta fechando atrás de mim. “Onde mais eu estaria?”

“Seu próprio quarto, talvez?”

“Meu quarto não tem você nele.” Meus lábios se contraem. “Por isso estou no seu.”

Ela balança a cabeça para mim em descrença. "Bastardo insuportável e convencido."

Envolvo um braço em volta da cintura dela para puxá-la contra mim. Meus dedos tocam a ponta do nariz dela, a voz suavizando para um sussurro. "E minha linda..." Eu a beijo gentilmente, sinto sua boca derreter contra a minha. "Linda Pae."

Ela puxa minha blusa, pressionando seus lábios contra os meus. Eu me afasto da porta antes de empurrá-la mais para dentro do quarto. Esse beijo é ganancioso e doloroso. Esse beijo é feito de cada momento em que não consegui tocá-la, cada momento em que a quis, mas me obriguei a não fazê-lo.

Seus lábios são tão macios quanto a pele sob minhas mãos errantes. Sinto um arrepio percorrer sua espinha quando meus dedos se enrolam em seu cabelo úmido. "Você não deveria estar aqui", ela lembra novamente, mal conseguindo pronunciar as palavras.

Minha resposta é um sussurro contra seus lábios. “Eu sei.”

“Alguém poderia ter visto você”, ela suspira.

"Eu sei."

As mãos dela agarram meu cabelo. “Sou uma mulher comprometida.”

Minha voz é baixa. "Oh, eu sei." Meus dedos encontram aquele maldito anel, deslizando-o para fora enquanto minha boca se move contra a dela. Ela faz um som de protesto contra meus lábios que faz meu coração acelerar, mas consigo agarrar seu outro pulso de onde ele está enterrado em meu cabelo. Antes que ela possa me impedir, empurrei a aliança para o dedo de sua mão direita. "Pronto. Agora é só um anel. Sem votos anexados."

Ela se afasta com um sorriso que me faz perder o fôlego. "Oh, é tão simples assim?"

“Pode ser”, digo rápido demais, desesperado demais.

O momento aquecido desaparece entre nós, deixando apenas um suspiro ofegante respirações e o lembrete sombrio do nosso futuro. Paedyn dá um passo para trás, depois mais uma dúzia enquanto começa a andar de um lado para o outro no tapete felpudo. Tirando o cabelo molhado do pescoço, ela limpa a garganta. “Kitt está... desconfiado do nosso relacionamento. Acho que é por isso que ele me afasta.”

Eu me forço a zombar, sabendo que a alternativa é muito mais perigosa. “Porque ele ainda se importa com você.”

“Só precisamos ter cuidado”, diz Paedyn calmamente. “Não quero tornar as coisas mais difíceis do que já são.”

Eu me viro, enfiando as mãos nos bolsos. De repente, estou muito interessado na

moldura que decora a porta dela. "Então, presumo que você falou com Kitt?"

"Jantamos juntos." Ela espera por uma reação que eu não dou a ela. "Vamos começar a fazer isso regularmente."

"Claro," eu mordo. "Reis e rainhas jantam juntos, afinal."

O ciúme pesa em minhas palavras, forçando minha voz o suficiente para fazer Paedyn suspirar. Suas mãos seguram meu rosto para virá-lo em sua direção. "Por favor, não me afaste também. Eu não quero isso mais do que você."

Eu consigo assentir antes que ela dê um peteleco na ponta do meu nariz fracamente. Fico momentaneamente atordoado com a ação, como sempre fico. Mas nunca fica mais fácil, me ajustar à alegria que cresce dentro de mim quando seus dedos dão um peteleco no meu nariz. Sentir seu carinho tão fisicamente é um privilégio que não mereço.

"Não faça isso", eu respiro.

"Fazer o quê?"

Eu abaixo a cabeça. "Arruine-me."

"Achei que era isso que você queria?" ela me lembra maliciosamente.

"Não assim." Eu coloco uma mecha úmida de cabelo atrás da orelha dela. "Não com ele."

Uma dor lenta começa a crescer inevitavelmente em meu peito. Eu sempre amarei meu irmão, mas não tenho certeza se consigo suportar vê-lo envelhecer com ela. Lealdade e amor são condenatórios o suficiente quando separados um do outro. Agora, eles estão perigosamente entrelaçados.

Um olhar persistente e simpático é a única resposta que ela oferece.

"Então, você veio se despedir?" A voz de Pae é suave, sua mudança de assunto nem tanto. "Só por precaução."

"Não preciso me despedir," respondo sem graça. "Porque te vejo depois do Julgamento."

Seu olhar é distante. "Eu vou para os Scorches. Ou para os Shallows." Eu ainda ouço suas palavras, preparado para perguntar como ela sabe disso quando a resposta sai de sua boca. "Kitt me disse. Duas das Provas acontecerão nos marcos restantes aos quais ainda não sobrevivi."

Eu balanço minha cabeça. "Claro que vão. Eu não deveria ficar surpresa que o tribunal te jogasse em algum lugar onde você nunca esteve antes." Ela abre a boca, me pedindo para acrescentar, "Mas, não, eu não vou dizer adeus, porque você vai ficar bem. Bravura é a menor das suas preocupações."

Ela fica quieta por um tempo problemático. Então, um sorriso suave encontra seu caminho para seus lábios. "Quando parti para os Julgamentos de Purgação, Adena me garantiu que não era um adeus, apenas uma boa maneira de dizer adeus até que eu a visse novamente." Ela engole em seco. "Foi a fala mais ridícula, mas ela disse isso tantas vezes ao longo dos anos."

Ela faz um som de dor que lembra um pouco uma risada. Olho para ela, encontrando uma mistura de tristeza e raiva endurecendo suas feições. Meus dedos levantam seu queixo. "Então, nas sábias palavras de Adena, esta é simplesmente uma boa maneira de dizer adeus até... seja lá o que for."

Ela estava rindo antes mesmo que eu começasse a me afastar. Mas, dessa vez, é o tipo de som que me faz prender a respiração, olhos sem piscar para que eu não perca

um único segundo. "Até que diabos", Paedyn repete com um aceno de cabeça.

Eu sorrio até que o que ela usa desapareça, e mesmo assim, eu sorrio novamente na esperança de que o dela retorne. Depois de um momento longo demais, eu finalmente admito por que estou aqui em primeiro lugar. “Tenho algo para você.”

Uma sombra de ceticismo cai sobre seu rosto. “Eu deveria estar preocupada?”

Alcançando minha bota, cuidadosamente deslizo o presente para fora dela. “ *Eu* deveria estar preocupada. Provavelmente ele vai encontrar o caminho para o meu pescoço novamente.”

A adaga prateada brilha, como se a chamasse.

Seus olhos se arregalam, percorrendo a lâmina afiada e o padrão espiralado que reveste o punho. Estendendo a mão lentamente, ela agarra a faca do pai. E por este único momento, tudo está bem no mundo.

Lá está ela, a Salvadora Prateada, parada diante de mim — adaga na mão e um sorriso se espalhando pelo rosto.

“Obrigada.” Ela mal consegue dizer as palavras. “Achei que nunca mais veria isso.”

Eu sorrio. “Só tente o seu melhor para não me cortar ao meio, ok?”

“Você primeiro, príncipe.”

Suas palavras são para provocar, mas em vez disso meus olhos se voltam para a cicatriz rastejando em sua coxa. O sorriso desaparece do meu rosto ao lembrar o que eu tinha feito a ela enquanto tentava cumprir minha missão. Ela dá um passo mais perto, sentindo minha seriedade repentina com um leve olhar de preocupação. Meu olhar sobe até a carta que eu sei que está esculpida acima de seu coração.

Sua palma encontra meu rosto em uma carícia gentil. “Você não é ele.”

Essas três palavras ameaçam me despedaçar.

Não consigo me obrigar a olhar para ela. É um alívio repentino e ensurdecedor que se segue à sua garantia. Eu nem tinha percebido o quão terrivelmente eu precisava ouvir isso de seus lábios. As simetrias entre meu pai e o monstro que ele fez de mim assombram cada canto da minha mente desde que me lembro.

“Kai.” Sua voz é delicada o suficiente para refocar minha mente frágil. “Você não é ele,” ela sussurra novamente, lágrimas picando aqueles lindos olhos azuis. “Eu preciso que você saiba disso. Por mim.”

Eu aceno, sem saber para onde foram todas as minhas palavras. Ela segura meu rosto suas mãos, me seguram com um toque que eu queria que pertencesse somente a mim. “Você não é ele,” ela repete com um sorriso suave. “Mas vocês dois deixaram marcas muito diferentes no meu coração. Um um *O* , e o outro algo ainda mais condenável.”

Suas palavras não ditas pairam no ar entre nós.

“Paedyn.” Eu inclino minha testa contra a dela, doendo para dizer do que ela tem tanto medo. Naquele campo de papoulas, eu disse a ela o quão impossível era me impedir de me apaixonar por ela. E ainda assim, as três palavras condenatórias ainda não saíram dos meus lábios.

Eu te amo.

Abro a boca, mas é a voz tensa dela que ouço. "Não. Ainda não." Ela solta um suspiro, seus dedos roçando o comprimento da minha bochecha. "Toda pessoa que já me disse isso se foi. E eu... eu preciso de você mais do que preciso dessas palavras."

Eu sorrio, pressionando um beijo em sua testa. “Será preciso muito mais do que

meras palavras para me afastar de você, querida."

"É melhor", ela sussurra.

Sua adaga pende frouxamente da mão que ela enroscou em volta do meu pescoço. Estranho, que houve uma época em que eu temia que ela a enterrasse em minhas costas. Agora eu prontamente exponho minhas fraquezas diante dela.

É como se ela estivesse inteira novamente em meus braços, reunida com o fantasma de seu pai e mantida nos braços de seu Executor. E quando ela me beija, longa e ferozmente, percebo o quão feliz eu viveria o resto da minha vida na ponta de uma lâmina. Contanto que ela seja a única segurando-a.



CAPÍTULO 15

Pedyn-P ...

Eu ando no ritmo da batida constante do meu coração.

A luz do sol atravessa os prédios desgastados, seguindo-me como um holofote pela rua lotada. A familiar adaga amarrada à minha coxa é um conforto ao qual me agarro, junto com a lembrança de suas mãos prendendo-a ali.

“Impressione-me hoje, querida”, ele sussurrou, ajoelhando-se diante de mim. As palavras eram tão parecidas com as que eu havia dito depois que lutamos pela primeira vez. E com suas mãos segurando minha coxa, olhos cinzentos encontrando os meus através de cílios escuros, percebi, assustadoramente, que faria qualquer coisa para ganhar seus elogios. Muito menos, sobreviver a esta Prova.

Então eu mantenho minha cabeça erguida, mesmo com centenas de olhos examinando cada centímetro de mim. A comitiva de Imperiais me guiando pela cidade não faz nada para silenciar os gritos ocasionais quando passo. E se não fosse pelo rei caminhando ao meu lado, tenho certeza de que não haveria nada além de maldições voando das bocas ao meu redor.

Eu me inclino em direção a Kitt, embora meu olhar nunca deixe os ombros largos do Enforcer alguns passos à minha frente. "Então, eu estarei nos Scorches." Digo isso categoricamente, sabendo que estamos indo para o leste pela cidade.

O ombro que ele encolhe roça no meu. “Mais ou menos.”

Meus olhos se movem rapidamente para ele, confusão enrugando minha testa. O movimento faz uma gota de suor rolar pela minha têmpora, forçando meu foco para o quão insuportavelmente quente eu já estou. Minhas calças escuras estão apertadas contra minhas pernas, túnica escorregadia de suor sob o sol escaldante.

Uma pequena multidão se reuniu atrás de nós, seguindo nossos passos até a orla da cidade. A esperança de que eles testemunhem minha morte em primeira mão os mantém marchando no calor. Quase admiro sua devotada aversão por mim.

Quando paramos nos arredores da cidade, não é o calor que deixa minhas palmas molhadas de suor. Meu coração bate forte enquanto observo a vasta extensão de deserto espalhada diante de mim. Eu mal sobrevivi àquele mar de areia da última vez que ousei atravessá-lo.

E se essa é a bravura que este Trial está testando, não tenho certeza se consigo reunir forças para fazê-lo novamente. O terror me abraça com força enquanto aguardo meu retorno inevitável a outro conjunto de Trials. Ainda não abordei completamente a abundância de dor e medo persistentes que acompanharam os últimos que mal suportei.

Como se ouvisse meus pensamentos acelerados, Kitt se vira para encarar a multidão expectante. Um rosto familiar está ao lado do rei com uma mão em seu ombro. Tealah usa sua habilidade Amplificadora para projetar sua voz pela rua, assim como ela fez durante cada entrevista dos Julgamentos de Purga. "Hoje, Paedyn Gray

será testada por sua bravura — a primeira dos três *B* 's pelos quais meu pai governou este reino. Assim que os Julgamentos forem concluídos, vocês — povo de Ilya — a aceitarão como sua rainha."

Nunca senti tantos olhares me varrendo. O escrutínio silencioso deles me arrepia, mas me forço a não desviar o olhar. "Como todos sabem", Kitt continua, "a primeira rainha de Ilya foi sepultada no Santuário das Almas quando a terra árida era destinada a ser um cemitério para a realeza. Hoje, o Julgamento de Paedyn consistirá em recuperar sua coroa da cripta em que ela está enterrada."

A respiração fica presa na minha garganta seca.

Quando os olhos de Kai encontram os meus por um breve momento, sei que ele está pensando no tempo que passamos juntos naquela estrada perigosa. Ele me contou como a primeira rainha foi enterrada lá antes que os bandidos reivindicassem a terra como sua. Agora ela jaz sozinha, sua única companhia são aqueles que esperam roubar de seu túmulo.

"Bandidos desejam encontrar sua coroa há décadas", Kitt acrescenta, "mas até eles foram assustados para longe da cripta por razões desconhecidas." Seus olhos lentamente encontram os meus, cheios de encorajamento, apesar de suas próximas palavras. "Este é realmente um teste de bravura. Primeiro, ela cortará as Queimaduras antes de encontrar a cripta dentro do Santuário das Almas. Para recuperar a coroa, Paedyn enfrentará todo tipo de perigo. Pior de tudo, sua mente provavelmente conjurará medos por conta própria."

Respiro fundo, tentando fingir que isso não foi absurdamente ameaçador. E para concluir seu discurso reconfortante, Kitt acrescenta: "Se a coroa for apresentada à corte antes da meia-noite, Paedyn Gray passará neste primeiro Julgamento. Se ela não passar, no entanto..." Ele examina a multidão, expressão ilegível. "Ela não é digna de ser sua rainha."

Mal dou uma olhada para a multidão que balança a cabeça antes de me virar para os Scorches que aguardam. Suas palavras têm uma raiva gelada se espalhando por mim, esfriando minha pele pegajosa. Este teste não prova nada da minha capacidade de governar um reino, e ele sabe disso. Mas ser um Ordinário é provar a mim mesmo de maneiras que nem mesmo os Elites conseguem.

Não são os Trials em si que eu temo — é o que eles vão tirar de mim. A que serei forçado a sobreviver desta vez? A quebra da minha vontade? O piscar daquela luz dentro de mim?

Meu coração bate forte em ouvidos abafados.

Se eu retornar dessas Provas, será menos de mim. Estou ficando sem entes queridos para assistir morrer em meus braços, então talvez seja eu desta vez. tempo ao redor. E talvez seja melhor assim—morrer antes que esta vida roube o calor que Adena costurou em minha alma.

Este reino fez o melhor que pôde para me preparar para a morte. Ou pior—para o fracasso.

Então, quando Kitt faz um leve aceno de cabeça, e Kai faz um movimento familiar com os lábios, parti em direção ao deserto.

Minhas botas se movem na areia, me lembrando dos dias torturantes passados caminhando por ela. As vozes ficam mais distantes a cada passo, mas cada olhar nas minhas costas é tão tangível quanto o sol batendo nelas. Acabei de começar meu

caminho diagonal através das Queimadas e, ainda assim, meu corpo parece pesado. Ele me trai a cada passo, como se minhas próprias pernas doessem para me levar para longe deste lugar.

Talvez o medo tenha começado no momento em que pisei nesta areia.

Mas não foi coragem que me trouxe de volta aqui. Foi necessidade. Esperança.

O suor escorre pelo meu pescoço, escorrendo pelas minhas costas. Tentando prender meu cabelo em uma tira, descubro rapidamente que apenas metade dos fios curtos permanecerão presos no nó.

Com um bufo frustrado, aperto os olhos no sol ofuscante e fixo minha atenção no aglomerado de pedras bem à frente. Tenho que lutar contra o desejo absurdo de sorrir ao lembrar de passar correndo por aquelas pedras e entrar no campo de papoulas além, Kai mordendo meus calcanhares. Ele era meu inimigo naquela época, e ainda assim, nunca estivemos tão perto.

Eu me viro, protegendo meus olhos, para ver uma figura familiar me observando da borda da cidade. Agora, o Enforcer é algo muito mais devastador do que um amante, mas nunca estivemos tão separados. Manter distância dele é um teste por si só.

É cruel não poder chamá-lo de meu depois de tudo que passamos.

Talvez em outra vida eu seja forte o suficiente para nunca precisar de provas de isso. Talvez em outra vida, eu seja corajosa o suficiente para confessar que o amo. Talvez em outra vida, eu aprenda a amá-lo de longe. E essa é a coisa mais destemida de todas.

Então desvio o olhar, deixando meus pés me levarem ainda mais longe dele.



CAPÍTULO 16

Pedyn-P ...

Minha garganta está seca, com gosto de déjà vu.

A cada passo arrastado que dou, a história se repete. Mais uma vez, aqui estou eu — areia escorregando para dentro das minhas botas e o sol queimando minha pele. Pelo menos dessa vez, o fim está à vista.

Eu caminho penosamente em direção ao caminho rochoso, desejando desesperadamente que este Julgamento acontecesse no acolhedor campo de papoulas ao lado dele. O sol cruzou o céu na ponta dos pés, surgindo furtivamente no horizonte. Não só fui incumbido de encontrar a cobiçada coroa da primeira rainha, mas também estou correndo contra o próprio tempo.

Acelero meu passo lentamente, girando o anel de aço em volta do meu polegar.

Se o Pai pudesse me ver agora...

Uma pontada no meu coração me atinge com força no peito. Não a tristeza típica que me toma quando penso nele e na morte que ele encontrou, mas o tipo de mágoa que tende a acompanhar a verdade. Porque ele não é meu pai.

As palavras soam cruéis, mesmo de onde ecoam em meu crânio. E, de muitas maneiras, é injusto da minha parte pensar isso. Sou indesejado neste reino desde o momento em que nasci. Mas não para o homem que encontrou eu na porta dele depois de perder uma esposa e um filho. Eu me tornei tudo para ele. E talvez seja tudo o que você precisa para ganhar o título de "pai".

É só quando o cascalho estala sob minhas botas que percebo que entrei no Santuário das Almas. Limpando meus pensamentos e reunindo minha vigilância, sigo pelo caminho largo que eventualmente leva a Dor. Meu passo acelera sem a areia para me desacelerar, deixando uma parede de pedras de cada lado.

A bainha amarrada à minha coxa ficou quente no sol, mas o hábito me fez descansar uma mão no punho da minha adaga. Está assustadoramente silencioso no caminho pedregoso, me deixando nervoso. Bandidos reivindicaram esta terra, roubaram-na das próprias almas. E eu sei em primeira mão o quão cruéis eles podem ser.

Examino as pedras altas ao meu lado, procurando por qualquer sinal de movimento. A preocupação rapidamente se insinua em meus pensamentos, a dúvida logo em seguida. Não tenho a menor ideia de qual caverna escondida entre as rochas contém a rainha solitária dentro dela. "Então terei que procurar em todas elas", murmuro baixinho.

O sol se pôs atrás de um aglomerado de pedras enormes, e fiquei estranhamente frio sem seu conforto consistente. Meu olhar cansado tropeça na visão de uma caverna à minha esquerda. Acelerando o passo, sigo para a entrada escancarada.

Sou engolido pela escuridão após vários passos lentos sob a pedra arqueada. Minhas mãos tateiam a parede, palmas espalmadas contra a rocha fria em uma

tentativa de guiar. Vincos irregulares de pedra cortam minha pele para jorrar sangue de cortes finos.

Mordo minha língua contra a dor pungente e a viscosidade que a acompanha que agora cobre minha palma. Forçando-me a focar em sentir o que não posso ver, caio de joelhos. Minhas mãos vagam pelo chão frio da caverna, procurando por qualquer tipo de pista.

"O que diabos estou fazendo?", sussurro, já perdendo a paciência. Meu pai pode ter me treinado para ser hiperobservador, mas a chave para minha habilidade "Psíquica" é a visão. E é exatamente isso que me falta no momento.

Conforme rastejo mais para dentro da caverna, a escuridão pesa sobre mim como um cobertor sufocante. Pisco, incapaz de compreender o nada na minha frente. Depois de vários minutos de dedos atrapalhados, respirações ofegantes e nada para mostrar, viro-me e sigo em direção ao anel de luz na abertura do túnel.

Saio cambaleando da caverna, quase cego pela luz do sol poente. Respirando fundo, descanso as mãos trêmulas nos joelhos. Só então me permito reconhecer o quão aterrorizado eu estava. A ausência de luz é a ausência de conhecimento. Não tenho ideia do que me espera nessas cavernas, e essa é uma tolice que temo.

Fechando os olhos com força, respiro fundo, me esforçando para me acalmar. Depois de um longo e firme momento, sigo novamente pelo caminho. Minha mente corre para conjurar um plano que me ajude a enxergar dentro das cavernas. Mas mal tenho tempo para fazer uma fogueira, muito menos para procurar lenha para ela. Balanço a cabeça para nada além da minha circunstância, irritado porque a única ferramenta à minha disposição é uma adaga.

Repetidamente, fui preparado para o fracasso.

É esse pensamento amargo que me faz correr para a próxima caverna.

Este é mais alto, permitindo-me manter minha coluna reta enquanto ando mais para dentro da escuridão. Com uma mão arrastando-se pela parede ao meu lado, estendo a outra na esperança de encontrar—

Minha palma colide com uma parede teimosamente sólida.

Soltei um grunhido de dor, sacudindo meu pulso. Com a mão dolorida, procurei na laje de pedra antes de concluir que realmente encontrei um beco sem saída. Não posso dizer que não estou emocionado por sair da caverna, mas quando estou banhado sob a luz do sol novamente, é uma luta forçar meus pés a seguir o caminho.

As próximas duas cavernas em que me aventuro seguem a mesma rotina decepcionante. Eu tropeço para dentro, corro minhas mãos pelas paredes e pisos, entro em pânico no pequeno espaço e, eventualmente, desisto de voltar correndo em direção ao sol que se põe rapidamente.

Agora estou na boca da próxima caverna provocadora, reunindo minha coragem. Um raio dourado se estende pelo chão de pedra, como se o próprio sol estivesse apontando um dedo. Sigo o caminho do raio, meu coração gaguejando com o que está brilhando dentro dele.

Eu caio de joelhos ao lado dos fios prateados espalhados, olhos arregalados enquanto olho os pedaços de uma garota que deixei para trás. Sangue cobre cada lasca de cabelo cortado, embotando a trança prateada por baixo. Lágrimas picam meus olhos pela versão de mim que ainda permanece nesta caverna onde Kai manteve os cacos quebrados de mim juntos.

Tanta mágoa vivia dentro dos fios de algo tão desavisado. E quando não pude mais lidar com o peso do sangue cobrindo meu cabelo, meu próprio corpo e ser, implorei ao meu captor para me libertar disso.

A única pessoa que deveria ser minha ruína me salvou disso.

Reúno os pedaços espalhados, ignorando a sensação de sangue seco que os pinta. Parece simbólico de certa forma, como agarrar um momento tangível no tempo. Meu olhar se ergue para a pequena caverna curvada ao meu redor. A cripta não está aqui, mas parece uma tumba, mesmo assim.

Deitei delicadamente os longos pedaços do meu passado de volta no chão de pedra, deixando-os descansar.

O sol me abandonou durante a noite.

Eu aperto os olhos nas sombras crescentes, apenas para ser recebido com a escuridão escancarada de uma caverna diante de mim. Um arrepio percorre minha espinha quando dou um passo para dentro. Meus olhos se arregalam em uma tentativa inútil de ver enquanto meu mãos alcançam algo sólido neste lugar de nada.

Minhas palmas encontram uma parede, e eu me agarro a ela a cada passo trêmulo. O som da minha respiração rápida ecoa ao meu redor, acompanhado apenas pelas batidas do meu coração.

Esta caverna parece diferente. Inóspita. Ocupada.

Minha mente gira, imaginando cada coisa ameaçadora que poderia estar a um único passo de distância. Tentando acalmar meus pensamentos inúteis, agacho-me no chão. Mas não é pedra que encontro sob minhas palmas, mas terra batida. Eu respiro fundo surpreso, sentindo a esperança florescer em meu peito.

Pode ser isso.

Continuo meu lento rastejar, as mãos se arrastando pela terra à minha frente. O ar está espesso e úmido em meus pulmões enquanto me forço a entrar mais fundo na caverna. Alcançando a minha direita, encontro a parede agora muito mais perto do que estava quando entrei. O pânico cresce em meu peito enquanto viro para a esquerda, quase quebrando meu crânio contra a rocha.

É como se a pedra estivesse encolhendo em mim.

Minha respiração fica superficial no lugar estreito. Tudo o que consigo sentir é a sujeira suja grudada em minhas mãos e joelhos, não vejo nada além de uma escuridão espessa cobrindo meus olhos. Não ouço nada além do meu coração trovejando e—

Um guincho suave ecoa acima de mim.

Minha respiração fica presa. Meu corpo fica parado.

Algo farfalha sobre minha cabeça, me forçando a tapar minha boca com uma mão suja para não fazer barulho. Meu corpo inteiro treme em antecipação ao encontro do que é que mora nesta caverna comigo. Não consigo me mover livremente no espaço apertado, e isso por si só me aterroriza até ficar parado.

Um bater de asas soa ao lado da minha cabeça. Eu me afasto instintivamente, batendo a lateral da minha têmpora contra uma parede irregular. A palma suja pressionada contra minha boca cai enquanto solto um grito de dor.

Sinto a primeira gota de sangue escorrer pelo meu rosto quando o inferno se instala acima de mim.

Uma sinfonia de gritos ecoa nas paredes. Sinto-me atordoado, incapaz de

determinar o que é para cima ou para baixo ou medo da confusão. Minha cabeça dói enquanto uma rajada de asas cai sobre meu corpo amassado.

Acho que estou gritando.

Morcegos — centenas deles. As criaturas passam correndo por mim, garras rasgando minha pele das pontas das asas de couro que batem contra meu corpo. Eles parecem muito maiores do que deveriam ser, me atacando persistentemente com uma força que eu duvidava que pudessem possuir.

Em meio ao terror e ao caos, consigo tirar minha adaga da bainha. Minhas palmas estão suadas, meus olhos apertados na escuridão já sufocante. O grito que sai da minha garganta é raivoso, o golpe da minha adaga que o acompanha ainda mais. Corto violentamente o ar, conseguindo acertar várias das feras sanguinárias. Seus gritos se misturam com as batidas do coração em meus ouvidos.

Medo e dor correm por mim para criar uma mistura assustadora de desespero. Não consigo ver nada, mas sinto os demônios que habitam essa escuridão. Eles se aglomeram ao meu redor enquanto eu brando minha lâmina cegamente. Incontáveis cortes picam minha pele, o sangue borbulhando na superfície com uma rapidez nauseante.

Outro morcego encontra a ira da minha adaga e cai no chão com um baque suave. Não sei o que fazer, ou como respirar, ou se algum dia o farei novamente. O terror me agarra com força, espremendo lágrimas dos meus olhos e gritos da minha garganta até que—

Eles passam voando pela minha cabeça.

Como uma rajada de vento, ali em um momento e desaparecendo no outro, o enxame de morcegos sai correndo da caverna. Estou ofegante, virando-me em direção à boca do túnel enquanto enfio minha adaga de volta na bainha. Mal consigo distinguir os contornos de seus corpos enormes enquanto eles voam para a noite.

Com as palmas das mãos pressionadas na terra atrás de mim, eu me arrasto para trás vários metros, tentando colocar distância entre mim e as criaturas além da boca da caverna. O céu noturno que me aguarda parece brilhante comparado à escuridão dentro desta pedra engolidora. Meus olhos se esforçam, o corpo se arrasta para trás, para trás, para trás—

A terra cede sob mim.

A madeira estala alto antes que meu grito abafe o som. Eu caio pelo que parece ser um alçapão em decomposição, braços se agitando enquanto pedaços de terra e pedaços de madeira lascada despencam comigo.

Minhas costas batem contra algo sólido, minha cabeça logo em seguida. Eu gemo, incapaz de impedir meu corpo de rolar do objeto para o chão ao lado dele. Pedra fria encontra minha bochecha enquanto eu deito ali em minhas costelas doloridas, ofegante e entorpecida de dor.

Minhas palmas pressionam a rocha irregular enquanto eu me esforço para me levantar e ficar sentado. Sangue vaza dos muitos cortes que ganhei, me deixando extremamente ciente de cada caminho pegajoso manchando minha pele. Eu me inclino contra algo grande em que caí, minhas costas doendo quase tanto quanto minha cabeça.

Abro meus olhos e—

Não, meus olhos estão abertos. Eles estiveram esse tempo todo.

Agora eles disparam pela escuridão, arregalados de pânico. A escuridão que me encara é tão espessa que pensei que pertencia ao fundo das minhas pálpebras. Por um único e feliz momento, esqueci o medo que me dominava. Esqueci o quão sufocantemente escuro é.

Esta é a completa e absoluta ausência de luz. E, pelo que sei, a presença de algo muito mais assustador.

Eu me levanto aos meus pés, o medo estimulando meu corpo dolorido a agir. Minhas mãos tateiam cegamente, esperando colidir com aquela coisa sólida no centro desta caverna. O ar vazio desliza entre meus dedos trêmulos.

Estou ofegante agora, claustrofóbico neste espaço que não consigo ver.

Não me lembro de ter caído muito, mas com minha cabeça latejando tão persistentemente, não tenho certeza do que pensar. Com um passo trêmulo, consigo tropeçar naquela grande extensão do que agora percebo ser madeira lisa. Minhas mãos se achatam sobre ela para me firmar, mas o reconhecimento lento as faz correr por toda a extensão dela.

Com a cabeça girando e as palmas das mãos suando, sinto cada sulco intrincado da madeira delineando a caixa retangular.

Meu coração dispara no peito e a respiração fica presa na garganta.

É um caixão.

É o caixão *dela* .

A primeira rainha, Mareena de Dor, está deitada ao meu lado.

Eu encontrei a cripta — caí nela, na verdade — e não estou sozinho. Um arrepio percorre minha espinha com o pensamento, sentindo uma repentina estranheza envolver meu corpo rígido. As sombras parecem deslizar ao meu redor, como uma cobra avaliando sua presa antes de sufocar a vida dela. Agora entendo por que os bandidos nunca ousaram procurá-la — eles são espertos o suficiente para não perturbar os mortos.

Porque a Morte protege os seus.

Minhas mãos vagam sobre o caixão, procurando por algum tipo de abertura. A tampa está fechada com firmeza o suficiente para suportar meus empurrões contra ela. Tateando em busca da minha adaga, consigo enfiar a lâmina sob sua tampa teimosa.

Sangue escorre da minha têmpora e de quase todos os pedaços de pele exposta. Minha cabeça dói tanto que tenho certeza de que minha visão estaria nadando se tivesse a oportunidade de ver alguma coisa. Reunindo o que resta da minha força, empurro o punho da minha adaga para baixo até que um estalo alto ecoe pela cripta.

Acabei de arrombar o caixão da rainha.

Fiquei ali por um longo momento, tomado pelo terror e pela antecipação de algo ainda pior. Mas são apenas minhas próprias respirações trêmulas que preenchem o espaço enquanto enrolo mãos trêmulas em volta da tampa e jogo a madeira rangente para abrir.

Fecho os olhos, como se quisesse me convencer de que essa escuridão sufocante é minha escolha. Como se eu tivesse controle sobre essa situação petrificante.

Dedos abertos e trêmulos tentam alcançar o que está diante de mim.

Eu sei o que vou encontrar dentro da caixa acolchoada. Então, quando minha pele roça o comprimento frio de um osso, não é choque que me faz ofegar. É

arrependimento.

Esta era uma humana. Esta era uma mulher que viveu e amou e foi deixada para apodrecer. Os mortos merecem mais do que respeito dos vivos. Eles merecem paz. E eu perturbei seu descanso para roubar o que lhe pertence por direito.

Algo assustadoramente vasto preenche o espaço atrás de mim, gelado o suficiente para granular carne nua. Nunca senti a Morte tão tangivelmente, e ainda assim, reconheço sua presença do mesmo jeito. O hálito frio no meu pescoço só pode pertencer à Morte que quase encontrei tantas vezes antes.

O terror crava seus dentes na minha alma.

Preciso sair daqui. Mas não sem aquela coroa.

Em pânico, corro minhas mãos pelo que sobrou da outrora bela rainha. Ossos em decomposição lascam-se sob meus dedos rápidos e se desintegram contra meu toque. Engasgo com minha próxima respiração, forçando minhas mãos a subirem ainda mais alto.

Pélvis. Coluna. Costelas.

Já faz décadas desde que o corpo foi colocado nesta cripta, e agora não há mais nada dela. A própria essência do que ela já foi se desintegra em minhas mãos, frágil na morte. Meus dedos encontram seu crânio, fraturado e afundado com o peso do tempo. Mordo minha língua e continuo subindo, subindo, subindo—

Algo frio encontra as pontas dos meus dedos.

Consigo distinguir as joias em relevo e as pontas irregulares sob a camada de sujeira.

Um sorriso puxa meus lábios rachados. Posso não conseguir ver o que encontrei, mas conheço esse símbolo de poder apenas pelo tato.

Com uma respiração firme, retiro a cobiçada coroa do corpo da rainha.



CAPÍTULO 17

Kai

Eu teria ficado na beira daquele deserto até que ela voltasse para meus braços.

Isto é, se eu não fosse o maldito Executor de Ilya.

Eu ando de um lado para o outro no caminho familiar que percorri no carpete. Minha mesa fica à direita, esperando pacientemente para ser aliviada da papelada empilhada decorando sua madeira lascada. Rodízios de guardas, cronogramas de treinamento e precauções de segurança imploram por minha atenção, mas apenas uma coisa a segura — ela.

Não pensei em mais nada desde que vi Paedyn entrar naquele trecho sinistro de areia. Cabelos brilhando como uma lâmina e pernas rápidas como alguém que passou a vida inteira correndo, a Silver Savior começou seu primeiro Trial. E eu fiquei ali, observando sua forma encolher lentamente no horizonte.

Foi a insistência de Kitt que me fez retornar relutantemente ao castelo. Ele precisava que eu "fosse o Executor, mesmo quando ela não estivesse por perto". As palavras me deixaram atordoado por um momento, me fizeram vislumbrar aquela suspeita da qual Pae falou. Talvez o rei realmente saiba o quão tragicamente apaixonado eu estou por sua noiva. Talvez ele também esteja.

Não nos falamos desde nossa jornada de volta ao castelo — ele retornando silenciosamente ao seu escritório, e eu ao pátio de treinamento. Somente depois de horas de correções gritadas e demonstrações tediosas, me encontro andando de um lado para o outro no carpete desgastado que cobre meu quarto. Ela tem menos de três horas para entrar na sala do trono com aquela coroa na mão. E uma parte egoísta de mim espera que ela não o faça.

Como se isso fosse uma solução.

"Se eu não me casar com ela, não terei escolha a não ser matá-la."

As palavras de Kitt assombram meus pensamentos, destroem minhas esperanças. Porque se Paedyn falhar em qualquer uma dessas Provas, seu destino será pior do que o casamento. Será a morte.

Por mais que eu queira que ela seja minha, quero muito menos que ela seja da Morte.

Passo a mão pelo meu cabelo, os pés ainda trilhando seu caminho familiar pelo carpete. Nunca me senti tão completamente inútil. Cada fibra do meu ser implora para encontrar a dela, apesar do dever me prender dentro dessas paredes do castelo. No entanto, é reconfortante saber que ela não precisa da minha ajuda — a Silver Savior deixou isso bem claro desde o dia em que ganhou o título.

E ainda assim, um dia espero que ela faça. Só para mostrar a ela a extensão do que estou disposto a fazer se ela apenas pedir.

Incapaz de andar mais de um lado para o outro no meu quarto, abro a porta e saio para o corredor escuro. Imperiais não hesitam em sair do meu caminho, servos

apressados fazem o mesmo. Meus passos aceleram e rostos ficam borrados quando passo. O carpete felpudo sob meus sapatos é algo que eu nunca tinha parado para notar até que Adena — a outra metade de Paedyn — chamou minha atenção antes daquele baile final do Trial. E a cada passo em direção à torre oeste, concentro-me na sensação dela para distrair meus pensamentos cambaleantes.

Meu passo rápido pelo castelo faz com que cada corredor escuro passe rapidamente. Estou confortavelmente envolto em sombras até que uma poça de luz bate em meu sapatos, ondulando em volta dos meus passos vacilantes. Ela jorra de baixo de uma porta que não é aberta há anos. Pelo menos, não por ninguém além do Pai.

Hesitante, alcanço a maçaneta, sentindo-me de repente como uma criança desobediente. Passei a vida inteira evitando esta sala devido às ordens do rei. Mas ele não está mais aqui para me punir por meu desafio.

A porta range ao abrir em dobradiças desacostumadas a servir ao seu propósito. Uma lâmpada derrama luz opaca no quarto, velha o suficiente para ter a energia Volt piscando lentamente. Eu varro meu olhar sobre a câmara preservada, pousando em uma cama coberta de lona adornada com a realeza. Kitt senta-se rigidamente no lençol empoeirado com uma caixa de joias agarrada entre dedos sujos de tinta.

Seu olhar cansado se volta para o meu, apenas um pouco surpreso ao me ver desconfortavelmente parada na porta. "É estranho estar aqui, hein? Depois de todos esses anos me perguntando o que havia atrás daquela porta." Deixando a caixa de madeira de lado, ele se levanta com uma risada dolorida. "Toda essa espera, só para que fosse um quarto velho e comum."

Sinto-me estranhamente presa sob o batente da porta. Parece errado pisar em um pedaço de um passado que não me pertence. Iris Moyra era a mãe de Kitt, não minha. E só eu sabia o quão desesperadamente ele desejava conhecê-la, mesmo que de relance.

“Meu pai não deveria ter escondido isso de você”, digo baixinho.

“Entre outras coisas. Mas ele sabia que podia, porque eu sempre voltaria para ele.” Seu olhar fica distante. “Sempre obedecer.”

Deslizo minhas mãos nos bolsos ao meu lado. “Então, o que mudou?”

Ele contempla isso por um momento. “Poder. Quando você não tem nada, você vive apenas para aqueles que lhe prometem tudo.”

“Você viveu para o Pai”, reitero.

“Agora eu vivo pelo legado.” Ele sorri. “Por nós.”

Eu abaixo minha cabeça, oferecendo meu sorriso ao tapete pálido. "Não posso dizer que não é legal servir a um rei que realmente se importa comigo."

“Você é meu irmãozinho”, Kitt provoca. “Fui forçado a me importar com você a vida inteira.”

Eu rio suavemente. “Desculpe ser um inconveniente.”

Ele dá de ombros. “Foi bem irritante quando você começou a conseguir chutar minha bunda.”

“Bem, você já deveria estar acostumado.”

“Calma, irmão.” O sorriso de menino de Kitt voltou ao seu rosto depois de muito tempo. “Não vamos começar uma briga no único cômodo que ainda não começamos.”

Deixo esse momento ser absorvido, saboreando cada risada que passa entre nós.

Sozinha com ele, não penso no futuro à frente, ou no anel enrolado no dedo de Paedyn. E sou grata por isso. Grata por sermos apenas irmãos.

"Vou deixar você com seus pensamentos", digo depois de um longo tempo falando como costumávamos fazer. "Não queria interromper. Só vi a luz embaixo da porta e pensei em dar uma olhada."

"Nada de especial, hein?" Kitt reflete.

Minha expressão suaviza. "É para você."

Ele acena, agradecendo-me pela compreensão. Eu aceno de volta.

A porta se fecha com um rangido, deixando meu irmão sozinho com o que restou da mãe que ele nunca conheceu.

Não demora muito para que eu esteja subindo a escada em espiral da torre oeste. Lembro-me de uma época em que uma viagem até a torre frágil parecia esperançosa. Agora, meu coração bate mais rápido a cada degrau mais alto. O ar fica frio e úmido de uma forma que agora associo à presença da Morte.

Jurei nunca mais pôr os pés na enfermaria.

Embora eu tenha estado aqui várias vezes desde que fiz esse voto. E cada vez eu olho fixamente para a porta de madeira no topo da escada, permitindo-me uma fração de segundo de hesitação antes de empurrá-la e entrar na grande sala atrás.

Parece exatamente como estava no dia em que Ava morreu.

Berços enfileiram-se nas paredes, embora meu olhar evite um em particular. O quarto é tão simples e sombrio quanto era todos aqueles anos atrás. Indo em direção à única cama ocupada, aceno para o Curandeiro que passa apressado, mais do que feliz em nos dar um pouco de privacidade em troca de um momento além desta torre sombria.

Caminho lentamente em direção à minha mãe, observando as olheiras abaixo dos olhos dela e os ombros frágeis espreitando acima das cobertas engomadas. Minha garganta aperta com a visão. Ela parece pior do que quando a deixei pela última vez.

"Meu doce garoto." Seus olhos cansados brilham quando pousam em mim. "Você está em casa. Eu estava tão preocupada."

Uma onda de culpa me atinge no estômago como um golpe. "Eu deveria ter vindo te ver antes." Sento-me na cadeira ao lado dela. "Esses últimos dias têm sido... difíceis."

O olhar que ela dá me corta. "Eu sei disso. Mas você também pode admitir o quão difícil é para você estar aqui em cima. Veja o catre que ela costumava ocupar." A mãe olha ao redor da enfermaria, o olhar assombrado. "Eu entendo sua dor."

Abaixo a cabeça. Claro que ela entende. Foi a filha dela que ela lamentou.

"Eu pensei que estava quebrada depois de perder Ava," ela continua suavemente. "Mas parece que a perda do seu pai será a minha morte."

Meus dentes rangem com suas palavras e cada uma que desejo dizer em troca. Eu nunca poderia imaginar que o Pai merecesse mais da minha dor do que Ava. E quando olho para minha mãe neste momento, fico bravo por ela ter deixado sua filha ser um segredo — morrer em segredo.

Mas não digo nada disso à mulher em seu leito de morte.

Eu estudo seu rosto pálido e seus olhos cinza distantes. "Como você está se sentindo?"

"Kai, já não falta muito", ela diz simplesmente.

“Não fale assim.”

“Enterre-me o mais perto dele possível.”

“Mãe, por favor—”

“Quero estender a mão e agarrar a mão dele.”

Com essas palavras sussurradas, sou eu quem agarro a mão dela, puxando-a para perto do meu peito. “Você estará perto dele. Eu prometo.” Engolindo em seco, acrescento, “Mas isso não será por um longo tempo.”

Ela balança a cabeça com um sorriso triste. “Vou sentir sua falta, meu lindo menino. Continue cuidando do Kitt para mim.” Seus cílios escuros tremulam. “Lamento não ter estado lá por ele.”

“Não é culpa sua,” murmuro. “Kitt sempre foi... teimoso quando se trata de você.”

“Porque eu não sou realmente a mãe dele.” Uma longa pausa. “Eu sei.”

Aperto a mão dela. “Ele te ama. Eu sei que ele ama.”

“À sua maneira, sim. Ele até veio me visitar enquanto você estava fora em sua missão.”

“Ele mencionou isso”, digo suavemente.

“Foi breve.” Seu lábio inferior treme levemente. É uma visão que nunca pensei que veria de uma mulher com tanto poder e graça. “Kitt sente muita falta dele.”

“Eu sei,” sussurro, porque sei. Sei exatamente o quanto a morte do Pai afetou meu irmão, mesmo quando ele não queria demonstrar. “Você ouviu sobre o que está acontecendo no reino?”

“Sim,” ela diz calmamente. “Seu pai sempre esteve mais ocupado com os Ordinários do que com os assuntos de Ilya.”

Espero pacientemente por uma elaboração que valha a pena o esforço que o Pai deixou para Kitt. Mas ela não diz mais nada sobre o assunto, o que é surpreendentemente decepcionante. A Rainha Myla não era nada se não leal e amorosa com seu marido, embora ela tenha contado a história ocasional dos dias em que ela uma vez desprezou seu rei. Esses momentos de reminiscência foram apenas provocados por várias taças de vinho e contados com nebulosidade memória. Mas mesmo agora, a mãe se recusa a falar mal do homem que ela amava.

É teimosamente admirável.

“E Paedyn?”, pergunto lentamente. “Você sabe do noivado dele com a Ordinária?”

“A Comum,” ela reflete, olhar afiado. “Isso não é tudo o que ela é. Especialmente para você.”

Eu solto a mão dela, fixando uma máscara de indiferença no meu rosto, apesar da batida acelerada do meu coração. “Eu não sei o que você ouviu, mas—”

"Oh, não vá negar, Kai." Sua risada se transforma em uma tosse áspera. Pego o copo de água em cima da mesa de cabeceira. Pressionando-o contra seus lábios rachados, ela engole avidamente antes de conseguir dizer: "Eu sabia desde aquele primeiro jantar — aquele com todos os concorrentes do Purging Trial — que havia algo entre vocês dois."

Eu solto um suspiro. “Mãe—”

“E então ela foi e matou seu pai, e as coisas ficaram complicadas.”

Ela diz isso tão bruscamente que quase rio. Depois de outra tosse seca, ela acrescenta: "Embora isso possa não ter sido o suficiente para você odiá-la. Eu sei como

você se sentia em relação a ele."

"Ele nunca foi realmente um pai para mim", afirmo. "Então, não, não posso dizer que fiquei terrivelmente triste com sua morte."

As palavras são duras e cheias de uma raiva que raramente me permito sentir por ele. Mas é na esposa dele que as cuspo. E por essa razão, abro a boca para me desculpar.

Em vez disso, sua mão agarra a minha, o olhar implorando. "Sinto muito pelo que ele fez com você. E sinto muito por nunca tê-lo impedido." Lágrimas brotam sob os olhos cinzentos que compartilhamos. "Eu só queria que você fosse forte. E olhe para você — você é formidável. Mas isso não é desculpa. Eu não deveria ter ficado quieta sobre suas sessões de treinamento com ele—"

"Shh." Eu interrompi suas palavras com um único som. "Está tudo bem. Você me fez forte." Uma lágrima rola por sua bochecha, e eu a limpo com um nó dos dedos. "Você me fez forte," eu sussurro novamente.

Partes iguais de soluço e riso escapam de seus lábios. "Não sou forte o suficiente para ficar longe dela, ao que parece."

Eu balanço a cabeça, sorrindo levemente. "Não, não sou forte o suficiente para ficar longe dela."

"Kai," ela murmura, de repente séria. "Ela é do seu irmão."

Desvio o olhar. "Eu sei."

"Não deixe que ela fique entre vocês dois." Seu tom é severo. "Prometa-me, Kai."

Um balançar de cabeça. "É um pouco tarde para fazer essa promessa, mãe."

"Então faça uma diferente para mim." Ela se esforça para levantar a cabeça do travesseiro, palavras fortes de uma forma que seu corpo não é. "Não deixe que ela seja sua fraqueza."

Algum tempo depois, quando finalmente me levantei para sair da enfermaria, ela me lembrou da promessa que ainda não fiz.

Em troca, lembro a ela que Paedyn Gray tem sido minha fraqueza desde aquele primeiro jantar antes dos Julgamentos de Expurgo.



CAPÍTULO 18

Pedyn-P ...

Estou cambaleando em cima do caixão.

A coroa suja repousa na dobra do meu cotovelo, deslizando para o meu ombro quando levanto meus braços novamente. Eu alcanço a escuridão, desesperada para encontrar o buraco em que caí. A tampa de madeira cede sob meu peso, não tendo nada melhor para fazer do que apodrecer depois de décadas passadas nesta cripta.

Minha cabeça lateja, e o sangue escorrendo do meu corpo só está ajudando na tontura. Só a promessa do luar na minha pele me faz superar cada pedacinho de dor. E quando meus dedos roçam um pedaço irregular de madeira balançando acima, quase rio de alívio.

Mãos procurando cegamente, consigo encontrar o que parece ser a estrutura restante do alçapão. Com uma respiração profunda, enrolo meus dedos sangrando em volta da borda de madeira e puxo. Desta vez, solto uma risada histérica quando ela segura. Não me incomodo em testar sua força novamente antes de me puxar para cima com um grunhido.

Duas coisas acontecem no espaço de um único momento. A primeira é que minha cabeça colide com um pedaço estilhaçado do que costumava ser o alçapão acima. Depois de soltar um suspiro de dor e surpresa, a segunda coisa acontece logo depois.

Tenho a sensação mais assustadora de que não estou mais sozinho.

Um frio repentino arrepia minha pele enquanto me arrasto para o chão da caverna. Nem respirei fundo antes de me levantar e ir em direção à mancha de céu noturno além do túnel.

Um tipo de medo gelado me agarra ao pensar no que eu posso ter acabado de fazer. A coroa em volta do meu braço fica pesada, como se estivesse sendo puxada de volta para seu dono. Um som de pânico sai de mim com o pensamento. Os mortos não devem ser perturbados. E eu posso ter despertado algo que ninguém mais ousou.

Eu balanço minha cabeça diante do absurdo de tudo isso. "Truques mentais," eu sussurro, cambaleando para frente. "Isso tudo está na minha cabeça."

À medida que a boca da caverna se aproxima, eu me pego olhando por cima do meu ombro e para a escuridão escancarada atrás. É tudo consumindo, aquela extensão sem luz. E estou quase petrificado por ela.

Eu me forço a me virar para aquela noite que me aguarda e seguir em frente. Sangue escorre para dentro do meu olho, exigindo que eu use as costas da minha mão imunda para limpá-lo da minha visão. Aquele enxame de morcegos enormes rasgou completamente minha pele e deixou lascas em forma de garras para decorar meu corpo na ausência deles.

Além, o céu estrelado me aguarda, a poucos passos de distância. Meu passo acelera, o coração dispara em antecipação ao meu reencontro com a noite. Apoio uma mão na parede, sinto o último trecho de pedra fria antes—

Sombras deslizam pelo chão, lambendo meus pés.

Três figuras entram na caverna, bloqueando minha liberdade. O luar ilumina suas costas para delinear suas figuras largas. Dou um passo lento para trás, engolindo um grito de medo e frustração.

Bandidos.

“Obrigado por conseguir essa coroa para nós. Agora, entregue-a”, um dos eles resmungam, a voz como cascalho sob a bandana cobrindo sua boca. “E se você for rápido, podemos nem tirar esse anel brilhante do seu dedo.”

Minhas feridas doem, mas eu me forço a reunir qualquer força que me resta. Com os dedos flexionados ao meu lado, concentro-me na sensação da minha adaga enquanto planejo meus próximos movimentos. Só quando eu tiver reunido cada pedaço de brutalidade que espreita dentro de mim, eu falo. Minha voz é assustada e pequena, e se os homens se dessem ao trabalho de ouvir atentamente, eles poderiam ouvir o perigo que a envolve. "Leve tudo — eu não me importo. Só... só, por favor, não me machuque."

Estendo minha mão, apresentando o anel a eles. O diamante sujo brilha sedutoramente o suficiente para fazer um homem dar um passo à frente. Posso praticamente sentir o sorriso malicioso sob sua bandana enquanto ele alcança minha mão, com a intenção de puxar a aliança do meu dedo.

Eu acalmo minha mente. Fecho meu coração mole. E mancho minha alma mais uma vez.

Meus dedos se fecham em volta do pulso do homem antes de puxá-lo para a adaga que o aguarda, agora firmemente agarrada na minha outra mão. A lâmina afunda em seu estômago com um som nauseante. Sangue escorre do ferimento enquanto o bandido grunhe fracamente.

Ignoro a dor surda no meu peito. Era exatamente isso que eu temia — eu mesmo.

A luz de Adena dentro de mim se apaga.

Tirando a adaga de sua barriga, eu o vejo cair aos meus pés.

Fico de pé sobre o corpo moribundo, peito arfando e mão ensanguentada. Os homens ficam boquiabertos enquanto eu tiro a coroa do meu braço para agarrá-la em meu punho. Minha voz está áspera, mão acenando em desafio. "Se você quer isso, venha e pegue."

O maior dos dois homens restantes ataca em mim, aparentemente despertado de seu estupor. Ele balança um braço enorme que eu facilmente abaixo. Depois de passar tanto tempo na escuridão completa, meus olhos parecem de repente mais afiado do que antes. Coroa na mão, eu me levanto em minha altura máxima antes de enviar suas joias pontudas em direção ao seu crânio.

Ele grita enquanto o sangue jorra de sua têmpora, cambaleando para trás para deixar o último homem tentar me atacar. Eu danço na ponta dos pés, ignorando cada estremecimento de dor com o movimento. Quando o último bandido puxa uma longa adaga de seu cinto, deixo a coroa cair no chão da caverna, apertando meu aperto no punho da minha própria arma.

Ele avança, a lâmina brilhando. Consigo girar meu corpo antes que ele possa me apunhalar no peito, mas a dor repentina e lancinante que sai do meu ombro me diz que não fui rápido o suficiente. Ele me ataca novamente, forçando meus pés mais para dentro da caverna. Analisando cada um de seus movimentos, deixo que ele me

apunhale novamente. Braço estendido e peito aberto, ele se tornou um alvo fácil.

Segurando minha adaga pela lâmina, eu ergo meu braço e deixo a arma voar. Ela perfura seu peito, o faz cambalear para trás antes de eventualmente cair contra a parede da caverna. Eu observo seu corpo deslizar pela pedra, manchando-a com um traço escarlate.

Pisco para os dois corpos esparramados diante de mim. Pisco novamente quando um muito vivo vem correndo em minha direção. Sangue escorre pelo seu rosto do corte que eu lhe dei com uma coroa centenária. Não tenho a chance de mover meus pés de chumbo antes que braços grandes estejam em volta da minha cintura.

Ele me empurra contra a parede, meu crânio encontrando pedra. Pontos nadam diante dos meus olhos para bloquear a pouca visão que tenho. Meu grito de dor é fraco, o corpo cansado do qual ele rasteja é incapaz de reunir mais nada.

Uma mão áspera encontrou seu caminho em volta da minha garganta. Dedos apertam até que eu não consigo mais respirar.

Ele me observa engasgar, sorrindo com a visão. Eu arranho sua mão, chuto suas pernas. Com a visão turva, encontro qualquer luta que resta dentro de mim. Qualquer lasca da minha alma implora para ficar nesta vida. E com aquela última Com uma ruga de determinação, escondida bem no fundo do meu ser encolhido, enfio meu joelho em sua virilha.

Sua mão desliza da minha garganta enquanto ele se dobra, me dando tempo de deslizar para longe da parede. Minha própria mão ensanguentada se fecha em volta da parte de trás do seu pescoço curvado. Não me permito pensar enquanto bato sua cabeça contra a parede da caverna, de novo e de novo.

Sangue jorra do impacto, respingando em meu rosto naquele calor doentio da vida de outra pessoa. É animalesco, essa necessidade de permanecer vivo, de destruir qualquer coisa que esteja entre mim e minha próxima respiração. O rosnado na minha garganta não me pertence, nem as mãos que repetidamente afundam um crânio em pedra.

Quando o vermelho desaparece da minha visão, deixo seu corpo inerte cair aos meus pés.

O calor de Adena retorna timidamente, como se sua própria memória não reconhecesse a criatura que me tornei. Estou tremendo, cada parte de mim tremendo de medo do que fiz. Com medo de *mim mesma* .

Uma espécie de entorpecimento se apodera de mim enquanto caminho em volta dos corpos imóveis. A coroa está inocentemente no chão, apesar de algumas das joias estarem cobertas de sangue. Ela brilha ao lado do corpo que adorna minha adaga. Meu estômago revira com seu olhar vago, arregalado com o choque da chegada rápida da Morte.

Desvio o olhar antes de arrancar a lâmina do peito dele. E com as pontas afiadas da coroa encaixadas entre meus dedos, viro-me em direção à minha liberdade aguardada.

Mantendo meu olhar para a frente, não ouso olhar para o chão de pedra agora manchado de sangue. Em vez disso, concentro-me naquela noite estrelada, à frente e acenando. Tropeço nos meus próprios pés em antecipação ao céu aberto.

Saindo da boca escancarada da caverna, caio de joelhos no caminho rochoso. Uma risada enlouquecida borbulha de mim enquanto inclino minha cabeça para o céu. Raios de luar acariciam meu rosto enquanto uma brisa suave embaraça meu cabelo

imundo. Passo a mão no rosto, espalhando lama, sangue e o resíduo pegajoso da culpa.

Mas estou rindo de novo, tenso, mas aliviado.

A luz de Adena, ainda que fraca, está retornando à minha alma.

Estou vivo. Eu, um Ordinário, sobrevivi a uma Prova. De novo.

Meus olhos caem para o longo caminho à frente, e o reconfortante campo de papoulas além. Mais longe ainda está a cidade pela qual terei que caminhar antes de marchar para o castelo, coroa na mão. Levanto meu olhar enlouquecido para a lua, sem saber quanto tempo tenho antes da meia-noite.

Com aquela sensação de urgência retornando à minha mente cansada, forço pernas trêmulas a ficarem abaixo de mim. Logo depois, acelero meu passo — corpo dolorido, mas esperança inchada.

A cada passo, fico mais perto de me tornar uma rainha.

A cada passo, fico mais perto de um Ilya unido.



CAPÍTULO 19

Kai

Meu pé bate com força no chão de mármore.

Membros da corte circulam pela sala do trono, tendo usado as últimas três horas como desculpa para beber e trocar fofocas desleixadamente entre si. A contagem regressiva para a meia-noite se tornou nada mais do que uma festa exclusiva de Elites.

Taças de vinho esquecidas se espalham por todas as superfícies planas, enquanto outras podem ser encontradas chapinhando nas mãos de homens e mulheres nobres. Examinando a sala e o óbvio tédio que a preenche, tomo um gole do meu próprio vinho, saboreando a doçura cortante na parte de trás da minha língua. Estou encostado em um pilar imponente há mais de uma hora, contente em ficar escondido no caos.

Depois da minha visita à Mãe, relutantemente entrei na corte para aguardar incansavelmente a chegada de Paedyn. Meu olhar errante retorna continuamente para as grandes portas na extremidade oposta da sala do trono na esperança de que ela passe por elas. Porque a alternativa significaria que algo aconteceu com ela, e eu simplesmente me recuso a entreter esse pensamento espiral.

Eu a desejo para passar por aquelas portas. Se não por este reino, então por mim. Eu preciso que ela volte para *mim* . Ela é voluntariamente minha fraqueza, e ainda assim, nada nunca me fez mais forte. E eu temo o que eu me tornarei se—

"Você está olhando para as portas desde que chegou aqui."

Eu me viro para encarar um Jax sorridente, suas mãos enfiadas nos bolsos de calças curtas demais. "Não o tempo todo", eu afirmo suavemente. "Eu consegui pegar você tomando goles de vinho do copo do Andy."

Seu sorriso muda, de repente envergonhado. "Não sei do que você está falando."

Cruzo os braços inquietos sobre o peito, rindo. "Sério? Por que você não vai em frente e anda em linha reta para mim, então?"

A mera pergunta o faz balançar sobre os pés. "Porque... talvez eu não queira." Ele se inclina contra o pilar em uma tentativa cômica de indiferença.

"Pelo menos um de nós está se divertindo." Suspiro as palavras, meu olhar se desviando de volta para as portas.

"Eu poderia terminar isso para você," Jax diz, apontando para o copo na minha mão. "Quero dizer, se você não vai..."

Inclino minha cabeça contra o mármore frio. "Que diabos", murmuro, entregando a taça a ele. "Não está me fazendo bem algum..." Ele inclinou a cabeça para trás, engolindo o vinho avidamente, apesar de uma fita dele escorrer pelo seu queixo e manchar a pele escura por baixo.

"Calma, J!" É uma luta não rir enquanto puxo o copo de suas mãos pegajosas. "É melhor eu não ter que te carregar para fora daqui hoje à noite."

Ele me dá um sorriso largo. "Ei, eu ajudei Kitt a ca—" Um soluço interrompe a

palavra. “... carregar você de uma festa mais de uma vez.”

Não posso exatamente argumentar em nome de noites das quais não me lembro. Então, em vez disso, eu me contento com um simples, "Se a vida dela não estivesse em jogo agora, garanto que eu seria muito mais divertido esta noite."

Seu olhar confuso é apenas exagerado pelo álcool que está afrouxando suas feições. “Mas por que *você está* tão preocupado com Paedyn? Não é esse o trabalho de Kitt? Eles estão noivos, afinal.”

Abro a boca antes de fechá-la imediatamente.

Meu olhar viaja pela sala, pulando entre os vários círculos de membros da corte fofoqueiros. Imagino quantos deles sussurram a mesma pergunta. Por que o futuro Enforcer se preocupa com a noiva de seu irmão? É simplesmente devido à lealdade e proteção ao rei? Ou talvez algo muito mais escandaloso?

Suponho que a verdade penda mais para o último, mas reduzir meus sentimentos por Paedyn a algo tão juvenil quanto um escândalo é absurdo. Só que não importa que cada batida do meu coração pertença a ela. Porque ela não me pertence.

Voltando minha atenção para Jax, que me aguardava, abro a boca para dar uma resposta da qual ele provavelmente não se lembrará pela manhã.

É quando as portas se abrem.

Tudo desaparece, esquecido em sua presença.

A futura rainha de Ilya entra na sala do trono, e todos os Elites ficam em silêncio. Ela está coberta de sujeira, manchada de sangue. Ela pinta seu rosto em uma adição horrível às vinte e oito que eu sei que se estendem pela ponte do nariz dela. Grandes rasgos em suas roupas revelam cortes irregulares por baixo, suavizados apenas pela lama que os acompanha.

Meus olhos percorrem o comprimento dela, sabendo o quanto aquele sangue deve estar afetando-a. Está cobrindo sua têmpora, seu ombro, suas mãos...

As mãos dela.

Ali, presa entre dedos manchados de escarlate, está pendurada uma coroa.

O resto da corte parece reconhecer sua conquista no mesmo momento, resultando em um suspiro coletivo que ondula pela sala. Eu me afasto do pilar, olhos arregalados enquanto estudo a relíquia perdida de longe. Uma rachadura rasteja subindo um dos lados onde uma mancha de sangue mancha a grande gema ali. O resto dela permanece coberto de lama, assim como a mulher que a segura.

O olhar penetrante de Paedyn viaja pela multidão enquanto ela os observa levá-la para dentro. Ninguém ousa falar, ousa se mover sob seu olhar autoritário. Mas quando aquele rosto manchado de sangue se vira em minha direção, eu quase sorrio. Essa formidabilidade não é estranha para mim. Eu a vi dentro dela desde o momento em que ela salvou minha vida.

Os olhos dela encontram os meus e sinto alívio.

Ela reflete meu sentimento com um leve abrandamento de sua expressão. Mas não dura muito. Não pode — não com esse público.

Então eu a deixei ir. Deixei ela fingir. Deixei ela se transformar de volta na rainha que ela se tornará.

Tudo o que preciso é de um único e lento aceno de cabeça.

Ela entende e encara o olhar do rei com uma nova coragem.

Meus olhos se movem rapidamente para o estrado, vendo algo parecido com

admiração se estabelecer nas feições de Kitt, e só posso supor que minha expressão seja a mesma. Ela dá mais um passo para dentro da sala do trono, deixando de lado sua dor para retratar o que é muito mais potente — poder.

Cada ferida está em exposição. Ela as usa orgulhosamente, permitindo que cada par de olhos a percorra. Sangue escorre do corte em sua têmpora, manchando seu cabelo e derramando um rastro vermelho em seu olho. Com passos nunca diminuindo e rosto inabalável, ela limpa o sangue com as costas de uma mão já manchada.

Eu empurro lentamente pela multidão, meu olhar incapaz de se desviar de tal eminência. Mas assistir não é nem de longe o suficiente. Eu poderia cair de joelhos, implorar para ser o único digno de testemunhá-la.

Roupas rasgadas e corpo ensanguentado, ela desacelera diante do estrado. Eu me movo em meus pés, sabendo o peso daqueles olhos penetrantes agora presos em meu irmão. Kitt limpa a garganta, piscando para a cena diante dele. Quando ele finalmente encontra sua voz, é para declarar: “Senhoras e senhores do tribunal, parece que Paedyn Gray concluiu com sucesso seu primeiro julgamento.”

E com isso, os lábios de Paedyn se levantam. Ela levanta a coroa então, combinando com sua aparência sangrenta e manchada de lama. Eu sorrio antes mesmo que ela faça isso. Largo o suficiente para mostrar aquelas malditas covinhas que ela ama odiar.

Sim, eu sorrio quando ela coloca a coroa na cabeça.

Ela está sobre seus cabelos manchados de sangue, arrancando suspiros da corte boquiaberta. Minha respiração fica presa enquanto ela está diante do rei, cada pedaço de sua futura rainha.

Com um leve aceno para Kitt, ela se vira lentamente em direção à corte. Seu sorriso repentino pega até a mim de surpresa, o brilho de seus dentes brancos contra aquele rosto sujo de terra emoldurando-o. Ela inclina a cabeça então, mergulhando-a em direção a cada lado da sala do trono. O movimento é quase provocador, como se desafiasse qualquer Elite a tentar arrancar a coroa de sua cabeça. Seu olhar é um desafio que viaja pela sala. Mas com um último mergulho de cabeça, ela se vira de volta para Kitt.

Ele se levanta, aceitando o convite silencioso dela. Saindo do estrado, ele oferece a Paedyn um braço que ela prontamente pega. De repente, sinto-me vazio enquanto o casal feliz caminha pelo corredor.

Estou atordoado pela mordida afundante da amargura. Esse choque de inveja é rapidamente engolido pela minha determinação, focada apenas em me livrar dessa multidão. Vê-la. Eu empurro através dos corpos em movimento, aliviado pela necessidade de ser educado.

Murmúrios crescem em um rugido suave antes mesmo do casal real sair da sala do trono. É difícil empurrar contra o mar chocado de pessoas agora se aglomerando sem pensar. Mas estou quase na porta agora e—

Uma mão puxa meu braço.

Eu me viro para encontrar Andy parecendo assustadoramente sério. "Não a roube dele quando eles finalmente tiverem um momento juntos."

Palavras não ditas pairam no ar entre nós. O canto da minha boca se contrai. "Não preciso roubá-la."

“Não,” ela diz suavemente. “Você simplesmente chuta a porta dela quando ela não estiver te respondendo.”

Minha voz é baixa. “Não comece, Andy.”

Ela balança a cabeça para mim, triste com o que vê. “Eles estão noivos, Kai. Você não pode tê-la.”

“Sim, e passarei o resto da minha vida tentando aceitar esse fato.”

Eu me viro e empurro as portas.

Eles estão parados no corredor, corpos próximos e vozes abafadas.

Os olhos dela encontram os meus por cima do ombro de Kitt.

Acelero o passo. Afogo meu ciúme. E abro minha maldita boca.



CAPÍTULO 20

Pedyn-P ...

A coroa pesa na minha cabeça.

Não consigo imaginar a dor no pescoço que a realeza deve suportar. Embora, parece que vou descobrir em primeira mão.

Meu braço está firmemente pressionado contra o de Kitt, mas ele não parece se intimidar com o sangue e a sujeira com que mancho sua túnica imaculada.

Olhos, tantos deles, percorrendo meu corpo desgrenhado.

Nunca me deixei sangrar na frente de tantos Elites. Nunca os deixei me ver tão fraco. E por isso, mantenho minha cabeça erguida e olho para frente.

A dor permeia cada movimento, desacelera cada passo. Eu forço meu corpo dolorido a manter sua farsa até que eu consiga sair pelas portas. Minhas pernas tremem, mal conseguindo me sustentar depois da minha longa caminhada pela cidade. Mas o braço de Kitt é um conforto, uma fonte disfarçada de apoio na qual eu me apoio fortemente.

As portas se aproximam, assim como a perspectiva de alívio. Cada cabeça se vira para nos seguir para fora da sala do trono, e é somente quando os incontáveis pares de olhos são selados da vista que eu me afundo completamente contra Kitt.

“Só mais um pouquinho”, ele murmura, seu braço agora em volta de mim. “Vamos te levar até a parede.”

Deixo que ele me guie, e ainda mais difícil, deixo que ele me veja lutar. Seu aperto é hesitante e pairando, como se não tivesse certeza do quanto ele deseja ajudar. É estranho, seu toque. Tão diferente da sensação reivindicatória de seu irmão.

A coroa desliza sobre meus fios de cabelo ensanguentados, aqueles que estou tentando muito ignorar. O rosto de Kitt se abaixa em direção ao meu quando eu me encosto na parede. Ele parece tão inseguro quanto parece. "Você está bem?"

Quase solto uma risada rouca. “Sabe, eu já estive melhor.”

Ele quase sorri com isso. “Você estava...” Ele limpa a garganta, reconstruindo aquela distância indiferente entre nós. “Você se saiu bem lá.”

“Eu só estava tentando não cair de cara no chão”, eu ofego.

“Não precisa disso.” Ele olha para minha forma machucada. “Você já está com sangue suficiente.”

Eu engulo em seco. “Você não tem ideia.”

Apesar da sensação pesada de seu olhar percorrendo meu rosto, eu o evito. Entendendo meu desejo não dito de uma mudança de assunto, ele afirma: "Você recuperou a coroa."

Ao mencioná-lo, tiro alegremente o acessório pesado da minha cabeça. “Aqui. Meu corpo já dói o suficiente sem essa coisa tentando quebrar meu pescoço.”

“Bem” — Kitt pega a coroa lentamente — “Tenho certeza de que você se acostumará com isso em breve.”

“Certo”, eu digo sem jeito.

O pensamento do nosso noivado faz seu olhar cair para o anel ainda preso ao meu dedo. A emoção voa de orelha a orelha enquanto ele gentilmente levanta minha mão. O pigarro se transforma em uma leve tosse. "Teremos que limpar isso."

Ele passa o polegar sobre o diamante enlameado. Então seu olhar se ergue para o meu, calculando de uma forma que me surpreende. Mas suas próximas palavras são muito mais surpreendentes. “Depois disso, garantiremos que o anel encontre seu caminho de volta para o dedo correto.”

Meu coração gagueja contra as costelas machucadas.

Olho para baixo, olhos se voltando para o anel ainda decorando minha mão direita. Ainda exatamente onde Kai o havia deixado na noite anterior ao meu Julgamento.

Nunca o coloquei de volta.

Minha boca se abre, pronta para vomitar uma desculpa, transformar a verdade em algo menos condenatório. Kitt já expressou sua preocupação com meu relacionamento com Kai, e isso quase confirmou isso. Posso sentir o pânico que empurra meu rosto manchado de sangue, lentamente reorganizando minhas feições em algo muito incriminador.

É quando meus olhos vagam por cima do ombro do rei, como se estivessem sendo puxados por uma corda da qual não consigo me desvencilhar.

Um olhar cinza trava no meu, e consigo ler o alívio nele ao me ver. Meu corpo treme; minha garganta queima. Anseio cair em seus braços.

Eu consegui voltar para ele. Eu vivi para passar mais um dia fingindo que não estou apaixonada por ele.

Os passos largos de Kai o carregam em nossa direção para me poupar de vomitar uma mentira para o rei. Só então o Enforcer tira sua atenção de mim, fixando-a em Kitt. “A corte parece um pouco inquieta, irmão. Você pode querer voltar lá e dizer algumas palavras.”

Em um momento, o olhar do rei está passando rapidamente entre nós dois, parecendo juntar as peças do nosso quebra-cabeça de faz de conta. E no próximo, ele dirige palavras alegres para seu irmão. "Sim, suponho que eu deveria. Também anunciarei o baile que sediaremos amanhã à noite em homenagem a essa conquista notável."

Eu forço um sorriso, embora ele não esteja falando comigo. “Obrigada. Mas não tenho certeza se estarei a fim de dançar.”

Seu olhar encontra o meu depois de um longo momento. "Vou mandar um Curandeiro para seus aposentos." O balançar da minha cabeça é interrompido por suas palavras severas. "Deixe-o ajudá-lo. Essa é uma ordem do seu rei." Com isso, ele recua, levantando a coroa ligeiramente. "Estou ansioso para ouvir a história por trás disso. Mas, por enquanto, descanse."

Eu me encosto na parede quando ele volta para a sala do trono.

Kai está em mim em um instante. Seu braço está seguro em volta da minha cintura, sua respiração quente contra meu ouvido. “Eu te peguei. Eu te peguei, Pae.”

Sinto-me voluntariamente fraca com ele me segurando, como se a força fosse uma fachada necessária apenas quando ele não está por perto. E é essa percepção que faz cada momento do Julgamento voltar. Meus olhos caem para as mãos trêmulas e

ensanguentadas que estendo para ele. "Eu... eu manchei minha alma de novo."

"Shh." Ele agarra meus pulsos, pressionando aquelas palmas ensanguentadas contra sua túnica preta. "Pronto. Agora é minha alma que está manchada."

Eu rio fracamente por ele, embora pareça mais um soluço. Ainda segurando meus pulsos, ele guia aquelas mãos vermelhas ao redor de seu pescoço. Minhas pálpebras se fecham quando seus braços me envolvem, quentes e reconfortantes. Mas quando meus pés deixam o chão, eles se abrem.

"Fácil," ele murmura, ouvindo os protestos que eu não digo. "Será o dia do seu casamento antes que você chegue aos seus aposentos."

Minha cabeça pende em seu ombro a cada passo que ele dá pelo corredor. "Eu não achei que você falaria do meu casamento."

Ele engole em seco. "Achei que você não passaria por aquelas portas hoje à noite. E isso me fez perceber que eu preferiria passar o resto da minha vida longe de você, observando à distância, do que sem você."

Eu engulo. Minha garganta está seca. "Você não deveria estar fazendo isso. Nós deveríamos manter distância. Agora mais do que nunca."

"Sim," ele diz simplesmente. "É por isso que estou roubando egoisticamente este momento."

Estou cansado demais para formular uma resposta, muito menos um pensamento coerente. Ele vira uma esquina, me segurando perto. Deixo meus olhos vagarem por seu queixo mal barbeado, pela preocupação vincada entre aquelas sobrancelhas escuras. Sou embalado por seus passos regulares, hipnotizado pela batida rítmica de seu coração sob meu ouvido.

"Gire a maçaneta para mim, querida, por favor?"

Devo ter cochilado porque quando abro os olhos, estamos parados em frente à porta do meu quarto.

"Prefiro não chutar dessa vez", Kai continua. "Não preciso dar mais um motivo para Andy ficar puto comigo."

Tirando uma mão pesada do ombro dele, eu tateio em busca da maçaneta. Assim que consigo girá-la, Kai está entrando no quarto e alarmando uma Ellie distraída.

"Oh, Paedyn!" Sua voz é tão suave como sempre, embora cheia de muito mais preocupação do que eu esperava.

"Eu realmente pareço tão mal assim?" Eu praticamente resmungo.

Kai me coloca gentilmente na cama, me tratando como se eu fosse tão frágil quanto me sinto. Sua mão segura a parte de trás do meu pescoço para garantir que meu corpo balançando permaneça ereto na borda do colchão. "Você parece alguém que acabou de fazer o impossível", ele murmura, o rosto próximo.

Eu sorrio, sentindo o gosto de sangue nos meus lábios rachados. "Então eu pareço um inferno?"

"Se você parece horrível", ele sussurra com um sorriso malicioso, "então tenho sorte de estar indo para lá."

Minha risada forçada é interrompida pelo movimento repentino por cima do ombro dele. Recuando, lembro-me, horrivelmente, de que não estamos sozinhos. Com a cor manchando minhas bochechas, Kai se vira e encontra Ellie de olhos arregalados e paralisada no centro da sala.

Agachando-se diante de mim, o Enforcer limpa a garganta em preparação para o

comando suave prestes a sair dele. "Ellie, me traga um balde de água morna e um pano, por favor." Ele diz isso como se ela não tivesse acabado de ver o que aconteceu entre nós há poucos momentos. Como minha empregada — suponho que não importa. Mas como meu amigo — terei algumas explicações a dar.

Ela assente bruscamente, correndo em direção ao banheiro enquanto Kai acrescenta: "Sabonete também".

Sento-me ali desajeitadamente com suas mãos agora apoiadas em ambos os lados do meu corpo. minhas pernas. Nossos olhos se encontram, o meu preocupado e o dele muito contente. Dou a ele um olhar que espero que grite, *Mantenha suas mãos para si mesmo até que ela vá embora* , o que tenho certeza de que ele entende porque é o oposto completo que ele faz em seguida.

Com um sorriso que me faz querer beijá-lo e bater nele ao mesmo tempo, ele desliza as palmas calejadas pelas minhas coxas. Meu olhar fraco de advertência não impede sua busca lenta pelas minhas pernas. Não consigo deixar de sorrir de volta para ele, e ele parece tomar isso como um sinal de encorajamento.

Estou tão distraído com a sensação das mãos de Kai que mal noto Ellie colocar o balde de água ao lado dele. Depois de colocar um pano e uma barra de sabão, ela se endireita com um pigarro.

Os olhos de Kai estão presos nos meus. “Isso é tudo, Ellie. Obrigada. Eu te aviso quando enviar o Healer.”

Com uma rápida reverência e um olhar em minha direção, Ellie sai rapidamente da sala, fechando a porta atrás de si. Voltando minha atenção para o garoto sorridente diante de mim, dou um bom empurrão em seu peito. "Tanto para fingir, príncipe."

Ele mergulha o pano no balde, dando de ombros para minhas palavras. “Terei o resto da minha vida para fingir com você. Mas, por enquanto, preciso mantê-la alerta.”

"Você estava me distraindo", eu suspiro, olhando para o sangue cobrindo minhas mãos.

Minhas palmas manchadas são rapidamente cobertas pelo pano úmido que ele coloca sobre elas. “E eu serei felizmente sua distração da dor. Pelo tempo que você precisar.”

A barra de sabão é áspera contra minhas mãos, mas eu acolho o desconforto. Kai limpa o escarlate que agora gira sobre minha pele, deixando a toalha manchada com o sangue de estranhos.

Tento engolir a emoção que obstrui minha garganta. “Não é da dor que preciso me distrair. É da lembrança do que fiz.”

Ele enfia o pano entre meus dedos, livrando minha pele de qualquer vestígio que esta Prova deixou para trás. "Eu sei." Sua voz está triste com o peso da compreensão. "Simplesmente tudo começa a parecer o mesmo depois de um tempo."

Estou felizmente entorpecida enquanto ele guia minhas mãos para o balde de água, deixando o calor lavá-las. "Eu também não pensei que entraria naquela sala do trono esta noite", sussurro. "Eu estava pronta para morrer ao lado de Mareena naquela cripta em que caí. Nunca fiquei tão aterrorizada — e passei minha vida inteira com medo."

Ele se moveu para os meus braços agora, guiando o pano sobre cada partícula de sujeira e sangue espalhada ali. “Pae, não precisamos falar sobre isso agora—”

“Estava tão escuro”, eu respiro, porque parte de mim quer desesperadamente se livrar do que assombra os confins da minha mente. “Eu nunca vi uma escuridão tão completa e absoluta. E os morcegos...”

Meu tremor visível faz Kai colocar uma mão reconfortante contra a parte inferior das minhas costas. Eu o observo limpar cada marca de garra, cada corte que as feras me deram. Quando o pano manchado atinge o corte em meu ombro, eu sibilo de dor. Ele faz o seu melhor para limpar o sangue ao redor enquanto murmura: "Mas você saiu. Você pegou a coroa. E então você a quebrou contra o crânio de um homem." Quando meus olhos se erguem, eles pousam em seu sorriso irônico. "Estou supondo."

Eu balanço minha cabeça para ele. “Como você...?”

“Você não é a única observadora, Pequena Psíquica.”

Quando seu sorriso só aumenta, eu bufo: "Bem, eu não gostei de fazer isso."

“Eu sei.” Seu olhar suaviza. “Gostaria de ter feito isso por você.”

Minha voz está cansada, refletindo o estado atual do meu corpo. “Isso nunca fica mais fácil? O mal que supostamente justifica a esperança de algo bom?”

“Ainda não,” ele diz com um suspiro. “Mas seu mal pertencerá a mim quando eu me tornar seu Enforcer. E talvez então, quando eu souber que você está colhendo o bem, as coisas ficarão mais fáceis.”

Eu balanço minha cabeça, o olhar demorando-se na mancha de sangue que suja seu peito, o lugar onde ele pressionou minhas palmas. "Eu não quero manchar sua alma ainda mais."

Seu sorriso é triste. “Não sobrou muito para manchar, querida.”

São necessárias apenas três passadas com o pano antes que ele mude de assunto. Suas palavras carregam um certo desafio quando ele diz: "Que tal atravessar a sala do trono? Ver os olhares em todos aqueles rostos quando você colocar essa coroa na cabeça?" O olhar que ele lança sobre mim é pesado. "Você gostou disso?"

"EU..."

Eu adorei.

Em vez disso, eu decido: "Eu não me importei".

Ele limpa uma mancha de lama do meu maxilar, escovando a cicatriz irregular abaixo dele. "Vamos lá, não seja modesto, Gray."

“Ótimo.” Meu olhar se fixa no dele. “Poderoso. Isso me fez sentir poderoso.”

“Bom,” ele respira. “Concentre-se naquele sentimento. Não no que foi preciso para chegar a ele.”

Meus dedos encontram sua mão livre. “Não quero ganhar poder se isso significar que me perderei no processo.”

Ele limpa o pano no meu nariz, livrando-o do sangue antes de sacudir a ponta com o dedo. “Todo mundo se perde em algo. Então faça valer a pena.”

Deixei que ele inclinasse minha cabeça na luz fraca. Ele gentilmente enxuga uma gota de sangue seco grudada na minha têmpora. "E o que te fez perder?"

“Dever. Lealdade.” Seus lábios se curvam. “Uma dor de cabeça de cabelos prateados.”

Eu me inclino para trás nas palmas das mãos, estudando-o. "E você acha que vale a pena? Perder-se para um Ordinário?"

Enquanto ele tira o pano do meu rosto, não consigo ler bem sua mistura de emoções. “Entre nós dois, você é o único que parece se importar com esse fato.”

Eu me endireito rapidamente, o suficiente para ter as mãos de Kai achatando minhas coxas para garantir que eu fique na cama. "Claro que me importo." Minha voz é áspera, crua de emoção. "Eu sou fraca. Eu quase morri hoje e—" Eu coloco uma mão em sua bochecha, virando seu rosto para mim. "Olhe para mim, Kai. Olhe para o que você escolheu se perder. Eu posso ter parecido forte naquela sala do trono, mas eu sempre serei uma impostora entre os verdadeiramente poderosos."

Ele está balançando a cabeça, escondendo o olhar de mim. Ambas as minhas mãos estão segurando seu rosto agora. "Eu me preocupo com você, Malakai." O som de seu nome completo faz aqueles olhos cinzentos tremularem fechados. "Se eu morrer—"

"Parar."

"Se eu morrer," repito severamente, "preciso que você encontre outra coisa pela qual valha a pena se perder. Não vou deixar que minha morte iminente seja a sua também." Pressiono minha testa na dele, a voz embargada enquanto digo, "Prometa-me isso. Por favor."

"Pae." Sua voz é áspera. "Eu perderia minha vida por você antes de encontrar outra coisa pela qual valesse a pena viver." Seus dedos entrelaçam meus cabelos, deslizam pela parte de trás do meu pescoço. "Você é meu inevitável. Na vida e na morte."

Lágrimas nublam minha visão, uma delas escorrendo pela minha bochecha quando nossas bocas se encontram. Ele me segura gentilmente, seu beijo suave o suficiente para quebrar todas as paredes dentro de mim. Eu desmorono em seus braços. Nada nunca teve um gosto tão doce quanto a promessa silenciosa em seus lábios.

Você é meu inevitável.

O beijo se aprofunda e, com ele, um apelo a cada pressão da minha boca.

Eu te amo.

Eu digo a ele no suspiro que ele arranca dos meus lábios. Em cada carícia lenta em sua pele. Em cada batida forte do coração que lhe pertence.

Eu te amo.

Ele cheira a pinho, especiarias e longas noites sob o salgueiro.

Eu te amo.

Ele tem gosto de um segredo que eu desejo gritar, uma palavra na ponta da minha língua que nunca será minha para pronunciar. Então eu digo seu nome em vez disso, como se eu pudesse reivindicá-lo tão facilmente. Como se eu não estivesse pensando em três palavras condenatórias quando digo isso.

Eu te amo.



Édrico

Edric estão cobertos de sangue.

Isso não deveria incomodá-lo. Ele é um rei, afinal. A própria história é banhada em sangue, e são os reis que o derramam. Ele deveria ser indiferente, pétreo, como seu pai o criou para ser.

Mas esta não é uma batalha necessária ou um Ordinário sem valor. Isto é...

Vozes abafadas ao redor dele, misturando-se em uma sequência frenética de palavras.

A rainha está morta.

O corpo sem vida de Iris jaz na cama. Sangue mancha as cobertas antes brancas, estraga a pele antes quente.

Conselheiros discutem, Curandeiros pairam, Fatais permanecem solenemente ao lado dele.

Edric não ouve nada disso. Há um zumbido constante em seus ouvidos, e por isso ele é grato.

Sua esposa está morta. A vida foi drenada de seu corpo por uma mera criança, e não havia nada que seus Curandeiros pudessem fazer para salvá-la. Agora, não há mais nada além de uma casca imóvel da mulher que Edric amava.

Bem, isso não é totalmente verdade.

Há uma menina em seus braços.

Seus pulmões estão cheios de gritos estridentes que escapam de uma boca pequena. Novamente, o rei não se importa com tal distração. Ele fecha os olhos

turvos, incapaz de baixá-los para sua filha abaixo. Apenas mais resquícios de seu amor sem vida jazem ali.

Esta criança compartilha o olhar penetrante da mãe, ou melhor, roubou-o. Aqueles olhos pertencem a Iris, não à criança que a matou.

Quando o zumbido se acalma nos ouvidos de Edric, e o chão ameaça desabar sob ele, há apenas uma pergunta que o rei se importa em fazer. A criança é rapidamente empurrada para os braços de seu Silenciador. "Quanto poder?"

As três palavras nascem da ganância, de uma insaciável dor por força. Porque nada é mais importante para Edric do que poder — não mais.

O Silenciador gagueja.

"O que foi, Damion?" o rei arfa.

Todos os olhos caem sobre os três Fatals sob os cuidados de Edric. Um vinco de concentração se forma entre as sobrancelhas de Damion, seguido por uma preocupante onda de piscadas. Ele abre a boca. Fecha-a.

"Fora com isso!"

O comando do rei ressoa pela câmara, cortando até mesmo o forte fedor da morte. É a raiva e a tristeza em sua voz que empurra o Silenciador a sussurrar o que pode ser sua própria sentença de morte. Reis têm um jeito de matar o mensageiro.

"Ela é impotente."



CAPÍTULO 21

Pedyn-P ...

Estremeço com a sensação de formigamento na minha têmpora.

Não porque seja doloroso ter uma ferida fechada pelas mãos de um Curandeiro.

Não, é a familiaridade que mais dói.

A sensação da minha pele se costurando de volta só me lembra de quando era meu pai do outro lado dessa habilidade. Uma vez, seus dedos ágeis eram os que passavam por cima de cada dor e corte conquistados durante minhas longas sessões de treinamento. E depois que ele me curava, ou eu o ajudava a curar outro, nós compartilhávamos um caramelo para celebrar mais um dia sobrevivido.

Até que ele se foi. E agora eu esqueci qual é o gosto do doce.

Eu me mexo na cama, meu corpo formigando a cada passagem das mãos rápidas do Curandeiro. Tentando me distrair da sensação familiar, olho fixamente para a luz do fim da tarde se espalhando por tantas janelas ao redor. Kai não tinha saído do meu quarto até as primeiras horas da manhã, me deixando dormindo a maior parte do dia.

Ele tentou me convencer a ver um Curandeiro até o momento em que o vi sair pela porta. Mas eu estava cansado demais para me entreter a ideia até este exato momento, tendo saído cambaleando do banho com uma tremenda quantidade de dor. E com a bola se aproximando a apenas algumas horas de distância, eu me forço a suportar a dor de ser curada por mãos desconhecidas.

Ellie se movimenta pelo quarto, se preparando para a grande quantidade de trabalho que a espera. Tendo dormido até tarde, deixei-a com pouco tempo para fazer meu cabelo úmido e minha pele crua parecerem apresentáveis. Observo seus movimentos rápidos, enervado pelo fato de que ainda não falamos desde a chegada tardia de Kai em meus aposentos.

“Está tudo pronto, senhorita.”

Eu me assusto com a voz profunda do homem ao meu lado. "Sim, obrigada", consigo dizer ao Curandeiro, acrescentando um rápido aceno de cabeça em ênfase. Ele retribui o gesto antes de sair da sala, deixando meu corpo curado para trás.

Com um suspiro de alívio, eu me levanto, esticando os membros rígidos. “Não parece mais que quase morri ontem”, eu digo alegremente. “Na verdade, acho que posso estar com vontade de dançar.”

“Alguém parece feliz.” Ellie dá um tapinha na cadeira da penteadeira com um sorriso, acenando para que eu me aproxime dela.

Sento-me diante dela, deixando minhas pálpebras tremularem enquanto ela começa a passar pó na minha pele. “Eu me sinto bem. Esperançosa.”

"Estou feliz."

Algo em seu tom faz meus olhos se abrirem de repente. “E esse bom humor não tem nada a ver com K—” Eu respiro fundo. “Com o Enforcer.”

"Mm-hmm", ela cantarola, os lábios franzidos em um sorriso fino.

“Ellie, não há nada acontecendo entre mim e...” Eu paro quando ela balança a cabeça para mim.

“Paedyn, não preciso saber sobre você e o príncipe. Eu só...” Ela morde o lábio inferior. “Só espero que você esteja sendo cuidadoso. Rainhas não são perdoadas tão facilmente quanto seus reis.”

Suas palavras são um lembrete muito necessário. Meus olhos caem no anel que ainda está na minha mão direita — um detalhe que Kitt não vai esquecer tão cedo. A água morna do banho limpou completamente a lama, deixando a promessa brilhando no meu colo.

Com uma respiração profunda, coloco-o no dedo correto.

Ellie não parece notar enquanto continua com aquele sorriso suave dela. "Mas eu gosto de ver você tonta assim. Isso me lembra de Adena e seu garoto de Loot."

Meu corpo inteiro enrijece sob sua mão atualmente arrastando uma linha escura de kohl sobre meus cílios. "Do que você está falando?"

Ouço a hesitação em sua voz, a tristeza silenciosa que permanece ali. “É isso mesmo. Ela nunca te contou, contou?” Ela deixa as palavras permanecerem. “Havia um garoto que ela fugia para ver enquanto você estava nas Provas.”

Meu coração bate no ritmo das palavras dela, doendo como tem doído desde o dia em que Adena morreu. “Por que... por que ela não me contou?”

Ellie se afasta, permitindo que eu abra os olhos agora cheios de lágrimas. “Ela não queria te distrair dos Trials.” Seus lábios se abrem em um sorriso fino. “Ela disse que você não descansaria até conhecê-lo e aprovar. Então o plano era te contar depois. Mas então...”

“Não houve um depois,” eu sussurro, me virando com uma respiração trêmula. “Ela sempre foi muito altruísta.”

Ficamos em silêncio enquanto Ellie hesitantemente retorna à tarefa em questão. Depois de um longo tempo em que me demoro apenas em meus pensamentos, consigo reunir coragem suficiente para espiar meu reflexo. Mas não reconheço a garota dentro dele. Seus cílios estão escurecidos, seus lábios tingidos da cor do sangue. Ela parece a nitidez que a dor penetrante afia. Como a coragem esculpida pela necessidade, não pela coragem.

“Eu a quero comigo esta noite. Adena,” eu digo calmamente, quebrando o silêncio que há muito se estendeu entre nós.

Ellie concorda e abre as portas do armário.

Poças prateadas se acumulam aos meus pés, caindo em cascata pelo corpo acima.

O ar frio roça a parte baixa das minhas costas nuas. A adaga amarrada na minha coxa é mais um conforto do que qualquer coisa, assim como o anel de aço que giro no meu polegar.

Tanta coisa mudou desde a primeira vez que usei este vestido. E, no entanto, aqui estou eu novamente, caminhando em direção a um baile em homenagem às Trials em que estou competindo. Só que agora ganhei um anel na minha mão. Cortei o cabelo que caía nas minhas costas. Ganhei mais cicatrizes das quais tenho vergonha. Perdi a garota que fez este vestido para mim.

Puxo o xale elegante em volta dos meus ombros, garantindo que ele cubra o *O* esculpido acima do meu coração. Felizmente, Ellie não me questionou quando pedi

para usar o envoltório prateado. Ele amarra elegantemente abaixo dos meus seios, caindo sobre meus ombros enquanto ainda cobre a pele mutilada que desejo esconder.

Kitt acena com a cabeça enquanto me aproximo da porta fechada do salão de baile. Não há como negar o quão bonito ele fica em um terno preto. É perfeitamente ajustado ao seu corpo, contrastando com o cabelo loiro e a coroa dourada no topo de sua cabeça.

"Você está linda", ele diz calmamente.

Eu sorrio, tentando aquecer essa indiferença frígida entre nós. "Obrigada, Kitt. Você está muito bonito."

Ele acena em agradecimento antes de me oferecer um braço rígido. Eu aceito, sentindo-me mais do que um pouco estranho ao fazê-lo. Kitt não perde um momento antes de inclinar o queixo em direção aos Imperiais ao nosso lado. Entendendo seu pedido silencioso, eles começam a abrir as portas enormes.

Nós esperamos, frouxamente unidos pelos cotovelos.

O rei olha para baixo, para nossos braços entrelaçados, examinando os dedos nus que se abrem em leque ao redor da curva de seu cotovelo. "Vejo que seu anel voltou para a mão correta."

As portas gemem em suas dobradiças. Meu batimento cardíaco acelera o ritmo.

Levanto minha mão livre e mostro o diamante para ele.

Esta é a mão em que Ilya precisa que este anel esteja. O dedo em que os Ordinários precisam que ele esteja.

"Claro," eu digo calmamente. "Depois de escondê-lo dos bandidos, devo tê-lo colocado no dedo errado em meu estado delirante."

Uma leve mordida na minha voz faz com que ele me estude curiosamente até as portas se abrirem.

"Pronto?" ele murmura.

"Nem um pouco."

E com isso, saímos para a sacada com vista para o salão de baile. Kitt me guia até a grade, nossos corpos próximos. Um mar de pessoas está abaixo de nós, todos olhando para cima com expectativa. Não via essa vista desde minha entrada no baile final do Purging Trial. E não posso dizer que senti falta de olhar para baixo em cada expressão fria.

"Boa noite!" Kitt dá as boas-vindas, sua voz ecoando por toda a extensão da sala. De repente, fica mais calorosa quando não é direcionada a mim. "Hoje à noite celebramos o sucesso do primeiro Julgamento de Paedyn Gray. Ela conseguiu o que poucos ousaram fazer, trazendo a coroa de Mareena Azer de volta ao seu devido lar. E se Paedyn continuar a completar esses Julgamentos, ela logo estará usando essa coroa."

Eu me esforço para parar de assustar o servo que de repente aparece ao meu lado. Hesitante, eu aceito a taça de champanhe que ele oferece e observo Kitt fazer o mesmo.

"Um brinde", declara o rei, erguendo o copo em direção à multidão. Eles respondem com um levantar de seu próprio champanhe. Ele parece limpar uma tosse da garganta antes de terminar, "Para Paedyn Gray, e a conclusão deste primeiro Trial."

Minhas palavras murmuradas são engolidas pela multidão ecoante. Mas elas não são destinadas a ouvidos além dos meus. "Sobreviver o suficiente para ver um Ilya unido." Eu levo a taça aos meus lábios, engolindo o champanhe no ritmo de todos os outros. As bolhas borbulham em minha garganta, crocantes e doces.

A vida continua na pista de dança enquanto descemos uma das escadas acolchoadas de esmeralda que levam ao mármore abaixo. Uma música animada acompanha cada um dos meus passos, o braço de Kitt é uma âncora para me impedir de cair escada abaixo.

Quando meus calcanhares tocam o chão, sou cercada por um enxame de corpos. Não para mim, é claro, mas para o rei sorridente. Mulheres de todas as idades se aglomeram em nossa direção, divagando sobre a Peste sabe o quê enquanto piscam seus cílios para ele. Sou rapidamente empurrada para longe dele, deixada para beber meu champanhe sozinha enquanto Kitt ocupa sua comitiva.

A irritação rapidamente se espalha por minhas feições e deixa minhas bochechas vermelhas. Não estou chateado com as mulheres tentando cortejar meu noivo, apenas que elas foram ousadas o suficiente para fazer isso na minha frente. Com esse pensamento em mente, começo a abrir caminho através do bando para reivindicar o que é meu — não por ciúmes, mas como um ato de poder que eu claramente preciso estabelecer.

Eu alcanço Kitt, entrelaçando meu braço no dele. “Vamos dançar. Eu quero dançar.”

As mulheres parecem desanimar com minhas palavras, Kitt quase tão surpreso quanto elas. "Você acha?"

Eu lhe dou um sorriso brilhante, como se isso pudesse consertar o relacionamento que deixei em frangalhos. “Estamos noivos, certo? Parece justo que dancemos para a corte.”

Kitt contempla isso por um momento antes de decidir que não tem muita escolha. Em acordo silencioso, caminhamos em direção à pista de dança. Eu bebo o resto do meu champanhe e coloco a taça vazia na bandeja de um criado próximo, o estômago esquentando com o álcool. Quando me viro para sorrir para o rei relutante que arrastei, meu olhar se fixa em um tom familiar de roxo.

Kitt quase bate em mim com a rapidez com que coloco meus pés no chão.

Uma emoção mais potente que a raiva começa a ferver dentro de mim ao ver aquele cabelo lilás. A boca de Kitt está se movendo, mas não ouço uma palavra que sai dela. Em vez disso, estou parada na beirada da pista de dança, encarando o assassino de Adena.

É como se eu estivesse de volta ao centro daquele Poço, embalando seu corpo quebrado com meus olhos fixos no culpado, exatamente como eles estão agora.

Meus pés estão se movendo de repente. Eu empurro através dos corpos aglomerados e casais balançando, sem me importar que eu esteja caminhando em uma dança. A cada passo, suas feições ficam mais claras. O longo cabelo lilás que foi amarrado em uma tira para aquele Trial final na Tigela. Os olhos castanhos que tinham observado o galho mergulhar no peito de Adena. Os lábios pintados que se curvaram em um sorriso enquanto ela o guiava até lá com um único pensamento assassino.

E eu vou destruí-la por isso.

Eu quase alcancei Blair quando seu olhar finalmente se digna a pousar em mim. E eu sorrio quando ele se arregalou com uma emoção que pode ser apenas medo.

Eu avanço, dentes à mostra e braços estendidos—

Braços envolvem minha cintura, me puxando para longe dela.

Soltei um grito de frustração enquanto lutava contra o aperto familiar. Os lábios de Kai estavam no meu ouvido antes mesmo que meus pés tocassem o chão. "Calma, Pae. Você precisa se acalmar."

Eu agarro seus braços, a raiva nublando minha visão. Só quando outra figura bloqueia minha visão de Blair é que eu paro. O rosto de Lenny paira na frente de mim, livre de sua máscara imperial usual. Sem o couro obscurecendo-a, posso ver a preocupação que claramente enruga sua testa. “Paedyn, você não pode tocá-la, certo?” Sua voz é parte súplica e parte comando. “Isso não vale a pena. Você vai ser rainha. Pense no que aconteceria se você tentasse matar a filha do general na frente de toda a sua corte?”

Os braços de Kai afrouxam em volta da minha cintura, me deixando ofegante para Lenny. "Não vale a pena", ele diz calmamente. "Por favor, não me faça ficar entre vocês dois. Porque eu vou ficar."

Suas palavras me fazem dar um passo cambaleante para trás. Balanço a cabeça para ele. Ele deve ver cada pedacinho de mágoa e ódio no meu rosto porque o dele cai em uma expressão igualmente dilacerada. E ainda assim, ele escolhe retornar ao seu lugar ao lado de Blair. O olhar castanho dela se move rapidamente para o meu, o rosto plácido de uma forma que torna difícil não quebrar a fachada com meu punho.

“Mantenha-a fora da minha vista,” ordeno calmamente. “Porque você não vai conseguir me impedir, Lenny. Você sabe disso.”

Estou indo embora antes que uma reação possa se formar em seus rostos. Ouço os passos largos de Kai atrás de mim, provavelmente seguindo para garantir que eu me comporte.

Mas essa é a última coisa que quero fazer esta noite.

Pego uma taça de champanhe da bandeja de um criado e engulo o líquido em questão de segundos. Então troco aquela taça vazia por uma cheia e faço o mesmo. Calor se espalha pelo meu estômago, cobrindo meu corpo com uma sensação inebriante e confusa.

É tudo o que eu quero sentir esta noite. Não raiva. Não mágoa. Não majestade. Só esse contentamento começando a vibrar em mim.

"Eu quero mesmo saber o que você está planejando?" Kai suspira de onde ele se ergue sobre mim.

Dou um sorriso para ele, notando como isso o afeta. Então, enfio meu copo vazio em sua mão. “Estou planejando me divertir.”



CAPÍTULO 22

Kai

Ela perdeu os sapatos.

Bem, ela tinha.

Isso foi antes de eu vasculhar o salão de baile em busca deles, sabendo que Paedyn não faria isso. Vendo que ela os atirou para longe dos pés com uma declaração de desconforto, tenho certeza de que ela ficou bem contente em nunca encontrá-los.

Agora, balançando no ritmo da música, ela mal percebe os saltos pendurados em meus dedos. Eu me inclino contra o pilar, observando-a com um sorriso que raramente saiu dos meus lábios a noite toda.

Seu vestido prateado familiar se agarra ao corpo por baixo, ondulando a cada um de seus movimentos. Ela é hipnotizante — cada risada, cada sorriso, cada balanço de seus quadris. Suas bochechas estão coradas de rosa sob os fios de cabelo prateado caindo sobre seu rosto. Mas, apesar de sua pele brilhante, Paedyn não remove o xale fino em volta de seus ombros.

E talvez eu seja o único nesta sala que saiba o porquê.

Levantando meus olhos de onde eu sei que o presente de despedida do Pai para ela está sob o tecido, eu a encontro levantando mais um copo de álcool para aqueles lábios vermelhos distrativos. Eu empurro o pilar, parando seu braço antes do líquido pode escorregar por sua linda garganta. “Não acredito que estou dizendo isso, mas talvez eu precise te interromper por esta noite.”

Suas sobrancelhas se erguem comicamente, cada movimento exagerado. " *Você* está *me* interrompendo?" Ela se inclina para mais perto, inclinando a cabeça para mim. "Isso parece um pouco irônico."

“Confie em mim, querida.” Eu suspiro. “Estou bem ciente.”

Ela acena sua taça para mim, derramando champanhe sobre a borda. "Você não é aquele que adora ficar bêbado nesses bailes chatos?" Com sua mão livre, ela enfia um dedo no meu peito. "Então você imploraria para dançar comigo. E ocasionalmente desamarraria meu vestido depois."

Eu rio do seu sorriso malicioso. “Você sabe por que eu fiz isso.”

“Sim, mas o que eu não sei”, ela diz inocentemente, “é por que você não fez isso desde então.”

“Você está...” Eu balanço minha cabeça para ela em descrença. “Você está flertando comigo, Gray?”

Ela ri de um jeito que eu nunca ouvi antes, mas que imploraria para ouvir de novo. “Estou apenas pensando alto.”

Agora é a minha vez de inclinar a cabeça para ela. “Então eu certamente gostaria de ouvir o que mais você está pensando.”

"Por que você não está bebendo comigo?", ela responde com um sorriso travesso.

“Alguém tem que cuidar de você.”

Ela dá um passo mais perto. “Eu tenho um noivo.”

“E ainda assim...” Eu balanço os saltos na frente dela. “Eu sou quem está carregando seus sapatos. No entanto, estou preocupado com o que você vai tirar em seguida.”

Isso fez Pae rir alto. Seus dentes são brilhantes contra lábios vermelhos, e não posso fazer nada além de estudar o brilho desenfreado daquele sorriso. "Por que, porque não vou deixar você ajudar?"

Eu dou de ombros, meus olhos correndo pela sala lotada. “Porque eu não gosto de compartilhar.”

Isso parece acalmá-la por um momento. Pelo menos, tempo suficiente para tomar um gole lento de champanhe. Então seus olhos estão presos naquele anel brilhante, mesmo enquanto retribuo meu encolher de ombros. "Bem, você terá bastante tempo para se acostumar."

Eu nem estou bêbado, mas suas palavras são sóbrias. Elas me cortam, o lembrete é um tapa na cara. Porque eu sempre a compartilharei em segredo, na sombra de seu casamento com meu irmão. Esse pensamento sozinho me faz largar seus sapatos esquecidos e arrancar o copo de suas mãos. Em um movimento rápido, eu engulo o líquido roubado, saboreando sua doçura em minha língua.

Suas sobrancelhas se erguem enquanto uma risada sai de sua boca. "Mudou de ideia sobre ficar de olho em mim, hmm?"

Aceno para um criado, pegando mais duas taças de champanhe da bandeja dele. “Ah, ainda vou ficar de olho em você quando estiver bêbado, querido. E esse é exatamente o problema.”

Pegando o copo que estendo, ela me lança um olhar irônico. “E por que isso seria um problema?”

Eu me inclino em direção a ela para murmurar, "Nós deveríamos manter distância, lembra? Eu já tenho problemas o suficiente para fazer isso quando estou sóbrio."

Algo no jeito que ela está olhando para mim já tornou difícil pensar direito. Esta versão de Paedyn parece ser ainda mais perigosa do que aquela que segura uma lâmina firmemente na minha garganta. O álcool encoraja, soltando seus lábios para vomitar pensamentos sóbrios. E, sinceramente, não tenho certeza de como me segurar de uma Paedyn que tão descaradamente me persegue.

Na verdade, ela pode até estar me deixando nervoso. Não estou acostumado com essa sensação.

“Nesse caso...” Sua voz é um sotaque preguiçoso enquanto ela pressiona os dedos para o fundo do meu copo, levando-o à minha boca. Mesmo quando ela inclina o copo contra meus lábios, nossos olhares nunca se desviam um do outro. "Vamos testar esse seu autocontrole, Enforcer", ela canta, entregando seu próprio champanhe para mim.

Suspiro antes de beber generosamente de seu copo. “Não é isso que você tem feito desde o dia em que nos conhecemos?”

Ela estala a língua. “Não serei encantada por suas belas palavras, príncipe.”

O canto da minha boca se curva em um sorriso perverso. “Parece um pouco tarde para isso, não é?”

"Bastardo convencido", ela sussurra.

“Linda Pae.”

Admiro-a por um longo momento, desejando desesperadamente que fôssemos os únicos nesta sala. Desejando que não houvesse público, nenhuma regra a seguir. Ela parece estar pensando a mesma coisa, porque com um bufo, ela pega a taça da minha mão e termina o champanhe.

"Eu quero dançar", ela declara, com o rosto vermelho.

Deslizo minhas mãos nos bolsos das minhas calças escuras. "Bem, você vai ter que me perguntar direito."

"E o que te faz pensar que eu quero dançar com você?"

"Na verdade, não consigo pensar em nenhuma razão pela qual você não gostaria de fazer isso."

Seu sorriso se aguça antes que ela vire as costas para mim e grite: "Jax!"

Uma figura esguia do outro lado da sala se vira bruscamente ao som de seu nome. Quando seu olhar pousa em um Paedyn acenando, seu rosto se abre em um sorriso. Ele se apressa, seus passos largos o levam rapidamente através da multidão.

"Oi, Paedyn!" Ele diz isso alegremente o suficiente para disfarçar o nervosismo que agita sua voz.

"Olá, Jax." Quando ela sorri para ele, percebo o movimento nervoso da garganta de Jax. "Senti sua falta."

"S-sério?"

"Claro." Ela estende a mão. "Agora, vamos dançar."

Os olhos de Jax se arregalam. Paedyn, por outro lado, enfia seu copo vazio na minha palma. Então ela está lançando um olhar presunçoso por cima do ombro enquanto puxa meu irmãozinho para a pista de dança. Eu balanço minha cabeça para suas costas nuas, observando aquele vestido prateado ondulando atrás, Jax a reboque.

Não demora muito para que eu esteja rindo dos dois tentando dançar. Eles mal conseguiram dar uma série de passos sem tropeçar, e Pae não consegue parar de rir o suficiente para tentar. Em vez disso, ela parece ter abandonado a coreografia que acompanha essa música e agora está fazendo o que diabos ela quer.

Pegando os sapatos dela, eu retorno ao meu lugar contra o pilar, me inclinando ali enquanto os vejo girar ao redor da sala. Enquanto eles sorriem brilhantemente, suas risadas cortam a comoção da sala, alcançando até meus ouvidos. Isso me lembra de uma época em que—

"Costumávamos rir assim o tempo todo."

Kitt roça meu ombro enquanto contorna o pilar. Olho para ele com um aceno de cabeça. "Você leu minha mente."

Ele parece cansado. "Sinto falta de aproveitar essas bolas."

"Assim como eu." Olho para a pista de dança. "Pelo menos alguém está se divertindo."

Ele toma um gole de sua bebida, os olhos seguindo a figura giratória de Paedyn. "Ela parece tão... feliz."

"Bem", suspiro, "meia dúzia de taças de champanhe fazem isso com uma pessoa".

Kitt bufa. "Então ela está tirando uma página do seu livro esta noite?"

"Parece que sim." Eu abro um sorriso. "Mas ela definitivamente está fazendo melhor. Eu já teria roubado uma garrafa de algo mais forte e cambaleado para o meu quarto."

"E eu seguiria", acrescenta Kitt, "porque me recuso a suportar uma bola se você

não estiver sofrendo comigo".

Eu balanço a cabeça, sorrindo para o chão. "Os bons e velhos tempos, hein?"

"Ah, sim." Ele solta um suspiro. "Gostaria que essas bolas fossem nossa maior preocupação agora."

Não tenho certeza do que me compele a dizer isso. Até as palavras têm gosto amargo. "Gostaria que fossem minha maior preocupação naquela época também. Mas eu estava ocupado sendo aberto pelo nosso pai."

Posso sentir seu olhar chocado percorrendo meu rosto. "Kai, eu... não consigo te dizer o quanto sinto por isso. O que ele foi para você, o que ele te fez passar, foi tão... diferente do homem que eu conhecia."

A culpa me envolve enquanto imediatamente me arrependo das palavras. Respirando fundo, olho-o nos olhos. Os olhos do pai. "Só digo isso para lembrá-lo do quanto você pode ser melhor. O quanto você já se tornou melhor."

Seus olhos brilham com uma emoção que não consigo entender. "Eu quero ser melhor. Caramba, eu quero ser ótimo."

"E você estará." Minha mão encontra seu ombro, sacudindo-o levemente. "Estou com você até o fim."

Sua voz é um murmúrio, tão sério quanto o olhar que ele fixa em mim. "Você e eu, irmão."

"Você e eu", repito.

Compartilhamos algo então. Um sorriso. Um momento de entendimento. Um reparo de um vínculo outrora tenso.

Levou muita tristeza e raiva para chegar aqui, mas tenho orgulho de dizer que meu irmão voltou para mim. Este é o Kitt que eu conheço e amo. Este é o amigo com quem passarei o resto da minha vida.

Este é o homem que vai se casar com a mulher que eu amo.

Eu afasto o pensamento. "Esse era um tópico muito deprimente para um baile. Deveríamos estar tentando nos divertir."

Kitt acena para a pista de dança. "Acho que os dois estão se divertindo o suficiente por nós dois."

De fato, eles estavam. Jax e Paedyn ainda não tinham parado de causar uma cena com seus giros incessantes. "Já foram três danças? Se tiverem mais, o tribunal pode começar a pensar que nosso irmãozinho está tentando roubar sua noiva."

"Ah, duvido que seja com esse irmão que eles estão preocupados", diz Kitt calmamente.

Aqui vamos nós.

Eu ensaiei minha refutação a esse tópico delicado. Limpando minha garganta, garanto que são apenas aquelas palavras suaves e praticadas que preenchem o ar entre nós. "Eu não quero atrapalhar vocês dois."

É a verdade. Não tenho desejo algum de ser a cunha que os separa. Mas é isso que eu sou, e não vou parar de amá-la por causa disso.

Kitt ri, e eu fico um pouco assustado com o som. "Não é você que está atrapalhando."

Não tenho a chance de refletir sobre suas palavras. Ele segue em frente rapidamente, evitando qualquer discussão posterior sobre o assunto. E uma parte covarde de mim é grata por isso. "Andy parece estar gostando do show."

Examinando a multidão, encontro seu cabelo vinho familiar entre a multidão de corpos. Posso ver seu corpo tremendo de tanto rir daqui, uma mão pressionada contra a boca enquanto a outra se enrola em torno de sua linda parceira de dança.

Meus olhos rapidamente percorrem a multidão para pousar em um choque de cabelo lilás. Pressionada perto de Blair está a ruiva alta que eu sei ser amiga de Paedyn. "Foi arriscado ter Blair aqui, sabia. A futura rainha quase arrancou a cabeça dela na frente de toda a corte."

As palavras fazem Kitt tomar um gole. “Ah, eu sei. Mas preciso de alguma forma... aclimatar os dois.” Ele tosse rapidamente em um punho fechado. “Não posso mantê-los separados para sempre. E certamente não posso ter minha rainha atacando as pessoas neste castelo.”

Minha rainha.

É a maneira como ele diz as palavras que me deixa tensa. E essa é precisamente a reação que ele estava procurando. Além do meu sutil estremecimento, mantenho minha expressão vazia e olho para frente. "Não, você não pode ter isso." Virando-me para encará-lo, abaixo minha voz, acrescentando: "Mas se eu sei alguma coisa sobre sua rainha, é que ela sempre encontrará um jeito. De sobreviver ou de matar. E não tenho certeza se alguém pode sobreviver à ira de Paedyn." Meus olhos se voltam para o casal dançando, uma garota de cabelo lilás nos braços do meu Imperial.

Kitt assente. “Não duvido disso. Você a conhece melhor do que eu. Melhor do que você me conheceu um dia.”

“Eu te conheceria em todas as vidas, irmão.” Minhas palavras são apressadas. Eu passo na frente dele, encarando minha outra metade completamente. “Mais do que qualquer outra alma. Acredite nisso.”

Ele sorri — um movimento lento e aliviado. Sua mão agarra meu braço enquanto ele abaixa a cabeça, escondendo a emoção brilhando naqueles olhos verdes. “E eu você.”

Solto o ar, sentindo a tensão fugir do meu corpo. Este é o irmão que conheço, o vínculo que sei ter com ele. E não posso suportar perder isso.

“Esses sapatos são dela?”

Sigo o olhar de Kitt até onde os saltos balançam em meus dedos enganchados. Minha risada é abafada pela mão que passo pelo meu rosto. "Ela os tirou há cerca de duas taças de champanhe."

O olhar do rei rasteja sobre meu ombro. “Fale do diabo.”

Eu me viro lentamente em direção à pista de dança, e lá está ela, caminhando em nossa direção com um sorriso deslumbrante entre as bochechas rosadas. Estou sem fôlego ao vê-la, condenado pela esperança de tê-la. É uma bela ruína, uma devoção devastadora. Esta garota segura meu coração em suas mãos, poderia esmagá-lo entre os dedos e ainda me fazer agradecer pelo toque.

E eu seguro os sapatos dela.



CAPÍTULO 23

Pedyn-P ...

Meu sangue está borbulhante.

Sou leve e pesado ao mesmo tempo, o calor se espalhando sob minha pele é hipnotizante. Nunca me senti tão despreocupado, tão despreocupado pela vida, regras, esperanças e fracassos...

O que eu estava pensando? Minha cabeça está girando. Não de uma forma particularmente desagradável. Mas rápido o suficiente para rotineiramente despejar os pensamentos da minha cabeça.

Não ajuda que o resto de mim esteja girando por... um tempo que não quero determinar no momento. Finalmente me desenredei das pernas longas de Jax depois de dançar — ou algo vagamente parecido com isso — entre os membros da corte que me encaravam.

Porque eu estava de olho em algo igualmente divertido.

Os meninos se apoiam em um pilar, ternos pretos austeros ao lado da pedra de mármore e—

E eu não consigo focar em mais nada porque, *puta merda* , eles parecem bons. Eu posso sentir meu sorriso crescendo enquanto caminho em direção a eles em uma linha tão reta quanto eu consigo. Eles são um par bonito, os irmãos Azer. E eu tenho o resto da minha vida para passar com eles. Casado com um e apaixonado pelo outro.

Esse pensamento sombrio é um dos muitos que eu esperava que as inúmeras taças de champanhe afastassem. Mas, como todos os outros, o pensamento é passageiro. Assim como a vontade de arrancar a cabeça de Blair. Por enquanto.

De repente, estou diante do rei e seu Executor. Kitt e Kai. Noivos e, infelizmente, não noivos.

Minha língua parece solta e seca e onde diabos estão meus sapatos? Ignoro tudo isso para dizer: "Por que vocês dois não estão se divertindo?"

É Kai quem responde, a voz sedutora de um jeito que eu certamente não recusaria no momento. "Nós devemos dançar com Jax também?"

Kitt ri enquanto eu sorrio vagamente, inclinando minha cabeça pesada. Eu quero que ele ria das minhas palavras assim. Eu quero que ele queira passar um tempo comigo. Ou algo assim. "Não, tenho certeza que você já fez isso. Então, eu vim te chamar para dançar."

Bem, essa é uma ideia interessante. Estou com medo das palavras que sairão da minha boca em seguida. O que quer que eu diga é um choque até para mim.

Kai balança a cabeça. “E eu pensei que você não poderia me surpreender mais esta noite.”

Quando o olhar do Enforcer encontra o meu, o rei retorna ao seu estoicismo frustrante. Sim, eu gostaria muito que fôssemos amigos novamente. Suas palavras são cortadas. "Eu? Ou Kai?"

Acho que ouço a mim mesmo rindo. “Sim.”

E com isso, eu os agarro pelos braços. Não me incomodo em tentar compreender seus protestos persistentes enquanto os arrasto em direção à pista de dança. O mar de pessoas se abre para nós, divertidas o suficiente para se virarem para o vizinho e fofocarem.

Quando paro no centro da pista de dança, viro-me para os rapazes. “Como futura rainha, eu aqui instauro uma nova tradição.”

Eu posso ter gritado as palavras. Opa.

Kai agora está apertando a ponta do nariz, engolindo a risada na garganta. “Plagues, espero que você se lembre disso amanhã.”

“Shh, estou fazendo um decreto”, eu repreendo.

Kitt pode ter sorrido. “Estamos ouvindo, Paedyn.”

Gostei que ele disse meu nome. Isso parece um progresso.

Eu limpo minha garganta, ignorando os muitos olhares arregalados ao redor, e—

Hmm. Sinto que deveria ser mais alto para isso. Estabelecer minha força e tal. Então, onde diabos estão meus saltos quando eu realmente preciso deles?

“Eu declaro,” eu digo lentamente, minha espinha endireitando, “uma dança entre nós três. Unificados como um.”

Eu nem dou a eles a chance de discutir. Que coisa de rainha da minha parte.

Estou envolvendo um braço em volta de cada um deles e balançando ao som da música animada. Essa é a diversão que eu queria. Isso vai nos unir. Qual melhor maneira de forçar o rei a fazer amizade comigo?

Eu rio e rio e, Plagues, eu já ri tanto? Uma aposta segura seria, não, eu nunca ri tanto. E eu acho que pode ser essa mesma razão que faz os pés dos meninos se moverem comigo.

Eles compartilham um único olhar. É aquele vínculo fraternal que nunca pode ser quebrado — exceto talvez por mim, mas que pensamento sombrio — que os faz se comunicar em uma língua que não consigo ouvir. E a conclusão silenciosa a que chegam é claramente para meu benefício. Não enraizada em pena, não, mas em cuidado. Kai para mim, e Kitt para Kai.

Logo, seus braços se entrelaçam em volta das minhas costas, envolvendo um ao outro. Giramos em nosso círculo improvisado com qualquer série de passos que desejamos. Sou puxado e girado e rindo mais alto a cada minuto. Eles riem comigo, de mim, talvez, mas não me importo. Esta é uma felicidade pela qual estou disposto a sacrificar minha dignidade.

Nós saímos do nosso círculo, dançando como bem entendemos. Sou girado entre eles, passado de braço em braço. Eu mal noto os grupos de pessoas começando a dançar ao nosso lado, todos seguindo nossa liderança. Clusters de corpos giram e dançam entre si, rindo da informalidade de tudo isso.

É ouso dizer que é a coisa mais divertida que esta corte já viu.

Balançando na ponta dos pés, jogo os dois braços sobre os ombros do rei e de seu Executor, sorrindo para a sala ao nosso redor. Há tanta beleza no caos e eu—

Estou sendo levantado do chão.

Eu grito quando braços envolvem minha cintura e levantam meus pés do chão. Agora estou um pé mais alta do que os meninos que me seguram, e essa é exatamente a altura que eu queria estar ao fazer meu decreto impulsivo.

Olho para baixo, para a minha esquerda. Kitt — coroa torta sobre cabelos loiros, sorriso chocantemente largo, comportamento do garoto com quem fiz amizade há tanto tempo, não daquele que traí. Vejo esperança quando olho para ele neste momento. Uma companhia florescente.

Olho para baixo, para a minha direita. Kai — cabelo preto enrolado sobre a testa, olhos brilhantes e covinhas que amaldiçoo sob minha respiração. Mas, acima de tudo, amor. Permanece em seu olhar, em seu toque, até a curva daquele sorriso que sei que pertence somente a mim.

A sala gira ao meu redor, mas é nele que eu foco. É nele que eu me agarro.

Muito depois da nossa dança e muito tempo na próxima vida.

A noite passa na forma de flashes nebulosos.

Minha boca dói de tanto sorrir. Meus pés doem de tanto dançar.

Mas não estou de pé neste momento passageiro.

Não.

Estou em braços fortes, pressionada contra um peito largo, sorrindo para um rosto bonito.

Ele me diz para parar de olhar para ele daquele jeito.

Minha voz soa distante. “E como estou olhando para você?”

Ele diz que estou olhando para ele como se fosse uma promessa que não posso cumprir.

Isso me confunde. Ou talvez não. Talvez faça todo o sentido.

“Quero te contar um segredo, mas tenho medo dele.”

Ele se oferece para dizer isso por mim.

Eu concordo.

Percebo o que está preso em seus dedos, balançando na mão abaixo dos meus joelhos.

“Você encontrou meus sapatos!”

Ele sussurra o segredo de três palavras.

“Você encontrou meus sapatos para mim.”

Outra declaração murmurada de devoção.

Lágrimas picam meus olhos. “... você encontrou meus sapatos para mim.”

Ele diz que me ama. De novo e de novo.

Cubro meu rosto com um travesseiro, abafando a luz.

Gemendo, eu rolo, quase escorregando para fora da minha cama. Minha cabeça lateja quando ouso abrir um olho e imediatamente me arrependo. A luz do sol já entrou há muito tempo no meu quarto para banhar a cama com calor, como se os raios quisessem acariciar minha bochecha.

Jogando as cobertas sobre minha cabeça dolorida, eu me escondo alegremente do mundo além. Exceto que o mundo além começa a falar.

“Sabe, aposto que foi meio-dia, mas Kai estava confiante duas horas depois disso”, diz a voz familiar. “Ele estava certo. Acho que eu deveria ter escutado. Ele conhece você muito melhor.”

“Eu não daria muito crédito a ele,” resmungo de baixo dos lençóis. “Isso vai subir à

cabeça dele."

Reunindo minha coragem, lentamente descasco o forte em que me enterrei e aperto os olhos na luz dolorosa. Sei apenas pela voz quem ocupa esta sala comigo. Mas isso não a torna menos chocante quando vejo seus olhos verdes e seu cabelo loiro desgrenhado.

Ele está no meu quarto. Chocante ainda, ele veio me ver. Não me lembro muito da noite passada, mas devo ter feito algo certo. Agora, só preciso garantir que não vou estragar esse progresso.

Eu me apresso para sentar enquanto Kitt claramente aponta: "Champanhe não é nem de longe tão divertido de manhã."

Meus olhos pesados pousam onde ele está sentado ao lado da minha cama. O rei está me observando atentamente e tudo o que consigo dizer é um fraco, "Minha cabeça está latejando."

"Isso," ele diz lentamente, "eu esperava. Então pedi para Gail misturar isso para você."

Ele pega um copo da minha mesa de cabeceira, girando o líquido turvo dentro dele. Eu tento o meu melhor para não parecer chocada com seu gesto gentil. Mas é difícil ignorar a esperança crescendo em meu peito. "Isso parece... assustador", eu finalmente resmungo. "O que é isso?"

Seu sorriso é preocupante. "É melhor que você não saiba. Mas isso fará você se sentir melhor. Confie em mim."

Lancei-lhe um olhar cético depois de olhar para o líquido. Ele inclina a cabeça, me pedindo para beber. Mas assim que pressiono o copo nos meus lábios e inclino minha cabeça latejante para trás, imediatamente me arrependo. O gosto só pode ser descrito como ruim, e estou momentaneamente considerando cuspir a textura granulada.

"Não, não desista ainda." O canto da boca de Kitt se levanta, e isso por si só me faz continuar.

Engolindo apressadamente o resto do líquido vil, empurro o copo para sua mão com uma tosse estridente. "Isso foi..." Eu estremeço fisicamente. "Isso foi horrível."

"O remédio para ressaca de Gail não é para os fracos, deixe-me dizer." Seu olhar fica distante. "Kai e eu já passamos por isso muitas vezes ao longo dos anos."

Em seguida, me entregam um copo de água, que eu avidamente esvazio na esperança de que isso me livre do gosto horrível na boca. O rei me observa atentamente, olhando para longe do título com o quão casualmente ele se senta ao meu lado. "Como você está se sentindo?"

Eu me avalio antes de determinar, "Melhor, na verdade. Obrigada. Eu não..." Estou me sentindo irritantemente estranha. "Eu não achei que você viria me ver."

"Alguém tinha que garantir que você ainda estivesse vivo aqui em cima", ele diz simplesmente.

"Fico feliz que você tenha se importado em verificar."

Há uma longa pausa. É como se ele não tivesse considerado isso verdade. Então vem sua curta mudança de assunto. "Estou falando ao tribunal hoje sobre seu próximo julgamento."

Eu me endireito. "Já?"

Kitt concorda. "Testar sua benevolência levará mais tempo do que sua bravura, então vou fazer você começar mais cedo."

“Estarei em outro teste nos próximos dias.”

As palavras são ensurdecedoras, e ainda assim, eu mal as sussurrei. Uma sensação familiar de pânico corrói minha compostura. Posso ter completado o primeiro Trial, mas isso não garante que eu sairei vivo deste. E assim como tenho sido durante toda a minha vida, estou com medo.

“Pelo menos você está bem descansado”, Kitt oferece.

Eu inclino minha cabeça contra a parede onde ela continua doendo vagarosamente. “Quando eu voltei para o meu quarto ontem à noite?”

“Quase cinco da manhã”, ele afirma. “Kai carregou você até aqui.”

Eu praticamente estremeço com suas palavras. Não há mordida nelas, e isso quase piora tudo. Falar de Kai sempre foi, e sempre será, insuportavelmente estranho. Então eu tento evitar. "Plagues, quanto eu bebi?"

“O suficiente para não lembrar de muita coisa, eu presumo?”

Eu solto um suspiro. “Sim, está tudo muito... embaçado. Lembro-me de pedaços e pedaços da bola.” Cortando-lhe um olhar, acrescento: “Bem, certamente me lembro por que comecei a beber em primeiro lugar.”

A visão de Blair surge na minha mente, fazendo meu sangue ferver até hoje.

“Sinto muito que a presença dela tenha sido tão perturbadora”, Kitt afirma, sem soar muito abalada com isso. “Mas preciso que você se acostume com a presença dela. Não posso simplesmente fazê-la desaparecer.”

“Oh, eu poderia.” Não há um traço de sorriso em meu rosto. “Permita-me. Por favor.”

“Você sabe que isso não é possível, Paedyn.” Ele passa a mão pela nuca. “Mas você parecia estar se divertindo apesar de ela estar lá. Até conseguiu fazer a quadra se divertir, e isso não é uma tarefa fácil.”

“Sim, a dança,” eu digo lentamente. “Meus pés estão doloridos.”

“Bem, ouvi dizer que você descartou seus sapatos bem rápido.” Ele acena para os saltos que foram espalhados às pressas ao lado da minha cama.

Eu os encaro, uma lembrança lutando para emergir com a visão. Mas antes que eu tenha a chance de lembrar, Kitt está de pé. “Você fez outro decreto também. Muito impressionante.”

Eu rio. “Não zombe de mim.”

Isso quase me faz sorrir antes que ele limpe a garganta rouca e se levante. "Vou mandar Ellie entrar para te arrumar. Tenho uma reunião para ir." Ele aponta para a mesa de cabeceira, chamando minha atenção para o que está ali, fumegando sob a luz do sol. Eu não tinha notado a tigela no meu estado de névoa. "Kai disse que você poderia querer um pouco disso. Mais uma vez, ele te conhece muito bem, então acreditei na palavra dele."

Apesar de mim, sorrio para o mingau decorado com frutas. Frutas que Kai despreza. Mirtilos ficam entre a aveia fumegante, me lembrando daquela longa noite sob o salgueiro. "Obrigada", murmuro, erguendo meus olhos para os dele. "Por trazer para mim."

Ele me dá um rápido aceno de cabeça. Então ele tosse em um punho manchado de tinta. “Você tem duas horas. Vejo você na sala do trono então.”

Saindo pela porta, ele é rapidamente substituído por Ellie. Eu devoro o mingau enquanto ela prepara o quarto, me observando de longe. "O que foi, Ellie?", eu

finalmente pergunto entre mordidas.

"Nada," ela responde rapidamente. "Estou feliz que você esteja se sentindo melhor. Você estava muito fora de si quando o Príncipe Kai te deixou em casa ontem à noite."

Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas. "Sim, não foi meu melhor momento."

"Ele insistiu em ficar aqui com você." Ela olha para mim timidamente. "Disse que ficaria sentado naquela cadeira até ter certeza de que você estava dormindo."

Eu engulo em seco. "E ele fez?"

"Sim." Sua voz é baixa. "E muito depois."

Ficamos em silêncio logo depois disso, focando na tarefa em questão. Depois de um banho frio que me acordou ainda mais, Ellie garante que eu esteja apresentável em tempo recorde. Ela prendeu metade do meu cabelo úmido, com exceção de algumas mechas que caem em volta do meu rosto empoado.

Em seguida, visto um elegante vestido verde atrás da tela. As mangas caídas e o decote alto cobrem minhas cicatrizes, seguindo os requisitos que dei a Ellie para quaisquer vestidos futuros. Calçando meus calcanhares, sou atingida mais uma vez por aquela memória fugaz ao vê-los.

Mas Ellie está me empurrando para fora da porta antes que eu tenha a chance de refletir mais sobre isso. Eu estabeleço um ritmo constante pelo corredor, passando pelos muitos imperiais sem emoção que o alinham. Eles olham, e eu olho de volta.

Logo, estou entrelaçando meu braço no de Kitt e observando as grandes portas se abrirem. Quando olho para ele, ele acena lentamente. E então estamos entrando na sala do trono.

Os mesmos olhos que me observaram ontem à noite estão me observando agora. Caminhamos entre a multidão de pessoas de ambos os lados, com os rostos para frente. Chegando ao estrado, Kitt me guia para cima antes de nos virarmos como um só em direção ao tribunal. Seus dedos alcançam os meus, sem toda a hesitação que ele demonstra em privado. Mas isso é para mostrar, não sentimentos.

"Senhoras e senhores da corte, hoje nos reunimos em homenagem ao segundo Julgamento de Paedyn Gray," Kitt anuncia, com a voz firme. "Como vocês e o resto de Ilya sabem, ela recuperou com sucesso a coroa perdida de Mareena Azer. Depois de provar sua bravura, ela agora provará sua benevolência.

"Como o segundo dos três *B* 's," Kitt continua, "a benevolência provou ser difícil no passado, devido ao nosso isolamento das cidades vizinhas. Mas com nossas fronteiras agora abertas, devemos estender a paz aos reinos. Isso exigirá mais do que uma carta detalhando as mudanças de Ilya. Exigirá ação."

Meus olhos percorrem a multidão, encontrando Calum entre os rostos desconhecidos. Ele sorri levemente com as palavras de Kitt, satisfeito com cada uma que sai de sua boca. Ao lado dele está uma garota que não vejo desde as reuniões da Resistência na minha antiga casa. O cabelo dela é do mesmo loiro do pai, os olhos quase tão azuis.

Olha.

Quando ela me pega olhando, mal me oferecem um aceno, muito menos um sorriso. Isso não é nenhuma surpresa. Não éramos particularmente próximos, e não tenho certeza se ela me daria um sorriso mesmo se fôssemos.

Volto minha atenção para o rei quando ele olha para mim. É um olhar fugaz que

pode parecer um pedido de desculpas. “Por essa razão”, Kitt declara, “Paedyn viajará pelo Mar Raso para fazer amizade com a cidade de Izram e abrir um futuro comércio entre nós.”

Minha inspiração profunda é abafada pelos aplausos da multidão.

Claro que eles estão aplaudindo. Ninguém cruzou o traiçoeiro trecho de água em anos. E eu posso não conseguir voltar se ousar testar o mar implacável.

É por isso que eles comemoram.

“Paedyn informará Izram sobre nossas fronteiras abertas e negociará a paz...”

Kitt continua seu discurso, mas não ouço nada dele.

Não, meus olhos pousam em Kai antes de percorrer seu corpo rígido.

O medo puxa suas feições, e quando ele ousa encontrar meu olhar, sou forçada a me perguntar mais uma vez por que me incomodo em olhar para outra pessoa. Aqueles olhos gelados se arrastam pelo meu corpo, parecendo mais pesados do que um toque, mais significativos do que uma palavra. Eu me deleito com sua reverência. Isto é, até que ela pousa nos dedos que entrelacei entre os de seu irmão.

Um músculo se contrai em sua mandíbula. Posso ver a raiva vazando por baixo da máscara despreocupada que ele colocou.

Então ele desvia o olhar. Ele se vira. Ele sai da sala do trono.

E eu posso sentir que estou começando a me afastar sem ele para me ancorar.



CAPÍTULO 24

Kai

Ando de um lado para o outro no tapete gasto, fazendo a mesma coisa que fazia quando era meu pai sentado atrás daquela mesa.

Kitt se inclina para trás na cadeira com um pigarro agudo. Sentindo a tensão, Easel se adianta para oferecer: “Não há alternativa. É isso que o tribunal quer.”

“Isso é um desejo de morte”, eu digo. “É por isso que eles querem que ela faça isso. Não para provar sua benevolência, mas para morrer tentando.”

É Calum quem fala em seguida, embora eu não me incomode em olhar para o Leitor de Mentes. “Tenho fé que Paedyn pode fazer isso. E viajar para Izram impressionará as pessoas muito mais do que encontrar aquela coroa.”

Eu balanço a cabeça, falhando em esconder minha frustração. Maldita fingimento. Malditos esses Trials. Kitt já suspeita que minha lealdade a Paedyn é muito mais profunda do que eu ser seu Enforcer. "Tudo isso para quê? Para entregar umas malditas rosas?"

Easel respira fundo. “Izram luta para cultivá-los devido ao solo arenoso. E—”

“As rosas são usadas para tratar doenças.”

É a primeira coisa que ela diz desde que entrou neste escritório e sentou-se ao lado da lareira. Ao som da voz de Paedyn, viro-me para olhá-la, encontrando aqueles olhos azuis já presos em mim.

“Eu já fui filha de um Healer”, ela continua simplesmente. “Eu sei dos benefícios e da alta demanda pela flor.”

Kitt concorda com as palavras dela. “Este presente seria benéfico para Izram — uma oferta de paz física por fechar o comércio com eles. A rainha Zailah ainda não ouviu falar de nossas fronteiras abertas, então seria Paedyn quem reintroduziria Ilya como um aliado.”

“E o Shallows?”, pergunto, exasperado. “As coisas que espreitam dentro dele?” De repente, estou apoiando as palmas das mãos na mesa, me inclinando para frente enquanto digo: “Kitt, você sabe que os pais de Jax morreram em um naufrágio naquele mar. Essa foi a última vez que alguém tentou publicamente fazer a jornada.”

“Eu sei.” A voz de Kitt fica subitamente severa. “Claro que me lembro do que aconteceu com os pais de Jax. Mas os tempos mudaram. As naves evoluíram. Teles e Hydros estarão a bordo. Precauções extras foram tomadas.” Ele faz uma pausa. “Paedyn estará segura.”

O longo cabelo menta de Easel aparece ao lado da mesa de Kitt. “Quanto ao que supostamente se esconde dentro do Shallows, não temos como saber se esses mitos são verdadeiros ou não. Mas, fique tranquilo, a nave estará equipada com armas e muitos Elites.”

Isso finalmente faz Paedyn se levantar de seu assento, a insegurança inclinando suas sobrancelhas. "Que mito?"

Gesticulo para o porta-voz do tribunal. “Você é quem está enviando ela nessa jornada, então por que não conta a ela?”

Ele obedece, porém, um pouco hesitante. “Foi dito que a Peste pode ter até alterado... animais. Há histórias de criaturas aprimoradas — maiores, mais rápidas, mais fortes do que antes. Por causa de que muitos acreditam que há alguma criatura vivendo nas águas rasas.”

“Uma fera que pertence ao mar”, termino por ele, voltando minha atenção para Paedyn.

Minhas palavras parecem tê-la atingido com uma percepção repentina. Seus olhos estão presos no carpete, sua cabeça balançando levemente. “Os morcegos...”

“O quê?” Calum pergunta, roubando a pergunta dos meus lábios.

“Os morcegos”, ela repete distraidamente. “Havia esses morcegos enormes na caverna acima daquela cripta. Lembro-me de pensar que havia algo sobrenatural neles.” Seus olhos encontram os de Calum. “Você acha que eles eram...?”

“Geneticamente mutado?” Ele inala profundamente, colocando os braços bronzeados atrás das costas. “É definitivamente possível. Os Acadêmicos coletaram evidências eles mesmos, embora não falem publicamente sobre isso. Mas isso não significa que essa criatura marinha seja mais do que uma história de ninar.”

“Mais uma coisa que nunca tive a chance de aprender nas ruas de Loot.” Paedyn solta uma risada, o som cortante. “Eu realmente sou comum. Até para os animais.”

Percebo o leve endurecimento do rosto de Calum, provavelmente em resposta à maneira amarga como ela fala sobre si mesma. "Você está pronto para essa jornada, Paedyn?"

“Eu não percebi que tinha uma escolha,” ela responde sinceramente. “Mas se é isso que as pessoas precisam de mim...”

Easel concorda solenemente com as palavras dela.

“Então eu farei isso”, ela finaliza.

“Eu vou com ela.”

Não há um pingo de hesitação na minha voz. É uma exigência, um acordo que não vou negociar. Pior ainda, não me importo se minha preocupação por ela transparecer nas palavras. Eu a seguirei até o fundo do mar se for preciso.

"Kai, você não pode estar falando sério..." Kitt começa, parecendo traído.

“Eu não sou apenas seu Enforcer,” eu afirmo. “Agora eu sou de Paedyn também. E se havia uma coisa que meu pai garantiu que eu aprendesse, era nunca deixar meu rei e minha rainha enfrentarem o perigo, a menos que eu estivesse entre ele e eles.”

Posso sentir o olhar arregalado de Paedyn vagando por mim, mas não ouso deixar meu olhar se desviar de Kitt. Ele me estuda por tempo suficiente para que Calum comece a preencher o silêncio. "O rei precisa de seu Enforcer aqui—"

Interrompendo-o, é com Kitt que falo. "O que você acha que a tripulação fará com sua rainha comum?" Minha voz cai enquanto murmuro: "Não me surpreenderia se tentassem jogá-la ao mar no segundo em que o navio chegasse ao mar aberto. Chame isso de um acidente bizarro." Eu balanço minha cabeça. "Mas não se eu estiver lá. Ninguém ousará tocá-la. E se você não fosse tão importante, irmão, eu sei que você estaria naquele navio com ela. Mas não podemos arriscar perdê-lo. Então arrisque-me em vez disso."

“Vou garantir que a tripulação se comporte”, desafia Kitt.

“Ameaças não os impedirão de jogá-la ao mar e retornar com uma história sobre como a futura rainha fugiu em Izram”, retruco calmamente.

“Kitt.” Paedyn está de repente ao meu lado, suas palmas pressionadas contra a mesa de madeira. “Eu queria que fosse você vindo comigo.”

As palavras doem mais do que eu suspeitava que doeriam. Mesmo sabendo que este é outro momento de fingimento, sinto uma pontada de mágoa no coração que eu tão prontamente dei a ela.

“Mas você tem um reino para governar,” ela continua firmemente. “E se você quer que eu retorne a ele, preciso de alguma proteção.”

Depois de um longo momento de escrutínio, Kitt finalmente desvia os olhos. “Tudo bem,” ele diz, a voz baixa. “Kai irá com você.”

Concordo brevemente, apesar do meu alívio repentino com suas palavras. "Vou garantir que ela volte para você."

“Tenho certeza que sim.”

“Quando partimos?” Pae interrompe, sentindo a leve tensão.

É Easel quem responde. “Depois de amanhã. Cedo.”

“Você está tomando a decisão certa, Kitt.” Eu engulo em seco. “Para sua futura noiva.”

Tudo dentro de mim recua diante das palavras, mas eu as pronuncio do mesmo jeito. Ele parece notar o quanto isso me dói. Mas ele entra na brincadeira, dando um aceno lento para a porta. "Vocês dois têm algumas malas para fazer."

Não é uma dispensa muito sutil, mas não posso dizer que estou surpreso. Então, pego a dica junto com minha saída. Chegando à escada curva, subo os degraus dois de cada vez, seguindo a rota familiar em direção ao meu quarto.

Meu ritmo é regular, esperanças estranhamente altas para alguém que pode estar navegando para a morte. Mas não sou estranho ao afogamento. Tenho feito exatamente isso desde o dia em que olhei em seus olhos oceânicos.

Um poder se move sob minha pele, ficando mais forte a cada passo. Parece familiar, duro da mesma forma que tem sido desde que éramos crianças.

Eu sei quem me espera antes mesmo de eu virar a esquina.

Seu cabelo lilás está trançado frouxamente nas costas de sua blusa simples. É chocante ver Blair parecer qualquer coisa, menos letal. No entanto, aqui está ela, o rosto livre de sua maquiagem escura usual e roupas surpreendentemente simples.

“O que você está fazendo aqui?”, pergunto como forma de saudação.

Ela levanta uma sobrancelha escura. “O que estou fazendo do lado de fora da minha porta?”

Meu sorriso é afiado. “Por que você não está por trás disso?”

“Ah, entendi!” Ela diz isso com mais do que uma pitada de desdém. “Você está perguntando porque, aparentemente, não tenho mais permissão para pôr os pés fora do meu próprio quarto.” Um leve beicinho se forma em seus lábios. “Não podemos ter nossa futura rainha se machucando tentando me matar.”

Passo a mão pelo rosto, já exausta por essa conversa. "O que você está fazendo aqui, Blair? Achei que Lenny te daria tudo o que você precisa."

“Nem tudo, infelizmente.” Ela suspira. “Se você quer saber, eu estava afiando minhas facas. Você sabe, para atirar em crianças pequenas lá fora minha janela.” Seus olhos reviram. “Ou qualquer outro passatempo pervertido que você acha que eu

gosto."

"Só..." Eu gesticulo preguiçosamente para a porta. "Volte para lá. Por favor."

"Hmm." O olhar dela viaja sobre mim. "Parece que o Slummer lhe ensinou algumas maneiras. Que irônico."

"Não, Blair", eu aviso.

"Então você vai dividi-la com Kitt pelo resto da sua vida? Ou encontrar outro Ordinário nas ruas?"

As palavras mal saíram da sua boca e eu desisto.

Eu a jogo de volta contra a parede com nada além da minha mente e o uso do poder Tele emprestado dela. Ela engasga de surpresa, se esforçando um pouco sob meu controle sobre seu corpo. Nenhum Elite aprecia seu próprio poder sendo usado contra eles, mas tenho pouca preocupação com os sentimentos dela no momento.

Cada passo em direção ao seu corpo imobilizado é lento, deliberado. O olhar que ela me dá é opaco, aparentemente despreocupado com sua situação atual. Mas quando eu me aproximo dela, ela luta para inclinar a cabeça para cima e encontrar meu olhar gelado.

"Fale dela assim de novo", murmuro lentamente, "e você vai implorar para ficar trancado naquele quarto, a salvo de mim."

Algo em seu olhar gradualmente suaviza nos segundos após minha ameaça. E isso me preocupa. "Merda", ela suspira, a boca escancarada. Seus cílios tremulam enquanto ela olha para mim, igualmente chocada e divertida. "Você está apaixonado por ela."

Dou um passo para trás abruptamente, liberando meu aperto sobre ela e o poder que eu tinha agarrado firmemente em minha mente. Ela cai contra a parede, livre para mover seus membros frouxos. E a primeira coisa que ela faz é balançar a cabeça para mim em descrença. "Eu sempre soube que havia algo entre vocês, mas..." Sua risada é um pouco enlouquecida. "Você está completamente apaixonado por ela."

Meus olhos vagam para o chão, o peito arfando a cada respiração. Não consigo nem encontrar uma mentira convincente o suficiente para vomitar. Nem tenho certeza se conseguiria negar se tivesse que fazer isso. Então fico ali como uma ferida aberta, deixando-a examinar a fraqueza que descobriu.

Blair dá um único passo lento em minha direção. Quando meu olhar finalmente sobe para o dela esperando, o balançar de sua cabeça é de pena. Um sorriso afiado se instala em seus lábios para espelhar o que eu a vi dar desde que éramos crianças. "Oh, você é f—"

"Príncipe Kai!"

Olhando para cima, encontro um Imperial parado no centro do salão com um prato de comida em cada mão. Identificando seu cabelo ruivo imediatamente, vejo os olhos de Lenny alternarem entre seu Executor e a garota que ele deveria estar protegendo. Ele limpa a garganta, correndo com um igualmente apressado, "Olá, senhor, é ótimo ver você. Hum, Blair, querida, você deveria estar *na* sala. Não ficar perambulando do lado de fora, sim?"

Os olhos dela reviram antes que ela comece a cuspir palavras falsamente doces, zombando completamente dele. "Hum, Lenny, meu pequeno biscoito de gengibre que eu poderia literalmente quebrar ao meio com um único pensamento, Kai me viu antes que eu tivesse a chance de entrar na sala e mandar minhas facas afiadas voando

em direção àqueles que passam por baixo da janela." Ela se vira para mim então, sorrindo sarcasticamente. "Ele ama esse jogo. Não deixe que ele diga o contrário."

Rindo desconfortavelmente, Lenny a empurra em direção à porta. “Que senso de humor ela tem. Nunca um momento de tédio com essa!”

“Oh, por favor,” ela bufa. “Não finja que gosta de mim; isso só vai me fazer trabalhar mais para—”

Lenny fecha a porta atrás dela com um chute e um sorriso.

“—garanta que não”, Blair grita do outro lado, com a voz abafada.

Sozinhos no corredor, nós nos encaramos por um longo momento. Com um suspiro, eu murmuro, "Mantenha-a fora de vista, tudo bem? Poderia ter sido Paedyn que andou por este corredor, e todos nós sabemos o que ela teria feito."

Lenny concorda com a cabeça. "Sim, senhor." Ele se aproxima então, lançando um olhar cansado para a porta. "Mas ela não pode ficar trancada para sempre. Não está certo."

Passo a mão pelo meu cabelo. “Eu sei. Mas Paedyn precisa de tempo.”

Essa é a única explicação que ofereço antes de me virar e começar a descer o corredor novamente. “Boa sorte com ela.”

Sua resposta é silenciosa, perdida no abismo crescente entre nós enquanto viro outra esquina.



CAPÍTULO 25

Pedyn-P ...

Água escorre das pontas do meu cabelo, batendo nos meus ombros enquanto eu giro um dedo na água morna do banho.

Eu me deleito no luxo de tudo isso, ensaboando sabonete de cheiro doce na minha pele. Inclinando minha cabeça sobre a borda da banheira de porcelana, fecho meus olhos e me concentro neste último pedaço de calma que sinto. Porque a água em que me aventurarei amanhã não será tão pacífica e contida. Ela me aterroriza, o desconhecido e incontrolável, quase tanto quanto inspira.

Depois de um longo dia de arrumação e silenciosamente reunindo minha coragem, aproximei-me do crepúsculo com muito medo do dia que se seguiria. Então, enquanto a noite avançava e o sono escapava, decidi afogar minhas mágoas em um banho.

Eu estava enterrado sob bolhas por tanto tempo que Ellie veio me ver. Foram necessárias várias tentativas para convencê-la de que eu era, de fato, capaz de ir para a cama sem ela estar lá. Depois de finalmente ceder e hesitantemente me desejar boa noite, ela foi embora para conseguir o descanso que eu desesperadamente desejava poder.

Mergulhando minha cabeça na água, lembro-me de quão facilmente algo tão quente e relaxante pode me engolir inteiro. Até mesmo este banho é perigosamente modesto. Mas o mar é muito menos atraente.

Estou ficando sem ar.

Eu nem sei nadar. Se eu cair no mar, o mar vai me reivindicar rapidamente.

Meus pulmões se contraem.

Não haveria como lutar para escapar das garras da Morte.

Agora elas queimam.

Ficarei completamente vulnerável.

Eu rompo a superfície, engolindo o ar úmido. Eu me permito mais um momento para sentar dentro da água, sentindo cada ondulação e cada volta dela contra minha pele. Então eu estou penteando meu cabelo molhado para trás do meu rosto e me levantando.

Vestindo o robe de seda que Ellie separou para mim — só depois de sorrir para o saco de chocolates que ela deixou ao lado —, entro no quarto, com a intenção de cair de cara no meu colchão. Não que eu espere dormir muito. Não, é uma combinação de nervosismo e tédio que me faz desejar não fazer nada além de apodrecer com meus pensamentos.

Esta pode ser minha última noite em terra firme.

Estou me sentindo enjoado.

Uma preocupação corrosiva cresce dentro do meu estômago. Penso vagamente em como posso deixar este mundo. Lutando? Arrependido? Em paz?

Não, paz implica que tudo está bem na minha vida. Mas há erros a serem corrigidos e perdão a ser conquistado. Eu me recuso a morrer até que eu esteja satisfeito com a maneira como vivi.

Eu gemo.

No final, é a iminência da morte que consegue me arrancar da cama.

Bato hesitantemente na porta dele.

Meu coração bate loucamente em antecipação. Normalmente não sou eu quem faz isso, e duvido que eu faça de novo por causa do quão irritantemente nervoso eu—

A maçaneta gira.

E quando a porta se abre, quase espero ser recebida com um sorriso arrogante, uma confusão de cabelos pretos ou um conjunto familiar de lábios que provaram os meus.

Mas tudo diante de mim é incerteza.

Esta boca está frouxa de surpresa, e uma que eu nunca conheci. O cabelo no topo da cabeça dele é loiro e arrumado e o oposto do do irmão. *Ele* é o oposto do irmão.

Fico parada na porta, piscando para Kitt, que está chocado.

"Oi", eu digo, mesmo que seja só para preencher o silêncio.

Sua resposta é igualmente estranha. "Oi."

"Desculpe, eu te acordei?"

"Ah, não." Kitt esfrega a nuca, uma ação que ele frequenta. Ele olha por cima do ombro, parecendo um pouco surpreso ao encontrar o ar desocupado. "Não, eu não durmo muito mais."

Meu olhar mergulha em suas mãos manchadas. "Você está escrevendo alguma coisa?"

"Só... notas. Isso me ajuda a pensar." Ele limpa a garganta. Murmura algo baixinho. Por um momento, acho que ele esqueceu minha presença.

Meus olhos se estreitam diante do seu comportamento estranho. "Você está—?"

"Há alguma razão para você estar aqui a essa hora?" Ele piscou para afastar a visão turva de seu olhar distante.

Estou momentaneamente assustada com sua compostura repentina. "Certo, sim." Eu levanto um cobertor enrolado entre nós, um que eu tinha arrancado da minha cama depois de me vestir rapidamente. "Eu pensei que poderíamos fazer um... piquenique?" Eu estremeço. "Eu não tenho certeza, realmente, mas eu tenho chocolate?"

Nós nos encaramos, ambos sabendo exatamente o que é isso - um oferta de paz. Kitt olha por cima do ombro novamente, como se estivesse avaliando se isso vale uma pausa em sua escrita. Estou começando a acreditar que o rei vai me rejeitar quando ele finalmente se afastar. "Não consigo dizer não ao chocolate."

Com um sorriso aliviado, entro furtivamente no quarto. O cobertor dobrado pende frouxamente dos meus dedos enquanto tento não parecer tão intrigada com seu quarto. É surpreendentemente simples para um rei, pelo menos comparado ao estilo de vida luxuoso que presumi que alguém teria. Mas não é desprovido de personalidade. Plantas em vasos espalham-se pelo quarto, salpicando cada canto com cor e se enrolando em qualquer coisa ao alcance. Meus olhos saltam sobre a cama amassada para encontrar livros empilhados de cada lado. Suas lombadas quebradas se acumulam em alturas perigosas ao redor do quarto, nunca muito longe de um mapa

espalhado ou documento rabiscado.

"Eu teria arrumado se soubesse que você estava visitando", Kitt diz, soando apenas um pouco constrangido. Ele afasta um amontoado de pergaminho sujo de tinta enquanto eu coloco o cobertor no chão.

"Não precisa limpar por mim." Desdobro o tecido para revelar o saco de doces que Ellie me deixou. "Você viu onde eu morava."

"Eu tenho." Ele parece arrependido.

Sentando-me no cobertor esticado, cruzo as pernas abaixo de mim e aceno para Kitt me seguir. Ele obedece, sentando-se rigidamente à minha direita com todo o conforto de um conhecido, não do homem que deveria ser meu marido. E essa falta de progresso é exatamente o motivo pelo qual estou aqui.

Ofereço a ele um chocolate antes de desembrulhar o meu. "Não como um desses desde a nossa brincadeira de pega-pega na cozinha."

Colocando o doce na boca, Kitt murmura: "Eu era o único pegando. Você estava caindo."

"Tudo bem." Eu suspiro as palavras. "Não precisa se gabar."

Ele sorri, e *isso* é progresso. "Então, por que você realmente queria fazer esse piquenique improvisado comigo?"

"Preciso de um motivo para comer chocolate com você?"

"Não", ele diz lentamente, "mas você provavelmente tem uma."

"Então você me conhece, afinal", eu provoco.

"Achei que sim." Outro chocolate desaparece em sua boca. "Uma vez."

Uma carranca puxa minha boca. "Eu não mudei. Eu ainda sou aquela garota que você conheceu durante os Julgamentos de Purgação."

"Não," ele rebate. "Você está endurecido."

Paro de mastigar. Nossos olhos se encontram em um exame silencioso. "Tenho que ser. Essa é a única maneira de Ordinários sobreviverem em Ilya."

"Bem, logo você não será Ordinário." O rei parece irritado. "Você será realeza."

Minha risada é sem graça o suficiente para atrair um olhar de surpresa das feições estoicas de Kitt. "Talvez. Mas seu pai garantiu que eu nunca esqueceria quem eu realmente era."

Talvez seja hábito, ou raiva, ou uma mistura cruel de ambos que faz meu olhar cair no botão de cima de sua camisa amassada. Parece que a história se recusa a não se repetir. Mais uma vez, estou evitando o olhar de um homem que quase me matou. E apesar do lembrete de que esses olhos verdes não pertencem a Edric Azer, ainda acho difícil encontrá-los. Mesmo na morte, o falecido rei me tortura.

"Lá vai você de novo", murmura Kitt.

Eu vou olhar para encontrar o especulador que ele colocou em mim. "Hmm?"

"Houve um tempo em que você não conseguia me olhar nos olhos", ele diz calmamente. "Assim como você está fazendo agora. E nos jardins, você me disse que era porque eu te lembrava alguém. Era meu pai, não era?"

Eu me inclino para trás, um pouco assustada com sua pergunta. Mas se eu quiser restaurar esse relacionamento entre nós, preciso ser honesta. "Eu pensei que seu pai matou o meu," eu explico suavemente. "E, bem, de certa forma, ele matou. Foi a Kai que ele deu a ordem. Kai eu vi enterrar uma espada no peito do meu pai. Mas Eu não sabia disso até o rei me provocar do lado de fora do Bowl."

A voz de Kitt está entorpecida. “E foi então que você o matou.”

“Mal,” murmuro, lembrando de cada golpe que o rei desferia em mim. “Era como se ele estivesse esperando por aquele dia. Como se cada golpe fosse planejado. Tudo se tornou um borrão agora, mas...” Olho para sua forma rígida. “Mas, sim, evitei seu olhar, sua companhia, porque você se parece muito com ele.”

Os chocolates estão esquecidos no chão, agora pouco mais que testemunhas da nossa conversa abafada. “E quando você procurou minha companhia,” Kitt diz secamente, “foi porque você precisava encontrar um caminho para aqueles túneis.”

“Não.” Minha explicação é uma enxurrada de palavras apressadas. “Bem, talvez no começo. Sim, eu precisava de uma maneira de entrar naqueles túneis, mas se tornou muito mais do que isso. Eu *queria* passar esse tempo com você, ser honesto sobre o que eu estava fazendo. Mas eu queria fazer mais a diferença. E eu sabia o quão próximo você era do seu pai...”

“Então você assumiu que eu era contra a Resistência, contra os Ordinários também,” ele finaliza para mim. Isso é seguido por um encolher de ombros indiferente. “Para ser honesto, eu nunca me importei muito com o que acontecia com os Ordinários. Banidos ou não, não importava. Mas meu pai estava obcecado em livrar Ilya deles, e isso foi sua ruína. Seu maior fracasso.”

Eu brinco com um embrulho vazio, rolando-o entre meus dedos. "E agora você está se casando com a única coisa que ele odiava. Melhor ainda, com a única coisa que o matou." Meu corpo inteiro fica tenso em antecipação à minha próxima pergunta. "E você está bem com isso?"

“Eu realmente não tenho escolha,” ele murmura. “Sabe, eu não achei que seria capaz de olhar para você também. Não depois do que você fez. Mas eu rapidamente percebi que meu pai não valia a pena agradar. Seus elogios não valiam a pena ficar obcecado.” Ele reúne os chocolates sem pensar em um círculo apertado. “Agora, eu serei aquele que tornará Ilya grande. Do meu próprio jeito.”

Eu aceno lentamente. “Estou feliz em ouvir que ele não controla mais você.”

Ele deixa as palavras pairarem entre nós. Meus dedos aproveitam o momento tenso e levam um chocolate aos meus lábios. Eu o saboreio, sentindo nostalgia entre cada mordida de nozes. Este é o chocolate que eu costumava roubar para Adena em ocasiões especiais. A última delas foi seu aniversário, embora não soubéssemos que seria o último na época.

“Não posso dizer o mesmo de você.”

Sou puxado dos meus pensamentos e de volta ao chão luxuoso do rei. "O que você quer dizer?"

“Ele claramente tem controle sobre você. Meu pai,” Kitt esclarece. “Caso contrário, você não teria problema em me olhar nos olhos.”

Estou fazendo de novo. Meu olhar salta de sua garganta para colidir com o olhar familiar acima. É pesado sobre as manchas roxas de inquietação.

Está na hora de ele saber.

Kitt abre a boca novamente, mas eu já estou me movendo, já reunindo minha coragem junto com as dobras da minha camisa. A determinação anula meu desespero repentino de esconder esse pedaço estragado de mim mesma. Mas se esse homem for meu marido, ele logo verá cada pedaço de fragilidade que compõe meu ser.

Então, posso muito bem começar pelas cicatrizes no meu coração.

Eu me movo na frente dele, forçando o tremor da minha voz. “Ele não me controla. Ele me assombra.”

Minha mão se levanta para puxar a gola da minha camisa para baixo, para baixo, para baixo...

Eu sei que a marca fica visível quando seu rosto empalidece.

“Isso é...” Ele engole em seco. “Isso é um *O*?”

Não me incomodo em olhar para a letra irregular que me define. “Para Ordinário.”

Kitt está balançando a cabeça agora. “Eu... eu não...”

“Depois de arrastar sua lâmina pelo meu pescoço”, digo categoricamente, “ele prometeu deixar sua marca em meu coração, para que eu nunca me esqueça de quem a quebrou.”

Ele levanta a mão, como se quisesse passar os dedos sobre a cicatriz antes de pensar melhor. “Este não é o homem que eu conheci.”

“O homem que você conheceu não existia.”

Seus olhos traçam aquele círculo mutilado de carne. “Sinto muito.”

Minha voz está rouca. “Eu também.”

“Você não é mais a garota que eu conheci durante aqueles Julgamentos de Purgação,” ele diz suavemente. “Não mais.”

As palavras dele não me assustam como eu pensava que fariam. Porque ele está certo. Eu já lamentei a garota que morreu ao lado de Adena naquele Pit. Algo quebrado saiu cambaleando da Bowl Arena naquele dia. E eu só fiquei mais forte por isso.

“E você também não é o garoto que eu conheci.” Minha garganta está seca, mas eu raspo as palavras da minha língua. “Agora, eu quero conhecer esse rei que você se tornou.”

A voz de Kitt é leve, apesar do peso de suas palavras. “Eu me preocupo com o que você vai encontrar.”



CAPÍTULO 26

Pedyn-P ...

O vento chicoteia meu cabelo e fere minhas bochechas.

É mordaz de uma forma estranhamente revigorante depois da viagem abafada de ônibus entre os irmãos estranhamente quietos.

Nunca estive tão perto do mar. Nunca ousei.

Agora vou navegar por ele.

Estamos na beirada do único cais frágil que resta em Ilya. Água escura bate contra os postes longos que sustentam cada laje de madeira em que estamos. Eu respiro o ar salgado, examino o horizonte sempre se estendendo. É assustadoramente estimulante, esse algo que encontra tanta força na constante mudança.

Mas o que flutua sobre a água é quase tão impressionante.

O navio paira à nossa esquerda, lançando uma sombra sinistra sobre nós. A madeira escura se estende por várias centenas de pés de comprimento, chegando a uma ponta leve em uma extremidade. Duas grandes velas estão firmemente amontoadas contra os mastros altos, preparando-se para se reunirem com o vento.

Meu olhar viaja pela extensão da madeira antes de cair de volta para as ondas batendo abaixo. “A água é sempre tão agitada?”, pergunto, olhando para os irmãos.

“Não”, Kai responde estupidamente.

Dei um suspiro de alívio. “Bem, isso é bom.”

“Geralmente é pior.”

E assim, meu peito aperta novamente.

Kitt dá um tapinha no ombro do seu Enforcer. “Sempre otimista, irmão.”

O rei parece estar com o espírito mais animado esta manhã, apesar da nossa conversa pesada ontem à noite. Ou talvez seja simplesmente Kai que alegra seu humor.

“Sim”, penso, “muito reconfortante”.

O som de passos se aproximando nos faz virar. É Calum caminhando pelo cais irregular, segurando uma pequena pilha de livros debaixo do braço. À sua direita, o porta-voz do tribunal reside com um sorriso tenso. Easel dá um passo à frente antes de repassar informações bruscamente. “Seus baús foram carregados no barco e levados para suas cabines. A tripulação está pronta para partir quando vocês estiverem.”

Meu estômago revira com a ideia de abandonar o chão firme, mas me forço a concordar convincentemente. Percebendo minha preocupação, ou melhor, lendo meus pensamentos ansiosos, Calum pergunta: "Posso ter um momento com Paedyn?"

Os irmãos obedecem, conversando calmamente enquanto descem o cais. Colocando as mãos, e os livros dentro delas, atrás das costas, Calum me leva lentamente até o fim do cais. "Você está indo bem, sabia."

Chuto uma pedra da tábua de madeira e ouço-a bater na água com um suave

plunk. “Não parece.”

“Respeito é conquistado,” ele diz suavemente. “Leva muito tempo. Mas quando você terminar essas Provas, as coisas começarão a andar muito rápido.”

Eu aceno, o olhar demorando-se nas ondas quebrando abaixo. “Eu vou me casar.”

“Você será uma rainha”, ele acrescenta.

“E eu ainda serei comum.”

As palavras o fizeram se virar para olhar para mim, cabelos loiros presos a luz. Ao sentir seu olhar penetrante, eu me pergunto brevemente o que ele está colhendo dos meus pensamentos. “Sim, você sempre foi e sempre será. Mesmo com uma coroa na cabeça.”

Ficamos em silêncio na beira do cais, observando o sol brilhar contra a água enquanto ele sobe lentamente na ponta dos pés para o céu. Olho para ele, guardando esse momento de paz na memória. "Obrigada", respiro no ar fresco. "Por tudo. Mas principalmente por estar aqui comigo. Você é um conforto no castelo." Rio tristemente. "E nessa vida totalmente nova em que fui jogada."

Seu sorriso é reservado. “Estou aqui para ajudar de qualquer forma.” Ele puxa os livros de trás das costas, apresentando as capas gastas para mim. “Na verdade, eu trouxe estes para sua jornada. Eles podem ajudar a passar o tempo.”

Estendendo a mão, passo um dedo hesitante sobre uma lombada bordô familiar. “Obrigada. Mas eu odiaria estragar suas coisas se de alguma forma acabássemos no mar—”

“Você não precisa se preocupar com isso,” ele interrompe suavemente. “Bem, estragar meus livros, é isso. Estes pertencem a você.”

Meus olhos se fixam nos dele. “O quê?”

“Quando seu pai morreu, e você desapareceu,” ele começa lentamente, “eu peguei algumas de suas histórias favoritas para guardar. E eu esperava devolvê-las a você um dia.”

Com cada palavra, os livros parecem se familiarizar diante dos meus olhos. Cada capa desbotada guarda uma memória distante, uma imagem fugaz de um homem em sua cadeira de leitura e uma garotinha sentada a seus pés. “Ele costumava ler isso para mim.”

“Ele fez.” Calum gentilmente me entrega os quatro livros finos. “Eu acredito que você até escreveu algumas notas lá quando criança.”

“Não consigo imaginar que eu tivesse algo importante a acrescentar”, digo, rindo levemente. Folheando rapidamente um dos livros, encontro uma pequena rosa esboçado na capa interna. As palavras “Para Paedyn” estão roladas abaixo dela em uma caligrafia vagamente familiar e em loop.

Ele me olha cuidadosamente. “Você ficaria surpreso.” Com um pequeno sorriso, ele acrescenta, “Eu os farei serem trazidos para sua cabine.”

Suponho que ele provavelmente consegue ouvir a gratidão em meus pensamentos, mas isso não parece o bastante. Então enfatizo as palavras não ditas com um impulsivo arremesso de meus braços ao redor dele. Isso o faz hesitar por um momento, gaguejar em confusão e, finalmente, retribuir o sentimento.

Com seus braços em volta dos meus ombros, sussurro um último "Obrigada".

Ficamos na sombra do navio, todos olhando para a embarcação que deveria nos levar

através das águas traiçoeiras.

Uma multidão se formou na costa rochosa onde centenas de olhos esperam ter seu último vislumbre do odiado Ordinário. Imperiais barricam o cais, detendo qualquer um que ouse abrir caminho em nossa direção. Mas ninguém faz um movimento, contente em deixar os Shallows fazerem o que querem comigo.

Aos olhos deles, estou praticamente morto.

O rei olha para seu Enforcer. “Já mudou de ideia, Kai?”

“Infelizmente não,” ele suspira. “Mas tente não sentir muita falta de mim. Eu estacionei Imperiais extras com você enquanto estou fora, então você certamente não vai se sentir solitário.”

“Oh, sim, não espero um único momento de privacidade.” O humor na voz de Kitt se dissolve rapidamente. “Por favor, volte para casa, Kai. Não posso deixar você morrer em cima de mim também.”

Desvio o olhar, como se isso pudesse me salvar dessa intrusão estranha na conversa deles. Ainda assim, ouço a resposta sincera do Executor. "Eu voltarei. A morte tem medo de mim, lembra?" Posso ouvir um indício daquele bastardo arrogante deslizando em sua voz quando ele diz: "E quando eu retornar, nós comemore com outra dança entre nós três. Contanto que Paedyn não pise nos meus pés de propósito dessa vez.”

“Não tenho lembrança disso”, afirmo defensivamente. “Deve ter sido subconsciente.”

Kitt ri, e o som sangra em suas próximas palavras, todas elas direcionadas ao irmão. "Bem, ela continuou tentando pular nas minhas costas, lembra?"

“E então culpou suas tentativas fracassadas pelo 'vestido apertado'”, Kai acrescenta com um sorriso digno de um soco. “Confie em mim, eu lembro. O momento se repete toda vez que fecho meus olhos—”

“Tudo bem, já chega”, eu bufo. “Lembre-se dessa conversa quando eu de repente te empurrar para fora do barco.”

“Oh, você pode tentar, Gray,” Kai zomba com um sorriso torto. “Mas não culpe suas mangas apertadas quando não for capaz.”

A risada de Kitt quase abafa minhas palavras. "É isso. Vou entrar nesse maldito barco."

Eu saio para a prancha, forçando meu olhar para a frente e não para a água furiosa abaixo de mim. As vozes atrás ficam abafadas pelas ondas quebrando, mas a de Kai se destaca, mesmo entre o mar. “Cuide-se enquanto eu estiver fora. Descanse um pouco. Prometa-me.”

“Eu prometo,” Kitt retorna calmamente. “Eu pediria para você garantir que Paedyn faça o mesmo, mas eu já sei que você fará.”

Meu coração acelera o ritmo quando entro no convés do navio. Vários segundos se passam antes que o Enforcer me siga, a madeira rangendo sob suas botas. Quando me inclino sobre a amurada, o olhar de Kitt encontra o meu do cais abaixo antes que ele diga "boa sorte" sem emitir som.

“Kai!”

O grito ecoa pelo ar, carregado pelo vento. Kai se vira rapidamente, examinando a parede de Imperiais na outra ponta do cais, onde um emaranhado de membros tenta passar.

"Kai! Espera!"

Mas ele não faz nada disso. Em vez disso, ele está caminhando em direção àquela voz familiar, empurrando os Imperiais para o lado para alcançar o garoto magro.

Mesmo dessa distância, consigo ver as lágrimas brotando nos olhos de Jax. Ele está ali, ofegante diante do irmão. E quando ele abre a boca, o soluço sufocado que escapa dela faz minha respiração ficar presa.

“Não vá,” ele implora a Kai. “Por favor, não vá. Eu posso nunca mais te ver—”

Um soluço corta suas palavras no mesmo momento em que Kai envolve seus braços ao redor do garoto, segurando-o firme. Ele está dizendo algo que não consigo ouvir, algo que provavelmente é para ser um conforto.

Jax aperta os olhos enquanto aperta as costas da camisa de Kai com os punhos. "Meus pais nunca voltaram", eu o ouço dizer, com a voz embargada.

Um pedaço de mim se despedaça ao som disso, com a tristeza já enchendo sua voz. Jax perdeu tanto, tão jovem. E eu o vejo implorar para Kai não ser a próxima pessoa que ele lamenta.

Fungando, Jax se deixa arrancar de seu irmão mais velho. Mais palavras sussurradas são trocadas antes de Kai bagunçar o cabelo do garoto pelo que pode ser a última vez. Então ele se vira lentamente, solenemente, e caminha de volta para a nave.

Com os ombros tensos e o silêncio pesado, Kai se junta a mim a bordo.

O Enforcer acena para a tripulação que aguarda enquanto eu consigo esboçar um sorriso. O caos se instala logo após nosso reconhecimento deles, enquanto homens e mulheres começam a se movimentar ao redor da nave. Ordens são gritadas de repente, colocando cada pessoa em movimento com uma tarefa diferente para completar.

Com uma mão sutil na parte inferior das minhas costas, Kai me guia até a proa do navio, onde observamos as velas se desenrolarem acima de nós. Só a quantidade de tecido deixaria Adena boquiaberta. E eu me agarro a esse pensamento, à imagem do meu A sorridente.

Meu olhar viaja para o homem grande no leme, sua mão segurando um dos muitos raios que adornam a roda enorme. Seu chapéu, traje e comandos gritados me dizem que este é nosso capitão para a jornada que está por vir. Ele parece desgastado pelo mar, e isso por si só é um conforto. Talvez tenhamos uma chance de sobrevivência, afinal.

Cordas grossas pendem de todos os cantos do navio, balançando nos mastros que se elevam sobre nós. Estou impressionado com tal caos estruturado. É preciso cada membro da tripulação e suas tarefas aparentemente sem importância para persuadir a embarcação a deslizar sobre a água.

Claro, as Rajadas a bordo certamente ajudam no ritmo rápido do navio. Elas guiam rajadas de ar gelado para as velas, enquanto os Teles seguram cordas e cordames com nada além de suas mentes. Meu olhar vagueia sobre cada alma tentando persuadir o mar a algo mais manso, até os Hydros debruçados sobre as grades, tentando abafar as ondas que quebram no casco.

Quando o navio começa a se mover, minha atenção cai para o cais que lentamente começa a deslizar para longe de nós. Meus nós dos dedos ficam brancos ao redor do corrimão de madeira a cada segundo que o vento me leva para mais longe do chão firme.

"Você vai ficar bem, Pae", Kai murmura ao meu lado.

“Certo,” eu digo distraidamente. “Eu sei.”

“É por isso que você está se dando farpas?”

Tirando meu olhar do cais distante, olho para a mão que prendi ao redor do corrimão. "Estou apenas... nervoso."

Ele apoia os antebraços no corrimão. “Você geralmente está perto de mim. Não se machuque por isso, querida.”

Eu me viro para encará-lo com um escárnio. “Estou nervoso com a viagem, seu idiota.”

“Não se passaram nem vinte minutos no mar e você já inventou um novo apelido para mim.”

“Tenho certeza de que muitos outros virão à mente nos próximos dias.”

Seus olhos vagam por mim, e eu me lembro do quanto eu gosto da sensação disso. "Senti sua falta", ele finalmente murmura, a voz baixa.

Algo vibra no meu peito, e pode ser apenas aqueles nervos que ele determinou que eu sinto perto dele. "Eu nunca fui embora."

Um balançar de cabeça. “E ainda assim, eu senti a ausência de você do mesmo jeito.” Ele olha para a água, seus olhos cinzentos espelhando o mar diante de nós. “Eu suponho que essa seja minha sentença para o resto desta vida.”

Eu me esforço por palavras, luto pela força para dizê-las quando elas são encontradas. Mas o momento se despedaça quando uma figura se aproxima.

O capitão estende a mão para Kai, apertando-a severamente. “Enforcer, senhor. É uma honra navegar com você.” Quando ele se vira para mim, sua saudação é bem menos entusiasmada. Com um aceno de cabeça, ele oferece um suave “Minha Senhora.”

Eu quase pulo quando ele bate palmas. “Agora, eu sou o Capitão Torri, e essa belezura” — ele bate no corrimão ao meu lado — “é o *Reckoning* .”

O longo cabelo castanho sob seu chapéu ondula quando ele balança um dedo grosso para nós. "Não navego há quase uma década por causa daquele maldito decreto de ficar longe dessas malditas águas." Seus olhos escuros se voltam para mim. "Desculpe minha linguagem, senhorita. Mas, merda, se você me perguntar, essa viagem está muito atrasada. Precisamos retomar o Shallows." Ele quase acaricia a grade. "E ela é nossa conta."

“Claro.” Meu tom faz os lábios de Kai se contraírem. “Agora, o que foi aquilo sobre não velejar por quase uma década?”

“Bem,” Torri gagueja, “o Shallows tem sido legalmente proibido, então esta será minha primeira travessia em algum tempo. Mas eu lhe asseguro,” ele ruge, “que a tripulação e eu estamos prontos para o desafio.”

Kai acena para o capitão. “Bem, nós apreciamos muito sua disposição. Não é mais fácil encontrar marinheiros em Ilya.”

Meu estômago revira com a lembrança. A experiência de Ilya com o Shallows é tão limitado quanto alarmante, e os incontáveis naufrágios são uma prova disso. Ninguém em sã consciência navegou neste mar em quase uma década, o que tornaria esta tripulação incrivelmente fora de prática.

Qualquer esperança de sobrevivência diminuiu drasticamente.

“Bem, você não vai me ver correndo dessas águas, senhor,” o capitão praticamente grita com um sopro no peito. “Nem mesmo as criaturas conseguiram me manter

longe.” Ele aponta para uma cicatriz fina cortando sua bochecha envelhecida. “Oi, mas os demônios tentaram!”

Ele ri, a barriga tremendo sob o casaco abotoado. Um som desconfortável sobe da minha garganta enquanto Kai consegue dar uma risada educada com o homem. Depois de um momento para se recuperar, Torri continua com uma tosse sibilante. "Agora, vamos te familiarizar com o *Reckoning* , hein?"

Depois de um grito incoerente do capitão que me faz estremecer, um homem corre para o seu lado. "Este", Torri diz despreocupadamente, "é meu primeiro imediato, Leon. Ele vai mostrar a vocês seus quartos e ao redor do navio."

Leon assente secamente, sua pele escura brilhando de suor sob a bandana amarrada em volta da cabeça. A blusa branca e solta que ele usa pega o vento como uma vela própria, o tecido batendo contra ele. Olhos castanhos e quentes caem sobre mim, e pela primeira vez, não é ódio que vejo em um olhar. Em vez disso, curiosidade.

“Se você precisar de alguma coisa”, o capitão continua, “é Leon quem você vai procurar. Eu estarei ocupado garantindo que esse maldito navio chegue à costa.” Ele ri profundamente de suas próprias palavras, mesmo enquanto se afasta com um sorriso largo. “Leon lhe dará um pequeno passeio agradável por nossa adorável dama. Mas não fique muito confortável. Estaremos atracando em Izram em seis dias. Espero.”

Com outra risada estridente, ele está indo em direção ao leme, o casaco esvoaçando atrás dele. Olho para Kai antes de obedecer ao gesto de Leon para segui-lo. Ele nos leva em direção à popa do navio, onde um par de portas de madeira ficam abaixo do tombadilho na parte traseira. Sou forçado a desviar de membros da tripulação agitados enquanto andamos, embora eles façam um esforço para se afastar do Enforcer na minha frente.

Dois conjuntos de escadas de madeira levam ao convés acima, onde Torri agora está ao leme, conversando com o homem que provavelmente é seu navegador. Olhando para as portas diante de nós, vejo Leon empurrá-las para revelar um corredor estreito. Ele aponta para a porta particularmente grande no final do corredor. "Aposentos do capitão. Se ele te convidar para jantar com ele uma noite, você terá a chance de vê-los." Sua voz é profunda, o tom seco de uma forma que me faz supor que ele preferiria estar fazendo qualquer outra coisa. "E estes são seus aposentos", ele informa, virando-se para a esquerda e abrindo um par de portas.

Espio dentro de uma delas, encontrando uma pequena cama ocupando a maior parte dela. Meu baú lotado está sobre uma cômoda frágil que range a cada balanço do navio. Uma pequena vigia permite que a luz enevoada entre e cubra o berço abaixo. E ali, em uma pequena mesa de cabeceira, está a pilha de livros que Calum trouxe para mim.

Leon não permite muito tempo para examinar a cabine antes de caminharmos novamente. Nos levando de volta ao convés movimentado, eu pisco na luz do sol escaldante enquanto ele levanta uma grande grade do piso de madeira. "Este é o acesso de carga", ele diz simplesmente antes de descer as escadas íngremes que levam à parte inferior do navio.

Com um olhar tranquilizador, Kai desce primeiro para a sala escura abaixo. Estou na metade dos degraus quando o navio balança, me forçando a envolver meus dedos ao redor do corrimão instável ao meu lado. Leon está falando novamente antes

mesmo de eu chegar ao chão. "Este é o convés do beliche. Também conhecido como convés de armas." Para enfatizar, ele gesticula para os vários canhões que inocentemente alinham a sala. "Este também é o lugar onde a tripulação dorme."

Olho fixamente para as dezenas de redes balançando, a maioria das quais são pendurados aleatoriamente entre os canhões ameaçadores. “Todos eles?”, eu digo abruptamente, incapaz de me conter. “Nesta sala?”

“Sim, senhorita,” Leon responde claramente. “Somente os oficiais superiores recebem cabines. O resto da tripulação vive e dorme aqui.”

Engulo em seco com o pensamento, já me sentindo enjoada ao ver cada rede balançando. Mas o primeiro imediato tira meu olhar da variedade de tecidos pendurados quando aponta para a direita. “A portinhola de armas fica para lá, junto com os caixões de rum e água.” Ele gira na outra direção. “Alguns alojamentos de oficiais e a enfermaria ficam para lá.”

Leon então aponta para o convés abaixo de nossos pés, onde outra grade repousa. “Provisões do navio, compartimento de carga, velas extras, cordame e sua caixa de rosas. Ah, e a cozinha.” Ao meu olhar de confusão, Leon acrescenta: “A cozinha. É tudo lá embaixo, onde você nunca precisará ir.”

Com isso, ele começa a subir as escadas novamente, dizendo por cima do ombro, "É isso. Não é um grande passeio." Mais uma vez, eu me pego piscando na claridade repentina quando chegamos ao convés principal. "Vocês estão livres para ir para seus quartos ou ficar no convés principal. Na frente do navio" — ele aponta para a proa pontiaguda — "vocês encontrarão a casa de banho, ou simplesmente, um lugar para se aliviar." Com um olhar para mim, ele continua, "Para você, senhorita, e as outras mulheres a bordo, adicionamos um pouco de privacidade a um dos banheiros."

Eu sorrio levemente. “Isso é muito apreciado.”

Ele assente, parecendo levemente apologético antes de continuar. “Suas refeições serão levadas para suas cabines. Onde vocês as comerão é com vocês.” Deliberando, Leon parece não encontrar nada mais importante e conclui o passeio com uma sequência de palavras tranquilizadoras. “Se precisarem de alguma coisa, me procurem. E acreditem que eu os encontrarei em caso de emergência.”

Antes que eu pudesse questionar que emergência poderia ser, o primeiro imediato está indo embora. Minha dúvida se forma em uma única frase. “Quais são as chances de sobrevivermos a esta jornada?”

Kai passa a mão pelo cabelo desgrenhado pelo vento. “Você me diz, Pequena Psíquica.”

Reviro os olhos. “Estou sentindo que podemos acabar no mar antes mesmo de avistar terra.”

Ele sorri, e de repente, a água gelada começa a parecer uma boa ideia. “Então eu vou nadar por nós dois.”



CAPÍTULO 27

Kai

O navio balança abaixo de mim, embalando meu corpo em um lugar tranquilo que não é bem o sono.

Entrelaçando minhas mãos sob minha cabeça, eu me estico no catre, ouvindo as ondas abafadas do lado de fora da minha vigia. O mar está gentil hoje, talvez apenas para nos atrair para uma falsa sensação de segurança. A água é inconstante, e o homem é tolo o suficiente para pensar que podemos domá-la.

O sol está se pondo além da minha pequena janela, lançando um tom alaranjado na cabine. Olho distraidamente para o teto de ripas acima, sem saber o que fazer comigo mesmo. Nunca fui tão inútil em uma missão. Alguém pode achar essa monotonia relaxante, mas é inquietação que sinto.

Meu prato de jantar está em cima da mesa de cabeceira, agora vazio das batatas e da carne que antes enchiam o prato lascado. Estendendo a mão sobre ele, pego a garrafa de rum que foi graciosamente trazida para meu quarto e a levo aos meus lábios. Sento-me no travesseiro áspero, fazendo careta enquanto o álcool queima minha garganta.

"Merda." Eu tusso o xingamento antes de decidir que é uma boa ideia tomar outro gole. Essa pode ser uma das bebidas mais fortes que já tomei em anos. Provavelmente desde que Ava morreu.

O pensamento deixa um gosto amargo na minha boca que não tem nada a ver com o rum. Meu aperto é firme em volta do gargalo da garrafa. Desde que embarquei neste navio, tenho sido continuamente lembrado de quão perigoso é ficar sozinho com meus próprios pensamentos.

Então não tenho escolha a não ser ficar com ela.

É o que digo a mim mesmo enquanto saio para o corredor e bato meus dedos contra a porta dela.

A voz de Paedyn está abafada atrás da madeira. "Sim?"

"Você gostaria de companhia?", eu respondo.

"É seu?"

"Receio que sim, querida."

"Tudo bem, entre", ela diz, parecendo divertida. "Girando a maçaneta, não chutando a porta."

Sorrindo, faço o que me mandam e entro no quarto. Ela está sentada na cama, tornozelos cruzados na frente dela e costas apoiadas na parede da cabine. A luz do sol moribunda flui muito mais brilhante através desta vigia, espalhando cor e calor sobre ela. Um livro gasto é segurado frouxamente entre seus dedos quando aqueles olhos azuis se movem rapidamente para os meus.

"Veja", ela diz docemente, "não foi tão difícil".

Dou uma olhada para ela antes de me esparramar na cama, com a cabeça em seu colo.

"Você está bebendo para afastar seu tédio?", ela reflete, olhando para mim.

Eu sacudo a garrafa ainda apertada em minha mão. “Eu estava. E então eu lembrei que você é uma distração muito mais atraente.”

Ela revira aqueles olhos brilhantes para mim. "Você veio aqui só para flertar, Azer?"

“Querida, eu nem comecei.”

Gemendo dramaticamente, ela arranca a garrafa da minha mão. "Então eu vou precisar disso."

“Não aja como se não gostasse disso.”

Ela toma um gole de rum, torcendo o rosto com o gosto. Estou rindo antes mesmo que seus lábios tenham saído da garrafa. Ela tosse, gagueja e enfia o licor de volta na minha palma. Se recompondo, Pae olha para mim com olhos lacrimejantes que podem ser apenas uma gota do próprio mar. "Há muitas coisas que finjo não amar."

Eu ainda ouço suas palavras. Meu olhar vagueia sobre o rosto que ela inclina em minha direção, sobre cada fio de cabelo prateado caindo ao redor dele. Eu estendo a mão lentamente, passando meus dedos pelas peças brilhantes e ensolaradas. Minha voz é um murmúrio, uma confissão silenciosa. "Você é muito melhor em fingir do que eu."

O sorriso dela é triste. “Eu só tenho mais prática nisso.”

Fechei os olhos por um longo momento, lembrando-me da vida cansativa que ela suportou. “Eu sei.”

Ela consegue sorrir, seus dedos de repente se fechando em volta da garrafa mais uma vez. Assim que ela é arrancada da minha mão, ela a levanta no ar. "Mas não precisamos fingir aqui."

Depois de tomar outro gole, ela me entrega o rum entre tosses. "Vou beber a isso", murmuro antes de me sentar e engolir um bocado.

Ela balança um dedo para mim. "Mas isso significa que temos que nos comportar da melhor forma quando e se voltarmos para Ilya." Seu olhar cai para o anel abraçando seu dedo. "Kitt notou que isso estava no dedo errado da noite em que você veio aos meus aposentos. Então, chega de ficar se esgueirando. Vamos apenas... aproveitar esse tempo juntos."

Porque não vamos ter isso de novo.

Eu ouço as palavras não ditas pairando entre nós. Elas zombam de mim, assim como aquele diamante brilhante que ela usa. Cada momento com ela é gasto lamentando o próximo, esperando o dia em que falaremos pela última vez.

Ela olha para mim. Limpa a garganta. “Fui aos aposentos dele ontem à noite.”

Meu sangue gela. “Você fez?”

As palavras saem de sua boca, soando cada vez mais como uma confissão. “Só estou tentando consertar esse... constrangimento entre nós. Se devemos passar o resto de nossas vidas juntos, quero pelo menos aproveitar a companhia um do outro. Ele é tão estoico comigo, e esse certamente não é o Kitt que eu conheci, nem é o irmão que ele é para você. Então... continuarei sendo amigo dele na esperança de que ele eventualmente retribua.”

Ela olha para mim com expectativa, sobrancelhas erguidas. Deixo suas palavras penetrarem antes de engoli-las com outro gole de rum. Queima na minha garganta enquanto pego o pequeno livro roxo ao lado dela. "O que você está lendo?"

Minha mão é rapidamente parada por seu rápido agarrar meu pulso. "Você ao menos ouviu alguma coisa do que eu acabei de dizer?"

"Eu ouvi você." Minhas mãos seguram seu rosto. "Eu ouvi. Eu ouço. E se você quer que eu lhe conte a extensão do meu ciúme, então eu vou. Mas eu prefiro não desperdiçar o pouco tempo que temos juntos falando sobre meu irmão. Especialmente enquanto eu sento na sua cama e tento me impedir de fazer algo precipitado com minha futura rainha." Meus olhos se movem entre os dela arregalados. "Mas quando estivermos de volta naquele palácio, eu vou deixar você ver o quanto eu odeio que você não seja minha."

A boca de Paedyn se abre. "Okay. Eu... hum..." Parece que a deixei sem palavras. Ela limpa a garganta antes de tentar novamente. "O que foi que você perguntou?"

Meu sorriso é perverso. "Seu livro, querida."

"Certo." Ela respira fundo. "É um que eu amava quando criança. Calum trouxe alguns para mim."

Coloco uma mão na coxa dela, inclinando-me para vê-la abrir a capa. Ilustrações desbotadas estão espalhadas pelas páginas, assim como várias marcações a lápis que não consigo distinguir.

"Meu pai costumava lê-los para mim", ela diz suavemente. "Este era o meu favorito."

"Conte-me sobre isso", murmuro.

Meu pedido a faz sorrir. "É sobre fênix e outras criaturas místicas que sempre desejei conhecer. Mas foi a garota dessa história que eu mais gostei."

Ela para em uma página aleatória e passa o dedo sobre uma mensagem fraca rabiscada ali com uma caligrafia torta.

Eu quero ser poderosa como ela.

Paedyn balança a cabeça diante das palavras antes de fechar o livro. "É só uma história boba."

Eu a observo por um longo momento, embora ela evite meu olhar. "E os outros livros?"

"Principalmente magia e mundos para os quais eu queria escapar." Ela soa estranhamente tímida. "Mundos onde eu poderia ter me encaixado."

Eu me mexo, deitando minha cabeça de volta em seu colo. "Então, qual você vai ler para mim?"

Todo o seu rosto se ilumina, e é uma coisa linda de se ver. "Sério?"

"Estou todo ouvidos, Gray."

Sorrindo, ela vira para a frente daquele livro roxo. "Phoenix então."

Meus olhos se fecham quando palavras suaves começam a sair de sua boca. Eu me perco rapidamente na história, na voz hipnótica que a une. O navio balançando me embala naquela sensação fugaz de paz enquanto seus dedos penteiam meu cabelo, fazem cócegas em minha pele.

Imagino essa versão de nós, num futuro distante que nunca vai acontecer. Um final feliz em que eu deito no colo de Paedyn, ouvindo-a ler até o dia em que eu desapareço em uma memória distante.

Mas isso não passa de uma história boba que eu criei.

Então eu me deleito no presente, nos momentos em que nos escondemos do inevitável. Ela lê até o sol cansar e mergulhar sob as ondas. Até a escuridão cobrir o

quarto e sufocar cada palavra na página.

Paedyn se acalma, afastando uma mecha de cabelo da minha testa. Ao som do livro dela fechando, levanto meu olhar para o livro dela na sombra acima de mim. "Você —?"

Pisadas abafadas do outro lado da porta me fazem sentar rapidamente. Olhando um para o outro, nos esforçamos para ouvir a comoção vinda do convés principal. Palmas seguem o bater de botas, criando uma sinfonia de caos.

"É isso...?" Paedyn se acalma ao som crescente da música.

"Isso", eu digo, sorrindo para a escuridão, "é o som de um violino mal tocado".

Não dou a ela a chance de responder antes de puxá-la para fora da cama. Resmungando, ela consegue dizer: "O que você está fazendo?"

Eu me viro para encará-la, levantando a mão que não está usando o anel do meu irmão. Meus lábios encontram a ponta do polegar dela. Ela suga o ar com a intimidade disso, com o significado enterrado abaixo. "Meu lindo Pae, você gostaria de dançar?"

O sorriso dela parece iluminar a escuridão. "Eu nunca deixaria passar a chance de pisar nos seus pés, Malakai."

Eu a puxo para perto, seguro-a com força. Ela sabe exatamente o que está fazendo. Meu nome não significa nada para mim até que ela o diga. Nada até que ela o reivindique como seu.

Eu beijo seus lábios, sinto o gosto do poder que ela tem sobre mim. Minha mão segura sua nuca, dedos se enredando em seu cabelo curto. Ela está agarrando minha camisa e me puxando contra ela—

Outro coro de pisadas nos faz nos separar e respirar pesadamente. Paedyn ri daquele jeito inebriante que me faz querer puxar sua boca de volta para a minha. Mas ela está agarrando minha mão e abrindo a porta antes que eu tenha a chance. Estou sendo puxado para o corredor e em direção às portas duplas à frente. Com um sorriso rápido por cima do ombro, ela solta minha mão e as empurra para abrir.

O convés se estende diante de nós, banhado pelo luar. Homens e mulheres de todas as idades dançam no ritmo da melodia do violino, entrelaçando os braços para girar em volta da madeira. A tripulação bate palmas, pisa forte e canta grosseiramente uma música que pertence ao mar.

Paedyn dá um passo à frente, parecendo insegura mesmo enquanto sorri para a cena. Nos avistando do círculo improvisado de homens berrando, Leon se aproxima, parecendo menos estoico do que estava esta manhã, embora a garrafa de rum em sua mão provavelmente agradeça por isso.

Como forma de saudação, ele responde ao olhar questionador que Paedyn usa. "A tripulação sempre comemora um dia tranquilo no mar. Hoje foi uma navegação especialmente tranquila, considerando a reputação do Shallows."

O navio balança levemente em concordância, seu casco cortando facilmente as ondas preguiçosas. Leon acena para o grupo barulhento. "Vocês são bem-vindos para se juntar. Tome um pouco de rum. Dance. Ah, e o violino de Sam está desafinado, mas acredite em mim, já foi pior."

Ofereço um braço a Paedyn. "Devo segurar seus sapatos agora ou esperar que você os perca?"

"Talvez eu simplesmente jogue eles em você." Ela sorri docemente. "Assim você

pode encontrá-los mais facilmente."

Meu olhar explora preguiçosamente seu rosto. "Coisinha perversa."

Quando entramos no círculo, Paedyn não perde tempo antes de bater palmas no ritmo. Eu a vejo sorrir para a dança diante de nós, mas, mais importante, eu observo aqueles que a observam atentamente. Alguns franzem a testa para sua presença, enquanto outros mal notam a futura rainha entre eles. E antes de ser arrastada para uma dança, eu memorizo os rostos daqueles homens que a encaram.

Paedyn engata seu braço no meu antes de começarmos a andar em círculo. Ela ri, acelerando o passo e se virando para pegar meu outro braço. Fazemos isso até eu ficar sem fôlego, até minha boca doer de sorrir para ela.

O rum é passado entre nós, assim como os parceiros de dança que nos dão os cotovelos com. As melodias rápidas do violino nos fazem pisar forte noite adentro, batendo palmas quando nossos pés doem. Em pouco tempo, Paedyn está balançando ao lado de um marinheiro, cantando uma balada para o mar batendo ao nosso redor.

Eu faço isso por ela. Cada dança. Cada sorriso. Ela parece muito mais viva longe de Ilya, longe do lembrete de tudo que ela não é. Mas aqui fora, mesmo cercados por Elites, estamos todos à mercê do mar. Acho que ela encontra conforto nisso.

Então eu a giro sob o luar. Sorrio quando ela ri às minhas custas. E a deixo pisar nos meus dedos.



Édrico

Há pouca coisa que o Rei Edric, governante do primeiro reino de Elite, tema.

Mas essa criança é um pesadelo tangível em seus braços.

"Você está errado."

Essas são as primeiras palavras que saem da boca de Edric, direcionadas bruscamente ao seu Silenciador. Damion entregou sua filha ao rei antes de se afastar, agora segurando firmemente aquela expressão estoica estampada em suas feições. Há um lento balançar de cabeça, a ação arrependida. “Não posso silenciar nenhum poder dela, Vossa Majestade. Posso estar enganado, mas...”

O rei já ouviu o bastante. Veja, a mera perspectiva de uma criança sem poder compartilhar seu nome é suficientemente condenatória.

Sussurros deslizam em direção ao silêncio, e com eles, o zumbido nos ouvidos de Edric. Ele olha para a menina, vendo pouco mais do que sua falta de poder. Como ele, um Brawny e rei dos deuses, poderia produzir algo tão fraco?

Isso é uma vergonha. Isso é uma zombaria de tudo o que o rei é e acredita.

Seus olhos verdes ficam mais frios a cada momento que passa enquanto eles vagueiam em direção ao corpo morto de Iris. Ela era uma raridade, uma que Edric não conhecia antes dela — uma Alma. Essa habilidade permitia que ela sentisse e manipulasse as emoções de outra pessoa. Mais de uma vez, Iris a usara no rei para transformar as pressões de governar em uma centelha de felicidade que ele só sentia quando ela estava por perto.

A criança chora nos braços trêmulos de Edric, sua pele ainda pegajosa de sangue.

Como esse nada pode vir de algo tão forte e raro?

Uma Ordinária nascida de duas Elites poderosas é algo inédito. No entanto, aqui está ela, essa desculpa fraca para a vida.

Cada grito faz o peito ensanguentado da criança subir e descer, a ação tão frágil. É quase impressionante, o coraçãozinho patético bombeando sob sua pele. O rei pensa nisso com desgosto, lembrando-se apenas do fato de que sua esposa não tem mais pulso — mas essa fraqueza tem.

Edric olha para sua própria filha, com ódio no coração e tristeza nos olhos.

Iris está morta, e foi tudo por um Ordinário. Por esse constrangimento. Por nada.

O rei dá uma ordem, cortando o silêncio. É uniforme e deliberado, como se as palavras que saem de sua boca não roubassem o fôlego de cada par de pulmões ao redor. "Livre-se disso."

Pés se movem. Gargantas limpas.

Uma Curandeira, com as mãos manchadas de escarlate, não consegue pensar em nada para dizer além do título do rei colocado como uma pergunta. “Vossa Majestade?”

“Matou minha esposa”, Edric diz friamente. “Um Ordinário matou minha esposa. Livre-se dele.”

“Vossa Majestade”, protesta um conselheiro, “é apenas uma criança—”

“Livre-se. Disso.”

O rei estende a criança para o ar livre, abrindo o máximo de espaço possível entre eles. Seu olhar é afiado o suficiente para tirar sangue, e é exatamente isso que acontecerá se suas exigências não forem atendidas.

“Eu vou me livrar... disto.”

O Leitor de Mentes de Edric dá um passo à frente, estendendo as mãos em direção à princesa chorosa, que só tem esses momentos fugazes para ser assim. O rei sorri firmemente antes de entregar sua filha ao confiável Fatal.

Esta é a última vez que ele a segurará. Tudo o que esta criança conhecerá é sua violência e ódio antes do fim.

“Veja se você faz isso,” Edric ordena, segurando o olhar do Leitor de Mentes antes de se virar para encarar todos os outros olhares atordoados. “O que você viu hoje não aconteceu. Sua rainha não morreu dando à luz um Ordinário, porque ela faleceu há dois anos quando me deu à luz meu filho e herdeiro. É isso que o reino saberá. É isso que a história saberá.”

Ele olha para sua filha chorosa, expressão vazia de qualquer simpatia. “Este Ordinário não me pertence. Já foi esquecido.”

Enquanto o Leitor de Mentes sai da sala, com uma princesa perdida em seus braços, o rei grita uma ordem para seus conselheiros. “Sele os registros. Garanta que hoje nunca tenha acontecido.”

Então ele sai furioso da sala, tendo livrado o mundo de mais um Comum inútil.



CAPÍTULO 28

Pedyn-P ...

Um trovão me acorda de repente.

Sento-me, piscando na escuridão que me cerca. O navio balança violentamente, quase me derrubando do catre. A chuva bate na vigia, o som ecoando no vidro.

Sento-me ali, atordoado com a rapidez com que o tempo mudou. Nosso segundo dia no mar tinha sido assustadoramente pacífico, arrastando-se enquanto eu lia para Kai e perambulava pelo convés.

Outra curva acentuada do navio faz meus livros caírem no chão com um baque suave que mal ouço por causa do estrondo do trovão. Outro estalo de relâmpago segue um segundo depois, iluminando a sala com um flash fugaz de luz. Posso sentir cada onda furiosa contra o barco, ouvir o rugido da água correndo tão perto além dessas paredes de madeira.

Gritos abafados ecoam do convés principal. Eu fico de pé, pernas tremendo sobre o chão instável. O navio mergulha em uma onda violenta, me jogando para frente antes que eu consiga me equilibrar. Eu colido com a parede, apoiando meus braços contra ela até confiar em mim mesmo para dar outro passo.

Conseguindo tropeçar em direção à porta, alcanço a maçaneta, dedos escorregando enquanto sou arremessado para frente mais uma vez. A cômoda range atrás de mim, imitando cada gemido arrepiante do navio.

Quando finalmente abro a porta, grito para a figura parada atrás dela.

"Kai!" Sou forçado a gritar sobre a tempestade, apesar do meu alívio em vê-lo. "O que é—"

Meus olhos caem na sombra escura que se espalha lentamente pelo corredor. Levo um momento para perceber o que estou olhando. E o que isso significa.

Água.

As ondas estão quebrando sobre o navio, preparando-se para engolir todos nós.

De repente, suas mãos estão em meus quadris, me empurrando para trás. "Você precisa ficar neste quarto!"

Trovões rugem ao nosso redor, sacudindo o próprio chão em que estamos. Kai está chutando a porta para fechá-la, nos fechando nesta sala, nesta sepultura aquosa. Eu balanço minha cabeça para ele, com a sensação de pânico subindo pela minha garganta. "Não. Não, eu não posso ficar trancada aqui, Kai! Agora não!"

Um estalo de relâmpago sombreia suas feições severas. Ele segura meu rosto, me segurando firme quando o navio balança. "Você confia em mim?"

Um fio de água escorre por baixo da porta. Como o dedo frio da Morte, ele se estende para mim.

"Pai?"

Seu grito força meu olhar de volta para ele. Eu aceno, trêmula. "Eu faço. Eu fiz mesmo quando não deveria."

“Eu conheço o sentimento.” Ele pressiona sua testa na minha, sussurrando palavras suaves em minha pele. “Então eu preciso que você fique neste quarto comigo até que nos digam o contrário.”

Meu coração acelerado abafa cada onda que quebra, cada grito desesperado da tripulação que os luta. A cabine parece se fechar sobre mim, ficando menor com o pensamento ecoante de que não posso mais sair isto. O mar se enfurece ao meu redor, e ainda assim pode ser minha própria claustrofobia que me arrasta para a morte.

O quarto está ficando menor, o oceano bocejando maior. Vou sufocar nesta cabana antes mesmo que a água chegue aos meus pulmões.

Meus pulmões.

Eles parecem não conseguir encontrar ar. Estou me engasgando com um tipo diferente de mar. É esse espaço raso, essa cabine cada vez menor que veio para me esmagar.

Meus joelhos dobram abaixo de mim antes de eu afundar no chão. Com os ouvidos zumbindo, mal consigo ouvir a preocupação gritada de Kai atrás de mim. Ele está segurando meu corpo encolhido contra o dele enquanto balançamos para frente e para trás com as ondas agitadas.

Algo frio bate contra minha perna. Vagamente, olho para baixo e encontro o dedo gelado da Morte roçando minha pele. Uma carícia e reencontro ao mesmo tempo. Ele me encontrou mais uma vez. A última vez que nos encontramos, ele roçou dedos arenosos contra minha bochecha nas Queimaduras. Agora, é o mar revolto que ele comanda para me arrastar de volta para ele.

Um grito abafado contra meu ouvido me faz acordar. Coloco uma palma na poça d'água como se fosse apertar a mão da Morte. Elogio-o por sua resiliência.

“Pai!”

Relâmpagos atravessam a sala no mesmo momento em que meu nome ressoa nela. Sua cabeça está enfiada em meu ombro, a respiração quente contra a pele nua ali. "Nós vamos ficar bem", ele tranquiliza severamente. "Você sobreviveu aos Scorches mais de uma vez. Agora você fará o mesmo pelos Shallows."

Eu aceno, forçando minha respiração a desacelerar. Nós sentamos no chão, abraçados enquanto o barco tenta nos separar. Eu me agarro a ele, cada dedo enfiado em sua camisa amassada. Ele acaricia meu cabelo, sussurra palavras de conforto.

Minha âncora na tempestade.

“Tenho algo para você”, ele murmura.

Ainda lutando para engolir meu pânico, eu resmungo: "Uma distração, espero."

“Algo assim.” Ele desenrola um braço de mim, nunca me soltando totalmente enquanto ele luta para tirar algo dos ombros. É só quando ele coloca a mochila em cima do chão úmido que eu percebo pela primeira vez. Alcançando o interior, ele puxa uma esfera finamente embrulhada.

Nem preciso perguntar o que é. Eu conheço esse formato. Conheço esse cheiro.

Mel.

Lágrimas picam meus olhos. “Você trouxe isso de Ilya?”

Outro raio me permite ver o leve sorriso enfeitando suas feições. “Só para você.”

Kai me deixa fazer as honras de desfiar a massa doce. O mel cobrindo meus dedos tem um sorriso aparecendo em meus lábios. Eu esqueço cada onda gelada que tenta destruir o navio, cada medo alojado no fundo da minha garganta. É neste pãozinho

pegajoso que eu foco, e na memória de cada um que compartilhei antes.

Meus olhos se fecham quando finalmente dou uma mordida. Esta massa contém todos os momentos felizes que tive nesta vida, e se eu for morrer esta noite, quero que seja com este mel na minha língua. Esta lembrança do meu lar — Adena.

"Pode estar um pouco velho agora", Kai começa suavemente.

"Não," eu engasgo. "Está perfeito. É exatamente assim que eu sempre os comi. Como *nós* sempre os comemos."

O trovão ruge enquanto balançamos no chão com cada balanço do navio. Eu afundo meus dedos no pãozinho pegajoso, puxando-o ao meio. Kai parece surpreso quando eu ofereço um pedaço a ele. "Isto é para você. Sua distração", ele diz com firmeza.

"Quero que você compartilhe comigo. Por favor." Eu agito a massa na frente dele daquele jeito que Adena sempre fazia. "Eu não sei comer uma dessas sozinha."

Graciosamente, ele acena em compreensão antes de arrancar o pedaço entre meus dedos. Eu estremeço com os gritos ecoantes que são rapidamente levados pelo vento forte. "Você também merece uma distração", digo tão suavemente quanto o mar tempestuoso permite.

Ele roça os nós dos dedos frios na lateral da minha bochecha. "Você é para sempre minha distração, querida."

A água se acumula em volta dos meus tornozelos, e ainda assim, estou sentada aqui com a cabeça contra o peito dele. Comemos esse pãozinho pegajoso no chão da minha cabine, no meio de um mar revolto, e de alguma forma encontramos tranquilidade na violência.

Como se eu tivesse encontrado o olho do furacão dentro dele, e ele em mim.

Acordo com um travesseiro macio sob minha cabeça.

Eu certamente não o coloquei lá. Nem levantei meu corpo para a cama ontem à noite. Mas aqui estou eu, aconchegado sob as cobertas com mãos limpas de mel.

Piscando meus olhos cansados para focar, eu os varro sobre o chão úmido e o lugar que tínhamos ocupado na noite passada. Ficamos sentados lá por horas, conversando sobre a tempestade e nos preparando contra cada onda trêmula. Devo ter cochilado em seus braços antes que eles me levantassem para o catre.

Além da vigia, há um céu cinza e, abaixo, um mar agitado, provavelmente amargurado pelo navio ainda estar flutuando.

O navio ainda está flutuando.

Um sorriso aliviado se instala em meus lábios enquanto me sento. Sobrevivi à minha primeira tempestade no Shallows. Se viverei para ver a próxima é uma preocupação para outra hora.

Levanto-me, atravesso o chão úmido e destranco meu baú. Uma pilha de roupas cuidadosamente dobradas me cumprimenta, embora eu seja rápido em vasculhá-las em busca de algo confortável para vestir. Eu opte por uma calça preta justa por baixo de uma blusa larga.

Vestindo meu colete verde-oliva, corro meus dedos pelas costuras desfiadas e bolsos esticados. Parece que mal usei o presente desde que voltei para Ilya. Em vez disso, fui enfiada em vestidos que me fazem pensar em Adena e como ela não consegue mais fazê-los, mesmo na morte, com aqueles dedos quebrados.

Mergulhando minhas mãos na bacia de água doce em cima da cômoda, afasto o pensamento da minha cabeça com um respingo frio no rosto. Com um leve arrepio, seco minha pele e—

E meus livros estão no chão.

"Não, não, não," murmuro, correndo para coletar as histórias delicadas. O navio ainda balança o suficiente para que eu tenha dificuldade para me equilibrar, então caio de joelhos antes que as ondas me joguem no chão.

Rapidamente recolho os livros no meu braço, notando suas páginas onduladas pela água do mar. Xingando baixinho, levanto-me e vou em direção à porta. As lombadas úmidas grudam na minha palma enquanto caminho para o convés e saúdo o céu sombrio acima.

O vento chicoteia meu cabelo solto, enviando fios prateados para obscurecer minha visão. Luto para libertar meu olhar, apenas para parar de repente na devastação que vejo. Grandes pedaços foram arrancados da grade onde o mar afundou seus dentes gelados na madeira. Cordas emaranhadas estão espalhadas pelo convés, espalhando-se pelo chão junto com outros detritos diversos.

Os comandos berrados do capitão garantem que nenhum membro da tripulação fique parado. O navio balança abaixo de mim, e tropeço em pernas não acostumadas ao mar. Os marinheiros ao meu redor zombam da visão antes de continuar a caminhar completamente imperturbáveis pelo cais escorregadio.

Eu endireito meu colete e reúno o que resta da minha dignidade enquanto caminho cuidadosamente em direção a uma seção intacta da grade. O vento me corta, pungente e salgado. Eu me inclino sobre a grade, observando a água correr abaixo. Sua coloração azul-clara e verde é enganosamente convidativa, apesar da grande profundidade abaixo de sua superfície. E é precisamente assim que ganhou o nome Shallows para si.

Segurando três dos livros firmemente debaixo do meu braço, eu levanto um no ar, deixando as páginas flutuarem ao vento. Não é a maneira mais ideal de secá-los, mas certamente será a mais rápida.

Risadas nas minhas costas me dizem que a tripulação tem gostado de rir às minhas custas. Eu as ignoro, como fiz com cada Elite arrogante com quem fui forçado a viver, e troco de livro.

É quando o barco mergulha em uma onda, espirrando água pelo convés para me encharcar completamente. Mais risadas enchem o ar enquanto estou ali, tremendo e segurando o último pedaço da minha infância contra um peito apertado.

"Precisa de ajuda, querida?"

Giro nos calcanhares, quase tombando quando o navio sacode abaixo de nós. Mas lá está ele, mãos enfiadas em bolsos quase tão fundos quanto a covinha me espiando. Maldito seja.

Maldito seja.

Com o jeito que ele está olhando para mim, eu poderia ter apenas murmurado as palavras em voz alta. Nada nem ninguém jamais me devastou mais. Nem a areia, nem o mar, nem o lento roçar da mão da Morte. Porque talvez, só talvez, ele seja a coisa mais ruinosa de todas.

Ele tira o casaco para revelar uma camisa preta justa. "Não olhe para mim desse jeito."

Essas palavras parecem mexer com algo dentro de mim, uma memória fugaz abafada por várias taças de champanhe. O pensamento frágil se estilhaça com o bater dos meus dentes. "E c-como estou olhando para você?"

Seu sorriso de resposta faz o sangue correr para minhas bochechas dormentes. Ele se aproxima, balançando o casaco em volta dos meus ombros antes de puxá-lo para fechá-lo. Vejo sua boca formar uma resposta que nunca ouço.

"Ei, que tempestade ontem à noite!"

Eu mal conheço o homem, e ainda assim, reconheço sua voz do outro lado do navio. Virando-me, encontro Torri caminhando penosamente em nossa direção, cabelos longos presos na base do pescoço. "Mas ela se recuperou", ele continua, passando a mão sobre o corrimão lascado. "Mas temo que isso seja apenas o começo. Os Shallows não continuarão sendo tão gentis."

Agarro meus livros firmemente sob o casaco drapeado de Kai. Se foi gentileza que o mar nos mostrou ontem à noite, não tenho certeza se viverei o suficiente para ver terra.

"Anime-se, garota!" O capitão ri do que quer que ele veja no meu rosto. "Você só precisa durar mais quatro dias. E então, bem, a viagem de volta, mas não vamos nos preocupar com isso ainda."

Ele também acha isso engraçado e continua rindo até o leme. Eu me viro para Kai, dando a ele um olhar exasperado que nunca deixa de fazê-lo sorrir.

"O que você estava prestes a dizer?", pergunto, a curiosidade momentaneamente tomando conta da minha língua.

Ele parece ponderar isso enquanto seu olhar se desvia para a água. "Nada que eu não tenha dito antes."

E essa é a única resposta que ele oferece antes de estender a mão para mim. "Agora, me ponha para trabalhar. Esses livros precisam secar antes que você leia um para mim hoje à noite."

Eu bufo de diversão antes de colocar uma das capas úmidas na palma da mão dele. Abrindo em uma página particularmente amassada, Kai segura o livro contra o vento. Eu faço o mesmo, meus dentes batendo ao lado dele.

Devemos parecer ridículos, encostados no corrimão e segurando literatura no ar. Quase rio da imagem estranha que pintamos, mas a visão da água corrente ao nosso redor rouba meu fôlego gelado. O horizonte se estende em todas as direções, nada além de um cobertor azul ondulante.

"Você já se perguntou se há algo mais lá fora?", pergunto, minhas palavras quase sendo arrancadas pelo punho frio do vento.

Kai vira para outra página. "Bem, além dos mitos?" Ele dá de ombros. "Não tenho certeza."

"Os mitos?"

Suas sobrancelhas se erguem. "Você nunca ouviu falar de Astrum? O local de nascimento das sombras e a morte de um grande amor?" Ele recita isso como se eu devesse saber a frase de cor.

"Meu pai" — quase tropeço na palavra, agora sabendo a verdade e o mistério por trás dela — "não perdeu seu tempo me ensinando mitos. Na verdade, ele mal teve tempo de me educar sobre coisas que realmente existem", termino com um olhar penetrante para o príncipe.

“Claro. No entanto, ele teve tempo de ler uma história sobre...” Ele folheia várias páginas do livro entre os dedos. “Um cavalo com presas e—”

“Já chega”, eu rio, arrancando o livro dele.

“Merda, não é de se admirar que você tenha medo de cavalos, Gray.”

Reviro os olhos. “Você estava dizendo? Sobre Astrum?”

Kai me lança um sorriso antes de abrir outro livro úmido. “Bem, muitas pessoas acreditam que Astrum existia muito antes de Ilya. Lá, eles vivem em um estado constante entre o amanhecer e o anoitecer, graças aos amantes separados — o sol, Solis, e a lua, Luna.” Ele continua apesar do olhar cético que eu lhe dou. “Sombras são preciosas lá. Elas são um poder que pode ser roubado.” Eu me assusto quando ele fecha o livro. “Sabe de uma coisa, aposto que o capitão tem uma cópia.”

Uma risada rouca sai da minha boca. “Existe um livro sobre isso?”

Kai já estabeleceu um ritmo constante em direção aos aposentos do capitão. “Claro que tem. Torri provavelmente tem um porque todo marinheiro tem. Eles estão sempre procurando pela cidade, esperando que possam ser os primeiros a encontrá-la.”

Eu balanço minha cabeça para suas costas. “Isso é absurdo.”

“Você mora em Ilya, lar das Elites, e acha isso um absurdo?”

Eu cantarolo em concordância. É o máximo que farei para reconhecer que ele pode estar certo.

Antes de empurrar as portas duplas que levam aos nossos quartos, Kai se vira para mim. “Chama-se *Shadow and Soul* .” O canto da boca dele se contrai. “E estou ansioso para ouvir você ler hoje à noite.”



CAPÍTULO 29

Kai

Meu peito sobe e desce sob suas costas.

Paedyn senta-se entre minhas pernas em cima da cama, sua espinha pressionada contra meu coração pulsante. Posso sentir cada vibração de sua voz suave enquanto ela lê um pedaço de seu eu passado para mim.

Não é de se espantar que ela tenha crescido para ser tão formidável se as mulheres nessas histórias ajudaram a criá-la. Elas são destemidas, suas histórias são emocionantes.

Ela rasgou *Shadow and Soul* , apesar de alegar que era apenas para me apaziguar. Uma defesa terrível, visto que ela nunca faria nada que já não quisesse fazer. Então, seu interesse disfarçado no conto nos fez ler até tarde da noite. Passamos mais tempo ainda discutindo a história depois que ela fechou o livro, incapaz de conter sua irritação por querer mais.

Agora, ela lê mais um de seus próprios livros, e estou mais do que contente em ouvir as palavras saindo daqueles lábios familiares. Envolvo um braço em volta de sua cintura, deixando meus olhos tremularem e se fecharem. É assim que nos ocupamos nos últimos dois dias. Tornou-se nossa distração durante a tempestade sem fim que é o Shallows. O mar ainda não parou de se enfurecer desde o início da manhã de ontem, e com a noite caindo em nosso quarto dia no mar, Paedyn quase me leu três livros.

O navio fica mais nauseante a cada balanço e mergulho violentos. Na verdade, quando não estou na presença de Pae, provavelmente posso ser encontrado esvaziando o conteúdo do meu estômago sobre a grade do barco. Mas é a voz dela que parece manter os biscoitos velhos e a carne salgada no estômago.

A lanterna na minha mesa de cabeceira balança na beirada, se preparando para cair em direção ao chão molhado após um balanço particularmente forte do navio. Minha mão livre se estende para firmá-la no mesmo momento em que Paedyn se acalma.

“O quê?”, pergunto, agarrando-a com força quando um relâmpago ilumina o quarto.

“Esse foi o fim do capítulo.”

Descanso meu queixo em seu ombro, apontando para a página. “Bem, tem outra ao lado. Então, continue.”

“Kai,” ela ri meu nome, e eu me pergunto se ela sabe o que isso faz comigo. “Está ficando tarde.”

Inclino minha cabeça para estudar seu perfil. “Você está insinuando que está cansada?”

“De você?” Ela sorri. “Muito.”

Minha boca se contorce. “Se você vai mentir continuamente sobre me querer, pelo menos tente fazer com que seja crível.”

“Sabe”, ela diz calmamente, “ainda há muito tempo para eu te jogar ao mar”.

“Veja, eu sabia que você não conseguiria passar mais do que alguns dias sem me ameaçar.”

Ela se vira para mim então, dobrando suas pernas para que elas descansem contra as minhas. "Porque eu sei o quanto você gosta disso."

“Que atencioso da sua parte.”

O trovão sacode a própria cama em que estamos sentados enquanto as ondas batem contra o navio. Ela pressiona uma mão assustada na minha coxa, as unhas cravando na carne sob minhas calças. Ainda posso ver o terror que brilha em seu olhar, mas ele diminuiu para algo muito mais tolerável. Algo como dormência.

Sem uma história para distraí-la, sem palavras para formar nos lábios que ela mastiga com preocupação, Paedyn brinca com o anel de aço em seu polegar. “Eu deveria voltar para o meu quarto.”

Inclino minha cabeça. “E por que isso?”

“Porque,” ela suspira, “a tripulação já viu o suficiente para fofocar quando voltarmos para Ilya.” Ela estremece com um relâmpago repentino. “Se conseguirmos voltar.”

“Mais uma razão para você ficar comigo esta noite.”

“Hmm.” Ela desembaraça suas pernas das minhas para deslizar para fora do berço. “Ainda não estou convencida.”

“E se eu dissesse por favor?”

Ela fica parada ao lado da cama, seu corpo balançando com as ondas ondulantes. Os olhos de Pae encontram os meus e de repente estou de volta ao palácio, de volta àquela noite em que implorei para ela ficar comigo depois de vê-la morrer no meu pesadelo. Estou revivendo aquele momento, só que dessa vez, são meus próprios desejos egoístas que me fazem precisar dela ao meu lado.

Engolindo em seco, ela cruza os braços. “Bem, vá em frente então.”

Eu rio da insistência dela antes de me levantar bem quando o navio sacode violentamente. Pego de surpresa, Paedyn vem cambaleando em minha direção com um suspiro. Eu a seguro contra meu peito, sinto seu corpo derreter contra o meu. Minha cabeça abaixa até nossos narizes se tocarem. "Fique comigo. Por favor."

Sua cabeça balança, mas ela está sorrindo. Eu cutuco seu nariz novamente enquanto murmuro, "Minha linda, linda Pae." Ela ri sem fôlego. "Fique comigo." Eu pressiono minha testa na dela. "Fique comigo. Fique comigo."

“Ótimo!” Ela ri da palavra enquanto oferece um leve toque na ponta do meu nariz. “Ótimo, eu fico.”

Eu sorrio para ela, só para ela, sempre para ela. “Eu estava preparado para implorar.”

Ela me lança um olhar. “Você não faria isso.”

“Oh, querida, eu faria muito pior se você apenas pedisse.” Eu coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha dela com um sorriso. “Ou, ainda mais difícil, muito melhor.”

“Sabe”, ela diz lentamente, “você não é tão assustador quanto parece”.

“Não para você. Nunca para você.”

Sento-me ao lado dela, sentindo o navio balançar violentamente ao nosso redor. Ela olha para mim, olhos tão brilhantes quanto o próprio mar. Eu os encaro, memorizando a multidão de tons que eles contêm na luz bruxuleante da lanterna. Minha cor favorita é um tom dela, uma lasca da vibração que ela exala. E eu me

afogarei de bom grado, queimarei de bom grado, cairei de bom grado naqueles olhos azuis até o dia em que ela olhar para mim pela última vez.

"Não me olhe assim", ela sussurra.

Meus lábios se contraem. "Essa é a única maneira que eu já olhei para você, querida."

O sorriso dela cresce estranhamente tímido. Eu me inclino para frente, pegando nosso livro para folhear as páginas com destreza. "Bem, você pode muito bem continuar lendo já que está aqui."

"Então, é por isso que você queria que eu ficasse." Seu escárnio é acompanhado por um balançar de cabeça. "Então eu vou ler para você."

"Entre muitas outras razões" — ela me bate com o travesseiro — "incluindo sua companhia maravilhosa."

"Você é inacreditável, Azer."

Meus olhos se voltam para a cama mal iluminada que ocupamos. "Não é a primeira vez que me dizem isso em um cenário como este—"

O travesseiro colide com meu rosto, abafando sua risada.

Acordei sobressaltado com o estrondo de um trovão.

Eu levanto minha cabeça do travesseiro para—

Merda.

A dor martela sob meu crânio, ficando mais aguda a cada segundo. Eu vagamente me pergunto se minha têmpora encontrou a mesa de cabeceira durante a noite para causar essa pulsação atual.

Minha cabeça pesa quando me viro para encará-la.

O luar opaco se arrasta sobre Paedyn para se misturar com seus cabelos prateados. Ele se espalha pelo travesseiro, cercando o rosto plácido que ela usa quando dorme. As cobertas foram chutadas para baixo de seus pés, e estou chocado ao ver que ela não está tremendo sem elas.

Minha cabeça dói quando me sento para pegar a colcha esquecida. Estou prestes a jogá-la sobre ela quando me inclino para perto, minha boca a poucos centímetros de encontrar sua testa.

Eu paro de repente, meus olhos examinando seu rosto, a ponta de seu nariz...

Não pode haver mais de dez.

Eu me afasto bruscamente, olhando para o corpo ao meu lado.

Este não é meu Pae.

Eu acalmo minha mente e foco no zumbido distante de poderes sob minha pele. Flash, Tele, Hydro—

E é aí que eu sinto isso. Perto e forte e culpado por isso.

Olhando para aquelas dez sardas, jogo o cobertor sobre ela.

Ele não encontra nada além de ar enquanto o corpo de Paedyn desaparece.

Ilusão.

Eu pulo da cama, minha cabeça latejante clareando o suficiente para perceber que fui drogado. Tudo para que alguém pudesse arrancá-la da minha cama.

Botas estão de repente em meus pés antes que eu esteja afivelando uma espada em volta da minha cintura. Eu empurro a porta e faço o mesmo com aqueles que me aguardam no final do corredor.

É como se eu tivesse entrado no próprio mar.

O vento chicoteia minha camisa fina, anestesiando instantaneamente cada centímetro de mim. A água jorra do céu para atingir minha pele e me encharcar até os ossos. Mal consigo manter o equilíbrio no convés encharcado enquanto as ondas quebram continuamente sobre a grade. O navio geme a cada mergulho na água, me deixando balançando como um bêbado enquanto tento manter o equilíbrio.

Eu caminho mais para o convés, lutando para enxergar qualquer coisa através das camadas de chuva. "Onde ela está?!" Eu grito as palavras para a tempestade, esperando que o vento forte as leve em direção aos membros dispersos da tripulação.

É o mar que responde com uma onda imponente, chamando minha atenção para o outro lado do barco. Eu aperto os olhos através da chuva, observando a água ondular sobre a grade para encharcar as três figuras amontoadas ali.

A habilidade do Ilusionista queima quente sob minha pele, ficando mais forte a cada passo que dou em direção ao grupo de homens. Sinto pelos outros poderes, encontrando um Tele e Gust me esperando.

Meu coração bate descontroladamente contra minha camisa encharcada enquanto caminho em direção a eles. Quando o navio balança violentamente, eu me ajoelho até conseguir ficar de pé. Então os homens se aproximam, mais claros contra a chuva. Os três...

Não. Não três.

O mundo fica quieto. A tempestade desaparece. O relâmpago enfraquece.

Há quatro figuras ao lado daquela grade.

Uma delas está amordaçada e amarrada, com os braços firmemente dobrados atrás das costas. Ela ainda usa aquele colete verde, tendo adormecido com o conforto enrolado em volta dela. Os homens a erguem no ar, dois deles segurando seus tornozelos amarrados enquanto o outro afunda os dedos em seus ombros.

Eu a encontrei.

Levantando Paedyn em direção ao corrimão, eles sorriem enquanto ela se debate em seu abraço, tentando desesperadamente se libertar.

E algo se quebra dentro de mim ao vê-lo.

Eu libero aquele pedaço de mim que o Pai esculpiu em mim. Aquela lasca letal de escuridão que ele uma vez comandou à vontade, tendo-a conhecido pelo nome. Criou-a nas profundezas de suas masmorras, em cada um dos meus medos, em um lar sombrio com minha espada atravessando o peito de um homem inocente.

É um pedaço da própria Morte que vive dentro de mim.

E agora eu comando.

Agarro o poder do Tele em minha mão, sentindo a habilidade fluir através de mim. Meus passos não vacilam ou diminuem. Nem minha alma se arrepende do que estou prestes a fazer com a deles.

Com pouco mais que um pensamento vingativo, jogo o Gust pela borda do navio. É um arremesso preguiçoso que faz sua cabeça bater contra a madeira antes de ele cair na água gelada.

Depois de ver uma onda engolir seu amigo, os outros dois homens se viram rapidamente para me encontrar caminhando firmemente em direção a eles. As pernas de Paedyn caem no chão, seu olhar frenético se arregalando quando pousa em mim. Os homens reagem da mesma forma, embora seja medo enchendo seus olhos, não

alívio.

E eu sorrio para isso.

Paedyn luta contra o aperto do Ilusionista enquanto o Tele caminha em minha direção. Mesmo através da chuva torrencial, reconheço seu rosto borrado. Este é um dos homens que estava assistindo Paedyn dançar naquela primeira noite no navio.

Ele joga um fio de poder, enrolando-o em volta do meu pescoço. Parece como se um laço fantasma tivesse sido amarrado contra minha garganta, apertando forte o suficiente para fazer o preto rastejar pelos cantos da minha visão.

Ele está me sufocando com sua habilidade.

Patético. Todo esse poder, e é assim que ele acha que eu vou encontrar meu fim?

Não consigo mais respirar, mas já enfrentei coisas muito piores do meu próprio pai. Fechando a distância entre nós, dou um soco em seu rosto. E quando ele se esquiva como eu sabia que faria, já é tarde demais. Minha mão esquerda está puxando minha espada da bainha e cortando seu estômago com a lâmina em um movimento rápido.

Seu aperto sufocante em minha garganta cai no mesmo momento em que ele cai. Eu respiro fundo antes de girar meu pescoço tenso. O homem se esparrama na madeira diante de mim, sangue jorrando do corte profundo, mesmo com a água atingindo o ferimento. Um fluxo escarlate rapidamente vaza por baixo dele, manchando o convés antes que a chuva possa lavá-lo.

Passo por cima do corpo dele, sem lhe oferecer outro olhar. Tirando o cabelo pingando da minha testa, viro-me para Paedyn e o Ilusionista. Com os olhos fixos nos meus, ele levanta o corpo amarrado dela em seus braços.

A ponta da minha lâmina é pressionada contra o coração dele na próxima batida. Eu balanço a cabeça, ofegante, "Coloque-a no chão, e eu não vou fazer você sofrer."

Ele segura meu olhar, corpo rígido sob minha lâmina. "Eu morrerei antes de ver um Ordinário sentar no trono de Ilya."

Minha espada penetra em seu coração no mesmo momento em que ele joga Paedyn por cima do parapeito.

Um grito sai da minha garganta, perdido na tempestade furiosa.

Não penso. Não respiro. Não hesito em deixar minha espada enterrada no marinheiro e mergulhar em direção à grade.

Ela está caindo para a morte.

A mordaça escorregou de sua boca para permitir um grito arrepiante. Aqueles olhos azuis estão presos nos meus enquanto ela despenca mais e mais e—

O poder do Tele enfraquece sob minha pele. Ele mal está vivo, mas mal é tudo que preciso. Puxando aquele poder, eu o lanço em direção ao corpo amarrado dela.

A habilidade fica tensa, como se uma corda invisível tivesse se enrolado em sua cintura. Eu cerro os dentes enquanto seu peso em queda bate contra minha mente, e seu corpo fica suspenso acima das ondas.

Sua cabeça cai para trás, cabelos prateados roçando a água faminta que a aguarda. Eu me esforço para levantá-la em minha direção, mesmo com uma dor penetrante cortando meu corpo. mente. Quando o navio ameaça virar por uma onda vingativa, quase sou jogado sobre a grade estilhaçada. Instando-me a focar, eu a trago em minha direção, ordenando que minha mente cansada obedeça.

Uma onda quebra sobre o navio, encharcando o corpo pendurado de Paedyn

antes de encontrar o meu. A força da água quase a puxa para baixo, mas eu luto para mantê-la subindo. Resmungando contra a dor na minha cabeça, eu a alcanço, esticando meus braços pingando sobre a amurada.

Sua cabeça então se levanta, nossos olhos se encontram em um momento que nem o tempo pode conter. Ela me encara com um tipo de medo que eu nunca a vi exibir. E talvez eu esteja olhando para ela do mesmo jeito, como se nada tivesse me aterrorizado mais do que perdê-la.

E é aí que o poder da Tele pisca e morre sob minha pele.



CAPÍTULO 30

Pedyn-P ...

A última coisa que vejo é o terror em seu rosto.

Então estou caindo novamente.

Eu vou me afogar.

A morte me encontrará neste túmulo aquático, sorrindo enquanto arranca minha alma do mar.

Quando senti que a habilidade Tele me liberou, não deixei meus olhos saírem dos dele. Queria que o olhar cinza de Kai fosse a última coisa a tirar meu fôlego, não as ondas vorazes.

Mas algo aconteceu.

Eu não bati na água.

Kai se lançou para frente, quase caindo atrás de mim, e agarrou a única coisa que conseguiu.

Colete de Adena.

Estou parado no ar mais uma vez, com o coração na garganta.

As ondas quebram furiosamente abaixo enquanto Kai grunhe, usando cada pedaço de sua própria força para me puxar para cima. Eu ouço as costuras rasgando enquanto meu amado colete começa a se separar do meu peso. Mãos amarradas atrás das costas, não posso fazer nada além de olhar para o fio estourando enquanto Kai se esforça para me levantar.

Água pinga do meu corpo encharcado, deixando o colete rasgado escorregadio. Kai grita, seu braço estufado sob uma manga encharcada. Outro rasgo afiado do tecido grosso me faz aceitar meu destino aquoso.

Então um braço envolve minha cintura.

Kai range os dentes, me puxando para cima e por cima do corrimão. Estou pressionado contra seu peito, minhas pernas arrastando sobre o corrimão de madeira.

O sangue corre para minha cabeça. Joelhos dobram. Kai me guia para o convés encharcado com braços que arrancaram minha alma das garras da Morte. "Eu te peguei", ele ofega contra meu ouvido. "Eu te peguei, Pae."

Pressiono minha cabeça em seu peito, lágrimas vazando dos meus olhos. A tempestade ruge ao nosso redor e ele ainda me segura. Seu corpo treme contra o meu, provavelmente de exaustão, mas talvez do medo desaparecendo. Sinto-o se mover, levantando um braço de volta de mim. Estou cansado demais para acompanhar o movimento, mas quando a corda é repentinamente cortada dos meus pulsos, percebo que ele puxou sua espada do peito do marinheiro.

Kai então estica gentilmente minhas pernas, cortando-as com um golpe preciso de sua lâmina. Meu olhar atordoado pousa nos corpos espalhados no convés ao nosso lado. Ambos estão cobertos de sangue, seus olhares vítreos voltados para o céu tempestuoso. A percepção de que provavelmente estou sentado em seu sangue não

me atormenta tanto quanto pensei que atormentaria. Na verdade, acredito que poderia me banhar em seus restos mortais por serem a razão pela qual meu último pedaço de Adena foi destruído.

E assim, estou um passo mais perto de superar esse medo sufocante de sangue.

Kai de repente se agacha diante de mim, virando meu rosto dos corpos mortos com uma pressão suave de seus dedos contra meu queixo. "Você está bem?" Como se não conseguisse se conter, ele segura meu rosto entre suas mãos antes de passar os dedos rapidamente pelo meu corpo para verificar se há feridas.

“Estou bem.” Meu sussurro quase se perde no vento uivante, mas sei que ele ouve quando seus olhos se fixam nos meus. “Estou bem. Estou vivo.” Lágrimas estão picando meus olhos novamente. “Por sua causa.”

Água escorre de seus cílios, mas é para o leve recuo de sua covinha direita que meus olhos caem. “Prometi salvar sua vida de novo e de novo. E eu o farei, quer você me deixe ficar nela ou não.”

Eu aceno para ele, a visão embaçada por causa das minhas lágrimas e do céu. "Agora, vamos te levar para dentro", ele diz, me pegando em seus braços.

Deixei que ele me carregasse para minha cabine. Deixei que ele me convencesse a ficar parada. Deixei que ele recuperasse minha adaga de debaixo do travesseiro e a enfiasse em minha mão. "Isso teria sido útil esta noite", digo fracamente.

Ele balança a cabeça, e vejo a sombra de raiva que cai sobre seu rosto. "Eles me drogaram enquanto eu dormia. Então aquele Ilusionista te colocou dormindo ao meu lado para que eu te visse quando acordasse."

“O quê?” Eu quase conseguia rir. “Eles dificilmente pareciam do tipo calculista.” Meu olhar cai para a adaga que eu queria ter comigo. “Mas depois que eles drogaram você, eu acordei com os três me arrastando para fora do quarto. Eu não conseguia me soltar, não conseguia me mover...” Eu engulo em seco com a lembrança do meu pânico. “Eu estava gritando, mas ninguém me ouviu. Ou ninguém *queria* me ouvir. Então eles me amarraram, me amordaçaram e... bem, você sabe o resto.”

A raiva sai dele em ondas tão mortais quanto as que colidem com esta nave. "Você não está seguro aqui. Eu disse isso a Kitt. E onde estava o resto da tripulação?" Ele começa a andar de um lado para o outro, punhos cerrados ao lado de suas calças encharcadas. "Eles provavelmente estavam envolvidos nisso de alguma forma. E se eu estiver certo, lidarei com eles quando retornarmos a Ilya. Mas, por enquanto, precisamos que eles nos levem de volta inteiros."

Ofereço-lhe um aceno de cabeça. “Parece um bom plano.”

“O quê”, ele reflete, “você está bem com o derramamento de tanto sangue?”

Eu corro um dedo pela minha lâmina antes de olhar rapidamente para ele. “Depende do sangue de quem.”

Ele nunca me beijou tão intensamente.

“Paedyn, senhorita, não consigo descrever o quão chocado fiquei ao ouvir o que alguns dos meus homens tentaram fazer ontem à noite.”

Olho para o capitão, meu rosto inexpressivo enquanto aguardo um pedido de desculpas. Kai já tinha entrado no alojamento de Torri ontem à noite para informá-lo sobre a noite agitada. Quando ele voltou para a cabine, eu estava dormindo profundamente, minha adaga agarrada em um punho.

Agora estou sentado na confortável sala de jantar do capitão, meus dedos entrelaçados sobre a mesa de madeira e a expressão nada divertida. O sol sonolento luta para espiar por trás do espesso cobertor de nuvens, ocasionalmente deixando um raio de luz passar por uma das muitas janelas. A sala é maior do que eu esperava, com prateleiras largas que revestem as paredes, todas cheias de bugigangas e mapas tombados.

Um pedaço de pergaminho particularmente gasto se enrola contra a parede oposta a mim, chamando minha atenção. Ele é decorado com uma variedade de cidades esboçadas e suas bandeiras acompanhantes. Bem ciente de quais reinos vivem em nosso mapa, começo a desviar meu olhar antes que ele tropece em manchas de desconhecimento.

O mundo rabiscado que estou observando se estende além de Izram.

Meus olhos se estreitam nas massas estrangeiras de terra borbulhando de Shallows. Nenhum mapa que já estudei se parecia com este. Não consigo distinguir os nomes desses supostos reinos de onde estou sentado, mas depois de ler sobre aquela cidade mítica de sombras, aposto que "Astrum" foi rabiscado melancolicamente em cima de uma massa de terra escura.

Eu quase sorrio.

Então é isso que faz com que os marinheiros partam em direção a um horizonte que provavelmente não conhecerão se encontram antes de sua ruína. Aventura. A esperança de uma descoberta emocionante o suficiente para arriscar suas vidas mundanas. Eles navegam a partir de um mapa diferente, um tatuado em mitos e lendas.

Admiro a resiliência deles em encontrar algo pelo qual viver.

Volto minha atenção para onde Torri está sentado na cabeceira da mesa, seu rosto manchado exibindo uma expressão desconfortável. Kai está ao meu lado, parecendo exatamente meu Enforcer enquanto se inclina contra o encosto da minha cadeira. "Então, você não sabia nada sobre o plano da sua tripulação de assassinar sua futura rainha?", ele pergunta suavemente.

“Tripulação?” Torri berra. “Não, senhor, como discutimos ontem à noite em particular, esses três homens agiram sozinhos. Havia apenas um punhado de marinheiros naquele convés ontem à noite e a maioria deles estava no leme. Mal conseguíamos ver uma maldita coisa através daquela chuva.”

Ele diz tudo isso bem rápido, como se forçado a cuspir as palavras antes que elas sejam esquecidas. Inclino minha cabeça em direção ao capitão. "Por que tão poucos de seus homens estavam no convés durante uma tempestade dessas?"

As mãos grandes de Torri acenam com cada uma de suas palavras. “Minha equipe estava lutando contra aquela tempestade por dois dias seguidos. Eles precisavam dormir, senhorita.” Ele ri desconfortavelmente. “Eu os coloquei em turnos para conservar suas forças e—”

“Perdoe-me por interromper, Capitão” — Kai diz isso em um tom que sugere que ele certamente não está pedindo perdão — “mas ainda não ouvi um pedido de desculpas da Srta. Gray.”

Tenho que lutar contra o sorriso que deseja se formar em meus lábios. Torri limpa a garganta e desvia o olhar para onde estou sentado. “Senhorita Gray”, ele diz lentamente, “sinto muito profundamente pela angústia que isso deve ter causado a

você. E, fique tranquila, não deixarei que isso aconteça novamente."

Inclinando-me para a frente, ofereço-lhe um sorriso fino. "Não, não vai acontecer de novo. E fique tranquilo, pois não estou angustiado." Meus olhos se estreitam levemente. "Estou decepcionado."

Então eu me levanto, deixando a cadeira raspar alto contra as tábuas de madeira do assoalho. Como forma de despedida, acrescento: "Espero que cheguemos a Izram em segurança amanhã?"

Torri leva um momento para reunir suas palavras. "Hum, sim. Sim, isso está correto. Devemos atracar no máximo ao meio-dia."

Eu lhe dou um sorriso antes de me virar para ir embora. "Bom."

Kai segue atrás, parando apenas para lançar uma pergunta por cima do ombro para o capitão. "Por que havia um Ilusionista a bordo? Eles não são fáceis de encontrar, especialmente um com experiência em navegação."

"Bem, eu pedi um ao rei," Torri explica com um leve encolher de ombros. "Ele teria sido útil se encontrássemos a besta que espreita nessas águas. Criou uma ilusão para ela perseguir em vez de nós."

O Enforcer parece estar pensando nisso. "E o que você faz, Capitão?"

Torri parece confuso antes de uma risada alta escapar dele. "Bem, exatamente o que você disse, Alteza. Eu sou o capitão."

"Ah, sim." Kai assente lentamente, e eu estudo seu rosto, sem saber para onde isso vai dar. "Então você é quem estava guiando o navio sem medo durante aquela tempestade?"

"Sim, senhor! Até você atacar meus aposentos." O capitão ri novamente, batendo a mão na mesa. "Os Shallows são uma cadela que pretendo domar."

Só consigo soltar um suspiro irritado com suas palavras antes de Kai ir em direção à porta mais uma vez. "Desculpe por matar seus homens, Torri. Mas temo que eles mereceram, então realmente não estou."

"É claro", grita o capitão atrás de nós.

"E fique de olho nos seus homens, Capitão." Kai está na metade do caminho para fora da porta quando se vira uma última vez. "Eu sei que você é capaz disso."

Eu o sigo rapidamente para o corredor além, tentando acompanhá-lo seus passos largos. Quando entramos em sua cabine, eu finalmente deixo escapar: "O que aconteceu lá dentro?"

Kai balança a cabeça. "Ele sabia que você precisava de ajuda ontem à noite e não fez nada."

"Mas a tempestade. Ele disse—"

"Ninguém no leme conseguia ver ou ouvir nada do outro lado do navio com aquela chuva", ele finaliza para mim. "Mas aquele bastardo era o único que conseguia."

As peças de repente se encaixam, me deixando murmurando baixinho. "O capitão é um Hyper."

Kai passa a mão pelo cabelo desgrenhado. "Ele conseguia te ver e ouvir muito bem. Ele só escolheu não fazer isso."

Eu zombo. "Isso nem deveria me surpreender."

"Eu vou lidar com ele quando voltarmos para Ilya. Mas até lá" — ele dá um tapinha na adaga amarrada na minha coxa — "isso não sai do seu lado. Mesmo

quando você está comigo."

Eu me aproximo com um sorriso provocador. "Oh, especialmente quando estou com você. E se eu quiser ameaçar sua vida?"

"Mesmo depois de eu ter salvado o seu?" Ele diz isso com carinho.

Eu traço um dedo por sua fina camisa branca. "Talvez eu ainda não tenha perdoado você por me perseguir através dos Scorches."

Ele me puxa para perto, seus dedos levantando meu queixo em direção a ele. "E eu faria tudo de novo só para ouvir você ameaçar minha vida."

"Isso parece tolice", eu respiro.

"Então é apropriado." Ele passa o polegar sobre meu lábio inferior. "Vendo que eu sou um idiota."

Eu levanto minhas sobrancelhas para ele. "Você me disse que não era mais."

Seus lábios roçam minha bochecha. Eu sorrio quando eles encontram meu nariz. Suspiro quando eles roçam meu pescoço.

"Isso foi fingimento, querida."



CAPÍTULO 31

Pedyn-P ...

Estou olhando para um ponto distante há horas.

Só que agora ela se tornou uma cidade que se estende diante de nós.

Um labirinto de docas salpica o horizonte, sentado dentro da água azul brilhante. Dezenas de barcos balançam ao lado deles, alguns maiores como o destruído em que estamos chegando, embora a maioria seja pequena e resistente. Apertando os olhos, consigo ver as grandes redes de pesca penduradas em seus lados.

Eu respiro o cheiro do mar, desejando que o navio se mova mais rápido. Com a tempestade tendo diminuído, Rajadas agora enchem o convés, empurrando o vento para as grandes velas. Eu bato um pé impacientemente, meus olhos pulando sobre a tripulação. Eles evitam meu olhar, focando em vez disso em seus deveres e na difícil tarefa de garantir que o navio em ruínas chegue à terra.

Com as velas rasgadas, corrimãos faltando e tábuas lascadas pelo convés, é um milagre não estarmos sentados no fundo do Shallows. E isso é só o dano que consigo ver.

“Levante a bandeira!”

O grito do capitão é de um marinheiro puxando o cordame, obedecendo ao comando. Eu observo uma bandeira branca subindo ao céu, parando ao lado O brasão espiralado de Ilya que agora está completamente esfarrapado.

Meu olhar errante cai de volta para o convés antes de pousar naquela figura familiar pisando nele. Kai levanta uma mão para proteger os olhos do brilho repentino, e não consigo deixar de aproveitar o momento para encará-lo descaradamente. Suas roupas ondulam ao vento, pressionando o corpo forte abaixo. Cabelo preto respinga sobre sua testa como as ondas rebeldes abaixo de nós. E aqueles olhos cinzentos—

De repente eles estão em cima de mim.

Ele sorri de um jeito que sugere que ele sabe exatamente o quanto eu o estava admirando. Mesmo depois de caminhar em minha direção, o olhar presunçoso nunca deixa seu rosto. "Aproveitando a vista, Gray?"

“De Izram?”, eu retruco com um sorriso meu. “Por que, sim, eu sou, Azer.”

Ele apoia os antebraços contra o corrimão lascado, sorrindo o suficiente para exibir aquelas covinhas. Desvio o olhar antes que ele possa me pegar encarando novamente. "Por que levantamos uma bandeira branca?", pergunto baixinho.

“Izram não vê um navio com nosso brasão há quase uma década.” Ele acena para uma grande torre de vigia que paira sobre a baía. “Não queremos que eles pensem que temos más intenções. Assim como em Dor e Tando, eles não ficarão muito felizes com Elites aparecendo.”

Eu me inclino contra o corrimão ao lado dele, nossos braços se roçando. “Então é uma coisa boa que um Ordinário benevolente os esteja cumprimentando.”

"Sim, com uma equipe de Elites", ele reflete. "E o Enforcer."

"E uma caixa de rosas cobiçadas", acrescento, parecendo esperançoso. "Agora, lembro vagamente de ler sobre a rainha de Izram, Zailah, quando criança. Mas não tenho certeza do que devo esperar."

"Dizem", Kai relembra, "que ela é implacável. Alguns dizem que ela matou o marido pelo trono, outros acreditam que ele morreu de causas naturais." Ele levanta um ombro em um encolher de ombros preguiçoso. "De qualquer forma, ela ajudou Izram a prosperar. Eles dependem do mar e de seus peixes para sobreviver, e a partir do momento Zailah sentou-se naquele trono, sua colheita tem sido nada menos que abundante."

"Hmm." Giro o anel no meu polegar distraidamente. "E já faz vários anos desde que ela se tornou rainha, certo?"

Os olhos de Kai encontram os meus. "Quase uma década atrás."

Guardo essa informação interessante e volto minha atenção para o cais para onde estamos indo. Uma multidão de guardas está no topo da madeira desgastada, vestidos de azul royal e segurando lanças. As pontas afiadas brilham ao sol, me forçando a desviar o olhar daquela visão estranha.

É estranho ver armas tão óbvias em um guarda. A maioria dos Imperiais nem se incomoda em carregar uma espada quando podem confiar totalmente em uma habilidade. Mas o povo de Izram não possui poderes. Eles dependem de seu próprio poder, de sua própria vontade. E eu admiro isso muito mais do que força imerecida.

As pontas brilhantes das lanças dos guardas parecem afiar conforme o navio se aproxima. Eles ficam rígidos ao longo das tábuas de madeira, alinhando o cais rangente com expressões solenes e um aperto firme em suas armas.

Eles têm medo de nós.

Eu me jogo para a frente na grade quando o navio geme. Deslizamos contra o cais, arrancando um longo guincho do casco. Quando finalmente paramos dentro do porto, meus olhos arregalados conseguem encontrar os de Kai. Ele tem uma expressão familiar, uma que se arrasta pelos cantos de suas feições.

É uma leve presunção que toca seus lábios, eu percebo. Um brilho em seus olhos e relaxamento do corpo abaixo.

Ele gosta de ser temido.

Suponho que eu também o faria se ao menos um indício de seu poder habitasse sob minha pele. Mas sou algo menos que medo, poder e Elite. Por essa razão, passo cautelosamente atrás do Enforcer enquanto ele atravessa o convés.

Uma rampa de madeira oscilante se estende entre o navio e o cais abaixo. Água cintilante balança abaixo de nós, batendo no casco e alcançando a ponte em que pisamos. Sem hesitar, Kai desce a madeira rangente para cumprimentar o bando de guardas.

Mas ele nem chega ao cais.

Dezenas de lanças são rapidamente apontadas para seu peito, brilhando ameaçadoramente enquanto avançam em direção à lasca de pele nua sob sua camisa frouxamente abotoada. Fico tenso, o coração parando enquanto olho cada arma longa apontada para o Enforcer.

Embora, a falta de tensão apertando seus ombros me diga que ele não parece se importar. Ainda de pé atrás dele, eu posso apenas ver o canto levantado daquele

sorriso arrogante que ele está usando. Eu não deveria estar surpreso com isso, e ainda assim, eu quero bater na cabeça dele do mesmo jeito.

Kai levanta as mãos lentamente, mostrando suas palmas aparentemente inofensivas para os guardas. Sim, ele gosta disso. Medo é poder. E onde há poder, há algo para ele exercer.

"Declarem seus negócios aqui, Elites," ressoa uma voz firme pertencente a um guarda particularmente dourado. Olhando por cima dos botões dourados que adornam seu uniforme, pego o pequeno alfinete acima de seu coração.

O Executor de Ilya acaba de conhecer o capitão da guarda de Izram.

"Calma, cavalheiros," Kai diz suavemente, abaixando a ponta de uma lança com a palma da mão. "Tenho certeza de que é uma grande surpresa, mas viemos em paz. As coisas estão mudando em Ilya, então estou aqui para escoltar nossa futura rainha para se encontrar com a sua. Ela explicará tudo." Kai gesticula atrás dele para onde estou, rígido e inseguro. "Este é Paedyn Gray. O Comum."

Piscadas atônitas são a única resposta às suas palavras. Observo o capitão e seus guardas me levarem para dentro, observando o cabelo prateado que ganhei da Peste. Limpo a garganta, desconfortável. "Trouxemos um presente", digo rapidamente. "Como um gesto de boa vontade."

O capitão encontra meus olhos, os seus próprios céticos. Eles são de um marrom quente, lotados pelas linhas que uma vida de risos esculpe na pele. Mas aquela expressão severa solidificada em seu rosto sufoca a felicidade que antes vinha tão facilmente. E ainda assim, mesmo como um homem de meia-idade, ele é bem bonito.

"Você está me dizendo", diz o capitão lentamente, "que uma tripulação de Ilya desafiou os Shallows apenas para se reintroduzir no reino que eles deixaram de fora?"

Sua pergunta me impulsiona para frente até que eu pisei ao lado de Kai e plantei meus pés diante da multidão de lanças. "Sim", eu digo, a voz uniforme. "Eu lutei para sobreviver todos os dias. Assim como todos vocês. E eu farei qualquer coisa para ver Ilya se tornar livre e acolhedor novamente."

Um longo período de silêncio abafa tudo, exceto o som da água chapinhando ao nosso redor. O capitão mantém seu olhar fixo no meu, embora não de uma forma que me diga que ele está examinando cada pedaço desgrenhado de mim.

Acredito que pode até ser esperança o que ouço em sua voz quando ele ordena: "Abaixem suas armas, homens. Estamos levando nossos convidados para o castelo."

Estamos caminhando há quase uma hora, envoltos em um círculo apertado de guardas.

Eles mal se incomodam em olhar para mim quando o Enforcer caminha entre eles. Todos os olhos estão focados nele, todas as armas prontas para se defenderem da Elite que saiu direto de uma história de ninar que contam aos filhos.

O capitão Torri caminha ao meu lado, surpreendentemente silencioso. Só me permitiram a companhia de dois Elites nesta caminhada até o castelo. O resto da tripulação foi deixado para consertar o que sobrou do *Reckoning* que atualmente balança tristemente ao lado do cais.

Tive bastante tempo para aproveitar a cidade ao redor. Ela é cheia de um tipo de agitação mais silenciosa do que Ilya. As ruas de paralelepípedos são uniformes e arrumado, cheio de homens e mulheres conscientes. Faixas azuis brilhantes pendem

dos telhados e se estendem entre becos largos. Os comerciantes são gentis, as crianças são bem comportadas e sorrisos são compartilhados regularmente.

É uma anomalia que considero reconfortante e preocupante.

Eu respiro o ar salgado e me concedo um momento para reconhecer o calor cobrindo meu rosto. O sol parece brilhar apenas para mim, pintando minha pele com um brilho suave e envolvendo seus raios ao meu redor. Uma brisa fresca agita meu cabelo curto, e fecho meus olhos, saboreando a sensação de um chão firme sob meus pés.

As pessoas param e olham para o espetáculo que não duvido que sejamos. Sou engolido por guardas, forçado a desviar das pontas perfurantes de suas lanças. Eles nos conduzem por outro caminho montanhoso que me faz ofegar antes que meus olhos se elevem para o castelo imponente.

Eu entro em sua sombra, me sentindo tão pequeno ao lado da massa de pedra. O castelo é envolto em uma pedra branca perolada que pisca na luz do sol gotejante. Torres altas surgem no céu, lançando faixas de sombra no caminho. Bandeiras azuis ondulantes brotam das torres mais altas para exibir o que reconheço como o brasão de Izram.

Levanto uma mão para proteger meu olhar do sol que espia e examino o tecido esvoaçante. Um par de peixes rodopiantes cria um círculo perfeito dentro do mar azul. No topo da bandeira ondulante, parece que eles estão sempre nadando um ao redor do outro, criando um equilíbrio constante.

Uma ordem gritada pelo capitão da guarda nos faz parar na base de várias escadas imaculadas. Eles sobem em direção a um conjunto leitoso de portas que combinam com os degraus abaixo. Tudo sobre este castelo é leve e arejado, como se o céu pendurado baixo acima da água fosse personificado.

Vejo o capitão se afastar de seus guardas e seguir para além daquelas portas altas. Ele anda rigidamente, aparentemente desanimado com a tarefa em questão. Mas quando os nós dos dedos ásperos de Kai roçam nos meus, a observação e minha curiosidade acompanhante flutuam rapidamente para longe em uma brisa salgada.

Meus olhos se erguem rapidamente para encontrar um vinco de preocupação aninhado entre suas sobrancelhas. "Você está bem?"

A pergunta é preocupante o suficiente para assustar alguém em resposta. “Por que, eu não pareço bem?”

“Gray, você sempre parece muito mais do que bem.” Ele diz isso com uma risada baixa, sua voz suave o suficiente para passar despercebida pelos guardas. “Mas eu sei que isso é muito. Quero ter certeza de que você está bem.”

"Você se tornou um grande cavalheiro", eu canto.

“Só para você.”

Suas palavras fizeram meu sorriso derreter em algo mais doce. "Estou... bem. Só espero que minha benevolência não me falhe", digo fracamente antes de continuar a sussurrar, "não tenho ideia de quem ser ou o que dizer. Melhor ainda, não tenho ideia de como falar com uma rainha, muito menos ser uma."

Ele balança a cabeça, o olhar firme. “Acho que você sabe exatamente quem quer ser. Quem você é.” Suas palavras são como um suave grito de guerra. “Você é o líder que sempre quis para Ilya. Você é nosso Salvador Prateado.”

Pego sua mão antes de perceber que não deveria. Em vez disso, estabeleço um

sorriso aliviado e um olhar persistente no qual estou perdida na tempestade que são seus olhos. É só quando uma sombra cai sobre seu rosto que desvio meu olhar dela.

"Agora, esse é um nome de nave!" O Capitão Torri empurra um guarda para invadir o pequeno espaço que temos. "A *Silver Savior* . Se conseguirmos voltar para Ilya, preciso encontrar uma nova nave, e posso simplesmente chamá-la assim."

Olho para Kai. Depois de volta para o capitão. "Estou lisonjeado."

"Falando em navios," Kai acrescenta rapidamente, "como está o nosso? Não posso deixar de notar que você parece... cético sobre retornar a Ilya."

Torri solta um suspiro que me afasta. "Bem, vou ser honesto com você, Alteza. Ela não está muito bonita agora. Mas coloquei a tripulação nisso, então espero que ela esteja remendada antes de zarparmos."

Estou me preparando para fazer algumas perguntas que provavelmente não vou querer saber. resposta para quando uma voz severa ecoa atrás de mim. "A rainha está pronta para você."

Giro nos calcanhares, encontrando o capitão da guarda me chamando para a frente. Os homens aglomerados ao nosso redor se afastam ao comando silencioso, me libertando da gaiola de lanças. Meus pés cansados me carregam em direção à montanha de degraus, Kai ao meu lado enquanto Torri fica para trás.

Giro o anel no meu polegar, buscando conforto no aço frio. As portas brilhantes acima se abrem conforme nos aproximamos, e vejo o capitão de Izram passear pelo corredor além. A luz do sol reconfortante é roubada da minha pele quando o sigo para dentro do castelo.

Meu olhar se arregalou antes de deslizar pela sala dourada.

Este certamente não é Ilya.

Este é o oposto de verdes fortes e detalhes escuros. Este é repleto de poças de luz e toques de azul. O longo corredor se estende em um par de escadas curvas em cada extremidade, cada uma das quais é envolta em carpete macio. Tudo aqui é brilhante e simples e rastejante com delicadeza.

Não há demonstração de força, nenhuma necessidade óbvia de atenção. E sua simplicidade é de tirar o fôlego.

"Ela verá você na sala do trono," o capitão informa sem se virar para olhar para mim. Continuando seu passo firme, ele nos leva para outro par de portas brancas brilhantes. "A corte também espera por você depois de ouvir sobre a chegada inesperada de Ilya. E essa é a única informação útil que tenho para você." Ele acena para o par de guardas emoldurando as portas. "A rainha verá você agora."

Meu coração bate forte enquanto a sala do trono lentamente entra em cena. Um longo tapete azul me espera, levando até o estrado. Janelas alinham a sala em um padrão ondulado, cercado por molduras em espiral. Meus olhos percorrem rapidamente as várias mesas circulares espalhadas pelo chão brilhante que permitem que os membros da corte aproveitem confortavelmente o show.

Mas é a mulher elegantemente sentada em um trono de ossos que rouba completamente minha atenção.

A rainha descansa em uma espécie de esqueleto, embora eu não tenha a menor ideia de qual animal ele pertenceu. Vértebras grossas criam o centro do assento enquanto longos ossos das costelas se projetam dele e se enrolam ao redor dela. Abaixo de seus ombros bronzeados, os ossos se curvam para cima para pendurar

ligeiramente sobre sua cabeça de cabelo preto.

Eu forço meus pés para frente, apesar da vontade de ficar de pé e ficar boquiaberto. Mesmo dessa distância, os olhos verdes penetrantes da rainha parecem me atravessar. Nunca vi uma cor tão brilhante habitar o olhar de alguém. Não é o verde claro dos olhos de Kitt, nítido e quente. Não, é um tipo de tom vívido e brilhante, como se ela visse o mundo através de uma folha de esmeralda.

Quando paramos diante do estrado, o olhar brilhante de Zailah se volta para Kai quando ele fala. "Vossa Majestade" — ele se curva graciosamente, me lembrando de tentar uma reverência — "Peço desculpas pela visita inesperada. Sou Kai Azer, Enforcer do rei de Ilya, e escoltei Paedyn Gray até aqui para dar as boas-vindas ao comércio de volta ao nosso reino."

Os olhos da rainha voltam para os meus, tão marcantes quanto inquisitivos. "Ouvi sussurros sobre você, criança. Você parece jovem demais para ter causado tantos problemas em Ilya." Ela sorri, e eu capto o brilho dos caninos afiados. "Eu admiro isso."

"Bem, meus dias de causar problemas ficaram para trás. Espero," acrescento com um pequeno sorriso meu. Kai se afasta, conduzindo Torri com ele. "Estou aqui agora para ajudar a criar um Ilya novo e melhor."

"Veja," Zailah diz lentamente, "a última vez que ouvi seu nome, ele foi seguido por uma lista de crimes de traição contra Ilya. Havia até um preço pela sua cabeça se você conseguisse atravessar o Shallows." Ela levanta uma unha afiada para Kai. "Agora você está no meu reino com o Enforcer. E usando um anel de noivado muito brilhante." Outro sorriso curva seus lábios perfeitos. "Conte. Você me intrigou, e isso não é uma tarefa simples."

Lambo meus lábios secos. "Em suma, Ilya precisa de recursos. Ao longo das décadas, esgotamos nosso suprimento de alimentos e superpovoamos a terra atrás de nossas fronteiras fechadas. Com Kitt Azer no trono, ele percebeu que o reino deve retornar às suas raízes mais acolhedoras. Ordinários e Elites coexistirão mais uma vez" — gesticulo para a rainha — "junto com o comércio entre as cidades vizinhas.

"Para encorajar essa... mudança impopular, eu — uma Ordinária e sobrevivente dos Julgamentos de Purgação — vou me casar com o rei. Isso vai preencher a lacuna entre Ordinários e Elites." Eu respiro fundo, pronta para vomitar mais informações—

"E quanto à sua traição?" Zailah pergunta, parecendo divertida. "O rei esqueceu tão rápido como você matou o pai dele? Pelo menos foi o que ouvi."

"Isso foi um mal-entendido. Um que o reino tomou conhecimento," eu afirmo da forma mais convincente possível. "E eu estou aqui não só para provar a mim mesmo para você, mas também para Ilya."

Ela arqueia uma sobrancelha escura. "Continue."

"Eu competi nas Provas de Purgação como um Ordinário." Minha garganta ficou absurdamente seca. "E agora, para ganhar o respeito e a confiança daquelas Elites que desprezam a ideia de um Ordinário no trono, eu entrei em uma série de minhas próprias Provas."

A rainha pisca antes que uma risada transforme suas feições severas. O som é cortante contra seu lindo rosto. "Então você cruzou o Shallows. Mal."

Sorrio educadamente. "Sim. Benevolência é o segundo dos três *B* 's pelos quais os governantes de Ilya vivem."

"Benevolência, sério?" Ela zomba. "Não tenho certeza se vivo por isso."

"Então aceite o meu," eu digo rapidamente. "Como um gesto de boa fé, eu trouxe rosas para você e seu reino usarem. Espero que as muitas propriedades curativas que elas possuem sejam incentivo suficiente para você nos receber."

Os olhos dela se estreitam de uma forma examinadora. "Eles são um presente do seu rei?"

"Sim, Vossa Majestade."

A voz de Zailah é um som calmante. "E você não sabe mais nada sobre isso?"

"Não", respondo calmamente.

"Hmm." Ela se recosta, parecendo estranhamente confortável em seu trono de ossos. "Tudo o que ouvi, Paedyn Gray, foi um pedido de ajuda. Ilya só abre suas fronteiras quando precisa de algo. Só nos permite, *Ordinários* — como você diz —, entrar na terra quando não há outra alternativa. E você fala em nome de um rei que —"

"Eu não falo por Kitt Azer." Minha voz ecoa sobre a da rainha, arrancando um suspiro abafado da corte. "Eu falo por mim. Pelos impotentes que merecem viver dentro de Ilya. Não por um rei."

Minha voz ecoante desaparece da sala do trono, deixando apenas um silêncio sufocante. Eu levanto meu queixo e forço meu olhar a permanecer na rainha que eu tão descaradamente interrompi. Mas não posso me dar ao luxo de mostrar remorso agora. Não, devo ficar aqui e exalar uma força que não sinto atualmente.

Zailah deixa a tensão ferver entre nós. Então, outro sorriso cortante. "Ainda assim, eu não dou boas-vindas a Ilya."

Minha respiração fica presa, a esperança se esvai em meu peito—

"Mas eu acolho o fato de que você precisa de mim. O poderoso e arrogante Ilya — posto de joelhos."

Meu olhar se ergue a tempo de assistir as próximas palavras saírem de seus lábios. "Ouça isso, criança. Ilya não fez nada pelo meu reino. Fomos excluídos e cortados de seus cobiçados recursos por três décadas. Não tenho desejo de ajudar Ilya com qualquer bondade que ainda resta em meu coração. Mas você..." Seus lábios vermelhos se contraem. "Você me lembra de mim mesma. Então jovem. Tão determinado. Só espero que esse ímpeto não te escureça."

Suas palavras atingiram um nervo, me forçando a lutar contra meu estremecimento. Porque eu sei de que escuridão ela fala, sinto-a apodrecendo no buraco aberto do meu coração onde Adena viveu um dia. E pelo bem de sua memória, sua bondade, eu a empurro para baixo.

O vestido azul-marinho abraçando a forma curvilínea de Zailah brilha enquanto ela se move no trono de ossos. Ela levanta uma mão, inspecionando suas unhas afiadas. "Então, para você, tentarei a benevolência. Para Ilya, tentarei a misericórdia."

Alívio me inunda. "Obrigado, Vossa Majestade. Sua generosidade não passará despercebida."

"Não, espero que não", ela diz alegremente. "Agora, me diga, como uma nave Ilyan sobreviveu ao meu Shallows?"

Sua posse óbvia do mar me fez parar o suficiente para o Capitão Torri falar. "Bem, Vossa Majestade" — ele pisa no tapete azul, arrancando o chapéu da cabeça antes de fazer uma reverência — "eu consegui capitanear o *Reckoning* através do mar

traiçoeiro. Não foi uma tarefa simples, mas também não sou estranho à água—”

A rainha levanta uma mão silenciadora. “Então, presumo que você não encontrou a besta?”

“Uh...,” Torri gagueja. “Bem, não, mas—”

“Então você não sobreviveu a nada”, ela afirma simplesmente. “Você pode se gabar somente depois de conhecer uma criatura tão linda. E viver para contar a história.”

Torri abre a boca, fecha-a e recua para o lado de Kai. Zailah sorri com isso. “Eu lhe darei três dias para juntar o que sobrou do seu navio. Quartos serão arranjados dentro do castelo somente para Paedyn.” Ela acena com a mão desdenhosa. “O resto de vocês pode dormir no seu barco furado. Essa é a extensão da minha generosidade.”

Ofereço uma reverência de cabeça, mesmo que seja apenas para esconder o sorriso que se espalha pelo meu rosto. “Mais uma vez, obrigado, Vossa Majestade.”

“Sim, sim, eu sou magnífica.” Seus olhos deslizam hesitantemente para o capitão de sua guarda, permitindo que eu a estude completamente. Ela parece brilhar com beleza, tornando difícil desviar o olhar. Suas feições são uma contradição entre jovem e velho, afiado e suave. Tudo sobre ela é um mistério, até a idade que ela incorpora.

“Adyn,” ela chama, mesmo quando aqueles olhos verdes caem de volta em mim. Quando seu capitão aparece ao meu lado, percebo que o nome gritado pertence a ele. Ele cruza os braços rígidos atrás das costas, fixando seu olhar castanho no chão do estrado.

“Escolte Paedyn até seus aposentos,” a rainha ordena. “E garanta que os outros voltem para seu navio.”

Adyn assente, seus olhos se erguendo momentaneamente. “Felizmente, Vossa Majestade.”



CAPÍTULO 32

Kai

ásperas rasgam minhas palmas suadas.

Eu me agarro ao tronco da árvore, sentindo meus pés balançarem sobre o galho fino abaixo de mim. Estendendo meu braço livre, bato meus dedos contra a janela ao meu lado.

Ela leva seu tempo. Claro que sim.

Vejo um sorriso malicioso curvar seus lábios enquanto ela caminha lentamente em direção à janela do quarto e para o luar que flui. Ela fica um longo momento do outro lado daquele vidro trancado, guardando na memória a visão de mim implorando por sua atenção. Então fico ali, impotente, segurando um galho enquanto estou inteiramente à sua mercê.

Balançando a cabeça diante da crueldade dela, eu me esforço para não olhar para o vão aberto de ar abaixo de mim. O solo rochoso de Izram produz poucas plantas e ainda menos grama, mas descobri um pequeno campo irregular atrás do castelo em minha busca por uma maneira discreta de entrar no quarto de Paedyn. As poucas árvores que balançam aqui atrás estão agrupadas perto da pedra branca, uma das quais até roça na janela de Pae.

E agora eu escalei por ela.

Ouço o clique da trava antes que ela finalmente abra o vidro oscilante. “Você já quebrou um braço subindo em uma árvore. Você realmente quer tentar o destino de novo?”

Eu sorrio, porque não consigo evitar quando ela brinca comigo, mas também porque ela se lembra do que eu disse a ela sob aquele salgueiro há tanto tempo. "Kitt e eu estávamos visitando Ava quando isso aconteceu, sabe." Eu vejo seus olhos se arregalarem com a confissão que ela só poderia entender agora. "Ele apostou que eu nunca conseguiria escalar o salgueiro tão rápido quanto Ava já conseguiu, e eu sabia muito bem que ele estava certo, mas..."

“Mas você tentou”, ela finaliza com um pequeno sorriso. “E caiu de cara no chão.”

Eu rio e cuidadosamente me aproximo da janela. “Valeu a pena. Eu estava visitando A, e por um momento, senti como se ela estivesse comigo.”

Minhas palavras têm algo mudando em sua expressão. “E se você caísse agora? Valeria a pena?”

Alcanço a janela para agarrar o peitoril, meus nós dos dedos roçando seus quadris. "Bem, estou visitando você, não estou?" Ela abre um sorriso preocupado que me faz acrescentar, "Isso não é um convite para me pressionar, Gray." Sua risada desliza sobre minha pele enquanto eu entro pela janela, plantando minhas botas ao lado de seus pés descalços.

Meu olhar cai na cicatriz que aparece por baixo da alça grossa de sua blusa. Esse olhar não passa despercebido, e ela rapidamente se vira para sua cama emprestada. "O

que você está fazendo aqui?"

Eu limpo minha garganta. “Não te vi ontem. Imaginei que você sentiu minha falta.”

“É por isso que você escalou minha janela?” Ela bufa. “Porque *eu* senti *sua falta* —?”

Eu me movi antes mesmo de perceber. Minhas mãos estão em seus quadris, e eu a giro para me encarar antes que minha boca colida com a dela.

É incessante. Fervoroso. Alívio.

Ela se assustou por um segundo, mas abriu os lábios para mim no próximo. Eu puxo-a para perto, sentindo sua pele quente sob as roupas finas que ela veste. Seu corpo derrete contra o meu, e um som suave desliza entre seus lábios que me faz agarrar aquele cabelo prateado entre meus dedos.

Eu me forço a me afastar, sorrindo para sua relutância em me deixar ir. "Tudo bem", ela respira contra meus lábios. "Eu posso ter sentido um pouco sua falta."

Eu rio antes de plantar beijos ao longo de sua mandíbula. Isso tem um suspiro suave escorrendo de seus lábios entreabertos, e não tenho certeza se ela sabe quanto poder o som tem sobre mim. Sinto sua garganta balançar sob meus dedos. "Como vão... como vão as coisas no navio?"

Eu me afasto com um sorriso divertido. “É sobre isso que você quer falar? Sobre o navio?”

“Bem, nós partiremos amanhã à tarde,” ela diz sem fôlego. “Eu gostaria de saber minhas chances de sobrevivência.”

Minha voz abaixa para algo mais sério. “E se eu disser que esta pode ser sua última noite viva?”

“Querido” — ela dá um leve tapinha no meu nariz, com um sorriso frio — “toda noite pode ser a minha última.”

O uso do meu nome para ela faz um sorriso ridículo iluminar meu rosto. Mas então ela está girando nos calcanhares e se jogando nas cobertas felpudas da cama. Eu a sigo lentamente, enfiando minhas mãos agora ociosas nos bolsos das minhas calças escuras. "Bem, o navio ainda está flutuando, se é isso que você está perguntando. No entanto, não tenho certeza por quanto tempo."

"Você não acha que ele sobreviverá à viagem de volta?", ela pergunta lentamente.

“Só o tempo dirá.”

Ela suspira como se eu tivesse dito algo que ela já sabia. Com um tapinha convidativo de sua mão contra o edredom, eu obedeço rapidamente e sento. Aquele olhar azul flutua sobre mim na luz fraca da lua. "Você..." Seu dedo encontra o anel em seu polegar e começa a girá-lo rapidamente. "Você disse 'A' antes. É assim que você costumava chamar Ava?"

Eu aceno lentamente. “Sim. Foi.”

“Foi assim que chamei Adena.” Ela pisca rapidamente, como se para afastar as lágrimas antes que elas se formem. “Acho que não estou acostumada a ouvir esse apelido para mais ninguém.”

Algo no meu peito começa a doer constantemente. Pode ser apenas meu coração enegrecido ou minha alma manchada. Ou talvez seja o pedaço de mim que pertence a ela, e eu esteja simplesmente sentindo uma lasca da dor que ela possui.

“Ela era minha A.” Minha garganta aperta. “Ava era minha Adena. Mas elas não

vão longe.” Eu gentilmente levanto seu braço até que ela esteja pressionando uma palma contra seu coração batendo. “Sua A mora aqui agora.”

Paedyn assente, de novo e de novo. Sua voz é um som sufocado enquanto ela pisca para conter uma onda de emoções. “Não me deixe. Por favor. Especialmente não agora, mas por favor, nunca.”

"Nunca", sussurro, encostando minha testa na dela.

Sua respiração falha. “Você não pode me deixar. Não tenho espaço suficiente no meu coração para vocês dois.”

Soltei o pulso dela para segurar o rosto acima dele. “A própria morte não poderia me arrastar para longe de você.”

A luz da manhã no meu rosto me diz que é hora de escapar.

Pisco grogue enquanto tento cuidadosamente deslizar meu braço de baixo da cabeça de Pae. Ela se mexe quando o calor de mim desliza para longe, embora eu rapidamente o substitua por um cobertor em volta de seus ombros nus. Isso parece satisfazer, sua respiração desacelerando e seu corpo relaxando.

Uma sensação estranha puxa os cantos da minha consciência, embora eu a ignore pela distração deitada ao meu lado. Pego uma mecha solta de cabelo prateado e—

Alguém limpa a garganta.

Minha mão está de repente sob o travesseiro, segurando o punho da adaga de Paedyn antes mesmo de eu me virar em direção ao som. Mas quando meus olhos colidir com um par verde deslumbrante, fico assustado o suficiente para parar e olhar fixamente.

A rainha se senta estoicamente em um dos assentos macios ao lado da lareira de pedra, seu olhar brilhando com diversão. Concentrando-me em suas feições imaculadas, sinto aquela sensação estranha crescer sob minha pele, como se algo se agitasse com a mera visão dela. Uma xícara de chá está delicadamente em sua palma, sua borda manchada com o vermelho profundo de seus lábios. "Desculpe interromper", ela reflete uniformemente.

Meus olhos disparam para o Paedyn ainda adormecido ao meu lado antes de voltar para a rainha expectante. Eu limpo minha garganta. "Você não está interrompendo."

“Não?” Ela estala a língua para mim. “Achei que você seria um mentiroso melhor, Enforcer.”

“Posso perguntar por que você está aqui, Sua Majestade?” Isso é dito com todo o respeito que posso reunir.

“Você pode.” Ela dá de ombros assustadoramente suaves. “Mas eu posso não lhe dar uma resposta.”

“Claro,” murmuro entre os dentes. “Bem, como você pode ver, Paedyn está dormindo, então—”

“Eu gosto dela, sabia?”, ela interrompe secamente. “Talvez pelo fato de ela ter matado seu pai. Porque, bem, vamos encarar.” Suas unhas longas estalam contra a xícara de chá de porcelana. “Ele era um babaca. No entanto, estou com um pouco de inveja por não ter conseguido acabar com ele eu mesma.”

Eu a encaro, incerto sobre como ela espera que eu responda a isso. Quase todas as pessoas fora de Ilya diriam o mesmo sobre Edric Azer, embora eu tenha uma estranha sensação de que o ódio dela é mais profundo do que o isolamento de seu reino.

Consciente do meu corpo sem camisa e aparência desgrenhada, passo a mão pelo meu cabelo. “Não posso dizer que fiquei muito arrasada com a morte dele também.”

“Hmm.” Ela bate um dedo naqueles lábios carnudos. Eu a estudo por um momento, absorvendo o brilho quase etéreo que ela exala. É assustador. “Sim, eu imaginei você pode sentir o mesmo. Considerando os sussurros que ouvi sobre o que ele fez com você.”

Isso fez meus olhos se estreitarem em uma leve demonstração de surpresa. Eu não esperava que os contos da minha infância torturante chegassem aos ouvidos dela através do Shallows. Mas seu suspiro de indiferença corta meus pensamentos. "Então, seu irmão sabe?"

Eu a encaro. “Sabe de uma coisa?”

Ela toma um gole lento de seu chá, passando um dedo entre meu corpo e o que dorme ao lado. "Dê um palpite."

Calor percorre meu corpo, mas mantenho minha voz firme. “Eu sou o Enforcer dela.”

“Ah, eu sei.” Ela ri secamente. “Eu só não achei que isso fosse parte da descrição do trabalho.”

“Essa é a melhor maneira de eu protegê-la,” eu consigo. “Ela é a futura rainha de Ilya, afinal.”

Ela acena de forma lenta e zombeteira. "Certo. Certo." Outro gole de chá. "Então você está apaixonado pela noiva do seu irmão?"

"EU..."

“Desculpe,” ela diz inocentemente. “É só o que estou deduzindo dessa pequena interação.”

Eu me levanto do colchão e visto uma camisa sobre a cabeça. “Estou apenas cumprindo meu dever.”

“Bem” — ela coloca a xícara de chá na pequena mesa ao lado dela — “na minha experiência, há amor. E há dever. Mas nunca há ambos.”

Meu peito sobe e desce rapidamente. “Eu sei que não posso tê-la.”

“Você?” Ela inclina a cabeça para mim, o cabelo preto caindo sobre um ombro. “Parece que você se convenceu do contrário.”

Abro a boca, apenas para ouvi-la falar novamente. “Há amor dentro do dever, e dever dentro do amor. Você não pode ter um sem o outro, e ainda assim” — ela respira fundo, seu olhar distante — “você nunca pode realmente ter os dois. Então escolha, Kai Azer. A garota. Ou o poder. E se ou não ela vale a destruição de tudo o que você é.”

Não digo nada enquanto ela acena sua dispensa para mim na forma de dedos balançando. “Agora, saia. Vou tomar café da manhã com uma colega rainha agora.”

Suas palavras afiadas me seguem porta afora. "Sabe, você é um príncipe bem bonito. Em uma vida diferente da minha, talvez eu tivesse guardado você para mim."



CAPÍTULO 33

Pedyn-P ...

Minha xícara de chá cai no pires com um barulho estridente.

Olho para a rainha, apenas para encontrar seus olhos assustadoramente verdes já percorrendo minha aparência desgrenhada. Ela parece contente em me ver contorcer sob seu olhar, seguindo cada movimento inquieto que faço.

Acordei assustado, como se tivesse sido ordenado a sair do meu sono. Mas lá estava ela, sentada preguiçosamente em uma cadeira de veludo e bebendo de uma xícara de porcelana. Fui forçado a tropeçar na cama e sentar imediatamente em sua festa de chá improvisada.

Meus olhos vagam por cima do meu ombro rapidamente, encontrando os lençóis amarrotados dos quais eu rolei. Só espero que Kai também tenha feito isso — muito antes de a rainha entrar no meu quarto.

"Ah, ele foi embora", ela diz calmamente, levando a xícara de chá aos lábios.

Quase engasgo com meu gole. "Desculpa?"

"O Enforcer," ela esclarece. "Sim, nós tivemos uma conversa rápida antes de eu mandá-lo embora. Não queria um garoto aqui durante nossa hora do chá."

Ela diz isso como se compartilhássemos uma brincadeira secreta. Como se sua última frase era muito mais importante do que a anterior. "Então..." Eu limpo minha garganta, tentando soar despreocupado. "Então, você o viu."

"Eu fiz." Ela me dá um leve sorriso, revelando o brilho afiado de seus dentes antes que a emoção desapareça. "Eu também vi através dos sentimentos óbvios dele por você."

Abro a boca, o coração disparado e os lábios formando os primeiros fragmentos de uma mentira quando ela fala bem acima da minha tentativa de salvar a situação. "Mas já estou meio entediado com esse assunto, então vamos passar para outro."

Minha xícara de chá chacoalha contra o pires delicado quando a coloco com as mãos trêmulas. "E que tópico seria esse?"

"Tão formal," Zailah reflete. "Praticando para quando você for rainha, sim?"

"Só praticando para sobreviver. Como sempre fiz."

"Ah, sim." Parece que capturei sua atenção o suficiente para fazê-la correr para a beirada do assento. "Conte-me sobre o rei e aquela parte da sobrevivência. Quero ouvir cada detalhe sangrento. Você realmente cravou uma espada no peito dele?" Sua expressão é tonta. "E então uma adaga na garganta dele?"

"Eu fiz." Meu anel bate uma batida firme contra minha perna. "Embora, você faça parecer muito mais... emocionante."

"Ugh." Ela se recosta, os braços estendidos sobre a cadeira. "É porque estou com ciúmes. Ele era um bastardo, aquele rei. Eu queria ser a única a atraí-lo para os braços da Morte."

Meus olhos se arrastam sobre sua forma perfeita. "Sério?"

O sorriso dela é afiado. “Você deveria saber melhor do que a maioria que as aparências enganam, Paedyn Gray.”

Nisso, concordamos. E ela é um pouco menos intimidadora por isso.

“Como você ouviu falar de mim?”, arrisco. “Parece que o reino inteiro sabe quem eu sou, e ainda assim, não há mais uma maneira de repassar informações através do Shallows.”

O sorriso dela é assustador. “Eu tenho meus métodos. Talvez um dia eu os compartilhe com você. Agora” — outro gole de seu chá — “e quanto a esse novo rei? Você planeja matá-lo também?”

As palavras da rainha são suaves, pensadas, até. Sua pergunta genuína me deixou boquiaberto. Uma frase tão inocente nunca me atingiu tão forte.

“Claro que não,” eu respiro no ar gelado entre nós. “Eu... eu nunca faria isso.”

Ela estala as unhas contra o braço de madeira da cadeira, dando de ombros levemente. “Bem, se você diz. Imaginei que ele fosse tão babaca quanto o pai, então —”

“Ele não é nada parecido com o pai”, interrompo, e tento não me arrepender dessa decisão quando os olhos dela se estreitam. “Ele está salvando Ilya, mesmo a contragosto. E eu vou me casar com ele se isso significar que o reino está unido.”

Ela levanta uma mão, suas unhas perfurando o ar. “Tudo bem. Eu não sabia que você confiava tanto nele.”

Consigo assentir, embora não tenha certeza se deveria concordar com ela. Meu relacionamento com o rei está tenso. E temo que minhas ações tenham criado para sempre uma cunha invisível entre nós.

“Diga-me, Paedyn,” Zailah canta, sua voz uma espécie de melodia calmante. “Nós vamos ser amigos?”

Minha resposta é honesta. “Espero que sim.”

“Esplêndido.” Ela sorri como se fosse uma arma. “Eu amo um bom inimigo, mas não preciso de mais nenhum desses.”

“Assim como eu.” Uma pausa. “Obrigado novamente por sua generosidade. Espero que você ache as rosas uma troca justa por isso.”

Ela se levanta, sinalizando o fim desta conversa. Seu olhar é penetrante, como se estivesse procurando por algo dentro do meu. “Sim, nossos curandeiros não são nem de longe tão avançados quanto aqueles em Ilya.”

Suas palavras são diretas de uma forma que admiro. “Claro. Mas parece que você já ajudou esta cidade a prosperar sem nossa assistência.”

Ela sorri distantemente. “Eles não queriam que eu governasse. E agora, aqui estou eu, a salvadora deles.”

Ela se vira, me deixando para observá-la deslizar em direção à porta. "Ah, e Paedyn?" Ela se vira, seus dedos longos envolvendo a maçaneta. "Não tema o poder. Use-o. Talvez até deixe que ele controle você." A rainha sorri bruscamente. "Ser uma Ordinária não é o que a torna fraca. É seu coração."

“Sinto falta da terra.”

Digo isso, é claro, com o pão velho grudado no céu da minha boca. Kai pega o prato de comida sem graça em cima do seu colo, pernas abertas no chão de madeira. As minhas estão cruzadas abaixo de mim enquanto minhas costas descansam contra a

cama.

Isso se tornou uma espécie de rotina: nós dois sentados no chão da minha cabana úmida, conversando sobre nada, na esperança de esquecer de sentir o gosto da comida em nossas bocas.

O olhar de Kai se ergue para o meu. “Bem, você ainda tem mais cinco dias de saudades.”

“Obrigado pelo lembrete,” resmungo antes de tomar um gole de água morna. “Não tenho certeza se será você ou esse calor insuportável que me fará pular para o Shallows.”

“Sabe”, ele diz genuinamente, “não consigo pensar em uma única razão pela qual você desejaria escapar de mim.”

“Sua arrogância é surpreendente como sempre, Kai.”

"Obrigado."

Eu o olhei de relance. “Isso não foi um elogio.”

“Então não diga meu nome, e eu não vou agradecer pelo som.”

O canto do seu sorriso é decorado com uma covinha. Reviro os olhos, só para distraí-lo do rubor que arde em minhas bochechas. "O mar tem estado relativamente calmo", digo em vez de algo que provavelmente vou me arrepender.

“Sim.” Ele dá uma mordida na carne salgada e torce os lábios do mesmo jeito que sempre faz. “Está assustadoramente quieto. Não tenho certeza se isso é uma coisa boa.”

Concordo, tendo me preocupado da mesma forma. O calor paira sobre nós densamente, como se pesasse as ondas. Comparado às tempestades às quais mal sobrevivemos no caminho para Izram, o mar está estranhamente parado abaixo de nós.

“A rainha mencionou que você falou ontem”, digo de repente, surpreendendo a mim mesmo.

"Ela fez?"

Eu concordo. “Ela falou sobre Kitt?”

Ele limpa a garganta, colocando de lado o prato meio vazio. “Ela perguntou se Kitt sabia sobre... nós.”

Eu enrijeço. “Nós?”

“Sim, nós.” A confusão enruga sua testa. “Tudo o que está acontecendo entre você e eu. Ela me viu na sua cama, Pae.”

“Eu sei, mas” — engulo em seco antes de atirar a dura verdade nele — “não existe um nós. Nunca pode existir um nós, Kai. Não realmente.”

Silêncio.

As palavras machucam, rasgando fitas de arrependimento pela minha garganta. Posso sentir o lento estilhaçar do meu coração a cada dia que passamos fingindo. E falar da inevitabilidade da nossa ruína só fissura ainda mais o órgão.

Algo muda por trás do seu olhar. Talvez seja mágoa. Talvez descrença. Na verdade, não me importa qual emoção permanece por trás da máscara que ele de repente colocou, apenas que há uma e eu estou olhando para ela.

Ele parece entorpecer — algo que nunca vi acontecer quando seus olhos estão nos meus. Prometemos não ter máscaras entre nós, e ainda assim, eu o forcei a colocar uma sobre a mágoa que causei.

Seus olhos se afastam dos meus. Um suspiro frio sai de sua boca. “A rainha pareceu pensar o mesmo.”

Respiro fundo antes de tentar justificar o dano que causei. “Kai, você sabe que é verdade. Você sempre soube que era verdade. Isso”—eu gesticulo entre nós dois—“é uma fantasia.”

“Certo. Finja.”

“Não,” eu digo severamente. “Nada sobre o que eu sinto é fingimento, mas...” Eu levanto minha mão, deixando o diamante ali pegar a luz raiada. “Eu ainda vou me casar com seu irmão.”

E eu odeio isso.

Ele está balançando a cabeça agora, e a mordida em sua voz me faz estremecer. "E eu vou assistir vocês dois me olharem do estrado, nada mais do que uma arma que vocês podem empunhar, assim como o rei que vocês mataram tinha."

Desgosto encharca minha voz. “Você pensa tão pouco de mim?”

“Eu queria.” Seus olhos estão gelados. “Eu queria poder pensar em qualquer outra coisa.”

Minha voz se acomoda em algo severo. A mágoa me endurece, e eu vomito a verdade condenatória que evitei por tanto tempo. "O que você achou que faríamos? Nos esconder pelo resto de nossas vidas sob o salgueiro?"

As palavras são duras o suficiente para penetrar sua máscara. Ele pisca para mim, a voz baixa. "Bem, é onde eu estarei. Me escondendo do casal real."

Eu balanço minha cabeça. Lágrimas ardem em meus olhos. “Você sabe por que eu tenho que fazer isso.”

Ele ri, e é um som cortante que eu esqueci que ele era capaz de fazer. "Claro que eu sei. Mas você não vê? Isso não importa." Ele levanta uma mão em direção ao meu rosto antes de pensar melhor. "Eu sou egoísta, Paedyn. Eu queimei sua casa até o chão só para ter você e agora é todo Ilya parado no meu caminho, me tentando a acender um fósforo."

Suas palavras são chocantes o suficiente para me fazer tropeçar nas minhas. "S-desculpe. Você sabe que eu nunca quis nada disso—"

“Bem, não importa o que qualquer um de nós queria, não é?” Ele se inclina para trás, a expressão fria. “Era tudo uma fantasia de qualquer maneira. Kitt é quem você, o Silver Savior, foram destinados a.” Eu o vejo se levantar em um movimento rápido. “Eu não era nada mais do que uma distração.”

Eu o sigo rapidamente, minha expressão endurecendo com o apelido zombeteiro. As palavras que lanço em sua fachada de pedra estão longe da verdade, mas a mágoa as afia na minha língua do mesmo jeito. "Talvez você esteja certo."

“Você verá que normalmente sou, Majestade.”

Meu peito arfa, a poucos centímetros do dele. É a raiva por nossos destinos cruéis que me faz atacar. "Talvez eu deva me distanciar dessa distração."

Um músculo se contrai em sua mandíbula. “Talvez você devesse.”

"Multar."

"Multar."

Dou a ele um último olhar fulminante antes de girar nos calcanhares e ir em direção à porta. Mas as palavras duras que ele murmura fazem meus pés pararem no chão de balanço. "E o que exatamente a rainha perguntou a você sobre Kitt?"

Fico ali por um momento, a mão agarrando a borda áspera da porta. Então, viro-me rapidamente para encontrar seu olhar de indiferença com palavras igualmente indiferentes. "Ela perguntou se eu ia matá-lo."

Há uma longa pausa entre nós. “E você é?”

“Mais uma vez”, digo entre dentes cerrados, “você pensa tão pouco de mim?”

“Você sabe que não.”

Meus olhos percorrem seu corpo rígido. “Então você deveria saber a resposta para a pergunta dela.”

Ele desvia o olhar, cruzando os braços sobre o peito largo abaixo. “Bom. Porque se eu tiver que escolher entre você ou Kitt...”

“Eu sei,” murmuro. Lágrimas ameaçam lavar a raiva que estou escondendo atrás.

“Você?” Aqueles olhos cinzentos deslizam sobre mim daquele jeito que tenho certeza de que nunca vou me acostumar. “Porque eu com certeza não.”



Édrico

O rei tem um talento especial para enganar.

Isso não é algo que alguém normalmente se gabaria, mas os governantes não são nada se não astutos. Contar tal mentira sobre a morte da Rainha Iris não é a primeira vez que Edric vomita em seu reino. Mais de uma década se passou desde que quase todos os Curandeiros em Ilya foram generosamente compensados para espalhar a mentira de que os Ordinários carregam uma doença que diminui os poderes da Elite. No entanto, as pessoas precisaram de pouca convicção para expulsar seus vizinhos e amigos fracos. A maioria das Elites estava ansiosa para apoiar a Purgação. O poder é uma doença que corrompe todos aqueles que experimentam.

Edric passa a véspera da morte de sua esposa em silêncio. Ele não fala, nem chora, nem lamenta da maneira que uma alma deveria. Em vez disso, seu coração apenas endurece sem a suavidade do semblante de Iris.

Ele acorda com algo como uma pedra dentro do peito e uma batida na porta. Três figuras estão no corredor além, todas variando em tamanho. O primeiro é um conselheiro de confiança, Oliver Rowe, que está ao lado de uma jovem de beleza ousada. O terceiro balança em seus joelhos, olhos verdes como os do rei e sorriso brilhante como a mãe que Kitt não tem mais.

O príncipe irrompe na sala, todo risonho e maravilhado como uma criança. Edric demonstra pouca afeição por ele, achando difícil olhar para o garoto que é metade da esposa morta que ele amava. Em vez disso, o rei coloca um mapa colorido diante da criança — nunca é cedo demais para começar a estudar seu futuro reino — e volta

toda a atenção para seu conselheiro.

"Vossa Majestade," Oliver começa, "sinto muito por sua perda—"

"Iris morreu há dois anos, dando à luz meu herdeiro." Edric gesticula vagamente para o garoto. "Não há razão para me consolar agora."

O conselheiro abaixa a cabeça em compreensão. "Claro, Vossa Majestade. Era isso que eu queria discutir com você."

"Faça valer a pena meu tempo, Oliver. Você me interrompeu em meus aposentos privados."

Incitando a mulher a avançar, seus cabelos negros batalhando em beleza com seus olhos cinzentos, o conselheiro murmura: "Desculpas, meu Rei, mas você descobrirá que este é um assunto delicado."

Edric se afasta, permitindo que os convidados entrem em seus aposentos antes de fechar a porta. "Eu vou?"

Oliver junta as mãos. "Como um de seus conselheiros, está claro que antes de informarmos o reino sobre a morte da rainha, devemos garantir que cada detalhe seja contabilizado. Como os dois anos desde a morte de Iris." Ele lança um olhar para o rei, como se os dois compartilhassem um fio de pensamento semelhante. "É por isso que estou apresentando minha filha a você. Para casamento."

Edric nem pisca. "Explique."

A jogada de Oliver pelo poder é tão previsível quanto fútil, mas a ganância por si só não faria o conselheiro perturbá-lo. Não, o rei silenciosamente determina que essa oferta que o aguarda deve valer a pena. Ou então custará a cabeça de um bom homem.

"Veja bem," Oliver continua enquanto sua filha solta um suspiro irritado, "o reino não ouve falar de Iris há algum tempo, então não vai será difícil convencê-los de uma morte que ocorreu há dois anos. Mas as pessoas vão querer uma razão para não terem sido informadas antes. É aí que entra Myla."

A Srta. Rowe parece tudo menos satisfeita por fazer parte desse plano, mas ela não diz nada enquanto seu pai continua. "Você, Sua Majestade, diria ao reino que você lamentou sua falecida rainha por alguns meses após sua morte. Uma vez que o período de luto apropriado terminou, você tomou uma esposa para continuar a proteger sua linhagem. Como não há membros da realeza da Elite para você se casar, uma união privada com a filha de um conselheiro de confiança foi a escolha óbvia."

O rei escuta, intrigado com essa proposta. Ele admira um plano astuto.

Oliver, após respirar fundo, acrescenta: "Você não contou ao reino sobre esse casamento antes porque sua nova esposa, Myla, já estava grávida. Para garantir a segurança dela, sua união permaneceu em segredo até muito depois do nascimento de sua sobressalente."

Edric desliza seu olhar cético para a mulher enrijecida. "Você já tem um filho?"

"Ela tem", responde o conselheiro em seu nome. "Ele ainda é um bebê — tem apenas um ano de idade e poderia facilmente ser passado como seu."

O rei considera isso por um longo e sufocante momento. "Esta é uma sugestão ousada, Oliver."

"Como seu conselheiro, é meu dever ajudá-la." Ele coloca uma mão severa no braço da filha. "E esta é a melhor solução para sua situação."

Edric se vira para Myla, sua voz monótona. "Quem é o pai?"

“Ninguém que seja motivo de preocupação”, ela responde secamente.

Há uma longa pausa.

O rei riria se não tivesse esquecido como fazê-lo. “E o que te faz pensar que eu quero seu bastardo?”

Oliver engole em seco, sua respiração é superficial. Myla estreita aqueles olhos cinzentos.

O rei abre a porta com uma estipulação saindo de sua língua. “Se eu for chamar outra criança de minha, ela não pode ser nada menos que poderosa.”

“Ele é,” Myla deixa escapar, sempre a mãe protetora. “Ninguém em Ilya é como ele.”

Isso igualmente intriga e diverte o rei. “Veremos sobre isso.”

Myla entrega seu filho ao Silenciador, odiando o quão vazios seus braços se sentem sem ele neles.

O bebê não se agita nem se inquieta, em vez disso, ele simplesmente aceita o destino imposto a ele. Cabelos pretos se agarram ao seu pequeno crânio, enrolando-se em volta das orelhas para copiar o de sua mãe. Ele olha para o homem estrangeiro que o segura, e aqueles olhos cinzentos não se desviam do Silenciador.

“Bem?” A impaciência de Edric ecoa pela sala.

O olhar de Damion se ergue para seu rei, parecendo menos solene do que o normal e mais impressionado do que nunca. “O garoto é extremamente poderoso. Nunca senti nada parecido.”

O rei sorri. Casar-se com Myla Rowe lhe dará poder. Lhe dará um filho que ele pode moldar em uma arma.

Isso é tudo o que é preciso para o rei reivindicar a criança como sua. Todo o poder. Toda a glória.

“Eu aceito sua proposta,” Edric diz ao seu conselheiro, olhos ainda presos na força se contorcendo nos braços de seu Silenciador. “Ele será meu.”



CAPÍTULO 34

Kai

O gelo caiu sobre a mesa.

Risadas ecoam após meu rolar, seguidas por mãos grandes que pegam meus xelins. "Mais sorte da próxima vez, Alteza!", o marinheiro corpulento berra.

Essa simpatia sincera é seguida por outra do outro lado da mesa. “Droga, Azer, você está tornando isso fácil demais.”

Eu me inclino para trás na cadeira, balançando a cabeça para os quatro homens. “Parece que minha mente está em outro lugar nesta rodada.”

“Assim como os cinco anteriores!” Este grito do homem corpulento que roubava meu dinheiro continuamente fez o resto deles rir.

“Tudo bem, tudo bem.” Eu me levanto e balanço com o navio balançando. “Acho que já perdi xelins o suficiente por uma noite.”

“Não, não vá ainda!” O dente de ouro do homem pisca para mim entre suas palavras. “Estou economizando para comprar meu próprio barril de rum.”

“Sim!” Eles gritam isso em uníssono enquanto eu subo as escadas para o convés principal.

“Boa noite, cavalheiros”, grito por cima do ombro, fazendo-os rir ainda mais com minha escolha de palavras.

Abrindo a grade, subo no convés e entro na noite. Respiro fundo o ar abafado e vou em direção ao corrimão mal remendado. O mar está assustadoramente parado abaixo de mim, as ondas são um mero reflexo da lua pairando acima. Tem estado insuportavelmente quente nos últimos dias, embora a parte insuportável seja provavelmente devido à minha falta *dela* .

Passo a mão pelo meu cabelo desgrenhado, ainda irritado com nossa discussão de dias atrás. As horas se arrastaram sem ela para alegrá-las, deixando-me sem nada para fazer além de jogar meus xelins e beber rum o suficiente para me convencer de que o gosto é bom.

Eu vi vislumbres dela, compartilhei olhares que ela se recusa a segurar. Eu posso sentir sua presença do outro lado da minha parede, sentir o espaço vazio na minha cama que uma vez ocupou seu calor. É absurdo, realmente. A briga. A verdade.

Porque essa é a raiz de tudo — a verdade. Algo que não sou forte o suficiente para ouvir.

Eu me inclino sobre o corrimão para espiar a água brilhante abaixo. É egoísmo da minha parte ficar bravo com ela, eu sei. Mas é mais fácil assim, como se eu estivesse procurando uma razão para perdê-la que não seja meu irmão.

De repente, passos suaves ecoam atrás de mim.

Não preciso me virar para saber a quem pertencem. Ela deve ter desejado que eu a ouvisse chegando.

"Oi."

Giro lentamente em direção ao som atipicamente tímido. “Achei que você era teimoso demais para vir falar comigo primeiro.”

Paedyn cruza os braços. “E eu imaginei que você fosse inteligente o suficiente para implorar pelo meu perdão primeiro. Mas” — ela levanta as mãos no ar entre nós — “aqui estamos.”

Eu suspiro. “Senti sua falta, Gray.”

"Faz apenas alguns dias que não nos falamos", ela retruca, enquanto o luar dança nas pontas de seus cabelos prateados.

“Não.” Eu balanço a cabeça, observando-a hesitantemente se aproximar. “Foi o começo do resto das nossas vidas.”

“Kai, por favor, não—”

“Eu estava errado em ficar bravo com você sobre a verdade,” eu digo rapidamente. “Era algo que eu precisava ser lembrado de qualquer forma.”

Eu dou um passo para trás então, uma representação física do limite que estou tentando estabelecer. Isso a machuca. Eu posso ver isso na maneira como seu rosto se amassa contra a luz da lanterna, como se ela não fosse a única a me lembrar de nossos destinos separados.

“Eu...” Ela está girando aquele anel no polegar, e eu odeio ser a causa de tanto desconforto. “Preciso que você saiba que—”

Os pelos da minha nuca se arrepiam.

Eu enrijeço, levantando uma mão que corta suas palavras. Só consigo imaginar o olhar irritado em seu rosto porque meus olhos já estão no mar além. Minha cabeça se inclina levemente, inclinando-se em direção àquela estranha contração na boca do meu estômago.

“Kai?”

A voz de Paedyn soa abafada contra minhas costas enquanto me esforço para focar nessa sensação inebriante. Eu senti poder a minha vida inteira. Aprendi a maneira como ele se movia sob minha pele e se inflamava em minhas veias. Até mesmo a suspeita disso é um leve zumbido em meu sangue, um formigamento nas pontas dos meus dedos.

Mas não é isso.

Isto não é Elite. Não inteiramente.

“Kai, o que foi?”

Ela está de pé ao meu lado agora, estendendo uma mão hesitante em direção ao corpo que abandonei em busca desse sentimento dentro da minha alma. Olhos tremulando fechados, eu estendo a mão em direção àquele poder estrangeiro. Puxo a conexão letal na boca do meu estômago.

E vem correndo em minha direção.

“Todos, abaixem-se!”

O aviso mal escapou dos meus lábios quando o navio deu um solavanco violento.

Eu avanço em direção a Paedyn, conseguindo passar um braço pela cintura dela enquanto o outro agarra o corrimão. Minha mão se engancha na madeira rasgada enquanto o casco balança abaixo de nós. Marinheiros tombam pelo convés, gritando enquanto deslizam em direção ao corrimão oposto.

O navio balança até que meus pés quase se erguem do chão. Eu me esforço para nos manter ali, grunhindo enquanto meus dedos escorregam no corrimão

escorregadio. Abalada pelo choque inicial, Paedyn começa a rasgar a madeira com as unhas, desesperada para ajudar a segurar seu peso enquanto balançamos acima da morte.

Estou ofegante, braços queimando enquanto gritos e berros ecoam pelo ar da noite. Uma série de respingos me faz estremecer pelos tripulantes que se encontraram no mar. A voz estrondosa de Torri corta o caos, gritando ordens para quem ainda está agarrado ao convés.

O navio balança mais uma vez, dessa vez caindo de volta para sua posição pretendida sobre as ondas. Com um estrondo colossal, o lado de estibordo bate nas ondas. A água desce sobre os trilhos, nos bombardeando com sal e um frio cortante. Nossos joelhos dobram com a força e jogam o convés escorregadio voando em nossa direção.

Paedyn tosse, afastando uma mecha de cabelo molhado dos olhos. Cada pedaço de luz da lanterna é engolido pela onda, deixando apenas a lua para iluminar esse caos. Ela olha para mim, encharcada até os ossos, assim como eu. "O que...", ela ofega, "foi isso?"

Os marinheiros ao nosso redor parecem estar gritando a mesma pergunta, todos encharcados e atordoados. Mas quando meus olhos se levantam e pousam nos do capitão, não preciso ver o terror em seu olhar — sei que ele reflete o meu.

Ele pode ouvir. Eu posso sentir. E nós podemos não viver o suficiente para dizer que tivemos.

Minha voz é um murmúrio de admiração. “Ele nos encontrou.”

Lascas de madeira ao lado da minha cabeça.

Eu me jogo sobre Paedyn, protegendo-a da chuva de pedaços irregulares. Uma escuridão iminente cai sobre nós enquanto a nave sacode com o impacto repentino. Com os ouvidos zumbindo, mal ouço o grito de Paedyn abaixo de mim. Mal registro o meu quando olho para a fonte dessa devastação.

Dentes.

Centenas deles, brilhando ao luar. Fileiras e mais fileiras de morte irregular.

As longas presas perfurantes estão atualmente espetando o corrimão de madeira em que estávamos pendurados. Fico boquiaberta com a criatura, apenas me afastando de sua bocarra quando Paedyn puxa meu braço.

Sua pele verde escamosa está gasta e marcada, pingando com o mar. Um barulho emana do fundo da garganta do monstro enquanto ele tenta arrancar aqueles dentes leitosos da madeira granulada. O rosnado baixo é acompanhado por um estranho som de clique que me dá arrepios na espinha.

“Que diabos...”, Paedyn sussurra, seu terror é um som estranho.

Eu a empurro para trás, cobrindo seu corpo com o meu. “Fique atrás de mim!”

Meu grito quase se perde nas dezenas de outros enquanto os homens se espalham pelo convés superior, prontos para lançar seu poder no monstro. Observo horrorizado um homem correr em direção à grade, lança na mão. Com um grunhido, ele a joga na cabeça da criatura, apenas para ela ricochetear na pele dura como um palito de dente patético.

Isso só parece irritar o monstro. Ele sibila, vibrando o convés enquanto um círculo de pele carnuda e escamas se ergue ao redor de sua cabeça. Ondulando como uma pétala horripilante, desfiada e viscosa, ela circunda o rosto pontudo da criatura. Desse

ângulo, posso ver parte de seu longo corpo que desaparece no mar. Ela se assemelha a uma enorme espécie de enguia com aquela forma de cobra e barbatanas carnudas ao longo de sua espinha.

É, no entanto, tudo neste animal é antinatural.

Tem quase a largura de dois mastros, e ainda temos que descobrir o comprimento dessa besta. O tamanho e a força por si só são um testamento da alteração da Peste.

Esta criatura poderia facilmente ter um século de idade.

Um Blazer avança em meio à multidão aterrorizada para lançar uma bola de fogo no rosto do monstro.

Mas nunca pousa.

Com um rugido que sacode o navio, a fera se afasta da grade. Mais uma vez, somos atingidos por pedaços de madeira antes que uma onda de água nos siga.

"Acabou", Paedyn gagueja, com água pingando de seus cílios.

Esse poder formidável balança na boca do meu estômago, tão parecido com o dos Elites, e ainda assim, nem um pouco. "Não." Eu balanço a cabeça para ela, o que espalha gotas de água em seus pés. "Está apenas começando."

Rajadas estão incitando o vento a nos impulsionar através da água enquanto Teles seguram lanças prontas com suas mentes, inutilmente blindando o navio. Eu me viro para Paedyn mais uma vez, agarrando-a pelos ombros. "Preciso de você no seu quarto."

"Você vem comigo?" ela pergunta incisivamente.

“Não, vou ficar aqui fora e—”

“Então eu também”, ela insiste. “Não vou sentar e esperar para saber do seu destino, Kai.”

Eu seguro seu rosto, pedindo para ela entender. “Por favor, Pae, não lute comigo —”

Um rugido estridente ecoa ao nosso redor, abafando todos os outros sons. De repente, estou sendo empurrado para o chão, o corpo de Paedyn rolando sobre o meu. Nós caímos pelo convés, escapando por pouco do corpo da fera batendo.

Ouço o som sinistro de madeira rachando antes de me virar para ver o dano. Seu longo corpo jaz no convés, o impacto de seu arco enviando uma teia de rachaduras por toda a madeira. O monstro desliza mais longe, expondo o comprimento alarmante de seu corpo. Marinheiros saltam para fora do caminho, alguns perdidos por dentes estalando ou um empurrão forte do corpo escamado.

Elites lançam seus poderes contra ele, embora pareçam causar pouco dano. Fogo, telepatia, força e armas não fazem nada diante de tal poder. Eu me junto a eles apesar da futilidade, jogando fogo ou tentando puxar a criatura enorme para longe com minha mente. Mas pela primeira vez, estou testemunhando Elites completamente impotentes. *Eu* estou completamente impotente.

Deslizando pelo convés, a fera rompe a grade oposta para mergulhar de volta na água. Puxo Paedyn contra mim, tentando manter meu pé instável no topo do navio que balança violentamente. "Não podemos lutar contra isso!", grito para os tripulantes atordoados.

É Torri que ouço buzinar de volta. “Todos a bordo! Cada rajada pronta!”

“Não podemos fugir dele”, Paedyn arfa. “Não podemos fazer nada.”

Outro solavanco do navio e uma cauda enorme e espinhosa cai sobre o convés. A

madeira sob nossos pés estala novamente, e tábuas caem nas profundezas do navio. Agarrando a mão de Paedyn, corro entre as brechas crescentes enquanto a cauda balançante joga os homens no mar.

Os gritos amplificam quando o rosto do monstro aparece do outro lado do navio, seu corpo apertando a embarcação por baixo da superfície do mar. Em uma ponta, dentes do comprimento do meu antebraço aguardam, mordendo o que sobrou da grade de madeira. E na outra, uma cauda furiosa decorada com barbatanas irregulares.

Empurro Paedyn contra o par de portas que levam aos nossos quartos no mesmo momento em que um daqueles espinhos pontiagudos espeta um marinheiro. Ele grita, impotentemente pendurado sobre a cauda do monstro para exibir a farpa sangrenta alojada em seu peito. O luar flui para baixo na cena sangrenta, brilhante contra a poça de sangue florescendo sob suas roupas rasgadas.

O suspiro de Paedyn é rapidamente coberto por suas mãos trêmulas quando o homem é jogado no oceano com um movimento da cauda da fera. Não perco mais um momento antes de abrir a porta ao lado dela. "Entre. Por favor!" Grito a palavra na noite, desejando que ela ouça o apelo desesperado dentro dela.

“Eu não posso te deixar!” ela grita de volta, se abaixando para pegar uma lança esquecida. “Eu não vou!”

Estou prestes a discutir mais quando o chão é subitamente roubado de meus pés. Ouço Paedyn gritar quando meu corpo atinge o convés. Então, novamente, quando a cauda óssea se conecta com minha espinha.

A dor explode pelo meu corpo.

De repente, estou sendo arrastado pela floresta, envolto em escamas viscosas enquanto meu corpo arrastado derruba marinheiros. Ofegante, mordo minha língua contra a dor e deslizo uma adaga da minha bota. Agarrando a cauda enorme que abraça minha perna, mergulho minha lâmina em uma das muitas cicatrizes da besta.

Um grito sai de sua garganta antes que a cauda se levante bruscamente, eu a reboque. Eu me agarro a ela, dedos escorregando nas escamas lisas. Então eu estou gritando enquanto ela me joga para o ar livre.

O céu estrelado fica borrado ao meu redor.

Estou caindo.

Paedyn grita meu nome.

Caindo.

O mar agitado aparece de repente abaixo de mim.

Caindo. Caindo. Fa—

Desesperadamente, eu agarro o poder de um Tele próximo, incitando-o para minhas palmas e dobrando-o à vontade da minha mente.

Meu estômago embrulha enquanto mergulho em direção à água.

Jogando um fio de poder em direção a uma das muitas cordas enroladas no mastro, eu o invoco para mim. Obedecendo, ele dispara em direção ao meu braço estendido.

O cabelo prateado de Paedyn brilha sobre a amurada do navio. E essa é a última coisa que vejo antes que meu corpo colida com o mar.

Água cortante me engole inteira, entorpecendo cada membro com suas presas geladas. Eu caio no mar, mente lenta. Sal bombardeia meus sentidos, enchendo minha boca e nariz. Eu chuto furiosamente em direção ao que espero ser a superfície, embora

eu não consiga ver nada além de escuridão.

Meus pulmões queimam.

Eu procuro o poder do Tele e alcanço aquela corda.

Estou tonto, flutuando em um abismo escuro.

Eu me esforço por salvação. Imploro por vida. Imploro para vivê-la com ela.

A corda mergulha na água.

Eu agarro, puxando meu corpo para cima com braços fracos. O luar flui acima, me chamando. E quando minha cabeça rompe a superfície, estou cuspindo água.

Eu me agarro à corda molhada, sufocando o ar antes de me levantar do mar. Um suspiro histérico de alívio soa acima de mim, e eu olho para cima através do cabelo encharcado de mar para encontrar Paedyn inclinada sobre o corrimão acima, lágrimas escorrendo por suas bochechas.

Por ela, eu me puxo para cima daquela corda. Meus braços queimam, assim como meus pulmões, mas eu empurro a dor para o lado. Com as palmas das mãos em carne viva, coloco meus pés contra a barriga do navio e o escalo.

No momento em que meus braços se prendem no corrimão, Paedyn está praticamente me puxando para a borda. Eu a deixo, incapaz de reunir forças. Meus braços estão pendurados sobre seus ombros, e ela grunhe sob meu peso.

A dor dispara pelo meu corpo a cada puxão. E quando minhas botas batem no convés, eu caio de joelhos. O corpo de Paedyn alivia minha queda, seus braços me envolvem firmemente mesmo depois de batermos no convés.

Nós nos encaramos por um longo momento, contentes em ignorar a fera furiosa atrás de nós. Temo que seria preciso muito mais do que isso para tirar meu olhar dela.

Com um soluço sufocado, ela pressiona o rosto no meu pescoço, enxugando lágrimas na minha pele. "Achei que tinha perdido você", ela sussurra, meio rindo.

Eu levanto uma mão dormente para o cabelo encharcado dela, passando dedos que não consigo sentir através dele. Com dentes batendo, eu consigo dizer, "Você n-não pode se livrar de mim tão facilmente, Gray."

Ela segura meu rosto, balançando a cabeça e sorrindo. "Maldito destino, dever e todas as outras palavras que pretendem nos manter separados." Lágrimas escorrem daqueles olhos azuis nos quais eu me afogaria alegremente. "Quero me esconder com você sob o salgueiro. Você é o segredo que passarei o resto da minha vida guardando." Sua voz treme sob o peso de tal promessa. *"Nós."*

Só isso já é o suficiente para que lágrimas brotem dos meus olhos. Então eu aceno. O rosto dela em minhas mãos, meu coração no dela.

Os incontáveis gritos ecoando por todo o lado finalmente conseguem capturar nossa atenção. Antes que qualquer um de nós possa vomitar uma mentira reconfortante, o navio está tombando novamente. Deslizamos pela madeira quando a criatura levanta a cabeça mais para o convés. Dentes serrilhados atacam o capitão, e ele evita por pouco ser engolido inteiro.

O barco está desmoronando sob o peso desta criatura, esforçando-se para nos manter todos flutuando. “Precisamos fazer alguma coisa,” Paedyn murmura.

"Seja lá o que for que você esteja pensando, não faça", eu ordeno.

Ela olha para mim então, e eu me lembro do quanto senti falta dela fazendo algo tão simples quanto reconhecer minha existência. Um pequeno sorriso surge em seus lábios. Ela é de tirar o fôlego nessa luz, como se seu cabelo fosse uma coleção de raios

da lua. "Você esquece, Kai." Seus dedos envolvem firmemente a lança. "Este é meu teste."

E então ela está correndo.



CAPÍTULO 35

Pedyn-P ...

A lança fica escorregadia na minha mão.

Minhas botas batem no convés escorregadio, abafando o som do grito de Kai atrás de mim.

Mas eu observei essa fera. Aprendi seus pontos fortes. Descobri sua fraqueza.

E esse não é o primeiro monstro que enfrento.

Então, quando ele vira seus olhos verdes luminosos para mim, expondo inúmeras fileiras de dentes irregulares, eu não recuo. Eu não falho, ou vacilo, ou sinto remorso.

Qualquer fera pode ser derrotada.

Uma criatura. Um julgamento. Um rei.

Eu levanto a lança pesada, inclinando meu braço para trás. Hálito quente me banha quando o monstro ruge. Pele escamosa se alarga ao redor de seu rosto enquanto ele desliza para mais perto, mandíbulas estalando e dentes brilhando.

E eu rugi de volta.

A criatura grita mais alto, jogando meu cabelo para trás e fazendo meus olhos lacrimejarem. Ainda assim, fico diante dela. Meu peito arfa; coração martela. E então eu deixo a lança voa da minha mão para encontrar a fera que corre em minha direção.

A mandíbula do monstro se alarga, preparando-se para cravar aquelas presas letais em minha carne.

Olho a Morte nos olhos enquanto minha lança afunda neles.

A besta ruge de dor, o corpo se contorcendo enquanto o sangue jorra de sua íris outrora brilhante. Gritando, ela sacode o navio, balançando a cabeça em uma tentativa de desalojar a arma perfurante. Eu tropeço quando o barco balança, caindo de joelhos sob a criatura. Mesmo quando olho para a personificação do terror, percebo que esta ainda é metade da besta que enfrentei no passado.

Com um último rugido de angústia, ele se arqueia sobre o navio, sobre meu corpo encolhido, e mergulha nas ondas.

Sinto-me entorpecido. Estou tremendo enquanto a água espirra no convés, me borrifando com gotas salgadas. O que resta da tripulação está atordoado e ensanguentado, todos olhando para o mar agitado onde a criatura desapareceu.

Kai está ao meu lado em um instante, mãos geladas sobre minha pele. Suas palmas deslizaram em volta do meu pescoço para enredar dedos dormentes em meu cabelo encharcado. "O que você estava pensando?", ele repreende, olhos arregalados procurando os meus. "Preciso mandar você para o seu quarto da próxima vez?"

Eu sorrio fracamente. “Isso não vai funcionar quando eu for rainha.”

Seus lábios estão manchados de azul com o frio, e ainda assim eles se contorcem em um sorriso. “Eu posso ser muito persuasivo.”

“Bem, eu serei amaldiçoado, o Salvador Prateado faz isso de novo!”

Eu me viro para a voz berrante do capitão, seu timing impecável como sempre. A

tripulação mancando se reúne ao redor dele, alguns pingando água, outros sangue. Torri segura um braço firmemente em seu peito ferido e afasta a dor de sua voz. "Nós conquistamos a fera!"

Um canto fraco começa a sair de suas gargantas coletivas, um canto que pensei que nunca mais ouviria.

"Salvador de Prata!"

"Salvador de Prata!"

"Salvador de Prata!"

E eu poderia ter gostado do som disso.

Nunca fiquei tão aliviado ao pisar em Ilya.

Principalmente porque estou ansioso para ficar em pé em algo sólido sem a preocupação de que ele desmorone sob meus pés.

O navio está em ruínas, e tem estado assim pelos últimos dois dias. Somente pela força dos Elites ele conseguiu chegar ao cais de Ilya. Com quase metade da tripulação perdida no mar e a fera que morava dentro dele, sobreviver a esse trecho final do Shallows não foi uma tarefa simples. Teles trabalhou em turnos para manter as partes mais vitais do navio unidas com suas mentes enquanto Gusts soprava um fluxo constante de ar nas velas rasgadas. Qualquer excesso de peso foi jogado ao mar em uma tentativa de nos ajudar a flutuar, deixando apenas pão e água para encher nossos estômagos.

Eu me inclino contra um dos únicos pedaços restantes de corrimão, me preparando para pular para fora do caminho se as tábuas sob meus pés cederem — o que já aconteceu em várias ocasiões aterrorizantes. O casco geme em agonia contra as ondas, como se implorasse por um rápido afundamento no mar. Até o *Reckoning* implora por descanso.

Mantenho meu olhar no cais que se aproxima, mesmo quando Kai vem para ficar ao meu lado. Minha voz é baixa. "Você acha que ele está lá embaixo?"

O olhar cinza de Kai cai sobre o aglomerado de corpos nos esperando no pântano instável, seus rostos borrados a essa distância. "Kitt?"

Eu aceno friamente.

Um balançar de cabeça. "Espero que não. É perigoso para ele ficar tão exposto sem mim. Mas"—seu suspiro é cansado—"ele provavelmente está."

Pensamentos saem da minha boca. "Não acho que ele queira ser cuidado."

"Ele deveria ser grato que alguém se importa o suficiente para fazer isso," Kai retruca rigidamente. "Nem todos nós tivemos esse luxo."

Eu me viro para ele, observando a expressão pétrea que ele agora usa. "Por que seu pai tratou vocês dois de forma tão diferente?"

A pergunta parece surpreendê-lo. "Tínhamos papéis muito diferentes na vida."

"Eu sei, mas..." Eu me esforço para encontrar as palavras certas e tento novamente. "Ele poderia ter ensinado Kitt com a mesma insensibilidade e ódio com que ele treinou você. Quero dizer, é por isso que seu irmão ainda se importa com o rei que você odiava." Meus olhos vagam de volta para o cais que se aproxima. "Você conheceu versões diferentes do mesmo homem."

"É exatamente por isso que Kitt nunca entendeu completamente meu desdém por papai", Kai acrescenta calmamente. "Por que ele vivia para agradá-lo enquanto eu

vivia para irritá-lo.”

Eu sorrio levemente. “É por isso que você escolheu passar tanto tempo comigo durante os Trials? Para irritá-lo?”

Ele parece pesar suas palavras cuidadosamente. “Entre muitas outras razões.” Reviro os olhos antes que ele acrescente, “Embora eu sempre tenha achado estranho o quão ousadamente Kitt fez amizade com você. O pai odiava que eu fosse associado a você, então Kitt ir contra os desejos do rei por sua causa...” Ele balança a cabeça. “Foi inesperado.”

“E agora ele está se casando com a Ordinária que seu pai odiava,” murmuro. “A mesma que o matou.”

Kai respira fundo. “Kitt sempre teve medo de falhar com nosso pai. Mas eu acho... Eu acho que ele também tem medo de se tornar aquele que eu odiava. Junto com aquela carta que Kitt encontrou, sua luta com o rei pode tê-lo ajudado a ver a razão.” Ele dá de ombros levemente. “O rei veio atrás de você por ódio pelo que você não é.”

Olho para ele. “E você acredita em mim sobre isso?”

“Depois daquela batalha no Bowl, a Visão que testemunhou sua luta se encontrou com Kitt e eu em particular.” Ele olha para mim, tristeza em seu olhar. “Nós assistimos a um pouco do que aconteceu. Com a chuva, não conseguimos entender o que estava sendo dito, e Kitt não suportou assistir mais do que um minuto daquilo.”

É então que vejo que sua tristeza não é pelo rei que matei. Mas por mim e por tudo que suportei por sua mão. Pisco, perplexo com essa nova informação. "Por que você não me contou?"

“Você ainda matou o rei,” Kai responde uniformemente. “Kitt ainda estava bravo. O reino também. No fim das contas, você ainda era um assassino.” Seus olhos passam rapidamente por mim. “E eu queria ouvir seu lado da história, porque ainda não sabíamos o que realmente aconteceu.”

Agora enterrei aquela luta cruel nas profundezas mais escuras da minha mente. Ela fica no meio da poça sangrenta em que meu pai jaz, bem ao lado de uma imagem de franjas cacheadas muito curtas e olhos castanhos cegos por baixo.

Perguntas sem resposta giram perto daquele canto escuro, entrando e saindo dos meus pensamentos. Uma pertence à verdadeira identidade dos meus pais, enquanto outra está naquela batalha contra o rei — seus motivos e confissões igualmente confusos. A presença de Adena naquele Julgamento final nunca deixa de me manter acordado à noite, zombando de mim em meus sonhos com maneiras pelas quais eu poderia tê-la salvado.

Eu engulo em seco. “Ele quase me disse que a doença dos Ordinários era uma mentira, sabia?”

Há uma longa pausa preenchida apenas com o som do mar batendo. “E você não me contou?”

“Você teria acreditado em mim?”, eu retruco.

Ele não diz nada.

“Eu não tinha provas além da minha própria palavra, e isso significava pouco depois do que eu tinha feito. Então, eu queria que você descobrisse a verdade por si mesmo.” Eu olho para o anel brilhante no meu dedo. “Mas eu ainda sou um assassino.”

“E você ainda é muito melhor que a maioria.”

Eu balanço minha cabeça. A escuridão sufocada dentro de mim diz o contrário.

Fico quieto até que uma pergunta suave surpreende meus lábios. "Então, do que você tem medo?" Ele olha para mim, sutilmente intrigado. "Você me disse o que Kitt tem medo. Agora eu quero saber o que poderia assustar o poderoso Enforcer de Ilya."

Ele ri sombriamente. “Tenho medo de muita coisa.”

Eu levanto uma sobrancelha. “É de mim que você tem medo, Prince?”

Sua resposta é rápida e sincera. “Estou com medo do que pode acontecer com você. O que *eu* poderia fazer com você.” Um músculo se contrai em sua mandíbula. “Temo cada golpe da minha espada e cada comando da minha boca. Isso me assombra.”

A emoção obstrui minha garganta, me forçando a engolir uma onda repentina de tristeza. Meu coração dói por esse garoto que nunca chegou a ser um. "Não é justo", consigo dizer. "Essa vida que você é forçado a viver."

Seus olhos são uma tempestade que varre meu rosto. “Pode valer a pena se isso significar que eu posso proteger você.”

Eu balanço a cabeça para ele enquanto o navio balança contra o cais. Kai se afasta ao lembrar quem devemos ser um para o outro nesta cidade. Olhando para as dezenas de rostos que aguardam, ele diz: "Por que perguntar? Sobre Kitt e nosso pai?"

Inclino minha cabeça em direção ao cais, olhos fixos em um par que sei ser verde. “Acho que estou apenas tentando entendê-lo melhor.”

O cabelo loiro de Kitt balança ao vento sob a coroa que ele usa, ambos brilhando em ouro dentro do círculo de Imperiais que cercam seu rei. Ele parece estranhamente... entorpecido. Cansado. Suas mãos estão dobradas sobre a fina túnica verde que ele usa, e—

E seus olhos estão nos meus.

Por um momento, sinto como se estivesse de volta ao Bowl, encontrando seu olhar de longe enquanto estou em um jogo que visa provar meu valor.

“Pai?”

O som desse apelido arranca meus olhos do cais abaixo e os fixa no Enforcer ao meu lado. "Hmm?"

“Eu perguntei se você estava pronto para sair dessa coisa.”

Meu sorriso é tenso. “Sim, muito.”

Eu o sigo em direção à rampa de madeira, sentindo-a ranger sob meu peso enquanto desço para o cais. Uma parede de imperiais na costa rochosa separa os ilyanos boquiabertos de nós, embora eu possa sentir os inúmeros pares de olhos me examinando. Eu me arrepio sob os muitos olhares examinando cada centímetro da garota que eles provavelmente esperavam nunca mais ver.

O capitão segue logo atrás enquanto nos dirigimos ao rei. Kitt sorri firmemente para mim, e é um alívio não ser examinado por ele também. Talvez ele esteja feliz em me ver retornar inteiro. Talvez a distância, e a probabilidade da minha morte iminente, realmente façam o coração ficar mais afeiçoado.

Quando os Imperiais se separam para nos deixar cumprimentá-lo, é Torri quem fala primeiro. “Vossa Majestade—”

“Kai!”

Uma enxurrada de membros empurra a multidão de Imperiais para saltar em direção ao Enforcer. Kai mal tem tempo de abrir os braços antes que Jax bata neles. O

garoto se agarra ao irmão, o rosto enterrado em seu ombro.

Jax funga. “Você está vivo.”

“Claro, J,” Kai murmura. “Eu tinha que voltar para casa para você.”

Meu olhar é desviado de sua reunião sincera quando Torri limpa a garganta. “Como eu estava dizendo, Vossa Majestade, foi uma honra navegar sob as cores de Ilya mais uma vez. Como você pode ver” — ele gesticula para o barco danificado atrás — “nós encontramos a besta que espreita dentro do Shallows, mas sob meu comando, agora vivemos para contar a história.”

Kitt acena com a cabeça em apreciação. “Obrigado, Capitão Torri. Sua bravura e serviço ao nosso reino serão grandemente recompensados.”

Kai limpa a garganta, o braço ainda pendurado em volta de Jax. “Acredito que o louvor é devido àquele que nos salvou daquela besta.” Ele levanta uma mão em minha direção, e o gesto por si só fez com que todos os olhares voltassem para minha figura desgrenhada.

Calor mancha minhas bochechas enquanto lanço um olhar de advertência para Kai. Isso não passa despercebido pelo rei. Seus olhos cansados se voltam para mim. "É mesmo?"

Eu respiro fundo e coloco um sorriso caloroso no rosto. “Eu posso ter ajudado a dar o golpe final. O que não foi muito benevolente” — eu limpo minha garganta — “para com a criatura.”

Kai abaixa a cabeça, escondendo um sorriso. Jax segue atrás do irmão mais velho, embora muito menos discretamente com uma tosse sufocante. E Kitt—

Kitt apenas me encara.

Não consigo ler esse olhar, e normalmente me orgulho de ser capaz de fazer exatamente isso. Algo como realização ilumina aqueles olhos verdes. Ou talvez seja admiração que vejo traçada nas linhas ao redor de seu leve sorriso. Mas antes que eu possa decifrar essa expressão, ele está estendendo a mão em minha direção.

Seus nós dos dedos roçam os meus antes que eu o deixe entrelaçar nossos dedos. Isto é para as pessoas empilhadas naquela costa rochosa, seus olhares curiosos fixados em nós. "Parece que você será uma ótima rainha." O diamante no meu dedo fica pesado. "É como se você tivesse nascido para isso."



CAPÍTULO 36

Kai

A luz das velas brilha por toda a extensão da mesa, banhando cada prato de comida com um brilho semelhante ao mel.

A corte se senta confortavelmente junta para se aglomerar em volta do banquete. Eles conversam preguiçosamente, se afogando em suas roupas finas enquanto mordiscam sua refeição. Passando a mão pelo meu cabelo, eu me pego desejando que este banquete fosse um baile, se apenas para que eu pudesse escapar despercebido entre os corpos rodopiantes.

Em vez disso, sento-me rigidamente à direita de Kitt, em exposição e à sua disposição. Ele parece distraído, olhos verdes vidrados. Não posso deixar de notar a leve magreza de seu rosto ou a aspereza de sua voz. Ele parece cansado o suficiente para justificar uma preocupação que não posso dar atualmente diante de sua corte. Parece que o rei não descansou, como prometeu.

Paedyn brilha na minha frente, cutucando educadamente a comida em seu prato. Por um momento, parece que estamos sentados de volta no tempo naquele jantar antes dos Julgamentos de Purgação, aquele em que eu quase a forcei a comer. A noite em que ela se tornou minha fraqueza.

É familiar, essa cena. Simples.

Só que não é, e o rei ao lado dela não é meu pai.

Passei a maior parte da noite observando Kitt se inclinar, conversando calmamente com sua noiva. Paedyn sorri a cada vez, a ação puxando aquela cicatriz que desce por sua garganta. A elegante gola alta do vestido que ela usa esconde a muito mais cruel abaixo, embora meu olhar caia continuamente para onde eu sei que a escultura está.

Isso não deveria me aborrecer, a proximidade deles um com o outro. Eles estão noivos, afinal, e falar civilizadamente é a mais mansa das ações. Mas não consigo me livrar da inveja roedora em meu intestino, o ciúme que se inflama a cada olhar compartilhado e palavra trocada. É cansativo, esse turbilhão entre o amor por meu irmão e o amor por sua noiva.

“Você parece ter bastante apetite, mas não pela comida.”

Com uma expiração pesada, meus olhos se movem rapidamente em direção à fonte daquele tom acusador. Ao meu lado, Andy levanta uma sobrancelha, seu piercing no nariz brilhando como o desafio em seus olhos. Eu lhe dou um olhar cansado. "Desembucha logo, Andy."

Usando apenas o canto da boca, ela responde: "Pare de olhar para o que você não pode ter."

Levo um pedaço de peru à boca. “Eu não estava.”

“Você era.”

Essa voz pertence à garota ao lado do meu primo, seu lençol de cabelo preto balançando enquanto ela se inclina sobre a mesa para encontrar meu olhar. Não

conheço bem a Crawler, mas a reconheço como a amiga de Andy do baile. No entanto, com uma rápida olhada por baixo da mesa para seus dedos entrelaçados, parece seguro assumir que o relacionamento deles progrediu mais.

"Veja," Andy diz presunçosamente. "Jasmyn é minha testemunha."

"Sim" — tomo um rápido gole de champanhe — "obrigado por suas observações astutas."

Andy coloca uma mecha de cabelo vermelho-vinho atrás da orelha. "Kai, nós conversamos sobre isso—"

O tilintar estridente de vidro me salva da ira do meu primo. Eu me viro para Kitt, observando-o parado na cabeceira da mesa. Examinando o sala, ele oferece um pequeno sorriso para sua corte. "Para Paedyn Gray, sua futura rainha. Que demonstrou com sucesso não apenas sua bravura, mas também sua benevolência." Ele olha para a mesa distantemente. "Avante para sua brutalidade. E longa vida à Silver Savior."

Quando eu levanto meu copo, a corte inteira rapidamente me segue. "Vida longa ao Salvador de Prata", eles murmuram em uníssono, a maioria a contragosto.

Champanhe borbulha contra minha língua, aquecendo minha garganta. Meus olhos estão de volta em Paedyn, embora os dela estejam presos em algo bem ao fundo da longa mesa. Vejo seu olhar ficar repentinamente frio, letal de uma forma que sei em primeira mão que ela pode ser. Seguindo aquele olhar, examino os muitos rostos decorando a sala do trono.

E então meus olhos gaguejam sobre ela.

O cabelo lilás caindo sobre os ombros de Blair parece estranhamente complementar as ondas vermelhas de fogo de Lenny à esquerda. Ela se senta confortavelmente no assento ao lado do pai, braços cruzados e lábios provocando o Imperial. Eles parecem familiares, à vontade um com o outro de uma forma que provavelmente está fazendo a cabeça de Paedyn girar.

Olho de volta para ela do outro lado da mesa, observando enquanto uma camada de raiva gelada se espalha por sua expressão. Ela parece pronta para vingar Adena aqui e agora. Olhando para essa versão da Silver Savior, temo por aqueles que a fazem não sentir nada.

Nenhum remorso. Nenhuma compaixão. Nenhuma preocupação com sua alma manchada.

Eu levanto uma mão, esperando impedi-la de fazer algo imprudente, quando ela se levanta de repente. Sua cadeira range contra o piso de mármore e vira todas as cabeças em sua direção.

O pânico me empurra para a beirada do meu assento, esperando seu próximo movimento. Mas é o sorriso falso que ela coloca no rosto que me deixa realmente preocupado. Levantando um copo, ela limpa a garganta em preparação para um brinde.

Meus dedos se fecham na borda da mesa.

O sorriso brilhante e o olhar frio de Paedyn recaem sobre Blair.

"Aos Ordinários", ela diz alegremente. "E a cada morte injusta. Que eles sejam vingados."

Então ela inclina a cabeça para Blair e leva o copo aos lábios.

Olho para a mesa e vejo uma cabeleira lilás caída para trás.

“Aos Ordinários.”

Mal registro as palavras resmungadas que só metade da corte se dá ao trabalho de repetir. E é só quando Paedyn se senta que consigo respirar fundo. Desenrolando minha mão da mesa, espero que outra onda de conversa fiada varra a sala.

Quando todos os olhos se desviaram de Paedyn e todas as bocas mudaram para outro assunto, inclino-me para murmurar: "Bem, isso foi suspeitamente civilizado".

Aqueles olhos azuis se erguem rapidamente para encontrar os meus. “Eu não chamaria uma ameaça de civil.”

“Para você”, eu emendei claramente, “isto é”.

Interessando-se em nossa conversa silenciosa, Kitt interrompe com um discreto: "Mais uma vez, você sabe por que não posso deixar você machucá-la, Paedyn."

Segurando seu garfo, ela rola um pedaço de batata em seu prato inocentemente. "E você sabe por que não posso deixá-la viver."

“Pae.” O olhar de Kitt se volta para mim com a familiaridade na palavra. Merda. Eu continuo rapidamente antes que qualquer um de nós possa refletir sobre o que acabei de dizer. “Você pode bani-la quando for rainha, se quiser, mas não faça nada precipitado antes de usar essa coroa.”

"Não preciso me esconder atrás de uma coroa", ela diz com voz rouca.

“Sim, você faz,” Kitt murmura uniformemente. Ele leva um guardanapo à boca antes de tossir nele. Estreito os olhos ao som rouco que ele interrompe rapidamente. “Governar é tudo sobre esconder. A verdade, o motivo, você mesmo — tudo isso. E quanto mais cedo você aprender isso, mais fácil será para você neste castelo.”

Paedyn pisca para ele, e eu não consigo evitar fazer o mesmo. Há aquele pedaço do Pai que ele possui. Engolindo em seco, ela coloca as palmas das mãos firmemente na mesa. "Parece que todos nós poderíamos desabafar." Então um puxão repentino e perverso de seus lábios. “Agora, onde fica essa adega para onde você sempre costumava ir escondido?”

O vinho escorre pelos dedos que segurei firmemente em volta do gargalo da garrafa.

O vestido de Paedyn é uma piscina esmeralda sobre o chão do porão, tremeluzindo em um facho de luz de vela. Ela inclina a cabeça contra a parede de pedra fria e ri alto o suficiente para fazer meu rosto se abrir em um sorriso.

Voltando seu olhar perplexo para mim, ela consegue dizer: "Você não fez isso!"

“Ele fez”, Kitt deixa escapar em meu nome. “Fui eu quem amorteceu a queda dele.”

A boca de Pae se abre enquanto tento me defender. “Eu tinha cinco anos, tudo bem. Eu mal conseguia usar meu poder, muito menos saber quais deles existem.”

“Então ele sobe no telhado dos estábulos,” Kitt explica, um sorriso bêbado aparecendo em seus lábios. “Agora, Kai Pie aqui estava convencido de que havia um Elite que podia voar—”

Paedyn bufa, abafando rapidamente o som com a palma da mão na boca.

“—então ele decide pular do telhado e testar a teoria,” Kitt finaliza com uma risada dirigida a mim.

"Por que", Paedyn bufa para mim, "você acha que isso é uma boa ideia?"

Tomo um gole de vinho antes de responder. “Em minha defesa, eu mal conseguia sentir poderes naquela idade, então pensei que um... Elite voador poderia ser possível.

Agora, isso não significava que havia um por perto, mas..."

Kitt bate a mão no chão de pedra, o riso o transforma no garoto com quem cresci. A tontura borbulha de Pae de uma forma que raramente consigo testemunhar, evidência do vinho soltando sua língua e elevando meu ânimo. Eu sorrio brilhantemente e me pergunto o quanto disso é devido a estar com meu irmão neste porão novamente.

"Então você bateu em mim", Kitt declara, batendo a mão no meu ombro, "e quebrou minha perna".

"Bem, seu corpo quebrou uma das minhas costelas," eu contra-ataco. "Além disso, foi sua ideia testar minha teoria."

"Isso não significa que você deva fazer isso."

Eu capto o olhar de Paedyn, ciente do que ela vê. Estamos tão livres neste momento — rindo juntos como nos velhos tempos e vivendo como se a vida nunca tivesse atrapalhado. Com as bochechas coradas e os deveres esquecidos, sentamos aqui como irmãos que não têm títulos.

"Gosto de vocês dois assim", ela diz suavemente.

Levo a garrafa aos meus lábios, engolindo o vinho escuro. "Tipo o quê? Bêbados desgraçados da nossa bunda?"

Kitt ri, tilintando sua jarra contra a minha. "Eu vou beber a isso."

Paedyn balança a cabeça para nós. "Não — bem, talvez — mas eu só gosto de vocês dois sendo tão... despreocupados. Juntos."

Isso faz com que Kitt pareça repentinamente sério, apesar do cabelo desgrenhado e da camisa desabotoada. Seu olhar é sério enquanto desliza para o meu. "Assim como nos velhos tempos."

"Como nos velhos tempos", eu ecoo.

"Senti sua falta, irmão." Kitt suspira. "Sinto falta de nós."

"Estou bem aqui, Kitty." Meu sorriso é suave. "Não fui a lugar nenhum."

"Não é mesmo?" As palavras são um estalo surpreendente. E então o rei está rindo, sufocando aquele tom acusatório com um sorriso. É uma estranha oscilação de emoções que duvido que ele pretendesse nos mostrar. Mas quando ele se vira para Paedyn, a garrafa erguida desleixadamente no ar, seus olhos cansados estão brilhantes. "Aos velhos tempos."



CAPÍTULO 37

Pedyn-P ...

Olho fixamente para as dezenas de quadrados de tecido que me cercam em cima da cama.

“Todos eles parecem iguais,” eu digo abruptamente na direção de Ellie. “Eles são todos... brancos.”

Ela puxa as cortinas grossas, bloqueando a noite estrelada além. "Bem, vestidos de noiva normalmente são."

Minha boca fica seca ao lembrar o que um desses quadradinhos logo se tornará. Balanço a cabeça, admitindo a derrota. "Aqui. Você só escolhe para mim."

“Paedyn.” O tom de Ellie é surpreendentemente repreensivo, o suficiente para me fazer sorrir com orgulho. “Este é o seu grande dia. Eu me recuso a escolher o tecido do seu vestido de noiva.”

Eu corro um dedo pela tira de amostras, sentindo cada textura e padrão junto com o buraco crescente no meu estômago. “E se eu nem viver para usá-lo, hmm? Quer dizer, ainda tem o Trial final e—”

"E você ficará bem", Ellie tranquiliza gentilmente.

“Por quê? Porque não tenho problemas em ser brutal?”

As palavras saem depressa, como um medo desenraizado normalmente faz. Ela caminha até mim, sentando-se na beirada da cama somente depois que eu dou um tapinha insistente na colcha. “Não há vergonha nisso quando justificado”, Ellie afirma. “O problema é não saber o fim da sua brutalidade.”

Meus olhos caem para os tecidos ao redor e cada dedo deslizando sobre eles. Parece errado tocar algo tão cegamente puro com mãos tão ensanguentadas. Minha alma está manchada com a morte e encharcada no arrependimento disso.

Eu nunca pedi por essa brutalidade, essa escuridão. Foi pedido de mim.

Limpando minha garganta apertada, levanto um dos quadrados para a luz da lâmpada. "Que tal este?"

Ellie se inclina, seus olhos castanhos traçando o tênue padrão de videiras entrelaçadas gravadas em linha branca. “É lindo.” Com um sorriso triste, ela acrescenta, “Adena teria adorado.”

“Ela teria ficado com ciúmes do bordado”, concordo com uma risada leve. “Ela sempre odiou fazer isso sozinha.”

Ellie me observa passar o polegar no tecido algumas dezenas de vezes antes de dizer: "Vou contar à costureira o que você escolheu."

Concordo e, entorpecida, recolho o tecido em uma pilha que Ellie enfia debaixo do braço. “Amanhã”, ela insiste docemente, “nós colheremos as flores para a cerimônia.”

Gemendo, inclino minha cabeça para trás contra a parede. “Se eu escolher agora, estarei livre dessas decisões?”

“Eu suponho, mas—”

“Perfeito,” eu digo alegremente. “Rosas.”

Ellie me dá um olhar de quem sabe. “Essa é só a primeira flor que me veio à mente?”

“Talvez, mas parece apropriado”, eu defendo. “Admiro a rosa e seus espinhos. Até as coisas mais bonitas podem morder.”

Lentamente, Ellie concorda com a cabeça. "Então rosas." Eu a observo se movimentar pelo quarto mais uma vez, garantindo que tudo esteja em ordem para a noite. “E certamente serão fáceis de encontrar. Há um jardim de rosas particular aqui no terreno. Bonitas rosas, eu acho.” Eu a afasto quando ela tenta afofar o travesseiro atrás das minhas costas. “Agora” — ela ajeita minhas botas ao lado do guarda-roupa — “te vejo de manhã, senhorita.”

Eu balanço minha cabeça para ela, mesmo com um sorriso nos meus lábios. "Boa noite, Ellie."

Inclinando a cabeça timidamente, ela diz baixinho: "Boa noite, Paedyn".

Eu a observo sair pela porta antes de estender meus membros cansados na cama. Mesmo depois de eu ter feito pouco mais do que desperdiçar o dia e aproveitar ao máximo dormir em chão firme novamente, minhas pálpebras ainda conseguem cair. A adaga sob meu travesseiro é um conforto que agarro enquanto adormeço.

Sonho com Adena, como sempre. É desagradável, como sempre é.

A lembrança de sua morte ressurge, girando para dentro e para fora de foco. Uma colagem de todas as maneiras pelas quais eu deveria tê-la salvado brinca atrás de minhas pálpebras pesadas. Este pesadelo é tão torturante quanto todos os anteriores, e eu arranho inutilmente meu subconsciente para me libertar dele.

Quando finalmente acordo, é com a testa suada e o céu ainda escuro. Porém, o mais alarmante de tudo é o plano que determinei. Com a mente definida e o coração dolorido, fico de pé. Não me incomodo em trocar minha blusa larga e as calças finas por baixo, embora eu rapidamente adicione o colete rasgado de Adena ao conjunto. É justo visitar nossa casa com ela me abraçando de perto.

Saio para o corredor escuro, parecendo a moradora de Loot que eu já fui, pronta para roubar um príncipe desavisado. É apropriado que eu pareça com meu antigo eu, me sinta como a garota que tenta sobreviver a um nascer do sol de cada vez.

Antes de ser a Salvadora Prateada, a matadora de reis, a futura rainha, eu era Paedyn Gray.

E ela está indo para casa.

Uma luz suave desliza entre os paralelepípedos rachados e sobe pelas paredes fuliginosas. Eu respiro o cheiro familiar de Loot, quase engasgando com o ar espesso. Meus sentidos são bombardeados com o passado e todas as memórias que o acompanham.

O amanhecer ousa rastejar sobre o horizonte, pintando o beco com um brilho quente. Enquanto caminhava por aquele caminho de cascalho da Bowl Arena, observei a noite fugir lentamente de um sol nascente. Essas horas silenciosas foram gastas revivendo a última vez que tropecei naquela estrada, ensanguentado e quebrado. Passei pela árvore cujas raízes são decoradas com aquele maço de miosótis, passei pelas pedras e plantas que antes estavam manchadas com meu sangue. Para

onde quer que eu olhasse, meu passado me encarava.

Ele ainda me segue, aqui em Loot. Eu caminho pelos mesmos paralelepípedos irregulares, desvio dos mesmos imperiais zombeteiros. No entanto, eu nunca estive tão ciente do fedor teimoso que incessantemente emana das favelas, desde que fiquei no castelo.

Essa percepção dói um pouco, um lembrete de tudo que não sou mais. Muito de mim vive nessas ruas, tanto o quebrado quanto o resiliente. Adena mora aqui, em cada brisa morna e faixa colorida. Seu nome está escrito nas pedras em que piso, e deixo sua presença suave me levar de volta para casa.

Os comerciantes rolam suas carroças bem no meu caminho, me interrompendo com um bocejo despreocupado. Alguns começam o dia cedo na esperança de reivindicar as partes mais populosas de Loot. Eu examino as barracas frágeis enquanto passo, encontrando a escassez de recursos em exposição. Comida era algo que eu raramente pagava, muito menos observava por muito tempo antes de enfiá-la na boca. Ainda assim, eu a vi diminuir ao longo dos anos, lentamente o suficiente para que apenas os comerciantes soubessem por um longo tempo.

Eu estava tão ocupado sobrevivendo nas ruas de Loot que não sabia extensão do que estava acontecendo com eles. Sem-teto amontoados contra prédios em ruínas, sem cama para dormir ou dinheiro para viver. Uma pilha de pãezinhos pegajosos brilha na carroça de um comerciante, cada um custando absurdos cinco xelins. Percebo agora que nunca paguei por um, e, portanto, não tenho ideia de quão cara *a vida* se tornou. Mais do que nunca, vejo Ilya pelo que ele é — uma bagunça.

Mas isso vai mudar.

Puxo o colete puído ao meu redor e acelero o passo. Uma pequena multidão se espalha pelo beco, roubando a comida que podem pagar. Eu ziguezagueio entre os corpos, e parece que estou voltando a um ritmo familiar. A tranquilidade de se misturar é uma beleza que nem o castelo pode me oferecer. Não sinto paz assim desde...

Desde que deixei Adena para as Provas de Purificação.

O pensamento desaparece quando o Forte aparece à vista.

Meu coração gagueja ao lembrar de sua peça perdida. Eu tropeço em direção ao fim do beco, meus olhos presos na barricada. Um raio de sol roça o tapete gasto e me alcança para me juntar a ele.

O Forte se aproxima, e meu pulso acelera. Olhando através das sombras, eu vacilo com a falta de familiaridade diante de mim.

Esta não é a casa que deixei.

Não, este forte agora ostenta uma faixa colorida acima dele. Os quadrados de tecido foram costurados no fio, prova meticulosa de que isso foi obra de Adena.

Parece que não consigo respirar.

Atrás da barreira, nossos pertences foram reorganizados. A pilha usual de panos está organizada cuidadosamente ao lado de um cobertor e travesseiro novos que nunca tive a chance de compartilhar com ela.

Mesmo na luz fraca, sua vibração transparece no espaço.

E eu tremo na presença disso.

Meus joelhos batem no paralelepípedo e eu acolho o choque da dor.

É como se eu esperasse que ela estivesse sentada ali, esperando que eu retornasse de

um dia de roubo. Como se ela fosse atravessar nosso forte e viesse pulando em minha direção em busca de um pãozinho pegajoso. Como se eu não segurasse o corpo moribundo de Adena no meu colo ou visse seu sangue jorrando entre meus dedos a cada olhar para minhas mãos incapazes.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha, salpicando o chão com uma gota da minha angústia.

Ela estava me esperando voltar para casa.

Passos abafados soam atrás de mim.

Mas ela nunca chegou em casa.

Meu olhar permanece distante, mesmo quando uma voz profunda ressoa atrás de mim.

"Este beco está ocupado. Você terá que encontrar outro lugar para—"

Eu me viro para deixar meu olhar lacrimoso cair sobre esse estranho.

Seus olhos castanhos se arregalam com um reconhecimento que não compartilho. Fios de cabelo preto caem em volta de maçãs do rosto fortes enquanto o resto está preso para trás com uma tira frouxa. Pisco para a solitária mecha prateada se enfiando em meio a tanta escuridão, como se uma mecha do meu próprio cabelo vivesse em sua cabeça.

"É você", ele sussurra.

A cicatriz cortando seus lábios se curva com as palavras. Fico tenso. "E quem é você?"

"Depois de todo esse tempo, você finalmente voltou para visitá-la", ele murmura.

A compreensão surge, tão ofuscantemente clara que tenho que piscar. "Você é o garoto. Aquele que Adena estava vendo durante os Trials."

Ele afunda no paralelepípedo ao meu lado, e na luz da manhã, eu posso apenas ver as manchas escuras sob seus olhos. É mais do que uma falta de sono em torno de seu olhar; é um punhado de hematomas. "Ela falava sobre você o tempo todo. E então ela morreu por simplesmente conhecer você."

Suas palavras são uma faca cega no meu peito. "Eu sei." Eu engasgo com a emoção na minha garganta. "Deveria ter sido eu. Não ela."

Aqueles olhos castanhos perfuraram os meus. "Ela estava vindo para ver você, há muito tempo. antes de ser convocada como sua costureira. Nós tínhamos tudo planejado."

"Não entendo." Minhas costas batem na parede suja. "Como vocês dois...?"

"Hera era minha prima," o homem diz estupidamente. "Quando descobri o quão próximas você e Adena eram, eu sabia que ela me ajudaria a entrar no castelo, só para te ver."

"Então Hera morreu no primeiro julgamento", lembro-me entorpecidamente da lembrança de Braxton enfiando uma lâmina em seu peito invisível.

"E Dena no final."

Sinto o momento em que meu coração se despedaça, sinto os cacos dele perfurando meus pulmões até que eu fique sem ar.

Dena.

Ela era minha A. Mas ela era sua Dena.

"Sinto muito," eu engasgo. "Sinto muito, muito mesmo. Sobre Hera. Sobre..." Uma lágrima escorre pela minha bochecha. "Sobre Dena. Eu não pude salvá-la. Por

que eu não a salvei?"

Algo se move por trás de seu olhar escuro. Talvez seja pena ou outra emoção totalmente degradante. Mas eu vejo isso começar a sufocar aquela expressão pétrea, corroer a raiva gravada nos cantos de seus olhos. Duvido que este seja o monstro que ele esperava enfrentar. Em vez disso, uma garota encolhida e chorando está desmoronando diante dele.

"Isso é tudo culpa minha." Volto meu olhar embaçado para o Forte, cada cor brilhante uma zombaria sem ela aqui. "Ela redecorou para mim. Para me surpreender quando eu voltasse dos Trials." Lágrimas estão caindo na frente desse estranho, mas não consigo encontrar força de vontade para me importar. "Mas foi ela que nunca voltou. E é tudo culpa minha. Isso é tudo culpa minha—"

"Eu também não consegui salvá-la." O estranho parece engasgado. É preciso esse pensamento para que eu perceba o quanto ele é mais do que isso. Este homem é um dos últimos pedaços de Adena. "Eu... eu não pude fazer nada além de vê-la morrer."

"Você estava lá por ela quando eu não pude estar," eu digo firmemente. "E isso foi o suficiente."

Ele balança a cabeça de cabelos escuros para os paralelepípedos abaixo de nós. "Passei semanas com tanta raiva de você. Da garota que a matou."

"Eu também." Quase rio, mesmo que as lágrimas se recusem a fugir do meu olhar. "Você não pode me culpar — ou Blair — mais do que eu já fiz."

O silêncio que se estende entre nós só me lembra de Adena. Ela não está aqui para preenchê-lo.

O homem se move, deslizando da sombra que antes o cobria. Deixo meu olhar cair de seu rosto pela primeira vez, como se a luz opaca tivesse me tentado a investigar mais. Meu olhar percorre seus ombros largos, então o tecido pendurado sobre eles. O colete preto é cortado rente ao corpo com bolsos e bolsos e—

Eu conheço esses bolsos.

Meu queixo cai. Olho para meus próprios bolsos rasgados.

"Ela fez um colete para você."

O estranho agora encara o tecido verde-oliva enrolado em mim, seus olhos escuros vidrados. "Ela fez."

Todo o ar deixou meus pulmões. A dor envolve meu corpo, sufocando até esmagar minha vontade, minha esperança, meu coração. Lamento Adena novamente, porque eu não fui o único que ela perdeu. Dois grandes amores foram deixados para trás, e ambos abraçam o que resta dela perto do coração.

Lágrimas caem, mas não me importo que minha vulnerabilidade esteja em exibição. Ajoelho-me aos pés do nosso forte e choro pela garota que um dia o iluminou. O estranho dá um tapa na bochecha, mas é rápido em mirar os planos afiados do rosto no chão.

"Qual é o seu nome?", finalmente consigo sussurrar.

Ele leva um longo momento para encontrar uma resposta. "Mak."

Concordo rapidamente, a ação sacudindo lágrimas dos meus cílios. "Posso..." Minha voz falha. "Posso te dar um abraço, Mak?"

Ele não faz isso por mim. Posso dizer pela tensão de seus ombros. Não, ele faz isso por sua Dena — minha A. Nós caímos um no outro, corpos tremendo de tristeza e raiva. Em seu abraço, entendo como alguém tão rígido e estoico só poderia ser

moldado pelas mãos mais gentis. Ele foi atraído pelo calor de Adena, para sempre impresso por seus dedos de costura agora quebrados.

Nós nos abraçamos, estranhos conectados por um amor mútuo. E quando Mak finalmente se afasta, seus olhos estão vermelhos, um raio de sol cai pesadamente sobre nossos corpos ajoelhados. O raio de luz nos cobre completamente o suficiente para secar as lágrimas que mancham minhas bochechas.

A cicatriz cortando os lábios de Mak se curva com um sorriso triste. "O quê?", pergunto fracamente. Este homem não parece ser do tipo que sorri facilmente, embora isso possa ter sido o caso apenas antes de Adena lhe dar uma razão para isso.

Ele fecha os olhos para aproveitar a luz quente. “Só admirando o sol.”



CAPÍTULO 38

Kai

O sol acorda antes mesmo de eu dormir.

Ele me espia por trás da sequência de nuvens laranja que sufocam o horizonte. Só quando uma luz suave assustou as sombras e uma brisa morna roçou minha pele suada, percebi que minha noite foi passada no ringue de treinamento.

Eu balanço uma espada ao meu lado, repetindo os mesmos movimentos que tenho feito desde que pisei neste círculo de terra batida. A ponta cega da minha lâmina encontra o boneco de treino lascado à minha frente com um baque. Com uma série de movimentos rápidos, eu teria estripado completamente uma figura não esculpida em madeira.

“Você precisa de algo mais desafiador para vencer.”

Sorrio ao som da voz de Kitt enquanto puxo minha espada alojada para fora. "O que, você está oferecendo?"

Eu o vejo entrar no ringue com uma leve tosse. “Eu poderia usar o exercício. Plague sabe que não luto com você há semanas.”

“Você sente falta de levar uma surra, não é?”

Ele pega a espada cega que eu jogo para ele. “Talvez eu tenha perdido o gasto tempo com você, irmão. Mesmo que isso signifique levar uma surra.”

Começo a andar lentamente em círculos ao redor do ringue, Kitt me seguindo com sua arma erguida. "Não fique todo mole comigo." Meu sorriso é torto. "Prefiro não me sentir mal por te jogar por aí."

Eu seguro o corte da lâmina dele com a minha.

Ele usa um sorriso selvagem enquanto se afasta e tenta um golpe em minhas costelas. Eu desvio rapidamente antes de golpear minha lâmina em sua direção. Kitt se abaixa, deixando para trás o swoosh de ar rasgado quando o aço opaco varre sua cabeça loira. "Parece que não estou muito fora de prática depois de um—"

O punho da minha espada encontra seu estômago desprotegido. Suas palavras se transformam em uma tosse, meu sorriso em uma risada. "Falou cedo demais, Kitty."

Ele suga uma respiração trêmula. “Bem, isso... certamente me acordou.”

Endireitando-se, ele avança em mim com uma velocidade que eu não esperava. Sou empurrado em direção à borda do ringue enquanto nossas lâminas se chocam. Isso me permite um momento para avaliar meu oponente, estudar as olheiras sob os olhos de Kitt e o leve buraco em suas bochechas. Até mesmo a força por trás de sua lâmina parece enfraquecida. "Estão..." O escrutínio paralisa minhas palavras. "Você está bem?"

Kitt se afasta. “Por que você pergunta?”

Eu balanço a cabeça, sem saber o que estou sentindo. Seu poder se enrola sob minha pele e desliza entre minhas tentativas de agarrá-lo. “Algo... parece diferente.”

“Eu tenho estado um pouco indisposta ultimamente. Vai passar, tenho certeza.

Agora," Kitt arfa, "você ficou aqui fora a noite toda?"

Minha risada é bufada. Ele evita meu avanço. "Depois de todos esses anos, isso não deveria te surpreender."

Sua lâmina faz um arco no ar antes de bater na minha. "Achei que você estava com Paedyn."

Meus movimentos gaguejam o suficiente para que ele acerte um golpe sólido de aço em minhas costelas. Eu resmungo contra a dor antes de derrubar sua espada para o lado. "Eu não..." Agora estou ofegante. "Eu não a vejo desde o porão."

Kitt consegue dar de ombros em meio ao movimento de nossas armas. "Estou surpreso."

Bloqueio seu golpe e olho fixamente entre as lâminas cruzadas para as feições geladas do meu irmão. "E por que isso te surpreenderia?"

Ele se afasta. "Você sabe por quê."

"Ilumine-me", eu desafio.

"Porque você a ama!" A admissão áspera parece assustar até ele. Eu encaro Kitt, o peito arfando e a espada pendurada ao meu lado. Ele limpa a garganta. "Talvez mais do que qualquer coisa."

Meu coração bate forte — um lembrete de que cada batida pertence a ela.

"Não seja ridícula, Kitty," eu desvio. "Ela é sua noiva."

"E eu sou seu irmão," ele diz rapidamente. "Sempre. Não importa o que."

Seu tom sugere que essa é uma pergunta que eu devo responder. Não é a primeira vez que Kitt anda na ponta dos pés em torno do assunto que são nossos futuros interligados. Ele quer ouvir que seu casamento com Paedyn não mudará nada entre nós. E, pelo nosso bem, vou fingir que ainda não mudou.

"Você e eu." Minha garganta está seca. "Sempre."

Nós compartilhamos um sorriso caloroso antes que as espadas se choquem entre nós.

Uma dança familiar puxa nossos pés. Nós deslizamos para uma espécie de caos gracioso, um que tem sido praticado desde a infância. Este mesmo anel de terra abaixo de nós tem quebrado muitas quedas ao longo dos anos. Lembro-me dos dias em que eu implorava ao Pai para deixar Kitt treinar comigo até que, de repente, eu não precisava mais pedir permissão. Dois príncipes se tornaram homens aqui, mas sempre retornamos àquela mesma sequência de movimentos praticados.

Kitt sorri levemente por trás da rajada de aço, seu olhar distante com reminiscências. Seguimos um padrão, uma estrutura, uma sequência memorizada de passos. Essa dança cruel é uma que criamos quando meninos — e parece tranquilidade.

Nossos movimentos são precisos. Cada golpe da espada é certeiro.

Eu enfio minha lâmina em direção ao seu peito e estremeço quando o golpe acerta. Kitt geme com a cutucada de uma espada cega. Ele recua, quebrando o transe que antes compartilhávamos.

"Você deveria desviar disso, Kitt", digo com simpatia.

Ele esfrega o que logo será um hematoma florescente sob sua túnica. "É, bem, eu esqueci. É por isso que eu sou o rei, e você é meu Enforcer. Eu não sou bom em lutar minhas próprias batalhas."

Eu rio. "Vamos lá, você conhece esses passos." Minha palma dá um tapinha gentil

em sua bochecha. “Vamos fazer de novo.”

“Pragas, vocês dormem alguma vez?”

Eu dou a ele um olhar cético. “Você?”

Seu sorriso é triste. “Justo, Enforcer.”



CAPÍTULO 39

Pedyn-P ...

Um pedaço de pergaminho desliza por baixo da minha porta.

O som farfalhante me faz levantar os olhos do meu livro a contragosto. Desdobrando membros rígidos, levanto-me da cama e vou até esse mistério dobrado. Todo o meu ser está cansado, esgotado mental e fisicamente após minha jornada até Loot. Então, quando me abaixo para pegar o papel, mal consigo encontrar energia para ficar intrigado.

Isto é, até eu ouvir sua voz acompanhando cada palavra extensa.

Você disse para eu me comportar da melhor forma possível, e eu não posso fazer isso se estiver na mesma sala que você. Além disso, tudo o que eu faço é passar meus dias no pátio de treinamento, tentando ensinar um bando de preguiçosos a socar. Isso me lembra de quando eu tive que fazer o mesmo por você. E não revire os olhos; eu sei que você adorou.

Por enquanto, isso terá que ser nosso fingimento. Kitt passou a maior parte da manhã comigo, e ele parecia bem. Ótimo, até. Mas eu conheço meu irmão. Acho que ele está tentando me manter longe de você, nos distanciando lentamente. Talvez ele queira você tanto quanto eu, mas não ao preço de me perder. Ele quer nós dois. Eu conheço o sentimento.

Agora, por favor, me entretenha, querida. Estou entediada. O que devo fazer se não contar suas sardas?

Seu Bastardo Arrogante

Só quando termino de ler é que sinto o sorriso idiota nos meus lábios, mesmo apesar da noção preocupante que ele expressou. Balançando a cabeça para suas palavras, determino fazê-lo sorrir para as minhas. A grande escrivaninha que adorna o lado mais distante do meu quarto não foi tocada desde meu retorno. Sentando-me na cadeira dura, vasculho as muitas gavetas em busca de papel e um utensílio de escrita.

Olho para a variedade de itens recuperados antes de finalmente deixar a tinta manchar o pergaminho.

Vejo que você finalmente assinou seu nome corretamente. Já era hora. Agora, não tenho certeza se alguma coisa que eu tenha a dizer é divertida, então vou divagar até que algo interessante caia na página. Não se esqueça de que você pediu por isso, seu bastardo convencido.

Eu tinha que escolher o tecido para o meu vestido de noiva. Claro, isso só me lembrou que Adena não é quem o faz. Então, quando vi o Forte esta manhã com todo aquele tecido que cheirava a ela, e a tesoura que usei para cortar sua franja —

Já mencionei que fui para Loot? Talvez eu devesse ter começado por aí. Eu só precisava ver o Forte e fugir do meu futuro por um tempo. Mas eu conheci um

novo amigo lá, um que amava Adena tanto quanto. Foi legal, não estar sozinho na minha dor.

De qualquer forma, duvido que você queira ouvir sobre os planos do casamento ou qual flor eu escolhi para o meu buquê. Estou tentando não focar em Kitt e minha incapacidade de lê-lo. Só saiba que se eu pudesse fazer tudo de novo, eu teríamos fugido daquele campo de papoulas com você quando tivemos a chance.

Agora, vá bater em um Imperial para mim hoje, pode ser? Ou eu poderia te lembrar o quão bem eu consigo dar um soco — você parece ter esquecido. E, sim, eu revirei os olhos.

(Precisamos encontrar um hobby para você que não inclua contar minhas sardas. Quantas são mesmo? Vinte e três?)

Seu pai

Deslizo o bilhete por baixo da porta dele, embora eu saiba que ele não está do outro lado. Várias horas se passam antes que o Enforcer se retire para seu quarto para uma curta pausa no treinamento, e logo depois, uma resposta é colocada no meu quarto.

Estou feliz que você conseguiu visitar o Forte depois de tudo o que aconteceu. Você merece ter esse tempo com Adena. Eu só queria saber. Nós dois sabemos que você pode se cuidar, mas isso não me impede de me preocupar com você.

Quanto a esses planos de casamento, parece-me que você está ficando com medo, Gray. Ainda podemos tentar fugir, sabe. Volte para o Shallows. Encontre Astrum e continue navegando. É só dizer.

(Vinte e oito, querida. Mas eu poderia recontar se você quiser.)

Seu Bastardo Arrogante

Minha próxima nota é entregue pessoalmente. Passo pelo Enforcer a caminho do jantar com seu irmão. A sujeira mancha sua testa, misturada com um brilho de suor que foi provocado pelo sol forte lá fora. Seu cabelo preto desgrenhado ondula quando ele olha para cima, olhos cinzentos me perfurando. Meu coração para ao vê-lo. Faz dias que não falamos em particular, e estou tentada a empurrá-lo em direção ao armário de vassouras para onde ele uma vez me carregou.

Mas há tantos olhos neste castelo, tantos motivos para fingir com o Enforcer. Eu seguro seu olhar porque é tudo o que me é permitido. Ele segura o meu porque é o único pedaço de mim que ele pode ter. Eu me agarro a este momento em que escapamos do futuro.

Kai passa a passos largos. Nossas mãos se tocam. Meu coração gagueja. O bilhete desliza entre seus dedos.

Você sabe em primeira mão que meus pés estão sempre frios. Mas você é todo latido e nada de mordida, Azer. Sua lealdade está aqui com Kitt, então não finja que você iria fugir comigo. O rei é seu dever e casar com ele é meu. Mas sempre teremos o salgueiro.

(Você terá que chegar perto o suficiente para contá-los, Príncipe.)

Seu pai

"Boa noite, Paedyn."

Entro na sala do trono, com minhas esperanças altas. "Boa noite, Kitt."

Nós comemos. Conversamos à toa. Tentamos consertar o vínculo que tínhamos antes.

"Algum plano para a noite?"

Sorrio para sua pergunta. "Só o de sempre."

Na verdade, tenho uma noite muito emocionante pela frente, uma que o rei jamais permitiria se soubesse.

Quase piso na resposta de Kai quando volto para o meu quarto.

Você acha que eu não imploraria para fugir com você? Meu dever pode ser com o rei, mas meu coração, Pae, está onde quer que você esteja. está na palma das suas mãos, na ponta do seu polegar. Então, se você for embora, eu seguirei. Se você ficar, eu me curvarei. Porque nunca houve um momento em que você não possuía a única parte de mim que importava — amar você me fez importar. E eu anseio por estar completa novamente.

Sento-me ali, atordoado e imóvel, e olhando para o próprio significado da devoção. Nunca testemunhei a beleza parecer tão contente em sua fragilidade. Sem vergonha, ele implora por mim. Sem vacilar, ele coloca todas as máscaras aos meus pés.

Meu olhar cai na linha final, e o canto da minha boca se contrai para cima.

(Ah, eu posso morder. Você só precisa pedir, querida.)

Deslizo seu bilhete para a gaveta da minha mesa de cabeceira, reunindo-o com os outros antes de me sentar na escrivaninha. O anel do meu pai bate contra a madeira enquanto eu luto para escrever aquelas três pequenas palavras que obstruem minha garganta. Elas são aparentemente inofensivas até que aqueles que as ganham são arrancados de mim. Eu balanço minha cabeça, escrevendo em vez disso uma curta sequência de letras.

No papel, você realmente parece um poeta. Ou um tolo. Não vou deixar você se arruinar por mim.

Sua resposta chega rapidamente.

Quero que você seja minha ruína, lembra?



Édrico

Os príncipes são inseparáveis.

Kitt equilibra um livro no colo, embora seja difícil se concentrar em qualquer coisa com seu irmão mais novo balançando uma espada de madeira em seu rosto. Myla se levanta para pentear o cabelo rebelde de Kai, tudo isso enquanto ignora o bufo de irritação do garoto. Com o virar de uma página, o herdeiro de Edric fica repentinamente estudioso na presença de uma mãe que não é sua.

Ambos os meninos ouviram continuamente a mesma mentira que o reino além dos muros do castelo. A mãe de Kitt morreu ao dar à luz antes que o rei se casasse novamente e tivesse Kai, tornando os príncipes meio-irmãos. Isso é o que eles sabem ser verdade. Qualquer um que saiba diferente faz parte da equipe, jura segredo e é escondido dentro do palácio.

Nos muitos anos de casamento de Edric com Myla Rowe, um tipo único de amor floresceu entre eles. Ela era ousada e teimosa de uma forma que Iris nunca fora, conseguindo irritar o rei mais do que ele queria admitir. Foi uma estrada rochosa que os levou um ao outro, uma que nenhum dos dois imaginava trilhar. Mas o coração de pedra de Edric começou a bater novamente, ainda apenas por sua Myla.

A família atravanca o escritório do rei, embora dois membros estejam desaparecidos. Um é uma criança fraca que permanece na torre oeste, e o outro é uma princesa esquecida que é apenas isso. Edric não pensa mais na filha que ele condenou à morte. Em vez disso, o fim de Iris por algo tão fraco quanto um Ordinário apenas inflama seu ódio por eles. E ele não vai parar por nada até que seu reino se livre de

todos os últimos. Eles foram um erro que ele está determinado a remediar.

Myla olha para o marido, observando-o examinar a poça de pergaminho em sua mesa. Ela oferece a ele aquele sorriso brilhante, aquele que Edric passou o primeiro ano de casamento arrancando dela. Para sua esposa, o rei sorri de volta.

Percebendo uma estranha demonstração de emoção, Kitt se endireita antes de sorrir para o pai.

Edric apenas acena para o livro na mão de seu herdeiro e não sorri de volta.



CAPÍTULO 40

Pedyn-P ...

Os corredores estão silenciosos a esta hora.

Sombras pintam a moldura ornamentada com uma luz sinistra enquanto passo. Passei o dia inteiro confinado no meu quarto ou colocando bilhetes embaixo da porta de Kai. Foi uma distração agradável até o anoitecer. Mas agora estou indo restaurar o equilíbrio do mundo, a paz da minha mente. Estou ansioso para fazer isso desde aquele teste final, desde que retornei do Forte com a vingança reacendida.

Eu viro uma esquina e—

Um lampejo de lilás ao luar.

Lá está ela, casualmente encostada na parede. Um olhar sem graça repousa no rosto que ela vira para mim, o tédio vincando sua testa. "Então, aparentemente, você acha que pode me matar."

Minha adaga já está presa entre dedos trêmulos. A imagem do corpo mole de Adena no meu colo é tudo o que vejo quando encontro o olhar insensível de Blair. Penso em Mak e sua dor que amplia a minha. A raiva explode atrás da minha visão, a fúria me cega momentaneamente enquanto caminho em sua direção. "Eu farei muito pior", eu ofego. "Eu farei você implorar."

A risada de Blair é ofegante. “Sabe, eu gosto muito mais de você assim. É uma pena que você esteja tentando me matar quando poderíamos ser tão bons amigos.”

Não penso antes de sacudir a adaga na minha mão e lançá-la em seu rosto. Ela gira pelo ar em uma tentativa fraca. Sei que ela simplesmente parará com sua mente. Mas não me importo. Estou contente em deixá-la se encolher atrás de uma habilidade, mesmo que seja apenas para poder ver a vida piscar em seus olhos.

Eles são cruéis, esses pensamentos. Cruéis. Tão diferentes de Adena—

Adena não está mais aqui para me salvar de mim mesmo.

Blair solta um assobio baixo enquanto olha para o comprimento da minha lâmina. A ponta está a poucos centímetros de enterrar-se entre os olhos dela. "Eu não achei que você tinha isso em você, Gray." Ela deixa a adaga cair no chão. "Você é diferente."

Eu mostro meus dentes. “Você me fez assim.”

Ela recua, estalando a língua. "Não, isso sempre esteve dentro de você." A luz de velas se acumula no corredor quando ela abre a porta do quarto e entra. "Você só queria alguém para culpar por isso."

Pegando minha adaga do chão, eu a sigo para dentro do quarto. A lâmina treme na minha mão erguida. "Você não me conhece. Você não sabe o que eu passei."

“Pragas, Paedyn!” Blair se inclina contra um poste da cama com um revirar de olhos. “Não aja como se você fosse a única que passou por alguma merda. Sim, eu matei seu amigo, e você sabe de uma coisa?” Sua garganta balança na luz bruxuleante. “Isso me assombra. Mas esse foi o Julgamento. E eu venci.”

Um estrondo atrás de nós me faz girar em direção à porta.

Um Imperial arfa na porta, seu cabelo vermelho ondulando à luz do fogo. "Que diabos?" Os olhos de Lenny disparam entre nós. "Paedyn, você precisa ir para a direita —"

"Quieto, gingirinho," Blair bufa. Seus olhos nunca deixam os meus enquanto ela joga o corpo dele contra a parede, prendendo-o ali com sua mente. "As meninas estão conversando."

"Paedyn!" Lenny se contorce contra o aperto de Blair em seu corpo. "Por favor, você não pode fazer isso!"

"Pessoalmente, eu concordo." Blair me dá um olhar sem graça. "Eu acho que você também não consegue."

Eu ataco.

Meus pés batem contra o chão de madeira, desviando das dezenas de velas espalhadas por ele. Adaga na mão, eu—

Eu paro.

De repente meu corpo fica preso.

Eu me enfureço contra o poder de Blair, rugindo quando sua mente aperta seu domínio em volta de mim. "Eu realmente me maravilho", ela diz calmamente, "com o quão incrivelmente comum você é."

Eu ainda estou dentro de seu domínio invisível.

Porque pela primeira vez na minha vida, não ouço fraqueza nessas palavras.

Não, eu ouço uma garotinha chorando sobre o corpo morto de seu pai e sobrevivendo apesar disso. Eu ouço o rugido de uma multidão de Elite, cantando para o Ordinário sob seus narizes que criou seu próprio poder. Eu ouço força onde antes havia vergonha, destemor onde antes eu me encolhia.

Um sorriso lento se espalha pelos meus lábios. Blair pisca para a expressão, um lampejo de medo passando por suas feições.

"É claro que você se maravilha com isso", eu digo lentamente. "Porque você nunca conhecerá o poder real. O seu foi dado. Mas o meu..." Eu balanço minha cabeça. "O meu foi encontrado."

Ela fica boquiaberta. "Eu poderia esmagar seu coração com um único pensamento."

"Talvez sua habilidade pudesse." Meu olhar é letal. "Mas *você* não conseguiu."

Eu a observo respirar fundo. Observo as palavras saírem de sua boca e ainda não acredito que ela as esteja dizendo. "Sinto muito pelo seu amigo."

Então seus olhos se voltam para Lenny.

E a sala pega fogo.

Uma onda de calor me atinge, e com o domínio de Blair sobre meu corpo agora quebrado, quase caio. O fogo se espalha ao redor dos meus tornozelos, subindo pelos postes da cama para nos engolir inteiros. Não sei como aconteceu, mas de repente estou engasgando com a fumaça espessa.

Blair cambaleia para longe, braços erguidos para proteger o rosto do calor. Salto sobre uma parede de chamas antes que ela possa atingir minhas pernas. Mas não vou para a porta, para escapar desse calor sufocante. A única liberdade que busco reside em acabar com a garota que tirou minha luz.

Eu avanço em direção a ela.

Meu corpo colide com o de Blair, e nós caímos no chão em cima de um rastro de

chamas. Nós dois gritamos enquanto o fogo queima nossa pele, chamusca o cabelo. Mas eu não terminei.

Aquele lado escuro e aterrorizante de mim elimina todo medo, dor e pensamento são enquanto prendo Blair Archer nas tábuas chamuscadas do assoalho. Uma dormência se espalha por mim, como se cada nervo tivesse decidido fechar os olhos para minha violência. O fogo queima através das minhas calças, ondulando ao longo da minha coxa enquanto me inclino sobre seu rosto pálido. Uma fumaça espessa sai das minhas próprias roupas, da minha própria carne, mas ainda assim, não sinto nada.

Flame se enrola para a direita da cabeça de Blair, lambendo aquele cabelo lilás. Ela choraminga, de medo ou dor, não tenho certeza. Não sinto mais nenhum dos dois. A manga de sua túnica está completamente chamuscada para exibir a pele vermelha e irritada por baixo. Memorizo esse momento, até o terror piscando em seu olhar.

A palma da minha mão encontra sua bochecha.

Eu tusso através da fumaça que desce pela minha garganta.

Empurro seu rosto, virando-o lentamente em direção à chama ardente.

O grito de Lenny se perde atrás da parede de fogo que nos cerca.

A cabeça de Blair gira lentamente sob minha palma. "Você não conhece a dor", eu sussurro. Ela luta contra mim com sua própria força, enfraquecida demais para usar seu poder. Eu sorrio. "Não até que ele te espete no peito."

“Por favor”, Blair desabafa.

Eu a empurro para mais perto da chama.

"Por favor..."

Minha voz está uniforme e áspera com a fumaça. “Eu disse que faria você implorar.”

Ela grita quando eu forço seu rosto contra a parede faminta de fogo.

O lado do rosto bonito de Blair borbulha e queima com o calor. Minha mão, ainda empurrada contra sua bochecha ilesa, é chamuscada pela mera proximidade da chama. O fedor de carne frita enche o ar, acompanhado apenas pelos gritos do assassino de Adena.

Tusso novamente e meus pulmões se contraem.

Essa dormência reconfortante sangra do meu corpo até que tudo o que sinto é dor.

E então não sinto mais nada enquanto tudo fica escuro.



CAPÍTULO 41

Kai

“Onde ela está?”

Empurro os Imperiais para o lado, acelerando meu passo pelo corredor apertado. A fumaça paira densamente no ar, saindo de uma sala carbonizada em volta da qual os Hydros se amontoam. Eles fazem o melhor que podem para domar o que resta das chamas com ondas de água.

Lenny está levantando as mãos em sinal de rendição antes mesmo que eu o alcance. “Ela está bem—”

“Leve-me até ela”, eu ordeno.

O Imperial respira fundo. “Ela está com um Healer, mas não precisa se preocupar.”

“Não precisa se preocupar?” Eu quase rio. “Acordei com um Imperial ao lado da minha cama e fumaça no ar. Então vou perguntar de novo. Onde diabos ela está?”

Parecendo completamente derrotado, Lenny relutantemente me conduz pela multidão. Viramos por um corredor silencioso para parar diante de uma porta desavisada. Abrindo-a, Lenny gesticula para que eu entre, onde sou recebido por vários olhares.

Mas é somente o que eu procuro.

Paedyn está sentada em um banco, com as roupas carbonizadas e o cabelo escurecido. Queimaduras correm por todo o corpo, rosadas e com bolhas. Um corte sangrento fica logo acima da testa, fazendo-a estremecer quando um sorriso alcança os olhos abaixo.

Corro até ela, sem me importar com quem testemunha minha preocupação. "Você está bem?"

Ela assente. Estremece. Amaldiçoa a queimadura subindo pelo seu pescoço. "Estou bem", ela finalmente diz, a voz como cascalho. "Tudo aconteceu tão rápido."

Eu respiro fundo, lutando para manter minha voz firme. “Por que você estava no quarto de Blair?”

“Ela...” Seus olhos se movem rapidamente atrás de mim, e eu me viro para encontrar Kitt encostado em uma parede. Ele me dá um aceno lento — ou talvez seja para Paedyn. “Ela praticamente me convidou para entrar. Eu estava com raiva e...”

Os olhos de Paedyn disparam para Lenny, e o olhar suplicante dentro deles o faz suspirar. "Blair me prendeu. Havia velas acesas, e uma deve ter sido derrubada porque, de repente, o quarto pegou fogo." Ele balança a cabeça. "Esta parede de fogo me separava de P, e quando finalmente a tirei de lá... Blair estava..." Lenny engole em seco, seus olhos castanhos brilhando. "Eu cuidei do corpo."

Eu giro em meu Imperial. “Você deveria ter prevenido isso!”

O olhar de Lenny cai. “Senhor, eu—”

“Não foi culpa dele.” A voz de Paedyn está fraca. “Ele não poderia ter impedido.

Eu... eu não o deixaria impedir."

Eu dou a ela um olhar de quem sabe. "Você ainda foi atrás dela, não foi?"

A raiva em seu rosto não mascara a culpa por baixo. Eu sei como é se perder na raiva, no poder de controlar o destino de outra pessoa. E eu vejo isso refletido em suas feições. Minha voz é um murmúrio consolador. "Oh, Pae."

Um Healer dá um passo à frente, então, sua voz sombria. "Bem, é uma coisa boa que a Srta. Gray tenha saído quando saiu. Um pouco mais de tempo e—"

"Eu sei", ouço-me dizer.

"Ela precisa descansar." É Calum quem diz isso, embora eu não me incomode em olhar para ele. "Curar."

"Estou bem", Paedyn diz para mim de um jeito que é apenas um pouco reconfortante.

Uma mão no meu ombro me faz virar. A expressão de Kitt é severa. "Foi um acidente terrível. É o que o pai dela e o resto da corte saberão. Eu vou... encontrar uma maneira de encobrir isso."

Eu aceno, porque é o acordo que ele deseja.

Eu me levanto, porque o olhar de Paedyn diz que ela me encontrará mais tarde.

E eu vou embora, porque ela não é minha para me preocupar.

Nem fiquei surpreso quando ela entrou no meu quarto.

Estou acordado há horas, andando de um lado para o outro na escuridão e esperando que ela apareça para iluminar o ambiente.

"Onde está sua espada? Preciso bater em algo."

Um raio de sol, este.

Eu me inclino contra um poste da cama. "Imagino que você esteja se sentindo melhor?"

Paedyn tira o cabelo úmido dos olhos. "Aquela Curandeira me fez ficar sentada lá por horas. Mesmo depois de cuidar das queimaduras." Ela acena com a mão. "Algo sobre fumaça nos meus pulmões."

Eu aceno lentamente. "O que aconteceu com manter nossa distância?"

"Estou abrindo uma exceção."

"Porque você quer bater em alguma coisa?"

"Sim." Um sorriso presunçoso. "E pela primeira vez, não é você."

"Na verdade, estou um pouco ofendido."

Ela balança a cabeça distraidamente. "Preciso desabafar." Sou espetada com um olhar penetrante. "Espada?"

Lutando contra meu sorriso, pego uma espada surrada do lado da minha mesa. "E o raciocínio por trás desse desejo repentino de violência?"

"De repente?" Ela bufa. "Eu estou chutando sua bunda há muito tempo, Prince."

Eu empurro a espada para a palma dela, nossos corpos se fecham. "Talvez eu sinta falta."

O sorriso dela é perverso. "Talvez você tenha outra oportunidade de perder em breve."

Minha resposta se perde no som do aço cortando madeira. Ela desfere golpes no poste da cama já mutilado. De novo e de novo, a espada afunda na madeira despedaçada, espalhando lascas em seu rastro.

Eu agarro o braço dela, imobilizando os músculos tensos ali antes que ela possa balançar novamente. Cabelos prateados me acertam no rosto quando ela gira, bochechas rosadas de raiva. "O quê?"

O tom dela é mordaz, com a intenção de me afastar com uma única palavra. Mas ela não me assusta — eu quase queria que ela pudesse. A vida seria muito mais fácil se eu não quisesse passá-la com ela. Mas nada tão incrivelmente formidável poderia ser indesejado.

"Pae." Deixei que ela visse a preocupação no meu rosto. Deixei que ela visse a devoção que isso deriva. Deixei que ela visse tudo o que eu não sou e o pouco que eu sou. "O que realmente está acontecendo?"

Seus cílios tremulam. Vejo aquele olhar azul afundar no meu peito e encaro sem expressão. "Eu a matei. Eu... eu era um monstro. A pele dela estava derretendo sob minha palma e ainda assim eu—" Ela suga o ar. "Eu nunca fui tão cruel. Era aterrorizante, essa pessoa que me tornei. Essa escuridão crescendo dentro de mim. E o pior de tudo"—ela engasga—"não ajudou."

Meu coração dói de uma forma que só dói por ela. "Eu sei."

"Eu pensei que isso ajudaria nessa dor", ela sussurra. "Esse buraco no meu coração onde Adena costumava estar. Mas ele ainda está lá." Seus olhos se levantam, cheios de lágrimas. "Tão escancarado quanto estava no dia em que ela morreu em meus braços."

"Eu sei", digo novamente, odiando a dor em seu rosto.

"Isso não a trouxe de volta." A espada cai no chão, suas lágrimas caindo junto. "Eu nunca a terei de volta."

Envolvo meus braços em volta do seu corpo trêmulo, pressionando minha boca no topo de sua cabeça. "Eu sei, amor."

Lágrimas encharcam minha camisa, e ainda assim ela mal faz um som. Eu a seguro firmemente, passando uma mão por seus cabelos úmidos e as costas se esticando por baixo. Ela se derrete contra mim, acalmada pelo toque e muitos murmúrios contra seus cabelos.

Mas quando meu corpo fica rígido, ela levanta seu rosto manchado de lágrimas em direção ao meu. "O que é?"

Bolhas de poder sob minha pele, uma tão familiar que quase não percebo. "Kitt está chegando."

"O quê?" Ela pisca antes de se afastar de mim. "Aqui? Agora?"

Abaixo minha voz. "Sim, e rápido."

Sua habilidade Dual é uma que eu memorizei desde que era garoto, conseguia distinguir em meio a uma multidão. Mas pensando nisso agora, algo parece indescritivelmente *estranho* .

"Bem," ela gagueja. "O que fazemos?"

Meus olhos se voltam para o guarda-roupa.

Ela me dá um olhar sem graça. "Você não pode estar falando sério."

"Você gostaria que seu noivo a encontrasse aqui comigo?"

Seu gemido frustrado é seguido por um exílio no guarda-roupa. Paedyn olha feio enquanto eu a empurro entre minhas roupas, lágrimas momentaneamente esquecidas. Ela pega uma camisa particularmente brilhante e levanta uma sobrancelha. "Eu nunca vi você usar isso."

“Isso seria porque pertence a Jax,” eu digo rapidamente. “Estou ganhando uma aposta. Não se preocupe com isso.”

Com um leve escárnio e balançar de cabeça, começo a fechar as portas na cara dela. "Oh", acrescento baixinho. "Tente não pisar nos meus sapatos. Acabei de engraxá-los."

Eu praticamente posso sentir o rolar de seus olhos, mesmo depois de uma camada espessa de a madeira nos separa. Mas eu mal consegui pegar a espada espalhada antes que minha porta rangesse ao abrir.

Kitt entra hesitantemente no quarto. “Ah, que bom. Você acordou.”

Eu levanto a espada em resposta. “Só estou desabafando.”

“Certo.” O rei parece distraído. “Bem, eu só queria passar aqui e te avisar que o terceiro Julgamento vai acontecer amanhã.”

Meus olhos se arregalam de surpresa, assim como sei que os de Paedyn estão atrás de mim. "Amanhã? Você não vai anunciar isso ao tribunal?"

Kitt esfrega a mão na nuca. Seu olhar está distante, nublado. “É para ser... inesperado. Para Paedyn, pelo menos.” Rapidamente, ele acrescenta, “Vai acontecer no Bowl.”

“Entendo.” Um momento de silêncio se estende entre nós antes de eu perguntar: “Kitt, você está bem?”

Aquele sentimento inquietante me invade novamente quando seu poder desliza por baixo da minha pele. Eu seguro o olhar do meu irmão, mas ele não parece estar olhando para mim. É como se ele tivesse recuado para dentro de sua mente.

“Hmm?” Seu olhar desfocado cai logo acima do meu ombro. “Não. Não, ainda não,” ele murmura distantemente. “Não é hora... Eu preciso da hora certa...”

Olho para trás, não encontrando nada além de ar livre. Suas palavras murmuradas me fazem dar um passo preocupado para frente. “O quê? Kitt, está tudo bem?”

Aqueles olhos verdes voltam para os meus. Ele pisca. Então coloca um sorriso em suas feições. “Sim, não precisa se preocupar. Parece que preciso dormir mais um pouco. Só... só confie em mim. Tenho tudo sob controle.”

Concordo, apesar da minha preocupação. “Claro. Confio minha vida a você.”

Ele tosse. O sorriso que se segue é genuíno. “Eu nunca duvidei disso sobre você.”

Então sua mão está na porta, a mente em outro lugar completamente.

“Você e eu, irmão.”

“Você e eu”, ecoo suavemente.



CAPÍTULO 42

Pedyn-P ...

Estou acordado muito antes de baterem na minha porta.

Na verdade, já estou vestido e pensando demais quando minha escolta para a brutalidade chega. Mal dormi depois de sair do quarto de Kai ontem à noite, com os olhos arregalados de preocupação com o que terei que fazer hoje para provar meu valor.

Com uma respiração profunda, abro a porta. Os olhos de Lenny percorrem meu corpo por trás da máscara, estreitando-se levemente diante da minha falta de desordem. "Estou aqui para escoltá-la até o terceiro Julgamento?" Ele diz isso como uma pergunta, como se não tivesse certeza se é o primeiro a me informar sobre isso.

Eu sorrio firmemente. “Eu tive um palpite.” Deslizando minha adaga na bainha ao meu lado, eu acrescento casualmente, “Pronto?”

“Não tão pronto quanto você”, ele zomba. “Você foi dormir com essas roupas?”

"Estou pronto para acabar logo com isso", retruco.

"Bem, parece que você já está no clima brutal", ele murmura enquanto seguimos pelo longo corredor.

“Eu... sinto muito. Sobre ontem.” Olho hesitante para ele. “Você nunca deveria estar envolvido.”

“E foi uma coisa muito boa que eu estivesse”, ele repreende. “Você quase morreu, P. E eu nunca teria conseguido viver comigo mesmo se você tivesse.”

Suas palavras destroem algo dentro de mim, talvez a indiferença pétrea que construí em volta do meu coração ultimamente. Toco seu braço, esperando dizer algo que meus lábios não conseguem formar.

Os olhos castanhos de Lenny caem para aquele gesto, sorrindo severamente para meus dedos abertos sobre seu uniforme. "E você pode sentir pena de mim, mas certamente não sente pena de Blair."

Engulo em seco e agito minha boca. “Não, não estou. Quer dizer, também não estou feliz com o que fiz. Mas...” Eu me afasto, abraçando um peito batendo. “Mas não me arrependo.”

“Você foi... implacável.” Quando ele finalmente diz a palavra cruel, eu recuo. “Eu nunca vi você assim antes.”

“Nem eu. Não desse jeito.” Evito seu olhar. “Mas tenho visto vislumbres disso desde que fugi de Ilya. Eu... não tenho orgulho disso.”

Ele acena distantemente, o cabelo vermelho ondulando. "Bem, agora você está livre dela."

“Você também”, eu lembro.

“Eh.” Ele vira uma esquina, me puxando junto com ele. “Ela não era tão ruim. Você só conhecia a parte dela que ela tinha que ser.”

Olho de soslaio para ele. “Bem, você não parece muito chateado com a morte

dela."

Ele dá de ombros rigidamente. "Eu a verei novamente. Um dia."

Eu debato zombar de suas palavras, porque duvido que Lenny vá acabar onde Blair chegou. Mas ele de repente está cuspindo outra frase, esta mais leve que a anterior. "Não fique nervoso hoje. Você vai arrasar."

Eu gemo levemente. "Prefiro não matar mais, obrigado."

Saio para a luz do sol, agora ainda mais ofuscante pelas dezenas de uniformes brancos e impecáveis que a refletem. Os imperiais se aglomeram para crie um casulo de corpos ao meu redor enquanto seguimos para o Bowl. O longo caminho para a arena se estende diante de mim como se para unir o passado com este presente sombrio.

A primeira vez que caminhei entre essa fileira de árvores caídas foi para sobreviver.

A segunda, uma promessa.

E agora, um título.

As flores rosas que uma vez caíram dessas árvores estão mortas há muito tempo — não muito diferente de tantas outras coisas desde então. Elas estalam sob minhas botas, uma mera memória decadente. Eu puxo minha promessa a Adena mais firmemente ao meu redor, sentindo a ponta desfiada do que sobrou dela. Eu vejo as flores sob meus pés que uma vez cobriram a cabeça de um príncipe, coroando-o muito antes de minha brutalidade torná-lo rei.

Meus olhos vagam por esse túnel de árvores, cada extremidade me levando ao desconhecido.

Certa vez, arrisquei minha vida por um pedaço de Adena.

Agora, caminho em direção a um reino que não me quer.

Em breve, poderei me sacrificar na esperança de significar algo mais na morte do que significuei na vida.

Caminhamos em silêncio pelo caminho, nada além do som de pétalas sendo esmagadas passando entre nós. Giro o anel no meu polegar incessantemente, implorando à faixa de aço para me acalmar. Lenny fica ao meu lado, ocasionalmente lançando um olhar de soslaio para minha inquietação.

Mas o silêncio foge à vista da Taça.

Um estrondo distante cresce a cada passo. O bater de pés aumenta, seguido por uma orquestra de gritos e vivas. Meu coração bate no ritmo, tamborilando em meus ouvidos enquanto avançamos para a sombra ameaçadora do Bowl.

Meu olhar permanece ao lado de um dos muitos túneis que levam àquela estrutura de pedra. O corpo sem vida do rei já se foi há muito tempo, o sangue foi lavado, mas a cicatriz acima do meu coração ainda queima com a memória de um menina manchada de lama à mercê de um monstro. Até que ela mesma se tornou um.

Para onde quer que eu olhe, o passado permanece.

Lá, um Enforcer nasceu. Pairando sobre o corpo de seu pai, ele lançou uma lâmina com a mira de um guerreiro, mas o coração condenatório de um tolo. Ainda posso sentir aquela faca cortando o ar ao meu lado, a intenção sozinha a afastando da minha carne.

Aqui, ele me disse para correr. E eu corri.

De volta aos seus braços.

Nossos passos ecoam no túnel de pedra agora, a extensão de cinza nos levando a

uma explosão de caos e cor. Esta arena já foi preenchida com membros da Resistência, cobertos com o sangue daqueles corajosos o suficiente para lutar por si mesmos, mas fracos demais para vencer.

Os aplausos abafados de milhares crescem para um rugido suave enquanto emerjo da pedra ao redor. O sol me observa, forçando minha mão a se levantar acima dos olhos lacrimejantes. Corpos enchem cada centímetro do Bowl, e eu inclino minha cabeça em direção ao céu, seguindo a inclinação desta arena lotada.

O medo toma conta do meu coração neste lugar familiar. Não volto ao Bowl desde que Adena morreu dentro dele, desde que um pedaço de mim morreu além destas paredes. O rugido de milhares famintos por um show faz meu estômago revirar violentamente. Cada fibra do meu ser recua ao pensar em pisar naquela arena mais uma vez.

Imperiais me conduzem pelo caminho enquanto um grito ensurdecedor nos atinge. O público está desejando um ato sangrento de brutalidade, e com o repentino crescendo de gritos espirituosos em minha direção, eles provavelmente estão esperando que eu seja a vítima.

Meu olhar se desvia para o corrimão ao meu lado, então mais longe ainda para o trecho de areia abaixo. A última vez que vi este Poço, ele estava manchado com o sangue de Adena. Meu estômago embrulha mais uma vez enquanto examino o mar de areia branca em busca de qualquer sinal de uma mancha escarlate.

Nada.

Todo vestígio de sua morte se foi, tendo abandonado este lugar para morar dentro de mim. Cada gota de sangue, cada grito de socorro, cada momento que passa sem ela está gravado em minha alma.

Nosso colo ao redor do anel elevado nos leva à caixa de vidro ao lado dele. Kitt está sentado confortavelmente lá dentro, ocupando o assento que seu pai já teve. E assim como o rei antes dele, aqueles olhos verdes me prendem ao caminho.

É como olhar para o rosto de um fantasma.

Passado e presente colidem para criar a mistura confusa que é ele. Não exatamente seu pai, mas também não exatamente o garoto que eu conheci. Ele inclina a cabeça, um reflexo próximo do homem que me fez um assassino. E eu aceno de volta, um mero mosaico de cada pedaço irregular de força e imprudência cortante que foi preciso para me ter aqui de pé mais uma vez.

De repente, mãos estão nas minhas costas, me empurrando em direção ao corrimão.

Kitt se levanta abruptamente, me observando por trás daquele vidro imaculado antes que seus Imperiais possam me empurrar para o Poço. Calum aparece ao lado dele, sorrindo severamente, mesmo enquanto sou escoltado para o que provavelmente será meu destino.

Ainda assim, prendo a respiração, observando a boca do rei abrir e os olhos brilharem de arrependimento.

E então, nada.

Kitt se endireita. Abaixa-se naquele assento de pelúcia. Fixa um leve sorriso em suas feições.

Eu pisco com a mudança repentina, perplexo com sua—

“Ei, princesa.”

Eu me assusto com os dedos que Lenny está estalando na frente do meu rosto. "Hmm?"

"Escutem, tudo bem?" Ele é forçado a gritar sobre a multidão inquieta que nos envolve. "Pegue isso e use." O punho de uma espada é subitamente enfiado na minha palma. "Acabe logo com isso, e você estará livre dessas Provas. Eu sei o quão aterrorizante você pode ser, então apenas... seja isso."

Eu aceno entorpecidamente, meu olhar se agarrando à lâmina afiada que agora seguro. Lenny estende uma mão enluvada em direção ao meu rosto e dá um tapinha gentil. "Preciso que você vença isso, ok? Não pare de ser uma barata agora, Princesa."

Não tenho ideia do que estou ganhando. Não tenho ideia se valerá a pena no final. Mas uma risada fraca me surpreende, o som enterrado no caos antes de chegar aos meus ouvidos. "Vou tentar o meu melhor."

"Depois disso," ele grita, "eu não vou mais poder te chamar de Princesa." Seu sorriso é agridoce. "Eu vou ter que te chamar de Rainha."

E então sou forçado a descer para o Poço.

Tropeço nos degraus íngremes até que minhas botas finalmente afundam na areia abaixo. Cambaleando para trás, levanto minha cabeça em direção à multidão enlouquecida. Estou ofegante, o sangue pulsando, enquanto observo a arena com um giro lento.

A tigela está escancarada, e eu fico ali, engolido pelo tamanho e som ao redor. O punho da espada fica suado na minha palma, sua ponta afiada arrastando na areia. Cantos e gritos são abafados pelo bater contínuo de pés, como uma marcha da morte há muito esperada. O sol pesa em meus braços, aquecendo minha pele nua com sua presença próxima. Parece que até o céu se inclina para testemunhar minha brutalidade ou o fim brutal que encontrarei.

Eu olho de soslaio para aquela caixa bem acima do chão do Pit, observando o rei sair para o caminho. Um familiar choque de cabelo azul-petróleo brilha ao lado dele, e quando a Amplificadora pousa a mão no ombro de Kitt, a arena fica em silêncio.

"Bem-vindos, Ilyans, ao Julgamento final de Paedyn Gray. Aqui," ele diz calmamente, "nós testaremos sua brutalidade."

A multidão irrompe com suas palavras, sanguinárias e raivosas por um show fascinante. Kitt os acalma com uma palma no ar antes de continuar. "Se Paedyn puder completar esta Prova, ela terá provado ser corajosa, benevolente e brutal. Essas são as três características que meu pai acreditava que faziam uma boa governante. Se ela conseguir ter sucesso hoje" — o olhar de Kitt me prende ao chão do Poço — "Ilya terá sua rainha."

Um rugido rasga a arena, e tenho certeza de que não é intencional para me animar. Homens e mulheres ficam em seus bancos, levantando punhos e soltando xingamentos no ar. Meu olhar percorre a multidão barulhenta até que estou me encarando de volta, assustado.

A expressão examinadora que uso é projetada em uma tela grande acima do Pit para que até mesmo aqueles nas arquibancadas mais altas vejam claramente. Meus olhos disparam pela areia, pousando nas Sights que atualmente projetam o que veem. Quatro deles estão do outro lado do Pit, embora apenas três me encarem com olhos vidrados e braços erguidos. Com capas brancas ondulando na brisa suave, seus olhares pesados têm um arrepio percorrendo minha espinha, o medo se acumulando em meu

intestino.

"Como um governante," Kitt continua sobre o caos, sua voz ecoando, "brutalidade é frequentemente necessária. Então, para este Julgamento, será uma luta até a morte."

Minha respiração fica presa. A garganta seca.

Até a morte.

Tenho que matar alguém.

A resposta da multidão se perde no zumbido repentino em meus ouvidos. Eu me viro lentamente em direção àquela caixa de vidro, encontrando um rei espiando de volta.

Não é meu amigo. Não é meu noivo. Apenas um rei que me ordenou ser seu assassino.

E de repente, eu sei como Kai deve se sentir.

Meus joelhos fraquejam só de pensar nisso.

Kai-chan.

Freneticamente, examino aquela caixa de vidro em busca de qualquer sinal de sua figura familiar. Uma mecha de cabelo preto desgrenhado. Um vislumbre daquelas malditas covinhas. Um lampejo daquele sorriso convencido.

"Traga o oponente!"

Meu corpo inteiro fica dormente com as palavras do rei.

Suspiros percorrem a multidão, o choque escapando por entre os dedos que pressionam as bocas escancaradas.

Não vou me virar. *Não posso* me virar.

A multidão irrompe com uma onda repentina e enjoativa de excitação quando a voz do rei ressoa na arena. "Um Ordinário contra cada Elite. O teste final."

Minha cabeça está tremendo. Fecho meus olhos, espremendo o mundo cruel além.

Isto é um pesadelo. Isto é fingimento.

Passos atrás de mim ficam mais altos na areia movediça.

Pressiono a mão no meu coração acelerado, sentindo o rápido subir e descer do meu peito.

Isso é fingimento. Isso é—

"Pedyn."

Posso sentir o momento exato em que meu coração se despedaça.

É quando me viro e meus olhos encontram alguém bem memorizado.

Quando a névoa encontra o mar mais profundo.

Quando uma Sombra enfrenta sua Chama.

Quando a inevitabilidade chega ao fim.

Quando olho para o rosto daquilo que mais amo.



CAPÍTULO 43

Pedyn-P ...

A espada treme em minha mão.

Minha intenção é enfiar a arma no peito dele.

"Não."

A palavra é um sussurro sufocado, não o grito que eu pretendia. É descrença, negação em sua forma mais dócil. Estou balançando a cabeça para ele, os pés tropeçando para trás.

Este não é um oponente. Este é o garoto que trança meu cabelo para trás e dança para nós dois. O garoto que me perseguiria até os confins da terra se isso significasse que ele poderia me segurar mais uma vez. Este é um homem que enterraria outro por mim — se enterraria *a si mesmo* , se eu apenas pedisse.

Ele é um tolo para mim. Ele é *meu* tolo.

Isso não pode estar acontecendo. Por que Kitt permitiria isso?

Kai levanta uma mão calmante. “Paedyn—”

“Não!” O grito sai da minha garganta, trazendo lágrimas aos meus olhos. Eu me viro então, elevando minha raiva para a grade acima. E quando meu olhar cai naquele verde frio, de repente não consigo lembrar para qual rei estou olhando. “Não! Eu não farei isso!”

A arena ruge bem ao meu lado, só que eles estão ansiosos para assistir seu poderoso Enforcer me derrubar. Eu tropeço na areia, aparentemente incapaz de sugar ar para meus pulmões. Lágrimas queimam meus olhos; a raiva obstrui minha garganta.

Isto é um pesadelo. Isto é fingimento.

Nunca mais deveríamos brigar um com o outro.

Uma mão áspera puxa meu ombro, me fazendo virar para encarar a expressão severa que Kai usa. "Preciso que você se concentre, ok?" Eu aceno furiosamente para suas palavras rápidas. "Temos que fazer essa luta parecer boa se eles vão acreditar. Então isso significa que você está por conta própria para se manter vivo contra qualquer poder que eu jogue em você." Ele acena para a arena ao nosso redor. "O Mudo se foi. Eles querem ver você lutar contra Elites."

Eu engulo um suspiro trêmulo. “Eles querem me ver morrer.”

Seus olhos passam rapidamente pelo meu rosto, como se o vissem pela primeira vez. Ou talvez a última. “Então não faça isso.”

Observo sua pele se transformar em pedra, e então vejo seu punho voar em direção ao meu rosto.

Mal me abaixei a tempo, a rajada de ar acima da minha cabeça me fez ofegar. Pulo para longe de um gancho forte no estômago, deixando minha espada cair e evitando por pouco várias costelas quebradas. Pegando emprestado o poder de um Shell, ele alterna uma combinação de socos, me empurrando para a defesa. Não posso fazer nada além de desviar, sua pele rochosa torna impossível acertar um golpe meu.

E o Enforcer é implacável. Ele atira inúmeros punhos de pedra em mim até que um deles acerta meu ombro. Eu grito de dor enquanto o osso estala sob seus nós dos dedos. A multidão ruge em meus ouvidos enquanto eu agarro meu braço, forçado a me abaixar sob outro punho voador.

Eu cambaleio para longe de cada um de seus ataques, consciente apenas do ombro latejante sob meus dedos. Quando minhas costas batem na parede imponente do Pit, o pânico cresce dentro de mim.

Estou preso.

"Kai—!"

Engasgo com meu grito, forçado a me abaixar sob outro golpe com palavras penduradas na ponta da minha língua. Seu punho afunda na pedra atrás, desintegrando a rocha ali. Ofegante, eu o observo lutar para se soltar da parede, fazendo pedaços de pedra voarem.

Kai se vira para mim então, olhos cinzentos passando rapidamente para meu braço machucado. Suas palavras são quase devoradas pela multidão faminta. "Vamos, Paedyn. Temos que fazer dessa uma boa luta."

Deixei minha mão deslizar lentamente do meu ombro dolorido e acenei levemente.

Nós somos inimigos aqui. Nós somos fingidos.

E se eu for morrer, será um show e tanto.

Kai acena de volta. Então suas mãos se incendeiam com fogo.

Deixei-me afundar em uma posição de luta familiar, dedos balançando ao meu lado. Quando ele lança aquela primeira bola de fogo, eu me abaixo e rolo atrás dele. A areia gruda em cada centímetro de mim, mas não me incomodo em ficar de pé ainda. Eu estendo uma perna para fora, pegando os tornozelos de Kai com força suficiente para fazê-lo cair ao meu lado.

A areia compactada na qual ele bate faz o ar sair de seus pulmões e um gemido coletivo ecoa da multidão. Eu me jogo sobre ele, puxando meu braço ileso para trás para deixar um punho voar em direção ao seu rosto. Os nós dos dedos se conectam com sua mandíbula, seguidos por uma dor aguda que dispara pela minha mão.

É estranho bater nele assim, forte e intencionalmente. Mesmo como inimigos, um pedaço de mim sempre se conteve. Porque esse pedaço sempre pertenceu ao Enforcer, e talvez eu não quisesse quebrá-lo. Mas agora, nesta arena, nunca estive tão ciente da morte que espreita em suas veias. O poder se curva à sua vontade, anseia por obedecer.

Nunca o vi sem uma queda por mim. Parece que hoje é esse dia. Seu desejo de que eu sobreviva a ele parece ter apagado todos os outros sentimentos que ele tem por mim. Ele está perdido para esse jogo, esse poder que ele continuamente se impediu de usar contra mim. Mas o Enforcer sabe que não pode perder a luta, caso contrário, provavelmente serei morto de qualquer maneira, deixando nós dois mortos por nada.

Eu ergo meu braço novamente, pronto para atacar quando seus dedos envolvem meu pulso. Uma dor escaldante e quente acende sob sua palma enquanto a habilidade Blazer queima minha pele. Eu mal seguro meu grito, mal penso através da dor vertiginosa.

O cheiro de carne queimada inunda meus sentidos antes que uma onda de náusea me atinja. Ontem mesmo, esse fedor seguiu minha fúria enquanto eu segurava o rosto de Blair em uma chama aberta. Agora sou eu quem está queimando.

Eu suspiro antes de enfiar meu joelho no cotovelo de seu braço levantado. Seu aperto escaldante em mim quebra no mesmo momento em que ouço seu osso fazer o mesmo. O som de estalo nauseante é acompanhado por um grunhido sibilante de dor através dos dentes cerrados de Kai.

Estremeço, odiando tê-lo machucado. Odiando estarmos nessa posição em primeiro lugar. Mas forço meu braço ardendo para trás, me preparando para—

Seu braço ileso voa para o meu estômago, levantando meus joelhos do chão. O golpe me faz ofegar por ar enquanto eu balanço do chão. Apenas a força de um Brawny poderia permitir que ele jogasse meu corpo para longe do dele com tanta facilidade.

Estou virando sobre sua cabeça, a areia voando em direção ao meu rosto. A mão de Kai ainda está pressionada em meu estômago, guiando meu corpo sobre o dele quando agarro seu pulso. Encolhendo meu queixo, colido com o chão, rolando de costas no mesmo momento em que puxo seu braço quebrado contra meu ombro.

Ele grita de dor quando o osso quebrado atravessa a pele ensanguentada. Eu seguro seu braço naquele ângulo estranho, fechando meus olhos contra o dano que eu causei. Nossas cabeças estão quase se tocando, corpos esparramados em direções opostas, nós dois ofegantes em cima da areia.

Até que eu não possa mais.

Videiras espinhosas brotam da terra para prender minha garganta. Um grito sufocado escapa da minha boca escancarada antes que o ar seja espremido dela. Os galhos farpados rasgam meu pescoço enquanto Kai se solta do meu aperto. Ele cambaleia para ficar de pé, comandando a habilidade do Bloom com um movimento fraco de sua mão.

Meus dedos tateiam em busca da adaga ao meu lado quando as videiras apertam minha garganta. Sangue escorre entre as folhas, espinhos rasgando minha carne com fome. Uma escuridão pesada se arrasta pelos cantos da minha visão enquanto levanto a lâmina em direção à minha própria garganta.

Com um golpe trêmulo, eu corto as videiras sufocantes. A ponta da adaga roça desleixadamente o lado do meu pescoço, provavelmente deixando o início de outra cicatriz ali. As plantas vorazes caem frouxas da minha pele ensanguentada para afundar de volta sob a terra arenosa de onde brotaram.

Fico ali, ofegante de dor enquanto o sangue escorre da minha garganta despedaçada. Meu olhar embaçado está no céu sem nuvens acima até que o zumbido em meus ouvidos cessa, e o rugido surdo da multidão me lembra onde estou. Com um grunhido, eu me levanto nas palmas das mãos, os olhos caindo para a figura iminente de Kai.

Ele passa a mão sobre o osso cortado abaixo do cotovelo, estremecendo levemente. Meus olhos se arregalam quando aquele braço balançando volta ao lugar com um clique satisfatório. Kai suspira aliviado antes de abandonar o poder do Healer por—

O Executor se multiplica, criando uma parede de músculos e uma dúzia de olhares tempestuosos me encarando.

Clonador.

Eu me arrasto para trás, as palmas das mãos cravadas na areia quente. Meu olhar frenético percorre a arena, procurando um plano antes de pousar em algo brilhante a alguns metros de distância. De repente, estou com os pés instáveis, sangue pingando

das lágrimas na minha garganta para deixar um rastro escarlate entre meus seios. Eu passo a mão sobre ele, conseguindo pouco mais do que adicionar areia à minha pele pegajosa.

Os Kais começam a se aproximar de mim, seus passos poderosos me estimulam a correr. Eu avanço para a espada, meus dedos se curvando ao redor do punho e—

Uma bota gasta bate em cima da lâmina.

Um grito frustrado sai da minha garganta enquanto enfio meu pé no joelho do clone. O osso estala com o impacto, mas antes que ele possa cair na areia, outro Kai está me puxando de volta. Uma mão calejada está no meu ombro, mas quando eu jogo um cotovelo no queixo atrás, seu aperto afrouxa. Aproveitando seu choque, agarro aquele braço, entro em seu peito e reúno impulso suficiente para jogá-lo sobre meu ombro ileso.

Mal ouço os gritos de resposta da multidão com o sangue martelando em meus ouvidos. Virando-me, pego a espada e a ergo entre minha forma ensanguentada e os vários outros Kais ao redor.

Fique calmo. Encontre o verdadeiro Enforcer.

Meus olhos passam por eles, estudando cada figura familiar. A "habilidade psíquica" pela qual sobrevivi por tão pouco tem sido enterrada nas últimas semanas. Mas eu a deixei correr para a superfície agora, uma enxurrada de observações e comparações.

Então, quando meu olhar se depara com um cinza em particular, sei que o encontrei.

A mão dele permanece logo acima do braço que quebrei, como se o osso não tivesse se curado direito. E essa dor pertence somente a ele.

Estou largando a espada mais uma vez e sacudindo minha adaga ensanguentada em uma mão igualmente manchada. Um clone ataca em mim no mesmo momento em que deixo a lâmina voar.

O tempo desacelera. Kai alcança-me, dedos roçando minha garganta. O frio aço da minha adaga afunda em seu alvo. Os clones somem quando Kai cambaleia para trás, uma lâmina cravada em seu ombro.

Solto um suspiro trêmulo antes de alcançar para roçar dedos trêmulos sobre meu pescoço latejante, como se para garantir que minha cabeça ainda esteja presa. Engolindo em seco, vejo Kai puxar a lâmina de sua carne com um grunhido de dor. Ele a joga para o lado, sangue jorrando da ferida aberta.

Mesmo sabendo que a habilidade de um Healer repousa sob suas pontas dos dedos, não consegui me fazer mirar no coração. Tudo sobre essa luta já parece real demais, e se eu enterrasse minha lâmina em seu peito, temo que um pedaço de mim morreria em vez disso.

Nossos olhares se encontram através do trecho de areia, sangue pingando do dano que causamos um ao outro. O corte raivoso no lábio de Kai é evidente mesmo a essa distância, assim como o profundo ferimento de adaga acima de sua clavícula. Eu balanço em meus pés sob o sol forte, com o ombro doendo e a garganta latejando.

Através da dor, eu reúno um pequeno sorriso, um que é só para ele. Um para assegurar que nosso fingimento é só isso. Essa audiência sozinha me mantém lutando contra o Enforcer quando eu não desejo nada mais do que desabar contra Kai.

Minha alma está irremediavelmente ligada à dele.

Então, quando ele de repente pisca para o nada diante dos meus olhos, se teletransporta para trás e me dá uma joelhada nas costas, eu me pergunto pela primeira vez se talvez eu seja o idiota.

Meu corpo bate na areia, quase engolindo um bocado enquanto meu rosto raspa contra os grãos ásperos. Um chute nas costelas me faz rolar de costas, tossindo sangue. Através de uma névoa turva, vejo Kai parado sobre mim, sua expressão ilegível.

Ele não é ele mesmo. É como se cada emoção tivesse sido silenciada. Como se algo diferente de fingimento estivesse guiando cada golpe.

Talvez ele realmente me queira morta.

Outro chute no estômago.

Talvez ele tenha me odiado esse tempo todo. Pelo que eu fiz ao pai dele—

Eu me enrolo quando a ponta da bota dele afunda novamente em meu estômago.

Pelo que fiz ao seu irmão—

Algo estala dentro de mim, e não tenho certeza se é meu coração ou uma costela.

Pelo que fiz a ele.

Um grito estrangulado arranha minha garganta, o produto da dor e do pânico. Eu ataco com o que resta de minhas forças, mirando um pé em seu joelho. Minha bota colide com o campo de força brilhante de um Escudo, a tonalidade roxa afastando meu ataque.

Com os olhos arregalados, eu lentamente levanto minha cabeça, com medo do que verei em seu rosto. E ainda mais aterrorizada de que não verei nada ali quando ele olhar para mim. O sol está apagado atrás de sua figura ameaçadora, embora seus raios penteiem aquele cabelo ondulado como uma auréola. Como se eu estivesse olhando para o anjo da morte.

Desde que roubei aquelas pratas dele em Loot até fugir de sua perseguição através dos Scorches, nunca o temi mais do que neste momento. É o Enforcer que me encara, não o Kai que conta minhas sardas. É o Deliverer of Death neste Pit, não o homem que caçaria qualquer um que ousasse me machucar.

Isso é uma ordem? Kitt ordenou que ele me matasse?

Terror me percorre, uma emoção à qual não estou acostumada quando estou na presença de Kai. Rolando de bruços, cravo meus dedos na areia quente e abandono toda a dignidade. Ofegante, rastejo para longe dele, com lágrimas ardendo em meus olhos.

Um soluço repentino escapa dos meus lábios, sacudindo meu corpo ensanguentado enquanto eu me afasto sem rumo. Meu ombro dói enquanto ele se esforça para segurar meu peso. Sangue escorre do meu pescoço para salpicar a areia abaixo.

Sua sombra cai sobre mim, e o terror toma conta do coração que uma vez sentiu nada além de amor por ele. Ele é devastação vestida com a concha da devoção.

Então é isso. No final, um Azer sempre escolherá o dever. E minha morte se tornou isso.

Risadas ecoam por todo lado, abafadas apenas pelos meus pensamentos acelerados. Os Elites gritam para minha forma encolhida. Eles entoam para que seu Enforcer acabe comigo. E pela primeira vez na minha vida, não temo a Morte.

Eu tenho medo dele.

Arrastando meus dedos pela areia, agarro o suficiente para jogar no rosto estoico

que se aproxima acima. Sua sombra cambaleia para trás antes que meus pés estejam de repente sob mim, areia voando dos meus calcanhares enquanto tropeço para longe. A dor bate forte em meu corpo, quase me puxando de volta para o chão. Mas corro, as lágrimas fazendo o mesmo em minhas bochechas sangrentas. Meus pulmões queimam enquanto tento engolir o ar espesso—

A areia irrompe ao meu lado.

Sou jogado para trás com o impacto, parte do Poço voando comigo. Sinto-me gritar, mas não consigo ouvir nada através do zumbido em meus ouvidos. Colidindo com o chão, meu corpo rola, apenas para quase ser atingido por outra explosão.

Kai assumiu a forma de um Ignite. E ele vai me explodir em pedaços.

Tudo está nebuloso. Tento ficar de pé, mas meu equilíbrio é fugaz, como tentar agarrar o vento entre meus dedos desajeitados. O mundo está abafado. Sangue escorre dos meus ouvidos zumbindo enquanto eu cambaleio para uma corrida. O chão se inclina abaixo de mim a cada passo, mas eu forço meus pés para frente enquanto tento fugir do inevitável.

Outra explosão faz a areia sob meus pés ceder. Eu grito, torcendo o tornozelo antes de cair de repente no abismo que afunda. Areia quente me envolve, subindo rapidamente pelo meu corpo enquanto deslizo mais para dentro do Poço.

Estou ofegante por ar, lutando para chegar à superfície. Isso só me puxa para baixo mais rápido. A areia sobe para picar meu pescoço ferido e me prender embaixo. Outro grito jorra de mim, dessa vez um apelo desesperado por ele. Pelo garoto que eu amo, não pelo homem ordenado a fazer de mim sua próxima missão a ser cumprida.

"Kai!"

Minha voz falha enquanto a areia desliza pelo meu queixo.

Vou ser enterrado vivo.



CAPÍTULO 44

Kai

Reaja , Pae.

Preciso que você revide.



CAPÍTULO 45

Pedyn-P ...

O Poço está me engolindo inteiro, e ainda assim meus olhos não deixam seu rosto.

Respiro fundo, me preparando para afundar seis pés abaixo desta arena em uma cova de areia.

Fecho os olhos e vejo por um momento os olhos castanhos de Adena me encarando. Ela parece um lar. Vejo meu pai, sorriso nos lábios e livro na mão. Ele parece seguro. O momento de paz é passageiro.

Uma mão invisível está me arrastando para fora das garras da Morte.

Eu irrompo da areia, o Tele de Kai me segura firme. As pontas das minhas botas pairam acima da areia enquanto eu gaguejo, tentando recuperar o fôlego. Areia áspera cobre cada centímetro de mim. Ela enche minha boca, gruda em meus cílios, gruda em minha pele ensanguentada.

Sou puxado para frente, meu corpo rígido disparando em direção a ele. A multidão barulhenta consegue cortar o zumbido em meus ouvidos enquanto o ar corre ao meu redor, areia voando da minha pele. Forço meu olhar embaçado a focar tempo suficiente para assistir Kai desembainhar a espada ao seu lado.

Meu coração gagueja, doendo junto com o resto do meu corpo.

Ele levanta a lâmina longa, mirando no peito que corre em sua direção.

Na verdade, é apropriado esse fim para minha difícil sobrevivência.

Fechei os olhos novamente, deixando-o me carregar para a minha morte. Esperando que Adena e meu pai estejam lá do outro lado desta lâmina.

Então uma mão bate em meu ombro, interrompendo meu destino.

Os gritos ficam abafados. O mundo se aquieta. E nós estamos no centro dele.

Vejo três coisas depois de reunir forças para abrir os olhos.

A primeira é a ponta de uma espada, pairando a apenas um sopro do meu peito.

O segundo é mais um vislumbre fora do corpo da cena que montamos. Meu corpo ainda paira acima do chão, suspenso ali por nada mais do que a mente de Kai e uma habilidade emprestada. Apesar disso, ele tem uma mão apoiada no meu ombro ileso, como se para me impedir de ser espetado antes que ele pudesse me olhar nos olhos.

E o terceiro...

A terceira coisa que vejo é o olhar em seu rosto. É conflitante, como uma combinação de determinação e compaixão contorcendo suas feições. Ele parece estar lutando com sua própria mente. Sua mão treme, e a lâmina faz o mesmo, cortando minha pele. Mas eu nunca tiro meus olhos da tempestade se formando na dele, aterrorizada de que ele não seja a última coisa que eu veja.

"Está tudo bem," eu sussurro, minha voz tão quebrada quanto o corpo ainda pendurado diante dele. Os dedos das minhas botas sussurram acima da areia em que estou pingando sangue. "Adena morreu aqui. Eu quero morrer aqui também." Sangue escorre dos meus ouvidos, misturando-se com as lágrimas correndo pelo meu

rosto. “Eu não pude salvá-la naquela época. Mas eu posso salvar você agora.”

Ele se acalma, lágrimas se acumulando em seus olhos. Eu me aproximo lentamente dele, interrompendo o breve balançar de sua cabeça. Minha mão ensanguentada repousa gentilmente sobre seu peito palpitante. "Através do peito, lembra?" Uma lágrima rola pela minha bochecha, abrindo caminho pela areia grudada ali. "É assim que eu quero morrer. Assim como aqueles que eu amei."

O Executor quebra.

Lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto a emoção finalmente rompe a máscara grossa que ele colocou. O aperto do Tele em meu corpo se rompe, permitindo que meus pés batam na areia — só que eu caio de joelhos. Kai faz o mesmo, deixando a espada escorregar de seus dedos.

Nós olhamos um para o outro, joelhos se tocando e lágrimas escorrendo.

O sussurro de Kai é sufocado. “Sinto muito.”

“Você é o Enforcer,” eu consigo dizer fracamente. “Um Ordinário nunca iria ganhar isso.”

Ele balança a cabeça para mim. "Mas você não é tão comum, é?" Então, com uma respiração firme, ele ordena, "Agora siga minha liderança."

Kai se levanta com uma facilidade que invejo. Meu corpo implora por descanso, e ainda assim, eu ordeno que ele se levante. Com membros trêmulos, eu me endireito diante dele.

A aprovação da multidão está chocando contra meus ouvidos sangrentos, o suficiente para me fazer levantar meu olhar para as arquibancadas. Fileiras de Ilyans enlouquecidos sobem ao céu, todos aguardando meu fim iminente. Até o sol os observa, curioso o suficiente para interromper sua jornada pelo céu.

Quando meus olhos cansados voltam para Kai, ele me dá um único aceno e um breve "gancho de direita".

Isso é seguido por um soco voando em direção ao meu rosto.

Eu desvio, balançando para a esquerda após o aviso do soco dele. Atordoado, quase não ouço seu murmurado "Jab".

Mais uma vez, estou prestando atenção às suas palavras e pulando para trás antes que ele possa dar um golpe no meu estômago. "Bom", ele ofega. "Agora me bata — cruzado, gancho de direita."

Eu me abaixo sob sua cruz antes de bloquear o gancho com meu antebraço. Isso deixa seu peito aberto o suficiente para eu dar um chute forte que o faz tropeçar. Eu aproveito isso, jogando outra bota em seu lado. Ele pega minha perna contra ele, segurando-a firmemente enquanto gira e me joga na areia.

O calcanhar dele voa de repente em direção ao meu peito, mas consigo rolar para fora do caminho. Estou de pé antes que ele dê outro soco que eu entro, pegando-o por cima do ombro para então dirigir meu joelho em direção ao seu estômago.

Ouço o ar saindo dele quando meu golpe acerta. Minha mão livre está atrás do pescoço dele enquanto afundo meu joelho nele de novo e de novo. Resmungando com o esforço, empurro sua cabeça para baixo e jogo minha perna sobre ela, apertando firmemente atrás do pescoço dele enquanto a outra levanta para enganchar abaixo de sua mandíbula.

O impulso nos faz cair em direção ao chão, e eu abaixo meu queixo antes que a areia bata em minhas costas. Preso no aperto firme entre minhas pernas, Kai é jogado

no chão enquanto eu rolo para ficar de pé.

O Enforcer mal se levantou de joelhos antes que eu esteja dando um chute em direção ao seu queixo. Ofegante, ele bloqueia rapidamente, mas eu já estou dando um gancho em direção à sua têmpora. Ele se abaixa, pegando meu pulso com uma mão antes de enfiar um ombro no meu estômago.

Meus pés de repente deixaram a areia. Em um único piscar de olhos, ele enganchou uma mão em volta da minha coxa e me jogou em suas costas. De pé, ele se inclina para trás, empurrando minhas pernas para o ar em uma espécie de cambalhota grosseira que me faz cair no chão.

O pouco ar em meus pulmões sai rapidamente. Fico cuspindo para o céu, cada centímetro de mim pulsando. Mal percebo Kai pegando minha adaga esquecida, mal me importo quando ele a aponta para mim.

“Vamos, Paedyn,” ele murmura. “Não desista ainda.”

Meus olhos se voltam para aquela tela acima da arena, encontrando meu rosto ensanguentado me encarando de volta. Pareço cansado — tão, tão cansado de sobreviver. Pela primeira vez, quero me livrar da minha luta.

Mas por Kai, eu me dou uma morte que vale a pena lembrar. Minha perna se levanta de repente, conectando-se com a mão que segurava minha adaga. O impacto faz a arma saltar de seus dedos. A prata brilha no sol brilhante enquanto minha lâmina afunda na areia ao meu lado.

Não desperdiço essa súbita lasca de força. Meu outro pé engancha atrás de um de seus pés em movimento e puxa com toda a força que consigo reunir.

Assim como fiz com o rei, agora faço com seu filho.

Kai cai na areia enquanto eu procuro a adaga. Estou jogando uma perna sobre ele, montando em seu corpo como já fiz tantas vezes antes. Arma na mão, eu me agito sobre ele, minha vitória a uma lâmina de distância.

Em vez disso, vejo aqueles olhos cinzentos se arregalarem quando enfio o punho da adaga na palma da mão dele.

Meus dedos envolvem os dele, querendo segurá-los uma última vez. A lâmina está apontada para meu peito, a centímetros do meu coração acelerado. "Está tudo bem", eu sussurro. "Estou pronta. Estive pronta a vida toda."

Ele balança a cabeça, levantando-a levemente da areia. "E se eu quiser salvar você hoje?" A adaga se vira, sua mão guiando a ponta em direção ao seu próprio peito. "Talvez isso ajude a compensar cada vez que não consegui salvar outra pessoa."

“Não,” eu engasgo. A ponta da lâmina cresce perigosamente perto do seu peito, mesmo enquanto eu inutilmente luto contra sua força. “Não, pare com isso.”

Seus olhos permanecem fixos nos meus. “Está tudo bem.”

“Não!” Eu resmungo, agora agarrando sua mão com as minhas duas. Lágrimas embaçam minha visão dessa cena repugnante. “Kai, pare!”

A ponta da adaga encontra seu peito.

Estou implorando agora. “Por favor! Kai, preciso de você!”

“Está tudo bem,” ele repete suavemente. “Vai ficar tudo bem. Só me ajude agora.”

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Estou respirando? "Não, não vou!" Tento tirar minhas mãos da lâmina, mas ele levanta a sua livre, prendendo-a em volta da minha.

O aço perfura sua pele.

“Não!” Eu luto contra ele, tentando arrancar a adaga de onde ela começou a

deslizar em seu peito com um som nauseante. “Não, por favor!” Eu luto contra a lenta fatalidade com todas as minhas forças. Não adianta.

A lâmina afunda mais, jorrando sangue brilhante da ferida que se aprofunda. Minhas lágrimas respingam na poça de carmesim, soluços saindo livres da minha garganta áspera.

Uma última vez, ele sussurra, “Está tudo bem. Foi uma boa luta.”

E então a lâmina é enterrada até o cabo.

Eu grito.

É o som do meu coração se despedaçando. Posso sentir os cacos à deriva no meu peito, perfurando pulmões que não conseguem mais respirar. Estou engasgando com a descrença, arranhando os fios escorregadios de uma vida que eu queria com ele.

A finalidade deste momento é assustadora o suficiente para silenciar as vozes de milhares de pessoas ao nosso redor.

“Não, não, não...” Minhas mãos trêmulas pressionam o ferimento, o sangue mancha minhas palmas e arde meu nariz.

Os olhos de Kai estão no céu, seu olhar ficando distante. "Puxe para mim?" Seu suspiro trêmulo é acompanhado por um fio de sangue no canto da boca. "Eu quero que você fique com ele."

Eu saio de cima dele, meu corpo tremendo enquanto me movo na areia. Gentilmente, eu levanto sua cabeça para o meu colo. "Não, eu-eu preciso que você se cure", eu imploro, com a voz embargada. "Kai, você tem que se curar para mim."

Ele consegue balançar a cabeça sutilmente. “Não sou muito bom em curar.” Seu sorriso é sutil. “Não tenho... prática suficiente.” Uma tosse áspera faz sangue jorrar de sua boca. “Além disso... não há como curar essa... dor.”

“Não.” A palavra soa tão inútil saindo dos meus lábios trêmulos. “Socorro!” Eu levanto meu olhar frenético em direção à multidão silenciosa. “Alguém me ajude! Eu —eu preciso de um Curandeiro!” Meus gritos ecoam pela arena, inúteis nos rostos daqueles que não querem ajudar. “Vocês são Elites!” O grito quebrado é recebido com silêncio. “Porra, faça alguma coisa!”

Eu engulo um grito frustrado. À Peste. Às Elites. À minha impotência.

Olhando para baixo, apoio uma mão na bochecha de Kai. "Você vai ficar bem, ok?"

É a mesma mentira que contei a Adena neste mesmo Poço.

“Você é meu bastardo arrogante” — forço um sorriso trêmulo — “você não pode me deixar vencer.”

Seus olhos cinzentos piscam turvos para mim. “Só... só dessa vez.”

Ele entrelaça dedos pegajosos entre os meus, seu aperto fraco. Eu balanço minha cabeça, o peito arfando. "Mas eu preciso de você." Um soluço atormenta meu corpo. "Você é tudo o que me resta. Você sabe que eu preciso de você!"

É como se Adena estivesse morrendo de novo. Estou jorrando as mesmas palavras quebradas sobre a areia que antes estava salpicada com seu sangue. A mesma multidão está se inclinando, mais uma vez assistindo ao espetáculo que é meu coração se partindo nas costuras — uma lágrima que Adena não está por perto para costurar.

Aqui estou eu, enfrentando o déjà vu e a própria Morte. A história se repete no centro deste Poço enquanto o amor começa sua lenta morte em meus braços. O sangue de Kai cobre minhas palmas, espelhando o momento em que senti a vida de

Adena vazar em minhas mãos incapazes. O Enforcer tem uma ferida no peito, assim como a costureira antes dele.

E se eu já não estivesse de joelhos, eu cairia sobre eles agora e imploraria para que ele ficasse comigo. Pressiono minha testa na dele, engolindo um soluço. "Eu não posso te perder também. Por favor... por favor, não me deixe."

O corpo de Kai estremece sob o meu, como se estivesse sacudindo a mão fria da Morte para segurar a minha por mais alguns momentos. "Sinto muito. Eu... eu queria que não tivesse que ser assim."

"Shh." Minhas lágrimas respingam em seu rosto. "Você está bem, Kai. Eu estou aqui. Não vou a lugar nenhum." Aperto sua mão, escondendo meus soluços entre cada sílaba sussurrada. "Somos só você e eu. Debaixo do salgueiro."

Um sorriso levanta seus lábios manchados, exibindo uma fileira de dentes ensanguentados. E quando essas malditas covinhas aparecem, eu engasgo com o grito rastejante subindo pela minha garganta. O arrependimento me invade por cada momento gasto fingindo que os odiava — cada momento gasto fingindo que *o odiava*.

Seus olhos se desviam dos meus. "Veja..."

Eu me inclino, me apegando a palavras que nunca ouvirei.

Porque a luz deixa aqueles olhos cinzentos.

"Não." A palavra é desafiadora.

"Não." Este está implorando.

"Não!"

Angústia. É isso que me percorre antes de sair da minha boca.

Eu sacudo seu peito imóvel. De novo e de novo. "Kai. Kai, volte para mim."

Mal consigo respirar entre meus soluços ofegantes. Seus olhos cinzentos estão vítreos e treinados no céu azul acima, mas eu luto para forçá-los de volta para mim. "Não, você não pode ir! Você prometeu que não me deixaria, lembra?"

Minha testa encontra a dele, e murmuro as palavras que pensei que o levariam para longe de mim. É uma confissão que fui covarde demais para expressar — e agora se tornará meu maior arrependimento.

Mas eu sussurro isso agora, repetidamente. "Eu te amo, Kai. Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo."

Agonia.

Esse é o sentimento. Aquele que me parte ao meio, rasga minha alma. Mas não me incomodo mais em sufocá-lo.

Apoiando-me nos calcanhares, libero minha angústia.

É um grito arrepiante, que pode ser ouvido até mesmo nas arquibancadas mais altas. Quero que a arena sinta minha dor, prove-a no vento que leva embora a alma que Kai manchou para mim. Lágrimas quentes escorrem pela minha pele para pingar sobre o corpo sem vida do garoto que amo.

Nebuloso e histérico, noto as figuras se movendo ao meu redor pela primeira vez. Piscando através do borrão de lágrimas, meus olhos ardentes focam nas vistas esquecidas. Minha cabeça vira em direção à tela, encontrando o olhar vazio de Kai exibido ali.

Qualquer compostura que restava em mim de repente se rompe.

"Afastem-se dele!", grito, acenando um braço fraco na direção deles. Ignorando-

me com olhares vagos contínuos, eles alcançam seu corpo, cada um deles agarrando um membro. Pego a espada descartada da areia e a giro entre os quatro. Minha voz é letal, enlouquecida. “Afastem-se.”

Isso os faz piscar, a ação interrompendo a transmissão na tela. Meu braço treme sob o peso da espada, mas não ouso largá-la. Ainda assim, as Sights começam a arrastá-lo para longe, deixando um rastro de sangue para trás.

"Não!"

Eu jogo a espada para o lado, toda a minha luta perdida, para alcançar seu corpo imóvel. Ele está sendo puxado pela areia e tudo o que posso fazer é tropeçar atrás dele. "Não, saia de perto dele!" Eu tropeço no rastro de seu sangue, caindo de joelhos. Soluços sacodem meus ombros enquanto vejo os Sights tão descuidadamente puxá-lo para longe.

“Por favor,” eu sussurro para o vento. Ele cheira a morte. A ruína.

Eu quase consegui rir.

Foi isso que eu fui no final. Sua ruína.

Eu fico em membros trêmulos, cobertos pelo sangue de Kai. Ainda está quente em minhas palmas quando me viro para—

A raiva me invade.

"Você."

Eu sei que ele ouve a palavra acusadora de onde ele está sentado confortavelmente naquela caixa de vidro. Eu nem tenho mais certeza para quem estou olhando. Tudo o que vejo são os olhos verdes de um assassino.

Meu braço se levanta e aponto um dedo trêmulo para o rei. A raiva sai da minha garganta, alimentada pela dor e pela pilhagem do meu único amor que me resta. este mundo. “Como você pôde?! Ele era seu irmão!”

Sangue lateja em meus ouvidos, alto o suficiente para abafar a faísca repentina de murmúrios se espalhando pela multidão. Eu me curvo, envolvendo os dedos ensanguentados em volta do punho daquela lâmina descartada mais uma vez. A espada arrasta pela areia atrás de mim, seu punho pressionado em minha palma pegajosa. Meus passos são mais firmes do que deveriam ser enquanto eu marcho em direção a ele, deixando um rastro de sangue em meu rastro.

“Como você pôde?!” Eu grito novamente, minha garganta está doendo.

Kitt abaixa o olhar e balança a cabeça levemente.

“Olhe para mim!”

A demanda ecoa pela arena, fechando a boca de toda Elite fofoqueira. Eu estou ali, um humilde Ordinário, ofegante no Pit abaixo dele.

E ainda assim, quando eu comando, ele obedece.

Os olhos de Kitt se voltam para os meus, cheios de uma mistura de descrença e desespero. Ele me observa, cada grão de areia e gota de sangue.

“Como pôde—!”

Um braço envolve meu pescoço dilacerado e pressiona um pano úmido sobre meu nariz.

Meus joelhos cedem.

Meus olhos brilhantes reviram.

E por um curto período, não sei de nada.

Nem mesmo a agonia.



CAPÍTULO 46

Kai

Eu sou pesar. Eu sou tristeza. Eu sou angústia igualmente.



CAPÍTULO 47

Pedyn-P ...

da manhã faz minhas pálpebras pesadas se levantarem.

Sento-me rapidamente, com a cabeça e o coração batendo forte.

Engolindo ar, forço meus pensamentos frenéticos a se acalmarem.

Foi apenas um pesadelo.

Solto um suspiro, deixando a onda estrangeira de alívio me invadir. Meu olhar desliza para a janela e o céu brilhante além.

Hoje é meu terceiro teste.

A noite passada foi um pesadelo.

Soltei uma risada trêmula antes de esticar os braços para arrancar os muitos cobertores da minha pele suada.

Algo bate em mim ao ver minha mão. Não consigo identificar direito no começo — não até meus dedos começarem a tremer.

É aquela agonia familiar, eu percebo.

Aquele tremor começa a se espalhar pelo meu corpo, me deixando tremendo com uma repentina sensação de horror.

Estou coberto de sangue.

Está manchando minhas palmas, subindo pelos braços trêmulos para envolver meu pescoço. Areia cobre meu corpo, cobrindo-me com uma camada de areia e memória. Petrificada, olho para minhas mãos, sabendo que não é meu sangue que se agarra a elas.

Esse é meu pesadelo.

Eu grito.

O som sufocado faz Ellie correr para o quarto enquanto eu pulo da cama. Minhas unhas ensanguentadas rasgam minha pele, tentando arrancar a prova deste Trial.

“Paedyn!” O grito de Ellie soa abafado. “Está tudo bem! Paedyn, você está bem!”

Eu me viro em direção a ela, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. "Onde ele está?! Diga que não foi real, Ellie." Meus dedos cravam em seus ombros, como se tentassem tirar a resposta de seus lábios. "Diga que ele não está morto. Por favor", eu choramingo. "Por favor, diga que não é real."

Sua boca abre. Então fecha.

Eu recuo lentamente. “Não.”

Lágrimas se acumulam em seus olhos. “Você está dormindo há quase um dia.”

“Não,” eu sussurro, meu lábio tremendo. “Não, foi só um pesadelo. Hoje é meu Julgamento.”

Ellie balança a cabeça. “Sinto muito, Paedyn.”

Meus joelhos bateram no chão.

Segurei a adaga enquanto ela afundava em seu peito.

Ela me segura enquanto eu choro.

Eu sei como é matá-lo.



CAPÍTULO 48

Pedyn-P ...

me numa poça vermelha.

Estou cercado por redemoinhos escarlates, a banheira manchada com os restos do meu Julgamento final. Meu olhar está vermelho e cego, fixo turvo na parede oposta a mim.

Uma mão suave envolve meu pulso. Não luto contra o toque gentil, mesmo quando ele levanta meu braço mole da borda de porcelana da banheira. Uma barra áspera de sabão então esfrega minha pele, para frente e para trás, até que o sangue endurecido perde o controle sobre minha carne.

Para frente e para trás. Para frente e para trás.

Vejo o que sobrou de Kai pingar na água. E pela primeira vez em semanas, não sinto repulsa por sangue — na verdade, desejo me agarrar ao dele.

"Como... como você está se sentindo?"

É a primeira sequência tímida de palavras que Ellie tenta desde que acordei da minha névoa drogada. Não posso dizer que a culpo pelo silêncio prolongado. É uma resposta bastante dócil à minha reação esta manhã.

Meu tom é plano. "Não sinto nada."

Não é mentira. No entanto, duvido que eu consiga reunir energia para contar uma o momento. Meu corpo inteiro está entorpecido — mente, alma e coração despedaçado. Estou completamente vazia sem seu amor para me preencher.

Minha cicatriz está exposta, a água ensanguentada batendo em um ritmo calmante contra ela. Não preciso olhar para Ellie — posso sentir seu olhar largo percorrendo-a. Ainda mais preocupante é o fato de que não consigo encontrar dentro de mim a força para me importar.

Ela levanta um pano até meu ouvido, passando delicadamente sobre o sangue seco que escorria dele. Lembro-me então de quão assustadoramente silencioso o mundo estava quando acordei da droga vertiginosa. O zumbido incessante das explosões se foi, deixando-me sem nada para abafar meus pensamentos gritantes.

A variedade de ferimentos que eu havia coletado do Trial havia desaparecido. Costelas quebradas foram restauradas, pele cortada foi costurada de volta, a queimadura no meu pulso foi curada — mas eu daria qualquer coisa agora para ter aquela marca de mão marcada de volta na minha pele.

Nada restou além da mistura do meu sangue e do dele.

"Eu..." Eu limpo minha garganta antes de tentar novamente. "Eu sinto muito por esta manhã."

A simpatia surge nos traços delicados de Ellie.

Eu odeio esse olhar. É o mesmo que eu veria jogado nas favelas, mães tristes pela visão de uma criança esquecida. Os afortunados desanimados por aqueles de nós dormindo nas ruas. Apenas os fracos ganham essa expressão, os tolamente de coração

partido. E eu tenho sido assim a minha vida inteira.

"Você não era você mesmo", ela tranquiliza. "Eu sabia que você ficaria assustado quando acordasse."

Soltei um escárnio amargo que a fez parar. "Eu não estava com medo, Ellie. Eu estava quebrada."

Porque me permiti ter esperança.

Ela engole em seco. "E agora?"

Meu olhar vazio encontra o dela preocupado. "Estou com raiva."

Os olhos verdes do rei brilham diante da minha mente. Minhas mãos se fecham em punhos, unhas mordendo cada palma. A pergunta que gritei para ele naquela arena ainda ecoa no meu crânio.

Como você pôde?

Com uma respiração firme, levanto-me abruptamente, de repente incapaz de sentar no sangue de Kai por mais tempo. Enrolando um manto em volta da minha pele esfregada, viro-me exigentemente para Ellie. "Preciso falar com o rei."

As palavras são muito mais dóceis do que pretendo ser quando o vejo.

Ellie se endireita com um tímido virar de lábios. "Você não pode ir embora."

Meu tom é opaco, a expressão inabalável. "Oh, eu não posso?"

"A porta está trancada." Outro lampejo de simpatia. "O rei ordenou que você fique aqui até que ele diga o contrário."

Essa tristeza sufocada ameaça vazar de volta para meu corpo entorpecido. A raiva e a traição com as quais a enterrei só vão afastar meu sofrimento por um tempo. Não, preciso da minha raiva, da minha distração, do meu rei para responder pelo que ele fez. Porque sem isso, sou forçada a encarar uma vida em que *ele* não está mais.

"Ellie," eu digo lentamente. "Eu preciso sair daqui."

"Paedyn, eu..." Ela morde o lábio, inquieta. "Não posso. Sinto muito."

Eu limpo minha garganta, tentando ignorar o nó crescendo dentro dela. "Eu pelo menos posso comer enquanto estou trancado aqui?"

"Ah, sim, claro." Ellie corre para a porta pela qual eu desesperadamente desejo passar. "Vou pegar um pouco de comida para você na cozinha."

Com uma batida e verificação verbal para os Imperiais do lado de fora de que ela não é prisioneira deles, uma série de fechaduras se abrem com um clique. Ellie então desliza para fora da sala, permitindo que uma lasca do mundo além se espalhe para dentro desta gaiola aconchegante. Mal vislumbrei os guardas decorando minha porta antes que uma mão enluvada a batesse, o baque seguido por uma volta de fechaduras que me faz estremecer.

Fico ali, tremendo enquanto a água pinga das pontas do meu cabelo curto para respingar nas clavículas nuas abaixo. Engolindo em seco, olho para o quarto vazio. Uma frieza inquietante me percorre, como se o próprio desespero arrastasse um dedo pelos meus ossos.

Estou completamente sozinho.

Não há mais nada. Nem dentro de mim nem no mundo além.

Preso neste quarto, sou forçado a encarar a realidade. Forçado a encarar a solidão escancarada dentro de mim. Meu próprio ser está decaindo, e o amor é o culpado. O amor matou todas as pessoas com quem me importo.

As paredes começam a se fechar ao meu redor.

“Não,” eu sussurro para minha mente traidora. “Por favor, não.”

O apelo é prontamente ignorado.

Meus pulmões se contraem, apertando meu coração despedaçado até doer. De repente, estou ofegante com a sensação de claustrofobia apertando meu corpo. Fecho os olhos, tentando bloquear o mundo que deseja me sufocar.

Não adianta. Preciso sair daqui.

Cambaleando até a porta, bato meu punho trêmulo contra ela. “Deixe-me sair. Por favor.”

Silêncio.

“Não posso mais ficar aqui.” Minha voz falha sob o peso de uma mente tentando me esmagar. “Por favor!”

Bato contra a porta enquanto as paredes continuam seu sufocamento constante.

Estou lutando para respirar. Minha testa encosta na madeira lisa da porta enquanto eu engasgo, “Deixe-me sair! Eu não consigo fazer isso!”

As paredes se aproximam.

Meu punho bate na porta com um baque final. Eu me viro lentamente, deixando minhas costas deslizarem contra a madeira até meu corpo bater no chão com força. "Eu não consigo fazer isso", eu sussurro. Lágrimas brotam, ardendo meus olhos doloridos enquanto eu puxo joelhos trêmulos para um peito dolorido.

Sou pouco mais que a casca de uma menina, sentada entre fantasmas.

Meu pai senta-se ao lado da minha forma trêmula com uma mão reconfortante no meu joelho, a cor exata dos seus olhos desaparecendo da minha memória. Adena descansa a cabeça no meu ombro, a franja torta caindo em um olhar suave e melífluo.

Mas Kai...

Kai está diante de mim, tão forte e deslumbrante. Quase consigo ouvir sua voz, o som distante ecoando das profundezas da minha mente...

“Onde ela está?!”

É tão familiar, tão real—

“Onde diabos ela está?!”

Eu me endireito diante daquela voz crescente, com medo da minha própria mente enganosa.

Não é real. Ele se foi.

Passos pesados ecoam além da porta de madeira onde estou encostado.

Balanço a cabeça com raiva, enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Ele se foi. Assim como todos os outros. Eu o matei—

“Afaste-se. Ou eu vou fazer você.”

Meu coração oco e partido gagueja diante desse comando.

Não pode ser verdade. Não posso me deixar acreditar nisso, e ainda assim, eu me levanto aos meus pés. Palmas pressionadas na porta que me separa da esperança, eu murmuro, "Kai?"

O grito abafado que retorna me faz rir em meio a um soluço incrédulo.

“Pai!”

Eu me afasto da porta, meu coração batendo forte com a presença da outra metade.

“Vossa Alteza, temos ordens estritas do rei para—”

A porta voa das dobradiças.

Ao cair no chão com um baque, não há mais nada para me separar do fantasma atrás. Nem mesmo a própria Morte.

Nossos olhares se encontram.

Fumaça encontrando fogo; vida encontrando mortos-vivos.

Ele está ali, tão perfeitamente intacto. Seu peito arfa, livre da minha adaga e das marcas de mãos ensanguentadas que deixei ao lado dela. Uma tempestade se forma em seus olhos cinzentos, tão diferente da última vez que os vi fixados vidradamente no céu acima. Tudo sobre o Enforcer é impossivelmente exatamente como o deixei na noite anterior ao Julgamento final.

Não consigo me mover, com medo de que isso seja algum sonho cruel, algum fantasma que vai escorregar entre meus dedos. Mas então seus olhos estão cheios de lágrimas. Lábios familiares estão se abrindo em um sorriso aliviado, aquelas covinhas perigosas emoldurando-o.

As palavras de Kai estão sufocadas. “Ouvi dizer que você me matou?”

É só isso que é preciso para que meus pés tropecem.

Eu sou mais que sua sombra. Eu sou uma mariposa para sua chama.

Um soluço cresce na minha garganta, jorrando lágrimas quentes para os meus olhos. Mal consigo ver através do borrão de descrença, mas ainda assim, corro em sua direção. Ele não hesita antes de atravessar a sala, indo direto para a mão que ajudou a matá-lo.

Eu tropeço em seus braços antes que meus joelhos possam ceder sob mim. Minha risada histérica é abafada contra sua túnica, rosto enterrado acima de um coração que bate descontroladamente.

Vivo. Ele está vivo.

A sensação dos seus braços me apertando é tão familiar, tão aparentemente *certa* , que choro ainda mais ao pensar em realmente perdê-lo.

Vivo.

Ele é tão incrivelmente vivo, forte e está de pé por nós dois. O peito de Kai estremece contra mim enquanto lágrimas vazam de seus olhos, assim como os meus. Eu me afasto lentamente, com medo de que eu possa voltar à realidade e descobrir que ele não é nada mais do que uma invenção da minha dor.

Mas nada tão requintado poderia ser imaginado.

Meus dedos trêmulos roçam seu rosto, e o toque sussurrado faz os olhos de Kai tremularem e se fecharem. Uma lágrima escorre pelos planos afiados de seu rosto, colidindo com meus dedos. Eu balanço minha cabeça enquanto me esforço para falar além do nó na minha garganta. "Como você está aqui?" Minha voz é um sussurro rachado. "Eu assisti... eu assisti você *morrer* ."

As mãos dele deslizam pelo meu corpo, como se quisessem garantir que eu também sou real. “Sinto muito. Sinto muito por tudo que você passou—”

“Eu não me importo.” Eu seguro seu rosto, minha própria sinceridade. “Eu não me importo, contanto que isso seja real, e você esteja vivo.”

“Isso é real”, ele quase ri. “Não é fingimento. Nunca.”

Eu aceno e pressiono minhas palmas em seu pescoço enquanto um sorriso puxa meus lábios trêmulos. “Eu simplesmente não entendo. Minha adaga... eu a senti deslizar em seu peito.”

Meus dedos percorrem seu peito, sem encontrar nenhum vestígio da lâmina que

um dia esteve enterrada ali.

"Eu sei." Sua voz está repentinamente tão gelada quanto os olhos que se movem rapidamente entre os meus. "Eu não teria deixado isso acontecer, mas eu estava drogado naquela noite antes do Julgamento."

Minha boca se abre. "O quê?"

"Eu deveria dormir durante o Julgamento. Os Curandeiros me trancaram no meu quarto." Um músculo se flexiona em sua bochecha. "A torcida do Bowl me acordou, e eu... eu sabia que era você. Então eu lutei contra a droga e cambaleei até a arena. Os Imperiais me seguraram antes que eu pudesse entrar, mas eu vi, Paedyn. Eu vi você lutando *contra mim mesmo* . E isso..." Sua voz falha. "Isso me destruiu. Eu tentei abrir caminho até você, mas as drogas me enfraqueceram, e eu apenas... fiquei lá enquanto você lutava pela sua vida. Lutou *comigo* ."

Suas mãos ásperas seguram meu rosto manchado de lágrimas. "Você quase morreu pensando que fui eu quem te matou. Pensando que eu colocaria a mão em você novamente por qualquer motivo que não fosse uma carícia. Eu disse que nunca mais lutaria com você, mas lá estava eu, te machucando como prometi não fazer."

"Shh." É difícil falar com a emoção entupindo minha garganta. "Não é sua culpa. Você não fez isso."

Ele assente. Eu derreto contra ele. Memorizo esse momento, porque pensei que não o teríamos novamente. Ele passa uma mão suave pelas minhas costas, o queixo descansando no meu cabelo. "Parecia real demais. Como se eu estivesse me observando perder o controle", ele finalmente sussurra.

Sua voz falha. Se afastando, ele segura meu rosto com mãos trêmulas. O Enforcer e todas as máscaras que o acompanham se foram. Este é Kai sozinho — meu tolo e meu amor.

"Eu não consegui te salvar. Nem de mim mesmo." Ele quase engasga com as palavras. "Me perdoe. Por favor."

Eu balanço a cabeça para ele. "Não há nada a perdoar. Porque eu..."

Estou chorando de novo. Parece que não parei em dias, mas possivelmente pela primeira vez na minha vida, isso não me faz sentir fraca. É alívio que jorra de mim, uma mistura de felicidade em sua presença e medo da admissão em minha garganta. "Kai, eu—"

Meus pés deixam o chão por um momento antes de pousarem sobre os dele. Eu rio em meio às lágrimas, apoiada em suas botas, assim como eu fazia quando era uma corrente nos prendendo, não algo muito mais inquebrável. Seus braços se entrelaçam firmemente em volta da minha cintura. "Diga-me, Pae."

Engolindo em seco, forço a sequência de palavras. "Eu vi você morrer naquela arena. Eu vi minha própria adaga afundar em seu peito com minhas mãos em volta do punho. E então, você estava escorregando." Eu pisco, o olhar embaçado. "E eu nem tinha dito aquelas três palavras que eu tinha tanta certeza que te tirariam de mim. Foi preciso sua morte para encontrar minha coragem, e então, você estava... você tinha ido embora."

Minha voz treme. Quebra. Desmorona com minha compostura. "Mas não posso esperar por outra tragédia. Então vou te contar agora, porque o destino provavelmente não nos permitirá um futuro. Kai, eu—"

"Eu te amo."

Kai rouba as palavras da minha boca com um sorriso largo. E, distantemente, percebo que esta não é a primeira vez que ele profere tal declaração. Ele levanta uma mão para o meu rosto manchado de lágrimas, acariciando o polegar sobre a pele corada ali. “Paedyn, eu te amo. Como nada antes, *eu te amo* . E eu estava esperando para te dizer desde que percebi que seus olhos são minha cor favorita e suas sardas a única constelação que vale a pena olhar. Eu poderia mentir — dizer que você roubou cada pensamento e batimento cardíaco meu como o ladrão que você é, mas todo o meu eu já era seu. Pae, você é meu inevitável.”

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, umedecendo os dedos de Kai. Ele está chorando do mesmo jeito, e ainda assim, seus olhos nunca deixam os meus. Ele pronuncia as palavras novamente, como se elas tivessem consumido todos os seus pensamentos e implorassem para serem soltas. "Você é meu inevitável. Na morte e no amor."

“E você é meu.” Eu sufoco meus soluços o suficiente para sussurrar, “Eu te amo, Malakai. Eu te amo.” Eu não consigo parar de vomitar as palavras agora que eu as disse. É libertador, deixar de lado o medo que acompanhava aquela frase. “Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo v—”

Sua boca está na minha, saboreando as palavras dos meus lábios. Eu o respiro avidamente enquanto as lágrimas se misturam ao beijo. Suas mãos correm pelo meu corpo, memorizando gentilmente cada curva sob o robe. Suspirando em sua boca, enrolo meus braços em volta do seu pescoço. Sinto-me delicada em seu abraço, como se ele estivesse segurando algo inestimável.

Amor.

É isso que esse sentimento é. E ele consome tudo.

Ele se afasta um pouco, os lábios ainda pairando acima dos meus, e dá um leve toque na ponta do meu nariz. "Meu lindo Pae. Olha o que você fez comigo."

Eu sorrio para ele, retribuindo o favor com um estalar de meus próprios dedos. "Eu poderia te pedir o mesmo, príncipe bonito." Meu olhar se desloca para um par de saltos sentados inocentemente ao lado do meu guarda-roupa. "Você já me disse que me amava, não é?"

Um sorriso puxa o canto da boca dele. “Você pareceu mais interessado nos sapatos que eu encontrei descartados na pista de dança.”

Concordo com a cabeça diante da vaga lembrança. “Você me carregou para o meu quarto.”

“Bem, você estava se tornando um grande risco de tropeçar na pista de dança.”

Minha garganta está seca. Engulo em seco. “Você me ama.”

“Então.” Suas mãos seguram meu rosto. “Agora.” Meus lábios roçam os dele. “Sempre. E eu encontrarei seus sapatos para você em todas as vidas, se você permitir.”

Ficamos ali, abraçados por vários momentos silenciosos. Mas isso é tudo o que é preciso para que as perguntas voltem a aparecer na minha mente. Então, quando uma sombra de confusão cruza meu rosto, Kai pergunta: "O que é?"

“Kitt sabia que não era você naquela arena”, murmuro.

Meus olhos caem sobre seu peito ileso.

“Então quem eu matei?”



CAPÍTULO 49

Kai

“Vejo que vocês dois se encontraram.”

Essa é a primeira coisa que Kitt diz quando entramos em seu escritório. A segunda é um pedido de desculpas suspirado. “Sinto muito pelo que fiz vocês dois passarem. Sério.”

Paedyn respira fundo ao meu lado. “Eu quero respostas.”

Kitt se levanta de seu assento. “Ah, eu sei. Você parecia pronto para rasgar minha garganta na Tigela. Foi arrepiante, aquele olhar que você me deu.” Pisando na frente da mesa desorganizada, ele se inclina contra a madeira manchada. “Eu acho que o reino finalmente viu você pelo que você é — assustador.”

"Fico feliz em ver que algo bom saiu da minha dor, então", Pae retruca.

“Muita coisa boa”, Kitt corrige, “veio de uma dor de curta duração. É por isso que eu fiz isso.”

Dou um passo à frente, cruzando os braços. “E o que exatamente você fez, irmão?”

Kitt tosse em um lenço. Isso me preocupa, mas seu olhar parece mais claro do que naquela noite antes do Julgamento. “Sinto muito sobre a droga. Mas, Kai, era a única maneira de mantê-lo trancado e fora de visão — o que não parecia funcionar, como era. E, Paedyn” — ele gesticula para ela fracamente — “a única maneira de Ilya aceitar você como rainha seria se você provasse ser mais forte do que a mais forte entre nós. E uma Portadora é isso.”

“Tudo bem. Mas não foi com Kai que eu lutei.” Ela olha para mim. “Claramente.”

“Não,” Kitt suspira, “não foi. Mas eu queria que você e o reino pensassem que era o Enforcer. Conquistá-lo seria um feito enorme — não só porque ele é um Wielder, mas porque ele é igualmente perigoso sem uma habilidade.”

Ele diz isso claramente, apesar de quão surpreendentes eu ache suas palavras. Kitt nunca falou muito sobre meu poder, sempre consciente das diferenças entre nós. Mas eu sei o quanto ele despreza não poder provar a si mesmo fisicamente como eu fiz durante toda a minha vida. Como herdeiro, o poder é controlado, não exercido.

“E talvez,” Kitt continua, “eu quisesse testar sua lealdade a mim. Ver se você realmente...”

Paedyn enrijece, e antes que ela possa dizer algo condenatório, eu me apresso para perguntar, "Como você fez isso? Que Elite poderia se passar por mim?"

Os olhos de Kitt sobem lentamente para os meus. “Encontramos um Wielder que precisava ser cuidado.”

Uma dormência crescente se espalha por mim com suas palavras.

“É verdade?” Paedyn suspira, virando a cabeça em minha direção. “Há outros Wielders em Ilya que estão sendo mortos por causa disso?”

“São muito poucos”, Kitt responde em meu nome, seu olhar preocupado no meu cada vez mais distante. “Pai descobriu três durante seu reinado, mas ele iria” —

limpando a garganta — “cuidar deles para garantir que Kai fosse o Elite mais forte na história de Ilya.”

Minha voz é gelada. “Eu nunca quis isso. Eu pensei que tínhamos concordado em parar—”

“Fizemos isso”, Kitt interrompe severamente. “Mas esse Wielder veio até nós. Ele sabia dos riscos e decidiu lutar de qualquer maneira.”

Paedyn balança a cabeça, murmurando, “Por que ele faria isso? E como ele se parecia exatamente com Kai—” Seus olhos brilham, indicando uma realização como sempre fazem. “Ilusionista. Havia um Ilusionista disfarçado de Visão, não havia?”

Kitt assente solenemente. “Ele estava lançando a imagem de Kai sobre o Portador.”

“Ela poderia ter morrido!”, grito, estendendo a mão em direção a Paedyn. “Pelo menos se fosse eu naquele Poço, eu teria garantido minha própria morte em vez da dela.”

“Você acha que eu não sei disso?” Kitt rebate. “É exatamente por isso que eu não podia deixar você entrar naquela arena. Você teria sacrificado sua vida por ela. E eu me recuso a perder você.”

Olho para ele, para esse pedaço de irmão que nunca vi. Este Julgamento foi perfeitamente calculado, idealizado para garantir o resultado que ele desejava. Vejo agora que foi precisamente para isso que o Pai o treinou — um passo à frente.

"Mas você estava disposto a arriscar perdê-la", digo calmamente.

O olhar de Kitt se volta para Paedyn. “Ela tinha que provar a si mesma. Parece que tenho mais fé nela do que em você, irmão. Eu sabia que ela conseguiria, e ela conseguiu. Nenhum de vocês precisava morrer.”

“Ele está certo.” Paedyn cruza os braços, concordando a contragosto. “Tinha que parecer real. E agora o reino está um passo mais perto de dobrar os joelhos.”

Eu balanço minha cabeça, a dor se infiltrando em minhas feições. "Você me drogou, Kitt. Me trancou em um quarto." Minha garganta aperta. "Esse é o tipo de merda que nosso pai — meu rei — me faria passar."

A cabeça de Paedyn mergulha em direção ao chão, mas a raiva em seu rosto não é tão facilmente escondida. Vejo Kitt se aproximar de mim, bloqueando minha visão dela. Seu rosto se contorce de arrependimento. "Eu nunca quis te machucar, Kai. Eu... eu sinto muito. Por favor, me perdoe." A expressão que ele usa fica severa. "Eu nunca quero te lembrar do Pai. Eu sou melhor do que isso."

Concordo lentamente. “Sempre soube que você era melhor que o pai.” Kitt parece parcialmente satisfeito com esse primeiro passo em direção ao perdão, permitindo-me seguir em frente com um insosso, “Então, eu estou morto, então.”

Kitt nem pisca antes de dizer: "Na verdade, eu ia te deixar ainda mais poderoso. Diga ao reino que você sobreviveu."

Eu pisco. “Você realmente acha que eles vão acreditar nisso?”

“Eles não precisam acreditar em você. Eles precisam apenas temer você. Você será a Libertadora da Morte que o conheceu e viveu. E você”—o olhar de Kitt desliza para Paedyn—“agora ganhou o respeito do seu reino e será a rainha deles.”

Inclino minha cabeça diante da mentira poderosa que ele inventou. "Tanto faz nunca me lembrar do Pai."

O estudo fica rigidamente silencioso enquanto todos nós olhamos uns para os outros. Vários segundos se passam antes que Paedyn limpe a garganta e direcione

nossa atenção para o olhar de determinação que ela usa. "Eu quero ver esse Wielder."

Kitt dificilmente parece surpreso com esse pedido. “Paedyn, não tenho certeza se você vai querer ver isso. O corpo dele está nas masmorras e—”

“Eu quero,” ela diz lentamente, “ver. E não pense que eu já te perdoei pelo que você me fez passar. O que você me fez fazer — se foi ou não realmente Kai.”

O rei se afasta da mesa, os olhos nublados com algo próximo ao remorso. Ou talvez aquele indício de histeria que testemunhei. "Você acha que foi fácil para mim? Você acha que eu queria ver meu irmão morrer, mesmo sabendo que não era realmente ele?" O olhar de Kitt desliza para o meu, tímido enquanto me observa. "Eu odiei isso. Eu não queria fazer isso — nada disso. E, de novo, eu... sinto muito, irmão."

Vejo sua fachada real desmoronar sob o peso do meu olhar. Pela primeira vez, vejo o quão incrivelmente perdido ele está. Onde um irmão gentil e charmoso uma vez esteve, agora reside o cadáver do dever e do poder.

Um nó se forma na minha garganta quando eu aceno. E então eu o puxo para um abraço esmagador. Kitt se agarra a mim, seu aperto mais fraco do que eu me lembrava. Por um momento, somos meninos novamente, buscando conforto durante a morte de Ava ou parabéns após uma briga. Sua respiração treme, como se ele estivesse tentando se recompor antes de murmurar: "Preciso de você comigo, Kai."

Eu me afasto, batendo minha mão em seu ombro. “E espero nunca descobrir como eu seria sem você.”

Simultaneamente, nossos olhares se voltam para onde Paedyn está ao nosso lado. Ela está lutando contra um sorriso ao ver um momento tão sincero antes de endireitar suas feições. Rapidamente, ela se afasta com um gesto para a porta. "Lidere o caminho, Majestade."

Então, com um suspiro, o rei obedece. Nós seguimos para o salão, dando um passo rápido em direção às masmorras. Imperiais se alinham em uma parede ocasional, parecendo não surpresos com minha presença muito viva. Até mesmo os servos que passam mal olham em nossa direção, e a resposta totalmente imperturbável me faz dizer: "O castelo já sabe que não fui eu na arena, certo?"

“Eles foram informados algumas horas atrás,” Kitt responde, virando uma esquina. “E eles não falam uma palavra sobre o outro Portador. Você sabe o quão boa a equipe é em guardar segredos. Eles fazem isso há décadas.”

Concordo distraidamente, sabendo que isso é verdade. Estou começando a pensar que Ilya em si foi construída sobre segredos — e duvido que eu saiba metade deles.

A porta grossa das masmorras surge diante de nós de repente, sua moldura decorada de cada lado por dois imperiais. Eles acenam estoicamente para seu rei antes de abrir a entrada de metal pesado que guardam. Degraus de pedra nos aguardam além, descendo para a escuridão e as masmorras abaixo.

O ar denso e o frio que o acompanha nos cumprimentam no pé da escada. É como se eu tivesse sido bem-vindo de volta ao meu esquecido covil de tortura. Não desço aqui desde que o Silenciador da Resistência, Micah, ocupou uma dessas celas.

Não desci aqui desde que o matei.

Sufocando a memória, eu me desvio para trás de Kitt e Paedyn. As celas estão vazias dos poucos membros da Resistência que uma vez as preencheram após a batalha no Bowl. Eles agora ocupam os vários anéis de treinamento além do castelo, espalhados entre as numerosas rotações Imperiais.

“Sabe”, Kitt relembra, sua voz ecoando nas pedras sujas, “a última vez que estive aqui foi quando te levei direto para os túneis que você estava procurando, Paedyn.”

Ela respira fundo, parecendo dolorida. “Não é uma lembrança particularmente boa, eu presumo.”

“Eu entendo, de verdade. Sempre há uma razão para a dor que causamos.”

Paedyn abre a boca antes de fechá-la abruptamente ao ver uma cela ocupada. Seus pés desaceleram; os meus fazem o mesmo.

Um corpo jaz no chão de pedra com uma familiar adaga de prata enterrada em seu peito.

É estranho ver um homem com o mesmo poder que eu ser reduzido a uma morte tão simples. Nunca conheci outro Wielder, nunca tive a chance antes que a fome de poder do Pai garantisse que eu fosse o único da minha espécie. Mas olhando para esta Elite, uma parte de mim deseja ter alguém para suportar o fardo desta habilidade.

Ainda assim, Paedyn fica ali, enraizada no lugar do lado de fora daquela cela. Sua voz é assustadoramente baixa. “É ele.”

Kitt dá um passo à frente. “O quê?”

“É o garoto da Adena de Loot.” Ela engasga com o nome dele. “Mak.”

Minha cabeça vira de volta para o corpo, olhos traçando o padrão idêntico de seu colete. Cada bolso e cada costura — exatamente o mesmo.

Esta é a amiga que ela conheceu no Forte.

Paedyn cambaleia para dentro da cela, seu olhar deslizando sobre o homem. Eu a sigo, observando seu cabelo desgrenhado, longo o suficiente para fazer cócegas nas laterais do pescoço. Uma mecha prateada aparece entre os fios pretos enquanto uma cicatriz corta o canto da boca. Olhos castanhos olham fixamente no teto acima, embora uma espécie de alívio vago pareça preenchê-los.

Lentamente, Pae cai de joelhos ao lado dele. Sua pele está toda manchada de cor, contrastando fortemente com o colete escuro que o abraça firmemente. Sangue mancha suas roupas, cercando aquela adaga prateada em uma poça de carmesim. Com dedos trêmulos, Paedyn traça a costura suja de seu colete. Ela suga o ar antes de seguir a subida e descida de cada bolso costurado nele.

Seus dedos tropeçam em uma sequência de palavras costuradas. O fio azul está manchado de sangue, opaco sob um dos muitos bolsos. Ouço a respiração de Paedyn falhar antes das palavras murmuradas que se seguem. "Vejo você no céu."

Com os olhos arregalados e marejados de lágrimas, ela levanta o olhar para mim. “Ele estava tentando dizer isso na arena. Ele estava morrendo, e essa era a última coisa que ele queria dizer.”

“Paedyn...” Eu me agacho ao lado dela e coloco uma mão gentil em suas costas no mesmo momento em que Kitt descansa uma em seu ombro. Nossos olhos se encontram por um único e desconfortável momento, no qual vislumbramos o resto de nossas vidas. Paedyn sempre estará entre nós. Em breve, ela não será mais minha para confortar, minha para ter.

E pateticamente eu ainda a amarei. Ela está para sempre alojada dentro de mim, o único ponto puro na minha alma manchada. Mas por enquanto, eu não me afasto. Não até que os votos sejam firmados entre nós, e aquele anel em seu dedo tenha um peso maior. Até então, eu a terei de qualquer maneira que ela me deixar.

“Mesmo depois do nosso tempo em Loot juntos, ele ainda me culpou pela morte

de Adena," Paedyn respira. Seus dedos se enrolam na bainha perfeita do colete. "O jeito que ele estava lutando... ele realmente queria me machucar."

Meu estômago se revira, odiando que ela tenha acreditado que era eu naquele ringue com ela. Mas as tensões estavam altas, e esse Wielder estava lá para desempenhar um papel — eu.

"Ele queria vingá-la." Ela balança a cabeça. "Não posso culpá-lo por isso. Só culpo a mim mesma."

Meus olhos encontram os de Kitt sobre a garota preocupada entre nós. Ela se inclina para trás lentamente sobre os calcanhares, um fluxo silencioso de lágrimas decorando sua pele. "Mas ele decidiu não me matar", ela murmura. "Ele poderia ter me matado. Se não tivéssemos nos conhecido, eu me pergunto se as coisas teriam sido diferentes."

A cabeça de Paedyn cai sobre meu ombro e, por um momento, esqueço a presença do meu irmão. Kitt desvia o olhar, sua garganta balançando de emoção. Talvez seja inveja, irritação, até, e eu odeio isso. Isso tudo está errado, vê-lo assim. Estar assim com ele—

Paedyn passa o braço pelo de Kitt, puxando-o para perto.

Eu enrijeço um pouco, Kitt faz o mesmo com a inclusão repentina. Mas Paedyn não se encolhe nem um pouco. Ela simplesmente encara o corpo diante de nós, o dela pressionado entre dois irmãos.

A vastidão da dor de Pae atrai minha atenção de volta para ela. Ela se agarra ao braço de Kitt com a cabeça inclinada contra meu ombro. Eu também conheço essa garota melhor do que ela deixa a maioria. Eu posso ler cada tremor e palavra não dita.

Ela quer silêncio. Ela quer sentar-se nessa dor. E quando ela estiver pronta para ser retirada, seu noivo e seu irmão estarão aqui para fazer isso.

"Nós nunca conseguimos nos despedir dela." As palavras sussurradas de Paedyn não são para nossos ouvidos. "Mas pelo menos pudemos compartilhar o quanto nós dois a amávamos."

Demora um bom tempo até que ela se separe da pressão de nossos corpos e levante uma mão hesitante em direção ao olhar vítreo do Portador. Ela fecha os olhos dele gentilmente, oferecendo a ele o fim pacífico que ela não poderia dar na arena. Entorpecido, Paedyn ajeita seu colete antes de tirar fios de cabelo soltos de sua testa fria.

"Cuide dela para mim," ela sussurra sobre sua pele pálida. "Cuide dela, Mak."

Quase não ouço seu último sussurro entrecortado.

"Vejo você no céu."



CAPÍTULO 50

Pedyn-P ...

Me lembro de ter saído das masmorras.

Ainda menos é lembrado depois que retorno ao meu quarto.
Foi mais difícil conhecê-lo.
O cadáver tinha um nome.
Máx.
Máx.
MAK.
Cadáveres não precisam de nomes.
O último pedaço de Adena morreu em meus braços, assim como ela.
Ele vestiu o colete dela. E agora ele mantém seu corpo morto aquecido.
Máx.
Ellie diz que só descobriu esta manhã que não era Kai na arena.
Eu digo a ela que sei.
Acho que sou egoísta pelo alívio que sinto com a ressurreição de Kai.
Por que meu amor merece viver e o de Adena não?
Mas agora eles estão juntos, decorando o céu.
Estou começando a perceber que era isso que ele queria.
Ele só queria vê-la no céu.

Uma cachoeira de água branca desce pelo meu corpo.

"Você já terminou aí atrás?", pergunto com um tom de preocupação.

Colocando a cabeça sobre meu ombro, Ellie suspira para mim no espelho diante de nós. "Tem que ter uma centena de botões."

Eu balanço minha cabeça antes que ela se abaixe e retorne à tarefa meticulosa. Meu olhar vagueia sobre o vestido, traçando a curva delicada de seu corte contra meu corpo. Tecido branco macio me abraça firmemente enquanto uma camada de renda delicada cai sobre ele. Agrupamentos de pequenas flores decoram o vestido, subindo pelas alças grossas ao redor dos meus ombros para pendurar nas costas em longas fitas.

É a imagem perfeita de pureza.

E não tenho certeza se devo ser eu a usá-lo.

"Pronto," Ellie declara antes de se endireitar. "Oh, você vai ser uma noiva tão linda."

Eu engulo em seco. Forço um sorriso forçado.

"Agora," ela continua gentilmente, sem perceber meu desconforto, "ainda não está pronto. E, hum, eu posso pedir para a costureira alargar um pouco mais essas tiras, se você quiser?"

Uma lasca da minha cicatriz ainda aparece por baixo do tecido. Eu passo meus

dedos sobre a pele mutilada, olhando para o estranho contraste entre tamanha delicadeza e animosidade. “Talvez,” eu digo distantemente. “Não tenho certeza se—”

Uma batida leve na porta interrompe minha resposta hesitante. Eu me viro em direção ao som antes de sorrir para a fonte dele. Calum está parado na porta, sorrindo levemente. "Este é um momento ruim para desejar felicidades à futura rainha?"

Aceno para ele enquanto Ellie se afasta, nos dando um pouco de privacidade. “Não, nem um pouco. Estou feliz que você esteja aqui, na verdade.”

“Oh?” Ele anda ao meu lado, cabelos loiros brilhantes no sol poente que entra pela minha janela. “Todos bons motivos, espero.”

Meu sorriso é pequeno. “Bem, veja...” Estou mexendo no anel no meu polegar. “Você é a coisa mais próxima que tenho de um pai agora. E eu estava pensando se...”

"Seria uma honra acompanhá-la até o altar, Paedyn", diz Calum com um aceno solene.

“Sério?” Eu respiro. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto como uma garotinha de novo. Eu me sinto como a garotinha *de alguém de novo.*

“Claro.” Seu olhar examinador percorre o vestido elegante antes de retornar ao meu rosto. Percebo o leve movimento de sua garganta. “Você realmente se parece com sua mãe.”

Fico lisonjeado até ser lembrado da verdade. “É isso mesmo”, suspiro. “Nunca tive a chance de contar a você sobre os diários do meu pai.”

Os olhos de Calum perfuraram os meus, revelando os pensamentos enterrados por trás deles. Ele pisca então, a voz suave. “Adam não era seu pai.”

“Aparentemente não.” Balanço a cabeça, o olhar caindo no anel no meu polegar. “A esposa dele morreu no parto, e uma semana depois, eu apareci na porta dele. Só mais uma Ordinária indesejada. Então... quem sabe se eu pareço com minha mãe de verdade.”

“Adam nunca me contou.” Há uma longa pausa antes de Calum acrescentar: “Ele escreveu sobre mais alguma coisa neste diário?”

Eu balanço minha cabeça. “Ele documentou principalmente seus pacientes e o crescimento da Resistência. Mas se algo mais foi mencionado, teria sido nas páginas que eu usei para alimentar um fogo no Santuário das Almas.” Eu olho para ele, ligeiramente cética. “Por quê?”

Calum consegue dar um leve sorriso. “Só curiosidade por um velho amigo.”

“Hmm.” Eu brinco com o anel no meu polegar. “Mas você acha que eu pareço com a esposa do meu pai, Alice?”

“Pelas poucas fotos que vi dela, sim”, ele responde suavemente. “Agora, eu preciso correr para uma reunião com Kitt, mas terei certeza de dizer a ele o quão linda você está neste vestido de noiva. As rosas do meu jardim ficarão lindas com ele.”

Isso me faz parar. “Seu jardim? Como você conseguiu cultivar alguma coisa no curto período em que esteve aqui?”

Ele recua. “Bem, os Blooms têm sido muito úteis. Eles são os meus agradecimentos por persuadirem minhas flores a crescerem.”

“Certo.” O murmúrio é seguido por um apressado “Obrigado. Por tudo.”

Ele abaixa a cabeça, oferecendo um último olhar. “Espero que você não esteja cobrindo essa cicatriz. Você deveria estar exibindo-a.”

O Leitor de Mentes se foi antes que o sorriso virasse meus lábios. Ellie corre de

volta para o meu lado, encarando minha figura no espelho enquanto ajeita as várias costuras do vestido. "O que você acha?"

Eu corro a mão pelo tecido. “Estou apenas pensando no que Adena diria.”

“Provavelmente muitas coisas”, diz Ellie com seriedade.

A verdade dessa previsão me faz rir. E então meus dedos estão se desviando para as tiras grossas deslizando sobre meus ombros. As palavras de Calum ecoam em minha mente, mas é uma voz mais doce que ecoa em meu coração. É onde Adena mora, e ela está me dizendo para exibir minha sobrevivência. Mostrar o poder que fui forçado a encontrar dentro de mim.

Este tecido nunca sentiu o toque suave de Adena, e eu nunca mais sentirei. Se eu for me casar, quero usar um pedaço dela. Então, o mínimo que posso fazer é mostrar minha força em sua homenagem.

“Na verdade, decidi não usar as tiras.” Luto para conter meu sorriso triunfante. “Gostaria que elas desaparecessem.”

Ellie assente. “Vou buscar a costureira, então.”

Eu a observo deslizar para fora do quarto antes de retornar meu olhar para o espelho. O rosto que me encara de volta é estrangeiro de uma forma libertadora. Há um certa ousadia dentro dela com a qual estou ansioso para me familiarizar. Não é bem a imagem de uma rainha, mas talvez algo tão poderoso.

Há força no sacrifício. E é isso que esse casamento é.

Então sorrio para meu reflexo, incapaz de lembrar da última vez que fiz isso.

Passos fracos ecoam do corredor além, aos quais eu chamo distraidamente: "Ellie, estou usando um véu?"

“Eu imploraria alegremente para que você não fizesse isso.”

Meu coração gagueja ao som repentino de sua voz. Eu me viro em direção a ela lentamente, o tecido balançando em volta dos meus tornozelos. Kai está parado na porta, seus olhos vagando por todo o meu corpo com um olhar que lembra distantemente devastação.

“Ah?” Eu desafio sem fôlego.

“Não me prive de ver seu rosto uma última vez.”

Eu vacilo. “Não seria a última vez.”

“Não seria a mesma coisa”, ele responde rapidamente.

A dor em sua voz me faz estremecer. “Kai...” Eu passo rapidamente em sua direção, mais uma vez caminhando naquela linha perigosa entre dever e desejo. Posso estar usando um vestido de noiva feito para o rei, mas é para seu irmão que eu corro continuamente.

“Não,” Kai praticamente engasga. “Não ande em minha direção usando esse vestido.” Eu nunca ouvi o Enforcer soar tão abalado. “Isso só me lembra que não serei eu quem estará esperando você no final daquele corredor.”

Meus pés param de repente. Concordo lentamente, odiando a dor em seu rosto. Minha garganta queima. "Eu também não quero isso."

Ele me encara por um longo momento antes de diminuir a distância entre nós. "Eu só vim para passar um bilhete por baixo da sua porta." Minha respiração fica presa quando ele pressiona um pedaço de pergaminho dobrado na minha palma. "Mas agora que estou aqui..." Ele dá um passo para trás para me olhar cuidadosamente. "Posso dizer que sua roupa está faltando alguma coisa."

Essa declaração descarada me faz piscar. “Ah?”

A boca de Kai se contrai. “Você não tem nada afiado para me ameaçar.”

“Isso é um problema, não é?” Eu concordo.

Com um sorriso crescente que mostra aquelas covinhas que eu amo odiar, ele enfia a mão na bota para pegar...

“Minha adaga”, eu respiro.

Seu cabo prateado e rodopiante pisca para mim na luz moribunda. Eu o pego gentilmente de suas mãos, sorrindo enquanto me reencontro com esse pedaço do meu pai. Até que me lembro por que eu não o tinha em primeiro lugar.

Eu olho para a lâmina limpa. “Você... puxou do peito dele.”

“Ele não precisava disso.”

Meu olhar cai para as palmas calejadas em seus lados. Suas unhas estão cobertas de sujeira, embora suas mãos estejam limpas da lama que uma vez as cobriu. Essa visão por si só me remete aos Sussurros, onde um príncipe arrogante uma vez enterrou uma garota pelo bem de outra. E novamente, nas favelas de Ilya, outro corpo meu coberto de lixo foi colocado para descansar pelo homem que deveria me arrastar para minha perdição.

“Você o enterrou.”

Não é uma pergunta. Mas também não é uma surpresa. Não mais.

“Nada passa por você, Pequena Psíquica.” Kai suspira as palavras antes de acrescentar, “Lá no campo de papoulas. Imaginei que seria um bom lugar para ele descansar.”

“Obrigada.” Eu engasgo com as palavras. “Eu só queria que Adena estivesse lá com ele.”

Seus dedos encontram meu queixo. “Eu sei, Pae. Gostaria de saber o que aconteceu com ela depois daquele Julgamento.”

Concordo rapidamente, sem querer me deter mais nesse pensamento do que já estou. “Obrigada”, digo novamente. “Você realmente está se tornando um cavalheiro.”

“Só para você, querida.” Ele dá um tapinha no meu nariz gentilmente antes de recuar com um sorriso irônico.

Eu pisco para sua forma recuando. “Onde você está indo?”

Suas palmas se erguem como se aceitasse a derrota. “Em algum lugar onde você não possa me torturar, Gray.”

Um som exasperado sai da minha boca. "Tortura? Eu nem levantei minha adaga para você ainda."

“Você não tem a mínima noção do quão devastador você é?” Kai ri sombriamente. “Você não precisa de uma lâmina. Eu sangraria se você pedisse.”

“Então eu não perguntaria”, retruco severamente.

“Não, você não faria isso.” Ele sai para o corredor, jogando sua próxima frase condenatória por cima do ombro. “Como minha rainha, você comandaria isso.”



CAPÍTULO 51

Kai

O som de vozes abafadas penetra por baixo das portas iminentes da sala do trono.

Kitt está ao meu lado, ajeitando a coroa dourada que sangra no cabelo abaixo. “Ela já deveria estar aqui.”

Tenho a estranha sensação de que ele não estava falando comigo. Meu olhar percorre o corredor, procurando por qualquer lampejo de cabelo prateado. “Ela estará aqui em breve. Provavelmente.”

O rei passa a mão no rosto, os olhos embaçados. “Bem, a corte está ficando inquieta. Deveríamos ir até lá.”

Suspirando, viro-me em direção à porta.

“O quê?” Kitt pergunta com ceticismo. “Desembucha.”

“Eu nunca estive morto antes.” Dou de ombros. “Foi meio legal.”

A risada de Kitt ecoa por todos os lados. Seu olhar parece clarear de repente. “Pacífico, tenho certeza.”

“Eu deveria morrer com mais frequência.”

Seu sorriso é tão igualmente familiar e sincero. “Sem chance, Kai Pie. Preciso de você comigo.”

As portas começam a se desenrolar lentamente, revelando uma lasca do pátio interno. Nós os encaramos, o reino, a vida em que fomos jogados, assim como temos todo o resto — juntos.

Kitt olha de soslaio para mim. Ele sorri mais largo.

Eu sorrio de volta.

“Pronto para sua ressurreição?” ele murmura.

Eu respiro fundo. “Contanto que você esteja aqui para me ajudar a sobreviver desta vez.”

As portas se abrem e suspiros ecoam pela sala.

Cada olhar está preso ao cadáver ambulante entre eles. Aprendi há muitos anos a não ficar nervoso sob escrutínio, então coloco uma máscara sobre minhas feições, sufocando qualquer emoção que não seja indiferença. Sussurros chocados seguem cada passo meu, a descrença mordendo meus calcanhares.

Chegando ao estrado, Kitt se vira para cumprimentar a corte atordoada. “Boa tarde. Espero que todos estejam completamente surpresos ao ver seu Executor depois de testemunhar o Julgamento final de Paedyn na Tigela.” O rei coloca uma mão firme em meu ombro. “Parece que todos vocês precisavam ser lembrados de que Kai Azer é o Elite mais forte entre nós. Sua morte não virá tão facilmente.”

A multidão irrompe, aplausos ecoam por toda a sala do trono. É provável que eles comemorem por medo, preocupados com o que eu possa fazer com eles.

“Eles não precisam acreditar em você. Eles precisam apenas temer você.”

As palavras de Kitt soam verdadeiras, mas é a voz do Pai que ouço dizendo isso.

Fico ali, fingindo ser um homem que a própria Morte teme. E tudo o que me custou foi a tortura de me ver quase matando Paedyn. Testemunhando meu medo mais profundo ganhar vida enquanto eu tentava inutilmente abrir caminho até ela.

A corte aplaude para mim, gritando louvores dignos de um herói. E eles sabem melhor do que a maioria que eu sou tudo menos isso. Mesmo assim, ofereço um leve aceno de cabeça e—

As portas se abrem.

Cada cabeça se vira em direção ao som estrondoso. Os olhares se arregalam quando pousam em seu rosto, ficam boquiabertos quando olham para baixo. Eu mal posso deixar de fazer o mesmo, porém, por razões muito diferentes.

Ela está ali, envolta em verde esmeralda. Ele cai por seu corpo em dezenas de camadas antes de ondular ao redor de seus pés e cair atrás de seus calcanhares. O vestido abraça sua cintura firmemente, subindo por seu corpo em um espartilho sem alças.

E ali, exposta acima do seu coração pulsante, está a escultura do rei.

A espinha de Paedyn está reta sob o peso esmagador dos olhos contra seu peito. O *O mutilado* está sentado grosseiramente sobre sua pele lisa, a cicatriz fluindo sombriamente para o corte em seu pescoço.

Corajosamente, ela lança seu próprio escrutínio sobre a multidão. Vulneravelmente, ela mostra àqueles que a odeiam a única coisa que ela mais odeia em si mesma. E, sem vergonha, eles encaram.

Sussurros abafados percorrem a multidão, forçando o rei a cortar a fofoca deles em voz alta. “Sua futura rainha, Paedyn Gray.”

Kitt sempre usou suas emoções descaradamente — uma qualidade que admiro e invejo igualmente. Então, quando olho para ele, encontrando uma expressão nada surpresa em seu rosto, percebo que esta não é a primeira vez que ele testemunha a crueldade que nosso pai gravou em Paedyn.

Uma pontada de ciúmes, mágoa, até, desliza por baixo da minha máscara despreocupada. Não tenho certeza do porquê, talvez porque eu saiba que aquela cicatriz é incrivelmente íntima para ela. Algo que ela lutou para me impedir de encontrar, apenas para se expor voluntariamente para meu irmão.

Mas é claro que ela faria isso. Eles estão noivos. Isso é só o começo.

Paedyn atravessa o chão de mármore, dividindo o tribunal agora silencioso. Tecido esmeralda flui atrás dela a cada passo em direção ao estrado. Ela mantém a cabeça erguida, cabelos prateados roçando ombros bronzeados enquanto aquela cicatriz puxa a pele abaixo.

O pé dela alcança o primeiro degrau, e aqueles olhos azuis colidem com os meus. O olhar que ela me dá é cortante — o mesmo que sempre foi e provavelmente sempre será. Porque não importa o quanto nossos sentimentos cresçam ou confissões sejam vomitadas, nós sempre permaneceremos exatamente como somos. Eu a provocarei até meu último suspiro, lutarei até estar enterrado seis pés abaixo de seus pés.

Eu sou eternamente seu rival e me deleito com isso.

Ela se vira para encarar a corte, exatamente a rainha que a fizeram se tornar. Seu olhar cai sobre Kitt, assim como será pelo resto de nossas vidas. Ele oferece a ela um leve aceno de cabeça, encorajando sua boca a abrir e—

“Então, o Comum não conseguiu matá-lo.”

Meus olhos se voltam para a multidão, pousando em um homem que deve desejar encontrar a Morte. “Isso significa” — ele levanta uma mão em direção ao estrado — “que ela nem completou o Julgamento. Foi até a morte, não foi?”

Paedyn está falando antes que eu tenha a chance de escolher um método mais violento. “Você gostaria que eu completasse o Trial aqui? Se você deseja ficar satisfeito, é seu sangue que eu posso derramar em vez disso.”

A voz dela é letal de uma forma que ainda não fui agraciado. O rosto do homem relaxa com as palavras, ficando mais pálido a cada uma dita depois. "Não seria difícil", ela diz suavemente. "Você perdeu recentemente sua mão dominante e, como um Crawler, isso o colocaria em grande desvantagem. Qualquer soco que você tentasse dar seria fraco, e sua defesa ainda mais."

Ela diz tudo isso como se estivesse informando o tempo. Eu estendo meu poder, enrolando-o em volta do homem atordoado.

Rastejante.

Meus lábios se contorcem em um sorriso que não consigo evitar.

Não é bem um médium. Nem bem um comum, também.

“E sua esposa.” O olhar frio de Paedyn se volta para a mulher ao lado dele, agora se aproximando do marido. “Mesmo sendo uma Curandeira, ela não conseguiu salvar sua mão. E, no fundo, você a despreza por isso.”

A corte encara sua futura rainha, seus olhos arregalados de descrença enquanto os dela permanecem no rosto daquele homem. "Estou errado?"

Sua boca abre e fecha.

Ela não hesita. “Estou. Errada?”

Ele abaixa a cabeça e balança-a solenemente enquanto a multidão explode em uma onda de sussurros.

Psíquico, de fato. Algo completamente diferente.

A voz de Paedyn corta todos eles, uma espécie de exigência suave. “Eu não sou Elite. E isso é tudo o que você vê quando olha para mim — tudo o que eu não sou. Então deixe-me dizer o que eu sou.” Ela respira fundo, a cicatriz acima do coração subindo e descendo. “Eu sou poder conquistado, não dotado. Eu me tornei um de vocês. Observador o suficiente para posar como um Psychic, forte o suficiente para sobreviver aos seus Trials. Repetidamente, eu provei que sou digno de sua lealdade.

“Mas eu já enfrentei coisas muito piores do que minha própria impotência.” Ela levanta um braço, passando os dedos sobre a cicatriz abaixo da clavícula. “Eu já usei esta escultura com vergonha, mas agora ela é a prova da minha sobrevivência. Nenhuma habilidade poderia ter resistido ao que eu tenho sozinha.” Um sorriso toca seus lábios. “Um rei deixou sua marca em meu coração, e agora, eu deixarei a minha em seu reino.”

Nunca vi algo tão bonito, tão ousado, tão descaradamente certo para mim, para este reino, esta esperança de uma Ilya unida. E temo que possa ficar para sempre admirado por ela. Olhando para Paedyn Gray, vejo uma espécie de destemor imprudente, um poder que brota de sua alma vibrante.

“A Peste corre no meu sangue, assim como no seu.” A voz de Paedyn é clara, ecoando pela silenciosa sala do trono. “Mas ela não me abençoou com força. Eu a tomei.”

Indo até a beirada do estrado, ela deixa seu olhar vagar pela multidão. “Eu sou

Ordinária. Elite. Um poder de minha escolha. E eu serei sua rainha — tudo o que eu sou e ferozmente o que eu não sou."

Silêncio.

O tribunal a encara em choque, em uma mistura confusa de medo e respeito. E Paedyn Gray a encara de volta.

"Salvador de Prata..."

O sussurro abafado chega aos meus ouvidos, me estimulando a dar um passo à frente. "Dobre o joelho para sua futura rainha de Ilya."

Os olhos de Pae se fixam nos meus, e por um momento, é como se fôssemos as únicas duas almas ocupando esta sala. Há aquela corda eletrizante entre nós, puxando meu coração a cada segundo que sou contemplado por ela. Mas o som de pés se movendo faz meu olhar se desviar e—

E todo joelho encontrou o mármore, toda cabeça se curvou em sua direção.

Paedyn engole em seco ao ver o tribunal ajoelhado diante dela.

Eu sorrio.

Kitt agarra a mão de sua rainha.

"À Silver Savior," ele chama por cima da multidão. "Em três dias, ela será sua rainha de Ilya."



CAPÍTULO 52

Pedyn-P ...

A parede áspera é fria contra minhas costas nuas.

Meu vestido cai no chão, camadas de esmeralda revestem as pedras do porão abaixo. O gargalo da garrafa é estrangulado entre meus dedos enquanto o vinho doce mancha meus lábios.

"Ao Salvador Prateado." O licor soltou os lábios de Kitt, permitindo um raro momento de louvor direcionado a mim.

Minha cabeça está tonta, e ainda assim, eu a sacudo para ele. O rei não se parece em nada com isso enquanto ele desleixadamente levanta sua própria garrafa no ar. Seu Enforcer sorri ao lado dele, feliz seguindo a liderança de seu irmão enquanto eu simplesmente rio deles.

Franzindo a testa, Kitt desliza uma mão sob meu cotovelo, empurrando-o para cima. Minha garrafa sobe por sua vez, ganhando um olhar satisfeito do rei. "Agora," ele tenta novamente, "para o Salvador de Prata. O Ordinário mais temível. E—" Parando de repente, ele oferece um olhar contemplativo para Kai. "Há algo que você gostaria de acrescentar, irmão?"

Em resposta, o Enforcer tilinta sua garrafa contra a nossa. "E para muitos outros discursos aterrorizantes como esse."

Kitt cantarola sua aprovação antes de fixar seu olhar no meu. Eu limpo minha garganta, sentindo o vinho nublar meus pensamentos. "Para um Ilya desamarrado."

Tomo um gole da minha garrafa, estimulando os irmãos a fazerem o mesmo. O porão está úmido, iluminado apenas por luzes opacas e bruxuleantes. Longas sombras caem sobre o rei e seu Enforcer, mas amontoados tão perto um do outro, consigo vê-los claramente — e não consigo deixar de sorrir.

"Como você sabia dessas coisas?" Kitt pergunta. "Sobre... quem era? Comandante Orson?"

Kai concorda. "Ele é um pé no saco, então eu gostei bastante do show. Mas, sim," ele continua maliciosamente, "eu também adoraria ouvir como o Pequeno Psíquico conseguiu isso."

Meu olhar é presunçoso. "E pensar que você já duvidou da minha habilidade Elite."

"Com razão."

"Menos brigas," Kitt exige com uma tosse. "Mais explicações."

"Tudo bem." Suspiro, lembrando do momento em que vi o comandante algumas horas atrás. "Quando ele levantou a mão em minha direção, imediatamente notei o quão vermelha e crua sua palma estava. Havia arranhões e hematomas onde calos se formavam, me dizendo que ele estava usando a mão esquerda com muito mais esforço do que o normal. E qual Elite usa as mãos mais do que qualquer outro? Obviamente, um Crawler."

"Sim, *obviamente* ", Kitt reflete. Ele parece o mesmo de sempre comigo esta noite. Talvez seja por causa do álcool.

"Então percebi que sua mão estava tão ferida porque ele não tinha mais o uso de outra", continuo calmamente. "Então, quando vislumbrei a luva dura em sua mão direita, tudo começou a fazer sentido. Ele estava escondendo um membro de madeira no lugar do que havia perdido."

"É a esposa dele?" É a voz cética de Kai que pergunta isso. "Como você sabia sobre ela?"

Solto um suspiro. "Honestamente, isso foi ainda mais uma aposta. Vislumbrei uma linha bronzeada no dedo do casamento do Crawler, e ainda assim, ele usava o anel no outro ao lado. A esposa usava seu próprio anel orgulhosamente enquanto brilhava com aquele tipo de saúde que a maioria dos Curandeiros tem." Eu giro o anel de aço no meu polegar. "Papai me ensinou como apontar um Curandeiro apenas pelo brilho da pele deles. Ele me dizia como a maioria usa suas habilidades em si mesmos para continuar parecendo o mais jovem possível."

Limpando a garganta, olho para os irmãos atordoados. "De qualquer forma, eu pude ver como ela estendeu a mão para ele, apenas para ser ignorada. Imaginei então que ela deve ter tentado salvar a mão dele e não conseguiu."

"E ele a desprezava por isso", Kai finaliza suavemente.

"Sinto muito", Kitt interrompe. "Mas como diabos você sabia que tudo isso era verdade?"

Eu dou de ombros, engolindo outro gole de vinho. "Eu não fiz?"

"É tudo uma aposta." Kai balança a cabeça para mim. "Esse é um jogo perigoso, Gray."

"Oh, eu estou bem ciente," eu admito. "Mas muito de observar é correr riscos. Chegar a uma conclusão lógica. E eu já estive errado antes, claro, mas passei uma vida inteira dominando essa habilidade psíquica." Franzindo a testa, eu acrescento, "Embora eu não tenha tido muita necessidade disso nas últimas semanas."

"Você sempre pode praticar conosco, se quiser", oferece o rei.

Kai ri, e o som faz meu olhar se voltar para o dele enquanto arrepios fazem cócegas em meus braços nus. "Sim, por que você não nos lê, Gray?"

Eu rio. "Você acha que eu não fiz isso no momento em que conheci vocês dois?"

"Bem," Kitt insiste. "O que você aprendeu?"

"Que, você"—eu gesticulo para Kai—"era um bastardo convencido. E, você"—um aceno para Kitt—"era um príncipe encantador."

O Enforcer sorri ironicamente. "E agora?"

"Você é ainda mais", respondo docemente.

"Quanto a mim?"

Forço meu olhar em direção a Kitt. "Eu... não tenho mais certeza. Você é muito mais difícil de ler."

O rei me observa por um longo momento. "Bem, você terá bastante tempo para me entender."

"Certo." Eu engulo em seco. "O casamento é em três dias."

Isso foi uma surpresa tanto para o reino quanto para mim. Eu congelei naquele estrado, com a mão na do rei e o coração na garganta.

Três dias.

Tão cedo eu perderia minha liberdade, meu coração, meu amor. Os olhos de Kai se movem rapidamente para os meus, e a mágoa em seu olhar só amplifica a dor no meu. Eu estarei amarrada a ele pelo resto de nossas vidas, mas não da maneira que qualquer um de nós esperava.

"Easel insiste que façamos uma segunda cerimônia em Loot," Kitt diz secamente. "Ele acha que ajudará a unir ainda mais as pessoas se as favelas forem incluídas em nossas celebrações. É incomum, com certeza, mas—"

"Acho que é uma ótima ideia", acrescento rapidamente.

O aceno de Kai é distante, mas não percebo a mordida em sua voz. "Dois casamentos. Melhor ainda."

E então ele se levanta.

"Kai—"

Ele corta meu apelo com suas próprias palavras curtas. "Há muito para eu fazer antes da cerimônia." Aqueles olhos tempestuosos encontram os meus. "Vou dar a vocês dois algum tempo para se entenderem."

Antes que eu pudesse argumentar, ele desapareceu escada acima.

Solto um suspiro no ar úmido. "Ele tem muita coisa na cabeça, tenho certeza."

"Você, principalmente."

Eu me viro em direção a ele. "Desculpe?"

"Não há necessidade de fingir surpresa, Paedyn." As palavras de Kitt são cortadas. Seu rosto fica opaco sem seu irmão para iluminá-lo, bochechas magras rígidas a luz bruxuleante. Governar já cobrou seu preço dele. "Nós dois sabemos que o coração de Kai pertence a você."

"E você," eu acrescento severamente. "Ele te ama o suficiente para não interferir em seus planos."

Kitt olha para sua garrafa, girando o que resta dentro dela. "O tempo dirá."

Eu limpo minha garganta, sem saber o que deveria sair dela. Kai é tipicamente um tópico que evitamos cutucar. Então eu nos deixei sentar em silêncio por vários momentos tensos antes de finalmente juntar palavras suficientes para preencher o espaço entre nós. "Eu colhi rosas." Eu deveria esclarecer. "Para o casamento. Espero que esteja tudo bem?"

Ele quase sorri, embora eu não consiga decifrar que emoção há por trás disso. "Sim, eu mesmo teria escolhido esses."

"Realmente?"

"Minha mãe parecia gostar deles", ele diz distante.

Eu me endireito contra a parede de pedra. "Você não fala muito sobre ela."

"Não sei o suficiente sobre ela", ele rebate. "Só o pouco que o Pai se dignou a me contar e, agora que sou rei, o que descobri por conta própria."

Desgosto cobre minha língua. "Ele nunca deveria ter impedido você de conhecê-la."

"Fui eu quem a matou, afinal." O rei soa como se um encolher de ombros estivesse preso em sua garganta. "Talvez tenha sido por isso que eu nunca fui bom o suficiente para ele."

Eu luto para manter minha voz calma. "Não foi sua culpa, Kitt. Ela não morreu no parto?"

Ele assente. É um movimento distraído. "Ela morreu. Eu vivi. O pai escondeu a

memória dela de mim." Seu olhar fica distante depois das palavras devastadoras, fixo intensamente na parede atrás de mim.

"Kitt, você—"

"Está ficando tarde." Ele passa a mão pelo rosto, limpando-o completamente da tristeza que ali se instalou. Uma tosse ecoa em seu peito. "Deveríamos descansar um pouco."

O rei se levanta. Eu sigo sua liderança.

"Eu não serei meu pai." Ele anda rigidamente em direção aos degraus enquanto eu me agarro a cada palavra. "Eu— *nós* —estamos mudando Ilya. E longa vida à rainha que ajudou a fazer isso acontecer."



CAPÍTULO 53

Kai

me na cadeira rígida, forçando um sorriso igualmente desconfortável.

"Olá, mãe."

Seus olhos cansados me dão aquele olhar de quem sabe. "Kitt me contou. Na verdade, você quase o perdeu."

"Oh?" Eu olho para o berço que ela não sai há quase dois meses. "Ele ainda vem te ver?"

Uma tosse aguda ecoa pela ala vazia antes que ela consiga dizer: "Nós... nos unimos desde a morte do pai dele." Sua mão alcança fracamente a minha. "Mas não mude de assunto, Kai. Eu sei."

Suspirando, corro os dedos pelo meu cabelo desgrenhado. "Dois dias."

"Como é a sala do trono?"

Eu quase rio. "Como um jardim. As flores teceram dezenas dessas rosas cor-de-rosa ao longo do corredor e ao redor dos pilares."

"É um casamento real", ela diz, com a voz rouca. "Eles geralmente são extravagantes." Apressadamente, ela acrescenta, "Bem, não o meu e o do rei, é claro."

"Porque o pai teve que se casar novamente logo após a morte da mãe de Kitt", quase recito.

É como olhar para um espelho, os olhos dela. Eles me estudam por um longo momento, aparentemente em busca de algo dentro deles. "Eu esqueço que você é tão jovem. Ainda tem tanto para você aprender."

As palavras soam vagamente como um aviso que eu deveria ouvir. Mas quando a rainha sucumbe a um ataque de tosse, todos os pensamentos são ofuscados pela preocupação por ela. Eu levo um copo de água aos seus lábios, inclinando seu rosto avermelhado para trás até que o líquido frio tenha limpado sua garganta.

"Eu..." Ela engole em seco antes de tentar novamente. "Sinto muito que você tenha que me ver assim."

"Shh." É um silêncio severo para uma rainha. "Não vou te ver assim por muito tempo, porque você estará saudável antes que percebamos."

Seu sorriso, antes tão vibrante, embotou. "Você pode mentir para si mesma o quanto quiser. Mas não faça isso com sua mãe moribunda."

Eu balanço a cabeça, recusando-me a acreditar em suas palavras e desejando falar de outras diferentes. "Você está bem com Kitt se casando com Paedyn?"

"Kitt tem seus motivos", ela diz simplesmente.

Não estou totalmente convencido com esta resposta.

Ela tosse. Eu estremeço. "Descanse, mãe."

"Então..." Um arfar irregular do peito interrompe as palavras. "Tanto para aprender."

O calor envolve a cozinha, espalhando no ar o aroma de batatas recém-temperadas.

"Jax está praticamente salivando ao meu lado," Andy aponta com um bufo. "Gail, quanto tempo mais? Ele está me assustando."

A cozinheira se vira, seu rosto redondo ostentando um sorriso brilhante. "Quase lá, querida. O peru ainda precisa de um pouco mais de tempo."

Empoleirado no meu balcão habitual, Kitt senta-se ao meu lado como se estivéssemos garotos de novo. Andy e Jax ocupam a saliência mais distante enquanto Paedyn se inclina contra uma parede aberta, observando todos nós.

"Aguente firme, J," Kitt conforta, embora provocativamente. Ele parece melhor com a nossa companhia, sua mente mais clara de qualquer coisa que a assombra.

Jax estufa o peito, pernas longas balançando sobre o balcão. "Sou um garoto faminto e em crescimento."

Eu rio. "Oh, é melhor você parar de crescer."

"Sim" — Kitt lança-lhe um olhar simpático — "não podemos ter nosso irmãozinho nos desprezando."

As sobrancelhas cor de vinho de Andy voam para cima da testa dela. "Se ele tem que me menosprezar, ele tem que menosprezar vocês dois."

"Eu simplesmente não vou permitir isso", afirma Kitt.

"Ótima ideia." Andy mergulha um dedo na tigela de purê de batatas ao lado dela, dando uma provada. "Vamos fazer desse seu próximo decreto, sim?"

Gail não se incomoda em se virar. "Eu vi isso, Andrea."

Com olhos arregalados de mel, Andy sibila em nossa direção. "Como diabos ela faz isso?!"

Paedyn ri, chamando minha atenção para o lado oposto do fogão. Todos os olhos estão voltados para ela e para o sorriso deslumbrante que ela exibe. "A panela. Gail pode ver seu reflexo na panela, *Andrea* ."

A cozinheira se vira para Paedyn, embora seu sorriso nunca vacile. "Não vá revelar meus segredos!"

"Ora, obrigado, Srta. Gray," Andy diz docemente. "A seguir, preciso que você descubra como Jasmyn continua trapaceando nas cartas."

Paedyn assente. "A qualquer hora."

"Oh!" Jax quase pula do balcão. "Você consegue descobrir onde estão indo todas as minhas meias do lado esquerdo?"

"Sim, um grande enigma." Meu primo joga um braço em volta dos ombros de Jax. "Mas a futura rainha me deve um favor ou dois depois de consertar sua porta. Duas vezes."

Seu olhar então desliza acusadoramente em minha direção. Eu me inclino casualmente para trás em minhas palmas, encontrando seu olhar com um leve sorriso. "Eu estava morto por um dia, e é com a porta que você se importa?"

"Oh, por favor," ela murmura. "Sabíamos que você não estava morto. Mas, não se preocupe, eu ainda lamentei a presença do meu querido primo."

"Que decreto você tinha em mente?" Kitt interrompe, dirigindo-se a Andy. "Jax deve parar de crescer, não é?"

É claro que ele deseja uma mudança de assunto, e felizmente, nosso primo está mais do que feliz em atender. "Eu acho que essa é uma declaração muito real."

"Não é!" Jax protesta.

Deixei que eles discutissem entre si, mesmo que fosse só para reviver um pedaço do nosso passado. Tudo é muito mais simples nesta cozinha, como se o mundo além parasse quando pisamos atrás dessas paredes de pedra. Uma espécie de alívio reside no rosto de Paedyn. Talvez até ela tenha encontrado uma aparência de consolo aqui. Conosco. Esta família que ela nunca teve.

“Tudo bem,” Gail berra. “Pegue um prato agora e ponha a mesa.”

Fazemos o que nos mandam, enchendo a mesa frágil do outro lado da cozinha. Tigelas de comida descem prontamente sobre a madeira, cobrindo cada arranhão e mancha. Depois de nos enxotar para um assento, Gail senta-se na cabeceira, servindo seu banquete em nossos pratos.

Quando crianças, esse era o nosso santuário — sentados em volta desta mesa, nos escondendo das pressões de uma corte que não entendíamos. Agora, é ainda mais.

Jax e Andy discutem sobre qual pedaço de peru eles merecem enquanto Kitt ri, fazendo pouco para mediar entre eles e seus apetites. Raramente o vejo tão feliz fora da cozinha ou da companhia da família.

Paedyn senta-se na minha frente, empilhando feijões em seu prato. Ela levanta os olhos, me dando um olhar de cumplicidade que me faz sorrir.

"Então você gosta de feijão verde", digo maliciosamente.

“Bem, desde que você me forçou a comê-los quando cheguei a este castelo”, ela lembra, “eles cresceram em mim”.

“Entre muitas outras coisas desde que você chegou aqui.”

“Não force, Azer.” Ela sorri, e eu não desejo nada mais do que beijá-lo de seus lábios. “Tenho muitas facas à minha disposição para pressionar em seu lindo pescoço.”

“Veja”—eu aponto meu garfo para ela—“se você me chamar de bonita, eu ouço apenas o elogio. Não a ameaça.”

Ela revira os olhos, mas sou roubada de qualquer resposta adorável que ela estava pronta para me dar quando uma voz familiar corta o caos. "O rei me informou que o jantar seria servido na cozinha hoje à noite." Calum está parado na porta, sua filha ocupando a sombra que ele projeta. "Espero que não estejamos interrompendo."

“De jeito nenhum.” Kitt acena para que eles se juntem. “Há bastante comida. Por favor, ajude-nos a comê-la.”

Meu olhar se volta para Paedyn, agora dando tapinhas no assento vazio ao lado dela. "Mira. Venha sentar."

Ela faz, apesar do olhar desinteressado que usa. Calum então se senta na ponta da mesa antes de levantar seu copo no ar. “Vamos agradecer à Peste por esta união real que está por vir.”

Os olhos de Kitt estão fixos no Leitor de Mentes enquanto ele levanta sua própria bebida. “Agradeça à Peste.”

A frase murmurada percorre a mesa até que todos os copos sejam erguidos. Mas é Paedyn sozinha que não agradece à Peste. Em vez disso, ela inclina a cabeça, voltando-se para Calum com expectativa.

Um sorriso toca meus lábios.

Ela não agradecerá ao que roubou tudo dela.

Ainda estou olhando para minha rainha quando Calum declara: "Para salvar Ilya".



CAPÍTULO 54

Pedyn-P ...

É meu último dia de liberdade.

Mas ultimamente não tenho tido muito disso.

Eu acordo. Visto-me. Ellie ajuda, porque é claro que sou incapaz de fazer isso sozinha. Como. Mas não devo encher meu próprio prato. Caminho pelos corredores — Lenny está ao meu lado. Peço conselho a Calum sobre ajudar a governar um reino. Coma novamente, mas não toque nas colheres de servir. Caminho pelos jardins. Temo silenciosamente meu casamento. Procuro Kai onde quer que eu vá, mas me forço a me virar quando o encontro. Tomo um banho de imersão. Como na cama — afinal, serei rainha.

Eu serei rainha.

Ellie lava minha louça, mas eu digo para ela não fazer isso.

Eu serei rainha.

Tenho ainda mais medo do meu casamento.

Eu serei rainha.

"Você gostaria de usar um vestido esta noite?"

Eu pisco, assustada com meus pensamentos. Ellie está parada no final da minha cama, olhando com expectativa. "Hmm?"

"Para conhecer o rei." Seu sorriso é apenas levemente preocupado. "Você quer usar um vestido?"

"Ah. Certo." Eu saio de baixo das cobertas para plantar meus pés no chão almofadado. "Sim, está tudo bem."

Com um aceno, Ellie corre até o armário em busca de um vestido. "Desculpe", eu dirijo distantemente para suas costas. "Hoje foi um borrão. Sinto como se estivesse sonâmbula."

"Provavelmente é só toda a excitação", ela me tranquiliza. "Amanhã é um dia muito grande."

"Certamente é", murmuro.

"O castelo está agitado." Ellie puxa um vestido azul-marinho das profundezas do meu armário. "Nós raramente conseguimos planejar eventos tão divertidos. Eles querem que tudo seja perfeito para o casamento real."

"Pelo menos o castelo está feliz com isso." Eu suspiro, esticando meus membros rígidos. "Duvido que o resto do reino esteja."

Enquanto ela me conduz para trás do biombo, a voz suave de Ellie cospe palavras reconfortantes. "Você não sabe disso. Depois do seu terceiro Julgamento e do discurso no tribunal, as pessoas podem estar pensando diferente."

"O tempo dirá, eu suponho." Eu entro no vestido azul esvoaçante antes de puxar as alças grossas sobre meus ombros. Não é um traje muito formal com seu tecido de linho, mas o corte marcante dele garante que eu não serei esquecida.

Abaixo a cabeça, oferecendo um sorriso triste para o chão. Talvez eu tenha aprendido uma coisa ou duas sobre tecidos ao longo dos anos. Só sei o que estou vestindo porque Adena me treinou para roubar exatamente o tecido que ela precisava. Ela me fazia sentar atrás do nosso forte, memorizando a sensação de cada tecido até que eu pudesse diferenciá-los apenas pelo toque.

Minha respiração fica presa quando Ellie puxa os cadarços acima da minha cintura. Ofegante, consigo murmurar entre os dentes. "Você não me disse que eu usaria um espartilho."

Outro puxão nos cadarços. “Temo que você terá que se acostumar com isso, minha Rainha.”

Eu suspiro antes que Ellie finalmente amarre o dispositivo de tortura e me guie em direção ao espelho. O tecido azul-marinho se espalha até o meio das minhas canelas, alargando-se sob o espartilho de aperto. O tule combinando aparece ao longo do decote quadrado para fazer cócegas nos meus seios levantados. Meu cabelo brilha acima dos meus ombros, contrastando com o azul escuro como uma lua cheia contra o céu noturno.

A cicatriz está lá, sempre à mostra. Então, eu fico um pouco mais ereto, exibindo-a de uma forma que espero que faça o rei rolar em seu túmulo.

“Você gosta, não é?” Ellie sorri, e é um tipo doce de selvageria. “Espartilho e tudo.”

“Tudo bem,” eu falo lentamente. “Eu gosto.” Inclinando minha cabeça em direção ao teto, eu proclamo, “Você ouviu isso, A? Eu gosto do espartilho. Você venceu.”

Ellie ri, e eu me permito fazer o mesmo. Indo em direção à porta, sou presenteada com um par de sapatos escuros e baixos que calço alegremente. "Vou encontrar Lenny no corredor", digo por cima do ombro. "Obrigada pela ajuda, El. Você pode ter o resto da noite para você."

“Mas é o seu casamento ni—”

“E você terá muito o que fazer amanhã.” Eu abro a porta. “Descanse. Eu insisto.”

Eu pego seu aceno relutante antes de ir para o corredor. Leva apenas alguns passos antes que Lenny encontre seu caminho para o meu lado. "Boa noite, princesa." Ele estremece. "Rainha. Seja lá como for que eu deva chamá-la."

“Você poderia tentar meu nome?” Eu ofereço.

“Hmm.” Ele considera isso ironicamente. “Não acho que nosso relacionamento esteja lá ainda.”

Depois de dar uma cotovelada em seu estômago, permito-me um sorriso. Viramos outro corredor, e bem quando penso que escapei da pergunta, ele pergunta: "Você está pronto para amanhã?"

Aquela pontada de pânico que tenho sentido o dia todo toma conta do meu coração mais uma vez. “Nem um pouquinho.”

“Tudo vai ficar bem.” Isso é um pouco reconfortante até que ele acrescenta, “Espero que sim.”

“Você realmente é um conforto para mim.”

“Ei,” ele praticamente ri. “Você vai ficar bem, tá? Você sempre fica.”

“Certo.” Olho para ele. “Como a barata que sou.”

Aqueles cachos vermelhos caem sobre sua testa com um balançar de cabeça. "Isso soa cada vez menos como um elogio, estou começando a perceber."

Eu me surpreendo com uma risada fraca. “Você não disse?”

Ao virarmos uma esquina, as grandes portas da sala do trono aparecem. Respiro fundo, preocupando-me mais uma vez com o que posso ver atrás delas. Minha evitação determinada de decorações de casamento agora chegará ao fim.

Estamos quase na porta quando Lenny agarra meu braço, me puxando para o lado. "Ei, uh, eu queria te perguntar uma coisa." Ele mexe na máscara no rosto, passando os dedos pelas sardas que aparecem por baixo.

“O que foi?”, pergunto, um pouco preocupado.

"Bem, quando você for rainha" — ele gesticula para as portas iminentes — "o que será muito em breve, eu estava, uh, me perguntando se você faria algo por mim."

“Claro.” A resposta é rápida. “Qualquer coisa.”

Ele respira fundo. “Liberte-me do meu posto. Gostaria de me livrar dos meus deveres imperiais. Veja o que Dor ou Tando têm a me oferecer.”

Eu pisco, atordoado. “O quê? É isso que você quer?”

Ele coça a nuca. “Eu acho? Talvez?”

Minha mão encontra seu braço, e sou forçada a engolir antes de dizer: "Bem, se é isso que você deseja. Mas" — aponto um dedo em seu rosto — "nós vamos falar sobre isso mais tarde. Certo?"

Seu alívio é palpável. “Claro.”

Sorrio para ele antes de me virar em direção às portas. Elas estão abertas um punhado de batimentos cardíacos depois, e quando entro na sala do trono, a voz de Lenny me segue. "Obrigada, P."

Acenando para ele por cima do ombro, quase tropeço em meu próprio casamento.

Uma infinidade de rosas rosa-claras se entrelaçam para criar um caminho no centro da sala. Elas sobem no estrado, explodindo em uma cama de pétalas para acolchoar nossos pés. A admiração abre meus lábios no arco retorcido de folhagem pendurado acima de tudo, um laço de videiras, rosas e flores brancas caídas.

Os pilares estão cobertos com mais do mesmo, seu mármore perdido na beleza que os sufoca. Fitas brancas grossas se estendem entre as janelas e dançam ao longo da moldura intrincada. O próprio cômodo brilha na luz do sol poente, beijando cada flor com uma gota de calor.

“É lindo, não é?”

Completamente encantado pela extensão etérea diante de mim, eu me assusto com as palavras de Kitt. “Sim, é... é diferente de tudo que eu já vi.”

Seu sorriso é fraco. “Você está feliz com isso?”

Eu quase tinha esquecido para que tudo isso era destinado. Ao lembrar que ele — o rei — estará para sempre amarrado à minha alma no fim deste caminho florido, sinto-me um pouco fraco.

“Mm-hmm.” O som incerto é tudo que consigo fazer no momento.

"Bom."

Ele se aproxima. Eu luto para evitar que meus pés corram para fora da porta.

Ele está mais pálido do que o normal? Seus lábios estão rachados, o olhar turvo acima deles.

“Eu sei que isso é muita coisa. Mas tudo vai acabar logo.”

Suas palavras se distanciam. E assim, as paredes estão se fechando.

Engulo em seco, o espartilho de repente me sufoca. “Estou bem. Só... tenho muita

coisa na cabeça."

"Eu conheço o sentimento", ele concorda. "Isso não é fácil..."

Não ouço o resto das palavras dele. Não, meu foco está totalmente naquelas portas e na liberdade além delas.

"Desculpe," eu digo de repente, cortando sua voz abafada. "Acho que só preciso de um tempo sozinha."

A pontada de confusão em seu rosto me faz tentar suavizar minha exigência com um rápido "Vejo você amanhã, no entanto. E tudo está lindo." Passando as mãos suadas pela frente do meu vestido, estabeleço um ritmo impressionante em direção às portas. "Obrigada", eu digo por cima do meu ombro. "Sério."

E quando o rei desaparece de vista, corro em direção àquele ar aberto e escancarado além do castelo. Desço as escadas tropeçando depois de passar pelas portas. O vento arranha meu cabelo enquanto entro no pátio, o vestido ondulando ao meu redor.

Com as pernas bombeando, corro para os jardins, sentindo-me mais livre do que provavelmente jamais me sentirei novamente. Um rolamento de nuvens escuras começa a sufocar o sol poente, cobrindo-o com a promessa de chuva.

Ainda assim, eu corro. Do meu medo. Do meu futuro. Do meu agora.

Os chinelos em meus pés batem firmemente pelo caminho em espiral do jardim. Pétalas roçam alegremente em minhas pernas enquanto espinhos mordem o tecido que as envolve.

Um trovão ressoa à distância.

Mesmo assim, eu corro.

Passando por cada estátua em ruínas, cada canteiro de flores macio e cada gota de água que a fonte cospe em mim.

Meus pés encontram o campo de grama felpuda além e, ainda assim, corro — direto para aquele salgueiro. A chuva respinga em meu rosto enquanto abro a cortina de folhas caídas e me abaixo sob seu refúgio.

Meu coração para no mesmo momento em que meus pés param.

Lá está ele, incrivelmente esparramado sobre um grande cobertor.

Estou ofegante, o coração batendo forte ao ver sua outra metade. Kai parece para cima de mim, mãos descansando atrás de uma cabeça de ondas negras — quase caio de joelhos diante dele. Ele sempre foi um príncipe, sempre um fantoche de poder ou instrumento da Morte. Mas tão constante e formidavelmente feroz, ele tem sido meu lar.

Na minha busca por conforto, é para ele que eu rastejo de volta. Paz é o lugar onde ele reside, e paixão é uma palavra que eu só entendo quando olho em seus olhos. Ele é a liberdade que eu não consigo agarrar.

Nós somos inevitáveis. Nós somos tragédia.

"Pai."

Eu sigo o apelo em sua voz e caminho lentamente em direção àquele som sedutor. A chuva cai sobre a copa das folhas, deslizando entre os galhos ocasionais para borrifar minha pele. Ela fica cada vez mais escura sob o consolo do salgueiro, mas as sombras se recusam a esconder seu rosto de mim enquanto eu me abaixo no cobertor.

Kai se senta. Alcança meu rosto. Pensa melhor. "É véspera do seu casamento. Eu mal te vejo há dias, então certamente não esperava sua companhia esta noite."

É uma declaração descarada, da qual ele extraiu toda a emoção. Engulo em seco, deixando meus olhos traçarem a coluna forte de seu pescoço. "Eu sei." Há uma pausa. Ela é preenchida com uma enxurrada de pensamentos e palpitação do meu coração. Com a intensidade da convicção e impulsividade do desejo. Mas fiz minha escolha no dia em que roubei aquelas moedas dele há tanto tempo — paixão. Emoção. Algo que tudo consome.

"Amanhã é o dia do meu casamento," murmuro finalmente. "Acho que é por isso que estou aqui."

"Paedyn, não vou assistir você se casar com ele." Sua voz é pouco mais que um rosnado. "Não suporto perder você."

"Então eu." As pontas dos meus dedos traçam os nós dos seus dedos. "Uma última vez."

Ele fica parado sob meu toque, os olhos se erguendo para encontrar os meus. Eles estão procurando, surpreso pela ousadia daquelas palavras. "Eu não quero uma última vez," ele respira. "Eu quero uma primeira e para sempre."

Minha mão está firme enquanto alcança seu rosto. Kai se inclina para o toque, pressionando sua bochecha contra minha palma com uma ânsia que faz meu coração bater forte. "Só finja comigo esta noite." Eu toco minha testa na dele, roço seu nariz com o meu. "Finja que temos um para sempre depois disso."

A respiração profunda que ele inspira é o próprio som da contenção. "Mas Kitt—"

"Ainda não é meu marido", termino em vez de seu protesto. "E a partir de amanhã, darei a ele o resto da minha vida. Mas a você, dou meu coração. A mim mesma."

Um som profundo zumbe no fundo da garganta dele. Isso me faz tremer. A chuva respinga em seu cabelo, grudando ondas escuras em sua testa enquanto ele avidamente envolve um braço em volta da minha cintura, me puxando para mais perto. Não consigo evitar suspirar quando sua cabeça abaixa, lábios roçando o lado do meu pescoço.

Minha cabeça cai para trás enquanto ele beija um caminho vertiginosamente lento pela coluna sensível da minha garganta. Seus lábios se arrastam pela minha pele corada, a boca se misturando com a chuva fria que pinga do meu queixo. Minhas mãos envolvem seu pescoço e arranham seu cabelo em uma tentativa inútil de puxá-lo para mais perto.

Preciso dele mais perto.

A respiração de Kai é quente contra minha garganta, sua voz tremendo com contenção. É um murmúrio de seus lábios contra minha pele. Um apelo. Uma exigência. "Diga-me o que você quer, Pae."

Meu corpo inteiro se inflama sob seu toque, algo se liberando dentro de mim ao som de seu desespero. Eu me inclino para trás para segurar seu rosto em minhas mãos e sussurro uma promessa em seus lábios. "Você", eu respiro. "Você, sempre."

Sua boca colide com a minha.

Eu derreto contra ele, deixando essa onda de desejo me consumir. Ele me beija profundamente, e eu nunca provei algo tão atraente. Eu estou rapidamente puxado para seu colo, uma mão no meu cabelo e a outra segurando meu quadril como se isso fosse um sonho do qual ele tem medo de acordar.

Seus lábios me reivindicam, mais do que nunca antes e nunca mais. Minha boca se

abre para ele, nossas línguas se encontram avidamente. Trovões sacodem o céu; chuva atinge o dossel de folhas. Mas estou perdida sob este salgueiro, não conhecendo nada além dele e deste momento.

Meus lábios se movem contra os dele, mesmo quando agarro a mão que ele envolveu em volta da minha cintura e a guio em direção aos cadarços nas minhas costas. Ele se afasta, o peito arfando contra o meu. O espartilho é agarrado firmemente em seu punho, como se para se segurar para não arrancá-lo de mim.

“Eu prometi que se eu tivesse você” — seu polegar traça a curva dos meus lábios — “seria apenas porque você me deixou.”

"Então me faça o mesmo." É uma exigência desesperada de lábios que já sentem falta dos dele.

"Você não quer que eu implore por você primeiro?" ele fala lentamente.

Meus dedos agarram seu queixo. "Não é isso que você tem feito desde o momento em que nos conhecemos?"

Ele ri, e o som serpenteia pela minha espinha. A gravata nas minhas costas se afrouxa enquanto Kai brinca com o nó. "E é o que farei até o momento em que encontrar meu fim."

Uma resposta está pronta para sair da minha língua quando o ar de repente inunda meus pulmões. Com um puxão preciso, Kai me libertou dos limites do espartilho. Eu suspiro, olhando para ele em choque enquanto uma risada ofegante me surpreende.

Ele inclina a cabeça, exibindo um sorriso emoldurado por uma covinha. “Eu sou muito bom com espartilhos.”

Eu rio de novo, o som cortado pela pressão dos meus lábios contra os dele. Meus dentes mordiscam seu lábio de brincadeira, tão diferente daquela noite no topo do telhado em Dor. Ele me inspira, me beijando como se eu tivesse ordenado isso a ele. Eu suspiro em sua boca, e o som faz algo estalar dentro dele.

Rapidamente, ele me vira do seu colo para o cobertor abaixo de nós. Eu deito lá, ofegante para ele. Minhas costas estão nuas sob o braço que ele envolveu em volta delas, o cobertor frio e molhado.

E nada nunca pareceu tão perfeito.

Seu aperto se torna subitamente suave, e percebo um leve tremor em seus dedos quando ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Sou delicada em seus braços, devotada em seu olhar. "Tem certeza, Pae?"

Eu sorrio para ele, nunca tendo tido tanta certeza de nada na minha vida. "Sim", eu respondo suavemente. "Esta noite será nossa para sempre."

O espartilho solto tem uma alça caindo do meu ombro. Segurando seu olhar, eu deslizo a outra do meu braço — um convite. Seu peito arfa quando eu alcanço sua túnica e a trilha de botões em seu centro. Um por um, eu os puxo para fora, revelando um pedaço de pele por baixo.

O olhar de Kai desliza sobre minhas clavículas, o levantar do meu peito, a queda dos meus dedos de sua camisa. Ele segura meu olhar e encolhe os ombros para tirar o tecido antes de jogá-lo de lado. Gotas de água rolam por seu peito nu e pela tatuagem rodopiante ali. Gotas de chuva percorrem o comprimento de seu estômago, seguindo o caminho de músculos estriados.

Nunca achei que respirar fosse uma tarefa tão difícil.

Meus dedos deslizam sobre o cinto de couro áspero pendurado baixo em seus

quadris. Lentamente, traço o cabo de uma adaga fina, agarrada à lateral de suas calças. Meus olhos nunca se desviam dos dele enquanto puxo a arma e a jogo de lado.

O sorriso dele é perigoso. “Eu nunca vi você desperdiçar uma oportunidade de me ameaçar.”

"Não fique tão desapontado", sussurro maliciosamente.

Aquele sorriso fica ganancioso, mas quando ele se abaixa sobre mim, o movimento é gentil. Eu corro minhas mãos por suas costas nuas, sentindo cada músculo que ondula ao longo delas. Então sua boca está na minha pele novamente, beijando o comprimento da minha clavícula. O oco da minha garganta. Acima do coração que dói por ele, e a cicatriz que seu pai me deu.

Os olhos de Kai se voltam para os meus então, depois que ele passa a boca a pele mutilada. Seus lábios formam uma promessa murmurada. “Nenhuma parte de você ficará sem amor.”

Eu aceno, a chuva respingando em meu rosto e rolando por minhas bochechas como as lágrimas que me recuso a derramar. Eu aceno, porque acredito nele. Eu aceno, porque não há um centímetro de mim que eu não darei a ele.

Minha confissão é ofegante, quase perdida no vento. “Eu te amo.”

Então eu tremo, porque eu o desejo de forma tão irresponsável que isso me abala até o âmago.

E hoje à noite ele é meu.

Raios iluminam o corte feroz do seu corpo acima do meu, músculos tensos e olhos cinzentos derretidos pelo calor.

"Eu te amo", digo novamente, e puxo seu rosto em direção ao meu.

Ele me beija, e o mundo fica em silêncio. “Eu te amo.”

E quando o vestido desliza da minha pele, deixando apenas a chuva para me vestir, ele parece sussurrar em minha alma. "Você é meu para sempre."

Sombra e Chama.

Formidavelmente inevitável.

“Para sempre minha ruína.”



CAPÍTULO 55

Kai

O amanhecer flui através dos galhos do salgueiro, deslizando entre as aberturas em seu abraço.

Rolo grogue para o meu lado, a pele escorregadia com o orvalho da manhã. Minha mão alcança seu calor, mas encontra apenas ar frio. Piscando para acordar, sento-me rigidamente em cima do cobertor úmido, meu peito nu exposto ao frio da manhã.

Meu olhar frenético pousa sobre ela. Então se acalma. Evolui para algo parecido com admiração.

Pae senta-se na ponta do cobertor, a luz salpicando sua pele macia. Sombras de folhas de salgueiro pintam seu corpo, sempre mudando na leve brisa. Ela é uma visão, algo tão etéreo neste momento que eu posso simplesmente acreditar que há um Deus. Ela é a coisa mais próxima de uma divindade.

Seu sorriso é suave, demorando-se nos cantos com uma leve timidez que ela raramente me deixa ver. "Bom dia, Prince."

Minhas calças estão úmidas de orvalho, mas eu dobro meus joelhos, apoiando os cotovelos neles frouxamente. “Bom dia, querida.”

Eu a observo puxar cada alça daquele vestido úmido e sujo sobre ela ombros. Ela pode sentir o olhar que arrasto sobre ela e gentilmente me deixa continuar. Chegando mais perto, Pae vira suas costas nuas para mim. “Eu sei que você é melhor em desamarrar espartilhos, mas eu não posso andar pelo castelo com meu vestido caindo.”

Eu sorrio, deixando meus dedos deslizarem por sua espinha. Isso a faz tremer, a pele se arrepiando de uma forma que me faz engolir em seco. Eu memorizo a sensação dela, lenta e deliberadamente, antes de dar um nó frouxo na base do espartilho.

“Obrigada”, ela murmura, virando-se para mim.

Eu dou de ombros. “Eu poderia usar a prática quando se trata de amarrar espartilhos.”

Paedyn revira os olhos, mesmo quando a puxo para mim. "Se é mais prática que você precisa, então como você gostaria de ser a empregada da rainha?"

Meus dedos encontram a ponta do nariz dela e a toco levemente. “Temo que eu seria uma distração terrível. Suas roupas raramente entrariam.”

"É assim mesmo?"

“Só há uma maneira de descobrir.”

Ela balança a cabeça para mim antes de ficar subitamente solene. “Obrigada por ontem à noite.”

“Eu te amo, Pae.” Eu digo isso severamente, implacavelmente. “E estou honrado em ter a chance.”

Ela pressiona a testa na minha, os lábios tremendo enquanto ela sussurra: "Não há nada que eu me arrependa mais do que não ter tido tempo com você."

As mãos dela estão segurando meu rosto. As minhas estão enterradas naquele cabelo prateado desgrenhado que cortei para ela. E quando ela me beija, é como se estivesse dando um último suspiro. Sua boca se agarra à minha, memorizando um momento que fingimos ser nosso para sempre. Eu sinto seu lamento em meus lábios, um adeus persistente que reviverei muito depois que ela se for.

Separando-se antes que eu possa sentir suas mãos trêmulas, ela se levanta e se afasta. "Preciso ir." Outro passo para trás. "Ellie vai querer me deixar pronta logo."

Agora estou de pé, peito apertado. "Não posso ver você se casar com ele, Pae."

“Kai, não torne isso mais difícil do que já é. Por favor.” Ela enxuga com raiva as lágrimas que escorrem pelo seu rosto. “Você sabe que eu tenho que fazer isso.”

Eu balanço minha cabeça. “Você não.”

“Você tem seus deveres,” ela suspira. “E eu tenho os meus. Nós não escolhemos nosso destino, lembra?”

Eu a encaro, e a sensação do meu coração se partindo em dois quase me faz cair de joelhos. Seus pés cambaleiam para trás até que os galhos do salgueiro se enroscam em seus ombros. "Mas eu escolheria você todas as vezes, se eu pudesse", ela sussurra. "Saiba disso."

O sol flui através de seus cabelos, coroando-os com um halo de luz. Engulo em seco, a garganta queimando. "Vejo você depois do casamento, minha rainha."

Uma lágrima rola pelo seu rosto ao ouvir minhas palavras.

“Como seu Executor”, termino fracamente.

Com um último olhar de arrependimento, ela abre a cortina de folhas e caminha em direção ao seu futuro.

Sem mim.



CAPÍTULO 56

Pedyn-P ...

Uma rainha me encara no espelho.

Seu olhar é afiado, brilhante como o Shallows que ela sobreviveu e delineado com kohl tão escuro quanto a caverna da qual ela saiu rastejando. Um leve brilho cobre suas pálpebras, logo acima dos cílios escurecidos que se espalham sobre as bochechas empoadas. Seus lábios estão manchados de um vermelho profundo, mascarando o rubor de um beijo roubado. As manchas de lágrimas se foram, enterradas em vez disso por maquiagem e fachadas.

Ela parece letal. Formidável.

E, estranhamente, ela não parece uma estranha.

Ellie mexe no meu cabelo, amarrando duas mechas trançadas na parte de trás da minha cabeça. É elegante, mas simples, permitindo que a maioria das ondas prateadas façam cócegas nos meus ombros. Empregadas que eu nunca conheci correm pelo quarto, preparando meu vestido e cada detalhe. Sento-me rigidamente diante do espelho da penteadeira, forçando meus pensamentos do meu futuro iminente.

Ellie dá um passo para trás para examinar seu trabalho. “Acho que terminei.” Seus olhos escuros brilham de orgulho. “Você está tão linda.”

Eu forço um sorriso. “Obrigado a você.”

Ela aperta os lábios em um sorriso suave antes de me mandar embora atrás do biombo. “Hora de colocar seu vestido.”

Tirar a roupa entre vários estranhos é a menor das minhas preocupações no momento, então não hesito como uma versão diferente de mim faria. O grupo de empregadas se aglomera ao meu redor, ajudando cada perna a entrar na saia e cada centímetro de tecido a ficar exatamente como deveria.

Saindo diante do espelho, avalio este vestido alterado. Seu corpete sem mangas me abraça firmemente, envolto em uma renda florida. Delicado e ousado, ele se espalha sobre minha pele enquanto longas gravatas rendadas caem na parte inferior das costas. Apenas alguns botões permanecem na base da minha espinha, não muito diferente dos cadarços do meu espartilho da noite passada.

Cadarços que ele afrouxou, substituídos por dedos persistentes. Sua pele estava na minha, quente e fria e pingando chuva. Vestido esquecido, medos abandonados, pecados expostos—

Eu balanço a cabeça, tentando afastar os pensamentos sobre ele. O olhar preocupado de Ellie me encara de volta no espelho. "Você está infeliz com o vestido?"

“Não,” eu digo rapidamente. Então, novamente, para aliviar sua mente. “Não. É lindo. Eu amo isso.”

Em um momento, ela está suspirando de alívio, e no próximo, ela está dispensando cada empregada. Elas saem pela porta, permitindo que eu respire fundo pela primeira vez a manhã toda. Eu me viro para Ellie, puxando sua mão para a minha. "Obrigada

por tudo. Você me fez parecer uma rainha."

"Eu não fiz nada disso." Ela inclina a cabeça para mim. "Você sempre foi mais poderoso do que acredita."

Engulo em seco. Concordo lentamente. "Calum chegará em breve. Ele me acompanhará até a sala do trono quando for a hora." Eu jogo minha cabeça em direção à porta. "Agora, vá aproveitar as celebrações do casamento."

Suas sobrancelhas franzem. "Você tem certeza?"

"Sim." Eu suspiro cansado. "Acho que gostaria de um momento para mim."

Ela me oferece um aceno de cabeça. "Minha Rainha."

Assim que ela sai pela porta, eu a fecho ansiosamente atrás dela. Minha testa cai contra a madeira fria, as pálpebras tremulando fechadas. Fico ali por um longo tempo e tento aproveitar cada último momento antes de encontrar meu destino.

Está quieto agora. Este quarto. Meus pensamentos. Até o interior da minha mente soa como aceitação.

Vou me casar hoje.

Sem negação. Sem desejo frenético de fugir.

Soltando um suspiro profundo, eu me afasto da porta no mesmo momento em que uma batida soa do outro lado. Meus dedos estão enrolados na maçaneta no próximo segundo, girando-a até—

Uma mão dispara, parando a porta antes que ela possa se abrir. "Espere, sou eu."

A voz do rei está levemente abafada, separada pela placa de madeira. Eu me inclino para frente, expressando minha confusão para a fina fenda entre nós. "Kitt? O que você está fazendo aqui?"

"Olha," ele murmura rapidamente, "eu sei que não devemos nos ver. Mas... eu queria te trazer uma coisa."

Há um baque suave quando ele coloca algo dito no chão. "Minha mãe amava suas joias, ou pelo menos foi o que me disseram. E tudo isso está acumulando poeira nesta caixa há anos."

Ele faz uma pausa longa o suficiente para que eu pressione o ouvido na porta, esperando por quaisquer palavras que ele esteja lutando para dizer. "Então, eu estava esperando que você usasse algo dela." Apressando-se, ele acrescenta: "Obviamente não sei como é seu vestido, então eu trouxe a caixa de joias inteira para você dar uma olhada. Eu nem tenho certeza do que tem aqui, na verdade."

Eu sorrio tristemente. Concordo mesmo quando ele não consegue ver. "Eu ficaria honrado, Kitt."

O alívio em sua voz é cativante. "Obrigada. Eu só quero um pedaço dela comigo hoje, sabia?"

Meu olhar cai no anel de aço no meu polegar. "Oh, eu sei."

Um silêncio confortável paira entre nós. "Vou deixar isso aqui, então", Kitt finalmente diz. "Só me dê uns dez segundos para sair correndo da vista."

Eu rio. "Plano brilhante."

Ele se levanta, o som de roupas farfalhando chega aos meus ouvidos. "Vejo você em breve, Paedyn."

E então o rei se foi.

Olho fixamente para a porta, meu olhar percorrendo a madeira sulcada com impaciência.

Dois, três, quatro...

Meus dedos brincam com as flores rendadas que caem em cascata pelo meu corpo.

Sete, oito, nove...

Eu abro a porta.

Kitt se foi, deixando o salão vazio, com exceção de vários Imperiais estacionados. Aos meus pés calçados com chinelos está uma caixa de madeira, enfeitada com entalhes intrincados. Sua tampa é coberta por redemoinhos profundos que lembram vagamente o brasão de Ilya, enquanto pequenas gavetas se alinham ao longo do comprimento.

Pegando-a rapidamente, eu deslizo de volta para o meu quarto. Décadas de poeira embaçam a linda caixa, aparentemente congelada no tempo, com exceção de várias impressões digitais. Eu a coloco cuidadosamente na cama e estou prestes a segui-la quando noto aquele pedaço de pergaminho esquecido na minha mesa de cabeceira.

O bilhete ficou ali desde a visita inesperada de Kai e foi rapidamente esquecido ao ver minha adaga em suas mãos. Agora, abandono todo pensamento pelo que está gravado naquele papel. Meu coração dispara quando o pego, desenrolando cada ponta sob as pontas dos meus dedos.

Sua caligrafia é caprichada com consideração. Essas são palavras que ele ansiava por dizer. E o tempo desacelera dolorosamente enquanto eu chafurdo nelas.

Eu sei como você se recusa a agradecer à Peste. É compreensível, admirável, até, quão valentemente você despreza a coisa que tornou sua sobrevivência tão difícil. Mas eu agradeço à Peste. Eu sussurro minha gratidão por ela quando você está dormindo profundamente em meus braços, quando seus dedos tocam a ponta do meu nariz. Nos momentos de silêncio, eu agradeço à Peste por você. Se não fosse pela divisão de Ordinários e Elites há tantos anos, eu nunca teria encontrado meu caminho até você. Minhas moedas estão sempre em risco em sua presença, mas nenhuma salvação da minha vida teria sido necessária naquele dia. Sem Silenciadores. Sem Provas de Purgação. Sem momentos roubados sob o salgueiro. Quando agradeço à Peste, não é pelo poder que ela me deu, mas pelo privilégio de você. Nada me torna mais forte do que a fraqueza que é você, Paedyn Gray. E se, na próxima vida, você escolher roubar de mim novamente, eu ficaria feliz em lhe dar minha alma se isso significasse um lugar ao lado do seu. Mas até lá, eu vou assistir você se tornar a razão de outra pessoa agradecer à Peste. Você, Pae, é meu inevitável.

(Eu te amo.)

Estou paralisado por cada frase agridoce. Tristeza e aceitação se misturam entre cada sílaba para me deixar olhando entorpecidamente para o borrão de tinta. As palavras fluem de um lugar que ele raramente deixa outra pessoa entrar — seu coração.

Ele é um poeta. Um tolo. Um homem escrevendo seu último adeus.

Eu balanço a cabeça para o bilhete, incapaz de deixá-lo ir tão facilmente.

Uma batida na porta quebra meu luto silencioso pelo garoto que não posso ter.

"Entre." Os livros em cima da minha mesa de cabeceira tremem enquanto enfio o bilhete na gaveta abaixo com os outros. Calum entra no quarto, cabelo loiro penteado para trás e terno bem passado. Eu consigo dar um sorriso fraco. "Está na hora?"

"É." Ele se aproxima de mim lentamente. "Só passe por essa primeira cerimônia."

Não consigo decidir se quero rir ou chorar. "Sim, e então terei que suportar o segundo no Loot."

O sorriso de Calum é solene, e é uma visão familiar em seu rosto. "Uma coisa de cada vez, Paedyn."

"Certo." Eu aceno, reúno minha coragem e caminho em direção à porta. Com um último olhar abrangente sobre meu quarto, digo adeus à garota que o habitava. Porque hoje, ela se torna uma rainha. Uma *esposa* .

Meus olhos pousam naquela mesa de cabeceira onde meu coração permanece, empurrado para o lado pelo futuro deste reino. Então eles gaguejam sobre aquela caixa de joias em cima da minha cama. Eu vacilo na porta, lembrando que não escolhi uma joia como Kitt pediu.

"Paedyn, temos que ir."

Viro-me para Calum e para a leve urgência em sua voz. Com um aceno distante, saio da sala.

Sempre há a próxima cerimônia.

Caminhamos em silêncio pelos corredores. Calum deve sentir meu desconforto e graciosamente me dá um momento para mim mesma. Ou talvez sejam apenas meus pensamentos de pânico que lhe dizem que não estou com humor para conversa. Escondo dedos trêmulos nas muitas dobras do meu vestido, enrolando minhas unhas na renda.

Meu coração bate forte enquanto nos aproximamos da sala do trono. A luz do sol entra pelas muitas janelas que nos cercam para decorar este dia escuro com luz. Solto um suspiro enquanto dobramos uma esquina, como se isso sozinho pudesse acalmar o terror crescente dentro de mim.

Certamente, não iremos adiante com esse casamento. Algo vai acontecer para parar essa insanidade. Kai vai me roubar, ou talvez seu irmão simplesmente caia em si. Mas não pode haver uma união no fim daquele corredor.

Percebo, quando paramos diante das portas da sala do trono, que nunca tive a intenção de chegar até este dia. Mesmo quando deixei Kitt colocar aquele anel em meu dedo, eu não tinha imaginado que teríamos a chance de solidificar esse símbolo com votos. Eu nem esperava sobreviver às Provas, muito menos viver para ver o dia do meu casamento.

E depois de tudo que enfrentei, esse pode ser o mais assustador de todos.

Não tenho a chance de fugir do meu futuro antes que as portas se abram.

Horrorizada, fico ali, observando meu casamento se espalhar lentamente diante de mim. Minha visão da sala do trono se amplia, exibindo dezenas de flores a cada centímetro. A massa de pessoas só aumenta, todas de pé em ambos os lados daquele corredor emoldurado por rosas. E quando as portas rangem para parar, todos os olhos se voltam para mim.

Pés se arrastam; cabeças viram. Meu corpo treme; coração bate forte contra meu peito.

O olhar que estou usando é alarmante o suficiente para ter sussurros abafados flutuando sobre a multidão. Eu não os ouço — não ouço nada além do sangue pulsando em meus ouvidos. Meu olhar se levanta do corredor florido, arrastando-se lentamente para encontrar o do rei.

Ele está no topo do estrado, com um Erudito atrás dele. Uma coroa está empoleirada no topo de um pedestal, suas pontas prateadas elegantemente letais. Longas gemas de esmeralda estão presas ao redor dela, apenas enfatizando a delicadeza que coisas mortais geralmente têm.

Pisco vagamente antes que o reconhecimento me ocorra. Esta é a coroa da Rainha Mareena — o troféu do meu primeiro Julgamento. Ela foi restaurada, impressionantemente, ao estado etéreo que provavelmente já foi. Um nó se forma na minha garganta ao pensar em colocá-la na minha cabeça depois de roubar o corpo da primeira rainha.

A coroa dourada do próprio rei fica entre seus cabelos, combinada com o terno verde-escuro que ele usa por baixo. Os olhos de Kitt brilham, brilhantes sob o dossel de flores caídas. Embora as manchas escuras ao redor eles foram habilmente escondidos, a cor acinzentada de sua pele é gritante em meio ao enxame de cores.

Ele parece tão perdido quanto eu.

Suas mãos mexem nos punhos das mangas, girando os botões sem parar.

Ele também não quer isso.

Em outra vida, eu poderia ter oferecido a ele um sorriso reconfortante. Poderia ter caminhado por este corredor no braço do meu pai. Mas esta vida é dura e cruel, e mal me permitiu vivê-la.

E o pior de tudo é que eu não o amo.

O pensamento é chocante, não porque me choca, mas porque finalmente me permiti não querer isso. Tantas semanas foram gastas justificando essa união — pelo reino, pelos Ordinários, pela esperança de um futuro melhor. Mas e o meu? Eu não amo esse homem. Não, é ao irmão dele que dei meu coração.

Calum me incita a avançar com seu braço entrelaçado ao meu. Dou meu primeiro passo. Lábios se movem ao meu redor — não ouço o que eles dizem. Kitt está me encarando com um olhar distante que sufoca os belos traços de seu rosto.

Caminho rigidamente até aquele altar, cada passo mais condenatório que o anterior. Calum é uma âncora ao meu lado, ajudando a me guiar para esse destino. Isso é dever, lembro a mim mesmo. Isso é esperança para o futuro e perdão do passado. Isso é sacrifício.

Um pé na frente do outro.

Meu peito arfa.

Eu não quero isso.

Kitt pega minha mão.

Eu não o amo.

Hesito. Meu coração gagueja, implorando para que eu me sacrifique e escolha o egoísmo. Escolha Kai. Escolha o amor.

Mas não tenho certeza se sei mais como escolher a mim mesmo. Ou talvez nunca tenha. Então pego o braço do rei, deixando-o me guiar até o estrado. Sua pele está preocupantemente quente.

Rosas nos cercam — uma grande coroa delas acima de nossas cabeças e pétalas sob nossos pés. Eu me viro para encarar o rei antes de permitir que ele puxe minhas palmas escorregadias para as suas. Nós nos encaramos, a incerteza envolvendo cada um de nossos rostos. Meu coração bate forte sob a cicatriz exibida gravada na pele corada, o som ecoando em meus ouvidos. De repente, me sinto vazia, como se não

tivesse controle sobre meus membros, minha vida.

O Erudito começa a falar entre nós. Não quero ouvir suas palavras condenatórias, mas elas me atingem do mesmo jeito.

"... reúnam-se aqui hoje para se juntarem a Kitt Azer, rei e salvador de Ilya, e a senhora Paedyn Gray em sagrado matrimônio. Testemunhem sua união e..."

Meus ouvidos começam a zumbir, abafando o decreto berrado. Olho fixamente para Kitt em busca de qualquer sinal de arrependimento ou mudança de ideia. Mas, assustadoramente, ele parece bastante contente em costurar sua alma à minha. Isso só faz meu olhar passar freneticamente pela multidão na esperança de encontrar uma maneira de sair disso.

Não podemos continuar com isso.

O Estudioso coloca um anel na mão esquerda de Kitt.

Certo?

"Você, Kitt Azer, aceita Paedyn Gray como sua esposa e rainha?"

Meus olhos se chocam com os verdes diante de mim. Acho que parei de respirar. Kitt me encara por tempo suficiente para ter esperança acendendo em meu peito apertado. Mas as palavras que saem de seus lábios não refletem essa hesitação. "Eu aceito."

Sinto-me tonto. O Erudito volta sua atenção para mim.

"Você, Paedyn Gray, aceita Kitt Azer como seu marido e rei?"

Meu estômago revira, coração pendurado no fio da liberdade que tenho esquerda. Estou a um único "sim" de assinar minha alma com o nome de outra pessoa. Uma que não seja Kai Azer, Enforcer, meu bastardo convencido.

A sala do trono está sufocada em silêncio enquanto examino a multidão expectante. Procuro por ele em cada rosto, em cada lacuna entre corpos finamente vestidos. Jax, Andy, Calum, Mira, Gail — estranhos. Kai não está em lugar nenhum, assim como prometeu.

"Paedyn?" O Estudioso levanta suas sobrancelhas espessas para mim.

Ainda assim, espero por algo que me salve deste momento. Eu oscilo diante do resto da minha vida e imploro para que alguém me segure antes que eu caia. Meu vestido fica apertado demais enquanto a esperança foge do meu peito, roubando todo o ar com ela.

Levo um longo momento para perceber que nada e ninguém jamais me salvará. Aqueles que o fizeram no passado estão mortos. Aquele que o faria neste presente provavelmente está sob um salgueiro, já de luto por mim. Então, encaro meu destino sozinho e o olho nos olhos.

Kitt se move um pouco, seu olhar me incitando a falar o que devo dizer.

Mais forte do que me sinto e mais condenatório do que deixo transparecer, eu digo: "Eu aceito".

"Então eu os declaro marido e mulher."

O rei acena levemente. Eu aceno de volta como sua rainha.

"Você pode beijar a noiva e selar esta união."

Minha boca seca. Eu tinha esquecido dessa parte.

Kitt, sempre majestoso e calmo, inclina-se para pressionar seus lábios nos meus. É suave, uma demonstração de sua alma, apesar de nunca fazê-lo com palavras. Este beijo tem gosto de um doce final de um pedido de desculpas, ou o prolongamento de

uma despedida. E quando ele se afasta, fico olhando para o rosto do meu marido.

Eu expulso o pânico do meu ser e engulo a percepção do que fiz.

Nós nos viramos em direção à quadra, de mãos dadas. O Erudito levanta aquela coroa letal de seu pedestal e a ergue bem acima da minha cabeça. Dobrando meus joelhos, eu forço o tremor constante de meus membros.

"Povo de Ilya, apresento a vocês, Paedyn Azer, sua indubitável rainha consorte." O decreto do Erudito ressoa pela sala do trono. "E seu rei, Kitt Azer, salvador de Ilya. Que sua união traga prosperidade ao nosso reino e grandeza às nossas histórias."

A corte bate palmas, forçando sorrisos em rostos relutantes. Saímos do estrado como um casal e caminhamos pelo corredor como membros da realeza. Eu me concentro apenas em passar por aquelas portas abertas enquanto desfilamos pelo centro desta corte.

Meu olhar está fixo distante no pedaço de liberdade à minha frente quando o vejo.

O tempo desacelera. Meu coração se despedaça.

Kai está parado na porta, seu peito arfando como se tivesse passado do seu melhor julgamento e se encontrado aqui. Uma espécie de reconhecimento quebrado do meu destino preenche seu rosto. Vejo o momento exato em que ele percebe que é tarde demais.

Seus olhos cinzentos passam rapidamente entre nós dois em descrença. Até mesmo o Enforcer não acreditou que eu iria até o fim, e sua mágoa me corta profundamente.

Eu falhei com ele. Eu falhei conosco.

Ainda assim, ele esboça um pequeno sorriso.

É o olhar de quem deixa alguém ir.

E isso me despedaça.

Ele ia me salvar.



CAPÍTULO 57

Kai

Sombras deslizam sobre minha pele, como se fossem convocadas pela escuridão que se forma dentro de mim.

Casca áspera crava-se em minha espinha, amassando minhas costas com dedos nodosos. Inclino minha cabeça contra o tronco robusto do salgueiro, observando o calor filtrar através do véu de galhos. As folhas longas e caídas lançam sombras cambiantes sobre minha pele enquanto balançam na brisa, salpicando-me de luz e escuridão.

Não saí do abraço reconfortante do salgueiro desde que Paedyn saiu do meu. Meu olhar se ergue para o sol acima, piscando para mim através do guarda-chuva de folhas em movimento. O casamento provavelmente já começou, mas estou enraizada no local como esta árvore ao meu lado.

Lágrimas ardem em meus olhos cansados. Não consigo me lembrar da última vez que chorei de verdade.

Além do meu reencontro com Paedyn após seu terceiro julgamento, houve o dia em que Ava morreu.

Olho para o pedaço de grama macia ao meu lado.

O Pai realizou nosso treinamento como se nada tivesse acontecido, continuando a abrir minha pele e a empurrar o poder aperfeiçoado do meu corpo. Eu não podia fazer nada além de anestesiar cada centímetro de mim, forçar uma máscara sobre minha dor. Cada lágrima estava escondida até que eu retornasse ao meu quarto, sangrando e tremendo.

Depois houve a noite em que tirei minha primeira vida.

Na época, eu nem sabia a extensão do que o rei me fez fazer. Mas chorei pelo pai de Paedyn mesmo assim. Chorei pelo pedaço de mim que morreu ao lado dele.

Essa foi a primeira noite em que cravei uma espada nos postes da minha cama. Repetidamente.

Madeira se estilhaçou sob minha lâmina, pedaços dela voando em todas as direções. A tristeza me levou a encontrar algo mais potente dentro de mim, algo para sufocar a dor — medo. Eu me tornaria um monstro, uma marionete da morte, se isso significasse que eu não sentiria mais nada.

Então eu a conheci.

Paedyn rivalizava comigo, com as estrelas, com o próprio mar com seu olhar. Ela me tinha na palma de sua mão no momento em que agarrou a minha naquele beco. E pela primeira vez desde que eu era um menino, o medo tomou conta do meu coração. Bem ali, naquele momento, eu sabia que ela seria minha ruína.

Somos inevitáveis, o Silver Savior e eu. Nossos passados estão tão irrevogavelmente interligados quanto nossos futuros agora estarão. Mas não é o amor que uniu nossas almas. É o dever.

Minha visão fica turva por trás da sensação estranha de lágrimas. Coloco uma mão naquela grama macia, fechando meus olhos contra essa onda de emoção. "Não sei o que fazer, A", sussurro.

Ela não diz nada. Ela nunca faz.

Uma lágrima rola pela minha bochecha. “Estou cansado.”

Cansado da lealdade que tomou tudo o que me importa. Cansado de ficar parado enquanto a felicidade encontra seu lar em outro lugar. Mas, acima de tudo, estou cansado de perdê-la.

Então há agora - quando eu choro pelo futuro que tanto desejo viver com ela. É um fluxo silencioso de lágrimas que eu tento o meu melhor para não reconhecer. Eu respiro fundo antes de enxugá-las bruscamente.

“Não deixe que ela seja sua fraqueza.”

O aviso da mãe veio tarde demais. Ela não é apenas minha fraqueza — ela é meu tudo.

Minha voz está fraca. “Eu não posso perdê-la também, A.”

Eu penteio uma mão pelo meu cabelo rebelde, varrendo folhas caídas dos fios. As sombras acenam seu adeus enquanto eu me levanto e estico membros rígidos. "Eu tenho que fazer alguma coisa."

Meu olhar cai no cobertor amarrotado abaixo de mim, um mero resquício da noite passada. A brisa fresca em seu cabelo, suspiro em sua garganta, calor em seu toque. Agora é uma lembrança que vai me assombrar.

Eu saio de baixo dos galhos caídos, evitando os dedos estendidos do salgueiro.

Minha pele tem o cheiro dela. Meu coração dói por ela. O Enforcer se curva a ela.

Estou indo encontrar minha rainha.



CAPÍTULO 58

Pedyn-P ...

A coroa continua tão pesada quanto eu me lembrava.

Só que agora ele tem muito mais peso com uma rainha sob ele.

Kitt caminha ao meu lado, o som de uma corte de despedida ecoando à distância. Nós seguimos para o meu quarto em um silêncio um tanto monótono, absorvendo essa lasca de paz antes da nossa segunda cerimônia. As festas e danças em comemoração à nossa união não começarão até amanhã, e eu não desejo nada mais do que dormir o dia todo.

O pensamento faz meus ouvidos queimarem. Duvido que eu deva dormir sozinho esta noite.

“Você se saiu bem”, Kitt finalmente oferece no silêncio.

Meus calcanhares continuam batendo no chão com um clique rítmico. “Obrigada.”

“Agora, assim que você estiver trocado e pronto, iremos até os ônibus.”

O elefante na sala pisa forte ao nosso lado enquanto continuamos a fingir que não estamos ligados para o resto da vida. Eu me viro para ele de repente. “Você queria isso? Apesar do nosso casamento ser para Ilya, você queria isso?”

Minha pergunta o faz parar. “Eu sei o que Kai sente por você. Então, não, eu não queria fazer isso.”

"Mas você se casou comigo mesmo assim."

“E eu faria muito pior por ele”, ele diz rapidamente.

Eu engulo em seco. Apesar de tudo, eu entendo. Nosso casamento é para Kai tanto quanto é para Ilya. O Enforcer nunca terá que tirar a vida de outro Ordinário. Ele não será mais controlado pela culpa ou vergonha. E acima de tudo, este reino permanecerá de pé.

Só consigo fazer um aceno de cabeça.

Chegando à minha porta, coloco uma mão na maçaneta. “Perdi a noção do tempo antes, mas vou escolher algo da caixa de joias da sua mãe agora.”

“Obrigado—” Uma tosse rouca interrompe o sentimento.

“Você está” — vejo algo que parece suspeitosamente com respingos de sangue em seu lenço — “bem?”

Ele limpa a boca. “Estou bem.”

“Kitt, acho que você está doente—”

"Eu disse que estou bem, Paedyn", ele retruca, com os olhos repentinamente arregalados.

Dou um passo para trás, perplexo, e observo o rei se recompor. Ele limpa a garganta inflamada. Muda para algo enganosamente dócil. “Obrigado pela sua preocupação.”

Eu aceno. Minha voz está fraca. “Eu te encontro no pátio.”

O rei está caminhando pelo corredor antes que eu entre no meu quarto.

Eu me inclino contra a porta e fecho meus olhos, afastando as lágrimas que eu desesperadamente desejo chorar. Meu coração dói com a memória vívida de Kai parado atrás daquelas portas com um olhar de traição se infiltrando em suas feições. Então ele deslizou para a multidão antes que meus lábios trêmulos pudessem formar um pedido de desculpas.

Eu tiro a coroa da minha cabeça, mal percebendo quando as pontas irregulares mordem minha palma. As esmeraldas afiadas refletem meu rosto cansado de volta para mim como um vislumbre do meu futuro. Eu vejo uma vida de tortura ao lado da homem que eu amo. Meu marido está sentado no trono, mas não é ele quem segura meu coração. Não, aquele homem está à minha esquerda, nunca olhando em minha direção. A máscara que ele usa sufocou toda a emoção de seu rosto, e sem mim para puxá-la para fora, ele se torna uma casca do homem que ele já foi.

Uma dormência roedora começou a escorrer lentamente sobre mim. Ellie ajuda a tirar o extravagante vestido de noiva do meu corpo, cada palavra um parabéns, cada volta de seus lábios um sorriso. Sou rapidamente enrolada em mais tecido branco, este vestido mais leve e macio que o anterior. A saia esvoaçante ondula da minha cintura e flui até um pouco acima dos meus tornozelos nus. Seu corpete é relativamente simples, embora bordado com um emaranhado de videiras de contas. Alças finas abraçam meus ombros, e saltos brancos agarram meus pés.

"Você não quer parecer *muito* arrumada no Loot", Ellie me tranquiliza enquanto brinca com meu cabelo. Ela diz isso como se eu já não soubesse. Aparecer nas favelas pobres com um vestido caro o suficiente para alimentar várias delas por semanas dificilmente causaria a melhor impressão.

Ela se afasta para me examinar. “Mas você ainda parece uma noiva muito elegante.”

“Obrigada, Ellie.” Eu limpo minha garganta apertada. “Isso é tudo. Eu gostaria de um momento sozinha.”

Assentindo com compreensão, Ellie sai do quarto. Suspiro no silêncio e desejo poder me esconder atrás dessas quatro paredes indefinidamente. Mais por conforto do que por necessidade, prendo minha adaga em uma coxa por baixo do vestido. Isso me faz sentir melhor, ter um pedaço do meu pai comigo no dia do meu casamento.

A caixa de joias me provoca até que finalmente vou até ela. Sentando-me cuidadosamente em cima da cama, ajusto o vestido ao meu redor e abro a tampa. Olho para suas profundezas envoltas em veludo, engolindo meu suspiro ao ver tantas joias brilhantes. Elas ficam contra o tecido verde, tão perfeitamente intactas. Diamantes, safiras e um número impressionante de esmeraldas piscam para mim. Pego um colar particularmente ofuscante antes de pensar melhor.

A Rainha Íris certamente tinha gosto por elegância.

Nunca vi tanta riqueza. Nem sei bem como mantê-la.

Essas joias sozinhas poderiam alimentar todo o Loot.

De repente, estou fechando a tampa, enjoado pela mera visão de algo tão bom. Houve um tempo em que eu teria feito coisas indizíveis para roubar até mesmo uma única joia. Agora, posso usá-las em volta do meu pescoço como um troféu.

Ou um laço bonito.

Eu empurro o pensamento para longe e abro uma das gavetas pequenas. Ela está

cheia de anéis brilhantes, todos com faixas de ouro e prata brilhantes. Ao lado dela, há uma gaveta cheia de pulseiras. Mas é a que está embaixo que me faz parar.

Nenhuma joia. Nenhuma pedra preciosa. Apenas a cabeça quebradiça de uma rosa.

Passo um dedo gentilmente sobre as pétalas secas, observando-as se desintegrarem sob meu toque. Minha respiração fica presa em surpresa. Esta flor é mais velha do que eu.

Um pedaço dobrado de pergaminho jaz sob seu caule cortado. Cuidadosamente, eu o retiro das garras da gaveta, embora a madeira se agarre ferozmente a ele. O tempo envelheceu a nota, amassando as bordas e amarelando o papel. Eu o desdobro lentamente para revelar uma mensagem escrita às pressas em caligrafia cheia de voltas.

Encontre-me no jardim à meia-noite. Vista uma capa — você é linda demais para ser vista comigo. Meu coração é seu, sempre.

Olho fixamente para o bilhete.

Isso não era para os meus olhos. Sinto como se tivesse invadido um momento íntimo que deveria permanecer para sempre preservado dentro desta caixa. E ainda assim, não consigo tirar o olhar dela.

Este não era o rei que ela estava encontrando. Não, a rainha não iria se esgueirar pelo castelo com seu próprio marido.

Ela tinha um amante.

Eu abaixei o papel com um suspiro. É estranho arrancar um pedaço da vida de alguém dos pertences dos mortos. Acusar a falecida rainha de ser infiel parece ainda mais estranho. E ainda assim, olhando para o bilhete, algo me incomoda distantemente.

Descarto o sentimento, decidindo, em vez disso, explorar as outras gavetas. Grampos de cabelo em uma, mais anéis na outra. Meus dedos puxam o último compartimento, lutando para liberar a gaveta rasa. Com um gemido, ela desiste, deslizando para fora para revelar uma pilha de notas amassadas.

É a mesma caligrafia borrada que mancha cada pedaço de pergaminho. Eu folheio as cartas curtas, cada uma mais enigmática que a anterior.

Tempo. Lugar. *Eu te amo, sempre.*

Meus dedos tateiam cegamente pela gaveta, procurando por quaisquer pedaços esquecidos do passado. Uma folha de pergaminho amassada vive no canto do compartimento, contorcida contra a madeira pelo que provavelmente foram anos. Eu a arranco para fora antes de forçar sulcos profundos do papel amarelado, achatando-o contra meu joelho coberto pelo vestido. Inspecionando mais, eu a viro e—

Nunca olhei para o rosto de um fantasma, mas imagino que seria assim.

Meu corpo inteiro fica dormente enquanto a fotografia desliza entre meus dedos. Algo agarra minha alma, certo e esmagador. É familiaridade, eu percebo. É reconhecimento de si mesmo dentro do outro.

Eu encaro a mulher. Ela olha para mim.

Seus olhos azuis brilhantes são quase tão vibrantes quanto o sorriso que ela usa. Há um certo calor em seu olhar, no rosado de suas bochechas. Cabelo loiro claro cai em cascata sobre seus ombros, caindo em ondas soltas. E seu nariz...

Respiro fundo, tremendo, antes de levantar a fotografia diante do meu rosto.

Seu nariz é coberto de sardas.

Eu encaro a rainha. Ela encara um.

Sangue reivindica sangue. E quando olho para Iris Moyra, a falecida e amada rainha de Ilya, vejo uma sombra dela correndo em minhas veias. E o sangue nunca esquece.

O pergaminho cai na cama enquanto pressiono a mão firme sobre meu coração palpitante.

Isso é um absurdo.

É o que eu digo a mim mesmo, repetidamente. Esta é uma coincidência, uma imagem que compartilha uma leve semelhança.

Eu não sou da realeza. Eu não sou filha de uma rainha.

A porta range ao abrir, e mal ouço os passos que se seguem. Ainda estou estudando a foto quando uma figura entra em cena, parando diante da minha cama. Meu olhar se levanta relutantemente do rosto de Iris para pousar em Calum.

Ele fica ali, estoico como sempre. Mas eu vejo a cor sumir de seu rosto.

O tempo parece parar — o olhar de Calum na pilha de bilhetes, o meu no buquê de flores que ele segura.

Rosas cor de rosa.

É meu buquê. Percebo agora que ele foi esquecido depois de correr para a sala do trono. Ele deve ter trazido para mim. Piscando, abaixo meu olhar para a flor em ruínas ao meu lado, arrancada anos antes deste momento.

Há algo puxando incessantemente o canto do meu subconsciente mais uma vez. Como a intuição que sente uma luta antes do primeiro soco ser dado. Ou o momento antes de eu encaixar todas as observações, moldando a história no lugar com minha mente. Ou como uma memória ressurge no exato momento em que preciso desmontá-lo. Porque nada passa despercebido.

"Preciso ir correndo para uma reunião com Kitt, mas não deixarei de dizer a ele o quão linda você está neste vestido de noiva."

Calum estava a poucos passos de onde está agora quando o elogio escapou de sua língua. Mas é na sequência de palavras a seguir que me concentro. As condenatórias que ecoam em minha mente.

"As rosas do meu jardim ficarão lindas com ele."

Eu tinha sentido aquela distante insistência, aquela pontada de intuição, e escolhi ignorá-la. Minha confiança em Calum tinha construído um muro ao redor do meu coração, mas tudo o que foi preciso foi uma rosa para fazê-lo ruir.

Tudo está acontecendo tão rápido, como a inevitável viagem antes de uma queda. Meus pensamentos se confundem, todos sangrando um no outro. O passado vem correndo em direção ao meu presente atual, sobrepondo-se para criar uma conclusão clara.

Olho para a flor em decomposição.

As palavras de Ellie de repente emergem das profundezas da minha mente.

"Há um jardim de rosas particular aqui no terreno. Bonitas rosas, eu acredito."

Minha cabeça está girando.

Aquele jardim de rosas está aqui há décadas.

Cada respiração fica mais superficial.

Um Fatal. Um líder da Resistência. Um homem que está sempre no lugar certo na hora certa.

Uma enxurrada de perguntas sem resposta se derrama em minha mente cambaleante, me deixando tonto. A confusão se infiltra em cada pensamento, em cada momento passado com Calum. Do seu discurso da Resistência no Bowl até o anel no meu dedo.

Eu arranho minha mente, separando fios do meu passado. Uma onda de realizações me atinge em uma série de pensamentos desconectados.

As notas.

A caligrafia.

Os julgamentos de expurgo.

Minha mente é uma melodia confusa de rimas, todas enroladas naquela caligrafia cheia de voltas. Uma de um pergaminho nos Sussurros. Uma na base de Plummet, e uma lida em seu pico.

Meu coração dispara enquanto as peças desse quebra-cabeça começam a se encaixar.

Quando lutei contra o rei, suas palavras não significaram nada. Até agora.

"... um amigo me contou sobre suas intenções e sobre essa Resistência *da qual ele fazia parte."*

Um amigo.

Alguém próximo ao meu pai e ao rei.

Alguém leal a este último.

Blooms não brotaram flores da terra para Calum da noite para o dia. Não, ele vem cuidando delas há anos.

Porque ele é o Leitor de Mentes do rei.

É como se o mundo tivesse tombado abaixo de mim.

Mas isso não é tudo. Isso é apenas o começo.

Não olho para ele. É a rainha que segura meu olhar agora.

É quando tudo faz sentido.

Pai — meu *verdadeiro* pai — me ensinou a confiar em meus instintos. Nunca vacilar. Nunca deixar nada despercebido. É como se eu estivesse de volta a Loot, enfrentando um Imperial que me ordenou a demonstrar minha habilidade Psíquica. Então, quando falo, as palavras são seguras, sem sombra de dúvida.

Até mesmo um Leitor de Mentes pode ser lido.

"Sabe" — eu me levanto lentamente, o vestido balançando em volta dos meus tornozelos — "eu queria agradecer de novo por me dar aqueles livros. Eles me mantiveram ocupada no barco."

Pego uma das lombadas desbotadas na minha mesa de cabeceira, abrindo a capa frontal. "Para Paedyn," leio em voz alta. A rosa esboçada acima das palavras me faz sorrir levemente.

O olhar de Calum ainda não encontrou o meu.

Coloquei o livro entre as notas espalhadas, alinhando a caligrafia idêntica. "Eu adicionaria o pergaminho dos meus Purging Trials, mas não tive a chance de guardar um como souvenir."

Pego a fotografia em seguida, agitando-a entre meus dedos. "Você ainda acha que eu pareço com minha mãe?"

Silêncio.

"Achei estranho quando você mencionou que eu parecia com ela pelas fotos que

você tinha visto," eu digo lentamente. "Veja, nós não tínhamos nenhuma foto da esposa do meu pai, Alice." Meus pés pisam um caminho pelo carpete, a bainha do vestido batendo em meus tornozelos. "Quero dizer, uma Transferência é necessária para imprimir a memória de uma Visão na página, e tudo se torna muito mais caro do que vale."

Eu aceno minhas mãos, descartando a explicação. Então meus pés vacilam, mudando de curso até que estou bem na frente dele. Eu levanto a fotografia entre nós, forçando aqueles olhos azuis nos de Iris.

"... esse não é o único membro da realeza que você matou."

As palavras de Calum ecoam em minha mente, outra peça do quebra-cabeça que é meu passado.

"Mas Alice não era a mãe de quem você estava falando," eu respiro. "Era a rainha que você amava. Aquela que morreu ao me dar à luz."

Estou tremendo, cada centímetro do meu corpo. A adrenalina correndo em minhas veias faz meu coração martelar contra um peito apertado, o sangue pulsando em meus ouvidos. A gravidade desta verdade que descobri ameaça me colocar de joelhos.

"Você era amante de Iris," eu ofego, meus olhos selvagens. "E o Leitor de Mentes do rei, alimentando-o com informações sobre a Resistência o tempo todo. É por isso que ele estava sempre um passo à frente."

Com os joelhos tremendo, eu me mantenho firme enquanto o olhar de Calum se ergue para o meu. É agonizantemente lento, esse momento em que estou entre o passado e o presente.

"Então eu vou perguntar de novo," eu digo, enganosamente calmo. "Eu pareço com minha mãe?"

Quando seus olhos azuis finalmente encontram os meus — os *da rainha* — eu o observo arrancar cada pensamento da minha cabeça. Ele lê a desconfiança, refletindo sobre ela cuidadosamente. Eu encaro o Fatal, sem surpresa quando ele finalmente diz: "E com quem mais você se parece?"

Este não é o primeiro jogo que sou forçado a jogar.

E não será a primeira vez que perco.

Então, quando envio as palavras para a frente da minha mente, espelho a sombra de um sorriso que levanta seus lábios.

Olá, Padre.



CAPÍTULO 59

Pedyn-P ...

Pai .

O título tem um gosto amargo para qualquer homem que não seja aquele que me criou. Olho para Calum, deixando-o ler cada pedaço de desconfiança em minha mente. Este homem já foi como um pai para mim, e agora que descobri que ele tem sido exatamente isso o tempo todo, a mágoa me invade.

"Isso é mais perturbador para você do que eu pensava", ele observa simplesmente.

"Então eu estou certa," eu respiro. Então uma onda de raiva me invade, sufocando o triunfo fugaz que acompanha o desvendar de uma vida inteira de mentiras. "Você me deixou na soleira de uma porta!" Eu jogo minhas mãos para o ar. "Eu era um bebê! E tudo para que o rei não descobrisse que eu não era sua filha?"

Os olhos de Calum ficam selvagens. É como se algo tivesse estalado dentro dele. Como se cada expressão solene e palavra gentil fosse um ato que ele desprezava. E agora que sei quem ele realmente é, não há uso para engano. "O rei pensou que você era seu filho — e ele não queria você."

Eu tropeço um passo para trás, meus lábios se abrindo ligeiramente.

"Depois que você *matou* a Rainha Iris," ele morde, "o rei entregou você a um Silenciador. Foi quando ele descobriu que um Ordinário — um *Ordinário* — matou um dos Elites mais raros conhecidos por Ilya."

A sala gira ao meu redor enquanto eu vasculho minha memória. Lembrando de cada livro de história que o Pai colocou diante de mim, eu finalmente encontro seu poder escondido no canto da minha mente. Ela era—

"Uma Alma." Calum profere as palavras que leu da minha mente. "Isso mesmo. A habilidade de sentir as emoções de outra pessoa e alterá-las, tomá-las para si. E o poder dela emparelhado com o meu — o de uma Fatal?" Ele ri, e é um som enlouquecido. "Você deveria ser formidável. Mas você não é nada."

Ele cospe as palavras, cada uma revestida de anos de raiva. "Você era uma vergonha para o rei, uma que ele me disse para cuidar. E ele passou a vida encobrindo a Ordinária que ele pensava ser dele. Mas você era minha, e Iris morreu" — ele passa a mão no cabelo — "tudo para você não ser nada! Uma Ordinária inútil!"

A cicatriz queima acima do meu coração.

O.

O rei pensou que eu era sua filha.

Duas Elites nunca fizeram um Ordinário. No entanto, aqui estou eu, impotente. O produto de força sem nada para mostrar. E talvez, pela primeira vez, isso me faça extraordinário.

Lágrimas embaçam minha visão, raiva ardendo meus olhos. Flexiono meus dedos na saia macia do meu vestido, sentindo o contorno reconfortante da minha adaga sob as camadas de tecido.

“Então é por isso que você me odeia?” Eu engasgo. “Porque a mulher que você amava morreu ao me dar à luz?”

"Porque deveria ter sido você", ele rosna. "Deveria ter sido você que morreu naquele dia, não a rainha que sangrou por um Ordinário." Sua cabeça balança, e o olhar selvagem em seus olhos me faz recuar. "Antes de você aparecer no castelo e se sentar ao lado de Edric durante aquele primeiro jantar, Pensei que você estivesse morto. Posso não ter conseguido matá-lo como o rei desejou dezoito anos atrás, mas esperava que você encontrasse seu fim nas favelas.”

“Mas eu não fiz isso”, eu respiro. “E ele ainda me manteve viva.”

Depois daquele terceiro Trial, parado na chuva torrencial do lado de fora do Bowl, perguntei ao rei por que ele não tinha me matado antes. Isso foi logo antes de sua espada cortar meu antebraço.

“Porque eu precisava de você vivo.”

“Ele fez”, Calum diz em resposta à minha memória. “Eu o convenci de que a Resistência precisava de você para encontrar o túnel para a Tigela, e se os Julgamentos não te mataram, então ele poderia depois.” Ele levanta um dedo trêmulo para mim. “Mas você tem os olhos dela. Ele te reconheceu no momento em que você se sentou naquela mesa.”

Eu luto para manter minha voz firme. “Como você sabia que eu encontraria o túnel?”

Seu sorriso é cruelmente simpático. Eu mostro meus dentes de volta.

Ele não vai me contar.

Cada pergunta sem resposta começa a ressurgir até que elas estão praticamente borbulhando para fora de mim. Eu cuspo uma, esperando que ele se digne a respondê-la. "Eu pensei que a rainha morreu dando à luz Kitt?"

“Todo o reino pensou assim.” Seus olhos brilham, perfurando os meus. “O rei manteve Iris trancada — segura de qualquer ameaça. Tanto que quando ela engravidou de você, o reino não sabia nada sobre a rainha ou seu filho. E depois da vergonha que você trouxe a ele em seu nascimento, ele selou os registros verdadeiros e disse ao reino que ela havia falecido quando Kitt nasceu.”

Há uma longa pausa na qual tento engolir a percepção repentina.

“E meu pai...” Eu engasgo com as palavras. “Você contou ao rei sobre ele. Você é a razão pela qual ele está morto. Porque você descobriu sobre a Resistência.”

“Ele estava ajudando no castelo durante a temporada de febres”, ele diz simplesmente. “Nós nos cruzamos no corredor, e eu li sua mente. Soube de seus planos para uma Resistência. Mas não foi isso que matou Adam no final.”

Eu pisco para ele. “Do que você está falando?”

Aquele momento no porão da minha casa de infância, cercado por membros da Resistência, volta correndo. Calum demonstrou um pingo de confusão quando presumi que a morte do meu pai era devido à sua associação com a Resistência.

“Não, Edric o manteve vivo para aumentar sua Resistência”, Calum está dizendo. “Ele estava contente em usá-lo até que Adam descobriu algo que não deveria. Algo somente para os reis.”

“Do que você está falando?”, insisto novamente entre dentes.

O silêncio de Calum em resposta fez um som de frustração subir pela minha garganta.

“É por isso que você estava perguntando sobre os diários do meu pai,” eu ofego. “Você queria saber se ele escreveu aquele algo secreto.”

Minha cabeça gira. Eu empurro essa nova informação confusa para o lado das dezenas ainda espalhadas pela minha mente. Mas a verdade sobre a morte do meu pai não parece interferir na obsessão de Edric Azer com a Resistência.

De repente, sou arremessado para outra memória, uma em que estou ensanguentado e quebrado e mal sobrevivendo contra o rei. Sua bota está esmagando meu peito enquanto eu o encaro, a chuva batendo em meu rosto ardendo. Lama chapinha sob minhas costas. Ele me observa lutar para me soltar.

“Planejei esse dia por muito tempo, esperando até poder me livrar dessa Resistência.”

“Ele tinha”, Calum murmura, vendo a imagem vívida que pintei em minha mente.

Meu olhar está distante, nublado com a realização. “O rei não queria acabar com a Resistência quando descobriu pela primeira vez,” murmuro. “Ele queria para crescer, queria reunir todos os Ordinários em um só lugar.” Meu olhar se move rapidamente para Calum enquanto minha mente vagueia para aquela batalha no Bowl. “E você era o espião dele.”

Calum confirma com um aceno implacável de cabeça. “Mas seu *pai* precisava ser cuidado antes que tivéssemos reunido Ordinários suficientes para o massacre. Então eu tomei o lugar dele como líder da Resistência.”

Abate.

Meu estômago embrulha.

O Poço estava cheio de corpos, e a lembrança daquele trecho sangrento de areia deixou minha boca seca. "Foi tudo uma manobra." Meu peito arfa, a raiva crescendo dentro dele. "Tudo. Você não se importa com os Ordinários. Você nunca se importou. Não depois que um matou seu amante." Dou outro passo para trás, esbarrando na mesa de cabeceira atrás. "Desde aquela primeira noite na minha casa, você estava brincando comigo."

“Seu pai ficaria orgulhoso.”

Foi o que Calum me disse depois que me comprometi com a causa da Resistência. E ele estava orgulhoso, por finalmente ter me capturado. Um fantasma da mulher que ele amava no corpo de uma Ordinária inútil que ele odiava.

“E eu estou.” Calum entrelaça aqueles dedos longos atrás das costas. “Muito orgulhoso do fantoche que você se tornou para mim.”

Saia da minha cabeça.

Desgosto cobre minha voz. “Que jogo você está jogando agora?”

Deixei que ele segurasse meu olhar por um longo momento. “Precisamos levar você para sua próxima cerimônia de casamento.”

“Por quê?”, eu retruco. “Por que você iria querer um Ordinário no trono?”

“Tenho grandes planos para você, Paedyn.” Ele de repente está caminhando em minha direção. “Vou garantir que os Acadêmicos escrevam seu nome em todos os livros de história.”

Essa intuição começa a puxar lentamente dentro de mim mais uma vez, e dessa vez, eu não a ignoro. Essas últimas semanas se desenrolam na minha mente, como um fluxo constante de memórias. Penso nos momentos passados com Calum, sim, mas mais importante, os que não estavam. Ele estava sempre no fundo, sempre sussurrando no ouvido de alguém.

Pisco para o chão antes de começar a vomitar meus pensamentos. “Você disse ao Rei Edric para não me matar quando eu apareci no castelo, e ele não o fez. Você disse a Kitt para se casar comigo, e ele o fez.” As acusações veladas saem dos meus lábios em um murmúrio apressado. “Ele confiou em você tão facilmente. Você o convenceu a me deixar competir nessas Provas, o aconselhou a começar a treinar suas tropas. E ele faz tudo isso.”

Calum estreita os olhos, mas não diz nada.

Eu quase rio. “Você disse que os Blooms cultivaram seu jardim de rosas, e naquele momento, eu acreditei em você. O que você exige, outros fazem. Você tinha toda a Resistência comendo na palma da sua mão — meu *pai* incluído. Você não é apenas um Leitor de Mentes, é?” Dou um passo lento em direção a ele. “Você é um Dual. É por isso que você me odeia tanto. Eu ainda consegui ser Comum, mesmo quando você não é apenas um Fatal — você é dois.”

Ainda assim, Calum não diz nada.

Tendo descoberto tudo, eu sorrio. “Você é um Leitor de Mentes e um Controlador.”

Quando ele se lança sobre mim, eu mando um cotovelo em arco em direção à sua têmpora. Fico surpresa quando ele pula para trás, evitando rapidamente o golpe. Meu vestido ondula ao meu redor enquanto eu avanço para dar um gancho de direita em seu queixo.

Mais uma vez ele me evita.

Afundo na ponta dos pés, com o sangue latejando nos meus ouvidos.

Jab.

Gancho de direita.

Cruzar.

Nada.

Nada o atinge.

Soltei um grito frustrado que ele achou engraçado. “Não se machuque, Paedyn. Eu conheço cada movimento seu.”

Claro que sim.

Saia. Da. Minha. Cabeça.

Calum ri de novo enquanto desvia do próximo punho que mando voando em direção ao seu rosto. Meu sangue ferve, manchando minhas bochechas com calor. Mas minha mente está clara, e sei que ele lê o pensamento que a atravessa.

Não há a mínima chance de eu sair desta sala com ele.

Ele lê meu único plano, olhos azuis fixos nos meus e lábios se contorcendo em um sorriso.

Eu faço uma pausa.

Talvez dentro da minha cabeça seja exatamente onde ele deveria estar.

Dou um passo lento em sua direção.

Você é o fracasso. Não eu.

Calum finge tédio.

“Você não só foi incapaz de matar um bebê comum, como me deixou na porta de Adam Gray para poder ficar de olho na sua filha.” Seus olhos se estreitam enquanto eu avanço lentamente. “Estou certo, não estou? Uma parte de você queria me ver crescer. A cada encontro, a cada conversa com meu pai, você estava aprendendo sobre

mim .”

Eu aponto um dedo em direção à pilha de livros ao lado da cama. “Você os trouxe para casa quando eu era criança, não é? Até escreveu meu nome nas capas. Porque você se importava comigo — ”

“Chega”, Calum fala lentamente.

Com todo seu poder, você nem conseguiu se tornar um Elite.

“Patético.” Cuspi a palavra em voz alta, observando-a atingi-lo como um golpe.

Você me culpa pela morte de Iris, porque não pôde fazer nada para salvá-la.

Um pé na frente do outro.

Aposto que você não conseguiu nem segurar a mão dela, nem dizer adeus, com o rei ali.

Meus pensamentos são afiados, cortando com facilidade a fachada fria que ele usa.

“Pare com isso”, ele murmura.

Ela nunca foi sua, Calum.

A raiva faz seu corpo tremer. “Pare.”

Mas eu sou. Eu sempre serei seu maior fracasso.

Estou perto o suficiente agora para ver as lágrimas brilhando em seu olhar.

Eu pareço com ela, pai? Eu te assombro?

As mãos de Calum apertam suas orelhas. “Chega!”

Olhe. Para. Mim.

Seus olhos se fecham com força, e é então que eu ataco.

Minhas palmas encontram o carpete felpudo enquanto eu caio no chão, varrendo minha perna para fora. Eu ouço o som de tecido rasgando antes de Calum cair no chão, tendo perdido o equilíbrio. Tateando com as camadas drapeadas do vestido, encontro minha adaga por baixo e a puxo da bainha.

Meu peito arfa. Pairando sobre ele, trago a ponta da minha lâmina para seu pescoço. Ele olha para mim — traidor, mentiroso, assassino de Ordinários.

Pai.

Esse é o título mais condenável de todos. E eu nem sei metade do que ele fez.

Uma fina linha de sangue mancha a ponta da adaga.

Faça isso. Mate-o.

“Está certo”, ele sussurra abaixo de mim. “Faça.”

Eu mostro meus dentes.

Ele usou todas as pessoas com quem me importo.

“Você vai me matar ou não, filha?”

Um rosnado baixo sai da minha garganta, movido pela mágoa e pelo ódio. Meu corpo treme.

E então eu arranco a lâmina.

Seu sorriso é frio. “Você é tão fraco—”

O cabo giratório da minha adaga — a adaga do meu verdadeiro pai — atinge a têmpora de Calum, cortando suas palavras.

Ele está ali, inconsciente, ao lado de uma noiva ajoelhada.

O suor gruda na minha testa, e eu o limpo entorpecidamente. A arma escorrega da minha mão para bater suavemente contra o carpete. Minhas pernas tremem enquanto as puxo para baixo de mim e me forço a sair do chão. O tecido escorre pelas minhas pernas, desenrolando-se até meus pés em uma cachoeira branca. Olho para baixo e

encontro um grande rasgo deslizando pela lateral da minha perna, partindo a renda e expondo um pedaço da minha pele.

Atordoado, cambaleio em direção à porta, com a cabeça girando.

Preciso contar ao Kitt.

Abrindo a porta, olho uma última vez para a cena da qual estou fugindo.

Anotações cobrem a cama, um livro aberto ao lado delas. O cheiro de rosas fica amargo, vida e morte, passado e presente, tudo se misturando no ar. Uma flor em decomposição em cima de uma caixa de joias, um buquê fresco decorando o chão. Uma fotografia de um estranho que de repente é muito mais. Calum está esparramado ao lado da evidência de sua traição — um homem que já foi meu amigo, virou pai e agora está morto para mim.

Saio para o corredor e não olho para trás novamente.



Édrico

Dezoito anos após a morte de Iris, Edric a vê novamente.

Não em corpo ou alma, mas sim, uma reunião de algo há muito roubado.

Kitt, obsessivamente leal como era, contou ao rei de passagem sobre seu encontro com o Slummer que havia salvado seu Enforcer de um Resistance Silencer. O herdeiro falou vagamente sobre sua aparência atraente — o cabelo prateado e gotejante com que ela o cumprimentou na porta, mas o mais intrigante, seus olhos azuis ardentes.

O rei, ao ouvir cada detalhe desnecessário, não pensou em nada sobre a garota que provavelmente morreria em seu primeiro Julgamento. Não tendo nenhuma lembrança clara de sua mãe, Kitt viu pouco mais do que um rosto bonito diante dele. Quaisquer retratos da falecida rainha estavam trancados ou em posse do rei, que raramente exibia seu amor perdido. Mas nas poucas vezes em que Edric permitiu que seu filho os admirasse, ele não se lembrava de nada de notável que conectasse a rainha e esta competidora.

Mas Kitt nunca memorizou os olhos de Iris Moyra como seu pai.

A primeira vez que Edric vê sua filha desde que ela era uma vergonha em seus braços é quando ela se senta confiantemente à mesa.

Cada concorrente entrou na sala do trono antes que sua majestade e sua majestade fizessem sua grande entrada. A visão dos olhos de Paedyn — os olhos de Iris — quase faz o rei cair de joelhos. Mas com um talento para enganar vem o dom da compostura. Edric força uma força estoica em sua voz, se dirige a seus concorrentes e senta-se a

poucos metros da princesa esquecida.

O rei não pensou nela, ou na desgraça que ela temporariamente trouxe ao seu nome, em dezoito anos. Mas com seus olhos azuis presos nos dele, aquela onda de ódio abre um caminho destrutivo para seu coração mais uma vez. Ela é mais do que tudo que Edric despreza — ela é sua fraqueza.

Paedyn Gray.

Uma Ordinária, sentada à sua mesa e fingindo que não está. Sua Ordinária, sentada aqui como se não fosse para estar morta.

"Então, *essa* é a garota que te salvou no beco?"

O rei diz isso ao seu Enforcer, disfarçando cada pedaço de mordida em sua voz com intriga fingida. Mas quando a Ordinária olha para o pai dela, ele encontra uma aversão ali que rivaliza com a sua.

"Devo dizer que nunca conheci um Psychic antes. Seus poderes são... intrigantes."

Uma farsa. Uma mentira. Uma vergonha para seu nome.

Essas são todas as coisas que Edric poderia ter dito naquele momento, mas ele sabe como jogar suas cartas. Ele não mostrará sua mão mais do que ela. Em vez disso, o rei a observará se contorcer até o momento em que ele finalmente colocará um fim em sua vida patética e comum.

Uma explicação ensaiada sai dos lábios de Paedyn em um ritmo calculado. Não muito rápido — isso faria parecer a mentira que é — mas não totalmente lento, porque por que ela precisaria de tanto tempo para pensar em sua própria habilidade? É admirável, realmente, seu comprometimento em passar como Elite. Até mesmo se tornar a mais humilde delas é um desafio.

Cada palavra, cada raciocínio, é tão deliberado que o rei poderia ter acreditado nela se aqueles olhos não fossem tão incriminadores. Kai parece despreocupado com sua incapacidade de sentir o poder dela, ou talvez, o Enforcer esteja simplesmente distraído demais para questionar mais seus raciocínios. Mas Edric não diz nada da verdade que ele sabe, porque este Ordinário morrerá em suas Provas, e ele não precisa levantar um dedo para isso.

Desta vez, ele não cometerá o mesmo erro. Desta vez, ele a verá morrer.

Que pena ter sobrevivido todo esse tempo para nada.

Nada. Assim como a filha antes dele. Como a criança impotente que matou sua esposa, o desperdício do poder da Elite.

Paedyn menciona o homem que a criou, forçando o rei a fortalecer ainda mais sua expressão despreocupada. Edric acreditava que o sobrenome Gray morreu com o homem cuja crescente revolta se tornou um peão para saciar o apetite do rei por poder. Adam Gray deveria ajudar a erradicar os Ordinários restantes, embora sem saber. Mas a vida do Curandeiro foi rapidamente encerrada depois que ele tropeçou em um segredo destinado exclusivamente aos reis.

Só que o fato de a princesa esquecida ter sido criada pelo antigo líder da Resistência não era um detalhe do qual Edric estava ciente.

Ainda assim, é bom culpar outro homem pela fraqueza que ela é. Por essa razão, Edric confirma alegremente o que ela já acredita ser verdade.

"Ah, sim, seu pai. Adam Gray foi um grande Curandeiro. Um homem muito educado."

Para seu crédito, a garota finge surpresa com a lembrança do rei.

"Você... você conheceu meu pai?"

O rei responde à pergunta, embora ambos já saibam a resposta.

"Sim, eu fiz. Ele vinha ao palácio durante a temporada de febre para ajudar nossos próprios médicos da corte quando havia muitos pacientes para atender."

Foi assim que Edric tomou conhecimento do plano de Adam de levantar uma Resistência. Seu Leitor de Mentes reuniu as informações enquanto passava brevemente pelos corredores. Não foi nada chocante descobrir a agenda do Curandeiro, considerando sua recusa contínua do suborno oferecido a ele. O rei não podia comprar o silêncio de Adam sobre a legitimidade dessa doença comum, mas como morador das favelas, ele aparentemente representava pouca ameaça.

Só que ele criou a filha do rei para se tornar algo que ironicamente lembrava uma Elite.

Edric se levanta da mesa, seus olhos fixos naqueles que antes pertenciam à sua esposa.

Eu a verei morrer, assim como fiz com minha esposa. Eu destruirei seu coração, assim como ela destruiu o meu.

Calum não precisa que o rei vocalize a raiva que ruge dentro de sua cabeça. Ele pode lê-la facilmente, como um pergaminho rabiscado desenrolado diante dele. A raiva de Edric é uma doença que tudo consome, uma que o Leitor de Mentes aprendeu a entender melhor do que a maioria. E ele agora sabe o raciocínio por trás dessa ira.

"Ela era um bebê. Eu não consegui me obrigar a matá-la."

Os olhos do rei brilham. "E agora uma Ordinária dorme no meu castelo. Compete em meus Trials como se fosse digna."

"Perdoe-me, Majestade." Calum abaixa a cabeça solenemente, dobrando as palmas das mãos suadas atrás das costas. "Eu deveria ter me livrado dela como você pediu. Mas eu a vigiei por anos, desde que comecei a trabalhar com Adam e a Resistência. Ela nunca deveria encontrar o caminho de volta para o castelo—"

"Mas ela salvou meu filho," Edric cospe, ainda irritado pela incapacidade do Enforcer de se defender contra um Silenciador. "E agora Paedyn Gray está aqui para me provocar com os olhos de sua mãe."

A garganta do Leitor de Mentes balança. "Eu sei."

"Eu a quero morta."

"Ela estará," Calum tranquiliza. "Os Trials provavelmente a matarão, mas antes que isso aconteça, podemos usá-la."

Isso intriga o rei. "Estou ouvindo."

"A Resistência está pronta. É isso que vocês estavam esperando todos esses anos." O Leitor de Mentes inclina sua cabeça loira. "Só precisamos de alguém para nos ajudar a encontrar um caminho para a Tigela após o terceiro Julgamento. Finalmente, vocês terão um mar de Ordinários em um só lugar."

"Os túneis," Edric reflete. "Você quer que ela lidere a Resistência pelos túneis."

Calum permite um sorriso raro. "Ela só precisa de alguém para mostrá-los a ela."

O rei sabe a quem se refere.

Com um plano em andamento, Edric deixa sua Leitora de Mentes com uma espécie de alegria distorcida na chegada de Paedyn Gray. Ele poderia usá-la, obter sua vingança, antes de eventualmente vê-la morrer. O rei não conseguia pensar em mais

nada que lhe trouxesse tanto prazer.



CAPÍTULO 60

Kai

Sou engolido por uma onda de corpos.

Pessoas saem da sala do trono, todas abrindo caminho pelo corredor. Eu empurro contra a corrente humana, meus movimentos lentos sob o peso de tantos poderes.

A corte desfila em direção aos jardins para aproveitar refrescos e trocar fofocas enquanto a segunda cerimônia em Loot começa. A maioria das Elites aqui despreza a ideia da realeza pisando nas favelas, muito menos realizar outro casamento lá.

Outro casamento. Porque não consegui impedir o primeiro.

Eu me inclino contra uma parede na sala do trono que está se esvaziando. Pétalas flutuam do dossel de flores acima para cair graciosamente em direção ao estrado abaixo. É onde elas estavam, trocando votos, enquanto eu era tola o suficiente para pensar que poderia impedir.

Cheguei tarde demais.

Ela é uma esposa. Ela é uma rainha.

Afundo no chão, deixando minhas costas deslizarem pela parede lisa. O que eu teria feito? Roubado a noiva do meu irmão? Eu estava tão atormentado por a decisão entre dever e desejo que me fez ficar preso em algum lugar no meio como um espectador relutante.

E agora eu a perdi.

Cheguei tarde demais.

A vida dela passará pela minha, e ainda assim, nunca pararemos de viver dentro da vida um do outro. Ela é uma tragédia que serei forçado a reviver a cada momento acordado. Eu sou seu Executor, e ela, minha rainha. Qualquer coisa a mais agora está em nosso passado, e qualquer coisa a menos provavelmente virá.

Lamento sua morte no chão da sala do trono.

Estou perdido sem o propósito que ela plantou em mim. Para ela, eu era melhor. Eu era uma mera sombra da besta que meu pai me fez. Agora, temo o que me tornarei ao me curvar a seus pés. Eu teria me ajoelhado por ela cem vezes, não por dever, mas por devoção.

Ela se tornou minha missão mais uma vez, dessa vez uma rainha que devo proteger. Mas é meu irmão que a terá. Em sua vida, em seu coração, em sua cama.

Meu punho atinge a parede ao meu lado.

Um choque de dor dispara pelo meu braço enquanto a superfície lisa se desintegra sob meus nós dos dedos. Xingo baixinho, depois de novo, alto o suficiente para oferecer algum alívio à minha raiva repentina. Poeira branca cai no chão de mármore quando puxo minha mão dolorida da parede. Pedaços de entulho caem do buraco do tamanho de um punho que fiz. Parece que minha raiva pode ter se agarrado a um Brawny próximo sem minha permissão.

Eu sou perigoso desse jeito. Letal quando despido tão nu. A devastação vive logo

abaixo da minha pele, e estou doido para liberá-la.

Ela se foi. Eu a perdi. Estou perdido sem ela.

Minha cabeça pende entre as mãos que logo esquecerão sua forma.

Os animais não entendem a beleza.



CAPÍTULO 61

Pedyn-P ...

O vestido ondula em volta das minhas pernas saltitantes.

Eu me agarro a punhados de tecido, tentando libertar meus passos restritos. O corredor passa em um borrão, a luz do sol fluindo das muitas janelas pelas quais passo correndo. Nenhum dos Imperiais alinhados na parede sequer torceu a cabeça diante da minha corrida louca e aparência desgrenhada.

Estou ofegante quando derrapo até parar diante das portas da frente. Elas estão seladas, emolduradas de ambos os lados por uma dúzia de imperiais. Vários olhos mergulham atrás daquelas máscaras brancas, examinando sua rainha. Eu mordo a resposta cruel na minha língua ao perceber repentinamente minhas pernas nuas. Soltando a bainha da minha saia, deixo-a flutuar até meus pés antes de declarar: "Abram as portas".

Os imperiais obedecem ao meu comando, e tento não parecer excessivamente chocado com isso. Desço correndo os degraus de pedra que descem para o pátio, dando apenas uma olhada nas carruagens decoradas que me aguardam. Kitt está ao lado de uma particularmente dourada, onde conversa calmamente com Easel enquanto é cercado por um enxame de imperiais. Ele também tem mudou para algo menos extravagante, embora uma espada cerimonial balance ao seu lado.

"Gatinho!"

Sua cabeça vira em minha direção para encontrar a rainha correndo em sua direção. Minha perna desliza para dentro e para fora do rasgo que sobe pelo meu vestido, apenas amplificando minha aparência desgrenhada. Kitt até permite que a preocupação enrugue sua testa ao me ver. "O que aconteceu?"

"Eu descobri," eu ofego. "Calum era o Leitor de Mentes do seu pai, e eu sei que os Fatals dele estavam escondidos de você, então quando o líder da Resistência apareceu depois daquele terceiro Julgamento de Purgação, você não sabia quem ele era—"

"Devagar, Paedyn," Kitt pede, seu corpo tenso. "O que você está tentando dizer?"

Solto um suspiro. "Calum trabalhou para seu pai. Toda a Resistência foi uma farsa e..." Minha boca fica preocupantemente seca. "E ele é meu pai."

Dizer as palavras em voz alta soa como uma sentença de morte. Eu as vejo pousar em Kitt, vejo cada emoção ondular em seu rosto. Confusão, descrença, preocupação. Ficamos ali, olhando fixamente um para o outro até que Kitt finalmente gagueja, "O quê?"

Meus olhos se fecham para que eu não tenha que assistir seu mundo se despedaçar sob minhas palavras. "Sua mãe, Iris, ela... ela teve um caso com Calum, mas fez a criança passar por seu pai. Quando eu nasci uma Ordinária, o rei queria que eu fosse morta, mas seu Leitor de Mentes me colocou na porta de Adam Gray. A coisa toda foi encoberta e—"

"Minha mãe morreu há mais de vinte anos", rebate Kitt.

“Os registros foram forjados.” As palavras saem apressadas. “O reino não via a Rainha Iris desde seu nascimento — o rei a manteve escondida, paranóica com sua segurança. Então, quando ela engravidou de mim, Ilya nunca soube.”

O olhar de Kitt fica vago. “E então ela morreu.”

“Sim,” murmuro. “E o rei foi capaz de encobrir minha existência ao dizer ao reino que Iris morreu ao dar à luz você — não uma Ordinária. É *nisso* que você e Ilya acreditam há décadas.”

“E o pessoal...”

“Você mesmo disse.” Eu balanço a cabeça. “Eles guardam segredos há décadas.”

Um silêncio sufocante nos sufoca.

“Eu sei que parece loucura, mas Calum admitiu isso—”

“Somos meio-irmãos”, Kitt finalmente deixa escapar.

Pisco para meu marido, depois para o anel em meu dedo. O pensamento de alguma forma nunca tinha passado pela minha cabeça até esse exato momento, e agora sinto como se pudesse estar doente.

“Puta merda,” eu respiro, porque não há muito mais a dizer. Nós estávamos unidos em sagrado matrimônio há menos de uma hora, apenas para descobrir que nossas vidas foram unidas muito antes disso.

As mãos de Kitt de repente estão agarrando meus braços com força. Aquele vislumbre de paranoia está de volta em seu olhar. "Ele disse alguma coisa sobre mim?"

“O qu—” Eu balanço minha cabeça. “Kitt, ele tem controlado você. Calum é um Dual, assim como você. Tudo o que ele pede, você faz.”

Kitt apenas me encara, processando essa informação diante dos meus olhos. “Pense nisso”, eu insisto. “Você nunca quis se casar comigo, e ainda assim, você quis. Calum queria que você se casasse, e eu tenho medo de descobrir o porquê. Você não vê? Ele está usando você—”

As portas se abrem com um baque.

Minha adaga está cerrada no punho de Calum enquanto ele desce lentamente aqueles degraus de pedra. Eu enrijeço, sentindo o medo percorrer meu corpo ao ver um homem que deveria ser meu pai. Minha cabeça ainda está girando, meu peito ainda está oco, depois do que aprendi. Apenas alguns minutos me separam da vida que era e daquela em que fui jogado agora. Tudo o que eu pensava que sabia é uma mentira, e tudo o que eu não sabia é ainda mais doloroso.

Kitt tira as mãos dos meus braços antes de dar um passo à frente. Imperiais correm para o lado do rei diante da cena que se desenrola, mas Kitt os afasta. Observo Calum descer lentamente as escadas com um sorriso calmante se espalhando pelo rosto. "Kitt, não vamos fazer nada precipitado. Paedyn está claramente confuso."

Minha pele fica vermelha de raiva.

Kitt encontra meu pai no pé da escada, e por um longo momento, eles não fazem nada além de segurar o olhar um do outro. Há um único momento aterrorizante em que temo que eles possam sorrir, talvez fazer uma reverência. Percebo então que eu poderia ter julgado tudo errado — isto é, até o corpo de Calum ficar rígido. É assustador ver o rosto de alguém drenar toda a cor.

“Não faça isso, Kitt—”

Uma espada canta ao ser retirada da bainha.

O rosnado de resposta de Kitt ecoa pelo pátio. “Saia da minha cabeça.”

Sua lâmina afunda no peito do meu pai.

Eu pisco e o mundo gira até parar de repente e bruscamente. Sangue jorra do ferimento no peito de Calum enquanto seu rei arranca insensivelmente a lâmina de seu corpo. Eu vejo aqueles olhos azuis se arregalarem em Kitt, então piscarem com vida fugaz.

Minha mão se levanta em direção ao queixo que eu deixei cair acima. Esta não é a primeira vez que perco um pai. Esta não é nem a primeira vez que perco um para uma espada atravessando seu peito, ou um irmão Azer na outra ponta daquela lâmina.

Mas essa morte é diferente. Ver esse homem morrer é um alívio.

Calum é a razão da morte do meu verdadeiro pai, e esta é a retribuição que busquei desde que Adam Gray morreu em meus braços. O sangue de cada membro da Resistência está nas mãos deste Fatal, e ele merece encontrar este fim brutal.

Kitt cambaleia para trás, deixando Calum cair nos degraus de pedra. Sangue escorre da espada do rei de uma forma que o faz de repente parecer seu Executor. Eu passo cuidadosamente ao lado do corpo amassado de Calum, garantindo que a poça crescente de sangue escorrendo escada abaixo não manche meu traje puro. Seu olhar azul cai lentamente no meu enquanto eu arranco minha adaga de suas pontas dos dedos. Então eu me inclino, deixando seu poder decrescente arrancar palavras da minha mente.

Isto não é um adeus, Pai. Apenas uma boa maneira de dizer adeus até nos encontrarmos novamente. Porque eu vou te assombrar em todas as vidas. Uma sombra da mulher que você amou, presa no corpo de uma Comum que você odeia.

Eu sorrio. Seus olhos se arregalam como se a tortura já tivesse começado.

Até lá, Padre.

Seu sangue escorre da lâmina da minha adaga, e eu o limpo em sua túnica antes de me levantar. Assim que deslizei a faca em sua bainha na minha coxa, Kitt está me virando em sua direção com uma mão pesada em meu ombro. "Paedyn, ele disse alguma coisa sobre mim? Sobre meu pai?"

Eu abro minha boca—

"O que diabos aconteceu?"

Meu olhar se ergue para o topo dos degraus de pedra, onde o Executor examina a cena abaixo dele.

Rei. Rainha. Cadáver.

O aperto de Kitt no meu braço se solta sob o olhar do irmão. "A melhor pergunta é onde diabos você esteve?"

Kai se junta a nós ao lado da cascata de sangue. Seus nós dos dedos machucados não passam despercebidos. "Desculpe por ter perdido a cerimônia." Seus olhos se voltam para mim. "Parabéns. Agora, o que diabos está acontecendo?"

O rei se vira para mim, pedindo uma explicação rápida da minha boca. Eu reconto minha interação com Calum, tudo o que descobri e tudo o que ele me disse. Uma sombra escura cruza o rosto de Kai quando falo do que o rei anterior fez, mas é uma sombra de reconhecimento que vejo quando menciono a verdadeira identidade de Calum.

"Ele sempre pareceu tão familiar," Kai murmura. "Devo tê-lo visto passar por mim nos corredores quando eu estava crescendo. E naquela batalha no Bowl, eu sabia que o reconhecia. Eu deveria saber—"

"Não é culpa sua", Kitt tranquiliza. "Ele estava manipulando todos nós. Paedyn acha que ele era um Dual, e isso faz todo o sentido."

A atenção de Kai cai em mim. "Um Dual?"

"Eu acho que ele era um Controlador *e* um Leitor de Mentes. Olha," eu digo rapidamente, "eu sei que é raro, mas o que ele diz sempre vale. Kitt não tinha intenção de se casar comigo até Calum dizer."

"Ela está certa." Kitt balança a cabeça. "Ele sempre teve essa... atração. Tipo, eu não conseguia evitar fazer o que ele queria. De qualquer forma," ele suspira, "Calum era um perigo. Uma responsabilidade. Então, eu fiz o que tinha que fazer."

Kai pisca. "Você o matou?"

Eu enrijeço.

Ele pensou que era eu.

"Eu fiz," Kitt diz simplesmente. "Como eu disse, ele era um perigo."

Kai encara seu irmão, mesmo quando Easel se aproxima timidamente. Eu quase tinha esquecido nossa audiência de olhos arregalados. "Vossa Majestade, devo insistir que vamos para Loot para a segunda cerimônia."

Meu estômago revira com a lembrança repentina do que aprendemos. "Não, não podemos possivelmente—"

"Puta merda."

Olho para Kai e vejo suas feições dispostas em partes iguais de choque e repulsa. "Você demorou bastante", suspiro.

"Vocês são parentes do caralho", Kai vomita. Há algo como admiração em sua voz. Porque isso é esperança. Essa é uma saída para um casamento que nenhum de nós quer. "Você não pode de forma alguma continuar com essa cerimônia."

"Majestades, se me permitem", interrompe Easel, "este casamento deve continuar".

Kai quase ri. "Como se fosse."

"Cavalete", começo sensatamente, "somos meio-irmãos e—"

"E você já é casado." Firmemente, ele se mantém firme. "Se o reino sequer sentir o cheiro de rumores de anulação, eles destruirão todo o progresso que foi feito em direção a este Ilya unido. Seu casamento é um símbolo, e se você o destruir, o povo nunca aceitará essas novas regras — mesmo que elas sejam destinadas a salvá-los." Ele respira fundo. "Este reino, e seu relacionamento com todos ao redor, depende deste casamento. Um Ilya que acolhe Ordinários é com quem Dor, Tando e Izram negociarão. E por enquanto, Paedyn é nosso maior trunfo. Precisamos de mais tempo."

Kai nem sequer leva um momento para considerar isso. "Não. Nós encontraremos outro jeito."

"Ele está certo." O murmúrio de Kitt faz o Enforcer balançar a cabeça para o céu. "O reino precisa ver uma frente unida para eles seguirem." Seu olhar encontra o meu. "O que você acha?"

"Não sei o que pensar", eu deixo escapar. "Acabei de descobrir que minha mãe era uma rainha, e então vi outro pai sangrar na minha frente." Soltei um suspiro trêmulo. "Preciso de tempo para pensar sobre isso. Sozinha."

Kitt concorda. "Isso é justo."

"Todo esse tempo," Kai murmura. "Você tinha uma reivindicação ao trono."

Easel inclina a cabeça, aquele choque de cabelo menta deslizando sobre um ombro. “É fraco como um bastardo, mas sim, suponho que Paedyn tenha uma reivindicação.”

Kitt se move em seus pés. “Precisaremos encontrar os registros verdadeiros. Descobrir o que realmente aconteceu.”

“Calum disse que eles estavam selados em algum lugar”, digo eu, sem graça.

Não sinto nada. Toda a minha vida, não *fui* nada.

Eu mal sobrevivi para descobrir minha verdadeira herança. Ela está impregnada de segredos e enterrada ainda mais na deslealdade, mas sempre esteve lá, bombeando em minhas veias. O sangue de uma rainha flui através de mim, uma Ordinária das favelas. A justaposição é chocante o suficiente para quase me fazer rir.

Muito da minha vida foi apurado em uma coleção de momentos de curta duração. Eu nem tive tempo de processar um antes que outra revelação surgisse. Então, neste momento lento, eu me permito uma única respiração.

Uma crise de cada vez.

“Vamos para Loot e depois vamos resolver o resto das nossas vidas.”



CAPÍTULO 62

Kai

deles estão se tocando novamente.

Só que, dessa vez, há votos de casamento entre eles.

A aliança de ouro no dedo de Kitt captura a luz a cada sacudida do ônibus. Assim como em nosso último desfile em Loot, nós cavalgamos sobre os paralelepípedos irregulares com o sol pesando sobre nossos ombros. Nenhum teto reside acima de nossas cabeças, permitindo-nos uma visão completa da multidão que nos aguarda reunida na longa rua do mercado.

Coletivamente, todas as quatro palavras foram trocadas entre nós, consistindo em "já chegamos?" Um Jax impaciente senta ao meu lado, claramente cansado de nossa caminhada esburacada pelas favelas e provavelmente arrependido de não ter pedalado com Andy. Pateticamente, estou grato por ele estar aqui, mesmo que seja apenas para garantir que minha raiva esfrie antes que minha boca se abra.

Não posso fazer muito mais do que ferver no absurdo de tudo isso. Na última conversa compartilhada entre nós, descobri que Paedyn é filha da falecida Rainha Iris e da Leitora de Mentes do meu pai — cujo sangue está atualmente sendo esfregado dos degraus da frente do castelo. Ela é uma Ordinária nascida do mais bruto poder. E Kitt é seu meio-irmão.

Pela primeira vez desde que eu era um menino, eu luto para manter minha máscara de indiferença sem cair. Por mais nauseante que essa notícia seja, pode ser apenas a saída de Paedyn. Minha esperança é egoísta, contaminada pelo desejo de ser só dela. Mas Kitt não é a única comprometida em proteger este reino. Ilya é nosso lar, e se a única maneira de salvá-lo significa Paedyn bancar a esposa apenas no nome, então...

Então esperemos que não chegue a isso.

A carruagem para com um estrondo no centro desta rua lotada. Estandartes esmeralda estão pendurados entre prédios em ruínas, presos ali por Crawlers que receberam um xelim por seu trabalho. Eles exibem tanto o brasão rodopiante de Ilya quanto o escudo dos Azers bem acima de centenas de Mundanos famintos abaixo.

Entramos em um círculo improvisado, decorado por vários pedestais conectados com uma fita grossa — uma barreira bonita que as pessoas sabem que não devem cruzar. Meus Imperiais, agora muito mais atentos com seu treinamento retomado, se posicionam ao redor do perímetro como uma precaução extra. Tudo parece bastante inútil quando visto desse ângulo. Tudo o que vejo diante de mim são Elites famintas e sem esperança que se comportam pela promessa de pão velho, moedas ou abrigo.

Como um reino tão poderoso caiu?

Não era assim no começo do reinado do Pai. Eu li histórias que datam de antes da Purificação, mesmo aquelas imediatamente depois. Não, essa deterioração de Ilya começou quando o ódio do Rei Edric pelos Ordinários se tornou uma obsessão. Bem diante de seus olhos, o reino começou a ruir, e ainda assim, ele se importava apenas

com a ratificação da fraqueza. Esse desejo é o que colocou Ilya de joelhos.

Kitt pega a mão de Paedyn. Ela hesita. Eu me viro.

Eu me misturo ao círculo de imperiais e começo um passo lento atrás deles. Quando olho para o casal real, eles estão em pé em uma grande plataforma diante do povo, braços entrelaçados nos cotovelos. O degrau de madeira sob seus pés é coberto com carpete esmeralda e adornado com um Scholar. Esta cerimônia improvisada contrasta fortemente com a realizada diante da corte. Pingando rosas e enfeites dourados, o castelo colocava perfeitamente em perspectiva a pobreza das favelas. E também suas prioridades.

"Povo de Ilya, nos reunimos aqui hoje para unir Kitt Azer, rei e salvador de Ilya, e a senhora Paedyn Gray em sagrado matrimônio. Testemunhem sua união e cumpram o poder concedido a eles."

O homem raquítico fala monotonamente, me lembrando de uma época mais simples, quando eu desprezava meus estudos com os Acadêmicos. Mas esta não é uma palestra longa e prolixa — estas são as palavras que unem suas almas. As mãos de Paedyn agora repousam nas do meu irmão, erguidas entre elas para exibir os anéis brilhantes que compartilham. Tanto o rei quanto a rainha parecem distantes da cerimônia em que estão.

Puxo meus braços para trás de uma coluna rígida, alargando minha postura e plantando meus pés para que eles não me levem para longe dessa exibição insuportável. Não, eu sou o Enforcer. Agora sou um Enforcer para ambos. É o dever que me enraíza no local, forçando meu olhar a ficar vago enquanto votos são trocados e destinos são vinculados.

Kitt está ao lado de Paedyn, segurando a mão de sua noiva. Eu giro meu pescoço. É mais difícil odiar essa situação quando meu irmão é metade dela. Eu o amava mais do que qualquer um, e até um ladrão desajeitado me atropelar todos aqueles meses atrás, eu nunca acreditei que poderia amar alguém tanto. Há pouco mais que eu queira do que ver Kitt feliz, e esse pouco mais agora é sua esposa.

"Povo de Ilya, apresento a vocês, Paedyn Azer, sua inquestionável rainha consorte."

A coroa que Paedyn recuperou do Santuário das Almas é colocada em seu cabelo brilhante. Ela é o próprio retrato de uma rainha, de alguma forma mais formidável agora do que no dia em que nos conhecemos. A Silver Savior tem transformou-se em uma criatura assustadora, vestida com elegância e armada com um futuro que ela mesma criou.

Uma mudança repentina na multidão me faz dar um passo à frente, pronto para atacar se uma ameaça se apresentar. Eu aperto os olhos, observando essa ondulação de movimento fluir através das centenas de corpos apertados. Meu olhar passa rapidamente entre cada lado da rua lotada enquanto avalio cada ruga no mar de pessoas. Até o Acadêmico parou de balbuciar, deixando Paedyn e Kitt girando suas cabeças em confusão.

"Salvador de Prata!"

O grito fez com que meus Imperiais começassem a se aproximar da plataforma, mas eu levanto a mão para impedi-los.

Esse título foi dito com reverência.

E quando o tremor dos corpos se aproxima o suficiente, eu vejo joelhos se

dobrarem diante de sua rainha. Centenas de Ilyans se ajoelham sobre o paralelepípedo que eles uma vez dividiram com Paedyn Gray. Eu encaro enquanto as pessoas dessas favelas mostram sua devoção pela garota que escapou — e agora retornou para salvá-los.

Olho para Paedyn e o choque que ela luta para suprimir. Seu peito arfa enquanto ela absorve o respeito que eles tão prontamente lhe dão. É como se o povo pudesse sentir o cheiro daquele sangue real em suas veias, não conseguisse deixar de se curvar diante daqueles destinados a governar. Mas eles não sabem de sua herança, apenas que ela era — e sempre será — uma deles. Esta é a casa de Paedyn, e eles a recebem de volta como uma rainha.

Kitt fica estoicamente ao lado de Paedyn enquanto ela levanta o queixo, a coroa perfurando o ar. Murmúrios ecoados do Salvador de Prata envolvem a borda do círculo da cerimônia. Uma rainha agora está onde um ladrão já esteve — corajosa, benevolente e brutal. Ela está vitoriosa.

O decreto final do Scholar é uma reflexão tardia assustada. "E seu rei, Kitt Azer, salvador de Ilya. Que sua união traga prosperidade ao nosso reino e grandeza às nossas histórias."

Paedyn Gray—

Não.

Azer.

E, de repente, sou arrancado daquele momento extraordinário e jogado de volta à minha realidade sombria.

O rei e a rainha descem da plataforma.

O Executor deles os segue.



CAPÍTULO 63

Pedyn-P ...

Minha primeira noite como rainha é passada observando o sol se pôr em direção ao jardim abaixo da minha varanda.

Sopro suavemente minha xícara fumegante de chá, pernas confortavelmente enroladas sob mim na cadeira de pelúcia. Mal passei por aquelas portas de vidro deslumbrantes desde que olhei boquiaberta para meu quarto pela primeira vez. Agora, sem nada para fazer além de sentar em meus pensamentos, decidi que era melhor enfrentar a tempestade dentro da minha mente com uma vista calmante.

Fileiras de cores se espalham abaixo de mim, emoldurando cada caminho de paralelepípedos e se estendendo em direção ao sol poente. Pássaros cantam suavemente no crepúsculo que se aproxima enquanto sombras começam seu lento rastejar pela terra. Tomo um gole de chá e fecho os olhos enquanto o calor dele se derrama em meu estômago. Este tem o potencial de ser o momento mais tranquilo que tive desde que fui enviado para os Julgamentos de Purgação. Até que o brilho da minha aliança de casamento me lembra dos destroços que são minha vida.

Ainda estou me recuperando, horas depois, de cada revelação destruindo meu passado. Sangue real corre em minhas veias, e ainda assim ele cobriu os chicotes dos imperiais e encharcou a espada do falecido rei. O ódio flagrante de Edric Azer para mim foi um fogo que acendeu no dia em que nasci um Ordinário. E tenho lutado para sobreviver desde então.

Eu olho para baixo, para minha xícara de chá ondulante. Uma princesa esquecida olha de volta, abandonada pelo poder e odiada por sobreviver apesar dele.

Solto um suspiro enquanto minha mente se esforça para conectar todos os pedaços da minha vida fragmentada.

Iris Moyra vivia dentro deste mesmo castelo, sufocando seu amor por um homem que ela não poderia ter. Eles escondiam suas afeições como um muro espinhoso de rosas, ambos lindos, mas perigosos. Hoje, eu vi o homem que minha mãe amava em segredo sangrar diante de mim. Eu não senti tristeza por sua morte. Não, eu senti um arrepio de semelhanças fantasmagóricas entre o amor condenado de minha mãe e meu pai. Seus bilhetes, seu amor roubado — é a vida de Kai e a minha espelhadas. E se o Executor algum dia encontrar o destino que Calum teve —

Interrompo o pensamento antes que ele tenha tempo de apodrecer.

Talvez Iris amasse os dois — o rei e seu Leitor de Mentes. Talvez de maneiras bem diferentes.

Penso em Kitt e no sangue que compartilhamos. Penso desesperadamente em uma maneira de desfazer essa ligação de nossas almas, uma que não arranque o crescimento que fizemos para este reino pela raiz. Meu peito aperta, a xícara de chá chacoalhando em minha mão em cima do pires.

Como vou encontrar uma saída para isso?

Uma sombra se movendo abaixo chama minha atenção. Deixo minha xícara de lado e olho de soslaio para a escuridão crescente. A figura caminha suavemente até parar sob minha sacada e chama: "Adivinha quem é, Pequena Psíquica?"

Meu coração gagueja, mas de alguma forma consigo manter minha voz firme. “Alguém que já esqueceu meu novo título?”

A risada seca de Kai flutua na brisa enquanto eu me levanto para me inclinar sobre o corrimão. “Majestade, tenho muitos títulos para você. Nem todos são apropriados para gritar.”

Reviro os olhos. Não consigo evitar pular na distração que ele oferece meus pensamentos em espiral. “O que você quer, seu bastardo convencido?”

“Você esqueceu o 'meu' antes desse apelido carinhoso.”

“Você não deveria estar aqui,” eu desafio. “Como *meu* Enforcer.”

Seu tom ecoa o meu. “Então me ordene que vá.”

“Não me tente.”

“Isso seria justo.”

Eu olho para baixo, para sua forma sombreada. “Você está desviando.”

“Talvez eu esteja enrolando.”

Meus olhos se estreitam. “E por que isso?”

“Chame isso de uma tentativa desesperada de roubar mais tempo com você.”

Eu escondo meu sorriso com um abaixar da cabeça. “Você pretende ficar embaixo da minha sacada a noite toda, então?”

“Não.” Seu olhar cinza desapareceu na escuridão, mas ainda posso senti-lo em mim. “Nós vamos visitar o quarto da sua mãe.”



CAPÍTULO 64

Kai

Gail coloca o prato de pãezinhos doces entre nós, tão quente quanto o sorriso em seu rosto.

"Olhem para vocês, garotos, de volta à minha cozinha e implorando por comida." Gail diz isso com tanto carinho que quase engasga. Ela pressiona uma mão no coração. "Oh, como eu senti falta disso."

Kitt cutuca meu ombro com o seu, parecendo mais feliz do que eu pensava ser possível depois de um dia como este. "Como nos velhos tempos."

Meus dentes afundam na massa adocicada. Eu concordo. Engulo. "Seria mais como nos velhos tempos se eu jogasse você sobre esta mesa."

"Absolutamente não," Gail avisa. "Vocês dois estão grandes demais para isso agora — minha cozinha não aguenta." Sorrimos para sua repreensão antes que ela acrescente, "Onde está Paedyn?"

Kitt respira fundo. Então ele aperta o peito e tosse. "Nossa companhia não é mais o suficiente para você, Gail?"

"Não seja esperta comigo, Kitt." Ela coloca as mãos nos quadris cheios. "Perdoe-me por perguntar onde sua esposa está na sua noite de núpcias."

Eu enrijeço.

"Eu simplesmente não esperava que você passasse a noite na minha cozinha. Embora" — o cozinheiro sorri docemente para Kitt, já tendo esquecido que agora ele é seu rei — "Kitty, querida, se você quisesse usar essa sua habilidade Dual bacana para lavar meu chão como você costumava fazer, eu não me oporia."

Estou grato pela rápida mudança de assunto. Parece que Kitt também está, porque ele ri, parecendo aliviado. "Não se esqueça que Kai Pie aqui também pode fazer isso por você."

Eu deixo o pãozinho pegajoso cair no meu prato. "Você odeia quando eu pego emprestado seu poder."

As palavras saem dos meus lábios melado, embora ainda consigam ter um gosto amargo. Eu gostaria de culpar a acusação na minha voz pelo dia muito perturbador que tive, mas, na verdade, eu simplesmente gostaria de saber para onde foi o irmão que tão desesperadamente desejou lutar suas próprias batalhas. Aquele que ansiava por entrar nas Provas de Purgação, mesmo que fosse apenas para provar a força que o Pai nunca o deixou usar. Ele foi tutelado; eu fui treinado. E Kitt sempre sonhou em ser um vencedor.

Seu olhar sério desliza para o meu. "Isso foi antes de eu realmente perceber que grande equipe nós formamos." Ele sorri suavemente. "Você é minha força. Eu sou seu controle. Nós somos incomparáveis."

Apoio meus braços contra a mesa frágil. "E quando você finalmente percebeu isso?"

“Quando descobri que minha necessidade por você era maior que meu desejo de ser você.”

Isso não deveria me assustar, mas, de alguma forma, assusta. "Por que você iria querer isso, Kitt? O pai garantiu que as piores partes dele vivessem dentro de mim."

“Então seremos muito melhores do que ele.” Ele segura meu olhar ferozmente. “Você e eu, criaremos nosso próprio legado — uma grandeza que o Pai nunca poderia ter sonhado.”

Sorrio para ele, porque sinto que deveria. Ele parece feliz, aliviado, até, como se proferir as palavras tivesse tirado um peso do seu peito. No entanto, esse momento terno só me lembra do drasticamente diferente que testemunhei horas atrás. Consegui morder minha língua até agora, vendo através das tentativas ansiosas de Kitt de evitar o assunto. Mas, infelizmente, amo meu irmão demais para deixar sua evasão do assunto e sua estranheza acompanhante calarem minha língua.

“Kitt...” começo devagar. “Deveríamos falar sobre o que aconteceu no pátio com Calum e—”

“Gail”—os olhos de Kitt brilham com um aviso—“esses pãezinhos pegajosos são deliciosos. Você fez algo diferente?”

Olho de volta para meu irmão, sem me importar que Gail esteja na sala para uma conversa há muito atrasada. Mas entendo seu segredo sobre o assunto, tendo-o visto informar aos Imperiais que a notícia da morte de Calum deveria ser contida. Poucos da equipe sabem da brutalidade que seu rei cometeu há poucas horas, e Gail certamente não é uma deles. Ela nem sabe o que descobrimos agora.

“Bem, eu adicionei um tempero extra neste lote.” Ela limpa as mãos no avental manchado em volta da cintura. “É assim que sua mãe sempre gostou dos pãezinhos pegajosos, Kai. Ela comeu até se fartar naquele primeiro ano de casamento com o rei. Eu estava planejando levar um para a torre para ela.”

“Um desejo de gravidez?”, pergunta Kitt, na esperança de permanecer neste tópico.

O rosto de Gail vacila. “Eu... talvez.”

Olho para a mulher que me criou quando a rainha não pôde. A palidez do seu rosto é estranha. Ela teria cuidado da minha mãe quando ela estava grávida de mim—

Meu coração aperta, pesado com uma percepção repentina.

Paedyn nasceu há dezoito anos, filha da Rainha Iris e do Leitor de Mentes do meu pai.

E ainda assim, sou um ano mais velho que ela.

Minha garganta fica seca.

Este é o primeiro momento de silêncio que roubei o dia todo. Até agora, mal poupei um pensamento para encaixar as peças do nascimento de Paedyn. E ainda faltam várias — *estou* faltando.

Gail está falando distraidamente com Kitt. Não consigo entender o que ela está dizendo por causa do zumbido nos meus ouvidos.

“Quando você ia nos contar a verdade sobre a morte da Rainha Iris?”

O cozinheiro fica boquiaberto com minhas palavras. “Kai...”

"Quero dizer" — minha risada repentina soa enlouquecida — "Kitt acabou de se casar com uma princesa perdida, e ele nem sabia disso até que o Leitor de Mentes do Pai nos contou os detalhes."

“O quê? Você sabe...?” Gail engasga.

Kitt se levanta da mesa no mesmo momento que eu. “Kai, o que diabos você está —”

“Vou encontrar respostas”, eu respiro. “Estamos nos afogando em segredos, Kitt. Sua esposa não é a única a quem mentiram.”

A mão de Gail está pressionada contra o coração, o olhar de arrependimento em seu rosto é a última coisa que vejo antes de sair pelas portas. Kitt segue em uma onda de confusão. Seus passos ecoam atrás de mim. "Irmão, apenas me diga o que está acontecendo. Por favor."

Eu me viro apenas ligeiramente. “Eu vou. Mas só depois de ter certeza de que estou certo.”

Então vou roubar minha rainha.



CAPÍTULO 65

Kai

O sol já se pôs há muito tempo quando finalmente estou batendo os nós dos dedos na porta do escritório de Kitt.

"Esta noite não tem fim", Paedyn bufa.

Ela gira o anel no polegar incessantemente, o olhar longe da porta ranhurada diante de nós. A mente dela provavelmente é para onde a minha se desviou depois de tudo o que descobrimos. Mas eu me forcei a voltar para o meu irmão, como prometido. Assim como sempre fiz ao longo dos anos.

Eu engulo em seco. "Estou tirando uma página do seu livro, Pequena Psíquica."

A boca de Paedyn se abre, mas antes que ela possa responder...

"Entre."

A voz de Kitt está abafada atrás da placa de madeira que agora empurro para abrir. Ele está sentado em sua mesa, a luz da lâmpada inundando a sala com um brilho bruxuleante. O pergaminho se espalha pelo vão de madeira lascada na frente dele, e estou constantemente surpreso como cada folha está manchada com uma caligrafia apressada. Mas o que captura minha atenção é a espada cerimonial encostada na lareira. O sangue do pai de Paedyn se foi, substituído por um brilho prateado.

O rei me conduz para dentro com um aceno de sua mão escura. Sua pele é pálida, nítida contra as veias índigo que rastejam de sua têmpora. Meus olhos se estreitam diante da doença impressionante que se aglomera em suas feições. Olhos injetados de sangue e bochechas magras encontram meu escrutínio. Nunca o vi assim, nunca percebi o quão doente ele realmente parecia.

As empregadas.

Eles estavam escondendo a doença dele o melhor que podiam.

Entro na sala iluminada e, confortavelmente, Kitt sorri para minha companhia. Mas a sombra pisando atrás de mim faz Kitt vacilar um pouco. "Paedyn. Eu não esperava ver você esta noite."

Eu forço uma respiração profunda em meus pulmões.

É a noite de núpcias deles.

Se não fosse pelas descobertas recentes, juntos é exatamente o que eles teriam sido. O pensamento tem algo sinistro despertando dentro de mim, mas eu o esmago, junto com o ciúme que apodrece ali.

"Eu também não," Paedyn afirma com sinceridade. "Mas Kai..."

"Queria que sua esposa estivesse aqui quando finalmente discutissemos o que aconteceu hoje."

As palavras surpreendem até a mim, principalmente porque não foram feitas para serem cortantes. Posso sentir o olhar de Paedyn colidir comigo enquanto o de Kitt faz o mesmo. Lentamente, o rei reúne sua pilha de pergaminhos rabiscados e os enfia na gaveta ao lado dele. "Prefiro não falar sobre isso. Você, de todas as pessoas, deveria

entender isso, irmão."

As palavras são afiadas com maestria. Elas cortam fundo o suficiente para me fazer repensar momentaneamente essa conversa que se aproxima. Olho para meu irmão, vendo mais uma vez aquele resquício de astúcia que ele guarda tão perto. Houve um tempo em que eu me consideraria o irmão calculista e ele o atencioso. Mas parece que uma vida inteira foi encravada entre essas características, e não tenho mais certeza de quem as merece.

"Kitt," eu digo lentamente. "Você matou alguém hoje."

Ele se recosta na cadeira. "Eu fiz o que precisava."

"Essa foi sua primeira morte."

"Foi?" Paedyn dá um passo à frente, balançando a cabeça. "Claro que foi."

"Estou bem, Kai," o rei murmura. "Era uma necessidade. Agora, podemos, por favor, parar—"

Apoio minhas palmas na mesa dele. "O irmão que eu conheço ficaria em frangalhos depois de enfiar uma espada no peito de um homem."

"Bem, ele cresceu", Kitt dispara de volta. Ele empurra a mordida em sua voz para o lado. "Eu sou um rei agora, e tudo o que eu faço é pela grandeza deste reino."

Estudo a palidez tensa de suas feições. "Diga-me o que está acontecendo, Kitt. Há algo que você não está me contando."

Paedyn limpa a garganta. "Eu deveria deixar vocês dois resolverem isso—"

"Não," eu ordeno. Meus olhos não se desviam do rei. "Você é um Azer agora. É exatamente aqui que você deveria estar."

Kitt esfrega uma mão atrás do pescoço, como sempre fez desde que éramos meninos. Isso fala de sua ansiedade. "Irmão, você sabe o que aconteceu. Paedyn descobriu a verdade sobre o papel de Calum e como ele tem me manipulado para fazer o que ele quer. Ele era uma ameaça que eu coloquei um fim."

Eu balanço a cabeça, uma pontada de decepção escorrendo por mim. Eu penso naquele momento de pânico em que entrei — Calum morto nos degraus e Paedyn vomitando suas teorias. "Você não acha que eu saberia se ele fosse um Dual?"

Kitt rapidamente acena para Paedyn. "Você já se enganou antes sobre as habilidades de alguém. Além disso, como você sabe que ele não estava controlando você para ignorar a verdadeira extensão do poder dele?"

É uma refutação bem ensaiada. E se eu não conhecesse meu irmão melhor, eu poderia ter acreditado nele. "Então a morte de Calum não teve nada a ver com aquelas cartas na caixa de joias de Iris?"

Kitt não diz nada.

Paedyn ataca a especulação familiar. "Você já tinha lido aquelas notas, não tinha? Você reconheceu a letra de Calum e estava preocupada que você pudesse ser um bastardo." Ela respira fundo, a compreensão caindo sobre ela como uma onda. "É por isso que você perguntou se ele disse algo sobre você."

Meu irmão fica tenso. "Eu pretendia me livrar delas antes de te dar a caixa de joias, mas eu me... distraí."

Um tipo triste de entendimento se infiltra em minhas feições. "Se ele fosse uma ponta solta que precisasse ser cuidada, eu teria feito isso por você. É por isso que estou aqui — para salvá-la da brutalidade."

"E se eu não quiser ser salvo?" Kitt rebate. Há uma certa intensidade em seus olhos

que me assusta. “E se eu quiser salvar você por uma vez? Salve-nos.”

Minha cabeça se inclina. “Kitt, eu—”

“Se você estivesse lá”, ele começa lentamente, “e Calum se colocasse entre mim e seu amado Paedyn com aquela adaga, quem você teria protegido?”

Algo muda entre nós com essas palavras. A tensão aumenta. Olho para Paedyn. Ela examina a situação. Luto contra o entendimento que começa a surgir.

“Você a escolheria,” Kitt sussurra. “Você já a escolheu, uma e outra vez.”

“Isso é ridículo, Kitt—”

O rei se levanta, quase derrubando a cadeira com tanta pressa. “Só deveríamos ser nós. Você e eu, sempre.” Seu olhar fica selvagem. “Você se lembra disso, não é? Antes que ela entrasse em nossas vidas e as deixasse em ruínas.”

A voz de Paedyn é baixa. “Do que você está falando, Kitt?”

Mas ele não fala com ela. Não, suas palavras são direcionadas apenas a mim. “Ela nos arruinou, Kai! Tudo deu errado em nossas vidas no segundo em que ela pisou nisso. Inferno” — sua risada é irregular — “até mesmo no segundo em que ela foi nascido, Paedyn conseguiu começar a destruir esta família.”

Meu peito aperta dolorosamente. O olhar enlouquecido que Kitt usa é um que eu reconheço. Pai — o rei — usaria o mesmo quando falasse de Ordinários. Era o que ele desejava destruir mais do que qualquer coisa. Eu sei agora que seu ódio surgiu da morte de sua esposa e do nascimento de uma garota Ordinária.

Mas a aversão de Kitt por Paedyn não se assemelha à de seu pai. Edric buscou poder — Kitt anseia por companhia. Irmandade. Eu sozinho.

“Você não vê, irmão?” Sua exasperação paira no ar entre nós. “Ela matou nosso pai — minha mãe. Ela é a cunha que nos separará.”

Posso ver a sombra de ciúmes em seu rosto, a mesma escuridão que cai sobre ele quando Paedyn está perto. Mas agora percebo que não é inveja da Silver Savior em exibição, mas inveja *dela* . Ela me tem, e Kitt odeia isso.

Eu me afasto da mesa dele, balançando a cabeça. “Ela matou seu pai, não o meu.” O rosto de Kitt cai antes mesmo que eu dê o golpe final. “Paedyn é mais sua família do que eu.”



CAPÍTULO 66

Pedyn-P ...

Kai me acompanha pelos corredores, ignorando todos os olhares indiscretos.

Depois que ele saiu dos jardins para me encontrar do lado de fora da porta do meu quarto, nós estabelecemos um ritmo rápido entre as paredes forradas de Imperial. A urgência em seus passos me faz engolir cada pergunta que atinge minha mente cansada. Mas o Enforcer está em outra de suas missões, e estou simplesmente aliviado por não estar do outro lado dela novamente. Então, eu o deixei me guiar por cada janela alta e pelo sol poente além.

Viramos por um corredor que não reconheço antes de parar na soleira de uma porta aparentemente desavisada.

Olho com ceticismo para meu guia. “É isso?”

Ele gira a maçaneta, entrando quase cautelosamente no espaço. “Estranho, como é apenas uma sala comum depois de todos esses anos me perguntando o que havia dentro.”

Meus pés vacilam. É como se eu tivesse perturbado um pedaço do passado, invadido uma estranha que agora chamo de "mãe" apenas no título. Examino o quarto da Rainha Iris lentamente, observando a cama de dossel escondida sob uma camada de abandono. A poeira cobre cada peça de mobília— a escrivaninha, a penteadeira e as estantes estavam todas aquecidas com sujeira branca.

“Pai nunca deixou ninguém entrar aqui.” As palavras de Kai apenas enfatizam os sinais claros de isolamento. “Sempre alegou que queria preservar isso para ela.”

Meu olhar se volta para as prateleiras mais uma vez, notando os livros tombados e os papéis presos entre elas. Na mesa de cabeceira dela, a poeira se acumula em torno do formato de um retângulo no centro. "Foi aqui que Kitt conseguiu sua caixa de joias", murmuro.

Kai assente. “Durante seu primeiro Trial, eu o encontrei aqui segurando-o. Ele deve ter olhado algumas das coisas antigas dela.”

Eu paro meu passo lento no final de uma cama intocada. “Se ele olhasse através daquela caixa de joias, ele teria visto aquelas notas de Calum.”

Completamente distraído, Kai só consegue dizer um distraído "Hmm".

Com um suspiro, deixo o assunto de lado. Sua mente está longe das minhas especulações. “Então, o que estamos fazendo aqui, exatamente?”

“Você não quer ver o quarto da sua mãe?”

Dou de ombros. “Talvez se ela realmente se sentisse como minha mãe. Mas...” Passo a mão por aquela colcha empoeirada que abraça a cama. “Essa mulher parece uma estranha.”

Kai assente lentamente, com simpatia, antes de vomitar o verdadeiro motivo pelo qual me arrastou até aqui. "Você mencionou Calum dizendo algo sobre os registros verdadeiros estarem selados."

Olho ao redor da sala abandonada. “E você imaginou que eles poderiam estar aqui onde ninguém tinha permissão para entrar.”

“Nada passa por você, Pequeno Psíquico.” Seu bufo seguinte é atado com humor. “Na verdade, se eu estiver certo, então algo passou por você.”

Isso me ofende. Muito. “Desembucha logo, Azer.”

Kai cutuca a mesa, puxando gavetas teimosas. “Eu sou um ano mais velho que você, Pae. Se meu pai se casou com Myla depois que você nasceu—”

“Você já teria um ano de idade”, eu respiro.

Seu sorriso é irritante.

“Não seja um babaca.” Eu me junto a ele na mesa com um olhar letal. “Minha mente tem estado um pouco ocupada hoje.”

“E o meu não?”

Eu quase rio. “Eu me casei!”

“E eu estou de luto por você desde o dia em que deixamos aquele campo de papoulas!”

Meus lábios se abrem levemente. Eu o encaro, observando cada onda de emoção cruzar seu rosto desmascarado. Ele suspira fundo. "A morte lenta de nós começou no dia em que meu irmão colocou aquele anel em seu dedo", Kai murmura. "E eu não tenho nada além de você em minha mente há semanas." Ele estende a mão para mim antes de pensar melhor. "Nós sempre seremos inevitáveis, Pae. Mas nesta vida, estamos condenados. Hoje foi a evidência disso. É..." Ele engole em seco. "É melhor seguirmos em frente."

Um longo momento se passa entre nós antes que ele se vire de volta para a mesa, como se não tivesse acabado de esmagar meu coração em sua palma calejada. A dor no meu peito só é amplificada pela verdade em suas palavras. Estamos em ruínas.

Kai limpa a garganta. Eu pisco para afastar a emoção que arde em meus olhos.

Tentando aliviar a tensão entre nós, pergunto: "Você acha que os registros estão nesta mesa?"

Espio por cima do ombro dele as impressões digitais que ele espalhou pela madeira empoeirada. Kai puxa uma maçaneta barulhenta sem sucesso. "Está trancada", ele murmura. Isso dificilmente o impede de abri-la com facilidade e dizer: "Forte". Ele joga a cabeça em direção à porta. "No final do corredor".

Em questão de minutos, ele está tirando três pergaminhos desgastados do fundo daquela gaveta trancada e colocando-os sobre a mesa.

Um fala de nascimento, o outro de morte, o final do casamento. Cada um é um decreto com segredos.

Nós nos inclinamos, deslizando a tinta escura e rodopiante. Meus olhos se movem rapidamente entre as três páginas, a cabeça girando. Frustrado, tento encaixar as admissões de Calum entre as palavras rabiscadas.

Dezoito anos atrás, o rei teve uma filha.

Dezoito anos atrás, a Rainha Iris morreu no parto.

Eu era a filha — uma Ordinária que o rei dispôs. Envergonhado e bravo, ele escondeu a verdade sobre a morte de sua esposa, alegando ao reino que ela faleceu durante o nascimento de seu herdeiro. Rainhas eram isoladas por segurança, então era uma mentira crível...

Arrasto um dedo pela certidão de casamento. “Isso não diz nada sobre uma

criança. Apenas que Edric Azer e Myla Rowe eram casados."

Kai passa a mão pelo cabelo desgrenhado. "Não há registro do meu nascimento."

"Devemos estar esquecendo de alguma coisa," eu ofereço distantemente. "Talvez haja outro pergaminho—"

"Talvez," Kai interrompe. Eu pisco, e ele está se afastando da mesa para atravessar a sala. "Ou talvez devêssemos ir direto à fonte."

A rainha viúva olha fixamente para os pergaminhos.

"Eu quero respostas, mãe", Kai insiste.

O longo cabelo preto de Myla tem mechas prateadas. Seus olhos cinzentos, antes lindos, estão fundos e vermelhos. O catre em que ela está deitada é duro, o quarto ao nosso redor abafado. Ela parece frágil no tom doentio da ala oeste, como se a própria torre frágil drenasse vida de suas veias.

Eu me mexo no meu assento. A rainha mal me conhece e agora eu vim sentar ao lado do seu leito de morte, interrompendo a pouca paz que ela tinha.

"Eu sei a verdade sobre a morte de Iris," Kai diz lentamente, apontando para um dos pergaminhos. "Como o rei se casou com você para ajudar a encobrir isso. Mas o que eu não entendo é onde eu me encaixo nisso." Seu olhar é penetrante. "Se Iris realmente morreu dois anos após o nascimento de Kitt, então como eu nasci apenas um ano mais novo que ele?"

O olhar da rainha se volta para o filho, quase tão vazio quanto as palavras que ela finalmente tosse. "O rei não me contou a história toda até decidir que me amava. No começo, era meu dever me casar com Edric — pelo menos, foi o que meu pai me disse. Como conselheiro do rei, ele me entregou, uma solução para um problema que eu não conhecia."

Ela levanta uma mão para a bochecha do filho. "Apesar da persuasão do meu pai, eu não achei que o rei iria querer se casar comigo tão de repente. Porque eu... eu já tinha um filho com outra." Sua voz fica abafada. "Mas eu estava errada. Era você que ele queria."

Vejo as palavras atingirem Kai com força suficiente para quase quebrar sua fachada de pedra.

"Ele tinha um Silenciador sentindo seu poder," ela sussurra. A rainha agarra a mão de Kai, uma tosse sacudindo seu peito antes de continuar. "O rei queria um sobressalente forte, e meu bebê era extraordinário. Edric o queria como seu."

Nada. Kai não diz nada.

Baixo o olhar para os dedos inquietos no meu colo. Depois de acreditar que uma criança Ordinária era sua, não é de se espantar que o rei quisesse apenas o mais forte dos Elites para si. Eu era uma vergonha. Um erro. E Kai — o Elite mais poderoso — me substituiria.

"Edric disse ao reino que ele havia lamentado sua falecida esposa por três meses e se casado comigo no mês seguinte." A rainha engasga com suas palavras. "Ele foi muito convincente, seu pai — disse ao povo que não teve coragem de anunciar a morte de Iris até que soubesse que sua nova rainha e seu filho estavam seguros."

"Então ele queria uma solução para seu problema," Kai diz calmamente. Sua voz está perigosamente calma. "O rei estava envergonhado por um Ordinário que nem era dele, então ele reivindicou a Elite mais forte que ele conseguiu encontrar como sua."

“Perdoe-me, Kai,” sua mãe choraminga. “O castelo foi jurado segredo, e eu nunca deveria contar a verdade a ninguém. Então você foi criado acreditando no que todos os outros no reino faziam.”

Kai zomba. “Mas eu nunca fui dele. Meu poder não foi obra de Edric.” Seus olhos se erguem para a mulher que se parece tanto com ele. “Então de quem é a obra?”

Sua garganta balança. “Um homem que eu amava profundamente. Muitos anos atrás.”

Kai desvia o olhar, deixando suas palavras pairarem no ar. Posso ver a mágoa que ele tenta desesperadamente esconder sob aquela máscara de raiva. “O rei reescreveu a história”, ele ferve, “e me fez seu fantoche.”

Myla solta uma tosse irregular que pode ter sido o começo de um pedido de desculpas. Quando ela recupera o fôlego, o rosto manchado e vermelho, ela diz, “Ele sempre foi muito duro com você. E eu sinto muito... sinto muito por isso.”

“Eu era dele em nome, e ainda assim, ele odiava que eu não fosse dele em sangue,” Kai murmura. “É por isso que ele nunca me amou, não é? Por que ele me empurrou até eu quebrar? Tudo porque meu poder nunca foi verdadeiramente dele.”

A raiva ferve fundo em meu intestino pelo garoto que foi forçado a esse destino apenas por acaso. Tudo o que ele sofreu, cada máscara forçada em seu rosto e arma empurrada em sua mão, nunca foi destinado a ele. Kai Azer não é um Azer de jeito nenhum. Ele era uma solução poderosa.

“Sinto muito que você tenha sido jogada nessa confusão,” a rainha tenta. “No começo, nós só queríamos encobrir como um Ordinário matou a falecida rainha.”

Seus olhos cinzentos deslizam para os meus.

Kai zomba antes de responder: "Todo esse tempo, você sabia?"

“Eu tinha minhas suspeitas.” A rainha tosse. “Edric não era ele mesmo depois de vê-la pela primeira vez.”

Minhas bochechas esquentam. "Eu não era a Ordinária do rei." Diante do olhar cético dela, deixei a verdade sair. "Eu era a filha do Leitor de Mentes dele."

Um silêncio pesado nos atinge, um silêncio que Kai graciosamente tira de nossos ombros. “O rei sempre manteve seus Fatals escondidos. Nós nunca vimos eles. O Silenciador foi o único que conheci enquanto tentava obter informações sobre a Resistência — o que agora sei que era uma farsa.” Sua risada é sem humor. “Embora pareça que Damion me conheceu muito antes disso, quando contou ao rei sobre meu poder.”

Os olhos da rainha se arregalam para mim. “Se isso for verdade, então o rei morreu pensando que você...”

“Que eu era seu maior fracasso?”

Seu Ordinário. Sua fraqueza. Sua morte.

Mesmo impotente, eu o matei.

Um leve sorriso surge em meus lábios.

Espero que ele tenha visto o rosto da filha — a Comum que ele desprezava — quando eu cravei aquela espada em seu peito.

“Eu vou viver com isso.”



Édrico

Uma costureira logo chegará ao teste final.

Isso sinaliza o começo do fim, ou assim pensa o rei. Adena é pouco mais que um peão em seu jogo, arrancada do castelo e jogada no Poço por algo tão frágil quanto seu ego. Edric odeia a filha que acredita ser sua, e como punição por matar a mulher que ama, o rei levará o único pedaço de conforto de Paedyn neste mundo.

Do alto, em sua caixa de vidro, Edric gosta de observar a fraqueza emanar de Paedyn Gray. Ela grita, chora e implora por um Deus que não tem interesse algum em tal situação. É, estranhamente, um presente que as Provas não tenham acabado com a vida do Ordinário — pois o próprio rei quer tal privilégio.

Mas, no final, é aquela rosa no topo da caixa de joias de Iris que prediz sua ruína. O ódio começa a apodrecer no coração de Edric no momento em que ele acredita que um Ordinário nasceu dele. No entanto, eles não compartilham força, moral ou sangue. Paedyn Gray pertence à rainha e seu amor por um Fatal. Mas isso não a torna menos princesa. Nem lhe empresta mais força como uma Ordinária.

Os últimos momentos do Rei Edric são gastos derramando sangue e cuspindo inimizade em uma garota que ele passou dezoito anos odiando. Mesmo assim, ele não menciona nada sobre sua linhagem, porque ela não é digna de saber a verdade. O rei deseja que ela morra sem nunca ter conhecido o sangue real em suas veias. Ele não permitirá que Paedyn Gray tenha a satisfação de entender o quanto ela o assombrou.

Então ele esculpe um círculo sobre o coração dela, assim como sua esposa fez inúmeras vezes sobre o seu. No entanto, este não é um gesto de amor como Iris

pretendia, mas a marcação do que foi perdido, tudo para o Ordinário se contorcendo sob sua bota. O rei garante que Paedyn Gray usará essa marca até seu último suspiro, porque dói suportar o peso do toque de Iris sozinho. É na pele do Ordinário que Edric escreve a verdade de seu nascimento, do grande amor que morreu e da centelha de ódio que nasceu. Sobre aquele chão lamacento, carne mutilada soletra seu amor por Iris Moyra enquanto o rei a coloca para descansar com este ato final de justiça.

Embora, no final, seja ele quem é enterrado sob o peso dos segredos e da traição. Pois ele nunca descobre a verdade sobre aqueles que amou — e como eles se amavam.



CAPÍTULO 67

Pedyn-P ...

"O que você está falando?"

As palavras de Kitt são um silvo, me fazendo estremecer. Seus olhos avermelhados ficam desfocados. Meu coração bate forte ao lado de Kai neste estudo que parece estar se fechando sobre mim. Quase tento me convencer de que ouvi mal a malícia na voz do meu marido.

Mas não adianta. O olhar enlouquecido que ele usa só confirma as palavras que ele cuspiu tão prontamente. É como se elas tivessem sido sufocadas sob sua língua por semanas antes de finalmente liberá-las.

Este não é o Kitt que eu conhecia, nem é aquele com quem eu estava começando a fazer amizade. Esta é a personificação de uma mente desgastada.

"Edric não era meu pai," Kai responde, seus ombros rígidos. "Myla já tinha um filho quando eles se casaram secretamente—um filho poderoso que seu pai só queria como seu sobressalente e arma. Então realmente"—o Enforcer dá um passo à frente, tão estoico e seguro—"Paedyn é seu sangue, não meu."

Depois de todo esse tempo chamando Kai Azer de bastardo convencido, era exatamente isso que ele era. Eu tinha dito a verdade em uma dúzia de ocasiões.

Eu observo as palavras de aço atingirem Kitt, e ainda assim, ele mal recua. "Pode ser, mas você é meu irmão. Você é mais família do que eu já tive. Mais..." Ele procura o olhar de Kai desesperadamente. "Mais amor do que eu já tive. O pai era uma obsessão, a mãe um fantasma, mas você... você me mostrou o que era o amor."

O lembrete da minha ingenuidade belisca o canto da minha consciência. Passei semanas tentando consertar um vínculo que pensei ter sido rompido apenas devido à morte de um rei. Mas agora percebo que Edric Azer era apenas uma variável no desprezo de Kitt por mim. É Kai que ele quer ao seu lado — seu irmão e amigo. E eu sozinho estou entre eles.

"Por que você se casou comigo?" Eu cutuco. "Se eu sou uma cunha entre vocês dois, então por que não me mata?"

Kitt finalmente se digna a encontrar meu olhar. "Meus planos para Ilya exigem você." Fico boquiaberta com sua resposta curta antes que ele se vire mais uma vez para Kai, com as feições repentinamente suplicantes. "Juntos, construiremos a maior nação — estendendo-se muito além das Queimadas e Rasas. Criaremos um legado que meu pai nunca sonhou."

Kai encara o garoto que ele chamou de "irmão" a vida inteira. "Achei que você queria ser exatamente como o Pai — *seu* pai. O que aconteceu com seguir os passos dele, fazer qualquer coisa para deixá-lo orgulhoso?"

"Mais uma vez," Kitt diz com uma tosse, "eu cresci. Meu pai me contou sobre seu plano para a Resistência, como sua vida inteira foi desperdiçada tentando livrar o reino dos Ordinários." Ele balança a cabeça. "Passei tantos anos acreditando que ele

era um deus entre os homens, que seus planos para Ilya estavam além de qualquer coisa que eu pudesse esperar alcançar. Mas era tudo tão... *medíocre* . Obsessivo."

Kitt balança um dedo no ar. "No entanto, ele teve a ousadia de me fazer sentir inferior a minha vida inteira. Tudo o que eu queria era seu orgulho, sua aprovação, seu amor. Então agora" — seu olhar se arregalou com aquele olhar selvagem — "serei muito maior do que ele. Seu nome será esquecido nas histórias ao lado da minha. Ao lado *da nossa* ."

A expressão de Kai fica preocupada. "E como você vai fazer isso?"

Kitt contorna a mesa lentamente. Suas feições se transformam em algo tão assustadoramente calmo que quase me encolho. "Já começamos, irmão."

O olhar em seus olhos me preocupa mais do que suas palavras. Engulo em seco. Minha voz é baixa. "O que você fez, Kitt?"

"Não." Ele estala a língua. "O que *você* fez, Paedyn? Você se tornou rainha e fez os reinos vizinhos abrirem suas fronteiras para nós. *Você* , uma Ordinária identificável, fez com que eles baixassem a guarda contra nós."

"E por que", Kai respira, "isso seria um problema, *irmão* ?"

"Sabe, estou acostumado a ser ignorado." O rei murmura distantemente antes de começar a andar de um lado para o outro. "Gentil e atencioso Kitt, afinal. Mas eu realmente pensei que você" — seu olhar penetrante me corta — "suspeitaria mais de mim. Você achou que *salvar* Ilya era o melhor que eu poderia fazer?" Ele sorri bruscamente. "Não, estou libertando todos os reinos."

"Kitt...", começo lentamente.

"Veja, eu não me importo se os Ordinários vivem ou morrem — a obsessão pela existência deles é o que arruinou o Pai", Kitt explica ansiosamente. E pela primeira vez, vejo um rastro de veias escuras saindo de sua linha capilar. "Mas os Elites não devem ficar confinados a esta cidade; eles devem povoar todos os reinos. E quando eu governar todos os reinos em nossos mapas" — Kitt sorri, e é assustador — "eu terei conquistado o favor do Pai."

Kai caminha hesitantemente em direção ao irmão. "O que você está dizendo, Kitt? Unir Ilya era apenas uma... manobra?"

"De jeito nenhum", Kitt diz, soando quase ofendido. Ele tosse naquele lenço novamente, respingando algo sinistramente escuro. "Era necessário para que os reinos abrissem suas fronteiras e começassem a negociar conosco."

Meu coração bate forte. Cada batida rápida dele me deixa mais perto de descobrir mais uma verdade para rasgar as costuras desgastadas da minha vida. "Você não está abrindo comércio para trocar recursos, está?"

A questão é abafada e temo a resposta.

"Claro que sim." A voz de Kitt é uniforme. "Para que eu possa trocar recursos misturados com a Peste."

O ar foge dos meus pulmões.

Ainda estou lutando para respirar quando Kai balança a cabeça. "Você não está pensando direito, Kitt. O que você está—?"

"Eu estava esperando para lhe contar, irmão," o rei admite. "Eu queria todas as *distrações* fora do caminho, mas agora terei que servir. Ilya precisa de comida e terra, sim, mas não é isso que importa aqui." Ele se apressa antes que Kai possa objetar. "O que eu encontrei na carta do pai foi muito mais do que seu plano patético para um

reino de Elite. Eu encontrei a verdade."

Fiquei ali, paralisado por suas palavras.

"A Peste não aconteceu apenas com Ilya." Kitt sorri. "Ela foi feita *para* Ilya."

O zumbido repentino em meus ouvidos quase apaga a explicação apressada do rei. "Um século atrás, quando Ilya estava fraco e prestes a ser conquistado, os Estudiosos pensaram que tinham inventado uma substância destinada a fortalecer nossas tropas contra ataques. Favian Azer — engraçado como eu nunca conseguia lembrar seu nome durante minha tutoria — estava no fim de seu governo quando a Peste começou. Talvez a disseminação desse vírus tenha sido acidental, ou mais provavelmente, Favian o liberou no reino." Kitt solta outra tosse. "Você nos conhece, Azers, e nossa fome por poder. De qualquer forma, o que começou como algo destinado a oferecer aos nossos exércitos uma defesa se transformou em uma Peste em todo o reino." O olhar do rei se volta para o meu. "Mas falhou em fortalecer a todos nós."

"Isso não pode estar certo," eu gaguejo, a pele formigando sob seu olhar. "Como não sabíamos que a Peste foi feita pelo homem?"

"Você é o Psíquico, Paedyn," Kitt reflete. "Dê uma olhada ao redor e observe. Por que você acha que temos uma temporada de febre? Por que as Elites, as mais fortes entre nós, se esgotam quando usam muito poder? Por que há uma rainha moribunda na torre oeste, incapaz de ser salva da dor que lentamente rouba sua vida? Por que os Curandeiros não conseguiram evitar que minha mãe morresse por causa do *seu* nascimento." Suas palavras doem, mas ele não para. "Os sinais sempre estiveram bem na nossa frente. Porque a Peste não estava certa. Não estava pronta. Nunca foi para haver Ordinários deixados do outro lado dela. E meu pai passou a vida tentando consertar esse erro."

"Eles deveriam ter morrido com a Peste, mas em vez disso eles nos afligem. Eu planejei esse dia por muito tempo, esperando até que eu pudesse me livrar dessa Resistência."

Minha cabeça gira enquanto a voz de Edric Azer ecoa por ela. Suas admissões vomitadas ao lado do Bowl voltam à tona, agora subitamente claras.

"Não se preocupe, Paedyn, eu não matei seu pai simplesmente por causa de uma fofoca..."

Estou ofegante sob o peso esmagador da compreensão.

"Eu o matei para garantir que minha sociedade de Elite permanecesse."

Essa foi a condenação do meu pai: a verdade da nossa Peste.

Calum estava certo. Não foi o envolvimento de Adam Gray com a Resistência que lhe custou a vida. Foi o segredo que ele foi inteligente o suficiente para descobrir.

Imagens passam diante da minha mente; evidências à vista de todos. Meu pai frustrado com seu próprio poder e sua incapacidade de salvar uma criança doente. Anotações rabiscadas em seu diário documentando um paciente febril que ele não conseguiu curar. Elites enfraquecendo lentamente com o tempo. A morte da qual ele não conseguiu poupar Alice.

"Eu sou um maldito Curandeiro e não consegui nem salvá-la..."

Sinto-me fraco, minha mente incapaz de lidar com mais descobertas esclarecedoras. Eu tinha visto meu pai caminhar até o castelo todo ano durante a temporada de febre, o vi lutar para curar uma criança doente apesar de sua habilidade,

e nunca me perguntei por que aqueles chamados Elites tinham tanta fraqueza. Talvez uma parte de mim se deleitasse com o fato de que os todo-poderosos não eram deuses, que a doença ainda os perseguia, e a exaustão acompanhava o uso de muito poder. Talvez eu devesse ter ouvido mais atentamente quando meu pai murmurou sobre a doença Ordinária ser besteira. Talvez ele soubesse que o rei estava apenas tentando consertar os erros de uma Praga defeituosa.

Adam Gray morreu porque o rei não podia arriscar que seu povo soubesse a verdade sobre suas falhas.

"Quando a Peste começou, Favian fez todos os seus Estudiosos jurarem segredo", Kitt está dizendo ao seu Executor quando eu pisco de volta para o presente. "Ninguém deveria morrer. Mas, por outro lado, a Peste nunca deveria se espalhar pelo reino em primeiro lugar. Então, não querendo ser culpado pela multidão de mortes, Favian inventou uma história para aqueles fortes o suficiente para sobreviver, dizendo que eles foram escolhidos por Deus para se tornarem Elites. Agora, a verdade desta Peste é passada apenas para os reis."

Eu pressiono uma mão no meu peito apertado. "Todos aqueles encontros com os Scholars," eu murmuro sob minha respiração superficial. "Você queria que eles criassem outra dose da Peste."

"E eles eram teimosos", Kitt admite. "Os reis antes de mim desejavam acumular nosso poder assim como os Estudiosos fazem. Mas você não vê quantos Mundanos lotam o reino?" Sua voz cresce em algo enlouquecido. "Nossas habilidades estão diminuindo, Kai. A Peste foi tão diluída em nosso sangue ao longo das décadas que as Elites Ofensivas e Defensivas estão se tornando escassas. Em breve, nos tornaremos nada mais do que Ordinários. E agora, os Estudiosos aperfeiçoaram sua dose."

Eu engulo meu escárnio quando o rei acrescenta, "Pai era muito simplório para ver que todo reino poderia ser Elite." Seus lábios se curvam. "Mas eu vou nos salvar da extinção. E quando cada cidade estiver cheia de Elites poderosas, eu serei muito maior que Pai."

"Você perdeu a cabeça?" Eu sibilo.

"Pense no que você está dizendo," Kai profere lentamente. "Você pode salvar nosso poder, mas dezenas de milhares morreriam, Kitt. Metade população de cada reino — morta. Sem mencionar quantas pessoas você precisaria quebrar antes que elas se curvassem a você."

"Você mesmo disse, irmão. É por isso que você está aqui. Para me salvar da brutalidade." Kitt dá um passo mais perto. "Nós formamos uma ótima equipe."

Uma sombra escura cruza o rosto do Enforcer. "Então, assim como seu pai, você me usará como uma arma."

"Eu não estou usando você, Kai," ele diz seriamente. "Estamos trabalhando juntos. Usando nossos pontos fortes."

A resposta do Enforcer é cortante. "E a minha é a morte."

"É um presente. Irmão" — Kitt levanta os braços como se esperasse um abraço — "juntos, governaremos a maior nação que este mundo já viu. Os reinos serão leais a mim, a nós, por fortalecê-los." Ele sorri, e é irritantemente genuíno. "Pai me treinou a vida inteira para governar Elites. Eu os farei se encaixar, e suas tropas ajudarão. As cidades ao redor vão *querer* me seguir."

O silêncio sufoca a sala. Entro nela, encarando o homem com quem me casei. "Isso

é loucura. O Kitt que eu conheci uma vez saberia que isso—"

Sua risada cortante me faz estremecer. "O Kitt que você conheceu?" Um acesso de tosse rouba seu fôlego, mas ainda assim, ele tenta rir. "O Kitt que você conheceu foi ingênuo o suficiente para dizer ao pai dele que você não ousaria me trair."

Minha voz está embargada. "Você sabia sobre o plano de Edric para a Resistência?"

"Calum te enviou para encontrar os túneis abaixo deste castelo, e o Pai me usou para garantir que você fizesse isso." Ele balança a cabeça. "Fui estúpido o suficiente para pensar que você não me usaria daquele jeito."

"Calum não estava controlando você," Kai afirma. "Vocês estavam trabalhando juntos."

"Não, ele não estava me controlando." O rei quase ri. "Mas eu estava feliz em concordar com essa teoria. Eu já sabia de Calum e seu papel para o rei quando o pai morreu. Então, quando o Leitor de Mentes descobriu eu, esperando continuar o plano do Pai de exterminar os Ordinários restantes de Ilya, não fiquei surpreso." Kitt dá um passo mais perto, e Kai se move em minha direção ligeiramente. "No começo, eu lamentei profundamente meu pai, como você sabe. Então, quando Calum me aconselhou a me casar com Paedyn para atrair os Ordinários restantes, eu concordei. Mas isso foi antes de eu encontrar a carta do Pai. Lembrei-me então de quão inferiores eram seus objetivos, quão pouco ele se importava comigo. Então, com o conhecimento de uma Praga feita pelo homem que poderia ser replicada, de repente eu soube como enterrar o legado do Pai com o meu."

Meu corpo começa a tremer. "E Calum concordou com isso?"

"Ele reconheceu que meu plano era muito superior." Kitt acena com a mão suja de tinta. "Mas ele se tornou um fardo quando descobri aquelas cartas na caixa de joias. Se eu fosse um bastardo, não poderia deixá-lo contar isso ao reino." Lentamente, seus olhos encontram os meus. "Mas ele não era a única ponta solta."

O sangue corre para minhas bochechas quando me lembro de suas qualidades reais. "Eu não sou uma ameaça ao seu trono, Kitt."

"Eu vi a maneira como todos de Loot se ajoelharam diante de você," Kitt sibila. "Se as favelas descobrirem a verdade sobre sua linhagem, elas podem se levantar contra mim para ver você no trono."

"Isso é absurdo, Kitt." Um olhar de preocupação cruza o rosto de Kai. "Você não está pensando direito."

A risada do rei é histérica. "O quê, porque este não é seu carinhoso Kitt? Porque eu sou inteligente o suficiente para elaborar um plano que vocês dois jogaram?" Outro passo à frente. Ele parece uma casca do garoto que eu conheci, sua mente desgastada e corpo frágil. "Eu não devo estar pensando direito porque ninguém está acostumado a me ver pensando."

"E quanto aos Trials?", eu deixo escapar. "Kai treinando suas tropas?"

O suspiro de Kitt é exasperado. "Para Kai, uma distração e proteção contra os teimosos reinos Elite. Para você, uma sentença de morte."

Meu rosto empalidece.

"Mas você simplesmente não morreria", ele diz suavemente. "Os bandidos, a tripulação, o Wielder naquele Poço — nenhum deles poderia livrar você de nossas vidas. E isso era bom, porque eu ia deixar essa próxima dose de Peste te levar em seus

próprios termos.” Seu olhar suaviza. “Eu não sou um monstro. Eu não queria te matar, Paedyn. Mas agora você tem uma reivindicação ao meu trono.”

Meu estômago revira, ameaçando derramar seu conteúdo no carpete gasto abaixo.

Isso não pode estar acontecendo.

Devo estar sonhando, tentando desesperadamente me arrancar para acordar desse pesadelo. Porque me recuso a acreditar que minha vida está mais uma vez desmoronando ao meu redor, tudo no espaço de um único dia.

Mas isso é real, e eu estou de pé — tremendo — diante do meu marido que usou os Trials como uma forma de me matar. Trials que normalmente são feitos para mostrar os poderes de Elite que não foram dotados, mas criados. Poderes de Elite que não fazem de você um deus — eles fazem de você um experimento bem-sucedido.

Não sei se rio, se choro ou se fico furioso.

“Só... acalme-se, Kitt.” O braço do Enforcer roça no meu quando ele dá mais um passo para me proteger. “Isso é loucura. Não vou deixar você passar por nada disso. Você não pode se arruinar pela promessa de legado.”

Mas o rei mal ouve.

Seu olhar caiu para o pedaço de pele que Kai pressionou contra a minha. "Mesmo agora", ele sussurra. "Mesmo agora." Esta proclamação é mais alta. "Olhe para você, protegendo-a. Ela tirou tudo de nós, incluindo um ao outro. Estamos muito melhor sem ela, irmão." Kitt estende um braço, seus dedos se curvando ao redor do punho daquela espada cerimonial. "Assim como nos velhos tempos."

Há uma selvageria em suas feições, seus movimentos. Eu a observo se desenrolar por todo o comprimento de seu corpo, espalhando-se daquele olhar enlouquecido. Algo sinistro parece ter estalado dentro do rei. Vejo agora que aqueles momentos estoicos comigo eram simplesmente uma repressão de tudo o que ele sentia, uma passagem do tempo.

“Kitt,” Kai diz lentamente. “Abaixe a espada.”

“Isso nunca vai parar.” Ele balança a ponta da lâmina no ar como se estivesse completamente alheio à imagem de severidade que pinta. “Você vai continuar escolhendo ela em vez de mim. De novo e de novo. Mas eu preciso de você, Kai!” Ele ri das palavras sem humor. “Eu preciso de você comigo — seu foco, sua lealdade, seu coração. Tudo isso.”

“Kitt, pense no que você está dizendo”, Kai avisa.

“Ela sempre foi apenas um meio para um fim!” A espada do rei balança perigosamente ao seu lado. Essas veias escuras saltam contra sua pele pálida. “Eu precisava dela como rainha para atrair os reinos, abrir suas fronteiras. Mas sua utilidade é curta para nós, Kai!”

Meu estômago se revira sob um coração apertado. Não consigo evitar a pontada de mágoa que vibra através de mim. Uma vez considerei esse garoto um amigo, um confidente com quem aceitei passar o resto da minha vida. Mas a histeria em sua voz, a espada em sua mão, me faz estremecer.

Um meio para um fim.

Kitt não é o único Azer que me usou antes de inevitavelmente encontrar o fim de sua espada. Este rei é um reflexo do último, quer ele veja ou não.

“Chega, Kitt!” O peito de Kai se levanta com respirações rápidas. “Isso é loucura. Não vou ajudar você a espalhar outra Praga pelos reinos. Você me disse que eu não

teria que matar Ordinários enquanto você fosse rei." Ele engole em seco. "E é exatamente isso que você estaria fazendo."

"Kai..." O olhar do rei se torna assustadoramente simpático. "Já começou."

Meu sangue gela. "Do que você está falando?"

Kitt balança a espada desleixadamente ao seu lado. "Ótimo. Os Trials foram mais do que uma sentença de morte. Eles foram úteis para mim."

Minha mente gira enquanto retorno a cada uma das Provas.

A coroa de Mareena. A morte de Mak no Poço. E—

"As rosas," eu gaguejo. "O que você fez com aquelas rosas?"

"Eles estavam atados, e você os entregou para mim." As palavras condenatórias deslizam facilmente da língua de Kitt. Então uma tosse estridente sai de sua boca. "Izram será o primeiro reino infectado."

O peito de Kai arfa. Suas palavras são afogadas em descrença. "O que você fez?"

"Você vai entender, irmão," o rei insiste. Sangue escorre do canto de seus lábios. "Assim como você vai entender por que devo livrar nossas vidas dela."

Dou um passo lento para trás. "Kitt..."

Kai estica o braço na minha frente como um escudo. "Você é... doente, Kitt. Você sabe que isso não está certo." Seu tom severo desliza para algo mais suplicante. "E você sabe que eu não vou ficar aqui e deixar você machucar sua... *esposa* ."

Os olhos do rei brilham. "Ainda assim, você odeia que ela seja minha. Mesmo casada comigo, ela tem tanto poder sobre você. Olhe para si mesmo, Kai! Você está tão preso ao dedo dela que não *consegue* mais pensar direito." Ele puxa o cabelo em frustração, emaranhando os fios loiros. "As coisas voltarão a ser como eram sem ela. Você e eu, sempre."

Olho nervosamente para sua espada balançando. "Por que você quer fazer isso? Eu... eu pensei que nos importávamos um com o outro."

"Oh, não leve isso para o lado pessoal, Paedyn." Outro passo. "Eu até comecei a gostar da sua companhia nessas últimas semanas, apesar de quão desesperadamente eu queria você fora das nossas vidas. Mas você tem que entender — eu só quero meu irmão de volta."

"Kitt, acalme-se," Kai ordena. "Você não está você mesmo agora."

A lâmina brilha nessa luz bruxuleante. "Eu não queria que fosse assim. Sério." Seus olhos estão em mim, mas não tenho certeza se ele me *vê* . Delirium curva seus lábios em algo que me faz tremer. "Mas você forçou minha mão. Não posso ter uma princesa perdida roubando meu trono debaixo de mim."

"Kitt, pare—"

"Eu não estou atrás do seu trono!" Eu lanço as palavras para ele, interrompendo as de Kai e esperando romper essa névoa de histeria que Kitt usa. "Eu nunca quis isso. Isso está tudo na sua cabeça!"

Ele olha para sua espada. O rei parece estar em outro lugar completamente diferente. "É claro que você quer o trono. Tudo o que você sempre desejou foi poder."

Kai dá um passo à frente, e não estou surpreso em vê-lo parar a uma distância igual de mim e do rei. É onde ele sempre esteve, dividido em duas direções diferentes.

Dever. Desejo. Lealdade. Amor.

Como sempre, ele se esforça para segurar os dois. Mas seu aperto está

escorregando, e uma realidade cruel está se instalando.

Não se pode ter os dois.

Kitt levanta a espada, irritado porque seu irmão está em seu caminho letal. “Estou fazendo isso por nós, Kai. Por Ilya. Ela é tudo o que está no caminho.”

“Vamos só conversar sobre isso.” Kai levanta as mãos lentamente, assim como alguém faz quando tenta acalmar um animal assustado. “Você e eu, irmão. Nós vamos resolver isso. Você não é você mesmo—”

“É para isso que fui feito!” A voz de Kitt falha. “Se isso não sou eu, então não sei o que é. Fui criado para ser rei, e é isso que sou. Isso inclui tomar decisões difíceis. As corajosas, as benevolentes *e* as brutais.”

A espada brilha enquanto Kitt avança em minha direção.

Kai nunca machucaria seu irmão — eu sei disso tanto quanto ele. Então, quando o rei se lança em minha direção, espero que esta respiração em meus pulmões seja a última.

A morte me permite um único momento para aceitar meu destino. Ele pega minha mão como um velho amigo, nossa reunião finalmente. E eu estou contente. O pai que nunca ousaria me machucar está esperando lá fora, com Adena ao seu lado e Mak ao lado dela.

O som de aço cantando ecoa pela sala quando Kai bloqueia a lâmina de seu irmão com um atiçador de fogo. Ele tinha acabado de arrancá-la do gancho quando Kitt balançou, forçando-o a passar por baixo do golpe em arco e detê-lo com braços trêmulos. Kitt arrasta sua espada por todo o comprimento do atiçador antes de recuar. "Saia do meu caminho, Kai. Isso é uma ordem."

“Não até você se acalmar.” O Enforcer vira o foguista na palma da mão. “Eu vou lutar com você a noite toda se eu precisar.”

Mágoa passa pelo rosto de Kitt. “Você nunca vai parar de escolhê-la até que ela se vá.”

O rei tenta empurrar seu Enforcer novamente, mas Kai entra no caminho da lâmina. Aquela barra de ferro contra-ataca a espada balançando mais uma vez, embora sua ponta pontiaguda evite habilmente o peito de Kitt. Observo Kai, notando o quão deliberadamente ele permanece na defensiva. Esta não é uma luta que ele pretende vencer — apenas uma que ele deseja pôr fim.

Não posso fazer mais nada além de balançar a cabeça para eles. “Parem com isso, vocês dois!”

O foguista Kai trava choques contra a espada do irmão. “Não vou escolher entre nenhum de vocês!”

“Você já fez!” Kitt ofega. Ele empurra um dedo trêmulo em direção ao espaço vazio ao lado de Kai. “Ela me contou!”

Olhando severamente para o nada indicado, Kai murmura, “Você está doente, Kitt. Deixe-me ajudá-lo.”

“Doente?” O tom do rei é terrivelmente calmo. Então ele está rindo, o som de alguma forma mais assustador. “Grandeza não é uma doença, irmão. E quando ela se for, você verá isso.”

Um choque de metal se inicia. Sombras irregulares são pintadas nas paredes, rabiscando uma história em constante mudança dessa batalha entre irmãos. É hipnótico, a maneira como eles fluem para dentro e para fora da ferocidade um do

outro. Isso é uma dança bem praticada, da qual eles são parceiros há anos.

Pisco para suas formas, para a fluidez que encontram um no outro. Isso dificilmente é uma luta — isso é reminiscência. É como se estivessem de volta ao pátio de treinamento, lutando com uma rotina que é uma segunda natureza.

Kai avança, arqueando sua arma. Kitt recua para segurar o ataque com a lâmina de sua espada. Uma cruz de metal pende entre eles enquanto ambos os irmãos se esforçam contra a força um do outro. Eles se afastam. Retomam a rotina que criaram quando meninos.

Essa é a distração do Enforcer.

Eu os observo antecipando cada movimento.

Acalme Kitt sem machucá-lo no processo.

Há algo tão inebriante na maneira como eles se movem. Fico ali, atordoada com a visão de duas pessoas se conhecendo tão profundamente. É fascinante, como uma profecia predita finalmente se desenrolando diante dos meus olhos. A hostilidade de Kitt para comigo não significa nada neste momento, porque não há nada além de paz aqui.

O aço brilha; o metal canta. Kitt avança; Kai foge. O Enforcer finta; o rei antecipa.

É uma bela sequência de caos controlado. Quando suas armas se encontram novamente, e eles ficam cara a cara, um leve sorriso é compartilhado entre eles. É assim que eles se conhecem — é assim que eles se lembram de si mesmos. Diante de mim estão os irmãos que ensinaram um ao outro a amar com uma espada na mão e um anel lamacento sob seus pés. Eles encontraram companheirismo naquilo que podiam controlar, e neste momento, isso é um ao outro.

Respirações ofegantes preenchem o escritório, sombras paradas na parede antes que os irmãos se separem. Ainda compartilhando aquele pequeno sorriso, eles retornam àquela familiar onda de movimento.

Kitt avança. Kai defende.

O Executor empurra o foguista em direção ao rei, suas costas largas bloqueando minha visão.

Espero pelo som de resposta do aço.

Eu espero mais.

O tempo fica lento.

Algo se move no ar, como uma gagueira da música que eles estavam discutindo. Seus pés param desajeitadamente entre as batidas dessa dança ensaiada. A paz que antes enchia esta sala foge dela.

Um golpe forte nas costas colide com meu peito, me fazendo cambalear.

É quando um som assustador enche a sala.

Um grito estrangulado corta o silêncio.

Minha própria respiração trêmula enche o ar tenso enquanto passo ao redor de Kai.

Há aquele leve sorriso no rosto de Kitt — aquele que ele costumava dar tão livremente. Encantador e caloroso. Agora ele encontrou seus lábios novamente, como se para compensar todas as vezes em que ele havia se esquecido de como usar a felicidade.

Meus olhos se voltam para baixo.

O foguista de ferro sobressai do seu peito.

Aquele cabelo dourado está desgrenhado em sua cabeça, brilhando como uma auréola ao redor de seu rosto pálido.

O sangue do rei mancha o mesmo que o de seu pai.

Kai corre até seu irmão, com a voz embargada. “Não! Você deveria ter se esquivado, Kitt!”

Atordoado, o rei olha para o foguista enterrado em seu peito. Toca dedos trêmulos na ferida jorrando. Sua palma se apoia pesadamente na mesa ao lado dele, deixando uma marca sangrenta em cima de sua pilha de pergaminhos. Meu corpo inteiro treme enquanto vejo o sangue escorrer do toque de Kitt, banhando palavras rabiscadas em escarlate sob as pontas de seus dedos. Seus grandes olhos verdes se erguem. "Eu... esqueci."

Kai segura seu irmão quando ele tropeça.

Folhas de papel manchadas caem da mesa.

O rei os observa flutuando delicadamente em direção ao chão.

E então ele segue.



CAPÍTULO 68

Kai

Kitt tocaram o chão bem ao lado dos meus.

Não consigo pensar. Não consigo sentir. Não consigo ouvir nada além do som doentio da carne do meu irmão se rasgando, repetidamente, na minha mente.

A raiva me consome, engolindo toda a sanidade. Sinto-me oscilando à beira de uma escuridão irreversível, como um buraco escancarado em que minha alma está lentamente deslizando. Mas eu me agarro àquela luz bruxuleante dentro de mim, aquele pedaço de Kitt que ele plantou ali, e imploro para que não queime.

Ele balança sobre os joelhos trêmulos antes de começar uma queda agonizante em direção ao chão. Eu o seguro, meu braço se enrolando em suas costas enquanto o deito gentilmente.

Isso não pode estar acontecendo.

Nada disso está certo, nem a quebra de caráter do meu irmão, nem o foguista de cabelos empinados que o espetou.

Uma poça de sangue rasteja lentamente pelo tapete sob seu corpo trêmulo, e mal consigo sentir seu calor pegajoso lambendo meus joelhos. "Você deveria ter se esquivado", digo novamente, minhas palavras pesadas de culpa. "Achei que você fosse se esquivar."

O delírio que estava agarrando Kitt tão fortemente começa a escapar. “Eu esqueci. Eu... eu não consigo nem me lembrar de mim mesmo.”

Tento ignorar as lágrimas brotando em meus olhos enquanto pressiono as mãos trêmulas em seu ferimento. Sangue escorre entre meus dedos. "Vou consertar isso, ok?" Agora sou eu quem soa histérica. "Você vai ficar bem."

Paedyn senta-se rigidamente ao meu lado, seus olhos arregalados e vidrados. Os olhos de Kitt se voltam distantes para sua rainha. “Eu me importei com você. Eu—eu não quero ser um monstro.”

Minhas mãos seguram o rosto de Kitt, virando-o em direção ao meu rosto severo. “Ei, eu sou o monstro. Não você, tudo bem?”

Sua voz está grossa de dor, com algo frio que não ouso identificar como a chegada da Morte. “Você é um peão. Mas eu sou... eu sou o rei que joga com você. Embora eu não me lembre da maioria dos meus movimentos.”

Eu forço uma risada trêmula porque a alternativa é muito condenatória. "Sempre o drama com você, Kitty." Minha garganta aperta enquanto eu agarro sua mão ensanguentada. "Eu vou consertar isso."

Uma lágrima rola pelo meu rosto enquanto fecho os olhos em busca do poder de um Curandeiro.

Sangramento duplo na minha frente. Hidro no fim do corredor.

Eu cavo mais fundo, alcançando os corredores além.

Rajada. Escudo. Véu.

Cada Imperial do lado de fora da porta é completamente inútil para mim. Eu luto contra minha habilidade, incitando-a em direção ao outro lado deste castelo extenso onde eu sei que os Healers residem — onde cada um deles está inutilmente fora do meu alcance. Uma parede bate em meu poder, e o terror aperta meu coração.

Não. *Não.*

Eu protesto contra isso, minha cabeça latejando com a força. Meu pai costumava levar minha habilidade ao ponto do fracasso, e era assim que parecia. Uma onda de exaustão cai sobre mim, evidência da minha fraqueza. Evidência de uma Praga fabricada e suas falhas.

A salvação de Kitt está além do meu alcance.

"Não há Curandeiros," eu suspiro. "Eu preciso de um Curandeiro!"

O grito ecoa pelo escritório, repetindo meu desamparo repetidamente. O desespero sai da minha garganta novamente. "Paedyn, vá me encontrar um Curandeiro."

Ela assente, o rosto pálido. "Mantenha-o acordado até eu voltar."

E então ela sai correndo da sala.

Olho para Kitt e seu aperto afrouxando em meus dedos. "Você vai ficar bem, ouviu?" É todo o conforto que consigo reunir para ele enquanto desejo que as palavras sejam verdadeiras.

Olhos verdes ficam embaçados. Sua cabeça balança, um balanço violento de seu crânio contra o chão ensanguentado. Um sussurro me deixa em ruínas. "Não me sinto bem há... um tempo. Não... lembro. Mas estou com medo, Kai."

Um soluço sai de mim.

Abaixo a cabeça, ombros tremendo no ritmo da batida do meu coração despedaçado. "Estou bem aqui." Minha voz falha. "Você vai ficar bem."

"Era tudo por nós. Eu me lembro disso," ele murmura fracamente. "Eu s-só queria meu irmão de volta."

"Você nunca me perdeu." Minhas palavras são um apelo que eu preciso desesperadamente que ele entenda. "Eu sempre estive ao seu lado — seu irmão, não importa o nosso sangue."

"Não." O sorriso suave de Kitt mostra o sangue escorrendo em seus lábios. Aquela névoa enlouquecida parece ter se quebrado, deixando apenas a casca do meu irmão para trás. "Você estava em algum lugar entre nós. N-nunca foi capaz de decidir quem você amava mais."

Eu balanço minha cabeça. Lágrimas respingam em seu peito ensanguentado. "Eu posso amar mais de uma pessoa, Kitt."

"Mas eu não posso," ele sussurra. "Você era a única pessoa que me amava, Kai. E eu—eu estava... perdendo você para ela."

Eu abaixo minha cabeça nas mãos manchadas com o sangue do meu irmão. "Isso é tudo culpa minha. Deveria ter sido eu!" Eu engasgo com a emoção entupindo minha garganta. "Este é o meu destino. Eu deveria proteger você."

Kitt suga uma respiração ofegante. "Eu acho..." Seus olhos se fecham. "Meu destino era salvar você de mim."

"Não diga isso", eu engasgo. "Você é o rei. Você é meu *irmão* ." Um soluço se entrelaça entre cada palavra a seguir. "E nós prometemos ficar sempre juntos. Envelhecer o suficiente para que a única coisa que lembraremos seja um do outro, e

isso seria bom, porque você vale cada uma das minhas memórias. Você me prometeu isso, Kitt." Eu puxo meu cabelo com uma mão ensanguentada. "Droga, você prometeu!"

Kitt levanta a cabeça do chão, cabelos dourados emaranhados com sangue. Meus joelhos encharcam a poça enquanto eu alcanço para embalar seu pescoço. Ele olha para mim, olhos quentes quando pousam nos meus — assim como sempre foram. "Eu não quero... ser um monstro," ele sussurra. "Eu-eu só queria ser ótimo."

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. "Você não precisa ser ótima, Kitt. Você é *boa* . Você sempre foi boa."

Ele balança a cabeça, e o movimento tem uma tosse áspera saindo de lábios ensanguentados. "Eu não quero ficar sozinho."

"Você não vai ficar," eu digo asperamente. "Porque você vai ficar bem. Eu e você, Kitt. Sempre. Você... você me prometeu isso." Eu levanto minha cabeça para deixar outro grito fútil sair da minha garganta. "Socorro! Eu preciso de um Curandeiro!"

"Kai."

É fraco, meu nome vindo de seus lábios. Mas o contentamento silencioso com que ele diz isso é o suficiente para me fazer chorar.

Ele aceitou esse destino. Quebrou uma promessa. Condenou-me a uma vida sem ele.

"Enterre-me..." Kitt respira fundo várias vezes. Então sorri. "Debaixo do salgueiro. Eu... eu não ficarei sozinho lá."

Minha alma parece estar se partindo em duas. "Não consigo fazer isso sem você, Kitt. Por favor. *Por favor.* "

Ele não diz nada. Seus olhos se fecham.

"Fique comigo, Kitt!" Dou um tapinha em sua bochecha, embora eu mal consiga vê-lo através do meu fluxo constante de lágrimas. "Preciso que você fique acordado."

Seu olhar turvo encontra o meu novamente. Então ele está levantando mãos trêmulas para tatear com a aliança em seu dedo. Minha voz treme. "O que você está —?"

Kitt solta aquela faixa de aço. E com o resto de sua força minguante, sussurra: "Amem-se uns aos outros por mim."

Então o anel é pressionado na minha palma.

"Não." A palavra é desafiadora. "Não!" Esta goteja angústia. "Preciso de você comigo, Kitt!"

Seu olhar se move para cima. Descansa nas sombras prateadas que se agarram ao teto, olhando para nós. "Eu escrevi cartas com l para você." As palavras quase se perdem no frio da Morte. "Para que você possa ver por que eu sou... um monstro."

Há um arregalar repentino dos olhos verdes que tão facilmente se enrugavam com o riso. Eles se distanciam, presos em um fantasma ao meu lado. A respiração chacoalha em seu peito. "Estou com medo, Kai."

Aperto sua mão, pressionando-a contra minha testa com um gemido. "Estou bem aqui." Acho que posso estar morrendo bem ao lado dele. "Você está bem."

Uma onda de alívio o invade. Sua mente parece clara pela primeira vez em semanas, mas suas palavras somem. "Eu só quero ser ótimo."

"Você é," eu respiro. As lágrimas estão caindo mais rápido agora. "Você será lembrado como o maior rei de Ilya. Eu prometo isso a você, irmão."

Sangue brota de baixo de seu corpo, como uma piscina pacífica cercando uma cena macabra. Mancha seu cabelo, virando as pontas de cada fio loiro em uma delicada coroa, como se a própria Morte o tivesse colocado em sua testa.

“Perdoe-me, Kitt”, imploro.

As palavras calmas que ele almeja por cima do meu ombro não são para mim. "Eu irei gentilmente. Por você."

Então seu olhar se fixa no mundo além.

O meu fica quieto sem ele.

"Você e eu", sussurro contra seu peito ensanguentado.

A paz está sempre estampada em suas feições.

A angústia me dilacera de dentro para fora.

“Por favor... não me deixe...”

Estou entorpecido.

Estou morto ao lado dele, mas amaldiçoado a continuar vivo.

A tristeza é minha igual. A miséria é um espelho.

Eu chamo a tristeza pelo seu nome e falo o meu.

Minha cabeça cai para trás com um rugido de agonia.

Meu irmão.

Meu irmão.

Meu irmão.

E quando Paedyn abre a porta, com uma Curandeira ao seu lado, estou sem vida no chão ao lado do meu irmão.



Édrico

Antes de encontrar seu destino nas mãos de Paedyn Gray, o rei avisa seu filho sobre a ameaça que ela representa.

Examinando-o minuciosamente, como costuma fazer, Edric Azer vê o homem que se apaixonou por Iris Moyra todos aqueles anos atrás. As semelhanças entre o rei e seu herdeiro são assustadoras, como olhar para um espelho distorcido e ver pedaços de si fossilizados no rosto de outra pessoa. Kitt olha cautelosamente para seu pai de seu assento designado diante da lareira enquanto Edric reclina casualmente em seu couro gasto, como se ele não tivesse acabado de arrancar metaforicamente o chão debaixo dos pés de seu filho.

"Então, realmente," Kitt se aventura lentamente, "você é o líder da Resistência?"

Edric tamborila os dedos contra o braço desbotado. "Tecnicamente. Embora, seja Calum quem é o rosto disso."

"E ele é um dos Fatals que você escondeu?" Kitt confirma.

"Sim. Ao longo dos anos, tentei manter suas identidades o mais escondidas possível. Meus Fatals são minhas armas e espiões mais poderosos. Eles não são úteis para mim se todos sabem quem e o que eles são." O rei encontra os olhos do filho, e novamente, aquela sensação estranha o invade. É como se ele estivesse olhando para o próprio olhar. "Kai ainda não sabe a verdade. Mas você, Kitt, é meu herdeiro. É hora de você saber dessas coisas. Conheça meus planos para que você possa continuar a cumpri-los quando eu não puder mais."

Kitt se endireita em seu assento, uma estranha sensação de importância o

inundando. Ele esperou, para o bem ou para o mal, a vida inteira para provar seu valor ao seu rei — seu pai. O garoto queria pouco mais do que ser necessário para o homem que sempre reteve sua afeição. Embora o relacionamento de Edric com Kai esteja tenso, Kitt se vê com inveja até mesmo da aprovação relutante que seu pai sente pelo Enforcer. É orgulho — elogios, até — que o herdeiro se vê desejando. Mas seu papel não é aquele que exibe realizações tangíveis, e isso o força a trabalhar ainda mais para provar a si mesmo.

Fracasso é a palavra que Kitt mais teme, e isso o atormentará ainda, mesmo após a morte de seu pai. Ele não tem certeza de onde vem a necessidade avassaladora de agradar, apenas que ela parece apodrecer a cada dia que o rei enfia um livro sob seu nariz. A decepção que Kitt pode suportar, mas a indiferença do homem que deveria amá-lo deixa o garoto louco. Nada nunca é bom o suficiente — nem seus estudos, nem sua etiqueta, nem seu carisma praticado. Pelo menos com o campo de fisicalidade de Kai, há alguma medida de realização. Alguma morte a ser distribuída ou comando a cumprir.

Um pensamento sombrio sempre habitou no fundo da mente de Kitt. Talvez a morte de sua mãe tenha manchado seu relacionamento com o rei. Até o príncipe se odeia pela morte dela. Quando, na verdade — uma que Kitt nunca saberá — Edric não pode amar algo que é impotente. E, ao contrário de Kai, o herdeiro é quase inútil até a morte do rei, e isso não lhe cai muito bem. No entanto, se Edric fosse honesto consigo mesmo — ele raramente é — ele admitiria o quão semelhante é a temperança de Kitt à de Iris. Isso só torna as coisas mais difíceis para o rei e talvez seja o que o leva a moldar o príncipe em algo mais severo.

Mas aqui, neste momento, o rei precisa de algo de seu filho. E mesmo depois de todo esse tempo, Kitt fará qualquer coisa para deixá-lo orgulhoso.

“Você quer que eu mostre os túneis para Paedyn?”

Kitt diz isso com um tipo de emoção cética. Severo, embora igualmente brando, o rei elabora. “Ela tentará convencê-lo a levá-la através deles, como eu disse. Você fará isso, mas não obviamente. Não deve ser difícil para você relembrar como nunca se afastou muito das muralhas do castelo.”

Esta é uma triste verdade, uma que o herdeiro não terá problemas em falar. Não haverá necessidade de colocar uma fachada para esta garota intrigante, mas sim, baixar suas paredes e deixar os sentimentos jorrar por trás delas. No entanto, isso pode ser mais difícil.

“Ela não faria isso,” Kitt insiste. “Você não a conhece como eu, pai. Ela não vai me trair para—”

“Ela não é nada!” O silvo do rei faz seu filho estremecer. “E aqueles que não são nada tirarão tudo de você. Lembre-se disso, filho.” Ele levanta um dedo rígido entre eles. “Não cometa o erro de sentir por ela.”

Neste momento, Kitt não acredita que seu pai esteja certo. Ele mantém a esperança perto de seu coração, acreditando na bondade que ele sabe que sua mãe teria desejado que ele tivesse.

Mais tarde ainda ele descobrirá a ingenuidade da esperança.

Lentamente, Kitt assente, sempre obediente aos desejos do pai. “E por que, exatamente, estou fazendo isso?”

O rei sorri, e é alegre o suficiente para dizer ao herdeiro que não é para ele. "Porque

finalmente sou capaz de dar um fim à Resistência."

O príncipe pensa nisso. Seu rosto relaxa de surpresa. Pela primeira vez desde que era um menino, o homem diante dele de repente se torna exatamente isso. Por trás da fachada de um grande rei, um deus das Elites, jaz um homem determinado. Kitt sempre pensou que seu pai se esforçava por mais do que apenas a erradicação dos Ordinários, mais do que um único reino de Elites.

Aquela imagem perfeita e poderosa de Edric Azer começa a derreter, deixando uma criança estranhamente decepcionada com os pecados medíocres de seu pai. Ele sempre esperou mais do homem que o criou de forma tão leviana. Se Kitt e Kai tivessem suportado suas vidas sem amor por algo realmente grandioso, poderia ter valido a pena.

Porque essa é a verdade. Kitt nunca aprendeu a amar, e ainda assim, de alguma forma ele tropeçou nisso com seu irmão. Mas todo o resto, cada tentativa desesperada de obter o favor de seu pai, nasce da obsessão. Isso é o que o rei lhe ensinou.

"É tudo o que você quer, Pai?" O herdeiro limpa a garganta, intensidade aumentando por trás daquele olhar verde. "Uma sociedade verdadeiramente Elite somente dentro de Ilya?"

"O que mais eu poderia pedir?", o rei estala. "E se eu encontrar meu fim antes que ele esteja terminado, você continuará meu legado. Extermine os Ordinários para sempre. Como sempre foi destinado a ser."

Kitt pisca lentamente. É tudo o que seu pai quer dele? Tudo o que se espera dele depois de tudo o que ele suportou?

"Você me ouviu, garoto?" A voz estrondosa do rei não faz Kitt estremecer. "Tenho planos para você."

O herdeiro concorda. Ele também tem planos.

Kitt se tornará muito maior que seu pai. Então, ele terá conquistado sua aprovação. Tornar-se-á digno de um amor que ele nunca entendeu.

Mais tarde, Edric falará com sua filha novamente, girando cada palavra para parecer que ela está influenciando seus filhos. Cada golpe tem a intenção de estimulá-la a passar mais tempo com Kitt — o herdeiro discretamente cumprindo as ordens de seu pai. Logo aquele garoto se tornaria um rei, e com a coroa vem uma descoberta da verdade. A carta que Edric deixa para seu filho é um reflexo daquela que Landan deixou para ele. E assim o segredo da grande Peste é passado adiante.

Quanto a Kai, bem, o rei não se importa com o relacionamento incipiente entre seu Executor e a filha esquecida. Nem se importa com o sobressalente que não é verdadeiramente seu. O rei se deleita com o poder de Kai tanto quanto o despreza. Porque, na verdade, não nasceu dele, fazendo Edric odiar como algo tão forte não é seu para reivindicar. É por isso que ele pressiona tanto o garoto, derrama seu sangue no treinamento e endurece o coração que o bombeia. Ele igualmente ama e odeia o poder de seu Executor, e isso gera uma imensa escuridão entre eles.

Kai não entende a extensão da indiferença de seu pai para com ele ou por que ele sofre tanto nas mãos de seu rei.

Paedyn não entende a extensão de seu nascimento e como ele está conectado ao ódio do rei por ela.

Kitt não entende a extensão do ódio de seu pai pelos Ordinários, mas ele não

precisa entender. Não importa os raciocínios, é inferior a tudo o que o rei o fez passar. O herdeiro não tolerará mais ser comum aos olhos de seu pai — ele esmagará todas as esperanças e sonhos que Edric tem para Ilya. Kitt Azer determina ser a grandeza que seu pai nunca foi.

Com o tempo, eles virão a ver o que estava escondido deles. Cada mentira trazida à luz, cada segredo desvendado.

Mas o rei, querido Edric, nunca saberá a verdade por trás daquela rosa na caixa de joias de Iris.



CAPÍTULO 69

Pedyn-P ...

Seis dias após a morte de Kitt, ganhamos coragem para reunir a pilha de cartas ensanguentadas.

A maioria não foi mutilada pela morte do rei, tendo se encolhido em um canto escuro da gaveta de sua escrivaninha. A tinta mancha as páginas de algumas, enquanto o sangue mancha as outras, deixando as palavras ofegantes sob as grandes manchas. Cada letra arranca um pedaço diferente de Kitt. Alguns com raiva e tristeza, outros calculistas ou solitários.

Nem todas são endereçadas a alguém. A maioria é apenas um rabisco de consciência ou derramamento de emoção.

Mas não faltam lágrimas.

Kai chora por seu irmão. Eu choro brevemente pelo garoto que eu conhecia. Kitt Azer estava em guerra consigo mesmo, a caneta sua arma e o pergaminho seu inimigo. A batalha que se travava atrás de seus olhos era uma que ele lutou sozinho até o fim.

Os irmãos estão perdidos um sem o outro. Kitt, porque seu Enforcer não é mais seu. E Kai, porque seu rei morreu em seus braços.

Então ele chora.

Kitt se foi, e um pedaço de Kai com ele.

O pai ainda está morto. Ela o matou.

Não sei mais o que dizer, escrever ou fazer.

Ainda consigo ver seu pescoço decepado quando fecho os olhos, então não consigo dormir.

Paedyn se foi. A garota em quem eu confiava agora é uma traidora da coroa. Uma assassina.

E eu estou com raiva. Por que estou com tanta raiva? Ele nunca me amou.

~~Mas ele morreu antes que eu tivesse a chance de fazê-lo.~~

Estou enviando meu Enforcer atrás dela – acho que ele não gosta quando o chamo assim. Não falamos muito desde o momento em que me ajoelhei na lama ao lado do Pai.

Sinto algo se desgastando dentro de mim. Talvez seja minha sanidade.

Pedyn,

Você viu a luz deixar os olhos dele?

Esses são meus olhos. Mas você sabia disso.

Estou com raiva. Mas você sabia disso.

~~E ainda assim, parte de mim ainda está tentando odiar você. Mas você sabia disso.~~

Meu Enforcer está vindo atrás de você.

Correr.

Eles enterraram o rei. Fizeram de mim o próximo.

Não saio do escritório há dias. Não tenho certeza se falei com algo além de papel há dias.

Os criados fofocam sob minha janela.

~~Eu jogo minha comida ali para dar a eles outro assunto para conversar.~~

Todo mundo acha que eu enlouqueci, e talvez eu tenha enlouquecido.

Talvez

Eu

sempre

era.

Kai não lamenta. Vejo a preocupação em seu rosto sempre que nossos olhos se encontram, como se ele estivesse tentando entender por que eu sofro. Ele nunca saberá o que significa ser um fracasso. Meu pai amava o poder, e foi isso que ele viu em meu irmão. Mas eu? Eu era mansa. Gentil. Nada como o herdeiro que ele esperava.

Uma decepção.

Estou cansado de sofrer.

O que ele fez para ganhar meu amor?

Foi ordenado de mim? Eu só sei o que fazer quando ele me pede. E ele não me disse para sentir. Não, eu fiz muito disso. Gentil demais. Fraco demais. Suave demais. Diferente demais de Kai.

Estou farto de luto.

Tenho lamentado a falta do seu amor durante toda a minha vida.

Tudo era para ele. Tudo o que sou e tudo o que estou me tornando.

Pai. Rei. Você.

VOCÊ.

Tudo isso é para você. Você consegue ver isso por baixo dos seis pés de terra que nos separam? Essa é a necessidade para o seu amor muito ~~fraco~~ para você? ~~Se você está gritando comigo, você terá que falar, Pai.~~

Poder é o que você sempre quis de mim.

Então eu me tornarei isso.

Calum me encontrou, exatamente como imaginei que faria.

Corajoso. Benevolente. Brutal.

Ele me contou sobre seu plano de continuar o trabalho do meu pai. Lembrei-me mais uma vez de quando o rei me contou sobre sua esperança por um Ilya verdadeiramente Elite. Tudo parecia tão simplório, tão baixo para um homem que esperava perfeição de seus filhos.

Por tantos anos, eu esperava que algo grandioso viesse da sua falta de amor. Mas a obsessão do Pai com ordinários o colocou de joelhos.

Calum me diz para casar com Paedyn Gray. O assassino do meu pai.

Ela vai tirar os ordinários restantes do esconderijo. Seu reinado será um estratagema para livrar Ilya discretamente dos fracos.

Mas eu quero fazer muito mais.

Encontrei a carta do Pai para mim. Ele deseja que eu cumpra seus planos, continue livrando o reino dos Ordinários. E eu poderia ter feito exatamente isso, poderia ter seguido seus passos, esperando agradá-lo na morte.

Mas então descobri a verdade.

Elites poderiam ser criadas, e eu poderia governar todas elas.

Com uma Ordinária como rainha, os reinos se abrirão suas fronteiras para nós. Não será difícil contrabandear a Peste para dentro de cada cidade com recursos limitados. E quando uma nova onda de Elites nascer, eu serei o rei deles.

Eu serei ótimo.

~~Vou provar meu valor ao Pai.~~

Serei muito maior que ele.

Irmão,

Quando foi a última vez que te chamei assim? É estranho, não lutar com você de manhã, ou visitar Gail para ver quem consegue roubar mais comida pelas costas dela.

Sinto saudades de nós. Sem títulos. Sem deveres.

Você partiu para sua missão há dois dias, e não posso deixar de me perguntar se você retornará. Você ama essa versão de mim o suficiente? É justo perguntar isso?

~~Você deveria ser leal a mim.~~

Eu vou ser melhor para você. Para nós. Ninguém nunca me amou como você. Eu preciso de você para me tornar inteiro novamente. Você, Kai. Eu fui duro quando você foi embora – eu sei. Mas volte para casa e me puna por isso no ringue de treinamento. Volte para casa e me dê outra chance de ser seu irmão.

~~Ou talvez seja nela que você deposita sua lealdade.~~

Nós vamos mudar Ilya, irmão.

Você e eu. Sempre.

Calum concordou com meu plano.

Os reinos vizinhos devem abrir suas fronteiras para a recepção dos Ordinários e o noivado para Paedyn Gray. Por mais que eu queira arrancá-la de nossas vidas, Calum apontou à influência que ela tem nas favelas. Eu só preciso dela no trono como um símbolo para as cidades, para que elas baixem suas guardas contra nós.

Isto é, até que a Peste nos livre dela. Tudo desmoronou quando ela tropeçou em nossas vidas. Ela matou meu pai. Roubou meu irmão. Mesmo agora, a traidora provavelmente está puxando Kai de volta para seus braços.

Mas preciso dela por mais um tempinho.

E então terei meu irmão de volta.

Tomei uma dose da Peste.

Talvez tenha sido um erro. Li na carta do pai como ele deu uma dose para Ava quando ela nasceu. Ele estava com tanto medo de ter uma criança fraca que fez tudo o que pôde para evitar isso. Mas Ava era apenas uma criança – ela não conseguiu sobreviver à doença.

Quando contei aos Scholars sobre meus planos para Ilya, eles me informaram veementemente que não havia pesquisa suficiente feita sobre o que aconteceria a um Elite que tomasse outra porção da Praga. Então me tornei seu sujeito de teste antes que pudessem se opor. Agora eles são forçados a fazer tudo o que podem para me manter vivo.

Não contei a Kai sobre a verdade da morte de Ava – sobre nada, na verdade. Mas sobreviverei a esta Praga. Tenho que sobreviver. Tenho que ser ótima. Meu pai sempre achou que eu era muito mole, muito fraca. Agora serei muito mais poderosa do que ele jamais foi. Só preciso viver.

Kai,

Você já deveria ter voltado.

Você fugiu com ela? Você abandonou nosso para sempre por uma chance de um com o assassino do nosso pai?

~~Você ainda a ama, não é?~~

Você não vê como ela nos separou? Ela nos arruinou.

Venha para casa. Por favor.

Tudo voltará a ser como antes.

Os estudiosos estão lutando contra mim.

Eles querem acumular nossas habilidades como os reis antes tinham. Os Healers me monitoram de perto, esperando pelos primeiros sinais de doença – e se eu sobreviverei ou não.

Eu os forço a todos a concordarem com meu plano.

Eu não sou os reis de antes.

Meu Executor está de volta com minha noiva.

Ele a trouxe para casa, para mim.

Talvez a lealdade dele ainda resida em mim. Talvez eu tenha julgado mal os sentimentos dele por Paedyn. Livrá-la de nossas vidas pode ser mais fácil do que eu pensava.

A corte ficou chocada com meu decreto. O povo deve acolher os ordinários em Ilya para que as cidades vizinhas nos recebam. Eles ainda precisam descobrir o quão grande eu tornarei este reino – o quão longe eu estenderei nossas fronteiras.

Paedyn me deixou colocar aquele anel em seu dedo porque ela espera por um Ilya unido. Mas eu unirei muito mais que Ilya.

Cada cidade tatuada em nossos mapas, de Shallows a Scorches, será nossa.

Pelo meu próprio legado. Pelo meu irmão. Por nós.

O bombardeio no desfile foi desagradável, mas eficaz.

Easel pressionou Paedyn a provar seu valor ao reino entrando em outro conjunto de Trials – exatamente como eu havia planejado. Eu quero que ela

vá embora, e as pessoas querem uma distração. Mas ela será útil para mim se viver para ver seu segundo Trial.

Eu farei Paedyn navegar até Izram e deixar para trás uma caixa de rosas atadas com a Peste. Se meus bandidos a matarem antes disso, eu começarei com Dor.

Estou tossindo agora, mas faço o meu melhor para esconder. Não quero que Kai se preocupe. Vários Healers e Scholars documentam meu progresso diariamente. Ervas de gosto ruim são forçadas goela abaixo na esperança de que ajudem minhas chances de sobrevivência.

Não há nada mais forte do que uma mulher a quem dizem que ela é fraca.

Algo mudou em Paedyn. Essas Provas só a fortaleceram. Parte de mim quase quer admirar sua resiliência.

Passamos vários momentos civilizados juntos, tudo enquanto eu mordo minha língua e sufoco meus sentimentos. Eu estava errado em pensar que Kai abandonou seu amor por ela. Os dois estão mais próximos do que nunca, e eu sou aquele que os uniu. Vejo o jeito como meu irmão olha para ela, a devoção deslizando por baixo da máscara de estoicismo que o Pai o ensinou a usar.

Acho que Kai se preocupa que eu ainda tenha sentimentos por Paedyn, que eu a afaste em consideração a ele. Deixe-o pensar o que ele deve. Mas tudo o que eu sentia por Paedyn Gray morreu quando meu pai morreu. Quando ela me traiu como eu acreditava que ela nunca faria.

Eu quero que ela vá embora. Posso sentir Kai escapando de mim a cada dia. Ele vai escolhê-la – eu sei que ele vai. E eu não vou perder meu irmão.

Encontrei a caixa de joias da minha mãe.

Foi a primeira vez que entrei em seu quarto. Por anos, eu me perguntei o que havia atrás daquela porta. Agora eu sei que é apenas memória. O quarto está empoeirado, esquecido, estagnado. Quase não havia vestígios da mulher que eu teria chamado de "Mãe" – apenas aquela caixa de madeira com seus bens mais valiosos.

Mas foram as notas que encontrei lá dentro que foram mais intrigantes. E então elas eram preocupantes. Levei vários minutos para reconhecer de quem era a caligrafia que as decorava. A raiva veio logo depois.

Se Calum era íntimo da minha mãe, não tenho como saber se sou o herdeiro legítimo. Esse conhecimento pertence somente ao Leitor de Mentes. Até mesmo a mera possibilidade de ele ser meu pai o torna um risco. Ele pode ter que ser tratado.

Pedyn,

Na verdade, você não é um indivíduo fácil de odiar. Eu nem diria que meus sentimentos por você são tão fortes. Eles são, na verdade, indiferentes. Houve uma época em que Paedyn Gray tinha os dois príncipes na palma da mão, mas isso foi antes de ela me trair e matar meu pai. Eu

não levo isso para o lado pessoal, na verdade. Não mais. Na verdade, você me libertou do homem que sempre estava me segurando.

Encontrei outra coisa para perseguir, ficar obcecado, como sempre faço. E você está me ajudando. Por isso, sou grato. Mas, por favor, não se ofenda com a morte inevitável que deixarei você conhecer. Este legado, esta vida, foi feito apenas para meu irmão e eu compartilharmos. E eu não o compartilharei com você.

Quando chegar a hora, garantirei que o reino lamente por você. Você tem minha palavra. Não desejo ser seu monstro, Paedyn. Parte de mim ainda se importa com você. Mas eu só sei amar meu irmão.

Eu roubo momentos com Kai sempre que posso. Ele me mantém estável. Eu me sinto eu mesma quando estou com ele, mesmo quando a Peste começa a corroer minha sanidade.

Eu só desejo que as coisas voltem a ser como eram antes dela. Os sentimentos dele pela minha noiva não são ideais, mas ele passará a vê-la como a ameaça que ela é para nós.

Eu só quero meu irmão de volta. Eu quero grandeza.

É pedir muito?

A Peste me deixou fraco, entorpeceu minha mente. Raiva é uma emoção que agora pertence à Peste. Sinto que ela me inunda como uma onda que não consigo controlar. Kai acalma aquela parte desgastada de mim. Mas Paedyn a libera.

É bom ficar bêbado com meu irmão de novo. Paedyn está lá. Paedyn está sempre lá. Mas é suportável quando Kai está por perto. Posso ser eu mesmo, estar com ele. A Peste me permite isso.

Eu gosto do tempo com meu irmão. E, no fundo, eu gosto do pouco tempo que me resta com Paedyn.

Eles partiram para Izram hoje.

Talvez eu nunca mais veja meu irmão. Ele não percebe que isso é tudo para ele? Para nós? Ele nunca foi feito para navegar por águas traiçoeiras. Mas ele está apaixonado por ela. ~~Ele fará qualquer coisa por ela porque a ama mais do que me ama.~~ Eu só preciso que ele volte para casa.

Enviar Paedyn para Izram foi parcialmente com a esperança de que ela não voltasse. Eu discretamente informei ao capitão que jogá-la para fora do navio era uma opção, se seus homens assim desejassem. Mas com Kai a bordo, ele garantirá que Paedyn volte para casa inteira – ou nenhum deles voltará.

Embora o verdadeiro propósito de sua jornada seja presentear Izram com uma caixa de rosas rendadas. Elas serão as primeiras a suportar a Peste, mas com o tempo, elas me agradecerão por isso.

Se o mar permitir que Paedyn conheça a Rainha Zailah, seu Julgamento ainda estará de pé. Preciso que ela convença a mulher teimosa a aceitar nossa oferta de paz. E preciso que Kai volte para casa. Não sei o que serei quando ele retornar.

Os médicos reais estão preocupados. Minha mente está à deriva. Meu corpo está fraco. Mas eu vou viver. ~~Não posso morrer antes de ser melhor que ele.~~ Eu vou viver.

Ao contrário do meu pai, não preciso de Calum para ajudar a executar meus planos. O medo apodrece quando estou perto dele, todo enraizado na minha legitimidade desconhecida. Eu deveria simplesmente me livrar dele. É como se a paranoia tivesse plantado uma semente na minha mente que cresce a cada dia.

Não me sinto bem.

Minha mente está escorregando, e não é só a Peste que está com culpa. ~~Eu coloquei tanta pressão sobre meus ombros que~~ – Não, o Pai fez isso comigo. É por causa dele que eu sou assim. Obsessiva. Controladora. Em constante necessidade de aprovação. Minha mente não é minha – talvez nunca tenha sido.

Não quero ser um monstro. Não quero que Kai me veja como um.

Meu navio chegou ao cais em ruínas. É um milagre que eles tenham sobrevivido ao mar e suas criaturas. Mas meu presente foi aceito. Meu irmão está de volta. E o que sobrou de mim está aqui para recebê-lo.

Estou tossindo sangue agora. Outro efeito colateral divertido da Peste. Perdi peso rapidamente e não consigo lembrar da última vez que dormi a noite toda.

Kai está preocupado comigo. Ele sabe que não sou eu mesmo.

Ontem vi meu irmão morrer.

Por trás da ilusão, seu nome era Makoto Khitan.

Calum me contou como ele encontrou uma Wielder do lado de fora da Tigela depois daquele terceiro Julgamento de Purgação. Como sua mente gritava de tristeza e raiva pela costureira que foi morta. Mas foi Paedyn que ele culpou por ela estar lá em primeiro lugar.

Então eu ofereci a ele uma chance de vingança. Ironicamente, usei os túneis para sair furtivamente para dentro da Tigela, depois pelo caminho em direção a Loot. Eu precisava de um empurrão final para Ilya entrar na linha, aceitar minhas mudanças no reino. Mas eu não arriscaria jogar Kai naquela Tigela. Porque eu sabia que ele deixaria Paedyn matá-lo. ~~Porque meu irmão morreria para salvá-la, não matá-la para viver comigo.~~

Makoto concordou em lutar com Paedyn. Mas a grande quantia que paguei a ele para fazer um bom show foi inútil. Ele não saiu vivo da arena.

Paedyn Gray tem um jeito de fazer as pessoas se importarem com ela.

Há buracos na minha memória. Eu ignorei no começo, mas agora acho que os Healers estão certos. A Praga está me corroendo – minha mente.

Paedyn Gray é filha de Iris Moyra. Ela é uma filha ilegítima. E eu não podia arriscar ser descoberta como tal. Então, quando ela me contou o que descobriu com Calum, como ela acreditava que ele era um Dual, eu concordei com sua teoria.

Calum conseguiu ler o pedido de desculpas em minha mente antes que eu enfiasse minha espada em seu peito. Não era nada pessoal. Sério. Mas eu me recuso a ser reduzido a um bastardo. Não depois de tudo que suportei, tudo que planejei para Ilya.

Eles se curvaram diante dela. Todas as favelas.

Ela tem direito ao trono. E eu não vou deixar que ela me derrube. Eu preciso disso. Ela não sabe que eu preciso disso? Ela já alcançou a grandeza em meus Trials. Isso é meu Eu preciso desse legado Eu preciso que ela vá embora Eu preciso ser grande–



CAPÍTULO 70

Pedyn-P ...

Kai não se moveu do lado de Kitt até seu corpo esfriar.

Mesmo assim, foram necessários três Imperiais para tirá-lo da poça de sangue. Ele os deixou, é claro, diferente das dezenas de anteriores que ousaram arrastar o Executor de sua dor antes que o sol nascesse timidamente pela janela do escritório. Raios de luz acariciavam o corpo imóvel de Kitt, memorizando a cena repugnante como se fosse uma pintura — Kitt, uma tela de listras escarlates.

Enquanto Kai fazia companhia a Kitt, eu também fazia.

Quando nossos joelhos doloridos se levantaram do tapete gasto, o sangue estava incrustado em nossa pele e grudado em nossos cabelos. Segui Kai entorpecida até seus aposentos e enchi a banheira com água fervente. Ele não lutou comigo quando tirei suas roupas sujas ou o incitei a entrar no banho.

Seus olhos estavam distantes, vazios. Mas eles estavam em mim, e isso era alguma coisa. Eu ensaboei uma barra de sabão em sua pele, cheirando tão distintamente a pinho e ao homem por quem me apaixonei. Com uma esponja macia, esfreguei cada pedaço de sangue endurecido. Seus olhos nunca se afastaram dos meus, fechando-se apenas quando eu suavemente pedia isso a ele enquanto limpava o rosto manchado de tristeza em si.

Ele não se levantou da banheira quando finalmente abaixei a esponja. Em vez disso, ele se moveu com uma intenção que eu não via há meio dia. Água pingava de seus braços enquanto ele desabotoava a parte de trás do meu vestido. Assim que ele escorregou pelo meu corpo e caiu em uma poça de tecido no chão, ele me puxou para dentro da banheira.

Ele não me deixou tocar na esponja. O temível Executor de Ilya limpou cada partícula de sangue de seu irmão da minha pele. Foi a gentileza com que ele amou, mesmo quando ele sofreu, que me fez quebrar. Nós nos abraçamos, chorando por um irmão, um garoto quebrado, uma perda para o mundo. Nossos corpos tremeram, lágrimas rolando pelos ombros aos quais nos agarramos.

Embora Kitt não fosse meu para lamentar. No final, ele era uma casca do garoto que eu conheci, um que me via como um obstáculo a ser superado. Mas eu não me ressentia dele. Em vez disso, eu sofria pelo irmão que Kai havia perdido, não pelo rei com a mente quebrada. Eu sofria por Kai, como se sua dor fosse minha.

Então, quando a água esfriou e cada respiração começou a ficar mais lenta, Kai falou suas primeiras palavras desde que Kitt proferiu as últimas.

"Obrigado."

O segundo dia após a morte do rei foi sem dúvida o mais difícil. Todos em Ilya souberam da morte cruel do gentil governante. Foi anunciado como um acidente trágico, embora o povo tenha procurado uma história mais emocionante para contar. Rumores se espalharam pelo reino, cada boca especulando como Kitt havia

encontrado seu fim para preencher o vazio da verdade retida.

Eles provavelmente se perguntariam por anos, e ainda assim, não contaríamos a eles. Kitt, mesmo na morte, continuaria sendo o rei gentil que sempre foi destinado a ser.

Kai puxou sua tristeza de volta como uma maré, puxando-a por tempo suficiente para entrar em pânico sobre o presente que tínhamos deixado em Izram. A caixa de rosas provavelmente foi aberta semanas atrás para liberar uma Praga sobre a cidade inteira. Mas antes que tivéssemos a chance de ir mais longe, uma carta foi encontrada encravada sob as imponentes portas da frente do castelo.

Em uma escrita limpa e elegante, estava escrito:

Espero que não tenha sido você, Paedyn Gray, que tentou infectar meu reino. Isso é dito em tom de brincadeira, pois eu sabia que você acreditava sinceramente que as rosas eram um presente. Não importa — eu senti o que me esperava naquela caixa antes mesmo de você pisar em minhas docas. Infelizmente, tenho pouca utilidade para sua Praga, mas suponho que seu rei pensa diferente. Talvez ele devesse ter tentado poluir outro reino. Por outro lado, ouvi dizer que ele não está mais conosco. Minhas condolências.

Qualquer tentativa adicional de infectar meu povo resultará em uma retaliação desagradável. Não tome minha negligência desse crime como um sinal de fraqueza. Sei que as rosas rendadas não foram obra sua. Mas desejo que tenhamos um relacionamento frutífero.

Sua companheira rainha,
Z

Olhei prontamente para Kai. “Como diabos ela sabia?”

Passamos o resto do dia recebendo condolências do castelo em luto. Sem um reino atormentado para se preocupar, Kai caminhou rigidamente pelo corredor, seu olhar vago e palavras escassas. O palácio inteiro estava envolto em um lençol de escuridão — cortinas pretas cobrindo janelas enquanto roupas pretas cobriam todos os corpos.

Os estudiosos mordiscavam nossos calcanhares como sombras, chamando Kai para discutir sua coroação. "Não serei rei até que Kitt seja sepultado", ele dizia, mais sem graça do que da vez anterior. Eu sabia que ele falava sério, assim como sabia que ele estava enrolando. Ele não queria ser rei.

Passamos aquela noite nos braços das pessoas mais próximas de Kai.

“Meu garoto”, Gail lamentou quando ele entrou na cozinha dela. “Meu doce garoto.”

Ela o segurou tempo suficiente para queimar a comida que fervia no fogão e chorou forte o suficiente para não se importar. Jax soluçou contra o peito do irmão, lamentando a perda da outra metade. Foi quando ele começou a soluçar que Andy se juntou a ele, seu corpo tremendo com soluços. Algumas lágrimas traiçoeiras escaparam dos meus olhos ardentes antes que Gail me puxasse para perto e envolvesse todos nós com os braços.

O terceiro e o quarto dia foram mais do mesmo. Eruditos repreendendo, um castelo em luto, Ilyans fofoqueiros, tristeza, lágrimas, soluços. Quando conseguimos suportar a conversa, Curandeiros solenes nos cercaram em uma sala escura para trocar detalhes abafados sobre a lenta morte do rei. Eles falaram sobre sua insistência em

tomar a Peste apesar de saber das ramificações, então mais hesitantemente sobre sua mente se desfazendo logo depois. Ele era facilmente agitado, frequentemente pego falando para o ar vazio ou vagando por aí a qualquer hora da noite.

Kitt estava morrendo muito antes de se esquecer de desviar do avanço do irmão, descobrimos. Os Healers não conseguiram salvá-lo e, de repente, isso faz sentido depois de descobrir a verdade sobre as limitações dos Elites. Seu corpo estava rejeitando outra dose da Peste. Era apenas uma questão de tempo até que a doença desfizesse tudo o que ele era.

Dentro dos longos períodos de tristeza, passamos muito do nosso tempo no escritório, simplesmente olhando para tudo exatamente como ele deixou. Tudo, exceto o tapete ensanguentado, permaneceu. Jax e Andy se sentavam conosco, em parte em silêncio, mas, ocasionalmente, mais ousadamente em reminiscências. Eles trocavam memórias, cada uma sangrando na última e emprestando um sorriso para momentos fugazes.

E isso foi alguma coisa.

No quinto dia, aquele vazio que ocupava o olhar de Kai havia diminuído levemente. Ainda assim, nos abraçamos, assim como fizemos nos últimos dias. E quando ele se afastou, ele falou suavemente gratidão contra minha pele. “Obrigado, Pae. Por tudo.”

Eu sorria — era sempre triste. “Não me surpreende mais quando você diz isso.”

“Bom.” Seu nariz roçou o meu. “Quero que você se acostume tanto com a minha gratidão que fique enjoado dela.”

Naquela noite, tirei a aliança do meu dedo.

E no sexto dia após a morte de Kitt, lemos suas cartas.



CAPÍTULO 71

Kai

A sujeira mancha meu rosto suado.

A pá está escorregadia em minhas mãos, salpicando cada palma com lascas. O crepúsculo se instala atrás dos braços oscilantes do salgueiro enquanto eu cavo um pedaço de terra entre suas raízes. Solo fresco se acumula ao meu lado; memórias vêm à tona a cada pá.

Kitt estava comigo na última vez que cavei uma cova embaixo desta árvore. Ele estava ao meu lado, pá na mão e rosto enlameado espelhando o meu. Nós relembramos Ava até que nossas risadas se transformaram em lágrimas.

Ava.

A morte dela foi obra do homem que eu chamava de "Pai". Tudo por causa da ganância de poder de Edric Azer. Ele matou minha irmã com uma dose da Peste. Ele matou meu irmão com a necessidade de ser grande.

Minha visão fica turva. Eu pisco para além da raiva e da tristeza e desejo de rastejar para dentro desta cova eu mesmo.

Meu irmão.

Meu irmão.

Meu irmão está morto.

A pá escorrega de entre meus dedos para pousar em uma almofada de terra. Meus joelhos afundam na grama úmida, ombros tremendo com o peso da tristeza sobre eles.

Suas cartas estão frescas em minha mente, cada uma delas uma facada no estômago antes do café da manhã esta manhã. Eu não estava lá para protegê-lo de seus próprios pensamentos, da necessidade de grandeza que o engolia inteiro. Ele estava quebrando diante dos meus olhos, rasgando as costuras de algo mais sinistro do que o estresse de ser rei.

Lembro-me daquela estranha mudança em seu poder e me amaldiçoo por ignorar o sentimento. A habilidade de Kitt foi a primeira que senti, uma tão familiar que eu podia sentir o gosto na minha língua, mas ainda assim, eu falhei com ele.

Ele se tornou um peão no poder, e eu deveria ter me reconhecido em seu olhar.

Ele levou a Peste para ser *mais* . E eu não estava lá para dizer a ele que ele era o suficiente.

Eu ouço os passos atrás de mim. Ela queria que eu os ouvisse.

O calor familiar do seu abraço me envolve por trás, mantendo juntos os pedaços quebrados em que me tornei. Olho para a cova rasa, permitindo que uma lágrima escape do meu olhar vazio.

Ele se foi.

Ele se foi.

"Estou bem aqui", ela sussurra no meu ouvido. "Eu estou com você."

Eu me viro lentamente em seus braços, observando aquele lindo rosto aparecer. Os

olhos de Paedyn nadam em lágrimas, assim como eles têm feito por dias. Por mim. Há apenas uma quantidade limitada de tristeza que ela pode ter pelo homem que desejou matá-la. Não, essa dor é por mim.

Meus olhos caem na pá ao lado dela. Conseguindo um sorriso triste, eu levanto os dedos sujos de terra até seu rosto. "Você veio me ajudar a cavar, querida?"

"Você cavou sepulturas o suficiente para mim", ela suspira. "Achei que deveria retribuir o favor."

Meu soluço é parte risada. "Não sei como sobreviveria a isso sem você."

"Bem, nunca mais você terá que sobreviver a nada sozinha." Seu olhar fica determinado. "Barata, lembra?"

Eu balanço minha cabeça, para sempre espantado por ela. "Não. Você é força. A própria vida. É por isso que a Morte tem medo de você."

"Tudo o que eu faço é temer a Morte," ela corrige. "Temo perder você."

Dói sorrir. "A morte sabe que não deve tentar me arrastar para longe de você."

Nós nos seguramos em nossos olhares, gentis, mas seguros. Fungando, ela olha para a pá que trouxe e limpa uma garganta apertada. "Depois que ele for enterrado, eles farão de você rei."

"Então vamos sentar aqui um pouco mais", murmuro. "Por favor."

Nós fazemos.

Folhas farfalham ao nosso redor enquanto eu respiro o cheiro de solo recém-revolvido. Paedyn se inclina para trás sobre as palmas das mãos, fechando os olhos quando uma brisa suave sussurra em seus cabelos. Pássaros tagarelando abafam o fluxo de pensamentos gritantes em minha cabeça por alguns minutos felizes.

"Você será um grande rei."

A lembrança do meu futuro iminente destrói a paz de curta duração. "Era para ser Kitt. Não eu." Minha cabeça cai em mãos trêmulas. "Mas ele estava tão focado em seu pai. Na grandeza."

dele . Não o meu. Talvez nem antes de eu descobrir a verdade do meu nascimento. Aquele rei nunca foi minha família.

Distantemente, sob a crescente dor de pesar pesando em meu peito, eu me pergunto sobre o homem que deveria ser meu pai. Talvez ele não valesse a pena conhecer. Talvez eu descubra por mim mesmo um dia.

"Kitt era obsessivo." Paedyn morde o lábio inferior. "Doente com a Peste."

"Ele tentou te matar", digo entorpecida.

"Ele não era ele mesmo. Eu... eu não o culpo por isso."

"Eu o matei."

Mal ouço suas palavras. "Não foi sua culpa. Ele já estava morrendo, Kai. Os Healers nos disseram isso."

"Eu ainda o matei, Paedyn." Minha voz falha. "Eu matei meu irmão!"

Ela engancha os braços em volta do meu pescoço, puxando meu corpo trêmulo contra o dela. "Shh. Não é sua culpa, Kai."

Enterro meu rosto em sua cicatriz. "Eu não pude salvá-lo. Eu disse a ele que o salvaria." Minha voz está embargada. Aquele poder formidável correndo por minhas veias *falhou* . "Ele deveria se esquivar. Nós deveríamos manter nossa promessa."

"Você vai", ela sussurra. "Você vai vê-lo novamente. Assim como eu vou ver meu pai. Adena. Mak." Há lágrimas em seus olhos quando ela se afasta para agarrar meu

rosto. “Suas promessas não foram quebradas. Elas estão apenas esperando por você.”

Mal consigo respirar. “Preciso dele, Pae. Preciso do meu irmão.”

“Shhh.”

“Não consigo fazer isso sem ele.”

“Shh. Estou bem aqui.”

“Eu fiz isso com ele!” Cada soluço é um doloroso tremor do meu corpo. “Eu não pude salvá-lo. Eu não pude salvar meu irmão...”

Paedyn me segura até que a maré da tristeza se afaste o suficiente para que eu possa recuperar o fôlego. Esta não é a primeira vez que ela me salva de me afogar.

Uma pá é rapidamente empurrada para minha mão, seguida por uma sequência de palavras severas. “É hora de Kitt descansar.”

Um peso parece sair do meu peito.

Descanso. Não morte.

Ele está em paz, e isso é tudo que eu sempre quis para meu irmão.

Rigidamente, eu me levanto, puxando Paedyn comigo. Minha pá encontra a terra rasgada ao nosso lado. Eu empurro através da dor que ainda persiste na minha voz. "Acha que consegue acompanhar, Gray?"

“Você está falando sério ao transformar isso em uma competição?”

Eu enfio aço no chão, libertando a terra da base do salgueiro de Ava. “Kitt sempre teve um talento especial para tornar qualquer coisa agradável.” Meus lábios se contorcem em um sorriso que me forço a encontrar só para ele. “Imaginei que ele não gostaria que sua morte fosse diferente.”

Seu sorriso faz meu coração gaguejar de volta à vida. “Então é melhor você começar a cavar, Azer.”



CAPÍTULO 72

Pedyn-P ...

Meu braço se estica contra o arco esticado.

Estamos no mesmo lugar que estávamos durante os Purging Trials, encarando um alvo desbotado e competindo por direitos de se gabar. Já faz quase dois dias desde que Kai enterrou seu irmão sob o salgueiro, e esta é uma das muitas distrações que eu o forcei.

Houve uma caminhada tranquila pelo jardim, interrompida apenas pela reminiscência ocasional do garoto enterrado tão perto. Nossa ida à cozinha foi repleta de risadas suaves e pãezinhos quentes e pegajosos — Jax buscou conforto nos braços do irmão enquanto Gail beijava o topo da cabeça de Kai. Eu o incentivei a escrever como Kitt fez, a aliviar sua mente dos muitos pensamentos turbulentos dentro dele. Suas mãos ainda estão manchadas de tinta.

Todas as noites foram passadas em uma poça de luar. Cobertores cobrem o chão do meu quarto, dispostos em camadas em um berço improvisado sob a fileira de janelas. Kai prefere assim, e eu obedeço alegremente. É como se tivéssemos criado nosso próprio pequeno forte para nos sentirmos mais próximos daqueles que perdemos. Nós nos abraçamos antes de cairmos nos pesadelos que nos atormentam. Mas a cada sol sonolento que nos observa, Kai acorda mais como ele mesmo.

Deixo a flecha voar. Permito-me um sorriso presunçoso quando ela afunda bem ao lado do alvo.

Esta é minha última distração para o futuro rei.

“Eu entenderia se você quisesse desistir agora”, eu ofereço.

Os dedos de Kai roçam os meus enquanto ele puxa o arco da minha mão. “Não jogue limpo, querida. Eu consigo lidar com a derrota para você.”

Eu levanto uma sobrancelha. “Você já admitiu a derrota?”

Seus lábios se contraem. Ele dispara uma flecha rapidamente, sem se abalar com os vários centímetros que a separam do centro do alvo. “Isso é para ser uma distração, não é? Então, eu não preciso vencer.” Eu engulo em seco quando ele pisa em mim. “Eu só quero aproveitar.”

Normalmente, eu zombaria de sua arrogância, mas já senti falta o suficiente para me contentar com uma leve inclinação de cabeça. "E o que há para aproveitar em perder, Malakai?"

“Isso.” Suas covinhas roubam meu fôlego. “Sua companhia. Sua provocação. Seus lábios formando meu nome.”

Eu lanço uma flecha. “Não preciso estar ganhando para insultá-lo.”

Com uma respiração profunda, eu atiro.

“Não,” Kai diz lentamente. “Mas você precisa estar ganhando para sorrir assim.”

Percebo então que estou sorrindo para o alvo que acertei. Dominando o triunfo em minhas feições, viro-me para o aparentemente casual Kai. Suas mãos estão enfiadas

frouxamente nos bolsos, o cabelo desgrenhado e os olhos brilhantes na luz do sol que se põe.

Ele é lindo.

O pensamento não é uma surpresa. E ainda assim, não consigo tirar o olhar dele. Tal força estoica escorre dele como a sombra agarrada aos seus calcanhares. Este é um garoto que conheceu pouco mais do que dificuldades durante toda a sua vida, ferido pelo homem que o criou e abandonado pelo irmão que o amava.

O irmão que me odiava.

"O que foi?" A voz de Kai está cheia de preocupação.

Frustrada, eu limpo a emoção que brotava em meus olhos. “Não é nada. Sinto muito. Isso é para ser uma distração para você e...”

“Fale comigo, Pae,” Kai insiste. Ele arranca o arco da minha mão suada antes de jogá-lo de lado.

Eu balanço a cabeça. “É só que... eu odeio que ele me odiasse.”

“Ele não fez isso. Ele não era ele mesmo, e você estava apenas...” Seu olhar cinza cai do meu rosto. “Do jeito dele.”

Aquele entorpecimento roedor que eu reprimi nos últimos dias vem correndo à tona. “Eu me importei com ele. E isso é tudo culpa minha—”

“Não. Nós lemos as cartas dele.” Kai agarra minhas mãos. “Você sabe o que ele disse naquele estudo. Nada disso foi culpa sua. Kitt estava doente. Tanto física quanto mentalmente. Ele só queria provar a si mesmo.” Sua voz fica mais áspera a cada palavra. “Eu o fiz se sentir assim? Por que ele pegou aquela Peste? Ele achou que eu precisava que ele fosse algo mais?”

“Não, Kai.” Eu cortei o pensamento perigoso antes que ele pudesse apodrecer. “Ele queria você ao lado dele porque você nunca o fez se sentir inferior. Você era o bem na vida dele. A âncora à qual ele se agarrava.”

“Kitt era o bom irmão,” Kai murmura. “Eu não.”

“Bom. Ruim.” Dou de ombros. “Somos todos apenas sombras do que acreditamos ser verdade.”

O escárnio de Kai é dolorido. “Kitt certamente acreditava em algo.”

“E você?” Eu cutuco. “Em que o futuro rei de Ilya acredita?”

Ele pondera isso por um momento. “O inevitável. Você.” Seus dedos fazem cócegas na minha bochecha a caminho de colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. “Acho que erramos em Dor. Você é a Chama. E eu... eu sou a Sombra caindo aos seus pés.”

Por fim, disparamos o resto das flechas naquele alvo.

Não é de surpreender que eu me regozije profundamente com minha vitória predestinada.

Delicadamente, visitamos o salgueiro e aqueles que estão enterrados pacificamente abaixo dele.

Admito que não consigo desviar a atenção da morte de Kitt.

Tolamente, um poeta me diz que eu nunca sou sua distração.



CAPÍTULO 73

Kai

há sujeira sob minhas unhas quando a coroa é colocada na minha cabeça.

É um emaranhado prateado de aço, afiado e girando entre meus cabelos pretos.

A coroa dourada de Kitt permanece com ele, ainda descansando suavemente em sua testa, sob a base do salgueiro.

Olho para o tribunal do mesmo estrado em que meu irmão uma vez esteve. Mas, surpreendentemente, não sinto mais aquela ausência escancarada dele. Não, ele está ao meu lado, uma mão quente em meu ombro e um sorriso em minha alma.

De Executor a rei. De monstro a redimido.

“Eu continuarei o que meu irmão começou”, informo ao tribunal, embora eles não soubessem a verdade de seus planos. E eles nunca saberão.

Tenho uma promessa a cumprir.

Meu primeiro decreto é firme e seguro. “Nossas fronteiras permanecerão abertas. Ordinários serão bem-vindos em nossa cidade mais uma vez. Juntos, reconstruiremos Ilya como Kitt desejava.” Engulo o nó na garganta. “E ele será lembrado como o maior rei da nossa história.”

A sala do trono ecoa com aplausos, mas meus olhos estão nela. Eu passo do palco, abrindo caminho entre meu povo até encontrar o único que realmente desejo chamar de meu.

De mãos dadas, puxo Paedyn para fora das portas do castelo e para o pátio além. Aquele canteiro de flores miosótis ainda floresce ao lado da escada, família para aquela que coloquei atrás da orelha dela há tanto tempo. E repito a história com alegria agora.

Pae ri enquanto eu lhe presenteio com o buquê, as pétalas combinando com seu penetrante olhar azul. “Miosótis” — eu deslizo um caule em seu cabelo — “porque você sempre parece estar esquecendo quem eu sou.”

Ela sorri, e eu me pergunto como algo pode ser tão perfeito. “Você é o rei de Ilya.”

“E o que eu sou para você?”

Eu levanto o queixo dela para poder observar as palavras se formarem em seus lábios. “Meu tolo.”

Meus dedos batem levemente na ponta do nariz dela. “Não se esqueça de 'bastardo convencido'.”

"Você não me deixaria, mesmo que eu tentasse", ela diz docemente.

Eu sorrio — mais largo quando seus olhos se movem avidamente entre minhas covinhas. "E você é para sempre minha ruína, Paedyn Gray." Meu joelho encontra o paralelepípedo, e sua boca se abre em um suspiro. "Case comigo, Pae. Eu já estou de joelhos, mas vou me ajoelhar sobre os dois e implorar por você, se quiser."

Eu levanto o anel em sua direção, aquele que Kitt colocou na minha palma com um desejo de morte.

"Amai-vos uns aos outros por mim."

Lágrimas brotam naqueles olhos azuis acima. Ela sabe dos momentos finais de Kitt, cada palavra dita, cada esperança exposta. Agora, a visão daquele anel familiar é libertadora. Posso ver a onda de alívio inundando suas feições, porque Kitt Azer — o garoto por quem ela se importava tanto — não a odiou no final. A mágoa que ela sentiu quando ele apontou uma espada para seu peito começou a derreter sob a verdade de seus motivos.

"Pae," eu respiro. "Eu vou ficar aqui de joelhos o dia todo, contanto que sua resposta seja sim."

Uma mão cai de sua boca para revelar um largo sorriso. "Bom. Eu gosto bastante de ver você abaixo de mim."

"Coisinha cruel", murmuro com toda a admiração que ela merece.

Sua voz fica embargada enquanto ela cospe minhas próprias palavras de volta para mim. "Você esqueceu o 'meu' na frente desse apelido carinhoso."

E então ela cai de joelhos diante de mim.

Suas mãos tremem contra meu rosto antes que um par de lábios sorridentes encontre os meus. Ela me beija como se a eternidade fosse passageira diante desse momento. Minha mão encontra seu cabelo, emaranhado nos fios irregulares que eu cortei naquela caverna. Seus lábios têm gosto de amor e desejo, e eu imploro por mais.

"Isso é—" Eu a beijo profundamente. "Isso é um sim?"

Ela ri contra meus lábios. "Isso é inevitável."

Deslizo a aliança de ouro de Kitt em seu polegar, oposto ao anel de aço de seu pai. "Vou te dar algo melhor—"

"Não," ela insiste. Seus olhos brilham enquanto eles observam os anéis abraçando cada polegar. "É perfeito. *Isto* é perfeito."

"Bom." Minhas palmas ásperas roçam os lados do seu pescoço. "Porque eu te amo, Paedyn Gray. E eu passarei o resto da minha vida feliz tentando merecer você."

"Eu te amo", ela diz, de repente severa. "E eu vou passar o resto da minha vida gritando isso até que até Astrum ouça, porque é a Morte que deveria *me temer* se ela um dia tentar te levar embora."

Nós nos abraçamos no topo daquele paralelepípedo irregular. Miosótis sopram na brisa morna, nos envolvendo em um abraço que parece o nosso passado encontrando o nosso para sempre. Lágrimas ardem em meus olhos pela agridoce deste momento.

Paedyn Gray finalmente é meu. Mas só porque meu irmão não está mais aqui.

"Nós o amaremos", ela sussurra em meu ouvido.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha.

"Você e eu."



CAPÍTULO 74

Pedyn-P ...

Sonho com Adena na véspera do meu casamento.

Kai dormiu ao meu lado todas as noites desde que coloquei aquele anel no meu polegar, afastando um mês de pesadelos. Mas a tradição o expulsa dos meus aposentos na véspera da nossa união, e eu sou deixada sozinha com minhas assombrações.

Quando Adena pega minha mão, sinto o mais leve puxão de medo em meu corpo à deriva. Eu tinha me escondido desse pesadelo, me protegido atrás do conforto de Kai, porque não aguentava ver Adena morrer de novo.

Mas esse não é o sonho.

O que espreita dentro da minha mente em repouso é algo doce. Suave. Tão parecido com a Adena que um dia viveu e respirou que acordo com lágrimas manchando minhas bochechas. É tudo uma memória nebulosa quando o sol abre minhas pálpebras pesadas, mas me lembro da sensação que Adena me deixou:

Paz.

Eu tinha dito adeus.

Ou melhor, uma boa maneira de dizer adeus até ver meu A novamente.

Ellie sozinha me ajuda a me preparar para meu último e inevitável casamento.

Nuvens escuras enchem o céu além das minhas janelas, ameaçando chuva com um estrondo raivoso. Isso só me faz sorrir.

"É bom ver você feliz no dia do seu casamento", Ellie diz suavemente. Seus dedos passam pelo meu cabelo para tecer tranças finas dentro dele. Elas pendem entre meus cabelos ondulados, elegantes em sua simplicidade.

Mordo meu lábio para ocupar meu sorriso. "É isso que eu queria há mais tempo do que eu imaginava. E estou me permitindo aproveitar."

"Vocês deveriam aproveitar", Ellie tranquiliza. "Vocês dois merecem isso."

Meu sorriso está manchado com a tristeza que normalmente acompanha os pensamentos sobre Kitt. Mas minha tristeza reside no garoto que ele era, e no irmão que ele deixou para trás. Apesar da resiliência de Kai nas últimas semanas, sei que ele deseja comemorar hoje com Kitt, assim como eu desejo com Adena.

Passando por trás da cortina do camarim, deslizo para um simples trecho de tecido. O vestido é feito de um material fino e esvoaçante que cai logo acima dos meus tornozelos. Seu corpete sem alças me abraça firmemente antes que o tecido branco caia em cascata da minha cintura. Há pouco no vestido que o torna particularmente interessante, e é exatamente por isso que o escolhi.

O colete de Adena captura a atenção, seu tecido verde-oliva desbotado se ajusta perfeitamente aos meus ombros nus. Depois de dias de uma costureira consertando-o meticulosamente, estou ansiosa para me reunir com meu pedaço de Adena. Fico

diante do espelho e admiro exatamente o que sempre imaginei para o dia do meu casamento.

Este momento não poderia ser mais diferente do que o que roubei antes de me casar com um homem que não amava. Então, o pânico picou meu coração e encheu minha mente. Agora, estou brilhando de felicidade, inundada de paz. Já fiz o grande dia do casamento e não quero nada disso. Eu simplesmente quero *o nosso* dia.

Uma batida confiante na porta faz meu olhar se voltar para Ellie.

Ela retribui minha confusão antes de espiar o corredor com um suspiro suave saindo de seus lábios. “Vossa Majestade, dá azar ver—”

“A má sorte é muito menos preocupante do que Pae com o estômago vazio e uma adaga na mão.”

Irritantemente, meus lábios se contorcem em um sorriso. “Se você tem medo de mim, Azer, é só dizer.”

A voz de Kai é tocada com admiração do outro lado da minha porta. “Você sabe que eu seria um tolo se não fosse, querida.”

Tenho que firmar os pés no chão para não correr até ele.

“Sinto muito, Vossa Majestade,” Ellie simpatiza através da porta rachada. “Você realmente não deveria vê-la até o casamento.”

Há um sorriso entre suas palavras. “Então não vou olhar.”

A porta se abre.

O protesto de Ellie morre em sua garganta enquanto Kai entra na sala, sua cabeça ligeiramente abaixada com uma mão protegendo seus olhos. Eu pressiono uma palma na minha boca e sufoco a risada que faz cócegas na minha língua enquanto o rei caminha em minha direção. Seu olhar está nos pés que se movem abaixo dele enquanto o meu está na tigela de mingau agarrada entre seus dedos.

Quando Kai para diante de mim, olho para a sopa de aveia salpicada de frutas. Ele não consegue ver meu sorriso. “Você adicionou mirtilos.”

“Isso me doeu muito.”

“Sua bravura é inspiradora”, eu canto.

Sua mão cai daquele lindo rosto abaixo para exibir cílios escuros mirados no chão. “E egoísta.” Covinhas emolduram seus lábios curvados. “Eu quero algo em troca.”

Cruzo os braços. “E o que seria isso?”

“Um 'sim' no final daquele corredor hoje.”

As palavras são rápidas, uma onda de incerteza que não estou acostumado a ouvir na voz de Kai. Meu coração dói com a preocupação velada que ele exibe. Depois de finalmente deixando-se sentir por alguém, ele teme que eu vá embora. Um rei está diante de mim, despido, e de volta ao garoto que foi forçado a acreditar que o amor era uma fraqueza.

Gentilmente, retiro a tigela quente de seus dedos e a coloco no chão ao meu lado. Então seu rosto está em minhas mãos, sua testa franzindo ao sentir meu toque. “Na ponta de uma lâmina, eu te amaria. Até que ela perfurasse minha garganta, eu diria 'sim' para você.”

A lágrima que escorre por sua bochecha arranca uma do meu próprio olho. A voz de Kai está áspera de emoção enquanto ele murmura: "Você é um poeta e tanto, querida."

Eu rio, minha visão ficando turva com o franzir do meu olhar transbordante.

“Algum idiota me inspirou.”

Passamos os próximos momentos nos aquecendo neste limbo entre nosso presente e o futuro nos esperando na base de um salgueiro. Nós rimos. Fingimos não chorar. Dizemos adeus — um devido à distância temporária que Ellie insiste entre nós, e o outro em memória de nossos momentos finais antes do para sempre.

Muito depois de Kai sair do meu quarto, e Ellie ter se preocupado com minha aparência pela última vez, uma segunda batida soa na minha porta. Lenny pergunta se estou pronta. Não hesito antes de pegar seu braço.

“Todo esse tempo eu tenho te chamado de 'Princesa'...” O cabelo ruivo ondula com o lento balançar de sua cabeça. “Quem diabos imaginaria que você era uma.”

Eu lanço a ele um olhar brincalhão. “Sim, que chocante.”

Foi bom compartilhar a verdade com ele e com aqueles mais próximos de mim. Mas mantenho o segredo do meu sangue real guardado perto do meu coração, escondido do reino que já começou a me aceitar. Não digo nada sobre a princesa esquecida que sou, para não colocar a legitimidade de Kai em questão.

Durante toda a minha vida, fui Ordinário. E não sinto mais necessidade de mudar isso.

“Olha,” Lenny continua, sem se deixar abater, “estou mais interessado no fato de que eu posso realmente ser Psíquico. Quer dizer, como eu sabia que deveria te chamar assim?”

Eu bufo. “O que vem depois, você vai descobrir que eu sou realmente uma barata?”

“Muito engraçado, Majestade.” Ele balança a cabeça para mim, mesmo sorrindo. Saímos para o jardim florido e começamos nosso passeio pelos caminhos sinuosos. Passando pela fonte que agora olho com carinho, Lenny pergunta: “Este é o casamento que você quer, P? Certo?”

Olho para meu amigo. Ele retribui o sorriso iluminando meu rosto e corando minhas bochechas. Minha admissão é ousada e libertadora e desafia a Morte a me fazer me arrepender. "Desesperadamente."



CAPÍTULO 75

Kai

Ela caminha em minha direção, parecendo um sonho do qual eu gostaria de nunca acordar.

Seus dedos agarram uma coleção de caules entrelaçados. Acima, pétalas vermelhas de papoulas sangram em rosas cor-de-rosa enquanto o azul profundo de delicados miosótis se entrelaça.

Estou de pé ao lado do poderoso tronco do salgueiro, ao lado do meu irmão e da minha irmã. Sou engolido pelos galhos balançando, perdido em um emaranhado de folhas finas.

Sou apenas eu, e o fantasma daqueles que amo, esperando Paedyn sob o salgueiro. Ela também pisa em nosso futuro sozinha, mas não inteiramente.

Seus chinelos pisam lentamente sobre o trecho de grama macia. Adena a abraça firmemente sobre o vestido simples que ela usa; a lembrança de um pai envolve o polegar enrolado em seu buquê.

O tempo passa devagar o suficiente para que eu possa aproveitar um momento que sempre sonhei.

Ela é meu sonho.

Ela é meu pedaço do paraíso.

Ela é meu inevitável.

Minha compostura começa a ruir a cada passo que ela dá em minha direção. Lágrimas brotam em meus olhos, mas sorrio para ela. Sempre para ela.

O trovão ressoa além do abraço do salgueiro, mas o olhar de Paedyn nunca deixa o meu. Felizmente, eu me afogo nele.

Uma gota de água espirra no nariz de Paedyn. Ela ri. A chuva pinga do dossel de folhas para nos borrifar na tempestade que se forma. Cabelo úmido se enrola em minha testa. Jax levanta as palmas das mãos em direção ao céu que chora. Ellie olha amorosamente para sua rainha. As lágrimas de Gail se misturam à chuva enquanto Andy descansa a cabeça no ombro do cozinheiro. Lenny pisca para a noiva encharcada que passa.

Este não é um grande casamento. Não usamos coroas ou joias. Esta é a reunião de entes queridos e os espíritos daqueles que ficaram para trás. Esta é uma união de almas que anseiam por serem costuradas.

Relâmpagos atravessam o céu atrás de Paedyn. Seus passos não vacilam.

Quando ela para na minha frente, quase caio de joelhos.

Fico eternamente impressionado com a mera presença dela.

Ela passa seu buquê para Ellie. Eu agarro suas mãos, disposto a deixá-la me levar para onde ela quiser.

Não há nenhum estudioso divagante, nem longas trocas de votos.

Somos simplesmente nós, diante do destino e desafiando as probabilidades.

O compromisso de Pae comigo não tem nenhuma hesitação. “Eu aceito.”

Meu coração gagueja. Ele está partido e se curando e sentindo falta de Kitt ao meu lado. Mas ele está cheio.

É por ela que meu coração marcado bate.

Inclino o rosto dela em direção ao meu antes de agarrá-lo em minhas mãos trêmulas. "Eu aceito." Minha voz está pesada de emoção. "Em todas as vidas, eu aceito."

Seus lábios encontram os meus, selando a promessa entre nós.

O trovão ecoa junto com nossa família.

Eu respiro minha noiva. Ela tem o gosto do meu para sempre.

Caminhamos por baixo da copa do salgueiro, de mãos dadas.

Rei e rainha.

Sombra e Chama.

Poeta e musa.

Lágrimas enchem os olhos daqueles ao nosso redor, acompanhadas de palmas e seguidas de risadas. O pequeno grupo desfila atrás, galhos molhados agarrando nossas roupas enquanto empurramos as folhas. Relâmpagos são rápidos para nos cumprimentar. Entramos na clareira além, grama úmida sob nossos pés e uma tempestade furiosa acima.

“Tenho uma coisa para você”, murmuro no ouvido de Pae.

Ela sorri para mim. "Ah?"

Jax me entrega a coroa pingando com um sorriso radiante. Seguro o círculo entrelaçado de rosas entre nós, observando o olhar de Paedyn se arregalar. Então coloco aquela delicada coroa em seu cabelo úmido.

Ela me olha boquiaberta em choque. “Você finalmente conseguiu. Você fez uma coroa de flores.”

“Eu só precisava de mais prática.”

Água pinga de seus cílios a cada piscar de olhos atônito. “Todo esse trabalho duro para mim?”

“Para minha rainha”, corrijo com um beijo suave em seus lábios.

E então dançamos.

Paedyn está girando em meus braços, rindo na chuva torrencial. A bainha do vestido dela está enlameada, mas ela não consegue tirar os olhos de mim tempo suficiente para perceber. Eu empurro o cabelo molhado do rosto dela, endireito sua coroa de rosas, seguro a mão que agora usa o anel do meu irmão. Nós nos agarramos um ao outro enquanto figuras sombreadas dançam ao nosso redor. O riso envolve nossas formas balançantes, nos aquecendo apesar da chuva gelada.

Eu seguro Paedyn contra mim.

Minha esposa.

Meu olho na tempestade.

Ela desliza uma mão em um dos muitos bolsos de seu colete antes de gritar através do trovão estrondoso. "Você não é o único que trouxe um presente."

Eu sigo o movimento, piscando na chuva enquanto ela puxa um caule de miosótis do tecido encharcado. O sorriso de Paedyn Azer é perigoso enquanto ela estica a mão para colocar as flores atrás da minha orelha.

"Para que você não se esqueça de quem eu sou", ela sussurra contra meus lábios.

“E o que eu sou?” Eu traço meu polegar ao longo do seu lábio inferior. “Um idiota. Um bastardo convencido?”

Sua voz é firme. “Você é meu, Malakai.”

Água escorre dos meus cílios, um pouco do nariz dela. “Sempre fui,” murmuro. “Até... sei lá o que.”

A risada que sai de seus lábios macios me faz perder o fôlego. Ela inclina a cabeça para trás para sorrir para o céu tempestuoso, aliviada pela menção de Adena. "Até que diabos", ela ecoa, deixando aquele olhar penetrante cair de volta para mim.

Gotas de água escorrem por seu pescoço nu enquanto eu avidamente observo a curva de sua boca. Como um reflexo, a reverência suaviza meu olhar, reveste minha voz. “Aí está aquele sorriso que eu estava esperando para memorizar.”

Paedyn pisca para mim na chuva, o sorriso se alargando. Ela entrelaça os braços escorregadios em volta do meu pescoço antes que seu nariz frio esteja roçando o meu. "E você tem todo o tempo do mundo para admirá-lo."



CAPÍTULO 76

Pedyn-P ...

Cinco anos depois

Respiro o ar fresco, o sol banhando minha pele.

Um céu azul paira sobre a extensão bocejante de plantações. Protejo meu olhar com uma mão, determinado a encontrar o fim deste assustador milharal.

“Em algum lugar mais interessante.”

A voz de Kai é arrastada ao meu lado. Meus olhos se voltam para ele, penteando a barba por fazer grudada em seu maxilar forte. "O quê?", pergunto, temendo a resposta.

“Em algum lugar mais interessante”, ele repete com um suspiro e cruzando os braços. “É provável que esse campo termine aí.”

Eu zombo antes de repreender. “Tando tem sido bom para nós. Dito isso” — olho ao redor da estrada de tijolos quase deserta em que estamos — “vamos resolver os acordos comerciais deste ano e dar o fora daqui.”

Kai dá um passo em minha direção, bloqueando o sol com seus ombros largos. “Admita, querida. Você odeia isso aqui fora mais do que eu.”

Estou girando os anéis que envolvem cada um dos meus polegares.

“O que te faz dizer isso?”

“O silêncio.” Ele afasta uma longa mecha de cabelo do meu rosto. “O espaço aberto. A falta de estranhos bonitos para roubar.”

Dou a ele um olhar sem graça. “Você está certo. Nem um único rosto bonito por quilômetros.”

“Calma, Azer. Não machuque seu pé com uma mentira tão descarada.” Ele dá um peteleco na ponta do meu nariz gentilmente. “Eu disse *estranhos* , e nós dois sabemos que eu não sou nada disso.”

“Não, você não está.” Eu agarro suas mãos e o puxo para perto. Então eu estou murmurando, “Mas isso não significa que eu não possa roubar você.”

Eu levanto sua aliança de casamento entre nossos rostos próximos.

Foi simples, na verdade, arrancar o anel de prata do polegar dele. Ele usa seu símbolo da nossa união no mesmo dedo que eu — um lembrete do nosso amor, e do amor de um irmão perdido.

Kai balança a cabeça para mim antes de segurar minha mão. "Ainda tão cruel quanto sempre."

"Você ama isso."

“Eu te amo”, ele murmura. “Tolamente.”

Ele me beija, e meu coração ainda acelera ao roçar de seus lábios.

Afastando-me, olho para o campo de milho acenando ao nosso lado. “Você ainda a sente, certo?”

Os lábios de Kai se contorcem em um sorriso. “Ela está voltando.” Então ele levanta a voz em direção ao mar de milho. “Você encontrou?”

Um pequeno corpo cai do labirinto de colheitas para correr em nossa direção. Aquele choque de cabelo grisalho sopra em volta do rosto dela, obscurecendo a excitação ali demonstrada. Com uma grande espiga de milho presa entre dedos minúsculos, ela corre para os braços de seu pai, que a aguardam.

“Esse é o que você estava procurando?” Kai pergunta, examinando seu saque. “Você tem certeza de que esse é o melhor milho de todo o Tando?”

“Tenho certeza, papai!” Ela enfia o vegetal na mão dele e prontamente me alcança. Eu a puxo para meus braços, tentando ignorar o quão grande ela ficou nos últimos três anos. Descansando no meu quadril, ela passa seus pequenos dedos pelos cabelos que caem pelas minhas costas. O dela é um mistura acinzentada das ondas de ébano de Kai e meus fios prateados. Com cabelos grisalhos e olhos azuis opacos, nossa garotinha é uma mistura bagunçada de dois estranhos que se apaixonaram.

“O que mais você encontrou em sua aventura?”, pergunto enquanto ajeito suas roupas amarrotadas.

“Insetos”, ela afirma indiferentemente. “Grandes e gordos.”

Kai assente. “Tenho certeza. Agora, você trouxe mais alguma coisa de volta?” Ele se aproxima, fazendo-a rir. “Talvez algumas sardas novas?”

Ela conhece esse jogo. E Kit adora.

Kai pressiona os lábios na ponta do nariz dela, repetidamente, até que ela grita. Depois que ele termina de encher nossa filha de beijos, ele se vira para mim. "Está na hora dessa recontagem?"

Reviro os olhos. “Não foi isso que você fez na semana passada?”

Seu sorriso faz minhas bochechas corarem. “Nunca se pode ter certeza.”

O primeiro beijo suave é na minha bochecha.

“Um”, ele murmura.

O segundo está na ponta do meu nariz.

"Dois."

A terceira é quando eu levanto meu queixo e pressiono meus lábios nos dele. Eu sorrio contra sua boca. “Sua recontagem vai ter que esperar. Vamos dar o fora daqui, lembra?”

Descemos pela estrada tranquila, as mãos de Kit em cada uma das nossas. Os chalés aqui parecem solitários entre os campos que os acompanham. É silencioso em Tando, assustadoramente silencioso, e fico grata quando finalmente entramos no mercado da cidade. Embora certamente não seja o Loot movimentado ao qual estou tão acostumada, o alívio que sinto ao ver corpos se aglomerando é chocante.

Kit pula entre nós enquanto apontamos as cores suaves ao redor. Os banners de Tando são de um amarelo suave que não busca atenção. O mercado é dócil e cheio de indivíduos gentis. Eu silenciosamente invejo aqueles tão contentes com tal singularidade.

Mas Loot é meu lar, e Ilya está prosperando ao redor dele. O reino está aberto, nossas fronteiras acolhem o comércio e os viajantes. Ordinários vivem ao lado de seus vizinhos Elite, ficando mais ousados apesar de sua falta de habilidades. Era tudo o que eu sempre quis ver como uma garota sem poder.

As favelas são meu projeto atual. Prédios em ruínas estão sendo restaurados,

permitindo que mais lojas e casas margeiem os becos. Festas são realizadas regularmente no castelo para dar as boas-vindas ao povo de Ilya em nossa casa. A divisão outrora esmagadora entre Elites e Ordinários está lentamente se suavizando em algo promissor.

Eu observo a rua tranquila, a uniformidade entre cada loja de tijolos resistentes. Este certamente não é meu reino. Meu Ilya é animado e encharcado de cor. Ele é desgastado, curador e *lar* .

"Kit, querida, fique perto!", eu grito depois de vê-la correndo pela rua, brandindo uma espiga de milho.

Kai a encara com um balançar de cabeça. "Ela se parece com você. Só que, em breve, esse milho será substituído por uma lâmina."

Eu sorrio docemente para ele. "E ela pode praticar usando isso em você."

"Você me preparou bem", ele lembra.

Seu braço me puxa para perto. Descanso minha cabeça em seu ombro. Observamos nossa filha pular na luz do sol.

Até que um lampejo lilás faz meu olhar se voltar para um canto escuro da rua.

Eu encaro o rosto de um fantasma. Ela me encara de volta.

Carne cicatrizada sobe pela lateral do pescoço dela. Pele mutilada se estende por suas feições antes de desaparecer naquele cabelo lilás. Apenas metade de seu rosto afiado carrega os resquícios do meu ódio.

Ainda consigo sentir sua pele macia sob minha palma, sentir o calor daquele fogo intenso que a forcei a sentir.

Espero que essa raiva ressurja agora. Espero desejar essa vingança em nome de Adena e ansiar por terminar o que aparentemente não terminei da primeira vez. Blair parece antecipar o mesmo, porque vejo seus ombros ficarem tensos sob a capa pendurada sobre eles.

Mas eu não sinto nada. Eu não faço nada.

Nós nos encaramos por vários segundos enquanto meu coração clama.

Em outra vida, ela era minha inimiga. Aqui, ela é uma estranha.

Não desejo mais vingar Adena. Desejo que ela descanse.

Então, com um leve aceno de cabeça, deixei Blair ir.

Ela retribui a silenciosa oferta de paz com um movimento do queixo.

"Mamãe! Papai! Olha o que eu achei!"

Kit rouba minha atenção com uma agitação de membros e o aceno do que deve ser a melhor pedra de todo Tando. Kai a pega em seus braços, fingindo espanto pelo presente que ela coloca em sua palma. Eu também pareço impressionado com a descoberta de Kit enquanto aliso seu cabelo selvagem.

E quando finalmente olho para aquele canto sombrio, o fantasma desapareceu.

Kai capta meu olhar fugaz. Segura-o gentilmente. Inclina a cabeça.

"Coisinha não tão cruel", ele murmura carinhosamente.

É claro que o Portador sabia que ela estava ali.

Solto um suspiro antes de roubar nossa filha dos braços dele. "Não se acostume com isso."

"Eu não gostaria."

Continuamos pela rua ensolarada.

Sempre em frente.

Um rei. Uma rainha. Uma princesa. Uma pedra e uma espiga de milho.

Aqueles que perdemos caminham ao nosso lado, e suas memórias aquecem nossos corações feridos.

Nós somos aqueles que amamos.

Inclino meu rosto para o céu e deixo o sol roçar dedos quentes sobre ele. Os raios suaves são um conforto que abraço como um velho amigo.

Meu marido está ao meu lado, como sempre esteve e sempre estará.

Ele sorri, e é o sorriso que é destinado exclusivamente a mim. Kit copia o pai, embora apenas uma covinha roubada apareça em sua bochecha direita.

Eu dou um tapinha leve no nariz dos dois. Isso arranca uma risadinha de Kit e aquele olhar incessante de reverência de Kai.

Eu sorrio de volta, assim como Adena me ensinou.

Esta vida é doce.

Como mel.



EPÍLOGO

gatinho

Não há nenhum clarão de luz.

Sem estrondo ou desbotamento lento.

Kitt se sente enganado. Afinal, é isso que sempre lhe foi prometido. Alguma grande entrada no mundo além daquele do qual ele se afastou.

Mas isso não é nada disso.

Isso não é nada.

A primeira vez que ele abre os olhos depois que a Morte os fecha, Kitt tenta desesperadamente fazer algo do vazio diante dele. Ele aperta os olhos para ele, anda dentro dele, tenta agarrá-lo entre os dedos. Mas nada é nada, e a falta de algo é frustrante. É como o vazio que ocorre atrás de um olho piscado — nenhuma cor, nenhuma forma, nada.

Nada. E essa não era a morte que ele esperava.

O antigo rei vagueia na vida após a morte vazia, não muito consciente, mas nunca totalmente ciente. Ele frequentemente se pergunta — não há muito mais a fazer aqui — se ele deve esperar por alguém. Talvez seu irmão. Talvez Paedyn, se ela deseja vê-lo novamente.

Então, quando a Morte chega, Kitt só sente conforto. Não medo ou confusão como uma mente mais sã pode sentir.

Não, Kitt reconhece o rosto da Morte. Conhece-a pelo nome.

"Mara." O rei morto alcança a mulher que o arrastou para esse abismo de nada. Porque ele só sente alívio na presença dela.

A Morte está diante dele, sua forma tão diferente das histórias sinistras que os humanos gostam tanto de contar. Para começar, ela é apenas isso — uma ela. Apesar de uma eternidade roubando almas, nenhum deles antecipa que a Morte seja uma mulher. Houve um tempo em que isso irritou Mara, mas ela se acostumou a um rosto moribundo encharcado de descrença.

É tão chocante sentir qualquer coisa além do calor do toque de uma mulher? Um rosto bonito não pode te arrastar para a vida após a morte, mesmo assim?

"Olá, Kitt," Death diz secamente. "Eu avisei você sobre esse destino."

"Eu sei," ele responde seriamente. "Mas isso não é o Mors. Onde estou?"

Mara afasta uma mecha de cabelo castanho dos olhos escuros. Não, ela não se parece com a Morte. "Esta é a sua paz." Sua voz é fria. Isso não deveria surpreender Kitt. "Parece que você aceitou seu destino muito antes de morrer."

O rei franze a testa. "Acho que sim." Então ele tenta um fraco, "Mas estou feliz que você esteja aqui. Eu... eu não achei que você iria querer me ver."

"Não posso ficar muito tempo." Mara respira fundo antes de fingir educação. "Como você está aproveitando a paz?"

Kitt varre seu olhar verde sobre a extensão da escuridão. "Ainda estou solitário."

“Você não precisava ser,” Mara cospe. “Isso é culpa sua.”

Antes de voltar para a escuridão, a Morte deixa o rei com um adeus velado. As palavras quebradas são quase engolidas pelo nada. "Mas eu vou deixar você ir gentilmente."

Sozinho novamente, Kitt pensa na vida que deixou para trás.

Ele não culpa Kai pelo fim infeliz que encontrou (afinal, era ele quem deveria se esquivar do ataque do Executor) ou a Morte por sua ajuda nisso. Ele também não deixa a raiva crescer em relação à garota que roubou seu irmão dele. O ressentimento tende a ser incômodo na vida após a morte. Desde que se livrou dele, aos poucos, a morte tem se sentido muito mais libertadora. Na verdade, sem a Peste confundindo sua mente e roubando sua sanidade, ele agora descobre que suas últimas semanas entre os vivos parecem desperdiçadas. Ele deseja, inutilmente, tentar tudo de novo. Talvez ele não deixasse o poder consumi-lo dessa vez. Talvez ele tivesse vivido como a Morte sugeriu. Mas isso é pensamento positivo, e o arrependimento é o que mantém os mortos rolando em seus túmulos.

Ele pondera — frequentemente, lembre-se — como isso deve ser paz. Ele é um monstro que vale essa solidão escancarada? Kitt frequentemente grita para o vazio, defende seu caso para essa vida após a morte que o evita. Mas não dá resposta. A morte não retorna. E isso não lhe dá nada da paz que lhe foi prometida.

Kitt nunca se senta no mesmo lugar da eternidade. Na verdade, ele nunca sabe onde está ou para onde vai. Ainda assim, ele olha para cima — presumivelmente — para o nada. Não há chão sob seus pés, mas ele se reclina do mesmo jeito. E assim como ele tem feito por quanto tempo está morto, Kitt deseja companhia.

Uma luz suave acima assusta os mortos abaixo.

Kitt aperta os olhos para cima, encontrando dois pontos brilhantes entre a folha de nada. Eles piscam para ele como estrelas arrancadas do céu acima de Ilya.

“Olá, Kitt,” uma luz diz suavemente. É uma voz feminina, tão quente e brilhante quanto o brilho que ela emite.

Ao som assustador de seu nome, Kitt se levanta para piscar diante das esquisitices. “Quem é você?”

Parece uma pergunta boba, já que ele não tem muita utilidade para a informação. Mas aquela voz gentil o agracia com algo que não é bem uma resposta. “Achamos que você gostaria de companhia.”

Kitt assente. “Eu faria. Obrigado.”

A morte foi gentil com ele.

Há uma longa pausa.

"Você acha que eu sou um monstro?" Ele não tem certeza do porquê sente a necessidade de perguntar a um par de estrelas.

A voz da mulher é triste. “Não. Vocês são os pecados do seu pai.”

“Você não está sozinho nisso.” Essa garantia vem da segunda estrela, em uma voz profunda.

“Mas eu estou sozinho aqui,” Kitt diz solenemente. “Vocês dois têm um ao outro.”

A estrela mais suave informa: “A vida nos separou”.

“A morte nos uniu”, finaliza o mais áspero.

Há algo tão vagamente familiar sobre o par de orbes brilhantes. Kitt não pondera

mais sobre esse absurdo. Em vez disso, ele se senta mais uma vez, dobrando as pernas sob ele. "Você poderia..." Ele se sente estranhamente tímido. "Você poderia ficar comigo um pouco?"

Kitt poderia jurar que parecia que as estrelas estavam sorrindo para ele. Aquela voz quente e borbulhante preenche o vazio entre eles em resposta. "Até você ver seu irmão novamente, se quiser."

A voz profunda ressoa acima dele. “Estamos todos esperando por alguém.”

Agradecimentos

Aqui estamos novamente, no final de outro livro e no início da minha típica procrastinação. É aqui que eu luto para encontrar as palavras para uma despedida adequada. Vou ficar aqui por um tempo, olhando para uma página em branco que deveria ser preenchida com meus agradecimentos enquanto me agarro desesperadamente aos restos desta história. Porque, na verdade, não consigo imaginar um mundo no qual eu não ousasse criar este. Paedyn e Kai seguram mais do que meu coração, eles seguram minha paixão entre estas páginas, embalam a garotinha que tinha grandes sonhos de se tornar uma autora. Esta série tem sido tão gentil comigo enquanto eu crescia em mim mesma e na minha escrita — só espero retribuir o favor fazendo justiça a este final.

Escrever *Fearless* aos vinte e um anos foi uma das aventuras mais assustadoras que enfrentei na minha jovem carreira. Este livro desafiou a mim, minha escrita, minha sanidade (brincadeira — mais ou menos!). Na verdade, tenho temido essa despedida agridoce desde a publicação de *Powerless* — só que naquela época eu nunca sonhei em ter o privilégio de continuar escrevendo para tantas pessoas. Fiquei (e ainda estou) igualmente honrado e aterrorizado por toda a expectativa em torno deste lançamento. A pressão que senti para apaziguar cada leitor, escrever o final perfeito, pesava muito sobre uma história nascida no meu quarto de infância, só para mim. Mas *Fearless* me forçou a deixar de lado todo o barulho, toda a minha preocupação, e simplesmente escrever a conclusão que sempre imaginei para esta série. À sua maneira (embora piegas), este livro me ensinou a incorporar seu título. Que coisa linda, o criador sendo moldado por sua criação. E espero que você também, caro leitor, tenha saído desta série mais poderoso, imprudente e destemido do que antes.

Agora é hora de encerrar minha procrastinação e este capítulo da minha vida. Há tantas pessoas incríveis que me ajudaram a chegar a esta página de agradecimentos em primeiro lugar. Mas parece certo começar minha gratidão efusiva com os dois editores incríveis que fizeram deste livro o que ele é. Nicole Ellul e Yasmin Morrissey nunca deixam de me surpreender. Esta dupla é uma a ser reconhecida — seu apoio constante e contribuição inestimável moldaram esta série em algo de que tenho imenso orgulho. Nicole, sua percepção e prontidão para me ajudar não são subestimadas. Você é meu cérebro esquerdo designado! Obrigada por me aterrar quando minha cabeça está nas nuvens — este livro seria muito diferente sem sua genialidade. Quanto a Yas, você é a alma mais corajosa por aturar meus memorandos de voz desconexos e minha autocrítica teimosa. Nunca há um momento de tédio entre nós dois — adoro planejar novas ideias com você! Eu aprecio muito o quão gentil e solidário vocês têm sido

comigo desde o momento em que pisei neste mundo louco de publicação. Estou honrado em trabalhar ao lado de vocês dois (e ter seus números na discagem rápida).

Como já me gabei antes, tenho o privilégio de trabalhar não com uma, mas com duas equipes incríveis da Simon & Schuster. Isso me permitiu construir relacionamentos com tantas pessoas maravilhosas em todo o mundo. globo, e estou sempre impressionado com a delicadeza com que as equipes do Reino Unido e dos EUA lidam com meu trabalho — seu cuidado e dedicação são louváveis.

Dito isso, vou começar a despejar minha admiração pela equipe mais próxima de mim (geograficamente falando, é claro). Há várias pessoas da equipe dos EUA que tenho a honra de agradecer, começando com Justin Chanda e Anne Zafian como meus dois editores. Quanto a Nicole Russo e Anna Elling, todos nós temos que agradecer a vocês pelas incríveis turnês pelos EUA e cada oportunidade surreal de compartilhar meu livro. Erin Toller, Brendon MacDonald e Shannon Pender fazem um trabalho fabuloso em marketing, enquanto Kendra Levin, Jenica Nasworthy e Jessica Egan gerenciam todas as coisas editoriais. Com Chava Wolin como gerente de produção, Lucy Cummins como diretora de arte e Hilary Zarycky como designer, estou em muito boas mãos. Obrigado por tudo o que vocês fazem.

Quanto à equipe do Reino Unido, todos vocês merecem um abraço apertado que não posso dar de Detroit no momento, então parece que terei que me contentar com um agradecimento geral. Rachel Denwood e Laura Hough — minhas diretoras-gerentes — obrigada por todo o seu trabalho duro. Danielle Wilson defendeu meu trabalho com varejistas do Reino Unido, enquanto Loren Catana, minha designer interna, criou o lindo design de capa para *Fearless* . Obrigada a Alex Forrest — meu ilustrador; Alesha Bonser — minha diretora de marketing; e Miya Elkerton — minha gerente de marketing digital. Finalmente, Ellen Abernethy como minha maravilhosa publicitária e Sophie Storr como controladora sênior de produção. Obrigada a todos os outros membros desta equipe que tornaram *Fearless* possível.

A esta altura, tenho certeza de que você já está bem cansado de ler meus devaneios e, em vez disso, gostaria de olhar para a linda arte exibida na frente deste livro. Patrick Knowles, obrigado por dar vida ao meu mundo!

Ao meu inabalável advogado-agente, Lloyd Jassin, devo expressar minha óbvia gratidão. Obrigado por me ajudar a navegar por este mundo de publicação — não consigo imaginar lidar com nada disso sem você. É um prazer trabalhar com você, e espero continuar fazendo isso por muitos anos.

Além das incríveis equipes de S&S que ajudaram a montar *Fearless* , há várias outras trabalhando nos bastidores. E eu sou parente dessas pessoas. Primeiramente, posso admitir humildemente que nenhum desses sonhos teria se tornado realidade se não fosse pelos meus pais. Mãe e pai, eu já disse isso antes e direi novamente: vocês me apoiaram em cada passo do caminho e acreditaram em mim quando eu achava difícil acreditar em mim mesmo. Obrigada por confiarem na sua garotinha o suficiente para deixá-la perseguir essa paixão. Sou muito abençoada por ter vocês dois, mas especialmente uma mãe que felizmente faz malabarismos sendo minha confidente, assistente e contadora.

Sendo o menor da família, suponho que há alguns irmãos mais velhos para reconhecer. Jessie, Nikki, Josh — todos vocês me apoiaram de suas próprias maneiras. Agradeço profundamente cada texto encorajador e cada tapinha proverbial nas costas.

Obrigado, Foos.

Além da minha família, foram meus amigos que garantiram que eu permanecesse sã durante esse processo de escrita. Gostaria de agradecer em geral a cada pessoa que teve que me aturar divagando sobre este livro. Cada um de vocês me ajudou e me encorajou à sua maneira, e sou eternamente grata por seu apoio infinito.

Agora, para a tarefa assustadora de tentar expressar minha admiração por um certo noivo. Zac, não posso agradecer o suficiente por seu incentivo e disposição para ajudar. Seja cozinhando uma refeição para mim ou oferecendo um ombro para chorar, sempre posso contar com seu conforto. Obrigada por ser exatamente o que preciso.

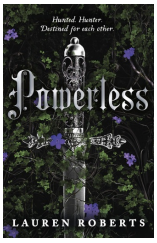
Conforme declarado no final de *Powerless* e em todos os livros seguintes, gostaria de agradecer Àquele que me presenteou com meu amor pelas palavras e o desejo de escrever. Eu realmente não estaria onde estou hoje sem meu Senhor e Salvador, e agradeço a Deus pela oportunidade que Ele me deu.

Agora, para agradecer às muitíssimas pessoas que tornaram meus sonhos possíveis. Essas seriam você, caro leitor! Estou honrado por estar nessa jornada juntos, e ainda mais por você ter tirado um tempo para ler minha história. Você é minha inspiração, minha razão para cada palavra. E espero manter sua atenção por muitos anos.

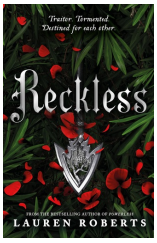
Um brinde a mais sonhos e às histórias que eles criam.

Beijos, Lauren

Mais desta série



Impotente



Irresponsável

Livro 2

Mais do autor



Poderoso

Sobre o autor



© ZACHARY J. GOLDSMITH

Quando LAUREN ROBERTS não está escrevendo sobre mundos de fantasia e provocando interesses amorosos, ela provavelmente pode ser encontrada enterrada na cama lendo sobre eles. Lauren viveu em Michigan a vida toda, o que a torna muito familiarizada com buracos, neve e várias atividades em lagos. Ela tem os hobbies de uma avó e de uma criança: tricô, laser tag, rede, caça-palavras e colorir. Powerless foi seu primeiro romance, e ela espera ter o privilégio de escrever palavras bonitas pelo resto da vida. Se você gosta de reclamar, ler e escrever, Lauren pode ser encontrada no TikTok e no Instagram @laurenrobertslibrary para seu entretenimento.

Visite-nos em simonandschuster.co.uk

www.SimonandSchuster.co.uk/Authors/Lauren-Roberts

Também por Lauren Roberts

Impotente
Poderoso
Irresponsável



Uma marca da Simon & Schuster Children's Publishing Division
1230 Avenue of the Americas, Nova York, Nova York 10020

www.SimonandSchuster.co.uk

Por mais de 100 anos, a Simon & Schuster tem defendido autores e as histórias que eles criam. Ao respeitar os direitos autorais da propriedade intelectual de um autor, você permite que a Simon & Schuster e o autor continuem publicando livros excepcionais por muitos anos. Agradecemos por apoiar os direitos autorais do autor comprando uma edição autorizada deste livro.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em qualquer formato, nem pode ser carregada em qualquer site, banco de dados, modelo de aprendizagem de idiomas ou outro repositório, recuperação ou sistema de inteligência artificial sem permissão expressa. Todos os direitos reservados. Consultas podem ser direcionadas a Simon & Schuster, 1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020 ou permissions@simonandschuster.com .

Este livro é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas reais ou lugares reais são usadas ficticiamente. Outros nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com eventos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Texto © 2025 por Lauren Roberts

POWERLESS™ é uma marca registrada da Lauren's Library LLC

Imagens de jaquetas © 2025 por Bob Lea

Arte de mapa © 2025 por Patrick Knowles

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução total ou parcial em qualquer forma.

SIMON & SCHUSTER BOOKS FOR YOUNG READERS e marcas relacionadas são marcas comerciais da Simon & Schuster, LLC.

Para obter informações sobre descontos especiais para compras em grandes quantidades, entre em contato com a Simon & Schuster Special Sales pelo telefone 1-866-506-1949 ou pelo e-mail business@simonandschuster.com .

A Simon & Schuster acredita fortemente na liberdade de expressão e se posiciona contra a censura em todas as suas formas. Para mais informações, visite BooksBelong.com .

O Simon & Schuster Speakers Bureau pode trazer autores para seu evento ao vivo. Para mais informações ou para reservar um evento, entre em contato com o Simon & Schuster Speakers Bureau pelo telefone 1-866-248-3049 ou visite nosso site em www.simonspeakers.com .

Dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso
Nomes: Roberts, Lauren, 2002– autor.
Título: Fearless / Lauren Roberts.
Descrição: Primeira edição. | Nova York: Simon and Schuster Books for Young Readers, 2025. | Série: The powerless trilogy | Termo de público: Adolescentes | Público: 14 anos ou mais | Resumo: Paedyn e Kai retornam ao Reino de Ilya, onde Paedyn enfrenta uma decisão terrível que determinará seu destino e o futuro de todo o reino.
Identificadores: LCCN 2024047240 | ISBN 9781665955461 (capa dura) | ISBN 9781398531413 (e-book)
Assuntos: CYAC: Fantasia. | Reis, rainhas, governantes, etc. — Ficção. | Triângulos amorosos — Ficção. | LCGFT: Ficção de fantasia. | Ficção romântica. | Romances.
Classificação: LCC PZ7.1.R5936 Fe 2025 | DDC [Fic]—dc23
Registro LC disponível em https://lccn.loc.gov/2024047240